

Hebe Cristina da Silva

***Prelúdio do romance brasileiro:
Teixeira e Sousa e as primeiras narrativas ficcionais.***

Volume I

Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Estudos da Linguagem.
Campinas/SP, 2009.

Hebe Cristina da Silva

***Prelúdio do romance brasileiro:
Teixeira e Sousa e as primeiras narrativas ficcionais.***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Teoria e História Literária.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Abreu.

Volume I

Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Estudos da Linguagem.
Departamento de Teoria e História Literária.
Campinas/SP.
2009.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

Si38p

Silva, Hebe Cristina da.

Prelúdio do romance brasileiro : Teixeira e Sousa e as primeiras narrativas ficcionais / Hebe Cristina da Silva. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Márcia Azevedo de Abreu.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Teixeira e Sousa, Antonio Gonçalves, 1812-1861 - Crítica e interpretação. 2. Ficção brasileira - História e crítica. 3. Século XIX. I. Abreu, Márcia. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Prelude of Brazilian novel: Teixeira e Sousa and the first fiction narratives.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Teixeira e Sousa, Antonio Gonçalves, 1812-1861 - Criticism and interpretation; Brazilian fiction - History and criticism; Nineteenth-century.

Área de concentração: História e Historiografia Literária.

Titulação: Doutor em Teoria e História Literária.

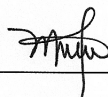
Banca examinadora: Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu (orientadora), Profa. Dra. Alessandra El Far, Profa. Dra. Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos, Prof. Dr. Eduardo Vieira Martins e Profa. Dra. Marisa Philbert Lajolo.

Data da defesa: 18/02/2009.

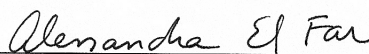
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.

BANCA EXAMINADORA:

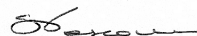
Márcia Azevedo de Abreu



Alessandra El Far



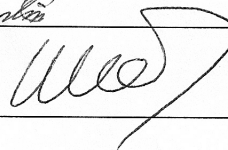
Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos



Eduardo Vieira Martins



Maria Philbert Lajolo



Jefferson Cano

Orna Messer Levin

Ilana Heineberg

IEL/UNICAMP

2009

À minha família,
alicerce e refúgio,
razão de ser e de viver.

Agradecimentos.

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem Ele nada teria sido possível.

À minha família, pelo apoio incondicional e pelo amor infinito responsáveis pelo colorido da minha vida.

À Profa. Dra. Márcia Abreu, que acompanha meu trabalho desde a iniciação científica. A ela devo as reuniões de orientação sempre produtivas e agradáveis, a leitura cuidadosa dos meus textos, as palavras de estímulo, a compreensão, o carinho... Foi muito bom conviver, ao longo desses anos, com alguém a quem admiro pelo trabalho que desenvolve e pela pessoa que é.

Ao Otávio e ao Léo, pela cumplicidade e pelo afeto sem os quais teria sido mais difícil produzir esta tese.

Aos amigos que me apoiaram e, cada um à sua maneira, participaram dos diferentes momentos de elaboração desta tese: Patrícia, Mirian, Manu, Dani, Alessandra, Mona, Vera, Jaqueson, Brenda e Nazarete.

À Silvana, pela compreensão, pelo acolhimento, pelo profissionalismo e, acima de tudo, pelo afeto com que, nos últimos anos, ensinou-me a viver mais levemente.

À Prefeitura Municipal de Cabo Frio, pelas oportunidades de divulgar alguns resultados parciais de minha pesquisa sobre Teixeira e Sousa.

Aos membros do projeto “Caminhos do Romance no Brasil”, pelas discussões produtivas e incentivadoras. Agradeço, em especial, a Ilana Heineberg, pelo empréstimo do microfilme de *A Providência*, um dos romances de Teixeira e Sousa; a Valéria Augusti, pelas discussões instigantes e pelas fontes generosamente compartilhadas; às colegas que leram e discutiram meu trabalho, Andréia, Juliana e Marta; à Marta, agradeço, também, pelas palavras de incentivo e pela elaboração cuidadosa do “Abstract”.

Aos funcionários do IEL, sempre gentis, atenciosos e prestativos.

Aos funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth (IFCH/UNICAMP), pela simpatia e pela competência com que atenderam minhas solicitações ao longo dos anos em que realizei a pesquisa em periódicos oitocentistas.

Aos funcionários da Biblioteca Nacional, do Real Gabinete Português de Leitura, da Casa de Rui Barbosa e da Academia Brasileira de Letras, que sempre se mostraram prestativos nas ocasiões em que estive no Rio de Janeiro.

Às professoras Marisa Lajolo e Sandra Vasconcelos, pela qualificação.

Aos membros da banca, pela leitura cuidadosa do texto e pelas sugestões valiosas.

À FAPESP, pela bolsa concedida, a qual foi decisiva para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho apresenta parte do processo de formação do romance brasileiro a partir da análise da trajetória e da produção de Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, autor considerado, por alguns especialistas, o primeiro romancista nacional. Na historiografia literária publicada no século XX, esse escritor é comumente referido como um prosador secundário que publicou narrativas carentes de qualidades estéticas. Entretanto, o número de edições e os comentários críticos eminentemente elogiosos que suas obras em prosa obtiveram ao longo do século XIX indicam que, apesar de seus problemas formais, os romances do autor foram bem recebidos por seus contemporâneos. A análise desses textos permite verificar que, neles, o escritor deu ênfase ao trabalho com os elementos mais valorizados pela crítica de romances da época e pelos primeiros prosadores nacionais: a moralidade e a cor local. O estudo da produção ficcional de Teixeira e Sousa permite conhecer parte das questões que estiveram em voga nos anos em que se deu a formação do romance brasileiro, bem como observar as dificuldades enfrentadas e as soluções encontradas pelos escritores brasileiros responsáveis pela produção das primeiras narrativas nacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Teixeira e Sousa, Antonio Gonçalves, 1812-1861 - Crítica e interpretação; Ficção brasileira - História e crítica; Século XIX..

ABSTRACT

This thesis discusses part of the formation of Brazilian novel from the study of the works and trajectory of Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa, considered, by many specialists, the first Brazilian novelist. In the twentieth-century literary historiography, this writer is usually referred as a secondary author whose published stories were lacking in aesthetic qualities. However, the number of editions and auspicious critics that his work obtained during the nineteenth century indicates that, despite the formal problems, Teixeira e Sousa's novels had a good reception by his contemporaries. The study of his texts helps us to verify that the author put the emphasis on the aspects greatly appreciated by the novel criticism of that period and by the first Brazilian writers: morality and local color. The analysis of Teixeira e Sousa's narratives allow us to know part of the issues in vogue during the period of the formation of Brazilian novel, as well as observe the difficulties faced by and the solutions found by the first Brazilian fiction writers in the first national narratives.

KEYWORDS: Teixeira e Sousa, Antonio Gonçalves, 1812-1861 - Criticism and interpretation; Brazilian fiction - History and criticism; Nineteenth-century.

SUMÁRIO

Volume I

Introdução	p.01
Capítulo 1. A formação do romance brasileiro	
1.1. A presença do romance no Brasil	p.05
1.2. A escrita de romance pelos autores brasileiros	p.24
1.3. A crítica de romances na imprensa brasileira oitocentista	p.31
1.4. Um gênero que participou da construção de seus critérios de análise	p.35
1.5. A avaliação da moralidade dos romances no Brasil	p.44
1.6. A busca da “cor local” nos romances brasileiros	p.59
1.7. Caminhos para agradar aos leitores brasileiros de romance em meados do Oitocentos	p.64
Capítulo 2. Teixeira e Sousa – um romancista brasileiro em busca da consagração	
2.1. A vida <i>folhetinesca</i> de Teixeira e Sousa	p.75
2.2. Teixeira e Sousa e a profissionalização do escritor no Brasil	p.83
2.3. O projeto literário de Teixeira e Sousa – ao encontro do gosto dos leitores	p.120
Capítulo 3. A Recepção de Teixeira e Sousa no Século XIX.	
3.1. O poeta e o dramaturgo	p.133
3.2. O Êxito da Prosa – história editorial e recepção dos romances de Teixeira e Sousa no Oitocentos	p.137
Capítulo 4. Teixeira e Sousa e os primeiros prosadores brasileiros – narrativas de conteúdo edificante.	
4.1. A moral nos romances de Teixeira e Sousa	p.161
4.2. A moral nos romances dos primeiros prosadores brasileiros	p.189.
Capítulo 5. A cor local nas narrativas – Teixeira e Sousa os primeiros prosadores brasileiros	
5.1. A “cor local” nos romances de Teixeira e Sousa	p.201
5.1.1. A paisagem	p.201
5.1.2. Os costumes populares	p.205
5.1.3. A história pátria como pano de fundo	p.209
5.1.4. Eventos e vultos históricos em primeiro plano	p.213
5.1.5. Harmonia entre raças em um país escravista	p.227
5.2. A “Cor Local” nos romances dos primeiros prosadores brasileiros	p.238
Conclusão	p.245
Bibliografia	p.257

Volume II – Anexos.

INTRODUÇÃO.

Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa figura, em alguns estudos panorâmicos da literatura brasileira publicados ao longo do século XX, como o primeiro romancista nacional¹, título por vezes atribuído a Joaquim Manuel de Macedo. Apesar de possuírem opiniões diferentes no que se referia à precedência do autor na produção do gênero romanesco, os autores das obras em questão, em sua maioria, teceram a mesma imagem desse escritor: um romancista de importância secundária que produziu narrativas carentes de qualidades estéticas e formais. É o que exemplifica uma passagem retirada do estudo dedicado ao autor presente em *A Formação da Literatura Brasileira*:

No entanto, embora a qualidade literária seja realmente de terceira plana, é considerável a sua importância histórica, menos por lhe caber até nova ordem a prioridade na cronologia do nosso romance (não da nossa ficção), do que por representar no Brasil, maciçamente, o aspecto que se convencionou chamar folhetinesco do Romantismo. Ele o representa, com efeito, em todos os traços de forma e conteúdo, em todos os processos e convicções, nos cacoetes, ridículos, virtudes.²

O tom pouco elogioso utilizado por Antonio Candido para tratar das produções em prosa do escritor esteve presente em muitas histórias literárias publicadas ao longo do século XX no Brasil. Alfredo Bosi, por exemplo, não incluiu Teixeira e Sousa no capítulo dedicado aos romancistas de vulto do período, como Macedo, Alencar e Bernardo Guimarães, apontando como um dos motivos a “inegável distância, em termos de valor, que o separa[va] de todos.”³

Um recuo no tempo, entretanto, coloca o estudioso da literatura diante de juízos críticos bastante diversos, que levam a supor que, para sua época, esse autor não teve um valor tão reduzido. É o que demonstram alguns textos críticos publicados na década de 1870, os quais, ao abordarem o romance brasileiro, mencionaram o romancista cabofriense ao lado de José de Alencar como grandes prosadores nacionais. Igualmente relevantes são as palavras dedicadas ao escritor no *Curso de Literatura Nacional*

¹ Dentre as obras que consideram *O Filho do Pescador* como o primeiro romance brasileiro, figuram os estudos de José Veríssimo (*História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954), Ronald Carvalho (*Pequena História da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984) Antônio Soares Amora (*O Romantismo*. In: *A Literatura Brasileira*, Vol. II. São Paulo: Cultrix, 1973), Antonio Candido (*Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. Vol. II) e Alfredo Bosi (*História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1981).

² CANDIDO, Antonio. Op. cit., p. 112.

³ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1981, p. 111-112.

(1862), obra utilizada no estudo secundário da época⁴. O Cônego Fernandes Pinheiro, no texto em questão, apesar de se deter na abordagem da produção poética de Teixeira e Sousa, referiu-se ao escritor como “romancista fecundo e imaginativo” que ocupava “honroso lugar nos dípticos da nova escola” e apresentou a seguinte avaliação de suas narrativas:

Nas ficções em prosa tem o nosso amigo adquirido bem merecida reputação, como fiel e desapaixonado pintor dos nossos usos e costumes. Desde o *Filho do Pescador*, até a *Providência*, o mais bem elaborado dos seus romances, descobre-se uma escala cromática de aperfeiçoamento, tanto na substância, como ainda na forma.⁵

A “merecida reputação” mencionada pelo crítico pode ser interpretada como alusão ao sucesso de vendas e à boa aceitação desse escritor entre os leitores oitocentistas. As edições que seus romances tiveram ao longo do século XIX indicam a validade dessa hipótese, tendo em vista que muitas de suas obras em prosa foram publicadas duas ou mais vezes em folhetim e em volume. Os comentários que suas narrativas obtiveram de alguns críticos da época foram eminentemente elogiosos, indicando que o autor foi apreciado por homens de letras e por leitores que participaram, cada um à sua maneira, do momento em que despontaram, na cena literária brasileira, os primeiros prosadores.

Considerando o lugar que Teixeira e Sousa ocupou entre seus contemporâneos, esta tese pretende discutir parte da formação do romance brasileiro a partir do estabelecimento de relações entre as críticas de romance divulgadas na imprensa do período, a recepção das obras em prosa do autor e a análise das estratégias que ele utilizou tanto para elaborá-las quanto para fazê-las conhecidas pelos demais homens de letras.

A realização de pesquisas em periódicos brasileiros publicados até a década de 1860 possibilitou a localização de dados que interessam ao estudo da recepção, circulação e produção do “novo gênero” no país. As informações fornecidas por essas fontes primárias e pelos estudos críticos já publicados permitiram fazer uma breve reconstituição dos momentos iniciais do processo de formação do romance brasileiro. Através desses textos, foi possível conhecer os critérios utilizados para avaliar narrativas vigentes no momento em que o prosador cabofriense publicava seus textos. Basicamente, as críticas divulgadas pela imprensa do período indicam que se valorizavam as obras em prosa que incluíam, em seus enredos, episódios através dos quais fossem exploradas a moralidade e a chamada “cor local”.

⁴ Cf. Relação dos “Livros Adotados” no Colégio Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro/RJ, entre 1850 e 1890. In: SOUZA, Roberto Acizelo de. *Introdução à Historiografia da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, p. 23-25.

Essas questões foram discutidas no primeiro capítulo deste trabalho, intitulado “A Formação do Romance Brasileiro”.

A pesquisa em periódicos oitocentistas também permitiu o acesso a novos dados relativos à vida e à obra do autor. Somados às informações disponíveis nos estudos biográficos dedicados ao escritor, esses dados forneceram os elementos através dos quais foi reconstituída sua trajetória como “homem de letras”. Os caminhos que trilhou para ser reconhecido como literato num momento em que a profissionalização do escritor, no Brasil, estava relativamente distante de ser uma realidade, mostram que ele conhecia o funcionamento do campo literário de sua época e esforçava-se para *jogar* de acordo com as regras estabelecidas. Seu projeto literário indica que o autor também estava a par das discussões sobre romance presentes nos periódicos da época, pois pretendia explorar, em suas obras, a moralidade e o nacionalismo, elementos apreciados pelos homens de letras oitocentistas. O segundo capítulo desta tese, intitulado “Teixeira e Sousa – um romancista brasileiro em busca da consagração”, apresenta e discute essas questões.

Podemos considerar que os vínculos que o autor manteve com a imprensa permitiram que ele tivesse acesso às discussões sobre romance e formasse uma imagem da expectativa de seus contemporâneos em relação ao gênero. Afinal, suas narrativas agradaram tanto aos leitores com instrução mais refinada quanto àqueles que não pretendiam para si a alcunha de homem de letras. É o que sugerem os números de edições de seus romances e os comentários críticos eminentemente elogios presentes nos textos oitocentistas que abordaram sua produção literária. A recepção das obras em prosa do autor é analisada no terceiro capítulo do presente trabalho, intitulado “A Recepção de Teixeira e Sousa no Século XIX”.

Para completar a discussão a respeito do papel desempenhado por Teixeira e Sousa nas décadas em que se deu o início de produção de romance no Brasil, foi realizada a leitura do conjunto das narrativas de sua autoria. A análise da produção romanesca do autor permitiu entrever que ele utilizou estratégias diversificadas para trabalhar com os elementos mais apreciados nas críticas de romance publicadas pela imprensa da época: moralidade e “cor local”. O modo como o prosador cabofriense explorou esses elementos em suas obras foi analisado no quarto e no quinto capítulos desta tese, intitulados, respectivamente, “Teixeira e Sousa e os primeiros prosadores brasileiros – narrativas de conteúdo edificante” e “A cor local nas narrativas - Teixeira e Sousa e os primeiros prosadores brasileiros”.

⁵ PINHEIRO, Cônego Fernandes. *Curso de Literatura Nacional*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978, p. 510.

Nesses capítulos, as narrativas do autor foram comparadas a algumas das produções de outros escritores que participaram dos momentos iniciais do processo de formação do romance brasileiro.

Na “Conclusão”, procuramos estabelecer relações entre a produção do autor e a formação do romance brasileiro. Afinal, as estratégias a que ele recorreu para compor suas narrativas eram utilizadas por outros prosadores da época, sugerindo que o estudo das obras de Teixeira e Sousa permite conhecer algumas das soluções encontradas no momento em que se deram as primeiras tentativas de produção do “novo gênero”. Se relacionarmos a atuação desse romancista e a formação da prosa nacional, é possível sugerir explicações para as disparidades existentes entre o lugar que o autor ocupou entre seus contemporâneos e a imagem de escritor secundário que se perpetuou ao longo dos anos. Fatores como as mudanças dos parâmetros críticos de análise das obras literárias e o surgimento de romancistas que manejaram com maior êxito as técnicas de produção do novo gênero certamente colaboraram para que ele perdesse espaço no rol dos romancistas de vulto.

Considerando essas questões, a presente tese discute parte do processo de formação do romance brasileiro através da análise da trajetória de um escritor que participou ativamente de parte desse processo e foi reconhecido como grande romancista por seus contemporâneos. Além disso, sem desconsiderar os problemas perceptíveis em seus romances, aborda as significativas modificações sofridas pela imagem de Teixeira e Sousa divulgada em estudos críticos brasileiros publicados ao longo dos séculos XIX e XX.

CAPÍTULO I.

A formação do romance brasileiro.

1.1. A presença do romance no Brasil.

Para mim começara este furor de leitura desde fins de 1852, causando-me a primeira novela por que me interessei verdadeiro deslumbramento – *Ivanhoé*, de Valter Scott.

Aquilo se me afigurou estupendo, sublime e, como tinha a possibilidade, quando ia com meu pai ao Engenho Novo, de trazer de lá livros, não havia como faltar-me.

(Visconde de Taunay. *Memórias*, s/d.).

Apesar de não ser possível de determinar com precisão a data em que o primeiro romance¹ chegou ao Brasil, podemos afirmar que o gênero já era apreciado pelos habitantes da América Portuguesa desde meados do século XVIII, mais precisamente desde 1769. É o que atestaram os dados apresentados pela pesquisa empreendida por Márcia Abreu, que analisou os pedidos de autorização de envio de livros para o Brasil, mais especificamente para o Rio de Janeiro, entre os anos 1769 e 1826.

A investigação dos títulos mencionados nos catálogos referentes ao exame de livros da Real Mesa Censória de Lisboa e da Mesa do Desembargo do Paço do Rio de Janeiro² permitiu conhecer as obras que

¹ Chamaremos de “romances” todos os textos de prosa de ficção que circulavam no Brasil nos séculos XVIII e XIX. Naquela época, a nomenclatura utilizada para fazer referência aos textos em prosa não estava estabelecida e as narrativas eram denominadas como “romance”, “novela”, “conto”, “história”, independentemente do número de páginas ou das características estruturais das mesmas. (Cf. ABREU, Márcia. *Os Caminhos dos Livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003, p.265-6). Os próprios autores oscilavam quanto à maneira de denominar ou classificar seus textos quanto ao gênero: a narrativa *Januário Garcia ou As Sete Orelhas*, de Joaquim Norberto de Souza Silva, por exemplo, quando publicada no *Espelho Fluminense*, em 1843, figurou como “crônica brasiliense”, mas, ao ser reeditada pelo autor, em 1852, na antologia *Romances e Novelas*, foi denominada “romance”. Apud: AZEVEDO, Sílvia Maria. “Joaquim Norberto e a Invenção do Folhetim Nacional”. In: SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *Romances e Novelas*. São Paulo: Landy, 2002, p. 18. Essa oscilação era tão corriqueira que aparecia nos anúncios de venda de prosa ficcional presentes em periódicos da época. No *Jornal do Comércio*, por exemplo, a narrativa *O Feliz Naufragio ou o Berço do Rochedo* foi divulgada, no dia 27/05/1845, como “conto moral”; algum tempo depois, em 1º. de julho de 1845, foi denominada “novella” e, anos depois, em 05/09/1848, foi anunciada como “romance”. Cf. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, Tip. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C.

² Segundo Márcia Abreu, até 1807, a entrada de livros no Brasil, seja para atender aos pedidos de importação feitos pelos habitantes ou a solicitações de estrangeiros que desejavam trazer seus livros para o país, só se fazia mediante o encaminhamento de um pedido de autorização à Real Mesa Censória, órgão governamental implantado em Lisboa em 1768 com objetivo de “controlar a impressão, a venda e o transporte de livros” nas terras portuguesas. Em 1808, com a vinda da família real para o Brasil, o controle da entrada de livros na colônia passou a ser exercido também pela Mesa do Desembargo do Paço, órgão com atribuições semelhantes às da Real Mesa Censória, instalado em 22 de abril de 1808 no Rio de Janeiro. As atividades dos órgãos de censura português e brasileiro encerraram-se, respectivamente, em 1826 e 1821. (Cf. ABREU, Márcia. *Os Caminhos dos Livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003, p. 21-82).

circularam no Brasil entre meados do século XVIII e início do século XIX e perceber a preponderância dos romances entre os títulos de Belas-letras solicitados nesse período. Entre 1769 e 1826, dentre os títulos mais solicitados destacavam-se os romances e o mais requisitado foi *As Aventuras de Telêmaco*, de Fenélon³.

Além de comprovar o interesse que o público leitor residente no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, cultivava pelo romance, esses dados permitem perceber o caráter eclético do gosto desses leitores de prosa de ficção. Conforme observa Márcia Abreu, “os leitores cariocas tinham um gosto suficientemente elástico para apreciar os mais variados tipos de romance”: importavam obras como *História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França*, carregado dos lances fabulosos e intervenções maravilhosas que caracterizam o romance romanesco⁴, ao mesmo tempo em que se interessavam por romances modernos como *Paul et Virginie*, de Bernardin de Saint-Pierre, e *Caroline de Lichtfield*, de J. I. P. de Bottens.⁵

O gosto dos brasileiros por narrativas pode ser uma das justificativas para o fato de que o romance também esteve presente entre os títulos publicados pela Impressão Régia do Rio de Janeiro entre 1808 e 1822. Até a chegada da corte portuguesa ao Brasil, a colônia esteve proibida de confeccionar qualquer tipo de impresso. Apesar de a função primordial da Impressão Régia ter sido a publicação de textos ligados à burocracia administrativa e às atividades educativas então em fase de implantação, devemos considerar que esse órgão público imprimiu, também, algumas obras ficcionais em prosa⁶. O primeiro romance confeccionado pela Impressão Régia do Rio de Janeiro foi *O Diabo Coxo*, em 1810, e a essa obra sucederam as publicações de outras narrativas traduzidas que variavam quanto ao formato, ao número de

³ Cf. “Tabela 1 – Títulos de belas-letas mais solicitados em requisições submetidas à censura portuguesa entre 1769 e 1807 com destino ao Rio de Janeiro.” e “Tabela 2 – Títulos de belas-letas mais solicitados em requisições submetidas à censura portuguesa entre 1808 e 1826 com destino ao Rio de Janeiro.” In: ABREU, Márcia. Op. cit., p. 90 e 107, respectivamente.

⁴ A expressão “romance romanesco” (“romance”, para os ingleses) é utilizada para denominar as narrativas publicadas anteriormente ao chamado “romance moderno” (correspondente ao termo “novel” do inglês) e que diferem dele em muitos aspectos: “Os romances dos séculos XVI e XVII [...] se ambientam no passado, são vagos quanto aos detalhes da vida cotidiana, apresentam estrutura episódica, personagens aristocráticos e herói e heroína idealizados, para combinar com a alta condição social. A estruturação formal do gênero, desse modo, se rege por regras de outra natureza, em que vale antes, na maneira como ali se organizam os acontecimentos, o princípio da casualidade ou a intervenção da Providência, o que acarreta total abdicação da organicidade do enredo.” (VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. *A Formação do Romance Inglês: ensaios teóricos*. Tese Apresentada à Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como parte da exigência para obtenção do título de Livre Docente. São Paulo: 2000, p. 25).

⁵ ABREU, Márcia. Op. Cit., p. 333-334.

⁶ Cf. SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. “Adaptações e Livros Baratos para a Corte: Folhetos Editados na Impressão Régia do Rio de Janeiro entre 1808 e 1822”. Texto apresentado no I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. 8 a 11 de novembro de 2004. Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro. Disponível em www.livroehistoriaeditorial.pro.br. Acesso em 12/01/2005.

páginas e ao tipo de texto, já que algumas obras eram romances modernos, outras eram adaptações de partes de livros, havendo, também, os chamados romances romanescos⁷.

A circulação de romances estrangeiros no Brasil entre 1808 e 1822 pode ser comprovada, ainda, pelos anúncios de livros divulgados na imprensa do período. A pesquisa de Sandra Vasconcelos sobre a presença da ficção inglesa no Brasil oitocentista apresentou dados significativos a esse respeito. Segundo a autora, as listas dos títulos disponíveis na livraria de Paulo Martin, filho, publicadas na *Gazeta do Rio de Janeiro* entre setembro de 1808 e junho de 1822, mostram que muitos romances estrangeiros circulavam traduzidos pela corte:

Ao mesmo tempo em que comprovam a oferta regular de obras estrangeiras ao público leitor do Rio de Janeiro, esses avisos anunciavam inúmeras “moderníssimas novellas” de autoria anônima, velhos conhecidos como *Diabo Coxo*, de Lesage, *Paulo e Virgínia* e *A Choupana Índia*, de Bernardim de Saint-Pierre, *Mil e Huma (sic) Noites*, o *Atala*, ou *Amores de Dois Selvagens*, de Chateaubriand, o *Belizario*, de Marmontel, e, que é o que nos interessa aqui, ficção inglesa: *Luiza*, ou *O cazal (sic) no bosque*, de Mrs. Helme (21 de setembro de 1816), *Viagens de Gúliwer*, de Jonathan Swift (15 de março de 1817), *Vida e Aventuras admiráveis de Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe (9 de abril de 1817), *Tom Jones*, ou *O Engeitado (sic)*, de Henry Fielding (10 de maio de 1817), *Vida de Arnaldo Zulig*, de autor anônimo (4 de julho de 1818) e o complemento da *Historia da infeliz Clarissa Harlowe* em 8 volumes, de Samuel Richardson (8 de março de 1820).⁸

A presença de narrativas estrangeiras na imprensa brasileira ganhou mais expressividade ao longo dos anos subseqüentes. Barbosa Lima Sobrinho informou que, a partir da década de 1830, vários jornais começaram a divulgar ficção estrangeira com regularidade em suas páginas. Houve publicações esparsas em alguns periódicos, como o *Farol Paulistano*, que, em 7 de março de 1827, divulgou um conto de Lesage, e *O Beija-Flor* (1830-1831), com a publicação de *O Colar de Pérolas ou Olinda*, texto erroneamente atribuído a Walter Scott⁹. A criação de um espaço exclusivamente dedicado à ficção só se deu, segundo o autor, com *O Chronista*, jornal que estreou em maio de 1836, sob direção de Justiniano

⁷ Um estudo sobre os romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro pode ser encontrado em SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. Tese de Doutorado. Campinas/SP: UNICAMP/IEL, 2007. Disponível no site do Projeto Caminhos do Romance (<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>) Consulta em 05/04/08.

⁸ VASCONCELOS, Sandra Guardini T. “A Formação do Romance Brasileiro: 1808-1860 (Vertentes Inglesas)”. In: *Projeto Memória de Leitura*, Seção Ensaios. www.unicamp.br/iel/memoria. Consulta em 11/12/2002.

Obs.: Será mantida a grafia original de todos os textos oitocentistas citados no presente trabalho.

José da Rocha e, a partir de outubro do mesmo ano, contou com uma nova seção, ora denominada “Folha Literária”, ora “Folha Histórica” e, finalmente, “Apêndice”. A mesma iniciativa foi tomada por outros periódicos, como, por exemplo, o *Jornal do Comércio*, que, a partir de 1837, passou a publicar, sob o título de “Variedades”, narrativas curtas anteriormente divulgadas na imprensa européia¹⁰. Segundo o crítico, os textos estrangeiros publicados eram posteriormente vendidos pelos jornais na forma de folhetos, como as “novelas novamente publicadas” anunciadas pela tipografia Villeneuve e Cia. em 1836:

<i>O Honrado Negociante</i> , conto moral por MARMOTEL	480 réis
<i>Camiré</i> , novela americana	240 réis
<i>Selmour</i> , novela inglesa	240 réis
<i>Selico</i> , novela africana, por FLORIAN	200 réis
<i>Claudina</i> , novela saboiarda, por FLORIAN	240 réis
<i>Os Rivals de Si mesmos</i> , conto moral, por MARMOTEL	480 réis
<i>As Amigas Rivals ou Henriqueta e Lúcia</i>	320 réis
<i>Celestina</i> , novela espanhola, por FLORIAN	200 réis
<i>Dorotea ou A Lisbonense Infeliz</i>	320 réis
<i>Pedro</i> , novela alemã, por FLORIAN	160 réis ¹¹

As obras traduzidas possuíam nacionalidades diversificadas e comumente eram anunciadas sem o nome do autor. Podemos pensar que essa despreocupação em mencionar a autoria dos textos devia-se ao fato de que eram conhecidos do público, que já os havia lido nos periódicos, ou que a denominação “novela” ou “conto moral” dispensava maiores qualificações e era suficiente para despertar o interesse dos leitores.

Ainda na década de 1830, entrou em cena na França e, pouco tempo depois, no Brasil, o romance-folhetim. A grande aceitação do gênero por parte do público leitor vem ao encontro das observações acerca do gosto dos brasileiros pelo romance e da ampla circulação de textos em prosa estrangeiros no país na primeira metade do século XIX.

Segundo Marlyse Meyer, o termo “le feuilleton” era utilizado na França desde o início do século XIX para designar o rodapé do jornal, tendo a finalidade de propiciar entretenimento aos leitores através da

⁹ Segundo a pesquisa empreendida por Maria Eulália Ramicelli, o texto em questão era de autoria de Constantine Henry Phipps ou Lord Normanby. Cf. RAMICELLI, Maria Eulália. *Narrativas itinerantes. Aspectos franco-britânicos da ficção brasileira, em periódicos do século XIX*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

¹⁰ Cf.: SOBRINHO, Barbosa Lima. “Introdução”. In: *Os Precursores do Conto no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960, p. 12.

¹¹ Idem, p. 14.

abordagem de assuntos variados. Sua associação com o romance teve início a partir de 1836, ano em que Émile de Girardin¹² lançou o que seria a grande novidade literária dos periódicos diários:

Com os dois novos jornais (*La Presse*, do pioneiro Girardin, e *Le Siècle*, que o pirateou de saída) vai se ampliar o campo semântico da famigerada palavra. Lançando a sementeira de um *boom* litero-jornalístico sem precedentes e aberto a formidável descendência, vai-se jogar ficção em fatias no jornal diário, no espaço consagrado ao folhetim vale-tudo. E a inauguração cabe ao velho *Lazarillo de Tormes*: começa a sair em pedaços cotidianos a partir de 5 de agosto de 1836. A seção *Variétés*, que de início dá o título à novidade, é deslocada, com seus conteúdos polivalentes, para rodapés internos. A receita vai se elaborando aos poucos, e, já pelos fins de 1836, a fórmula “continua amanhã” entrou nos hábitos e suscita expectativas.¹³

Dois anos depois de seu surgimento, a trajetória do romance-folhetim francês foi marcada pela entrada de Alexandre Dumas, naquele momento já reconhecido como grande romancista, entre os que iniciaram a publicação de “picadinho de romance”, nos termos de Marlyse Meyer. Segundo a autora, a publicação de *Capitaine Paul*, em 1838, marcou a instalação definitiva do gênero no gosto do público:

Dumas descobre o essencial da técnica de folhetim: mergulha o leitor *in media res*, diálogos vivos, personagens tipificados, e tem senso do corte de capítulo. [...] Nasce assim o folhetim, e o resultado concreto foi, para o jornal, um aumento de 5 mil assinaturas suplementares em três meses. [...] A partir de então, não se trata mais, para o romance-folhetim, de trazer ao jornal o prestígio da ficção em troca da força de penetração deste, mas, pelo contrário, é o romance que vai devorar seu veículo. Este passa a viver em função do romance.¹⁴

No mesmo ano de 1838, *O Capitão Paulo* foi publicado pelo *Jornal do Comércio*¹⁵ e consistiu no primeiro de muitos romances em folhetim europeus cujas traduções foram acolhidas com ênfase pelo público brasileiro. Marlyse Meyer acredita que essas publicações penetraram no Brasil pelo caminho aberto

¹² Segundo Marlyse Meyer e Vera Santos Dias, Emile Girardin, em 1836, concebeu um jornal mais barato e, dentre os recursos utilizados para alcançar a venda, decidiu aproveitar o gosto das pessoas pela leitura de narrativas e articular o folhetim, espaço destinado ao entretenimento, à prosa de ficção, criando uma nova modalidade de folhetim, chamada inicialmente “folhetim-romance”, depois “romance folhetim” e, finalmente, “folhetim”. Essa estratégia, entretanto, foi imediatamente copiada: “Em julho [de 1836] acabam saindo dois jornais novos, pois Dutacq pirateou o sócio Girardin; este publica “*La Presse*”, e Ductacq “*Le Siècle*”. É “*Le Siècle*” que inaugura a fórmula do romance em fatias, com o velho *Lazarillo de Tormes*.” (MEYER, Marlyse; DIAS, Vera Santos. “Página virada, descartada, de meu folhetim”. In: AVERBUCK, Ligia (org.). *Literatura em Tempo de Cultura de Massa*. São Paulo: Nobel, 1984, p. 35.

¹³ MEYER, Marlyse. *Folhetim – uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 58-59.

¹⁴ Idem, p. 60-61.

¹⁵ Idem, p. 60.

pela leitura de romances modernos estrangeiros. Para a autora, a “fulgurante e rápida penetração do folhetim francês” sugere que, nas décadas de 1840 e 1850, havia no país “um corpo de leitores e ouvintes consumidores de novelas já em número suficiente para influir favoravelmente na vendagem do jornal que as publica e livros que as retomam.”¹⁶ Essa hipótese é, de certa forma, confirmada pela análise da presença do romance no Brasil na década de 1840, em que percebemos a continuidade da circulação de narrativas estrangeiras aliada ao sucesso estrondoso dos romances em folhetim. A nosso ver, esse período pode ser considerado um dos momentos cruciais da ascensão do gênero romanesco no Brasil.

De fato, ao longo da década de 1840, percebe-se a maciça presença do romance no cenário cultural carioca e os “Annuncios” do *Jornal do Commercio*¹⁷ indicam que, nessa época, o gênero era um dos mais apreciados pelo público leitor. Esse periódico foi o primeiro a divulgar romances em folhetim no Brasil e era uma das publicações diárias de maior prestígio no país, tendo sido considerado, em 1865, o jornal mais lido do império:

É o jornal mais lido do imperio, possui quase treze mil assignantes, e não só em formato como em variedade e interesse das materias contidas em trinta e duas columnas de duzentas e cincoenta seis a duzentas e sessenta linhas cada uma, senão em correcção e nitidez de impressão, póde competir com os mais acreditados jornaes da França e Inglaterra.¹⁸

Os reclames presentes no periódico em questão permitem traçar um panorama da época, pois se divulgavam artigos os mais diversos. Dentre os produtos anunciados, a oferta de livros era constante e a

¹⁶ Idem, p. 292-293.

¹⁷ “Foi na oficina, instalada à rua da Alfândega 47, que Pierre Plancher iniciou, a 1º. de outubro de 1827, o *Jornal do Comércio*. A fôlha pretendia explorar e ampliar o filão que vinha sendo praticamente monopolizado pelo *Diário do Rio de Janeiro* e que lhe permitira superar o caráter efêmero dos jornais da época. E, realmente, foi o que lhe permitiu isso, fazendo-o chegar aos nossos dias, embora com fisionomias diferentes conforme as diversas fases que atravessou, acompanhando o desenvolvimento do país e em particular o de sua capital. Assim, a fôlha não se destinava apenas a dar melhor e maior divulgação às notícias comerciais – preços, movimento de paquetes, informações sobre importação e exportação, noticiário do país e do exterior e, particularmente, anúncios – como a fornecer os elementos mais importantes do quadro político, participando, assim, dos episódios principais daquela fase. Os primeiros redatores do *Jornal do Comércio* foram, além do próprio Plancher, Emil Seignot, João Francisco Sigaud, Júlio César Muzzi, Francisco de Paula Brito e Luís Sebastião Fabregas Surigué. Pouco adiante, Plancher, por ter de regressar à França, deixou o jornal a cargo de Seignot, que o vendeu, a 4 de fevereiro de 1843, a Julius de Villeneuve e Reol de Mongenot. Aquêl comprou, pouco depois, a parte dêste, e impulsionou o jornal, fazendo de Francisco de Antônio Picot seu braço direito. Desde 1868 o jornal teria como colaborador, enviando correspondência de New York, a José Cardos Rodrigues, que viria, a 15 de outubro de 1890, a adquirir a Villeneuve e Picot a propriedade do jornal.” (SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 126-127.) Tive acesso ao periódico através da pesquisa nos microfimes conservados no AEL (Arquivo Edgar Leuenroth), localizado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP.

¹⁸ AZEVEDO, Dr. Moreira de. “Origem e Desenvolvimento da Imprensa no Rio de Janeiro”. In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico, e Ethnographico do Brasil*. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1865. Tomo XXVIII, Parte Segunda, p. 191.

diversidade de estabelecimentos livreiros, títulos e autores divulgados conduziam para a mesma conclusão: o romance caíra definitivamente no gosto do público.

Primeiramente, podemos assinalar o aumento, ao longo dos anos, do número de estabelecimentos que anunciavam romances entre os livros que disponibilizavam para venda. Em 1843, por exemplo, a Casa de J. Villeneuve e C. foi responsável pela maioria esmagadora dos anúncios de venda de “novellas interessantes”, dividindo espaço com anúncios esparsos da Livraria de Agostinho de Freitas Guimarães e a Livraria de Barroso. Nos anos de 1844, 1845 e 1846, sua proeminência se manteve, mas outros estabelecimentos começaram a anunciar os romances que comercializavam, como a Casa de E. e H. Laemmert, a Livraria Belga-Francesa, as Lojas de Paula Brito e de E. Mongie, a Tipografia de Silva Lima e a Casa do Livro Azul, que, em 1846, passou a ser sua grande concorrente para, no ano seguinte, superá-la em número de anúncios de romances. A partir de 1849, o quadro da venda de romances sofreu outra alteração significativa, pois a Casa Garnier Irmãos, que antes anunciava poucas narrativas e investia na venda de livros acadêmicos, passou a divulgar com maior regularidade o acervo de prosa ficcional de que dispunha para venda¹⁹. Os dados indicam que cada vez mais o romance foi se tornando um bom objeto comercial, oferecendo novas possibilidades de lucro. Afinal, os estabelecimentos que comercializavam livros não insistiriam tanto em divulgar a venda de narrativas caso essas obras não fossem bem aceitas pelo público.

Outro indício de que o romance era, naquele momento, um dos gêneros mais apreciados pelos leitores oitocentistas brasileiros é sua presença marcante nos reclames dos Gabinetes de Leitura. A quase totalidade dos anúncios sugere que esses estabelecimentos estavam preocupados em informar ao público a aquisição de novos romances e enfatizar a diversidade de seu acervo de obras em prosa:

Mongie, rua do Ouvidor n. 87, tem a honra de prevenir os seus assignantes que elle recebeu e tem para leitura as novellas seguintes: Gil-Blas da Revolução; Os amores de Camões e de Calharena de Athaide;

¹⁹ Os estabelecimentos mencionados são aqueles que divulgavam listas de romances à venda com regularidade, pois houve muitos estabelecimentos que veicularam somente um anúncio ao longo do período pesquisado e/ou divulgaram a venda de um único livro. Segue, abaixo, a lista dos estabelecimentos que publicaram mais anúncios de venda de romances no *Jornal do Comércio* entre 1843 e 1850 e o número aproximado de anúncios divulgados por cada um dos comerciantes livreiros:

1843: 1. Casa de J. Villeneuve e C. (12 anúncios), 2. Livraria de Agostinho de Freitas Guimarães e C. e Loja de Livros de Barroso e C. (2 anúncios cada).

1844: 1. Casa de Villeneuve e C. (113), 2. Casa de E. e H. Laemmert, Casa do Livro Azul e Loja de E. Mongie (10 cada).

1845: 1. Casa de J. Villeneuve e C. (172), 2. Casa do Livro Azul (28), 3. Loja de E. Mongie (22).

1846: 1. Casa de J. Villeneuve e C. (31), 2. Casa do Livro Azul (27), 3. Casa de Agra e C. (12).

1847: 1. Casa do Livro Azul (36), 2. Casa e/ou Tipografia de Silva Lima (21), 3. Loja de Paula Brito (19).

1848: 1. Casa do Livro Azul (46), 2. Casa Garnier Irmãos (26), 3. Loja da Rua de S. Pedro n. 108 (23).

1849: 1. Casa do Livro Azul (72), 2. Casa Garnier Irmãos (31), 3. Livraria de Agostinho Freitas Guimarães (14).

o Castello dos mortos; Paulo de Kock, André o Saboyano; Fr. Soulié, A Bananeira; As ruínas de Rothembourg; A Torre Infernal ou as aventuras de Gregorio Montenegro. Preço da assignatura, 2\$000 por mez.²⁰

ASSIGNATURA de livros para ler em suas casas. – Na rua da Alfandega n. 135 receberão se livros novos em portuguez e em francez, e tem no seu catalogo portuguez, além das melhores novellas, todas as obras que se achão traduzidas dos famigerados autores P. de Kock, W. Scott, E. Sue, F. Soulié, Alex. Dumas, P. De Féval, Balzac, Arlincourt, V. Hugo, G. Sand, Cooper, etc.²¹

É notável o cuidado dos anunciantes em mencionar que as obras que adquiriram eram “novellas”²² e citar nomes de romancistas famosos cujas narrativas estavam disponíveis para os assinantes. Nessas propagandas, a preocupação de explicitar o gênero a que pertencia o livro divulgado era mais recorrente quando se tratava de romance, o que indica que os donos de gabinetes de leitura acreditavam que os leitores brasileiros nutriam especial interesse pela prosa ficcional. A estratégia de mencionar a presença de romances como forma de atrair novos assinantes também era utilizada pelos periódicos da época. Para muitos deles, publicar romances nos rodapés era uma maneira de alcançar um público mais amplo:

O n. 460 do Brazil está interessante, o folhetim é – a Mãe e a filha, historia brasileira.²³

O LIBERAL.

Publicou-se o n. 40 deste muito interessante periodico, decidido propugnador do throno, da constituição, das leis e dos direitos de todos; e austero censor de seus postergadores, da fraude e da immoralidade: contém artigos que se recommendão ao publico, e o folhetim intitulado – *A mulher misteriosa, ou o encontro inesperado*. Subscrevem-se 12 numeros por 1\$500; na typographia de Silva Lima, rua de S. José n. 8, onde se vendem os numeros avulsos a 120 réis.²⁴

Salta aos olhos, em ambos os anúncios, a preocupação de divulgar que os periódicos possuíam folhetim: no primeiro, temos uma propaganda curta em que o proprietário do jornal, no intuito de ressaltar um único atributo que pudesse chamar atenção dos leitores, optou por mencionar a publicação de uma “história brasileira” nos rodapés; no segundo, temos um periódico de cunho político que, apesar de propor

1850: 1. Casa do Livro Azul (35), 2. Casa Garnier Irmãos (16), Loja de Livros da Rua da Alfandega n. 135 (7).

²⁰ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 01/03/1845.

²¹ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 21/11/1850.

²² Como mencionamos, naquele momento não havia uma distinção rigorosa entre os termos “novella”, “romance” e “conto”.

²³ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 18/10/1843.

²⁴ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 12/02/1849.

a defesa do trono e a discussão de leis e direitos, não deixou de mencionar a publicação de um romance no folhetim. Os responsáveis pela divulgação desses periódicos não insistiriam em ressaltar a presença de prosa ficcional em seus folhetins caso não imaginassem que atrairiam novos assinantes. Assim como *O Libera*²⁵, o periódico *O Brazil* possuía interesses políticos, pois foi criado para defender o partido conservador²⁶, indicando que até mesmo os impressos cujo objetivo central era a discussão política utilizavam o prestígio do romance para tentar aumentar o número de assinantes. Essa parece ter sido uma iniciativa comum, que vigorou durante décadas, com resultados positivos, como sugerem as observações do Visconde de Taunay a respeito da repercussão dos folhetins de *Til*²⁷, um dos romances de Alencar:

Ainda hoje bem me recordo da sensação de feição puramente literaria que produziu na rua do Ouvidor a noticia, publicada em grandes cartazes, de que o jornal *Republica*, que mal encetara a sua carreira, traria como folhetim diario *Til*, do conselheiro José de Alencar; e tal circumstancia concorreu fortemente para que afluíssem as assignaturas, porquanto á propaganda republicana ninguem, nesse tempo, enxergava alcance algum.²⁸

Taunay foi categórico ao afirmar que as pessoas assinaram o periódico interessadas na leitura da narrativa de José de Alencar e não necessariamente porque eram republicanos. Outro indicativo do amplo alcance que o romance obteve nesse período foi o surgimento de periódicos destinados exclusivamente à publicação de narrativas. É o caso, por exemplo, do *Compilador Romantico*, cujo primeiro número datou de outubro de 1845:

²⁵ Segundo Moreira de Azevedo, *O Liberal* circulou entre 1848 e 1853 e foi criado no seguinte contexto: “Produziu exaltação nos partidos politicos do Brasil o movimento revolucionario que abalou a Europa em 1848, houve luta na imprensa viva e continuada, sustentada por muitos periodicos, dos quaes alguns pouco vivem, outros persistem; cada dia surgem novos e todos em estylo fraldoso e dilatado fallam de liberdade, de garantias sociaes, e tratam de despertar os brios dos partidos.” (AZEVEDO, Dr. Moreira de. Op. cit., p. 212-213).

²⁶ *O Brasil* foi um órgão do Partido Conservador criado em 1840, no período da Regência, por iniciativa de Paulino José Soares, futuro Visconde do Uruguai, que intentava fortalecer o partido criando um jornal que explicasse e defendesse as idéias do governo e rebatesse as críticas dos oposicionistas. O periódico circulou até 1852 e teve Justiniano José da Rocha como seu redator. Cf. SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit., p. 209-210. Vale observar que Justiniano José da Rocha dirigiu o jornal até 1850 e não até 1852 como informa Sodré, pois, no número de 07 de janeiro de 1851 declarou que cederia sua tipografia: “Illm. Snr. – Retirando-me do jornalismo, cedi a minha typographia ao Snr. Luiz Antonio Navarro de Andrade, o qual resolveu continuar o periodico por mim redigido, e que teve a honra de contar a V. S. entre seus assignantes. [...]” In: *O Brasil*. Rio de Janeiro, Tipographia de Santa Thereza, 7 de janeiro de 1851.

²⁷ O romance *Til* foi publicado nos rodapés do periódico *A República* entre 21 de novembro de 1871 a 20 de março de 1872, sendo impresso em volume em 1872, após o fim dos folhetins.

COMPILADOR ROMANTICO.

Todos os sabbados, a começar do 1.º do proximo mez de outubro, apparecerá um ou dous folhetos em oitavo grande e impressão a mais nitida que fôr possível conseguir-se. Principiará as suas publicações com um dos mais interessantes romances do celebre autor dos *Mysterios de Paris* e do *Judeu Errante*, e continuara brevemente a dar, tambem em todos os sabbados, - *Os Mysterios dos Jesuitas* -, por M. Arnould, ornado com uma estampa fina em cada folheto. A sociedade promotora desta publicação póde desde já afiançar que o preço será tão diminuto, que fará sem duvida chegar este tão bello e instructivo entretenimento ás classes menos abastadas da sociedade brasileira.²⁹

O periódico propunha-se a divulgar, em forma de folhetos semanais, romances de autores “célebres”, tornando seus enredos acessíveis a um público mais amplo, pois esse “bello e instructivo entretenimento” seria comercializado a preço “diminuto”. A esse periódico, um dos primeiros destinados exclusivamente à publicação de folhetins, seguiram-se outros, como, por exemplo, *O Folhetinista, ou leitura dos Domingos*, publicado pela Livraria Belga-Francesa. Em dezembro de 1847, ano em que o periódico passou a ser divulgado, circulou entre os assinantes do *Jornal do Comércio* o seguinte anúncio:

O Folhetinista ou Leitura dos Domingos.

Publicação semanal das melhores novellas modernas vertidas em portuguez, por habéis traductores.

Sahe á luz todos os sabbados um folheto de 16 paginas em duas columnas, formato grande in-8º. francez com letras ornadas, vinhetas, etc., etc. / Os folhetos entregão-se na casa dos Srs. assignantes. / Preço da assignatura 1\$ por 4 numero pagos adiantados. / Com o formato adoptado, consegue se dar ao leitor, em cada numero, quasi o dobro de quanto tem até hoje dado as publicações de igual natureza. / Haverá especial attenção na escolha das novellas, de modo a evitar que se estendão além de 4 numeros. / Espera emfim o edictor poder dentro em pouco tempo dar estampas sobre aço, muito mais perfeitas e bem acabadas do que quanto tem sido até agora feito nesta cidade.³⁰

Além de apontar as propriedades materiais do periódico, o anúncio ressaltou sua superioridade em relação aos outros impressos de mesmo teor, indicando que havia muitas obras destinadas à publicação de narrativas em circulação.

A ampla difusão e aceitação do romance pelo público brasileiro desse período foi atestada, também, pelos dados que permitiram reconstituir a recepção de algumas narrativas que foram verdadeiros sucessos editoriais. É o caso de *Os Mistérios de Paris*, de Eugène Sue, romance cujos capítulos foram

²⁸ TAUNAY, Visconde de. *Reminiscencias*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1908, p. 224.

²⁹ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 13/09/1845.

publicados, pela primeira vez, nos rodapés do *Journal des Debats* entre 19 de junho de 1842 e 15 de outubro de 1843 e consistiu num “sucesso retumbante, de alcance internacional”³¹. Segundo Meyer, o romance chegou ao Brasil no ano seguinte, na forma de folhetins que foram divulgados pelo *Jornal do Comércio* quase sem interrupções entre 1.º de setembro de 1844 e 20 de janeiro de 1845³², despertando grande interesse no público. A presença constante dessa obra nos anúncios do *Jornal do Comércio* permite perceber o alcance que obteve e entrar em contato com uma história editorial que exemplifica o trajeto que outros romances percorreram na imprensa e no mercado editorial brasileiros de meados do século XIX.

A primeira aparição da narrativa de E. Sue no *Jornal do Comércio* deu-se alguns meses antes do início de sua publicação em folhetim, num anúncio de abril de 1844: “Na nova loja de livros da rua da Alfandega n. 135, há para vender alguns exemplares da interessante obra *Les Mystères de Paris*, a 600 rs. o vol., é uma nova edição nitida.”³³ O anúncio não voltou a ser publicado e parece-nos que somente em setembro, quando do início da publicação nos rodapés, *Os Mistérios de Paris* caiu no gosto dos leitores oitocentistas. Ao mesmo tempo em que a tradução da primeira parte da narrativa estava sendo divulgada na forma de folhetins, a Casa de J. Villeneuve e C., cuja tipografia era responsável pela publicação do *Jornal do Comércio*, deixava aberta aos leitores com educação mais refinada a possibilidade de ler o romance todo na sua versão original: “A vendre, rue d’Ouvidor 65, *Les Mystères de Paris*, 10 vol. in-4º reliés. – Prix 40\$000.”³⁴

Poucos dias após anunciar a venda da obra completa em francês, o mesmo estabelecimento comercial passou a divulgar a publicação do primeiro volume da tradução do dito romance, cujo preço era consideravelmente inferior ao da versão importada: “Achão-se á venda em casa de J. Villeneuve e C., rua d’Ouvidor n. 65: OS MYSTERIOS DE PARIS. Primeira parte. – 1 vol., nitida edição, 1\$000 rs.”³⁵

Os demais volumes da edição em português foram publicados aos poucos, com intervalos de tempo variáveis entre um e outro³⁶. O conteúdo do romance era editado em volumes à medida que era

³⁰ In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve, 18 de dezembro de 1847.

³¹ MEYER, Marlise. Op. cit., p. 69.

³² “Até que, finalmente, chegam ao rodapé, em português, os tão esperados *Mistérios de Paris*. A data é 1.º de setembro de 1844, tradução de R. (Joaquim José da Rocha). Salvo uma ou outra interrupção, ‘vem à luz’ todos os dias e ocupa praticamente o suplemento dominical inteiro. Acelera-se o ritmo, diminui-se o tamanho dos tipos, vara o jornal e ocupa quatro rodapés até o FIM, em 20 de janeiro de 1845.” Idem, p. 283.

³³ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 12/04/1844.

³⁴ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 11/09/1844.

³⁵ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 01/10/1844.

³⁶ Datas em que os 10 volumes de *Os Mistérios de Paris* foram anunciados pela primeira vez: 1.º volume, 01/10/1844; 2.º volume, 18/10/1844; 3.º volume, 03/11/1844; 4.º volume, 26/11/1844; 5.º volume, 13/12/1844; 6.º volume, 27/12/1844; 7.º volume, 04/01/1845; 8.º volume, 01/02/1845; 9.º e 10.º volumes, 05/02/1845.

publicado no folhetim, de modo que o comércio dos livros não interferisse na venda dos exemplares do jornal: no dia 3 de novembro, por exemplo, os anúncios divulgavam a publicação do 3.º volume da obra enquanto o folhetim publicava a quarta parte da mesma. O fato de os volumes divulgarem um conteúdo já conhecido pelos leitores do folhetim do *Jornal do Comércio* não interferiu na venda dos mesmos, visto que a primeira edição do primeiro volume esgotou-se em aproximadamente um mês:

Tendo-se esgotado, haverá 10 ou 12 dias, a primeira edição dos *Mysterios de Paris*, e tendo sido muito procurada ultimamente esta obra, participa-se ao publico que se está imprimindo a segunda edição, que ficará prompta na semana que vem.³⁷

Possivelmente movido por esse anúncio, Mongie, no dia seguinte, divulgou a venda da obra completa em francês: “*Les Mystères de Paris*, par Eug. Sue, l’ouvrage complet, em français; vende-se na rua do Ouvidor n. 87, loja de E. Mongie.”³⁸ Os leitores que não possuíam o primeiro volume do romance e não tinham habilidade de lê-lo no original tiveram que esperar poucos dias para adquiri-lo, pois em menos de uma semana ele estava novamente disponível para compra, desta vez com hora marcada:

Publicar-se-há hoje ás 10 horas, nesta typographia,
A Segunda Edição
Do Primeiro Volume
Dos MYSTÉRIOS DE PARIS.
Preço 1\$000.³⁹

Tendo em vista o sucesso desse romance, o Gabinete de Leitura da rua da Alfândega, para atrair novos assinantes, passou a divulgar que possuía vários exemplares da obra à disposição dos leitores: “Na nova assignatura de livros em francez, portuguez, inglez e hespanhol, da rua da Alfandega n. 135, continua-se a alugar livros. A mesma assignatura dá direito aos quatro idiomas, e para facilitar a leitura dos *Mystères de Paris* ha quatro jogos delles.”⁴⁰ A Livraria Belga-Francesa também se aproveitou do sucesso do romance, disponibilizando aos leitores de maior poder aquisitivo uma edição ornada com gravuras: “Os *Mysterios de Paris*, em francez, por Eugenio Sue, ornado de 500 gravuras pelos melhores artistas de

³⁷ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 16/11/1844.

³⁸ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 17/11/1844.

³⁹ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 20/11/1844.

⁴⁰ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 23/12/1844.

França; preço 15\$ réis; vendem-se na livraria Belga-Franceza, rua dos Ourives n. 73.”⁴¹ Dois meses depois, a Loja Inglesa divulgou outra possibilidade de compra para os que tinham condições de ler a obra no original e desejavam uma edição com preço mais acessível: “LES MYSTÈRES DE PARIS, par E. Sue: 1 grosso volume encadernado; vende-se por 8\$000 rs., na rua do Ouvidor n. 75, loja ingleza.”⁴²

A divulgação da narrativa de E. Sue em folhetim finalizou-se em janeiro de 1845, quando foi anunciada a publicação do 10.º volume da obra. A Casa Villeneuve não divulgou a venda da obra completa em português, mas somente a edição em francês⁴³, provavelmente porque o sucesso do romance fez com que se esgotassem os exemplares de alguns volumes. É o que indicava um dos anúncios de venda de *O Judeu Errante*, narrativa também de autoria de E. Sue cuja publicação teve início algum tempo depois do término dos folhetins de *Os Mistérios de Paris*:

Sahirá á luz hoje ás 10 horas, na rua do Ouvidor n. 65: o terceiro volume do JUDEU ERRANTE, Preço 1\$000 rs.

O quarto volume sahirá dentro de poucos dias.

N. B. Previne-se ás pessoas que compráão os dous primeiros volumes que será bom que mandem buscar este terceiro volume dentro de poucos dias, para não correrem o risco de ficar com a obra incompleta, como aconteceu a muitos compradores dos primeiros volumes dos *Mysterios de Paris*, que, por ter-se demorado na compra dos ultimos, achárão já esgotada a edição do sexto volume.⁴⁴

Mesmo utilizando a devida desconfiança na leitura de um texto com teor propagandístico como esse, faz sentido acreditar no fim da primeira edição do sexto volume d’*Os Mistérios de Paris*, pois a falta dele impossibilitava que se anunciasse a venda da obra completa. A reedição do texto integral só se deu em dezembro de 1845⁴⁵. Isso provavelmente ocorreu porque, nesse período, a tipografia de Villeneuve estava ocupada com a publicação dos volumes de *O Judeu Errante*, os quais foram lançados segundo o mesmo esquema editorial dos *Mistérios de Paris*. Nesse intervalo, os leitores oitocentistas que não liam em

⁴¹ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 01/02/1845.

⁴² *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 04/04/1845.

⁴³ “Na rua do Ouvidor n. 65 ha para vender OS MYSTERIOS DE PARIS em francez.” *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 10/04/1845. Esse anúncio foi divulgado novamente no número do dia 11/04/1845.

⁴⁴ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 05/06/1845.

⁴⁵ A obra completa traduzida só foi anunciada a partir de dezembro de 1845: “OS MYSTERIOS DE PARIS em portuguez reimprimirão-se e achão-se á venda na rua do Ouvidor n. 65.” *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 03/12/1845. Nesse mesmo dia, houve outro anúncio da obra, provavelmente publicado por um estabelecimento que revendia a edição confeccionada na tipografia Villeneuve e Comp.: “OS MYSTERIOS DE PARIS, em portuguez, por E. Sue, 10 vols., preço 8\$rs.; vende-se na rua do Ouvidor n. 143.”

francês tiveram a oportunidade de entrar em contato com uma versão do romance em espanhol, feita à moda da última edição francesa:

LOS MYSTERIOS DE PARIS, POR EUGENIO SUE, traduccion de la ultima edicion franceza ilustrada.

Ficção ainda alguns exemplares desta rica e nitida edição em hespanhol, com as lindissimas estampas da obra de Paris, á disposição de subscriptores até que se complete esta publicação emprehendida pela administração do jornal EL CORREO DE ULTRAMAR. Periodico politico, litterario e mercantil, publicado em Paris, pelo qual se subscreve juntamente com a Revista mensal, brochura ornada com uma linda estampa, figurinos de modas e um pedaço de musica; na agencia do mesmo jornal nesta côrte, rua da Alfandega n. 87.⁴⁶

Os dados referentes à recepção de *Os Mistérios de Paris*, além de indicarem o sucesso do romance-folhetim no Brasil, também permitem que tenhamos comentários quanto à diversidade de edições que o público leitor com um razoável poder aquisitivo tinha a seu dispor: a opção de ler em folhetim ou em volume; para os que tinham uma instrução mais refinada havia a possibilidade de ler a tradução, a versão em espanhol ou o original em francês e, para os que optassem pela leitura em francês, a possibilidade de adquirir uma edição mais simples ou uma edição refinada, com estampas. As pessoas que não adquiriram a edição francesa estampada puderam, alguns meses depois, comprar as figuras e anexá-las ao volume que possuíam, pois, em março de 1846, anunciou-se a venda de “gravuras para os *Mysterios de Paris*”.⁴⁷

A obra continuou sendo apreciada pelos brasileiros: entre 20 de novembro e 22 de dezembro de 1846, por exemplo, a Casa Villeneuve anunciou a venda de uma “nova edição dos *Mysterios de Paris*” e, em 17 de abril de 1847, divulgou a 4ª. edição da obra⁴⁸. Em 1850, o romance de Eugène Sue voltaria a povoar as páginas do *Jornal do Comércio*, não mais no folhetim, mas na seção destinada aos “Theatros”:

Theatros.

De S. Januario.

Domingo 19 de maio de 1850

subirá á scena, em primeira representação, o novo drama, em 5 actos e 11 quadros, de Eugène Sue, intitulado

OS MYSTERIOS DE PARIS,

Ensaiado e dirigido pelo Sr. João Caetano dos Santos.

⁴⁶ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 27/08/1845.

⁴⁷ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 11 de março de 1846.

⁴⁸ Cf. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp.

[...] O scenario é todo proprio, e copiado das gravuras do Theatro da Porte Saint-Martin, e posto em pratica pelo Sr. Antonio José Arêas.

As personagens irão todas vestidas e caracterisadas tal qual marca o *romance*.

Em consequencia de haverem muitas encomendas de bilhetes, o drama será representado domingo, segunda-feira e terça-feira, e as pessoas que quizerem prevenir-se para qualquer das tres recitas poderão dirigir-se ao escriptorio do theatro a qualquer hora do dia.⁴⁹

No intuito de atrair o público, assinalou-se que o cenário em que se representaria o drama era fiel ao que fora utilizado no teatro francês e reforçou-se que as personagens seriam vestidas e caracterizadas respeitando-se as indicações contidas no romance. A peça parece ter superado as expectativas de sucesso, pois o número de apresentações mencionado nesse anúncio acabou sendo superado, visto que houve encenações nos dias 26/05, 29/05, 30/05 e 04/06 de 1850⁵⁰. A adaptação de romances para o teatro foi uma prática comum e consiste, também, em outro indicativo da presença maciça do gênero no contexto cultural brasileiro de meados do século XIX.⁵¹

A grande aceitação e difusão do romance nesse período fica perceptível, ainda, em alguns anúncios que podem ser tomados como manifestações do gosto dos leitores. Entre eles, podemos mencionar aqueles em que as pessoas declaravam interesse pela aquisição de determinadas obras, como no seguinte exemplo: “Comprão-se os *Mysterios de Paris*, em 2.^a mão, o *Judeu Errante* e o *Monte-Cristo*, sendo em portuguez; na rua de S. Pedro n. 178.”⁵² Os anúncios desse tipo, apesar de raros⁵³, permitem

⁴⁹ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 16/05/1850.

⁵⁰ *Os Mistérios de Paris* parecem ter realmente cativado o público brasileiro oitocentista, pois, em 1859, foi montada outra peça baseada no romance: “Theatro de S. Januario. / Recita livre d’Assignaturas, Segunda Feira 28 de Fevereiro de 1859. / Drama em 3 actos, ornado de musica: / A FAMILIA MOREL DOS MYSTERIOS DE PARIS. / Todos os que leram os – *Mysterios de Paris* – de Eugène Sue, sabem o que é o importantissimo romance de que foi extrahido o presente drama, todo cheio de sublimes lições de moral e conduzido o melhor que se podia fazer, para captar, de scena em scena, a mente e a vista do attento espectador. Tal é que se representa neste dia.” In: *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typographia de Paula Brito, n. 1033, 25 de fevereiro de 1859.

⁵¹ Como mencionamos, *Os Mistérios de Paris* é apenas um entre vários outros casos de romances em folhetim que obtiveram muito êxito junto ao público brasileiro do período. Como exemplo, podemos mencionar o sucesso de *O Judeu Errante* e *Os Sete Peccados Mortaes*, do mesmo autor, e de obras de Alexandre Dumas, como *O Conde de Monte-Christo*, as quais tiveram sua tradução impressa em folhetim e, pouco tempo depois, em volume, ao mesmo tempo em que se divulgava a venda da obra completa no original. Assim como a narrativa em questão, esses romances também foram adaptados para o teatro.

⁵² *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 22/03/1846.

⁵³ Nas décadas de 1840 e 1850, localizamos poucos casos, os quais reforçam a constatação de que o público brasileiro tinha especial interesse pelo romance, visto que em todos eles os anunciantes desejavam adquirir prosa de ficção, como os seguintes:

1. “Compra-se a novella intitulada a – *Moreninha* – na rua da Alfandega n. 24.” *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 24/12/1844.

2. “Comprão-se os volumes seguintes em portuguez: *Novellas orientaes*, 3.º; *Recreação do homem sensível*, 1.º; *Menino da Praça Nova*, 1.º; *Corina*, 1.º; *Almocreve de Petas*, 2.º; *Solitario*, 2.º; *Telemaco*, 1.º; *Carolina*, 1.º; *D. Quixote* (edição de Lisboa), 1.º e 3.º; *Gil Braz* (dita de Paris), 1.º; *Bigode*, 3.º; *Viagens de Guliver*, 3.º; *Dous Robinsons*, 2.º; *Desgraças da inconstancia*, 1.º; *Noites romanas*, 1.º; *Mil e um quarto*, 1.º; *Isidoro e Oraides*, 1.º; *Incas*, 2.º; *Henriqueta de Orleans*, 1.º; *Conselhos a minha filha*,

traçar uma imagem do interesse dos leitores do período, assim como os anúncios que divulgaram a venda de obras pertencentes a bibliotecas particulares, como o exemplo a seguir:

OBRAS BARATAS.

Vendem-se as obras seguintes, todas illustradas e encadernadas, por preço commodo, por o dono retirar-se para fóra: Dulaure, historie de Paris, 4 vols.; **Les Mysteres de Paris**, 4 vols.; **Le Juif Errant**, 4 vols.; **Les Mysteres de l'Inquisition**, 1 vol.; **Le Diable à Paris**, 2 vols.; Les Moeurs et coutumes de tous les peuples, 1 vol.; Balby, dictionaire geographique, avec 8 cares; **Jerome Paturot**, 1 vol.; Les Petites miseres de la vie conjugale, 1 vol.; **Les Mousquetaires et 20 ans apres**, 2 vols.; na rua do Ouvidor n. 122, sobrado. Tambem há um lindo traje completo de baile, de veludo com galão de prata fina, e um oculo de theatro.⁵⁴

Podemos imaginar que o dono das obras em questão era alguém que possuía vida social ativa (caso não freqüentasse bailes, não teria comprado um “lindo traje completo”), apreciava apresentações musicais e teatrais (ou ao menos freqüentava o teatro, pois possuía óculos destinados a esse fim), nutria especial interesse pela França (já que dominava o idioma e procurava conhecer a história de Paris, podendo ser um brasileiro com instrução mais refinada que residira ou pretendia residir no exterior ou mesmo um francês que se alojara no Brasil), e possuía um gosto eclético (tendo em vista seu interesse por história, geografia, discussões a respeito da vida conjugal e, acima de tudo, pela leitura do romance moderno, que possivelmente era o gênero de sua predileção, pois, entre os dez títulos que publicou, seis eram narrativas). Os poucos anúncios semelhantes a esse foram igualmente povoados pela prosa ficcional⁵⁵.

Os anúncios, de formas variadas, indicavam que, nos anos de 1840, o romance tinha grande aceitação entre os leitores brasileiros. A difusão do gênero nesse período foi tão maciça que, no fim dessa

1.º; Viagens de Altina, 4.º; Noites de Young, 2.º; Ema, 2.º; Thesouro de adultas, 1.º; Dito de meninas, 1.º; Mil e uma noites, 6.º; Natchez, 4.º; Novellas escolhidas, 1.º; Recreação moral, 4.º e 7.º; Recreação philosophica de Almeida, 1.º; Pizarro, memorias historicas, 4.º; Panorama, 1.º numero de 30 de dezembro de 1843; Dito de todo o anno de 1844; Museo Universal, 1.º e 2.º vol. Trata-se na rua do Ouvidor n. 121.” *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 17/12/1847.

3. “Compra-se o romance – As tres irmas –, ou o diario de 28 ou 29 de novembro de 1847 que traz a primeria folha do dito romance; na praça da Constituição n. 64.” *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 29/09/1848.

⁵⁴ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 18/02/1848. Estão grifados os títulos que acredito serem romances. Conferir.

⁵⁵ Como exemplo, podemos mencionar o seguinte anúncio, no qual, dentre os 8 títulos disponíveis para venda, 7 são romances: “Deixou-se para vender: o Judeu errante, 10 vols., 6\$000 rs.; O Moço louro, 2 vols., 1\$400 rs.; Paraíso perdido, edição de Paris, encad. 2\$000 rs.; Vinte annos depois, de Dumas, 11 vol., 7\$000 rs.; Hotel Lambert, 3 vol. 2\$000; A Vedeta de Balzac, 1\$000 rs.;

década, passamos a encontrá-lo em lugares inusitados. Um desses lugares foram os calendários: no ano de 1847 foram anunciadas vinte variedades de “Folhinhas de Laemmert para 1848”, dentre as quais havia duas que continham romances, a “Folhinha Romantica, com uma escolha de romances e novellas nacionaes e estrangeiras” e a “Folhinha das Damas, adornada com cinco novellas galantissimas”⁵⁶.

Outro local inusitado em que o romance apareceu foi o anúncio de venda de uma casa: “O NINHO D'AMOR. / Traspassa-se a chave de uma casinha no morro de Santa Theresa, é do genero das que procurava o maganão dos – *Sete peccados mortaes*. Trata-se na rua do Rosario n. 76.”⁵⁷ Pressupondo que todos conheciam a obra de E. Sue, o anunciante acreditava que mencionar a semelhança entre a casa que pretendia alugar e a residência procurada pelo personagem da narrativa facilitaria a transação, indicando que o romance estava presente no imaginário e no cotidiano das pessoas.

Os anúncios do *Jornal do Comércio* publicados na década seguinte sugeriam que o romance continuou no gosto do público. As propagandas que percorreram os exemplares publicados ao longo dos anos de 1850 mostraram, por exemplo, que o “novo gênero” continuou sendo um bom objeto comercial. Afinal, estabelecimentos livreiros que começaram a comercializar narrativas num momento em que quase não havia autores de obras em prosa no país ainda continuaram em atividade. É o caso da Casa de J. Villeneuve e C., que anunciava a venda de “novellas” desde a década de 1830 e em cujos prelos foram impressos os exemplares do primeiro periódico diário brasileiro a publicar romance nos rodapés. Até o ano de 1861, esse estabelecimento continuou divulgando as listas de títulos que compunham as “Collecções de novellas” que estavam à disposição dos leitores que as quisessem adquirir. A Casa de J. Villeneuve, ao longo da década de 1850, dividiu espaço com a Livraria Garnier em termos de obras em prosa colocadas à disposição dos leitores através dos reclames do *Jornal do Comércio*. Diferentemente das propagandas da concorrente, as listas de obras em prosa anunciadas pela livraria francesa possuíam títulos variados que forneciam informações adicionais ao leitor a respeito da obra divulgada, como exemplificam algumas das relações de livros divulgadas em 1851: “romances em portuguez” (31/08/1851) “romances em francez” (21/09/1851) “romances e novellas ultimamente chegados” (30/08/1855). Entre os anos de 1857 e 1859, a Livraria Garnier destacou-se entre os estabelecimentos que mais ofertaram prosa ficcional, dividindo espaço com uma Loja de Papel e Livros situada na rua da Quitanda n. 190 (que, em 1857, anunciou várias

Rosa encarnada, de Dumas, 800 rs.; Condessa com dous maridos, por Balzac, 1\$000.: na rua da Alfandega n. 135.” *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 09/06/1850.

⁵⁶ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 24/08/1847. Obs.: nos anos de 1848 e 1849, foram anunciadas as mesmas variedades de “Folhinhas de Laemmert” para 1849 e 1850, respectivamente.

⁵⁷ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 19/04/1850.

vezes a venda de “bonitos romances”) e com a Livraria de F. L. Pinto e C. (que, em 1859, oferecia “livros chegados no último pacote”, “livros em portuguez” e “romances em francez”). Em 1860, porém, perdeu espaço para a Casa de J. Villeneuve, que divulgou o maior número de anúncios de venda de romance nos anos de 1860 e 1861⁵⁸. A presença regular da Casa Villeneuve e da Livraria Garnier nos anúncios do *Jornal do Comércio* indica que os donos desses dois estabelecimentos acreditavam que comercializar obras em prosa, na década de 1850, era vantajoso.

Apesar de os dados mencionados dizerem respeito à presença do romance no *Jornal do Comércio*, periódico carioca, devemos considerar que a leitura do gênero e, em especial, dos romances em folhetim, não ficou restrita aos habitantes da corte imperial. Em 1.º de maio de 1850, o periódico *A Época Literária*, de Salvador, registrou a intensa leitura de folhetins, em especial pelas mulheres, e a influência que esse tipo de ficção exercia na venda dos jornais:

Cada assinante tem, termo médio, mulher, duas filhas, três parentas & todas as suas amigas, vizinhas e tal. Ora, sendo a maioria das senhoras pouco dadas às políticas, ciências, belas letras e arte, de que mormente rezam os jornais destes dois gêneros, porém sim, muito afeiçoadas à literatura amena e choradeira, julgam-se privadas do legítimo usufruto da assinatura, não vindo o literário adubo, que consiste nos romances de folhetim, nas revistas, crônicas e álbuns, que para suas excelências principalmente se escrevem⁵⁹.

A ironia em relação aos romances em folhetim, os quais foram denominados como um bloco indistinto sob o desígnio de “literatura amena e choradeira”, parecia estender-se também ao público leitor dessas obras, pois o texto insinuou que as “senhoras” se dedicavam à leitura de “romances de folhetim, revistas, crônicas e álbuns” porque eram pouco dadas “às políticas, ciências, belas letras e arte”, ou seja, não apreciavam as *leituras sérias*. A crença de que somente as mulheres liam romances era uma idéia amplamente divulgada na época, assim como era comum a desconfiança em relação à qualidade dos romances e à capacidade de leitura das mulheres. O texto traz dados interessantes para nosso interesse imediato: o gosto das mulheres por romances influenciava na configuração dos jornais, pois, se eles não contivessem o “literário adubo” que as agradava, elas se sentiriam “privadas do legítimo usufruto da

⁵⁸ Anúncios de romances divulgados no *Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro/RJ):

1860: Total: 72; Villeneuve: 51 (70%); Garnier: 21 (30%)

1861: Total: 72; Villeneuve: 49 (69,5%) Garnier: 23 (29,5%)

⁵⁹ *A Época Literária*. Salvador, 1º. de maio de 1850. In: SALES, David. “Primeiras Manifestações da ficção na Bahia”. In: *Estudos Baianos*. Universidade Federal da Bahia, n. 7, 1973. Apud: MACHADO, Ubiratan. *A Vida Literária no Brasil Durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 50.

assinatura” e certamente levariam seus maridos ou pais a assinarem um periódico de cuja leitura também pudessem usufruir. O artigo também mostrou que um mesmo exemplar do jornal era lido por várias pessoas ligadas ao assinante (“mulher”, “filhas”, “parentas”, “amigas” e “vizinhas”), algo que pode ser tomado como indício de que o público leitor dos romances em folhetim era relativamente amplo.

Vale destacar que, dentro do escopo da palavra *público*, entravam também muitos escritores e intelectuais do período, principalmente quando se tratava de *público leitor de romances*. Carolina Nabuco, quando narrou a biografia do pai, Joaquim Nabuco, mencionou que ele fora admirador de Octave Feuillet e lera toda a obra de Jules Sandeau, dois romancistas franceses pouco conhecidos atualmente⁶⁰. Lúcia Miguel-Pereira, na biografia de Gonçalves Dias, discorreu sobre o prazer que a leitura de romances propiciava ao garoto de dez anos e destacou o fascínio que ele tinha pela *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, “livro predileto” que o pai acabou lhe dando de presente⁶¹. Fagundes Varela também apreciava o “novo gênero”, a julgar pelos títulos de sua biblioteca:

Distinguem-se no entanto perfeitamente alguns títulos: a *Bíblia*, *A Dama das Camélias* (não se sabe se o romance ou a peça), a *Divina Comédia*, *Gil Blas*, *Fausto*, *Nossa Senhoras de Paris*, *O Gênio da Língua Portuguesa*, além das indicações dos seguintes autores: Musset (um volume), Gustave Planche (dois), Heine (dois), Béranger – no autor figurando como *Berangar* – (dois), Alfredo de Vigny (um), João Paulo Richter (um), George Sand (um), Stendhal (um), Jouffroy (um), Gautier (um), Guizot (um), Lamartine (dois), Paulo Féval – no auto, *Veval* – (um), um drama de Murger e o *Curso de Literatura Nacional*, de Fernandes Pinheiro, aparecido no ano anterior.⁶²

As obras que constituíam a biblioteca do escritor foram arroladas no auto de penhora dos seus bens e os títulos e autores que Brito Broca distinguiu na leitura do documento mostram que ele era leitor de romances.

Os dados mencionados contemplam um período de aproximadamente cem anos e demonstram a presença marcante e ininterrupta de romances estrangeiros no Brasil de meados do século XVIII até meados do século XIX. A circulação desses textos sinaliza o apreço do público brasileiro pelo romance, o qual era compartilhado pelos escritores nacionais, que acolheram com igual entusiasmo um conjunto de narrativas de caráter bastante diversificado, que incluía tanto obras dos romancistas que foram

⁶⁰ NABUCO, Carolina. *Vida de Joaquim Nabuco*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1928. Apud: BROCA, Brito. “O que Liam os Românticos?”. In: *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo: Pólis; Brasília: INL, 1979, p. 106.

⁶¹ MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *A Vida de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943, p. 25-26.

⁶² BROCA, Brito. Op. cit., p. 99-100.

posteriormente canonizados, quanto daqueles que ficaram esquecidos; tanto romances modernos, quanto romanescos. Nesse sentido, podemos dizer que essas leituras foram responsáveis não só pela formação do gosto do público em relação ao romance, mas também serviram de baliza para o início da produção do gênero no Brasil.

1.2. A escrita de romance pelos autores brasileiros.

Os filhos de Sancta Cruz tinham adquirido grande nomeada na poesia classica, e a litteratura romantica tambem lhes-deve primorosas obras[...]. E se poucas são as novellas que as suas pennas têm escripto, já n'esses mesmos traços de seo pincel romantico, se-reconhece a aptidão de seo ingenho para este genero de composições. (Victor de Canovaz. "O Romance". 1848).

Apesar de a presença do romance no país datar de meados do século XVIII, o gênero só começou a ser produzido por brasileiros na primeira metade do século XIX⁶³. Pesquisas recentes permitem situar o início da produção de prosa de ficção na década de 1820: na *Antologia do Romance-Folhetim*, de Tânia Costa Serra, podemos encontrar parte da obra *Statira e Zoroastes*, narrativa que Lucas José de Alvarenga publicou pela primeira vez em 1826. A autora menciona, também, *Olaya e Júlio, ou a periquita*, "primeiro conto/romance publicado em revista brasileira, no ano de 1830"⁶⁴.

Ao longo das décadas de 1830 e 1840, houve um aumento na produção de narrativas por parte dos escritores brasileiros. Dentre as obras publicadas, podemos mencionar as produções de Justiniano José da Rocha, *Os Assassinos Misteriosos ou A Paixão dos Diamantes* (1839); João Manuel Pereira da Silva *Religião, amor e pátria* (1839), *O Aniversário de D. Miguel* (escrita em 1828 e publicada em 1839), *Jerônimo Corte Real* (1840); Martins Pena, *Duguay-Trouin* (1840); Varnhagem, *Crônica do Descobrimento do Brasil* (1840); Joaquim Norberto de Souza Silva, *As Duas Órfãs* (1841), *Januário Garcia ou As Sete*

⁶³ Alguns estudiosos acreditam que as origens do romance brasileiro remontam ao período colonial, apontando como primeiro romance brasileiro o *Compêndio Narrativo do Peregrino da América* (1728), de Nuno Marques Pereira ou *As Aventuras de Diófanos* (1752), de Teresa Margarida da Silva e Orta. Essa hipótese é bastante discutida e comumente refutada, como podemos vislumbrar nas considerações de José Aderaldo Castello e Temístocles Linhares em seus estudos sobre o romance brasileiro. Cf. CASTELLO, José Aderaldo. *Aspectos do Romance Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Coleção "Vida Brasileira", n. 18, s/d. e LINHARES, Temístocles. *História Crítica do Romance Brasileiro: 1728-1981*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

⁶⁴ SERRA, Tânia Rebelo Costa. "Introdução Crítica". In: _____. *Antologia do Romance-folhetim (1839 a 1870)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997, p. 26.

Obs.: Esse texto foi publicado sem o nome do autor em três números diferentes de *O Beija-Flor* (1830-1831), sob a classificação de "novela brasileira" e ocupava cerca de 50 páginas do periódico. Apud: SOBRINHO, Barbosa Lima. Op. cit, p. 19-20.

Orelhas (1843), *Maria ou Vinte Anos Depois* (1844), *O Testamento Falso* (s/d), todas reunidas por ele na coletânea *Romances e Novelas* (1852), e Domingos José Gonçalves de Magalhães, *Amância* (1844). Essas publicações foram consideradas tentativas iniciais de produção do gênero pelas histórias literárias⁶⁵.

Quando o assunto é o estabelecimento do primeiro romancista brasileiro, há estudos historiográficos da literatura brasileira que defenderam a precedência de Teixeira e Sousa⁶⁶, mesmo admitindo a existência de problemas estilísticos e temáticos em suas composições. Existem, também, as obras cujos autores não relevaram as imperfeições que perceberam nas produções desse escritor e atribuíram a alcunha de primeiro prosador nacional a Joaquim Manuel de Macedo⁶⁷. A versão mais comumente difundida no que se refere à formação do romance no Brasil pode ser apreendida na formulação de José Aderaldo Castello:

As origens do romance brasileiro datam da autonomia, ou melhor, do início do romantismo no Brasil, precisamente de 1839 a 1844 ou 45 com os nomes já referidos no início: Pereira da Silva, Justiniano José da Rocha, Joaquim Norberto, Martins Pena, Gonçalves de Magalhães, rigorosamente precursores, e Teixeira e Souza e Joaquim Manuel de Macedo, iniciadores⁶⁸.

Dispensando-nos da tarefa de discutir a primazia na produção do romance, limitamo-nos a dizer que as primeiras décadas do século XIX marcaram o início de produção do gênero no país. Nosso interesse se foca, pois, no exame das condições em que esses textos foram produzidos, as quais são fundamentais para entender os caminhos trilhados por Teixeira e Sousa na produção do gênero e o papel que ele desempenhou na formação do romance nacional⁶⁹.

⁶⁵ Algumas dessas narrativas foram abordadas nos capítulos 4 e 5 desta tese.

⁶⁶ José Veríssimo, na *História da Literatura Brasileira* (1912), parece ter sido o primeiro historiador literário a fazer essa formulação: "Por esta constância de produção num gênero que, antes que Macedo o seguisse em 1844 com a *Moreninha*, era ele o único a cultivar, ganhou Teixeira e Souza direito inconcusso ao título de criador do romance brasileiro. Os seus infelizmente tornaram-se para nós ilegíveis, tanta é a insuficiência de sua invenção e composição, e também da sua linguagem." (VERÍSSIMO, José. Op. cit., p. 187).

⁶⁷ Um dos primeiros autores a tecer comentários desse teor foi Ronald de Carvalho, na *Pequena História da Literatura Brasileira* (1919): "Somente com Manuel de Macedo e José de Alencar é que a prosa de ficção tomou fisionomia própria, ganhou contornos definitivos e avultou nas nossas letras. Antes da *Moreninha* e do *Guarani* houve apenas tentativas mais ou menos felizes, como as de Teixeira e Souza e Norberto Silva, todas muito louváveis, porém de apoucado merecimento, se as considerarmos pelo lado puramente literário." (CARVALHO, Ronald. Op. cit., p. 211).

⁶⁸ CASTELLO, José Aderaldo. Op. cit., p. 19.

⁶⁹ O estudo empreendido por Ilana Heineberg contribui para o entendimento de vários aspectos relativos à formação do romance brasileiro. A partir da análise das narrativas nacionais publicadas entre 1839 e 1870 por jornais diários fluminenses, a autora propõe a divisão do percurso do romance-folhetim brasileiro em três fases: mimética (obras que tentam parecer estrangeiras), aclimação (narrativas que não abandonam os moldes folhetinescos europeus, mas escolhem o cenário brasileiro) e transformação (romances que ultrapassam a mera reprodução do modelo importado). Cf. HEINEBERG, Ilana. "Miméticos, aclimatados e transformadores: trajetórias do romance-folhetim em diários fluminenses". In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetoórias do*

Dentre os elementos que influenciaram o processo de escrita dos primeiros prosadores brasileiros, podemos mencionar sua concepção de romance, os possíveis modelos europeus em que se espelharam e a imagem que faziam da expectativa do público em relação ao “novo gênero”. Afinal, o início de produção de romance no país se deu num momento em que as narrativas européias já eram velhas conhecidas dos leitores brasileiros, que vinham acolhendo com entusiasmo o folhetim francês publicado nos rodapés dos jornais.

Nesse sentido, devemos considerar que as narrativas que circulavam no Brasil naquele momento também eram lidas pelos escritores nacionais, que compartilhavam do gosto eclético das demais pessoas e liam de romances romanescos a romances modernos, desde a obra de autores hoje consagrados até a obra dos autores considerados menores. É o que indicam os registros deixados por dois prosadores oitocentistas:

Nosso repertório romântico era pequeno; compunha-se de uma dúzia de obras entre as quais primavam *Amanda e Oscar*, *Saint-Clair das Ilhas*, *Celestina* e outros de que já não me recordo.

[...] Gastei oito dias com a *Grenadière*; porém um mês depois acabei o volume de Balzac; e no resto do ano li o que então havia de Alexandre Dumas e Alfredo de Vigny, além de muito Chateaubriand e Victor Hugo.

[...] Li nesse decurso muita coisa mais: o que me faltava de Alexandre Dumas e Balzac, o que encontrei de Arlincourt, Frederico Soulié, Eugênio Sue e outros. Mas nada valia para mim as grandiosas marinhas de Scott e Cooper e os combates heróicos de Marryat.⁷⁰

Para mim começara este furor de leitura desde fins de 1852, causando-me a primeira novela por que me interessei verdadeiro deslumbramento – *Ivanhoé*, de Valter Scott.

Aquilo se me afigurou estupendo, sublime e, como tinha a possibilidade, quando ia com meu pai ao Engenho Novo, de trazer de lá livros, não havia como faltar-me. Assim da biblioteca do tio Beaurepaire tirei o *Judeu Errante*, oito grossos volumezinhos, edição de Bruxelas, que devorei sem parar. Também em extremo apreciei uma contrafação de Valter Scott – *Aymé Verd* – estes três romances foram os primeiros de que tomei conhecimento naqueles anos de 1852 e 1853.⁷¹

romance – circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. Os temas abordados neste último trabalho foram aprofundados, por Heineberg, na tese de doutorado *La suite au procahin numéro: formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens Jornal do Commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio Mercantil (1839-1870)*. Paris: Université Paris III – Sorbonne Nouvelle, 2004. Disponível no site do Projeto Caminhos do Romance no Brasil – séculos XVIII e XIX (<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br>) Consulta em 01/10/07.

⁷⁰ ALENCAR, José de. *Como e Porque Sou Romancista*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 31, 43 e 54, respectivamente.

⁷¹ TAUNAY, Alfredo D'Escagnolle. *Memórias*. Biblioteca do Exército Editora, 1960, p. 38.

Os textos permitiram reconstruir um pouco da história de leitura de dois importantes prosadores brasileiros e verificar a presença marcante de romances estrangeiros entre seus primeiros contatos com a literatura. É notável o fato de que ambos declararam ter lido obras que, atualmente, são colocadas em pólos opostos pela crítica no que se refere à qualidade: Taunay lia Walter Scott (*Ivanhoé* e *Aymé Verd*) e também Eugène Sue (*O Judeu Errante*); Alencar recordou a leitura de autores atualmente considerados *menores e maiores*, mencionando seus nomes lado a lado, sem estabelecer hierarquia de valor: Alexandre Dumas, Balzac, Arlincourt, Frederico Soulié, Eugênio Sue, Walter Scott, Fenimore Cooper e outros. Nesse sentido, Antonio Candido, quando abordou a presença marcante das traduções de romances estrangeiros no país nas décadas iniciais do século XIX, chamou atenção para o caráter eclético dessas produções:

Os livros traduzidos pertenciam, na maior parte, ao que hoje se considera literatura de carregação; mas eram novidades prezadas, muitas vezes, tanto quanto as obras de valor. Assim, ao lado de George Sand, Mérimée, Chateaubriand, Balzac, Goethe, Irving, Dumas, Vigny se alinhavam Paul de Kock, Eugène Sue, Scribe, Soulié, Berthet, Gonzalés, Rabou, Chevalier, David, etc. Na maioria, franceses, revelando nos títulos o gênero que se convencionou chamar folhetinesco. Quem sabe quais e quantos desses subprodutos influíram na formação do nosso romance? Às vezes, mais do que os livros de peso em que se fixa de preferência a atenção.⁷²

Aderindo à opinião do crítico de que não é possível saber em que medida deu-se a contribuição dos autores hoje canonizados ou dos considerados menores na constituição do romance brasileiro, o que nos fica é a certeza de que eles foram lidos por alguns prosadores da época, como registraram José de Alencar e o Visconde de Taunay. Por isso, parece razoável acreditar que as narrativas estrangeiras que circulavam no Brasil nas primeiras décadas do século XIX, além de formar o gosto do público quanto ao romance, foram tomadas como referência pelos escritores brasileiros que iniciaram a produção do gênero no país. Destituídos de modelos nacionais, esses escritores, também leitores dos romances europeus, certamente se basearam nas narrativas que circulavam no período para formar sua noção do gênero e compor suas obras⁷³.

⁷² CANDIDO, Antonio. Op. cit., p. 108.

⁷³ A pesquisa de Maria Eulália Ramicelli é bastante elucidativa quando se trata de discutir a influência que as narrativas estrangeiras que circularam no Brasil na primeira metade do século XIX exerceram sobre a produção dos romancistas nacionais. O trabalho analisa a relação existente entre a fase inicial da prosa ficcional brasileira e a ficção britânica traduzida para periódicos que circulavam no Rio de Janeiro das primeiras décadas do Oitocentos. Cf. RAMICELLI, Maria Eulália. *Narrativas itinerantes. Aspectos franco-britânicos da ficção brasileira, em periódicos do século XIX*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

Devemos considerar, porém, que o romance foi concebido como um gênero menor por parte dos homens de letras brasileiros de meados do Oitocentos, provável herança das discussões que emergiram na Europa setecentista, quando o “novo gênero” vivia sua ascensão. Segundo Valéria Augusti, para que o romance pudesse ser reconhecido como “gênero capaz de participar do cânone da literatura brasileira” foi necessário “apartá-lo do público que originalmente lhe fora atribuído – o povo – e esquadrihá-lo, submetendo-o a um conjunto de normas de composição e leitura.”⁷⁴ A autora mostra que, apesar da “calorosa recepção crítica na imprensa”, só a partir da década de 1860 ocorreu uma “apropriação do romance pelo discurso letrado”. Até aquele momento, a leitura do gênero fora comumente associada a “um público leitor amplo, no mais das vezes considerado desprovido da educação necessária para julgar a qualidade do que lhe caía nas mãos⁷⁵.”

Apesar dessa ressalva, o romance parecia ser um gênero bastante adequado para tornar acessíveis a um público leitor indistinto as idéias dos escritores brasileiros sobre literatura nacional. É o que indicaram alguns textos críticos sobre romances divulgados em periódicos da época. Dutra e Mello, um dos primeiros críticos a analisar uma narrativa brasileira, afirmou, em 1843, que o “novo gênero” deveria “fazer a educação do povo” porque penetrava “na cabana do humilde, na recamara sumptuosa, no leito da indigência, no aposento do fausto”⁷⁶, aludindo ao fato de que o romance alcançava um público diversificado em termos econômicos e sociais. Anos depois, em 1855, o cônego Fernandes Pinheiro afirmou que o gênero atingia a “numerosa classe dos que sab[iam] ler”⁷⁷.

Além disso, as páginas romanescas se apresentavam como *telas* prontas para receber a chamada “cor local” brasileira e, assim, compor o *painel* da literatura nacional. O apreço dos grandes romancistas modernos pela descrição e pelo diálogo com a realidade eram características do gênero que tiveram relevância nas primeiras narrativas brasileiras. Como observou Antonio Candido, “o eixo do romance oitocentista é pois o respeito inicial pela realidade”. Segundo o crítico, o romance romântico elaborou a realidade sob o ponto de vista do nacionalismo literário, que consistia, na época, em escrever sobre elementos locais, daí a proliferação de descrições de lugares, cenas, fatos e costumes brasileiros que povoam grande parte das narrativas. Além de um “recurso estético”, essa tendência à descrição da realidade nacional foi um “projeto nacionalista” e “fez do romance verdadeira forma de pesquisa e

⁷⁴ AUGUSTI, Valéria. “Do gosto inculto à apreciação douta: a consagração do romance no Brasil do oitocentos.”. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do Romance*. Campinas/SP: FAPESP: Mercado de Letras: 2008, p. 394.

⁷⁵ Idem, p. 394-5.

⁷⁶ DUTRA E MELLO, Antonio Francisco. “A Moreninha”. In: *Minerva Brasiliense*, 1 de outubro de 1844.

⁷⁷ PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. “Bibliographia - *Vicentina*, romance do sr. dr. J. M. de Macedo”. In: *O Guanabara*, tomo III, 1855, p. 17.

descoberta do país.” Assim, utilizando as palavras do crítico, podemos dizer que “o ideal romântico-nacionalista de criar a expressão nova de um país novo encontra no romance a linguagem mais eficiente.”⁷⁸

Afinal, as décadas em que foram publicados os textos que participaram da formação do romance brasileiro foram marcadas por uma mudança significativa no modo de os escritores conceberem o fazer literário: o impacto do contato com as idéias românticas sobre os escritores havia sido tão forte quanto o sentimento experimentado por ocasião da independência do país. Muitos elementos do Romantismo europeu vinham ao encontro das aspirações dos intelectuais brasileiros, como a valorização dos elementos nacionais e o modo de conceber a natureza e incluí-la nos textos. Como observou Candido, foi notável a “felicidade com que as sugestões externas se prestaram à estilização das tendências locais.”⁷⁹ Ademais, a independência política impulsionou o surgimento e fortalecimento do sentimento patriótico e nacionalista dos brasileiros, sentimento este que se manifestou nos âmbitos político, social e cultural. O intuito de contribuir para a configuração de uma nação independente e de fazê-la caminhar para o progresso como as demais nações povoou o pensamento dos brasileiros em geral, principalmente dos intelectuais da época. Nesse contexto, a literatura foi concebida como elemento que poderia colaborar para o progresso do país, ou, em outros termos:

[...] a literatura foi considerada parcela dum esforço construtivo mais amplo, denotando o intuito de contribuir para a grandeza da nação. Manteve-se durante todo o Romantismo este senso de dever patriótico, que levava os escritores não apenas a cantar a sua terra, mas a considerar as suas obras como contribuição ao progresso. Construir uma “literatura nacional” é afã, quase divisa, proclamada pelos documentos do tempo até se tornar enfadonha. [...] tratava-se de construir uma vida intelectual na sua totalidade, para o progresso das Luzes e conseqüente grandeza da pátria⁸⁰.

Os escritores estavam preocupados em eleger os elementos que caracterizariam uma literatura genuinamente nacional e colaborar para definir e divulgar uma imagem positiva da pátria. Nesse âmbito, o pensamento europeu constituiu uma forte referência, colaborando para que se consolidasse a visão do Brasil como país que superava os demais em termos de exuberância natural e sugerindo a natureza local como tema para as produções nacionais. Essa questão esteve presente, por exemplo, nas reflexões de Ferdinand Denis, autor do primeiro texto que tratou a produção literária brasileira como um todo orgânico,

⁷⁸ Idem, p. 98-100.

⁷⁹ CANDIDO, Antonio. Op. cit., p. 15.

⁸⁰ Idem, p. 12.

separando-a da literatura portuguesa: o *Resumé de l'Histoire Litteraire du Bresil* (Paris, 1826). Nesse estudo, o crítico deu sugestões relevantes para a constituição da literatura brasileira. Segundo ele, o Brasil, como país independente, precisava de inspirações poéticas próprias, diferentes das européias e, para tanto, era preciso que os escritores observassem as particularidades nacionais e buscassem, nelas, inspiração. Denis sugeriu aos escritores que atentassem para a natureza exuberante e, voltando-se para o passado, investigassem as populações indígenas⁸¹. Os elementos brasileiros valorizados pelo crítico europeu estiveram presentes nas discussões sobre literatura nacional empreendidas por escritores brasileiros oitocentistas consagrados como Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, José de Alencar e Machado de Assis⁸².

Nesse contexto, configurado pelos escritores do período como momento inicial da literatura brasileira, o romance parecia um gênero bastante promissor para concretizar as idéias acerca da literatura nacional, já que, entre as suas características na matriz européia, estavam o olhar atento e analítico do escritor para a realidade que o cercava e a abordagem do cotidiano.

No processo de formação romance brasileiro, é notável, também, a influência do público leitor. Podemos dizer que essa influência se deu de duas formas, ao mesmo tempo diversas e complementares: primeiramente, como elemento que impulsionou a produção do gênero, visto que a simpatia do público pela ficção estrangeira deve ter sido um forte estímulo para que os escritores se aventurassem na escrita de romances; em segundo lugar, como fator que norteou a produção dos primeiros romancistas, pois eles certamente tentaram produzir textos semelhantes àqueles que circulavam no Brasil com o intuito de que suas narrativas correspondessem ao gosto do público. Podemos imaginar que os escritores tinham uma nítida imagem da expectativa de seus contemporâneos, levando-a em conta quando escreviam seus textos. A preocupação com o público, com a boa aceitação e com o sucesso das obras fica patente, por exemplo, nos prefácios dos textos, que, em sua maioria, solicitam a benevolência do leitor, explicam passagens e intentam dar cunho verídico à narrativa⁸³. Nesse sentido, é curiosa uma passagem de Os

⁸¹ Cf. DENIS, Ferdinand. *Resumo da História Literária do Brasil*. Paris, 1826. Texto Integral Traduzido por Guilhermino César. In: CÉSAR, Guilhermino (org.). *Historiadores e Críticos do Romantismo: a contribuição européia, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

⁸² As reflexões dos homens de letras brasileiros oitocentistas a respeito da literatura nacional foram objeto de vários estudos. Conferir, por exemplo, COUTINHO, Afrânio. *A Tradição Afortunada: o espírito de nacionalidade na crítica brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, São Paulo: Edusp, 1968; ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em Berço Esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991; SILVA, Hebe Cristina da. *Imagens da Escravidão: uma leitura de escritos políticos e ficcionais de José de Alencar*. Dissertação de Mestrado. Campinas/SP: UNICAMP/IEL: 2004.

⁸³ Uma antologia de prefácios de romances brasileiros oitocentistas pode ser encontrada em: SALES, Germana Maria Araújo. *Palavra e Sedução – uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)*. Tese de Doutorado. UNICAMP/IEL. 2003.

Mistérios da Tijuca (1882), de Aluísio Azevedo, em que o narrador explicita o impasse do romancista entre escrever segundo a crítica ou o gosto do público:

No Brasil [...] os leitores estão em 1820, em pleno romantismo francês, querem o enredo, a ação, o movimento; os críticos porém acompanham a evolução do romance moderno e exigem que o romancista siga as pegadas de Zola e Daudet. Ponson du Terrail é o ideal daqueles; para estes Flaubert é o grande mestre. A qual dos dois grupos se deve atender? Ao de leitores ou ao de críticos? Estes decretam, mas aqueles sustentam. Os romances não se escrevem para a crítica, escrevem-se para o público, para o grosso público, que é o que paga.⁸⁴

Mesmo sendo um texto que se distancia um pouco do início de produção de romance no Brasil, a passagem é significativa porque indica que a imagem da expectativa do público era considerada por pelo escritor quando ia produzir suas obras e que, 44 anos após sua chegada no país, o romance-folhetim continuava sendo apreciado pela população.

Além do nacionalismo literário, da influência dos romances estrangeiros e do respeito pela suposta expectativa do público, outro fator que certamente serviu de baliza para a produção dos primeiros romancistas brasileiros foram os textos críticos da época que abordaram o romance como gênero e avaliaram a produção estrangeira e a nacional. A imprensa brasileira oitocentista veiculou algumas críticas a narrativas e o exame desses textos constitui uma fonte preciosa para termos uma imagem da concepção de romance da elite letrada da época e dos parâmetros utilizados para avaliar as narrativas.

1.3. A crítica de romances na imprensa brasileira oitocentista.

[...] conhecendo quanto o estudo da crítica é necessário para o progresso das letras, vendo que só ela patenteia ao poeta os cachopos, que lhe encobre o entusiasmo da composição, lastimando o abandono em que jaz entre nós, tomei a mim a espinhosa tarefa de abrir esta vereda no campo da Literatura. (Justiniano José da Rocha. *Revista da Sociedade Filomática*. 1833).

Durante grande parte do século XIX, a crítica literária brasileira foi exercida basicamente em periódicos, visto que jornalismo e literatura estavam bastante atrelados. A partir da década de 1830, alguns intelectuais criaram revistas com intuito de discutir literatura, artes e ciências, fazendo com que suas idéias

⁸⁴ Apud: MEYER, Marlise. Op. cit., p. 306/307.

tivessem um alcance maior. Algumas delas tiveram repercussão no pensamento nacional, como a *Niterói – Revista Brasiliense de Ciências e Artes*. Impresso em Paris em 1836, esse periódico é considerado de importância crucial para a divulgação do ideário romântico-nacionalista no Brasil. À *Niterói*, sucederam-se outras publicações do mesmo teor:

Em vários centros, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, principalmente nos dois últimos, surgiram revistas em cujos objetivos predominavam a preocupação literária e a intenção crítica, como no Rio de Janeiro a *Minerva Brasiliense* (1843-1845) e a *Guanabara* (1850-1855), dois dos nossos primeiros e principais periódicos românticos, indispensáveis para o estudo do movimento entre nós.⁸⁵

A *Minerva Brasiliense* (1843-1845)⁸⁶, considerada por alguns estudiosos como pioneira na atividade crítica nacional⁸⁷, foi um dos focos do debate literário na década de 1840 e nela escreveram alguns dos críticos mais reconhecidos do período, como Santiago Nunes Ribeiro, Emílio Adet e Joaquim Norberto de Souza Silva. Entre outros periódicos cariocas de destaque, podemos mencionar: o *Guanabara* (1850-1855), publicação fundada e dirigida por Porto-Alegre e Gonçalves Dias⁸⁸, a *Revista Popular* (1859-1862) e a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, publicação do órgão governamental de mesmo nome inaugurado em 1838.

Além do Rio de Janeiro, periódicos que discutiam questões literárias surgiram também em São Paulo. Afinal, segundo Afrânio Coutinho, “o debate crítico do Romantismo produzia-se sobretudo em São Paulo, em torno da Faculdade de Direito, e no Rio de Janeiro, nos jornais e revistas.”⁸⁹ Dentre os impressos desse teor divulgados na capital paulista, podemos mencionar a *Revista da Sociedade Filomática* (1833), cronologicamente “o primeiro periódico de maior importância literária que se publicou em

⁸⁵ CASTELLO, José Aderaldo. *Textos que Interessam à História do Romantismo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1963. “Vol. II – Revistas da época romântica”, p. 6.

⁸⁶ Segundo Luiz Roberto Velloso Cairo, esse periódico abordava assuntos diversificados, como astronomia, medicina, botânica, zoologia, química, física história e literatura, e teve duas fases: “na primeira fase, cujo primeiro número data de 01 de novembro de 1843, era impresso na Tipografia de J. E. S. Cabral que ficava na rua do Hospício, n. 66, no Rio de Janeiro, teve como redator-chefe Francisco de Sales Torres-Homem. [...] Com o número 24, de 15 de outubro de 1844, termina a primeira fase do *Minerva Brasiliense*, que, na verdade, desde o número 22, de 15 de setembro daquele ano, já estava sob a orientação de Santiago Nunes Ribeiro. [...] O jornal passa a ser impresso na Tipografia Austral, situada, no Rio de Janeiro, no Beco de Bragança, n. 15, e sofre algumas reformulações na linha editorial [...]” CAIRO, Luiz Roberto Velloso. Santiago Nunes Ribeiro e o *Minerva Brasiliense*. In: *Letras de Hoje*, n. 1, outubro de 1996, p. 41-42.

⁸⁷ “A crítica literária surge entre nós, pode-se dizer, na *Minerva Brasiliense*[...]” BROCA, Brito. “Origens da Crítica no Brasil”. In: *Românticos, Pré-Românticos e Ultra-Românticos – Vida Literária e Romantismo Brasileiro*. São Paulo: Polis; Brasília: INL, 1979, p. 73.

⁸⁸ Apud: CANDIDO, Antonio. Op. cit., p. 60.

⁸⁹ COUTINHO, Afrânio. “A Crítica Literária Romântica”. In: COUTINHO, Afrânio (direção); COUTINHO, Eduardo de Faria (co-direção). *A Literatura no Brasil*. Vol. III – Era Romântica. São Paulo: Global, 1999, 5a. ed. rev. e atual., p. 339.

São Paulo”⁹⁰. Tratava-se de um órgão oficial da Sociedade Filomática, a qual foi fundada em 1833 por alunos e professores da faculdade de Direito. A ela, seguiram-se vários outros periódicos paulistanos que compartilhavam do mesmo objetivo, como a *Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano* (1852-1864), *O Acaiaba* (1852-1853) e a *Revista da Academia de São Paulo* (1859).

Dentre os nomes que atuaram nesses periódicos, podemos mencionar Justiniano José da Rocha, que estava entre os fundadores da *Revista da Sociedade Filomática*; Álvares de Azevedo, que teve a iniciativa de fundar a *Revista do Ensaio Filosófico Paulistano*, a qual contou com a colaboração de grandes nomes da crítica romântica como A. J. Macedo Soares e Quintino Bocaiúva, o qual esteve entre os redatores de *O Acaiaba*. José de Alencar lembrou, em sua autobiografia literária, a participação na fundação de um periódico em parceria com colegas da Faculdade de Direito: “Fundamos, os primeiranistas de 1846, uma revista semanal sob o título de *Ensaaios Literários*.”⁹¹ Nesse periódico, Alencar fez as primeiras incursões pela literatura e pela crítica literária, publicando a biografia do índio Felipe Camarão, intitulada “A Pátria de Camarão”, e o artigo “Questões de Estilo”.

As publicações periódicas que discutiam literatura tiveram importância na promoção de debates culturais e certamente influenciaram tanto na produção quanto na recepção de muitos escritores do período. Nesse sentido, Raul Antelo observa que os periódicos literários oitocentistas podem ser concebidos como “mediadores de conflitos culturais entre o novo e o institucionalizado”:

São uma voz experiente diante de um público profano, mas funcionam como delegados desse mesmo público perante os próprios autores, discriminando o que dura daquilo que simplesmente passa. Reservam-se o direito, todavia, de julgar, em última análise, o que é apenas moda ou verdadeira literatura.⁹²

Apesar de terem dedicado mais espaço para abordagem de textos poéticos, essas publicações preocuparam-se em discutir questões gerais da literatura brasileira e abriram espaço para a análise de romances nacionais. Como se sabe, na *Minerva Brasiliense* foi publicada aquela que, atualmente, é

⁹⁰ Todas as informações acerca das revistas literárias publicadas em São Paulo durante o período correspondente ao Romantismo Brasileiro foram extraídas de: CASTELLO, José Aderaldo. *Textos que Interessam à História do Romantismo*, Op. cit.

⁹¹ ALENCAR, José de. Op. cit., p. 49.

⁹² ANTELO, Raúl. As Revistas Literárias Brasileiras. In: *Boletim de Pesquisa – NELIC*, n. 2. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, setembro de 1997. Disponível no endereço: www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim_de_Pesquisa2/texto_raul.htm Consulta em 06/10/2005.

considerada a primeira crítica de romance brasileiro, escrita por Dutra e Mello por ocasião do lançamento de *A Moreninha*, em 1844⁹³.

Além disso, devemos considerar que, dos jornais diários, saíram textos que desempenharam um papel significativo nas discussões literárias do Oitocentos, como a polêmica travada em torno das “Cartas Sobre *A Confederação dos Tamoios*” que José de Alencar publicou no *Diário do Rio de Janeiro*. Graças ao impacto que tiveram entre os homens de letras, os artigos do romancista cerarense geraram um dos mais conhecidos debates sobre literatura brasileira⁹⁴.

Vale lembrar, finalmente, que os jornais diários costumavam divulgar pequenas notas em que comunicavam aos leitores a publicação de alguma obra de autor nacional, as quais podiam se resumir à mera menção do livro ou à abordagem mais detida do mesmo através de um breve comentário crítico:

A MORENINHA

pelo Dr. Joaquim Manuel de Macedo, 3.^a edição, ornada com cinco estampas, e a musica para piano e canto da ballada cantada pela Moreninha no rochedo, 1 vol. nitidamente impresso, brochado 2\$500, e encadernado 3\$⁹⁵.

Está no prelo / e brevemente sahirá á luz a obra, escripta em estylo / joco serio, intitulada:

O CAIXEIRO / PERANTE A SOCIEDADE / ou a historia fiel de sua vida, privações e soffrimentos.

Uma obra que, além de instruir, deleita, deve merecer sem duvida a attenção da nobre classe caixeiral, e muito mais por tratar ella da observancia dos dias sanctificados, questão tão debatida pelos jornaes, e a qual ninguem tomou na justa consideração que lhe é devida.

Rua da Quitanda n. 174. ⁹⁶

O primeiro exemplo traz aspectos recorrentes em muitos outros anúncios curtos veiculados pelo *Jornal do Comércio*: a referência ao preço e a aspectos materiais do volume. No exemplo em questão, assinalaram-se a presença de estampas e partituras, a nitidez da impressão e o fato de haver 2 tipos de edição à venda: os volumes brochados, mais baratos, e os volumes encadernados, ligeiramente mais caros. No segundo exemplo, o anunciante parecia dirigir-se a um público específico, a “nobre classe caixeiral”, apesar de indicar que, por tratar da “observancia dos dias sactificados, questão tão debatida

⁹³ Cf. DUTRA E MELLO, Antonio Francisco. “A Moreninha”. In: *Minerva Brasiliense*, 1 de outubro de 1844.

⁹⁴ Cf. COUTINHO, Afrânio (org). *A Polêmica Alencar – Nabuco*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965. Uma análise das “Cartas sobre *A Confederação dos Tamoios*” pode ser encontrada em: CAMPATO JÚNIOR, João Adalberto. *Retórica e Literatura: o Alencar polemista nas Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*. São Paulo: Scortecci, 2003; MARTINS, Eduardo Vieira. *A Fonte Subterrânea*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP/IEL, 2003.

⁹⁵ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro. Typ. Imp. Const. de J. Villeneuve e Comp, 27/09/1849.

pelos jornaes”, interessava a “muito mais” pessoas. Dentre as qualidades destacadas para despertar o interesse dos leitores por *O caixeiro perante a sociedade*, o anunciante mencionou que era uma obra digna de apreciação porque “além de instruir, deleita[va]”, emitindo julgamentos sobre a narrativa.

Em algumas ocasiões, os periódicos diários imprimiam textos mais longos dedicados à apreciação de uma obra ou de um autor. Alguns deles criaram seções específicas para desenvolver essa tarefa, mas geralmente ela fazia parte das atribuições do folhetinista. Além de ser espaço de divulgação de romances, os folhetins tratavam de assuntos corriqueiros e de acontecimentos políticos, eventos sociais e culturais. Por isso, era comum a publicação de comentários a respeito de peças encenadas nos teatros da época e, o que nos interessa mais diretamente, críticas de obras impressas naquele momento, dentre elas algumas produções de romancistas brasileiros.

As críticas de romances nacionais divulgadas na imprensa brasileira oitocentista são documentos importantes para recuperar o contexto de início de produção de romance no Brasil. Qual a noção de romance recorrente na época? O que se esperava de um romancista? Quais os parâmetros utilizados para medir o valor das narrativas? O exame do conjunto de críticas que localizamos possibilitou-nos esboçar possíveis respostas para essas perguntas e perceber a recorrência de alguns critérios de avaliação.

1.4. Um gênero que participou da construção de seus critérios de análise.

A perda de tempo nem sempre é o maior perigo oriundo dos maus Romances. Neles, estragamos o gosto, criamos falsas idéias de virtude, encontramos imagens obscenas, sujeitamo-nos sem perceber; e nos deixamos amolecer pela linguagem sedutora das paixões, sobretudo quando o autor soube emprestar-lhes as cores as mais graciosas. (Bruzen de La Martinière, 1731)

Dentre os critérios utilizados para analisar romances mais recorrentes em críticas divulgadas na imprensa brasileira oitocentista, destaca-se a abordagem do conteúdo moral dos textos. Para entendermos a origem dessa preocupação, é necessário aproximarmo-nos um pouco do debate que emergiu por ocasião da ascensão do romance moderno na Europa setecentista. Afinal, muitos elementos dessa discussão ecoaram nas críticas de romances divulgadas na imprensa oitocentista e estavam disseminados nos paratextos e nos discursos dos narradores das obras estrangeiras que circulavam no Brasil, traduzidas ou nas versões originais.

⁹⁶ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro. Typ. Imp. Const. de J. Villeneuve e Comp, 12/03/1857.

O romance moderno despontou no cenário europeu no século XVIII, trazendo consigo muitas novidades e provocando várias discussões no contexto de sua ascensão. Já havia textos ficcionais em prosa em circulação desde a Grécia Antiga, mas as especificidades do romance moderno levaram seus contemporâneos a considerá-lo um gênero novo. Afinal, em termos gerais, essas narrativas empreenderam um rompimento com os preceitos clássicos que regiam as produções literárias até então, passando a tematizar o homem comum e situações do cotidiano através de uma linguagem mais simplificada.

Alguns estudiosos do “novo gênero” acreditam que seu surgimento esteve atrelado às mudanças ocorridas na sociedade naquele momento. Ian Watt, em seu estudo clássico sobre o tema, identificou as condições que, do ponto de vista literário e social, foram favoráveis para que Defoe, Richardson e Fielding criassem o romance moderno e investigou a forma como eles se beneficiaram dessas condições. As formulações de Watt foram retomadas, repetidas ou contestadas ao longo dos anos, o que sinaliza o terreno espinhoso que consiste em definir o romance moderno e estabelecer o período exato de sua formação⁹⁷.

Apesar de o romance moderno ter contado com o incentivo do público, que o acolheu com muita simpatia, o gênero enfrentou dificuldades para ser aceito como *literatura séria*. Esse processo só se concretizou, na Europa, em meados do século XIX, aproximadamente, após um longo período de debates acerca do gênero e de sua utilidade. Conforme observa Márcia Abreu, ao longo dos séculos XVIII e XIX, proliferaram textos teóricos e críticos cujos autores se dividiam em duas posições extremas: “identificar os defeitos estruturais dos romances e condenar os perigos que sua leitura representaria ou exaltar a ‘nova’ forma e glorificar as virtudes que dela adviriam.”⁹⁸ Na Inglaterra setecentista, berço dos considerados pais-fundadores do romance moderno, Defoe, Richardson e Fielding, essas discussões tiveram início nos prefácios das obras e estenderam-se aos periódicos e à correspondência com os leitores⁹⁹. O mesmo se deu na França, país que forneceu muitos modelos para o gênero.

Muitas das dificuldades enfrentadas pelo romance relacionaram-se ao fato de ele não ter a mesma *origem nobre* dos demais gêneros, ou seja, não ser previsto nas retóricas e poéticas, o que teria originado seu “estado de timidez envergonhada”, nos termos de Antonio Candido. Conforme observa o crítico, o gênero esteve sempre diante da necessidade de justificar sua existência, o que fez com que a teoria do

⁹⁷ Cf. WATT, Ian. “O Público Leitor e o Surgimento do Romance”. In: *A Ascensão do Romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Para saber mais sobre as idéias de grande parte dos autores contemporâneos que formularam teorias acerca do romance moderno, empreendendo discussões acerca das particularidades que o definem e dos elementos que propiciaram sua formação, conferir: VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Op. cit.

⁹⁸ ABREU, Márcia. Op. cit., p. 267.

⁹⁹ VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Op. cit., p. 98.

romance, nos séculos clássicos, atribuisse ao gênero três objetivos que também funcionavam como justificativas: divertir, edificar e instruir.¹⁰⁰ De fato, o modo de olhar para as produções literárias naquele momento havia sido constituído com base nos preceitos clássicos e foi com esse arsenal teórico que muitos estudiosos avaliaram as produções dos romancistas modernos. Os intelectuais compartilhavam de idéias baseadas em retóricas e poéticas clássicas, dentre as quais podemos destacar a noção de que os escritores deveriam obedecer ao preceito horaciano de instruir e agradar e cumprir a exigência de elaborar textos tendo em vista verossimilhança e decoro. Esses foram os principais elementos da teoria clássica aplicados na abordagem do romance¹⁰¹.

Outras das dificuldades enfrentadas pelo romance moderno relacionaram-se com os textos de prosa ficcional que haviam sido produzidos anteriormente, os chamados “romances romanescos”, dos quais o “novo gênero” herdou algumas características e também a desconfiança de parte dos eruditos da época. Segundo Sandra Vasconcelos, tanto na França quanto na Inglaterra, esses textos enfrentaram a “desconfiança daqueles que acreditavam no seu poder corruptor do gosto e dos costumes”¹⁰².

A essas circunstâncias, somou-se o fato de que a leitura de romances se estendera a um maior número de pessoas e era realizada sem supervisão, o que, aos olhos dos detratores do gênero, aumentava seu potencial nocivo. Nos séculos XVIII e XIX, circularam muitos textos cujo intuito era prescrever as obras que deveriam ser lidas e a forma como deveriam ser apreciadas. O romance não se adequava a esse tipo de leitura e suas peculiaridades propiciavam que fosse lido por um público mais amplo, visto que para entendê-lo (e apreciá-lo!) não era necessário familiaridade com preceitos e textos clássicos. Por isso, além de desqualificada, a leitura de romances foi considerada perigosa porque não contava com a mediação de um padre ou de um professor.¹⁰³

Um gênero não previsto na tradição clássica, herdeiro das queixas relativas ao romanescos, cuja leitura possuía um amplo alcance e se fazia sem supervisão: esses podem ser considerados os principais *atributos* que levaram o romance moderno a ser olhado com desconfiança por pessoas que o tornaram objeto de acusações. Resumidamente, argumentou-se que o romance era um gênero cuja leitura não tinha finalidade, corrompia o gosto e aviltava a moral:

Eu os vejo como um divertimento inocente, desde que se lhes dedique apenas algumas horas quando se deseja relaxar. Mas serão horas verdadeiramente perdidas aquelas que lhes forem dedicadas em

¹⁰⁰ CANDIDO, Antonio. “Timidez do Romance”. In: *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo: Ática, 1987, p. 84.

¹⁰¹ Cf. VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Op. cit., p. 37-46.

¹⁰² Idem, p. 37-46.

detrimento dos estudos mais sólidos. A perda de tempo nem sempre é o maior perigo oriundo dos maus Romances. Neles, estragamos o gosto, criamos falsas idéias de virtude, encontramos imagens obscenas, sujeitamo-nos sem perceber; e nos deixamos amolecer pela linguagem sedutora das paixões, sobretudo quando o autor soube emprestar-lhes as cores as mais graciosas.¹⁰⁴

A opinião de que o romance era um “divertimento inocente”, aparentemente favorável a ele, traz fortes restrições: não é uma *literatura séria*, visto que não pertence ao grupo dos “estudos mais sólidos”; a inocência não é uma característica inerente ao gênero, podendo desaparecer caso se dediquem muitas horas à sua leitura. O excerto é bastante ilustrativo, trazendo vários dos argumentos utilizados na época com vistas a vetar a leitura dos romances: a utilidade (a leitura de romances é vista como uma “perda de tempo”), a estética (a leitura desses textos “estraga o gosto”) e a ética (os romances “criam falsas idéias de virtude”, pervertendo a moral e os bons costumes).

Alguns religiosos do período participaram da discussão sobre o romance, mostrando-se contrários a ele pelo fato de que as pessoas se dedicavam mais à sua leitura que à apreciação de textos religiosos. Muitas de suas queixas remeteram-se ao conteúdo imoral das narrativas, como exemplificam as palavras do padre francês Massilon, que, num texto de 1817, alegou que os romances eram “livros nos quais tudo esperta e inspira volúpia” e que, “entusiasmados pelas máximas infames” dessas obras, os leitores abandonavam-se ao “império dos sentidos”¹⁰⁵. Nos textos dos detratores do “novo gênero”, também era comum a idéia de que a leitura de romances era mais nociva às mulheres:

Deve-se tanto cuidar dos livros que uma senhora lê quanto das suas companhias; pois, se se concede que a escuta freqüente de conversas licenciosas prepara naturalmente a mente para aceitação de idéias corrompidas, não se pode negar que os livros nos quais o amor é o único tema e as intrigas amorosas a única ocupação dos atores sejam mais perigosos até mesmo que as más companhias, já que a narração de cenas lascivas poderia chocar ouvidos ainda não endurecidos pelo vício, quando a representação ardente pintada num romance, e lida na privacidade do retiro, não pode deixar de excitar desejos e deixar vestígios impuros na memória.

¹⁰³ Cf. ABREU, Márcia. Op. cit., p. 197-214.

¹⁰⁴ BRUZEN DE LA MARTINIÈRE. Introduction generale à l'étude des sciences et des belles lettres, en faveur des personnes qui ne savent que le François. La Haye: chez Isaac Beauregard, 1731. Apud: ABREU, Márcia. Op. cit., p. 271.

¹⁰⁵ MASSILON. Discours inédit de Massilon, sur le danger des mauvaises lectures, suivi de plusieurs pièces intéressantes. Paris: Beaucé, 1817. Apud: ABREU, Márcia. Op. cit., p. 274-277.

Os romances não apenas poluem as imaginações das jovens, mas igualmente lhes dão falsas idéias sobre a vida, o que muito freqüentemente as faz agir de modo inadequado, devido à mudança romântica no modo de pensar que elas assimilam de seus estudos favoritos. [...] ¹⁰⁶

O artigo alertou os leitores para o “perigo” representado pelos romances, ressaltando a eficiência do gênero no que se refere à corrupção moral, visto que sua leitura solitária e sem supervisão, feita “na privacidade do retiro”, propiciaria mais facilmente a aceitação de conteúdos licenciosos do que o convívio com pessoas de conduta duvidosa. Além do argumento moral, o texto trouxe outra preocupação recorrente quando se tratavam dos efeitos nocivos do romance: a idéia de que o gênero fornecia “falsas idéias sobre a vida”.

Assim, verifica-se que, apesar de abordarem questões diversas, muitas das objeções à leitura de romances estiveram associadas à questão moral. Como observa Sandra Vasconcelos, o princípio horaciano do *utile et dulci* e a justiça aristotélica, que previa a punição do vício e a recompensa da virtude, foram os elementos que balizaram a atividade crítica durante o século XVIII, que buscou condenar as transgressões ao bom gosto e ao bom senso e as cenas grosseiras e vulgares, observando muitas vezes mais os valores éticos que estéticos das obras que discutiam ¹⁰⁷.

Nem todos, entretanto, viam com maus olhos o “novo gênero”, visto que muitas vozes se pronunciaram para defendê-lo. Como observa Márcia Abreu, “a defesa consistiu em responder às duas objeções centrais levantadas pelos críticos: o atentado ao gosto e o atentado à moral.” ¹⁰⁸

Como mencionamos, o fato de o romance não ser um gênero previsto nas poéticas e retóricas colaborou para criar a predisposição negativa de algumas pessoas em relação a ele. Levando isso em conta, alguns dos seus defensores tentaram atribuir-lhe uma *origem nobre*, o que muitas vezes se deu através da associação entre o romance e o gênero épico. Entre os que empreenderam essa aproximação, podemos mencionar Henry Fielding, um dos criadores do romance moderno inglês cuja reflexão sobre o gênero influenciou a produção de muitos outros escritores. Em 1742, no prefácio a *Joseph Andrews*, ele sugeriu que o romance fosse escrito segundo certos preceitos que o tornariam uma “epopéia moderna”. Como observa Sandra Vasconcelos, o autor, “através de sua proposta do ‘poema épico cômico em prosa’,

¹⁰⁶ “Character and Effect of Modern Novels”. In: *London Magazine*, maio de 1773. Apud: VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Op. cit., p. 92-93.

¹⁰⁷ Idem, p. 40-41.

¹⁰⁸ ABREU, Márcia. Op. cit., p. 289.

tentou criar uma forma artística correspondente ao que fora a epopéia para o mundo antigo, isto é, um espelho realista e uma reflexão sobre a vida de seu tempo.”¹⁰⁹

A idéia de que o romance possuía uma relação mais estreita com a realidade foi compartilhada pelos romancistas da época, consistindo num dos principais argumentos utilizados pelos defensores do gênero para diferenciá-lo do romance romanesco. Clara Reeve, em 1785, fixou os termos dessa comparação no livro *The progress of romance*. Nessa obra, ela forneceu uma definição de romance moderno que, como observa Márcia Abreu, foi repetida incansavelmente: uma narrativa que aborda a realidade próxima do leitor, tratando de situações que podem ser vividas no cotidiano, escrita de uma maneira simples com o intuito de propiciar que o leitor se identifique com as personagens e acredite que a história narrada aconteceu¹¹⁰. Ainda hoje, muitos estudiosos distinguem o romance moderno das demais narrativas em prosa mencionando a relação mais estreita que ele estabelece com a realidade cotidiana. Ian Watt, por exemplo, acredita que “o romance coloca de modo mais agudo que qualquer outra forma literária o problema da correspondência entre a obra literária e a realidade que ela imita.”¹¹¹.

As considerações de Diderot são bastante exemplificativas do modo como a relação entre o romance moderno e a realidade foi utilizada como argumento para defender o romance moderno da acusação de corruptor dos costumes. No seu “Elogio a Richardson” (1761), o enciclopedista enfatizou que as obras do autor de *Pâmela* “eleva[va]m o espírito, toca[va]m o coração [e eram] permeadas por um amor pelo que é bom”, características que o levaram a considerar que a leitura dessas narrativas propiciava que o leitor atento recriasse muitas máximas de moralistas como “Montaigne, Charron, La Rochefoucauld e Nicole”. Entretanto, observou que a leitura de romances era mais vantajosa que a leitura das máximas no que se referia ao ensinamento de princípios morais:

Uma máxima é um resumo, regra geral de conduta cuja aplicação é deixada para nós. Não nos inculca nenhuma imagem perceptível em nossas mentes: mas no caso de alguém que age, nós o vemos, nós nos colocamos em seu lugar ou a seu lado, nós tomamos parte entusiasticamente a favor ou contra ele, nós identificamos pelo seu papel se ele é virtuoso e nos afastamos dele indignados se ele é injusto ou cruel¹¹².

¹⁰⁹ VASCONCELOS, Sandra Guardini. “Ensaio Teórico: os capítulos introdutórios de Henry Fielding”. In: *Dez Lições Sobre o Romance Inglês do Século XVIII*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002, p. 86-87.

¹¹⁰ ABREU, Márcia. Op. cit., p. 292.

¹¹¹ WATT, Ian. Op. cit., p. 13.

¹¹² DIDEROT, Denis. “Éloge de Richardson” (1761). Trad. de Célia Mitie Tamura. Trabalho Final do Curso “A Formação do Romance”, ministrado pela profa. Dra. Márcia Abreu. Campinas: IEL/UNICAMP, 2003.

O autor acreditava que o efeito de realidade produzido pelo romance fazia com que o leitor imaginasse as situações narradas e que o encaminhamento do enredo levava-o a identificar-se com as personagens “virtuosas” e a repudiar aquelas que eram “injustas ou cruéis”. Assim, o romance seria mais eficiente que as máximas porque proiciava que o leitor entrasse em contato com situações que lhe forneciam “uma imagem perceptível” da aplicação das mesmas. Esse modo de conceber os benefícios da leitura de romances foi recorrente nas considerações dos entusiastas do gênero:

Como resposta aos críticos que acreditavam que a leitura dos romances conduzia ao pecado, os defensores do gênero tomaram o problema tal como formulado por eles – as narrativas promovem a identificação do leitor com a vida dos personagens – mas inverteram o modo de avaliar tal situação. Enquanto os detratores atinham-se ao pecado que consistia em imaginar-se no lugar de alguém que saía dos trilhos da virtude, os entusiastas dos romances viram aí um fato positivo, pois, em vez de conduzir ao erro, essa experiência ensinaria como evitá-lo, fazendo com que os leitores não tivessem que se equivocar em suas próprias vidas.¹¹³

Nesse sentido, podemos dizer que os argumentos destinados a defender o romance no que se refere à questão moral também ofereceram uma resposta às acusações daqueles que o consideravam uma leitura sem finalidade, que levava as pessoas a perderem tempo. Afinal, essas narrativas realizariam a tarefa de instruir os leitores, ajudando-os a fortalecer seus princípios morais. A utilidade dos romances também foi postulada por Sade, que defendeu a idéia de que o gênero era “o quadro dos costumes seculares” e ajudava a entender o ser humano porque “capta[va]-o no interior”¹¹⁴. Diderot, como vimos, utilizou uma linha argumentativa semelhante para defender o gênero, alegando que a abundância de detalhes permitia que o leitor estabelecesse intimidade com as personagens e sentisse o impacto das experiências narradas.

A defesa do romance também foi feita mediante o apelo ao leitor, seja através de paratextos ou no interior das próprias obras. Essas interpelações, além de sugerir pistas quanto ao modo como os romances deveriam ser lidos ou interpretados, costumavam assinalar o caráter moralizante e verídico da narrativa, como podemos verificar em *Moll Flanders* (1722), do pioneiro romancista inglês Daniel Defoe. No prefácio, o autor, ao mesmo tempo em que atribuiu veracidade à narrativa, informando que se tratava da biografia

¹¹³ ABREU, Márcia. Op. cit., p. 309.

¹¹⁴ SADE, Donatien Alphonse François, Marquês de. “Nota Sobre Romances ou A Arte de Escrever ao Gosto do Público”. In: *Os Crimes do Amor*. Trad. de Magnólia Costa Santos. Porto Alegre: L&PM, 2002, p. 46. **Obs.:** nesse texto, o autor se propôs a analisar a origem do termo e do gênero romance, assim como prescrever as regras que se deveriam seguir para “chegar à perfeição da arte de escrever”.

de uma mulher promíscua que se regenerava, mencionou os recursos de que se valeu para evitar que o texto fosse imoral:

Através da imensa variedade deste livro, apegamo-nos estritamente a uma idéia básica: não incluir, em nenhuma parte, alguma ação perversa que não dê origem a conseqüências infelizes; não pôr em cena um autêntico vilão sem que acabe mal ou seja levado a se arrepender; não mencionar qualquer ato criminoso sem condená-lo na própria narrativa, e nenhuma ação virtuosa e justa que deixe de receber o seu louvor. [...]

Estas são as razões por que o livro é recomendado: como obra em que cada uma das partes pode ensinar algo, e de que se podem extrair algumas justas e piedosas conclusões, por meio das quais o leitor se instruirá, se desejar aproveitar-se delas.¹¹⁵

Ao mesmo tempo em que defendeu o caráter edificante da narrativa, o autor deu indicações de como o leitor deveria interpretar a obra de forma a instruir-se e chegar a “justas e piedosas conclusões”. O cuidado com o leitor podia ser flagrado também no interior da narrativa:

O leitor poderá ver sem dificuldade que, a partir do momento em que a intriga, como eles acreditavam, foi descoberta, e eles acreditavam saber como as coisas se haviam passado, não seria tão difícil nem tão perigoso para o irmão mais velho, de quem ninguém suspeitava, ter mais livre acesso a mim do que antes.¹¹⁶

Os excertos da obra de Defoe mencionados acima pertencem, respectivamente, ao “Prefácio do Autor” e ao segundo capítulo da narrativa em primeira pessoa, o que revela a existência de duas vozes que se dirigiam ao público: o autor e a própria Moll Flanders. Ambas as vozes compartilhavam do mesmo objetivo: envolver o leitor e captar sua benevolência, seja postulando que a narrativa poderia lhe ser útil em termos de aprendizado ou tentando fazer dele um cúmplice que, a par de todos os acontecimentos, conseguia acompanhar, “sem dificuldade”, o andamento da história e a relação de causa e efeito entre os episódios.

Essa maneira de se relacionar com o leitor foi bastante recorrente nas narrativas oitocentistas e constituiu um dos rompimentos do romance moderno em relação aos textos ficcionais que circularam até então. Diferentemente da leitura ortodoxa, que pressupunha um conjunto de regras para escrita dos textos e estabelecia um sistema de cotejamento das obras como forma de avaliação, no universo dos romances,

¹¹⁵ DEFOE, Daniel. *Moll Flanders*. Trad. de Antônio Alves Cury. São Paulo: Nova Cultural, 2003, p. 9-14.

“o leitor ocupava o centro” e “toda preocupação do escritor deveria ser agradá-lo, emocioná-lo, não deixá-lo escapar.”¹¹⁷

Devemos considerar, finalmente, que as questões que percorreram o debate acerca do gênero foram ingredientes importantes no processo de sua constituição. Exemplo disso pode ser tomado no fato de que, assim como muitas críticas de romance basearam-se na questão moral, as tentativas de nobilitá-lo foram feitas através de argumentos que direta ou indiretamente defenderam o caráter moralizante das narrativas. A preocupação dos prosadores da época de elaborar romances em que a virtude fosse exaltada e o vício condenado, assim como o cuidado de interpelar o leitor sugerindo o modo como deveria ler o texto para assegurar sua interpretação correta, são elementos que podem ser concebidos como respostas a essas questões. Dessa forma, os *truques* utilizados pelos primeiros romancistas modernos para desvencilharem-se das críticas contrárias empreendidas por alguns dos seus contemporâneos fizeram o romance setecentista europeu fosse povoado por algumas tópicas, dentre as quais se destacavam a moralização, o intuito de dar caráter verídico às narrativas e as interpelações ao leitor. Essas tópicas, por sua vez, acabaram se tornando fórmulas recorrentes, tendo em vista que os romances setecentistas que obtiveram êxito junto aos leitores, como as obras de Samuel Richardson e Henry Fielding¹¹⁸, foram tomados como parâmetro pelos prosadores subsequentes. Por isso, grande parte dos romances estrangeiros que circularam no Brasil no momento em que foram produzidas as primeiras narrativas nacionais possuíam um teor edificante. Lendo várias obras escritas sob esse molde, os escritores brasileiros, mesmo não tendo acesso aos textos que compuseram o debate europeu sobre o “novo gênero”, eram levados a crer que um bom romance deveria “deleitar e instruir” o leitor. Essa seria uma das razões para o fato de que esses elementos estiveram muito presentes nas críticas e comentários sobre romance divulgados pela imprensa brasileira oitocentista, os quais apresentaram ecos do debate europeu sobre o gênero, como a valorização da moral e o papel atribuído ao romancista.

A análise do caráter moralizante das narrativas foi a preocupação mais recorrente nas críticas de romances brasileiros publicadas até meados do Oitocentos, sendo um dos mais importantes critérios de avaliação do período¹¹⁹. Não nos parece possível afirmar que os brasileiros que discutiram o romance efetivamente leram os textos que compuseram o debate europeu sobre o gênero, mas podemos inferir que

¹¹⁶ Idem, p. 69.

¹¹⁷ ABREU, Márcia. *Os Caminhos dos Livros, Op. Cit.*, p. 301-302.

¹¹⁸ Cf. VASCONCELOS, Sandra Guardini. “Subjetividade e Mundo Doméstico no Romance” e “Ensaio Teórico: os capítulos introdutórios de Henry Fielding”. In: *Dez Lições Sobre o Romance Inglês do Século XVIII*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

eles conheciam as idéias que estiveram em jogo. Levando em conta a preocupação dos romancistas europeus com a moralização, podemos pensar que a importância atribuída pelos críticos brasileiros à moral era um critério de avaliação suscitado pela leitura dos próprios romances modernos disponíveis naquele momento, escritos, em sua maioria, com o intuito de “deleitar e instruir”. Como vimos, muitas das acusações feitas ao romance moderno no momento de sua formação e ascensão estavam ligadas ao argumento de que ele corrompia os leitores com um conteúdo supostamente imoral. Empenhados em defender o gênero, alguns homens de letras se apoiaram no princípio horaciano do *utile et dulci* para nobilitá-lo, atribuindo-lhe uma função e retirando dele a alcunha de “corruptor dos costumes”, estratégia presente em muitas obras. Importando os romances escritos sob esse molde, escritores e leitores brasileiros *importaram* também esse modo de conceber o romance, sua função e o papel do romancista e, por isso, tomaram a questão moral e o preceito horaciano como um dos principais critérios de julgamento das obras.

1.5. A avaliação da moralidade dos romances no Brasil.

Instruir deleitando, he instruir profundamente sob as cores que mais sorprendem a phantasia e robustecem a consciencia, e levando a alma a huma eminencia donde vê fluctuarem as paixões e as fraquezas, como em hum oceano cuja amplitude toda está aberta a suas vistas; he a missão da philanthropia litteraria [...]. (Dr. Valdez e Palacios. “Bibliographia. Mystérios de Paris”. In: *Minerva Brasiliense*. 1845).

Uma das primeiras críticas de romances publicadas pela imprensa brasileira data de 1812 e foi veiculada pelo *Correio Braziliense ou Armazém Literário*, por ocasião do lançamento da tradução de *Atala ou Os Amantes do Deserto*, de Chateaubriand¹²⁰:

¹¹⁹ Um estudo sobre a recepção do romance no Brasil oitocentista e sobre a importância da moral nas críticas do período pode ser encontrado em ABREU, Márcia. “Rumos da Ficção no Brasil Oitocentista”. In: *Moara – Estudos Literários*. Belém, jan./jun. 2004, n. 21, p. 7-31.

¹²⁰ Chateaubriand foi um autor que teve um lugar garantido na preferência dos leitores de romances brasileiros, visto que, ao longo da década de 1840, há inúmeros anúncios da venda de narrativas de sua autoria no *Jornal do Comércio*. Em 1859, a *Revista Popular* publicou um artigo em que abordou episódios de sua biografia e comentou a nova edição de suas *Memórias de Além Túmulo*. Cf.: “Chateaubriand e seu tempo”. In: *Revista Popular*. Rio de Janeiro: Typographia Moderna de Georges Bertrand. Ano I, Tomo 1, 4 de janeiro a 15 de março de 1859, p. 119-122.

A immensidade de novellas que se tem publicado durante o seculo passado, e neste, a insipidez, inutilidade, e muitas vezes depravação destas publicações, tem feito caracterizar esta sorte de composições, como uma leitura somente propria de espiritos frivolos, e como um emprego inutil, quando não seja de consequencias funestas á moral do leitor. Não entram porém nesta classe as novellas fundadas em principio da verdadeira moral, e tendentes a inspirar no leitor as maximas de prudencia, e as regras de conducta, que se incluem nas paridades, e emblemas, que divertindo o espirito, forma o entendimento, e regem o coração. Taes são um Telemaco, um Feliz independente do mundo e da Fortuna; e tal he a Atala.¹²¹

Em meio a tantos livros destinados a “espíritos frívolos”, os que se salvavam, segundo o autor, eram aqueles fundados na moral. O texto não generalizou a característica da “depravação” a todos os romances, já que seu autor acreditava que alguns deles poderiam “inspirar no leitor as máximas de prudência e as regras de conducta”. O crítico, portanto, não era contrário ao gênero em si, mas a algumas obras, tanto que recomendou a leitura de três narrativas, dentre as quais figuraram *As Aventuras de Telêmaco*, velho conhecido do público brasileiro.

A preocupação com o caráter moralizante dos romances apareceu também em *O Beija-Flor* (1830-1831), que, como mencionamos, foi um dos primeiros periódicos nacionais a veicular prosa de ficção traduzida ao público brasileiro. Uma das narrativas publicadas por esse periódico foi *O Colar de Pérolas ou Clorinda*, texto erroneamente atribuído a Walter Scott¹²². O texto foi acompanhado de um prólogo em que o tradutor ressaltou a importância da iniciativa de traduzir uma narrativa do autor de *Ivanhoé* e explicitou os motivos que o levaram a fazê-lo:

Walter-Scott cuja reputação não se limita á Escossia, sua patria, nem mesmo á Europa, e passou o Atlantico, não tem ainda sido traduzido em o nosso idioma, no qual trasladarão-se tantos enjoativos romances: pareceo-nos portanto que fariamos hum serviço á nossa litteratura nascente, offerecendo ao publico um specimen do estilo, e o methodo de Walter-Scott que, com justa razão, foi chamado o historiador nas novellas, e o novellista da historia. [...]

Hum dos caracteristicos de Walter-Scott, he a pureza, e decencia do seu modo de tratar o amor. Jamais houve romanceiro mais casto. Ordinariamente os seus heroes, ou heroinas, se bem que por dever imperioso do romanceiro, elles estejam namorados, não apparecem senão no segundo plano. He verdade na novella que traduzimos tanto por ser breve, e caber nos limites de dois folhetos, como porque o

¹²¹ “Portugal. *Atala ou os amantes do deserto, a harmonia da religião christã com as scenas da natureza, e paixões do coração humano*. Lisboa. 1810. 1 vol. em 12, p. 157.” *Correio Braziliense ou Armazen Literario*. Londres, W. Lewis, na Oficina do Correio Braziliense, St. John Square, Clerkenwell, outubro 1812, p. 590. Apud: ABREU, Márcia. Op. cit., p. 311.

¹²² Essa narrativa foi escrita por Constantine Henry Phipps ou Lord Normanby. Cf. RAMICELLI, Maria Eulália. Op. cit.

mesmo Walter-Scott, dando-se a si mesmo o segundo papel, delinea sua configuração física, e moral, os amantes representam as primeiras figuras; porém o autor, vêla com tal delicadeza o criminoso da sua paixão, e os mostra na catastrophe tão cruelmente castigados, que a lição de moral que quiz dar não pode deixar de se gravar profundamente no coração.¹²³

Apesar de mencionar que o tamanho reduzido do texto foi um fator importante para que fosse publicado, o tradutor enfatizou que seu teor moralizante foi igualmente decisivo. A seu ver, a leitura da “novela” era recomendável porque, seguindo as tendências das demais produções do escritor, a obra encerrava uma “lição de moral” que “se gravava profundamente no coração”. O fato de o texto ter sido atribuído a Walter Scott pode ser tomado como indício do prestígio desse autor entre os brasileiros, elemento que facilitaria a recepção do texto¹²⁴.

Essa mesma crença de que os romances poderiam conter “lições” aproveitáveis para os leitores esteve presente nas considerações de Pereira da Silva acerca do gênero. Em setembro de 1837, ele publicou, no *Jornal de Debates*, o artigo “Os Romances Modernos e sua Influência”, no qual se mostrou um entusiasta do romance, lembrando alguns argumentos apresentados na Europa em defesa do gênero. O crítico mencionou o gosto que o “belo sexo” nutria pelo romance, o qual era compartilhado pelos “mancebos e os velhos”, atribuindo tal predileção às peculiaridades dessa forma literária:

Pelos romances, começam quase todas as literaturas; a infância dos povos é sempre embalada no berço das ficções, e dos jogos da imaginação; e demais, o belo sexo, que desde o começo das sociedades, rigorosamente falando, tem dominado o mundo, e dirigido o gosto, uniram-se mais a esta especialidade da literatura, por representar em mais vasto quadro, que nenhuma composição, os desvarios da vida humana, os sentimentos de nossa alma, os queixumes e gemidos de nossos corações; e na verdade o belo sexo, tão digno de governar os homens por sua própria fraqueza, e pelos dotes da formosura, com que o mimoseou a natureza, tem toda a razão em sentir-se atraído por essa espécie ou gênero de literatura, com que nasce a humanidade, e com que morre.¹²⁵

¹²³ “Litteratura. O Collar de Perolas, ou Clorinda. Traduzido do Inglez de Walter-Scott. Prologo do Traductor.” In: *Beija-Flor – Annaes Brasileiros de Sciencia, Política, Litteratura, etc.* Rio de Janeiro: Tipographia de Gheffier e C.^a, 1830., p. 30-32.

¹²⁴ A pesquisa de Sandra Vasconcelos mostra que Walter Scott foi bastante apreciado pelo público leitor brasileiro oitocentista. Cf. VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. “Cruzando o Atlântico: notas sobre a recepção de Walter Scott”. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance – circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

¹²⁵ SILVA, João Manuel Pereira da. “Os Romances Modernos e sua Influência”. In: *Jornal de Debates*, 23 de setembro de 1837. Apud: *Matraga – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras/Universidade do Estado do Rio de Janeiro*. Ano 10, n. 15. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2003.

O autor acreditava que as mulheres tinham grande responsabilidade pela expansão do gosto pela leitura de romances e via nisso algo positivo, pois considerou justa a atração que o gênero exercia sobre elas. Assim como os entusiastas europeus, Pereira da Silva parecia conceber a leitura de romances como uma forma de conhecer mais profundamente os seres humanos, sua alma e seus sentimentos. Devemos notar, ainda, que o autor considerou que o romance sempre esteve presente na história da humanidade, sendo o germe de quase todas as literaturas. O modo como defendeu a antigüidade do romance faz com que lembremos algumas discussões européias acerca da origem do gênero. Afinal, ele traçou uma pequena história da prosa de ficção: a seu ver, o romance mantivera relações intrínsecas com os textos da Bíblia, depois fora cultivado pelos gregos e romanos, teve presença marcante na Idade Média, até chegar ao século XIX. O crítico parece ter lido muitas obras e empregado um tempo razoável para, embasado na reflexão sobre as peculiaridades e a suposta *evolução* do gênero romanesco, encontrar uma ascendência para ele.

Essa impressão fica reforçada pelas considerações que apresentou ao abordar as narrativas modernas, pois Pereira da Silva dividiu essas produções em dois grupos. Primeiramente, haveria os romances com “certo espírito histórico”, os quais teriam como maior representante Walter Scott e seus seguidores, como Cooper, Victor Hugo, Alfredo de Vigny, Manzoni, Splaidler: os “frutos da escola histórica de Walter Scott”. O “outro gênero de romances” estabelecido por ele enquadrava as narrativas que renunciavam o fundo histórico e teciam “a apologia do sentimento íntimo, e dos sofrimentos internos”, cujo criador seria Goethe, o qual fora acompanhado por Schiller, Bernardin de Saint Pierre, Chateaubriand, Benjamim Constant, Ugo Foscolo e Rousseau.

O texto de Pereira da Silva apresentou alguma semelhança com a crítica divulgada no *Correio Braziliense*, tendo em vista que também postulou que a literatura em língua portuguesa estava “cheia de maus romances, e de péssimas novelas”. Por isso, o autor lamentou que os livros de Walter Scott não estivessem traduzidos e indicou alguns romances vertidos para o português que deveriam ser preferidos pelos leitores brasileiros, dentre os quais figurou *Atala*, que, como vimos, fora recomendado em 1812.

No mesmo ano em que Pereira da Silva publicou esse artigo, o padre Lopes Gama divulgou um dos primeiros textos em que abordou o romance. A coincidência é curiosa porque, diferentemente de Pereira da Silva, o religioso mostrou-se um detrator do gênero, ecoando muitos dos argumentos que povoaram o debate europeu. Lopes Gama era responsável por *O Carapuceiro – periódico sempre moral e só por acidente político*, publicado no Recife pela primeira vez em 1832, o qual foi definido por ele como

“um periódico que se dirig[ia] a corrigir os vícios ridículos.”¹²⁶ Semelhante definição justificava a presença de inúmeros textos com teor moralizante em que criticou os costumes da sociedade da época. As queixas do religioso quanto ao romance referiram-se à inutilidade de sua leitura, principalmente para as mulheres, à corrupção da língua portuguesa como fruto das traduções dos romances europeus e, enfaticamente, à imoralidade que, ao seu ver, estava presente nessas obras:

Em que se há de entreter esta santinha a noite inteira? Oh, essa é boa! E para que se compuseram as *Mil e uma noites*, os *Mil e um quartos de hora*, as *Adelaides*, o *Menino da selva*, as *Joaninhas*, e tantas novelas, cuja nomenclatura talvez exceda às bibliotecas do Vaticano e do Escorial? Em ler esses bons mestres de moral, na aquisição dessas idéias eróticas entretém-se a menina (muito proveitosamente) até meia-noite, hora da ceia, e daí para a cama. Em que se ocupa esta senhora toda a sua vida? Em nada. Pois não sabe coser, nem bordar, nem remendar? Nada disto: nunca tais grosserias lhe ensinaram. Saberá ao menos fazer torcida? É boa pergunta essa. Torcidas só fazem escravas, ou gente miserável. E sendo tão versada em novelas sentimentais, terá adquirido a habilidade de fazer charadas? Talvez que alguma *mademoiselle* Brumont lha tenha ensinado.¹²⁷

A passagem insinuava que muitas mulheres nada sabiam de útil e prático, tendo sua vida e suas idéias resumidas ao conteúdo imoral que absorviam da leitura intensa de romances. É notável, no trecho, a colocação do autor referente à abundância de romances: a seu ver, os títulos excediam à biblioteca do Vaticano e do Escorial, o que indica a presença marcante de romances no país na década de 1830.

A essência dessas queixas permaneceu nos textos que publicou na década seguinte. Em uma crônica de janeiro de 1840, Lopes Gama alegou que as mulheres brasileiras recebiam uma “educação meramente sensual”, pois seus pais só se preocupavam em “fazê-las aprender a música, o piano, danças de todas as castas, a coser e bordar, ler e escrever, e a infundir-lhes nos tenros coraçõesinhos todo o gênero de vaidades”. O padre insinuou que a situação era agravada pelo fato de que o único “recreio espiritual” das “meninas” era “a lição do imenso armazém das novelas”, tendo em vista que não tinham conhecimento da bíblia e dos preceitos religiosos. Esse tipo de atitude explicaria porque, no Brasil, as pessoas só aspiravam aos “gozos materiais”¹²⁸. À semelhança dos religiosos europeus, Lopes Gama mostrava-se incomodado com o fato de que a leitura de romances possuía mais adeptos que a leitura de

¹²⁶ GAMA, Lopes. “O nosso gosto por macaquear.” *O Carapuceiro*, 14/01/1840). In: *O Carapuceiro: Crônicas de costumes*. Organização Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 346/347.

¹²⁷ GAMA, Lopes. “O Vadiismo” . *O Carapuceiro*, 17/06/1837. In: *O Carapuceiro: Crônicas de costumes*. Op. cit., p. 197-198.

¹²⁸ GAMA, Lopes. “A estultice do bumba-meu-boi.” *O Carapuceiro*, 11/01/1840. In: *O Carapuceiro: Crônicas de costumes*. Op. cit., p. 336-337.

textos religiosos. O eco das discussões européias nas considerações do “padre carapuceiro” sobre o romance é visível, também, nas passagens em que discutiu a educação feminina, já que, como os europeus, ele acreditava que a leitura de romances era mais *perigosa* para as mulheres:

Se alguma ingerência tivesse nos colégios estabelecidos em Pernambuco, eu recomendaria às Sras. Diretoras, não consentissem às suas educandas a perniciosíssima leitura de novelas, porque para dizer de uma vez tudo a quem bem me entende, nenhuma necessidade há de ensinar ao gato o caminho da despesa. Não faltará quem já me estranhe muito que embirro com as tais novelas; mas não sou eu só, todos os moralistas as reprovam e entendem que são prejudiciais, mormente ao belo sexo no verdor dos anos. A senhora Campan, cuja obra a respeito de educação de meninas é tida por clássica, assim se exprime a este respeito: “Na idade em que o juízo ainda não está formado, em que as primeira idéias são excitadas por sensações vagas, releva preservar escrupulosamente as meninas da leitura de novelas. Estas obras têm o perigo de abalar o coração e o espírito por sentimentos nascidos do poder do amor, por inclinações contrariadas e por sucessos imaginários que o talento do autor envolve de uma verossimilhança enganosa.”

“A necessidade de produzir grandes efeitos força os novelistas a exagerar a pintura dos vícios e das virtudes. Estas produções, comparáveis a uma falsa carta de geografia, descarreiam em vez de guiar os primeiros passos de uma meninas. Dirá alguém que novelas há, cuja moral é tão pura que podem ser lidas sem perigo, pois que nelas o vício é sempre punido, a virtude recompensada, e vêm-se belos e nobres caracteres; mas são sofisticados todos os argumentos que se produzem em favor de tais leituras, porque nesses livros nunca é banido o amor, neles os amantes correspondidos são belos, são cavalheiros sinceros e fiéis. Tão sedutora pintura fera a imaginação de uma menina, e desde logo ela entra a procurar no mundo a quimérica imagem dos heróis cujas aventuras tem lido e se (o que muitas vezes acontece) o marido que lhes fora destinado não lhe oferece semelhanças com essa imagem querida, também muitas vezes acontece que a moça casada tem a desgraça de a procurar ainda.”¹²⁹

Lopes Gama parecia ciente de que sua insistência em combater a “perniciosíssima leitura de novelas” poderia ser mal recebida e, para justificar-se, argumentou que, à sua voz, somavam-se as de “todos os moralistas” empenhados em reprovar uma leitura tão prejudicial, principalmente para as mulheres. O autor parecia estar a par do debate ocorrido na Europa e, para dar força aos seus argumentos, veiculou ao público brasileiro o texto de uma educadora européia. O texto da “senhora Campan” continha as idéias recorrentes entre os detratores do gênero: para ela, os romances abalavam “o

¹²⁹ GAMA, Lopes. “A Instrução das Nossas Meninas nos Colégios.” *O Carapuceiro*, 6 de maio de 1843. In: MELLO, José Antônio Gonsalves de. *O Carapuceiro: o padre Lopes Gama e o Diário de Pernambuco 1840-1845*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1996, p. 45 a 48.

coração e o espírito” devido à “verossimilhança enganosa” que o autor imprimia à narrativa e esse efeito, obtido pelo exagero na pintura dos vícios e das virtudes, levava as mulheres a ficarem descontentes com a realidade que as cercava. Com essa formulação, ela também tentou desbancar os argumentos dos defensores do gênero, muitos dos quais, como vimos, apregoavam que o romance instruíra justamente porque tematizava o vício e a virtude com vistas a exaltar esta e condenar aquele.

Vemos que Lopes Gama, entre fins da década de 1830 e meados da década de 1840, empenhou-se na luta contra a leitura de romances, centrando-se na condenação do aspecto imoral das narrativas, parecendo estar a par das discussões ocorridas na Europa acerca do gênero. Vale ressaltar que suas idéias sobre o romance tiveram difusão na corte, visto que anúncios da venda de *O Carapuceiro* apareceram várias vezes ao longo da década de 1840 no *Jornal do Comércio*¹³⁰.

A crítica sobre romances na década de 1840 contou ainda com outras colaborações. Em 1843, a *Minerva Brasiliense* publicou uma série de artigos de Emílio Adet intitulada “Litteratura Contemporanea Franceza”, em que o autor avaliou a influência das produções dos escritores franceses sobre a literatura mundial. No terceiro artigo, o crítico traçou um breve panorama da produção de romances modernos, tecendo considerações interessantes sobre o gênero. O texto tratou, primeiramente, da ascensão do romance moderno na Europa:

A novella, que occupa tão grande lugar na litteratura moderna, apresentou-se a principio em França, na Idade Media, quasi sob huma fórma épica, por ser cavalheiresca; porém bem depressa tornou-se extravagante e ridicula. Lesage foi o primeiro, após Cervantes, que na Europa comprehendeu primeiro o romance de costumes; a Inglaterra teve depois Fielding, Richardson e Walter Scott; a Allemanha, Goethe e Tieck; a Italia, Manzoni. Os espiritos graves do seculo 17, alimentados com esta immortal litteratura grega, não se occupavam com hum genero que lhes parecia desprezivel. São hoje os maiores genios da época que o representam: Chateaubriand, Victor Hugo, Alfredo de Vigny, Georges Sand, Alexandre Dumas, e, forçoso he dizel-o, se exceptuarmos as *Cartas Persianas* de Montesquieu, a *Nova Heloisa* de J. J. Rousseau e a *Delphina* de madame de Stael, o romance como se entende nos nossos dias não existia; este romance amplo, que mostra a sociedade sob todas as suas faces, que perscruta as dobras do coração e revela os sentimentos que ellas guardam; que evoca os seculos historicos á luz por que passaram, e que, quando he huma obra de imaginação, toca todas as incertezas, todas as displicencias, todos os vicios da nossa epocha; e d’ahi, estendendo os seus dominios até a philosophia, vem plantar o

¹³⁰ Como exemplo, podemos mencionar os seguintes anúncios:

“O Carapuceiro impresso em Pernambuco, 4 vols., 12\$rs., e encad. 16\$rs.; vende-se na rua do Ouvidor n. 121, casa do Livro Azul.” *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 29/07/1844.

“O Carapuceiro, obra critica, moral e divertida, 4 grandes vols., 12\$; vende-se na rua do Ouvidor n. 121, casa do Livro Azul.” *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. 21/09/1850.

pé sobre as instituições sociais. Porquanto, quem se recorda dos longos e insípidos romances de Scudéry e de la Calprenède? Quem se lembra do demasiado romanesco Prévost, o qual todavia sobrepujou muitos romancistas modernos pelo que respeita às combinações? As mulheres que escreveram antes da época de que fallamos aqui, á excepção de madame de Stael, pintaram o amor terno e respeitoso com bastante elegancia por certo e bastante graça, mas sem força e profundidade.¹³¹

O autor traçou, de seu ponto de vista, a *evolução* do gênero, lembrando algumas idéias discutidas na Europa quanto à distinção entre romance moderno e romance romanesco. Apesar de não ser explícito, ele parecia favorável ao romance moderno, que, a seu ver, abordava o cotidiano e a alma das pessoas comuns, mostrando “a sociedade sob todas as suas faces” e revelando sentimentos que se guardavam no coração. Além disso, assinalou que o gênero podia tomar como matéria alguns acontecimentos históricos, seja de modo fidedigno ou utilizando a imaginação para caracterizar “incertezas”, “displicências” e “vícios” da época. Essa mesma simpatia não se manteve quando abordou as narrativas anteriormente produzidas, os chamados romances romanescos, caracterizados por ele como “longos e insípidos” e desprovidos de “força e profundidade”. Emile Adêt parecia acreditar que o romance já fazia parte da *literatura séria*, pois mencionou que, no século XVII, os “espíritos graves” não se ocupavam do romance, considerado um gênero “desprezível”, o que já não se verificava a partir do século posterior, pois “os maiores gênios da época” eram romancistas.

Após essas considerações, o crítico comentou as produções de romancistas modernos, como Victor Hugo e Alfredo de Vigny, autores, respectivamente, de *Notre Dame de Paris* e *Cinq-Mars*, textos considerados “romances históricos de primeira linha”; Chateaubriand, em sua opinião “o maior dos romancistas de imaginação”, seguido de Georges Sand, que ocuparia o *segundo lugar* na produção de narrativas desse teor; Balzac, “hábil pintor de costumes”, a quem sucedia, em ordem de importância, Eugène Sue.

A crença de que um bom romance era aquele que trazia “lições de moral” para os leitores, recorrente nos textos que se pronunciaram sobre os romances estrangeiros, fez escola também nas críticas que se propuseram a analisar as produções nacionais. Esse aspecto pode ser flagrado na primeira crítica de romance brasileiro de que se tem notícia: o texto que Dutra e Mello escreveu por ocasião da publicação de *A Moreninha*, de Macedo, publicado na *Minerva Brasiliense* em 1844, mesmo ano em que

¹³¹ ADÊT, Emile. “Litteratura Contemporanea Franceza – Artigo III”. In: *Minerva Brasiliense*. N. 4, Vol. I. 15 de dezembro de 1843.

veio a lume a mencionada narrativa. Antes de dedicar-se à apreciação da obra, o crítico traçou uma breve história do gênero e explicitou suas opiniões acerca dele:

O romance, essa nova fôrma litteraria que se reproduz espantosamente, que mana caudal e soberba da França, da Inglaterra e da Allemanha, tem sido a mais fecunda e caprichosa manifestação de ideias do seculo actual. He incalculavel o numero de paginas semivivas, pallidas e esboçadas, raramente sublimes, consoladoras ou asceticas, mas com frequencia dotadas de hum verniz brilhante, d'hum colorido fogozo, que a improvisação enthusiasmada pela mania d'hum mundo de leitores arranca do berço horaciano onde hum novennio de cuidados as aguardava. Fluctuando aqui e ali hum publico insaciavel as abraça, devora-as com avidéz, deixa as com indifferença, calca, rola na poeira e esquece para sempre.¹³²

O autor assinalou o grande aumento da publicação de romance, mas não olhou com bons olhos a maior parte das produções, que, para ele, eram significativas em termos de quantidade e destituídas de qualidade. A essa abundância de produções, corresponderia uma leitura extensiva das obras que Dutra e Mello não aprovava, pois insinuou que as pessoas “devoravam” os livros sem apreciá-los e depois os esqueciam, não tirando qualquer proveito da leitura além da mera distração. Por isso, reconheceu que o público era o grande incentivador da produção do gênero e acusou-o de haver retirado o romance do “berço horaciano”. Essa acusação se deveu ao fato de que, a seu ver, o apelo dos leitores para que se publicassem novos romances levou os escritores a desconsiderarem que deveriam não só *agradar*, mas também *instruir* o público:

[O romance] esqueceo-se de que devia fazer a educação do povo, ou pelo menos de que podia aproveitar o seu prestigio para isso. Penetrando na cabana humilde, na recamara sumptuosa, no leito da indigencia, no aposento do fausto, perdeu de vista o fanal que devia guial-o; deslembrou-se de levar a toda a parte a imagem da virtude, a consolação mitigadora, a esperança e o horror do vicio.¹³³

Dutra e Mello queixou-se da falta de instruções moralizantes nas narrativas, alegando que o romance, devido ao fato de alcançar um público muito vasto, deveria empenhar-se em educá-lo. Ouve-se o eco das considerações divulgadas no debate europeu acerca do papel do romance e do romancista: exaltar a virtude e condenar o vício, correspondendo ao preceito horaciano de divertir e instruir. O crítico demonstrou otimismo otimista quanto à produção de romances no Brasil e indicou alguns caminhos para

¹³² DUTRA E MELLO, Antonio Francisco. “A Moreninha”. In: *Minerva Brasiliense*, 1 de outubro de 1844.

¹³³ Idem.

os prosadores nacionais: dedicarem-se à narrativa histórica ou à produção de “romances filosóficos”, tendo sempre em vista o preceito horaciano de agradar e instruir. Quando empreendeu a análise do romance de Macedo, apesar de elogiar o modo como trabalhou o enredo, o cenário, a verossimilhança das personagens e dos acontecimentos, não teceu comentários sobre a moral do texto. Podemos pensar, então, que os conselhos proferidos por ele destinavam-se também ao autor de *A Moreninha*, visto que, em um momento do texto, pediu ao “colega e amigo” que escrevesse algumas páginas que trouxessem lenitivo aos leitores brasileiros influenciados pelo “materialismo, torpeza e libertinagem” de muitos romances estrangeiros que circulavam no país.

Em 1845, a *Minerva Brasiliense* divulgou outra crítica de romance: a apreciação dos *Mistérios de Paris*, que, como vimos, foi uma das narrativas mais bem recebidas pelo público brasileiro oitocentista. O crítico iniciou suas considerações sobre o texto mencionando o importante papel que ele cumpria na discussão das calamidades sociais, falando “ao coração e à imaginação dos leitores” e, também, à sua inteligência, visto que discutia muitos pontos referentes à legislação, como a pena de morte e as leis penitenciárias. Por isso, demonstrou sua simpatia por narrativas escritas sob esse molde:

A leitura deste genero de obras, generalizada na massa da sociedade, he talvez mais util do que nenhum outro elemento de perfectibilidade, a que se recorre directamente para se melhorar a condição humana. Instruir deleitando, he instruir profundamente sob as cores que mais sorprendem a phantasia e robustecem a consciencia, e levando a alma a huma eminencia donde vê fluctuarem as paixões e as fraquezas, como em hum oceano cuja amplitude toda está aberta a suas vistas; he a missão da philanthropia litteraria [...]¹³⁴

O crítico parecia acreditar piamente na eficiência da leitura de romances como meio de educar a “massa da sociedade” e “melhorar a condição humana”. “Instruir deleitando” era, para ele, uma forma de “instruir profundamente” e, por isso, recomendou a leitura de *Os Mistérios de Paris* aos brasileiros, “não só pelos prazeres que causa[ria] á imaginação como huma novella”, mas também “pela applicação e [pelos] resultados moraes” que sua leitura teria no país, que passava por problemas sociais semelhantes àqueles denunciados na obra:

Verdade he que nem nos campos nem nas capitaes do nosso continente, especialmente no Brasil, habitado por hum povo habitualmente pacifico e humano, a abjecção e a miseria da classe baixa

¹³⁴ VALDEZ Y PALACIOS, Dr. Bibliographia. *Mysterios de Paris*. In: *Minerva Brasiliense – Jornal de Sciencias, Lettras e Artes*. Rio de Janeiro: Typographia Austral, 15 de janeiro de 1845, n. 5, vol. III, ano II, p. 82.

apresentam scenas tão vergonhosas para a especie humana como no velho mundo; porém aqui como lá ha entre o pobre e o rico differenças espantosas, cuja deformidade nos não assusta, entretanto, porque está gravada em nossas tradições, em nossas leis e em nossos costumes. Consta-nos o estado miseravel do que se chama massas, onde apenas podemos assignalar um concidadão; falla-se deste mal tambem, e mesmo ás vezes se declama, porém taes homenagens rendidas á razão com mais ou menos pureza são ainda pouco fructiferas[...].¹³⁵

Para o crítico, a leitura do romance em questão poderia colaborar para a mudança desse quadro, pois seria uma forma de generalizar o sentimento de indignação frente ao “estado miserável das massas”, colaborando para que a administração e os costumes nacionais apressassem a “regeneração moral” do país. Vale lembrar que, no momento em que essa crítica foi divulgada, os *Mistérios de Paris* ainda estavam nos folhetins do *Jornal do Comércio*, o que nos leva a pensar que os comentários do crítico também serviram de impulso para o sucesso do romance.

Algum tempo depois, em 1850, *A Marmota na Corte* publicou um texto em que o autor, identificando-se apenas com a inicial R., abordou a “Leitura de Novellas”. Inicialmente, lamentou os efeitos do fim da censura, o qual teria permitido que os indivíduos imprimissem “quantos pensamentos de toda casta lhe ferve[ssem] na esquentada imaginação”:

... não ha regras, não ha principios, não ha meios, não ha preceitos que se observem; não ha respeito, que se guarde; não ha decencia, a que se attenda; e lá vai para a imprensa: sonhos, phantasias, ambições, disparates, e tudo quanto pode occorrer á mente humana inflammada pela cerveja, pelo Malaga, ou pelo Champagne!...¹³⁶

O autor ressaltou que a impressão de “disparates” era facilitada pela prática da publicação por meio de subscrições, já que se pagava pelo livro sem saber do que se tratava, e pela “ambição desregrada”, que levava as pessoas a desconsiderarem o merecimento da obra e agir objetivando lucro. Lembrando com nostalgia dos tempos em que “as avós entretinham as netas com contos da carocha”, o autor mostrou-se otimista em relação ao futuro, anunciando que, naquele momento, estava surgindo uma nova geração, “como nascida entre as garras da degradação”, que marchava altiva para efetuar a “regeneração” que propiciaria que emergisse um “século de razão e verdade”:

¹³⁵ Idem, ibidem.

¹³⁶ “A Leitura de Novellas”. In: *A Marmota na Corte*. Rio de Janeiro: Tipographia de Paula Brito, n. 65, 07 de maio de 1850.

Então os homens se amarão.

Então as novellas não serão um tecido de ambições e de interesses, nem um alarma de reforma; e sim, um passatempo innocente, que recreie e moralise.

Então um pai descançará na virtude de suas filhas; não receiará ver perdido o fruto de mil fadigas pela sua adoração; nem será preciso ser o fiscal de seus recreios.

Então a donzela poderá pedir uma novella, sem que advirta que seja uma que ella possa ler; porque nenhuma então poderá offender o seu pudor.

[...] Então não haverá um seculo de progresso (para a retrogradação), como o presente, nem tantas nem tão novas cousas; porque haverá um seculo de estudo e de meditação para o futuro, em que por isso mesmo se fará menos e de mais proveito.¹³⁷

Só nessa passagem do texto foi mencionada a palavra “novella”, apesar de o título indicar que as observações do autor a respeito das “obras disparatas” publicadas naquele momento referiam-se à prosa ficcional. O excerto acima indicou que o crítico, assim como outros homens de letras que se pronunciaram sobre o romance moderno na imprensa brasileira, acreditava na eficiência da leitura desse tipo de texto. Afinal, ele considerava que uma mudança na mentalidade e nos princípios morais dos brasileiros aconteceria paralelamente à mudança do conteúdo das narrativas que circulavam no país. Esse texto também permite apreender o que seu autor esperava de um bom romance: deveria ser “um passatempo innocente”, que “recreasse e moralizasse”, cuja leitura não precisasse ser supervisionada pelos pais, visto que não ameaçaria a virtude nem ofenderia o pudor dos leitores. Apesar de generalizar suas considerações sobre a imoralidade a todos os romances que circulavam naquele momento, o crítico não era contrário ao gênero em si, pois acreditava que havia obras capazes de “recrear e moralizar”.

No ano seguinte, *A Marmota na Corte* publicou um texto em que se tratou da leitura de romances de forma humorística, intitulado “Autopsia feita no corpo de uma rapariga romantica, grande literata franceza, leitora das novellas de Paula (*sic*) de Kocq”. O texto de teor ficcional mencionou o que foi encontrado no corpo da rapariga por ocasião da autópsia: no crânio, havia “um vacuo oblongo envolto em têas de aranha, contendo um pequeno Cupido inteiramente formado, faltando-lhe apenas o umbigo”; aberto o peito, encontraram-se dois corações (um deles era quase roxo e estava cheio de camarões semelhantes a gafanhotos coloridos que, segundo o médico, eram consequência das “palpitações que a infeliz rapariga soffria em vida”, ao passo que o outro continha “um casal de borboletas verdes de azas transparentes”); o baço da suposta leitora de romances estava “inflammado e côr de bronze, por causa do

¹³⁷ Idem.

derramamento da bilis”¹³⁸. Com ironia e bom humor, o autor tratou dos efeitos do contato com as narrativas, mostrando que, como outros homens de letras que se pronunciaram sobre o gênero na imprensa brasileira da época, acreditava na eficácia da leitura e tinha restrições quanto a alguns romances.

Em 1855, foi publicada outra crítica em que ficou perceptível a crença na eficiência do romance como meio de instruir a população. Trata-se da abordagem de *Vicentina*, de Joaquim Manuel de Macedo, efetuada por Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro¹³⁹ no terceiro tomo de *O Guanabara*. Assim como Dutra e Mello, o crítico expôs suas opiniões sobre o gênero antes de abordar a narrativa:

O romance é d'origem moderna; veio substituir as novellas e as historias, que tanto deleitavam a nossos paes. É uma leitura agradável, e diríamos quasi um alimento de facil digestão proporcionado a estomagos fracos. Por seu intermedio póde-se moralisar e instruir o povo fazendo-lhe chegar a conhecimento de algumas verdades metaphysicas, que aliás escapariam á sua comprehensão. Si o theatro foi justamente chamado a escola dos costumes, o romance é a moral em acção: o romancista tem ainda mais poder do que o dramaturgo; este só falla a alguns centenaes de pessoas, cujas posses e occupaões lhes permittem de freqüentar os espectaculos, e aquelle dirige-se á numerosa classe dos que sabem lêr. Penetra no palacio e pousa sobre o esplendido bufete do rico e do nobre, sobre a meza de trabalho do litterato alcatifada de livros, folhetos e jornaes, dando a imagem perfeita do cahos, ou então penetra no alvergue do pobre, do artesão, e vae suavizar-lhe os amargores do trabalho recreando a sua intelligencia, e infiltrando nella os principios de moral e de sãa philosophia, que devem servir-lhe de norma na escabrosa vereda da vida.¹⁴⁰

O texto trazia um pequeno *elogio do romance*, definindo-o como “a moral em ação”¹⁴¹, um instrumento eficiente para instruir o povo e aproximá-lo de “verdades metafísicas”, tornando-as acessíveis a um público que não possuía uma instrução muito refinada. Há um tom de rebaixamento do gênero nas palavras “alimento de fácil digestão proporcionado a estômagos fracos”, mas essa parece ser a peculiaridade que permitia que o romance atingisse toda a “numerosa classe dos que sab[ia]m ler”. O autor alertou, porém, para o fato de que nem todos os romances possuíam conteúdo moral e instrutivo:

¹³⁸ Cf.: *A Marmota na Corte*. Rio de Janeiro: Typographia de Paula Brito, n. 123, 14 de janeiro de 1851.

¹³⁹ O texto da revista não vem assinado, mas Antonio Candido, na *Formação da Literatura Brasileira*, atribui sua autoria a Fernandes Pinheiro. Devemos ter em conta, também, que, nessa época, ele era redator-chefe da revista.

¹⁴⁰ PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. “Bibliographia - *Vicentina*, romance do sr. dr. J. M. de Macedo”. In: *O Guanabara*, tomo III, 1855, p. 17.

¹⁴¹ Essa expressão foi cunhada no debate europeu a respeito do romance. Conferir, por exemplo, o “Elogio de Richardson”, de Diderot, no qual, como mencionamos, o autor defende que os romances eram mais eficientes que as máximas no ensinamento de princípios morais porque estas apenas prescreviam regras gerais de conduta cuja aplicação cabia a cada um, ao passo que aqueles inculcavam imagens perceptíveis na mente dos leitores e os instigavam a identificar-se com as personagens virtuosas. DIDEROT, Denis. “Éloge de Richardson”, Op. cit.

Mas para que o romance produza os beneficios, que acabamos de enumerar, cumpre que elle saiba guardar as regras, que lhe são traçadas, que seja como uma colmêa de saboroso mel e não uma taça de deleterio veneno. O povo em sua candida simplicidade busca nelle instruir-se deleitando-se: e quão negro não é o crime daquelle, que abusando do seu espirito, das graças da linguagem, e das seducções da poesia propaga idéas funestas, que plantam a descrença n'alma, fazendo murchar uma por uma as flôres da esperança, ou então tomando-se ainda mais culpavel santifica o vicio emprestando-lhe as côres da virtude!¹⁴²

O preceito horaciano, nesse texto, foi utilizado para fazer alusão ao objetivo dos leitores ao abrirem um romance, pois, segundo o autor, eles esperavam “instruir-se deleitando-se”. O crítico reforçou o papel da leitura de narrativas como meio de instrução eficaz das classes populares, atentando para a gravidade do erro de escritores que deturpavam os princípios morais em suas obras. Esse parece não ter sido o caso de Macedo: *Vicentina* foi bem avaliado no que se refere a esse aspecto, pois o artigo ressaltou que “o plano [era] simples e de summa moralidade” e recomendou a leitura da obra:

Em resumo: a *Vicentina* do nosso amigo e collega é uma composição, que lhe faz muita honra: um romance cuja leitura recommendamos ás nossas jovens compatriotas como um poderoso antidoto contra o veneno corrosivo da sociedade em que vivemos. É além disto um serviço feito a litteratura brasileira; naturalizando entre nós o verdadeiro romance; o romance moral e instructivo; familiarizando-nos com as nossas scenas campestres; ensinando-nos finalmente a apreciar o que temos.¹⁴³

O autor parecia acreditar piamente no poder instrutivo do romance, pois afirmou que a leitura de *Vicentina* poderia ensinar as *mocinhas* a lidar com alguns perigos da sociedade. Além disso, reforçou a importância do caráter moral das narrativas, pois considerava que “o verdadeiro romance” era o “romance moral e instructivo”. Para ele, o mérito de Macedo estaria tanto no fato de haver escrito uma narrativa desse teor, quanto na inclusão das “cenas campestres”, pois colaborava para que os brasileiros valorizassem as peculiaridades nacionais.

A preocupação com o caráter moralizante dos romances permaneceu também na década de 1860. No final de 1861, por exemplo, a *Revista Popular* publicou, na “Chronica da Quinzena” de 01 de dezembro, uma breve nota sobre a publicação do romance *Emílio*, de João Antonio de Barros Junior, “distincto joven academico do curso juridico de S. Paulo”. Na sua breve apreciação, o cronista ressaltou que a ação do

¹⁴² PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. “Bibliographia - *Vicentina*, romance do sr. dr. J. M. de Macedo”, Op. cit., p. 18.

romance era simples e corriqueira, mas despertava interesse porque fora escrita “com o coração generoso de um joven, que só tem applausos para a virtude, e que se horrorisa ante o aspecto da depravação e do crime”¹⁴⁴.

No início do ano seguinte, essa obra foi novamente apreciada, desta vez em um artigo intitulado “Mais um Bom Romance”, em que Paulina Philadelphia¹⁴⁵ destacou que a narrativa “muito se recommenda[va] não só pela beleza e elegancia do seu estylo, como pela naturalidade das suas scenas, e grande moralidade do enredo.” No detalhamento de suas impressões sobre o texto, ela ressaltou que o mesmo continha “quadros dignos de imitarem-se”, como o exemplo da personagem que, ao perder o marido, passou a trabalhar arduamente para sustentar os filhos, diferentemente das viúvas que ela conhecia na vida real, as quais viviam “á custa das subscrições feitas entre os amigos de seus maridos”. O protagonista Emílio também era, a seu ver, digno de imitação, pois se tratava de “um bello typo de honrades (*sic*) e nobres sentimentos”, que venceu os “máos instinctos que por vezes lhe atravessavão o espírito”. Acreditando no poder instrutivo dos romances, a autora manifestou o desejo de que aparecessem muitos escritores como Barros Junior para que, com suas obras, “infiltrassem no coração da mocidade nobres sentimentos” como os da personagem Emílio. Por isso, ao fim do texto, incentivou o autor a produzir novas narrativas e recomendou-lhe que continuasse “a estigmatizar o vicio e a elogiar a virtude”.¹⁴⁶

Os textos críticos abordados cobrem o período de aproximadamente cinqüenta anos. Neles, podemos perceber a recorrência da abordagem da questão moral como critério fundamental para a análise de romances por parte da crítica brasileira. Com nuances diferentes, ora efetuando comentários acerca do gênero, ora se detendo nas obras abordadas, os críticos parecem ter sido guiados pela concepção de que ao romancista cabia *deleitar e instruir* seus leitores através de romances moralizantes que *condenassem o vício e exaltassem a virtude*.

¹⁴³ Idem, *ibidem*.

¹⁴⁴ “Chronica da Quinzena”, 01/12/1861. In: *Revista Popular*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier Editor, tomo 12, 26 de setembro a 15 de dezembro de 1861.

¹⁴⁵ Paulina Philadelphia figurou entre os colaboradores do *Jornal das Famílias*. Cf. PINHEIRO, Alexandra Santos. *Para além da amenidade - o Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção*. Tese de Doutorado. Campinas/SP: UNICAMP/IEL, 2007. O texto está disponível no site do projeto Caminhos do Romance no Brasil – séculos XVIII e XIX (www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br)

1.6. A busca da “cor local” nos romances brasileiros.

O romance, considerado como futilidade por algumas pessoas graves, mas cuja falta de bom gosto por isso mesmo se denuncia, é entretanto o resumo fiel dos hábitos e costumes de uma nação. (“O Romance”. In: *A Borboleta*. 1844).

A avaliação do caráter moralizante das narrativas foi, como mencionamos, o critério mais utilizado na abordagem de romances empreendida nas críticas publicadas pela imprensa brasileira até meados do século XIX. Apesar dessa primazia, nem todas as narrativas brasileiras publicadas entre as décadas de 1840 e 1860 foram avaliadas segundo esse critério, havendo textos em que os críticos mostraram-se empenhados em avaliar a “cor local” dos romances, guiados pelo princípio de que aos romancistas cabia, também, a missão de colaborar para criação da literatura nacional¹⁴⁷. Essa exigência crítica esteve relacionada às necessidades do país, visto que o início de produção de romances no Brasil se deu num momento em que os escritores estavam interessados em criar uma literatura genuinamente brasileira e colaborar para a independência intelectual da nação. Nesse contexto, como vimos, o romance era um gênero propício para os autores realizarem seu projeto de literatura nacional através de textos que alcançariam um número maior de leitores.

Entre as primeiras críticas de romance que se preocuparam com a questão nacionalista, figuram alguns textos de Lopes Gama, nosso já conhecido “padre carapuceiro”, publicados na década de 1840. Embora a maioria das críticas de sua autoria condenasse a leitura de romances através da denúncia de seu conteúdo imoral, em alguns de seus textos a condenação apoiou-se em argumentos ligados à situação brasileira. Para ele, a leitura de romances estrangeiros estava vinculada ao hábito dos brasileiros de imitar os europeus, principalmente os franceses:

O que nos falta é melhor juízo para sabermos apreciar o que é nosso, e não querermos em tudo e por tudo, ser caturras dos franceses. O que nos falta é haver, quem faça instruir, antes de tudo, a nossa

¹⁴⁶ PHILADELPHIA, Paulina. “Mais um Bom Romance”. In: *Revista Popular*. Rio de Janeiro, B. L. Garnier Editor, tomo 13, 01 de janeiro a 16 de março de 1862, p. 40-42.

¹⁴⁷ Uma reflexão a respeito da presença da moral e do nacional nas críticas de romances divulgadas pela imprensa brasileira ao longo do século XIX pode ser encontrada no trabalho desenvolvido por Valéria Augusti. Nele, a estudiosa discutiu o processo de consagração do romance no Brasil a partir da análise dos discursos críticos sobre o gênero presentes na imprensa periódica e em formas editoriais de poder consagrador, como os cursos de literatura destinados ao sistema escolar. Cf. AUGUSTI, Valéria. *Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista*. Tese de Doutorado. Campinas/SP: UNICAMP/IEL, 2006. O texto está disponível no site do Projeto *Caminhos do Romance no Brasil – séculos XVIII e XIX* (www.caminhos.iel.unicamp.br)

mocidade em a língua nacional; porque aquele que ignora inteiramente a sua própria língua, que desconhece o seu caráter, a sua índole, suas propriedades, seus idiotismos, nem sabe capazmente as estranhas, em sabe coisas que preste.¹⁴⁸

A preocupação nacionalista do autor manifestou-se através do incômodo causado pelo fato de seus compatriotas não apreciarem o que era brasileiro. Essa postura indicava, a seu ver, a falta de um “melhor juízo”, o qual poderia ser obtido através do aprendizado da língua nacional. Muitas de suas queixas referiram-se a questões lingüísticas, pois Lopes Gama acreditava que os brasileiros se preocupavam primeiramente em aprender idiomas europeus, deixando de cultivar a língua portuguesa e corrompendo-a devido ao seu mau uso. Para ele, os romances estrangeiros colaboravam para agravar esse quadro, visto que as traduções desses textos estavam impregnadas de “francesismos”:

A mania das traduções, mormente de novelas, tem acabado de estragar a língua portuguesa. É indubitável que as línguas bem como as pessoas têm sua fisionomia própria e que a elocução varia na razão da índole e caráter de cada uma. Todos sabem que o francês em sua composição é monótono, não admitindo senão raras transposições. [...] Mas o que é que praticam pela maior parte os nossos tradutores de novelas francesas? Não fazem mais do que trasfegar, se assim me posso exprimir, os vocábulos franceses tais e quais para o português, assim pelo modo por que nas tipografias os tipos passam dos componedores para as galés. E o resultado é sair uma composição toda afrancesada e completamente ridícula.¹⁴⁹

O religioso acreditava que as línguas tinham fisionomias próprias que deviam ser respeitadas. A corrupção do idioma nacional, fruto da falta de estudo dos brasileiros, era agravada pela leitura de composições “afrancesada[s] e completamente ridícula[s]”. As relações entre a leitura das traduções de romance e a corrupção da língua portuguesa estabelecidas por Lopes Gama nesses textos estavam em sintonia com o contexto pós-Independência em que ele os produziu. Afinal, um país recém-independente precisava afirmar-se perante as demais nações e, para isso, era necessário valorizar suas peculiaridades, principalmente sua língua.

¹⁴⁸ GAMA, Lopes. “As Meninas nos Bailes, Partidas, etc.” *O Carapuceiro*, 24/02/1844. In: MELLO, José Antônio Gonsalves de. Op. cit., p. 82/83.

¹⁴⁹ GAMA, Lopes. “A linguagem bordalenga de muita gente.” *O Carapuceiro*, 19/10/1842. In: *O Carapuceiro: Crônicas de costumes*. Op. cit., p. 427-428.

Ainda na década de 1840, outro texto discutiu as relações entre nacionalismo e romance: o artigo “O Romance”, publicado no periódico carioca *A Borboleta*¹⁵⁰ em 1844. O autor traçou relações entre romance e história, destacando que aquele apresentava a verdade com mais fidelidade que esta, como podemos verificar no parágrafo que abre o texto:

O romance, considerado como futilidade por algumas pessoas graves, mas cuja falta de bom gosto por isso mesmo se denuncia, é entretanto o resumo fiel dos hábitos e costumes de uma nação. Quantas vezes o philosopho imparcial embalde busca a verdade na historia, e vai encontra-la no romance? Mil vezes o historiador traça a seu geito os factos, dá-lhe outra apparencia, ordena-os de outras molduras, enquanto que o romancista, parecendo entregue todo á imaginação, descreve fielmente os costumes da época, e apresenta em seus quadros as virtudes e vícios do seu tempo e povo; e deleitando, mais propende á verdade que a historia. A historia com todos os fumos de antiga aristocrata, apenas demora suas vistas soberanas sobre altos casos, os reis, suas victorias, desastres e politica: o romance, democrata modernos, compaz-se com poucas cousas, abraça a multidão, identificando-se com o povo, e modesto segue a índole e caracter nacional.¹⁵¹

As palavras do artigo indicam que seu autor sabia que o romance era “considerado futilidade” por algumas “pessoas graves” e estava disposto a atribuir importância ao gênero. Para tanto, apoiou-se na idéia de que o romance apresentava um quadro mais fiel que os textos historiográficos porque possuía um caráter democrático, já que abordava todos os extratos sociais. Por isso, o gênero mostrava-se propício para desenvolver a temática nacional, visto que, além de “descrever fielmente os costumes da época” e “apresentar em seus quadros os vícios e virtudes de seu tempo e povo”, as narrativas “identifica[vam]-se com o povo” e “segu[iam] a índole e caráter nacionais”. Devido a essas prerrogativas, o crítico considerou o romance “o representante das idéias que dominam um país”¹⁵².

Dentre as preocupações nacionalistas que percorreram as críticas de romances brasileiros, estava presente, também, a idéia de que era necessário incluir episódios da história pátria nas narrativas. Essa

¹⁵⁰ No primeiro número, datado de agosto de 1844, foi publicado um “Prospecto” em que se divulgaram os objetivos desse periódico, que se propunha a “seguir o trilho do velho Carapuceiro”, empenhando-se em “talhar, e coser carapuças, que se ajust[assem] em todas as cabeças”, divulgar “casos divertidos, novellas e romances” e abordar assuntos variados, “fallando no sério, e no ridiculo, em prosa, e em verso”. Cf. “Prospecto”. *A Borboleta – Periodico Miscelanico*. Rio de Janeiro: Typographia de J. E. S. Cabral, n. 1, vol. 1, 15 de agosto de 1844.

¹⁵¹ “O Romance”. In: *A Borboleta – Periodico Miscelanico*. Rio de Janeiro: Typographia de J. E. S. Cabral, n. 3, 5 de setembro de 1844, p. 36.

¹⁵² O periódico literário ouropretano *O Recreador Mineiro*, que circulou entre 1845 e 1848, publicou um artigo chamado “O Romance” e as passagens citadas no trabalho de Guilherme Maciel permitem-nos afirmar que se trata de uma republicação desse mesmo texto. Cf.: MACIEL, Guilherme de Souza. “O Recreador Mineiro (Ouro Preto 1845-48): diálogos entre História e

noção figurou na apreciação que Dutra e Mello fez de *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, divulgada em um exemplar da *Minerva Brasiliense* de 1844, ano da primeira edição da obra. Apesar de lamentar a falta de noções edificantes nas obras, o crítico demonstrou acreditar que o romance poderia divertir e instruir e deixou transparecer sua simpatia pelas narrativas históricas, considerando “primores” os textos de Walter Scott. Certamente foi a inclinação por esse tipo de obra que o levou a sugerir que os escritores brasileiros se dedicassem à prosa histórica:

Entre nós começa o romance apenas a despontar: temos tido esboços, tenues ensaios ligeiros que já muito promettem; mas inda ninguém manejou, que o saibamos, o romance historico nem tão pouco o philosophico; quanto a este, porém, leve he a perda a serem tomados por modelo os delirios da escola franceza: hum Louis Lambert, por exemplo. E comtudo o romance historico póde achar voga entre nós; tem hum actualidade que não se deve desprezar. As investigações historicas a que deve proceder quiçá trarão luz sobre alguns pontos obscuros que homens devotados á historia do paiz buscam hoje elucidar; póde tornar-se de envolta moralizador e poetico se bem cair no preceito – *Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci*¹⁵³.

Dutra e Mello apontou dois caminhos possíveis para os prosadores brasileiros: dedicarem-se ao romance histórico, que poderia colaborar para um maior conhecimento do passado nacional, ou produzirem “romances filosóficos”, os quais deveriam ser poéticos e moralizantes. Apesar de tratar dos dois tipos de narrativa sobre os quais discorria, o crítico novamente deixou transparecer sua simpatia pela prosa histórica.

As críticas de romance que atribuíram maior importância à presença da cor local nas narrativas ganharam maior volume a partir da década de 1860 à medida que a valorização da moral foi perdendo espaço. Por isso, a produção de escritores que publicaram posteriormente a Teixeira e Sousa foi avaliada, na maioria das vezes, segundo o critério nacionalista.

É o caso de José de Alencar, escritor cujos romances foram valorizados, em sua quase totalidade, pelo trabalho que ele desenvolvia com a “cor local”, como exemplifica a recepção do romance de assunto nacionalista *Til*. A obra foi publicada em folhetins do periódico *A República*, entre 21 de novembro de 1871 e 20 de março de 1872. Do dia 09 de dezembro de 1871, portanto antes do término da divulgação do texto nos rodapés, data uma carta que o escritor Salomé Queiroga dirigiu a um amigo ao qual informou que

Literatura de viagem na construção de uma identidade nacional”. In: Anais do XIV Encontro Regional de História da ANPUH-MG. Juiz de Fora/MG, julho de 2004.

¹⁵³ DUTRA E MELLO, Antonio Francisco. Op. Cit.

considerava essa narrativa “a melhor produção do ilustre brasileiro”. A seu ver, o “interessante escrito” deveria “servir de norma” aos escritores da época, pois Alencar soubera “pintar”, com “mãos de mestre”, os “costumes brasileiros”¹⁵⁴.

Til foi publicado na forma de livro imediatamente após o término dos folhetins e, nessa ocasião, a edição de 12 de abril de 1872 do jornal *A República* dedicou uma resenha ao romance. O texto iniciou com um comentário acerca da variedade das narrativas do “conselheiro Alencar”, escritor que abordava diferentes costumes e tecia “tipos” igualmente diversos, possibilitando que suas obras fossem sempre novidades:

Quem lê um livro do conselheiro Alencar sempre encontra o que admirar.

Não é só o estylo poetico e delicado, é mais do que isso: o estado da nossa natureza, o mais perfeito brazileirismo nos quadros que descreve.

Vimos o periodo colonial e muitas scenas indianas tão descriptas no *Guarany*, passado na provincia do Rio de Janeiro; contemplamos depois, no *Tronco do Ipê*, os costumes contemporaneos e o mesmo interior da provincia do Rio, apoz uma transformação secular.

Com o *Gaúcho* fomos ás savanas do sul, e admiramos aquelle viver tão outro e pittoresco, aquellas paysagens tão diversas.

Iracema é o mais lindo album da natureza cearense; as *Minas de Prata* revelaram-nos a Bahia de outras éras, e agora o *Til* leva-nos aos sertões de S. Paulo e applaudimos a pintura tão bem acabada d’aquella natureza risonha, e os traços de mestre no esboço de varios typos populares.¹⁵⁵

O articulista destacou o “brasileirismo” dos textos alencarianos e a variedade de espaços e momentos históricos que eles tematizavam, possibilitando que os leitores viajassem pelas várias regiões brasileiras e conhecessem o passado nacional. *Til*, obra na qual centrou sua análise, teria o poder de transportar o leitor para os “sertões de São Paulo”, onde haveria uma “natureza risonha”. O crítico fez outras observações, elogiando, por exemplo, o modo como o escritor elaborara as personagens Berta e Miguel, que foram consideradas reminiscências de “delicadas creações romanescas”, e mencionou a característica que mais apreciou na obra:

¹⁵⁴ QUEIROGA, “Carta a Stokler”. In: *Arremedos – Lendas e cantigas populares*. Rio de Janeiro: Tipografia Perseverança, 1873. Apud: CASTELLO, José Aderaldo. *Textos que Interessam à História do Romantismo*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1959, vol. I., p. 47.

¹⁵⁵ Litteratura – Revista bibliographica. “Til – Por José de Alencar”. In: *A Reforma – orgao democratico*. Rio de Janeiro. 12 de abril de 1872, n.º 81. **Obs.** Esse e outros textos críticos sobre romances de José de Alencar estão disponíveis nos “Anexos” de minha dissertação de mestrado. Cf. SILVA, Hebe Cristina da. Op. cit.

O que sobretudo dá maior realce á obra são aquelles quadros da nossa natureza, a paisagem que as vezes é complice, conselheira e interlocutora, fazendo sobresahir as harmonias intimas, as concordancias moraes que existem entre as pessoas e os factos descriptos.¹⁵⁶

Apesar de ressaltar outras qualidades do texto de Alencar, o que mais agradou ao crítico foi trabalho com a “cor local”. No mês seguinte, mais propriamente em 13 de maio, as páginas do *Diário do Rio de Janeiro* publicaram outra crítica ao romance em questão. O texto assemelha-se à crítica divulgada anteriormente, pois foi percorrido pela mesma exaltação do caráter nacionalista do romancista e pareceu dar relevo ao trabalho com a natureza nacional, concebendo-o como um dos maiores méritos da obra. Segundo o crítico, o romancista cearense era “escriptor da alma e pintor da natureza” e, em *Til*, “os quadros da natureza [eram] traçados por palheta invejável”¹⁵⁷.

1.7. Caminhos para agradar aos leitores brasileiros de romance em meados do Oitocentos.

As questões abordadas permitiram verificar que existiam vários elementos que podiam servir de baliza para os escritores que investiram na produção dos primeiros romances brasileiros, momento em que vieram à luz as obras em prosa de Teixeira e Sousa. Primeiramente, havia a leitura das obras estrangeiras que circulavam no Brasil desde meados do século XVIII, às quais se somaram as produções folhetinescas traduzidas que eram publicadas nos periódicos. Essas obras formaram um conjunto de narrativas de caráter eclético, abrangendo desde romances romanescos até os romances modernos e incluindo as obras de autores hoje consagrados e os textos de prosadores atualmente considerados menores pela crítica. O bom acolhimento dessas obras por parte do público pode ser considerado um dos fatores cruciais que levaram os escritores brasileiros a iniciarem a produção de narrativas no país.

Essas leituras foram responsáveis pela formação do gosto do público quanto ao romance e também serviram de molde para os escritores que realizaram as primeiras incursões pelo gênero no Brasil, os quais estavam destituídos de modelos nacionais e eram, também, leitores das narrativas estrangeiras.

Além disso, há que se considerar o momento em que o início da produção do gênero aconteceu no país, um período em que, como vimos, os esforços dos escritores se direcionavam para a criação de uma literatura que fosse genuinamente brasileira. Diante desse quadro, o romance apresentou-se como um

¹⁵⁶ Idem.

¹⁵⁷ “Litteratura. Bibliographia. Prosa e Versos”. Rio, 10 de Maio. In: *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 13 de maio de 1872. Apud: GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis – o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. Tese de Doutorado. Campinas/SP: UNICAMP/IEL, 2001.

gênero propício para concretizarem-se os projetos de literatura nacional de escritores interessados em divulgar maciçamente suas produções, tendo em vista que as obras em prosa alcançavam um público mais numeroso e diversificado em relação aos leitores de textos poéticos ou dramáticos.

Temos, ainda, a crítica de romances publicada na época pela imprensa brasileira e estrangeira, a qual certamente exerceu influência na escrita dos primeiros prosadores. Como vimos, os críticos que se debruçaram sobre as narrativas nacionais abordavam as obras a partir da análise do assunto e utilizavam basicamente duas réguas para medir o valor dessas produções: a inclusão de questões moralizantes e a presença da cor local. Um conjunto exemplificativo de críticas de romance publicadas até meados do século XIX na imprensa brasileira indicou que a análise da moralidade das obras romanescas foi o critério que prevaleceu nesse período. Apesar de ter sido menos recorrente que a abordagem da moralidade, o exame do caráter nacionalista também foi um critério importante de avaliação e ganhou maior espaço a partir de meados do século. Preocupados com a construção da literatura nacional, romancistas e críticos passaram a valorizar cada vez mais a presença da “cor local” nas narrativas.

A conjunção desses fatores permite dizer que, até a década de 1850, ou seja, ao longo dos anos em que Teixeira e Sousa produziu suas narrativas, o romancista brasileiro que almejasse corresponder ao gosto do público (no sentido amplo da palavra, ou seja, os *leitores apreciadores* e os *leitores especializados* que efetuavam crítica literária) poderia trilhar três caminhos: construir textos com teor moralizante, que fornecessem lições edificantes aos seus leitores; ambientar sua narrativa no Brasil, optando seja pelo romance histórico, pelo indianista ou pela abordagem de costumes da corte ou de regiões do interior; ou, ainda, fundir moralidade e nacionalismo em seus romances.

A partir de meados do século XIX, porém, a imprensa brasileira passou a divulgar textos críticos cujos autores consideravam, nas análises de romances, questões estruturais que permitissem avaliar a destreza dos escritores no manejo das técnicas de produção do gênero. Como exemplo, temos os comentários que Manuel Antonio de Almeida divulgou, em 1856, no *Correio Mercantil*, a respeito do romance *O Comendador*, de Francisco Pinheiro Guimarães:

O seu romance, descontadas as imperfeições de todo o escritor que começa, não tem senão um defeito: é um esboço, não é um quadro. Através das tintas mal esbatidas vê-se ainda o lápis que traçou o contorno. Algumas figuras apenas delineadas dão, pelo contraste, muito relevo a outras que parecem, assim, tocadas de exageração.

[...]

O autor esqueceu-se que não estava escrevendo uma história de imaginação, esqueceu-se que copiava, e que a exatidão importa minuciosidade (*sic*). Teve medo de ser extenso, foi incompleto. Parece que ele se havia imposto o

propósito de não passar de um certo número de capítulos; sacrificou muitas cenas à idéia de ser breve. Nos três primeiros capítulos este sacrifício revela-se pelo precipitado da ação. Quando se quer resumir uma ação preliminar, que deve servir de ponto de partida à grande ação dominante, é melhor que o autor a refira ele próprio como coisa passada ou a faça referir por uma de suas personagens.¹⁵⁸

O crítico não se mostrou muito empolgado com o texto devido a aspectos estruturais que não haviam sido devidamente trabalhados pelo autor, já que considerou a obra “um esboço, não um quadro”, sugerindo que o romancista não soubera elaborar as personagens, fazendo com que umas fossem “figuras mal delineadas” e outras parecessem “tocadas de exageração”¹⁵⁹. Reclamou, também, da falta de habilidade do escritor ao dispor os eventos e as passagens descritivas do enredo e, em meio aos problemas, mencionou uma passagem que lhe despertou interesse:

O interesse, dizia, começa com a cena em que se apresenta ao leitor o potentado de uma de nossas vilas do interior, cercado de seus capangas, espalhando o medo em torno de si, distribuindo insultos, humilhando a uns, exaltando a baixaza de outros, e fazendo alarde de uma sensualidade brutal.

Há verdade, animação, vigor em todo esse pedaço. A situação foi bem escolhida. Quase todos os moradores da pequena freguesia de Santo Antônio acham-se reunidos à saída da missa; isso dá lugar a uma descrição pitoresca de seus tipos físicos, ao passo que o modo por que se portam à vista do que pratica o comendador; dá lugar a uma descrição rápida, mas exata do seu caráter: o hábito externo, e a face moral dos habitantes dos nossos lugarejos do interior, foram assim apanhados num só traço.¹⁶⁰

O crítico expôs o motivo que o levou a apreciar essa cena: nela, o autor trabalhara adequadamente os elementos narrativos que não soubera manejar em outras passagens da obra. Podemos considerar, também, que o fato de abordar elementos nacionais colaborou para que essa parte da narrativa fosse vista com simpatia, pois o trecho elogiado por Manuel Antonio de Almeida foi justamente aquele que continha a descrição de uma vila do interior, dos tipos físicos e do caráter dos habitantes.

Em grande parte dos textos críticos de Machado de Assis, a valorização do trabalho com os elementos estruturais e formais das narrativas ficou bastante perceptível. É o que se verifica, por exemplo, em algumas críticas de romance escritas por ele e publicadas, no *Diário do Rio de Janeiro*, em meados da década de 1860. No ano de 1865, o crítico divulgou uma análise de *Cenas do Interior*, de Luís José Pereira

¹⁵⁸ ALMEIDA, Manuel Antonio de. “Revista Bibliográfica. O Comendador, romance por Francisco Pinheiro Guimarães”. *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1856. Apud: _____. *Obra Dispersa*. Introdução, seleção e notas de Bernardo de Mendonça. Rio de Janeiro: Graphia, 1991, p. 50.

¹⁵⁹ Idem, *ibidem*.

¹⁶⁰ Idem, p. 51.

da Silva e, apesar de aprovar a temática nacionalista da obra, indicou que não estava satisfeito com alguns aspectos estruturais da narrativa. Segundo ele, havia problemas no desenvolvimento do enredo, cuja ação lhe pareceu dupla, o que fizera com que, em determinado momento, o romancista deixasse o objeto principal da obra em segundo plano. Essa passagem de um assunto a outro, a seu ver, não se fazia pela contigüidade da ação, mas pelo encontro de duas personagens, o que não lhe pareceu adequado. Na abordagem das personagens, Machado explicitou que observaria “que caracteres representam essas personagens? Que sentimentos os animam? Até que ponto respeitou o autor a verdade humana?” A observação desses elementos fê-lo perceber problemas nas atitudes e na personalidade de Henriqueta, uma das personagens principais, cujos atos “não est[avam] de acordo com a lógica moral dos sentimentos”. Supondo que o romancista construía a narrativa dessa forma para ser fiel aos fatos históricos que abordava, o crítico expôs seu pensamento acerca da relação entre verossimilhança e veracidade:

Prefere-se a verdade à veracidade; e já alguém disse que é melhor ver sentimentos verdadeiros debaixo das roupagens impossíveis, do que sentimentos impossíveis com vestuários exatos. [...] O autor das *Cenas do Interior* era obrigado a tirar do episódio histórico aquilo que lhe desse os elementos da ação, tendo sempre presente que os caracteres verdadeiros e os sentimentos humanos estão acima da veracidade rigorosa dos fatos.¹⁶¹

Para ele, alcançar a verossimilhança (chamada de *verdade*) deveria ser o objetivo principal de todo romancista, que poderia sacrificar a veracidade para obtê-la. Por isso, acreditava que o episódio histórico forneceria apenas “os elementos da ação”, os quais seriam utilizados com liberdade pelo escritor, que estava isento da tarefa de ser rigorosamente fiel a eles, principalmente no que se referia à caracterização das atitudes das personagens e de seus sentimentos. Ao fim do texto, o crítico assinalou que os problemas percebidos encontravam-se também nas obras de “escritores de maior nome” sendo, por isso, desculpáveis, e ressaltou a característica que lhe pareceu ser o maior mérito do romance: “as descrições das festas do Natal, e em geral a observação dos costumes do interior e do tempo não deixa a desejar: o que se chama côm local não falta ao romance...”¹⁶². Apesar de abordar aspectos estruturais e refletir sobre

¹⁶¹ ASSIS, Machado de. “Uma Estréia Literária”. In: *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1865. Apud: *Dispersos de Machado de Assis*. Coligidos e Anotados por Jean-Michel Massa. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1965, p. 220.

¹⁶² Idem, p. 221.

as técnicas narrativas do romance, Machado de Assis observou com atenção a temática da obra, pautando-se na análise da inclusão da “cor local”.

No início de 1866, o *Diário do Rio de Janeiro* divulgou outro texto de Machado de Assis a propósito de um romance brasileiro: a análise de *O Culto do Dever*, de Joaquim Manuel de Macedo, publicado no ano anterior. O crítico indicou os parâmetros que utilizaria para apreciar a obra, os quais se assemelham aos critérios que orientaram a apreciação de *Cenas do Interior*:

O dever é a primeira e a última palavra do romance; é o seu ponto de partida, é o seu alvo; cumprir o dever, à custa de tudo, eis a lição. Estamos de acordo com o autor nos seus intuitos morais. Como os realiza ele? sacrificando a felicidade de uma moça no altar da pátria; uma noiva que manda o noivo para o campo da honra; o traço é lacedemônio, a ação é antiga.¹⁶³

Apesar de aprovar a temática da obra, o modo como Macedo realizou seu intuito moralizante foi o eixo desse texto de Machado, que logo no início declarou que objetivava verificar “se o autor atendeu a todas as regras da forma escolhida”. O crítico encontrou vários problemas no modo como o romancista conduziu a narrativa, pois, a seu ver, “o leitor chega[va] à última página com o espírito frio e o coração indiferente.” Para ele, isso se devia grandemente ao fato de não haver um trabalho mais refinado com o interior das personagens de modo que suas atitudes fossem justificadas e houvesse alguma identificação por parte do leitor:

Qual era o meio de mostrar a grandeza do dever que Angelina pratica? Seguramente que não é repetindo, como se faz no romance, a palavra *dever*, e lembrando a cada passo as lições de Domiciano [pai de Angelina, também cultor do dever]. A grandeza do dever, para que a situação de Angelina nos interessasse, devia nascer da grandeza do sacrifício, e a grandeza do sacrifício da grandeza do amor. Ora, o leitor não sente de modo nenhum o grande amor de Angelina por Teófilo[...]¹⁶⁴.

O mesmo acontecera com outras personagens, cujos “contrastes” e “omissões” faziam com que fossem “pouco aceitáveis da parte de um apreciador consciencioso”, pois eram apenas “esboçadas” e não comoviam o leitor. Essas considerações foram tomadas como base para que o crítico afirmasse

¹⁶³ ASSIS, Machado de. “J. M. de Macedo – *O Culto do Dever*”. In: *Diário do Rio de Janeiro* – “Semana Literária”. Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1866. Apud: *Obra Completa* – Vol. III – Poesia, Crítica, Crônica e Epistolário. Rio da Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 843.

¹⁶⁴ Idem, p. 845.

categoricamente que “*O Culto do Dever* [era] um mau livro”¹⁶⁵. Podemos observar que, apesar de o crítico centrar-se na avaliação de aspectos estruturais do romance de Macedo, mostrou-se preocupado com a questão moral e parecia sugerir que, se a obra não possuísse os problemas apontados, teria realizado com mais êxito seu intuito moralizante.

Ainda no início de 1866, o mesmo jornal diário publicou a conhecida análise que Machado de Assis elaborou para *Iracema*, de José de Alencar, romance no qual o crítico não encontrou os problemas estruturais apontados em *Cenas do Interior* e em *O Culto do Dever*. Antes de se deter na análise da obra, o autor discutiu a temática indianista. Segundo ele, a indisposição que levava alguns críticos a desaprovarem a abordagem dos índios e seus costumes fora suscitada por produções que se limitaram a “tirar os elementos poéticos do vocabulário indígena” e pela crença de que a vida indígena poderia tornar-se o único tema da poesia brasileira. Declarou, então, sua discordância em relação a essas opiniões:

Felizmente, o tempo vae esclarecendo os animos; a poesia dos caboclos está completamente nobilitada; os rimadores de palavras, já não podem conseguir o descredito da idéa, que venceu com o autor de *Yjuca-Pirama*, e acaba de vencer com o autor de *Iracema*. [...] As tradições indigenas encerram motivos para epopeas e para eglogas; póde inspirar os seus Homeros e os seus Theocritos. Ha ahi lutas gigantescas, audazes capitães, Illyadas sepultadas no esquecimento; o amor, a amizade, os costumes domesticos, tendo a simples natureza por theatro, offerecem á musa lyrica paginas deliciosas de sentimento e originalidade.¹⁶⁶

A excelência de *Iracema* derivava do fato de que Alencar havia estudado a língua e os costumes aborígenes e postulava a necessidade de não se cometerem “anacronismos morais”, ou seja, estava atento para não atribuir “idéias modernas e civilizadas aos filhos incultos da floresta”. A obediência a esses critérios, ao ver do crítico, possibilitou que o romancista escrevesse uma obra em que respeitou a linguagem, as idéias e as imagens indígenas:

... relemos atentamente o livro do Sr. José de Alencar, e o effeito que elle nos causa é exactamente o mesmo a que o autor entende que se deve destinar o poeta americano; tudo alli nos parece primitivo; a ingenuidade dos sentimentos, o pittoresco da linguagem, tudo, até a parte narrativa do livro, que nem parece obra de um poeta moderno, mas uma historia de bardo indigena, contada aos irmãos, á porta da

¹⁶⁵ Idem, p. 847.

¹⁶⁶ ASSIS, Machado de. “Semana Litteraria”. In: *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1866.

cabana, aos ultimos raios do sol que se entristece. A conclusão a tirar daqui é que o autor houve-se nisto com uma sciencia e uma consciencia, para as quaes todos os louvores são poucos.¹⁶⁷

Segundo o artigo, Alencar fora feliz não só na abordagem da vida indígena, mas também no manejo das técnicas narrativas do romance. Vale ressaltar que o crítico recorreu aos mesmos critérios utilizados na abordagem das *Cenas do Interior* e *O Culto do Dever* para efetuar a análise estrutural de *Iracema*:

Ha um argumento historico, sacado das chronica, mas esse é apenas a tela que serve ao poeta; o resto é obra da imaginação. Sem perder de vista os dados colhidos nas velhas chronicas, creou o autor uma acção interessante, episodios originaes, e mais que tudo, a figura bella e poetica de Iracema.¹⁶⁸

Machado e Alencar pareciam compartilhar da mesma opinião quanto ao modo de trabalharem-se os episódios históricos nos romances nacionais, pois *Iracema* parecia corresponder plenamente às expectativas do primeiro quanto a uma obra genuinamente brasileira. O trabalho que o romancista cearense desenvolveu com as personagens também agradou ao crítico, que considerou que o escritor “conhec[ia] os segredos de despertar nossa comoção”, construindo episódios em que a beleza do cenário se casava com as ações e palavras das personagens, as quais eram coerentes e verossímeis: “poucas são as personagens que compoem este drama da solidão, mas os sentimentos que as movem, a acção que se desenvolve entre ellas, é cheia de vida, de interesse, e de verdade.”¹⁶⁹ Por isso, enfatizou a excelência da obra, cujos “episódios interessantes” eram abundantes.

Verificamos, assim, que os prosadores brasileiros que sucederam Teixeira e Sousa e seus contemporâneos, caso pretendessem elaborar romances que agradassem ao paladar dos leitores em geral, deveriam acrescentar outro ingrediente à moral e à “cor local” com que temperavam seus textos: o trabalho apurado com os elementos narrativos. Afinal, a partir de meados do século XIX, os textos críticos publicados em periódicos do Rio de Janeiro indicam que a análise de questões estruturais foi se sobrepondo à valorização dos elementos temáticos das obras.

Podemos pensar essas mudanças como indicio de que a crítica de romances amadureceu concomitantemente ao gênero. Essa seria uma forma de interpretar o fato de que, paralelamente à ampliação do número de textos críticos que conferiam importância ao manejo das técnicas de produção do

¹⁶⁷ Idem.

¹⁶⁸ Idem.

gênero ao analisarem os romances, aumentou o número de narrativas que correspondiam a essas expectativas.

É o caso da produção romanesca de José de Alencar, que publicou a maior parte de suas narrativas ao longo das décadas de 1860 e 1870¹⁷⁰, portanto, num momento posterior àquele em que vieram à luz as primeiras narrativas produzidas por escritores brasileiros. A qualidade de suas obras foi aclamada pelos contemporâneos e o reconhecimento que o autor cearense obteve em sua época pode ser verificado em muitas das cartas que lhe foram remetidas, como a que lhe escreveu Júlio Ribeiro, datada de 07 de novembro de 1877:

Admiro-o, Senhor.

E basta.

Não sei dizer lisonjas, nem de lisonjas se paga quem se chama José de Alencar.

Envio meu livro em homenagem ao pai do romance brasileiro.

Se há temeridade, merece [ser] perdoada.¹⁷¹

Assim como a missiva concisa e elogiosa de Júlio Ribeiro, o romancista recebeu outras em que escritores contemporâneos reconheciam seu talento e, em alguns casos, pediam-lhe conselhos. O título de “pai do romance brasileiro” não se deu por acaso, tendo em vista que uma das preocupações centrais do escritor foi a criação de uma literatura *genuinamente* brasileira. Além disso, o projeto literário do autor indica que ele possuía uma reflexão madura a respeito do gênero e de como incluir a “cor local” brasileira nas narrativas. Nesse sentido, devemos considerar que a habilidade demonstrada pelo romancista cearense na composição de suas obras em prosa parece ter sido fruto de dedicação e estudo por parte de um homem de letras empenhado na missão de fundar a literatura nacional com a qual muitos escritores brasileiros se envolveram. Afinal, os textos não-ficcionais através dos quais o autor de *O Guarani* divulgou seu pensamento sobre literatura indicam que ele refletiu bastante a respeito do gênero romanesco, indagando-se a respeito de questões formais e temáticas, principalmente sobre a melhor maneira de explorar a “cor local”¹⁷².

¹⁶⁹ Idem.

¹⁷⁰ Romances de José de Alencar publicados em vida: *Cinco Minutos* (1857), *O Guarani* (1857), *A Viuvinha* (1860), *Lucíola* (1862), *As Minas de Prata* (1863-5), *Diva* (1864), *Iracema* (1865), *A Pata da Gazela* (1870), *O Gaúcho* (1870); *O Tronco do Ipê* (1871); *Til* (1872); *Sonhos d'Ouro* (1872), *Alfarrábios* (1873), *Ubirajara* (1874), *Senhora* (1875), *O Sertanejo* (1875).

¹⁷¹ Apud: MENEZES, Raimundo de (org.). *Cartas e Documentos de José de Alencar*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1967, p. 148.

¹⁷² Essas questões foram discutidas no segundo capítulo de minha dissertação de mestrado. Cf. SILVA, Hebe Cristina da. *Op. cit.* O pensamento crítico de José de Alencar foi analisado por outros estudiosos da literatura, como Valéria de Marco e Eduardo

Para entendermos as mudanças nos parâmetros de análise dos romances utilizados pelos críticos brasileiros devemos considerar, também, que, apesar de ser apreciado pelo público, o romance passou a ser aceito como gênero literário culto no final do século XIX. É o que demonstra a pesquisa de Valéria Augusti, que investigou a consagração do romance no Brasil através da análise dos discursos críticos sobre o gênero presentes na imprensa periódica e em formas editoriais de grande poder consagrador, como histórias literárias, cursos de literatura, antologias e tratados de retórica. Segundo a autora, os textos críticos divulgados nos periódicos oitocentistas indicam que, ao longo dos anos, o romance foi elevado de “gênero menor, com finalidades moralizantes” à categoria de “obra de arte, sendo considerado, em determinado momento, o gênero por excelência no que dizia respeito à capacidade de exprimir a nacionalidade da literatura brasileira.”¹⁷³ À medida que ganhava prestígio entre os homens de letras, o gênero deixou de ser visto como uma leitura de caráter popular e passou a ser apreciado por um novo público:

Deve-se considerar, por fim, que na primeira metade do século não se cogitava que o romance pudesse ter outro público que não fosse o leitor comum e outra finalidade que não fosse a de deleitá-lo e instruí-lo. Não se pensava, por certo, que um escritor pudesse publicar uma obra digna de apreço se fugisse a essa regra, ou seja, deixasse de deleitar esse público. Satisfazer esse leitor ávido por emoção, era, pois, uma espécie de obrigação a qual deveria render-se o romancista. Ignorar as suas demandas não era atitude que se esperasse daqueles que haviam escolhido se dedicar a um gênero “popular”, cuja finalidade considerava-se meramente instrutiva. Em fins do século XIX, no entanto, o romance ganhava um novo público, “erudito”, de gosto refinado, portador de instrumentos de análise capazes de verificar-lhe os defeitos e qualidades. Ganhava também uma nova finalidade: satisfazer os critérios de produção da “obra de arte”, por meio da qual se consagrava enquanto gênero literário digno de figurar ao lado daqueles que, desde a Antiguidade, atribuíam prestígio a qualquer literatura que fosse.¹⁷⁴

Para corresponder ao gosto de um público meramente interessado em deleite e instrução, as narrativas não precisavam apresentar sofisticações formais, o que não ocorria quando se tratava de agradar a um leitor que possuía uma instrução mais refinada, tarefa que exigia, do romancista, um maior aprimoramento do texto. Essa seria uma outra forma de conceber as mudanças de parâmetro presentes nas críticas divulgadas pela imprensa brasileira do Oitocentos: a crescente valorização de questões

Vieira Martins. Cf. MARCO, Valéria de. *O Império da Cortesã – Luciola: um perfil de Alencar*. São Paulo: Martins Fontes, 1986; MARTINS, Eduardo Vieira. *A Fonte Subterrânea*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP/IEL, 2003.

¹⁷³ AUGUSTI, Valéria. *Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista*. Tese de Doutorado. Campinas/SP: UNICAMP/IEL, 2006, p. 85.

formais e estéticas em prol da análise das escolhas temáticas deu-se, também, porque o gênero ganhou maior prestígio entre os homens de letras.

¹⁷⁴ Idem, p. 133.

CAPÍTULO II.

Teixeira e Sousa – a trajetória de um romancista brasileiro em busca da consagração¹.

2.1 A vida *folhetinesca* de Teixeira e Sousa.

Inteligente, honrado e dedicado, não teve limitados espinhos na sua peregrinação de meio século. Filho de pais pobres, Teixeira e Souza a si deveu a posição em que morreu, legando a sua próle – a honra e a pobreza, - às patrias letras – não poucas produções de mérito – e á humanidade – a sua vida repleta de acções dignas de imitação. (*A Mocidade*. Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1862).²

As palavras do colunista do periódico literário *A Mocidade* citadas na epígrafe foram divulgadas aproximadamente dois meses após a morte de Teixeira e Sousa e apresentaram um elemento recorrente nos textos que se debruçaram sobre a vida do autor: a menção à penúria financeira. Esse elemento foi tomado como base para a composição da imagem de um escritor que, graças ao amor pela literatura, conseguiu elaborar e publicar suas produções literárias apesar das dificuldades financeiras e da parca instrução. Essa imagem esteve presente tanto nos textos publicados por ocasião de sua morte quanto nos que enfocaram sua biografia, principalmente aqueles produzidos no século XIX. Conheçamos, então, os elementos da vida do autor que serviram de base para a composição dessa imagem tão cara aos intelectuais românticos que o biografaram.

Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa nasceu em Cabo Frio – RJ, no dia 28 de março de 1812. Era o mais velho dos cinco filhos de Manoel Gonçalves, negociante português, e Anna Teixeira de Jesus, brasileira afro-descendente. Em 1822, por ocasião da Independência do Brasil, muitos negociantes lusos não quiseram reconhecer a independência brasileira e retiraram-se para Portugal, circunstância que obrigou seu pai a liquidar as contas com alguns deles, comprometendo suas finanças. Por isso, Manoel Gonçalves precisou fazer com que os filhos aprendessem ofícios diversos. O primogênito Antônio abandonou a aula régia que começara a frequentar e dedicou-se à carpintaria. Segundo a biografia elaborada por Moreira de Azevedo, a mãe do autor faleceu nesse período³.

¹ Os textos oitocentistas que trazem informações sobre a biografia de Teixeira e Sousa referidos neste capítulo estão disponíveis no volume de Anexos.

² Felix. "Revista da Quinzena". In: *A Mocidade: periódico litterario*. Rio de Janeiro: Typ. Popular, n. 2, 31 de janeiro de 1862.

³ Moreira de Azevedo observou que "em consequência da morte de sua esposa e dos negócios políticos da independência do Brasil, experimentou Manoel Gonçalves graves embaraços na sua vida commercial." AZEVEDO, Moreira de. "Biographia de

Em março de 1825, Teixeira e Sousa foi levado pelo pai ao Rio de Janeiro com o objetivo de aperfeiçoar-se no ofício de carpinteiro. Permaneceu na corte brasileira, sob os cuidados de um parente, até meados de 1830, quando uma doença pulmonar fê-lo retornar a Cabo Frio⁴. Os textos biográficos informam que, de volta à terra natal, o autor soube que seus cinco irmãos haviam falecido e, algum tempo depois, perdeu o pai⁵. Apesar de lesivos do ponto de vista pessoal, esses eventos parecem ter contribuído para que ele retomasse o caminho que o conduziria à carreira de escritor, pois, segundo alguns biógrafos, com a perda da família, a venda dos bens permitiu que o autor retomasse os estudos.

Em 1840, mudou-se para o Rio de Janeiro e foi acolhido por Paula Brito, com quem manteve relações de trabalho, parceria e amizade que permaneceram ao longo de suas vidas. Teixeira e Sousa trabalhou muito tempo com o tipógrafo, com quem montou, em sociedade, uma tipografia e loja de livros que funcionou entre 1845 e 1849. Foram os prelos de Paula Brito que imprimiram a maior parte de suas publicações, tanto em prosa quanto em verso.

Aos trinta e quatro anos, em 1846, o autor casou-se com Carolina Maria Teixeira e Sousa, com quem teve seis filhos. Houve uma melhoria no âmbito profissional em 1849, quando ele conseguiu o cargo de Professor Público de Instrução Primária na região do Engenho Velho. Segundo Joaquim Norberto de Sousa Silva, junto com o cargo, ele obteve uma casa para residir com a família, localizada na rua S. Cristóvão n. 63. O biógrafo observou, ainda, que o aumento das despesas familiares, fruto do nascimento dos filhos, impulsionou o escritor a pleitear esse cargo e abandonar a tipografia e a loja de livros e papéis⁶.

Em 1855, Teixeira e Sousa deu outro impulso à vida profissional e abandonou a carreira de professor do ensino primário: no dia 02 de junho, obteve a nomeação para Escrivão da Primeira Vara do

Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa". In: *A Grinalda – revista semanal litteraria e recreativa*. Redactor em chefe Dr. Constantino Gomes de Sousa. Editor F. de Paula Brito. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 09 de dezembro de 1861, p. 9.

⁴ As informações sobre a permanência de Teixeira e Sousa no Rio de Janeiro entre 1825 e 1830 foram fornecidas pelas biografias de Félix Ferreira e Joaquim Norberto de Sousa Silva. Elas possuem um teor aparentemente questionável, visto que foram extraídas do 1º Capítulo de *Tardes de um Pintor, ou As Intrigas de Um Jesuíta*, o qual funciona como prefácio em que o autor tece a moldura narrativa através da qual tenta conferir caráter verídico ao romance. Entretanto, as datas mencionadas nesse texto levam a crer que, independentemente da veracidade do conteúdo da narrativa em questão, a permanência do autor na corte foi verdadeira, levando-se em conta que ele nasceu no dia 28/03/1812: "Cheguei pois á cidade do Rio de Janeiro no dia 24 e no dia 28 do mesmo mês de Março [de 1825] fiz meus treze anos. Permitti que de passagem note o quanto o mês de março me deve ser caro; cinco anos depois, desenganado de uma queixa de peito mandaram os médicos, que me trataram, retirar-me ao meu país." SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. "Como o autor soube desta história". In: *Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*. São Paulo: Editora Três, 1973.

⁵ Segundo o *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* de Sacramento Blake, o pai foi o último membro da família a falecer, informação que está de acordo com os dados fornecidos pela biografia de Moreira de Azevedo, a qual indica que a mãe do romancista faleceu na década de 1820. Cf. BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.

⁶ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. "Notícia sobre Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa". In: *Revista do IHGB*, XXXIX-1. Rio de Janeiro, 1876, p. 210.

Juízo do Comércio da Corte. Os biógrafos ressaltam que esse cargo, que o autor exerceria até o fim da vida, trouxe-lhe uma situação financeira mais confortável⁷.

Paralelamente ao desenvolvimento dessa trajetória profissional, ele publicou as seguintes obras: 1. **Romances:** *O Filho do Pescador* (1843), *As Fatalidades de Dois Jovens* (1844-6?), *Tardes de um Pintor* ou *As Intrigas de um Jesuíta* (1847), *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes* (1848-1851), *Maria ou A Menina Roubada* (1852), *A Providência* (1854). 2. **Poesia:** *Cânticos Líricos* (1841-1842), *Os Três Dias de um Noivado* (1844), *A Independência do Brasil* (1847-1855). 3. **Teatro:** *Cornélia* (1840), *O Cavaleiro Teutônio* ou *A Freira de Marienburg* (1855). 4. **Obras Diversas:** *As Mensageiras de Amor* (1851) e *A Sorte* (1851).

O autor empenhou-se para exercer a atividade de escritor e ser reconhecido como tal, esforço que parece ter sido recompensado, pois os textos escritos por ocasião de sua morte lamentaram a perda do “poeta e romancista”. Teixeira e Sousa morreu no dia 01 de dezembro, um sábado, aos 49 anos, acometido por uma hepato-enterite. No dia seguinte, o *Correio Mercantil* publicou uma nota acerca de seu falecimento:

Falleceu hontem, ás 3 horas da tarde, o escrivão da 1ª. Vara Commercial da Côrte, Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa.

Entregando-se ás letras nos primeiros annos de sua vida, Teixeira e Sousa deixou alguns trabalhos que tornaram seu nome conhecido e estimado.⁸

No mesmo dia, o *Diário do Rio de Janeiro* divulgou um texto relativamente longo que forneceu informações sobre a vida e a obra do autor e concebeu sua morte como grande perda para a literatura nacional⁹. Três dias depois, uma pequena nota da “Gazetilha” do *Jornal do Comércio* comunicou o enterro do escritor: “Relação das pessoas sepultadas nos cemiterios publicos e particulares no dia 2. / Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, Fluminense, 49 annos. Hepato enterite.”¹⁰

⁷ Joaquim Norberto, por exemplo, comentou que não havia palavras que exprimissem o contentamento da alma de Teixeira e Sousa quando obteve o cargo: “Veiu, finalmente, a fortuna sentar-se no seu lar e tudo lhe sorria mil venturas. Acudiam as partes, avultavam as propinas. Pagára dividas contrahidas nos dias adversos da penuria; começava a gozar os confortos da vida de que se privára por tanto tempo; desvelava-se na educação dos filhos e bemdizia a mão que o arrancára ás garras da miseria.” Idem, p. 212.

⁸ In: *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1861. Apud: “A Morte de Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa”. In: *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typ. de Paula Brito, n. 1323, 06 de dezembro de 1861.

⁹ Cf.: *Diário do Rio de Janeiro*. 02 de dezembro de 1861. Apud: “A Morte de Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa”. In: *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typ. de Paula Brito, n. 1323, 06 de dezembro de 1861.

¹⁰ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 05 de dezembro de 1861.

No dia 06 de dezembro, foi a vez de Paula Brito manifestar publicamente em *A Marmota* a dor que sentia pela perda “do amigo, do irmão” com quem “por muitos anos viveu e conviveu”. O tipógrafo mencionou que poucos, mas sinceros, amigos compareceram ao enterro do escritor, destacando a presença do “Snr. Conego Dr. C. J. (*sic*) Fernandes Pinheiro, que era d’elle inseparável”¹¹ e do juiz do Tribunal do Comércio onde ele trabalhara, o Dr. João Batista Gonsalves Campos¹². Alegando que “as grandes dores eram mudas”, Paula Brito reiterou que tudo o que dissesse a respeito do amigo seria pouco e expressou seus sentimentos num artigo conciso. Dias depois da morte do amigo, no dia 15 de dezembro de 1861, Paula Brito faleceu.

O exemplar de 09 de dezembro da “revista semanal literária e recreativa” *A Grinalda* prestou nova homenagem ao autor, divulgando uma “Biographia de Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa” elaborada por Moreira de Azevedo. O texto mencionou as obras publicadas e as dificuldades que o autor encontrou para dedicar-se à literatura e amparar a família e, para finalizar, divulgou a seguinte imagem do biografado:

Era um litterato modesto, poeta distincto, e homem dotado de uma perseverança e força de vontade próprias dos grandes genios. Quando queria, podia; a sua vontade era inabalável, a sua intelligencia não conhecia tropeços. A sua lealdade e gratidão para com os seus amigos eram iguaes, as suas virtudes cívicas; nunca foi ingrato aos seus, e viveu amando e engrandecendo o seu paiz. Character elevado e independente, só se dobrava ao dever, superior à todas as seducções, conservou-se sempre pobre e sem honras, legando á pátria e a seus seis filho, que ficaram no desamparo, um nome sem mancha.¹³

O texto ressaltou a perseverança, a inteligência, o amor à pátria e a honradez de Teixeira e Sousa, mostrando como essas qualidades se manifestavam na vida pessoal do autor e no modo como ele exercia sua atividade de escritor. Dias depois, Joaquim Manuel de Macedo, na “Chronica da Quinzena” da *Revista Brasileira*, lamentou a perda do romancista cabofriense e de Manuel Antônio de Almeida¹⁴:

Depois de rosas..... goivos.

¹¹ Fernandes Pinheiro publicara, antes da morte de Teixeira e Sousa, uma meditação dedicada a ele, a qual, ironicamente, intitulava-se “O Dia de Finados”. Cf. PINHEIRO, J. C. Fernandes. “O Dia de Finados”. In: *Revista Popular – noticiosa, scientifica, industrial, historica, litteraria, artistica, biographica, anedoctica, musical, etc.* Jornal Illustrado. Rio de Janeiro: Typographia de Quirino & Irmãos, tomo XII, setembro a dezembro de 1861.

¹² Este último, segundo informações do texto publicado no *Diário do Rio de Janeiro* dias antes, dissera a seguinte frase quando soube da morte de Teixeira e Sousa: “O commercio perdeu um escrvão, cuja falta é irreparavel. Eu, seu juiz, sei o que elle era.” Cf. *Diário do Rio de Janeiro*. 02 de dezembro de 1861. *Op. cit.*

¹³ AZEVEDO, Moreira de. *Op. cit.*, p.11-12.

¹⁴ Manuel Antônio de Almeida, autor das *Memórias de um Sargento de Milícias*, também faleceu em dezembro de 1861, no conhecido naufrágio do Vapor Hermes.

Ao pé da mais bella esperança o mais triste desengano!

Duas sepulturas abrirão-se n'esta quinzena para receber dois poetas mortos prematuramente.

Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, o poeta e o romancista, morreu deixando mulher e filhos em completa e honradissima pobreza.

Manoel Antonio de Almeida, prosador tão elegante que não hesitei em chamal-o poeta, victima de um triste naufragio, teve por sepultura o fundo do oceano!

Teixeira e Souza era um grande talento que nascêra pobre, que se elevára por esforço proprio, que brilhára na maior adversidade, como as plantas odoríferas, que tanto mais se macerão, quanto mais rescendem: depois de muito trabalhar, muito soffrer, e muito merecer, achou um arrimo em um emprego judicial: foi escrivão, e deixou como tal uma reputação de intelligencia e de honestidade, que fulge tanto como o seu nome de poeta.

Morreu pobre. [...] Foi uma quinzena de lagrimas e de luto para a litteratura patria.¹⁵

Para o folhetinista, Teixeira e Sousa fora “um grande talento que nascera pobre” e, apesar do “esforço próprio” e da “reputação de inteligência e de honestidade” adquirida depois de “muito sofrer e muito merecer”, morrera pobre. Assim como Macedo, os demais escritores que se pronunciaram sobre a morte do autor mencionaram a precária situação financeira em que ficaram a esposa e os seis filhos, dos quais, segundo Paula Brito, o mais velho contava com 12 anos e o mais jovem, 3. Innocencio Silva e Sacramento Blake, em seus *Dicionários Bibliográficos*, informaram que os amigos e o corpo do comércio da corte organizaram uma subscrição com o objetivo de arrecadar recursos para amenizar a penúria em que ficara a família do escritor.

É visível a força que teve, no século XIX, abordagem do romancista cabofriense pelo viés da pobreza e do merecimento pelas obras publicadas. Essa imagem era tão forte que dados de sua vida particular chegaram a ser mencionados na nota divulgada em *O Guanabara* sobre a publicação do segundo volume de *A Independência do Brasil*: O texto esclareceu que o autor da epopéia de assunto “inteiramente nacional” não era desconhecido, tratando-se de um “poeta de grande talento” cuja reputação fora adquirida “à custa de árduas fadigas”¹⁶.

Os estudos publicados no século XIX foram utilizados como fonte para obtenção de informações sobre a biografia e a bibliografia do autor, sendo esta uma possível razão para o fato de a menção à sua precária situação financeira ser recorrente em muitas histórias literárias publicadas ao longo do século XX. Alfredo Bosi, por exemplo, referiu-se ao escritor cabofriense como “mestiço de origem humílima a quem se

¹⁵ *O Velho*. “Chronica da Quinzena”. In: *Revista Popular. Noticiosa, Scientifica, Industrial, Historica, Litteraria, Artistica, Biographica, Anedoctica, Musical, Etc., Etc. Jornal Illustrado*. Rio de Janeiro, outubro a dezembro de 1861. Ano III, tomo 12, p. 377-382.

¹⁶ *O Guanabara*. Rio de Janeiro. 1855. Tomo III, p. 23-24.

deve a autoria do primeiro romance romântico brasileiro”. Na nota sobre a vida do autor, o crítico teceu os seguintes comentários: “Filho de um vendeiro português e de uma mestiça, exerceu sempre ofícios modestos, começando como carpinteiro, e chegando a duras penas a mestre-escola e a escrivão.”¹⁷

Outro elemento que pode ter motivado a cristalização da imagem de Teixeira e Sousa como um homem de letras que driblava dificuldades para dedicar-se à escrita foi o fato de que o próprio autor procurou atrelar essa imagem à sua trajetória como literato. Nos prefácios de duas das suas produções em versos, ele tentou fazer com que as dificuldades que encontrou para escrever e publicar suas obras favorecessem a recepção das mesmas.

O prefácio “Lede e Acreditei” acompanhou o primeiro volume de *Cânticos Líricos*, publicado em 1841, a primeira produção do autor a vir a lume. Nesse para-texto, ele informou que os versos haviam sido escritos em sua adolescência, quando acreditava em suas habilidades como poeta. O autor referiu, também, que os textos foram elaborados numa circunstância singular, quando ainda se adaptava emocional e economicamente à morte de seus familiares:

Assim, sem meios de subsistencia, sem nome, sem familia (porque haviam morrido todos os meus) sem interesses, era preciso viver sem ser muito incommodo, ou nimamente pesado!... Ah!... Leitor, não é um homem soberbo, ou propenso á ingratidão, que suspira, é um mancebo, que aprendeu dos seus maiores a ser grato, e a não incomodar muito, e o não pode fazer... Ah!...

Recorri então aos meus manuscriptos, extrahi delles o, que me pareceu mais sofrivel, e dou á luz. Á vista desta necessidade, desta mais imperiosa de todas as Leis, não temo o juizo, que das minhas Obras se fizer no Tribunal da Opinião, essa absoluta juiza d'Universo.

Em quanto ao meu estylo, ou locução, phraseologia, &c., menos me pertence dizer; la me esperam os criticos, e elles me julgarão. Leitor, leste a verdade.

O prefácio parece ter sido elaborado com objetivo de deixar o leitor convencido de que valia a pena fazer possíveis concessões a textos escritos na juventude. Segundo o autor, a “necessidade” de publicar algum texto de sua autoria levou-o a recorrer a composições elaboradas num momento em que lidava com a necessidade de prover sua subsistência e superar a perda da família.

¹⁷ BOSI, Alfredo. Op. cit., p. 111.

Em uma das mais recentes histórias da literatura brasileira, foi dedicada uma pequena nota a Teixeira e Sousa: “Um mestiço de vida atribulada, autor de um ambicioso poema sobre a Independência do Brasil: as crônicas, contudo lembram-no apenas como pioneiro no caminho do romance brasileiro (*O Filho do Pescador*, 1843; *Gonzaga ou a Conjuração de Tiradentes*, 1848; etc., etc.) que logo depois iria encontrar expressão mais composta e qualificada nas obras de um Macedo ou de um Alencar.” (In: STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 168. 1.ª Ed.) Chama atenção o fato de que a única informação fornecida a respeito da vida do autor tenha sido seu caráter “atribulado”.

Anos depois, em 1847, nas páginas de dedicatória do primeiro volume de *A Independência do Brasil*, Teixeira e Sousa ofereceu sua epopéia a membros da nobreza e da família imperial e aos seus compatriotas. No texto dedicado “Aos Brasileiros”, a imagem do dilema vivido por um poeta sem posses que desejava publicar seus versos foi atualizada:

Entrego-vos o trabalho de quasi cinco annos, e nem porisso bom. Ninguem, como eu, alcança os deffeitos desta minha pequena obra; mas ninguem menos que eu é capaz de a-corrir, pois que para tanto me-fallece o animo: em melhores tempos sim, o-faria; e talvez apparecesse este Poema illustrado de algumas notas historicas, e geographicas, onde precisas fossem; e até apontaria os logares em que imitei, e de quem: mas isto seria em outros tempos, quero dizer, de mais esperanças, e de menos tempores, quando só viajava eu por este mundo, no qual, si o passado me-causava bem ternas saudades, nem porisso o futuro me-dava bem entendidos temores.

Hoje, por uma lei sancta, alguém viaja comigo, e, si só, podia eu dar-me ás letras, ou melhor, podia não importar-me muito com os meios da existencia, hoje os-devo preferir a tudo, para que não soffra aquella, que ao meu tem, para sempre, ligado o seu destino.

O autor apresentou-se como um homem de letras que, devido à necessidade de desenvolver outras atividades para prover o sustento da família, não pôde dedicar-se ao aperfeiçoamento de suas habilidades de escritor. Essa era uma forma de ele se desculpar com os leitores por possíveis falhas, como a ausência das “notas históricas e geográficas” e de alusões mais explícitas aos autores da tradição com os quais a epopéia da independência brasileira dialogava. Na continuação da dedicatória, ele solicitou que o público fosse benevolente na leitura do poema:

Tudo isso quer dizer que não posso distrahir com as letras um precioso tempo, que empregar posso com mais proveito em favor de meus deveres, e dos commodos da vida, mormente na em que me-acho, de cujas occupações poco me-sobra.

Ahi vae pois esta obra, que tantos descontentamentos me-tem dado; e della me não fica outro prazer senão o havel-a emprehendido; e, si isto é gloria, é a unica de orgulhar-me posso [...].

O autor

Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa.

Conferindo veracidade às suas palavras, o autor indicou que se referia a episódios de sua vida pessoal e sugeriu que esses acontecimentos fossem levados em conta para atenuar o peso de possíveis falhas do poema. Apesar de mencionar que a obra lhe trouxera “descontentamentos”, destacou o orgulho que sentia ao publicar um poema que exaltava sua pátria, insinuando desinteresse financeiro. A imagem

de que Teixeira e Sousa criou para si nos prefácios dos volumes poéticos em questão, um homem de letras que não pôde se aperfeiçoar devido à escassez de recursos financeiros, é a mesma que se apreende através da leitura dos textos críticos oitocentistas que reconstruíram sua trajetória.

Devemos considerar que o modo como as condições financeiras do romancista cabofriense foram enfocadas não foi uma construção isolada, já que a imagem do escritor que enfrentou dificuldades financeiras e morreu pobre percorreu boa parte da história da profissionalização do escritor. No Brasil, ela foi bastante recorrente nas queixas presentes nas correspondências e nos textos ficcionais de alguns escritores do século XIX e início do XX.

Em *O Preço da Leitura*, Lajolo e Zilberman discutiram a presença de *leis e números por detrás das letras*, dedicando espaço à análise da noção de “incompatibilidade entre a feição material da literatura e sua dimensão dita propriamente estética” presente na tradição dos estudos literários¹⁸. Segundo as estudosas, a “concepção da irrelevância da materialidade econômica nos estudos de literatura” vinha acompanhada da “imagem de despreparo do escritor para com os aspectos práticos da vida”, influenciando a forma de abordarem-se as biografias dos autores:

A presumida canhestrice financeira constituiu tabu dos mais zelosamente mantidos, interiorizados e reforçados por gestos e rituais da área. [...] A crença na literatura como atividade ou objeto autônomo, separada das bases materiais, técnicas e econômicas, vale dizer, infra-estruturais de sua produção, reforça-se ainda por episódios da vida dos escritores que, erigidos numa espécie de mitologia, dão à teoria uma dimensão de história e veracidade.¹⁹

Um dos melhores exemplos de “grande artista que morre na miséria” é o autor de *Os Lusíadas*: sua vida foi cantada por Almeida Garrett, em 1825, na narrativa épica *Camões*, que, relembando passagens da vida do poeta quinhentista, inaugurou a escola romântica em Portugal. Segundo essa versão oitocentista, obtido o reconhecimento da excelência da epopéia lusitana por parte de D. Sebastião, Camões pôde difundir seu poema, que alcançou imenso sucesso. Após a partida do rei para a África, o autor, que ainda não obtivera êxito financeiro, “definh[ou] à míngua, só, desamparado / Dos amigos, do rei, da Pátria indigna”. Terminou seus dias na companhia de um escravo que o protegia e o ajudava, chegando a esmolar em seu nome. Garrett, ao cantar o “embate entre criação artística e luta pela sobrevivência”,

¹⁸ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *O Preço da Leitura – leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Ática, 2001, p. 71.

¹⁹ Idem, p. 71-2.

colaborou para a difusão de um tema que fez escola nas discussões a respeito da profissionalização do escritor²⁰.

No Brasil, o poema *Camões* forneceu matrizes para algumas das obras que abordaram “a triste sina do gênio”²¹ e esteve presente no imaginário oitocentista brasileiro quando se discutia o lugar do escritor. Assim, não foi por acaso que alguns autores românticos compararam as trajetórias de Teixeira e Sousa e Luís de Camões²². Além disso, devemos considerar que o percurso de um mulato de origem humilde que investiu na carreira literária apresentava-se como matéria perfeita para a composição de uma nova imagem de escritor desprovido de recursos financeiros.

2.2. Teixeira e Sousa e a profissionalização do escritor no Brasil.

O homem de letras é um ente desgraçado; um individuo, que vive para a utilidade dos outros; que sacrifica se pela louca vaidade de transmitir um nome à posteridade. Consagra toda a sua existencia a erguer um monumento que faça conhecido o seu paiz pelos estranhos [...]. (*Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 05 de maio de 1854)²³.

A visão de Teixeira e Sousa como alguém pobre que, graças ao amor pela literatura, driblou adversidades e publicou suas obras, apesar de reportar-se a fatos reais, não explora os meios de que ele se valeu para inserir-se na vida literária da época e conciliar a atividade de escritor e a garantia da subsistência. Se enfocarmos as penúrias de sua vida sob outro prisma, encontraremos uma imagem diferente do escritor: a figura de um homem de letras que conhecia as diversas facetas do mundo literário da época e utilizou-se de várias das estratégias possíveis para inserir-se nele. O mulato cabofriense atuou em vários âmbitos da vida intelectual brasileira, pois, além de escritor, ele exerceu os ofícios de ajudante de livraria, tipógrafo, professor de instrução primária e escrivão de cartório. Essa era uma trajetória comum

²⁰ Idem, p. 72-3.

²¹ Autores brasileiros oitocentistas que publicaram obras sobre “a triste sina do gênio”: J. M. Pereira da Silva (“Uma paixão de artista”, datado de 1838); Álvares de Azevedo (“Um cadáver de poeta”); Fagundes Varela (“Palavras do autor” na abertura de *Vozes da América*); Castro Alves (“Poesia e mendicidade”). Idem, p. 75-93.

²² Cf. NUNES RIBEIRO, Santiago. “O martírio do poeta”. In: *Minerva Brasiliense*. Rio de Janeiro: 1º. de agosto de 1845. Apud: BROCA, Brito. “Teixeira e Sousa e o Imperador”. In: *Românticos, Pré-Românticos e Ultra-Românticos. Vida Literária e Romantismo Brasileiro*. São Paulo: Pólis; INL, Ministério da Cultura, 1979; “Chronica da Quinzena”. In: *Revista Brasileira – Jornal de Litteratura, Theatros e Industria*. Rio de Janeiro, Typ. Dous de Dezembro, 14 de junho de 1855. N.º 1, p. 9-12.

²³ “O Homem de Letras”. In: *Jornal do Comércio* – “Comunicados”. Rio de Janeiro: Typ. de J. Villeneuve e Cia., 05 de maio de 1854.

a outros autores oitocentistas, muitos dos quais eram homens de letras que conciliavam a produção literária e o exercício de atividades diversas para garantir a subsistência.

Ao tratar da profissionalização do escritor brasileiro, devemos ter em conta que, comparado a outras nações, o país teve um desenvolvimento tardio da regulamentação referente à chamada “propriedade literária”. Esse relativo atraso pode verificar-se, por exemplo, no fato de que franceses e norte-americanos reconheceram os direitos de propriedade do autor nas últimas décadas do século XVIII²⁴, ao passo que, no Brasil, a regulamentação do direito autoral deu-se no fim do Oitocentos. A primeira lei referente à propriedade da criação artística ou científica incluída na constituição nacional foi aprovada em 1898, sofrendo reformulações em 1917, após muitas reivindicações dos intelectuais brasileiros:

Assim, nas primeiras décadas do século XX o Brasil dispõe de lei e regulamentação relativas ao direito autoral, concretizando uma das aspirações da geração que lutou pela República, no século XIX.

As reivindicações começaram a tomar corpo após 1870, época em que os intelectuais aderiram às idéias positivistas e materialistas que desembocariam na derrubada do regime monárquico. Cientes de seu desamparo profissional, preferiram, ao lamento narcísico dos românticos, lutar pelo estabelecimento de agremiações que os congregassem e, ao mesmo tempo, se empenhassem na conquista de remuneração apropriada, direitos legais e proteção aos seus familiares.²⁵

Os acontecimentos e discussões que possibilitaram a fundação da Academia Brasileira de Letras permitem conhecer o espírito empreendedor de alguns desses escritores empenhados em fugir do “desamparo profissional”. Valentim Magalhães, por exemplo, alegou que a instituição “desenvolveria o consumo literário de vários modos simultâneos”, pois consagraria os escritores, conferindo-lhes “prestígio oficial”, e facilitaria a obtenção de favores que diminuiriam o custo da impressão. Suas palavras indicam que os autores envolvidos na criação da Academia de Letras “não buscavam apenas a glória acadêmica ou títulos de destaque, mas principalmente uma maneira de converter esse prestígio num benefício para a

²⁴ “Em 1793, a França, agora sob a égide do governo revolucionário, dispõe, no art. 1o. da lei de 24 de julho, ‘na seqüência da lei de 1791 sobre os espetáculos públicos, [que] a proteção dos autores era alargada a todas as formas de utilização das suas obras. [...] Os norte-americanos, contudo, precederam os franceses [...]. Em 1783, Connecticut aprova o estatuto dos direitos autorais[...]. Até 1783, seis das treze colônias originais, na América do Norte, já dispunham de legislação sobre propriedade literária.” LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Op. cit., p. 44.

²⁵ Idem, p. 147-8.

classe.”²⁶ Afinal, os literatos que conseguiram viver da publicação de textos nas últimas décadas do século XIX precisavam trabalhar em diversos jornais para receber um salário razoável²⁷.

Em meados do século XIX, período em que Teixeira e Sousa publicou suas obras, a profissionalização do escritor brasileiro dava os primeiros passos e a possibilidade de viver da própria pena era, pois, bastante remota. Reflexões de contemporâneos do autor a respeito da condição do homem de letras divulgadas em periódicos da época fornecem elementos para o conhecimento da imagem que esses intelectuais faziam de si e do seu lugar social.

Esse é caso de “O Homem de Letras”, texto publicado em meio aos “Comunicados” do *Jornal do Comércio* de 05 de maio de 1854. O autor, que se identificou como *Neóphilo*, lamentou as injustiças e dificuldades que os escritores enfrentavam para obter reconhecimento e conferir glória ao seu país. Segundo ele, o homem de letras era movido pela vocação, uma “mão invisível [que o impelia] para diante, sem deixar tempo para refletir”, fazendo-o lutar contra as dificuldades em prol de seus princípios de “missionário da civilização”. Apesar de considerar que todas atividades relacionadas às belas letras ofereciam dificuldades, o autor acreditava que as pessoas que se dedicavam à literatura ou à ciência encontravam mais empecilhos:

[...] o poeta, que escreve um livro de *Melodias*, ou ainda uma epopéia, póde estar certo que poucos leitores terá, porque a sociedade em que vivemos é eminentemente prosaica, e olha para os filhos das musas com uma especie de ironica compaixão.

Uma obra scientifica apenas acha limitadissimo numero de apreciadores; e raramente o seu autor consegue cobrir as despesas da impressão; d'ahi esse desanimo que geralmente se nota nos nossos litteratos para emprehenderem obras de longo curso, com as quaes gastarião muito cabedal de tempo e de intelligencia sem a minima utilidade propria. Mas dir-nos-hão que ao escriptor basta a gloria, que ella é assaz para indemnisa-lo das suas improbas fadigas: responderemos que os homens de espirito tem de viver no meio do positivismo do mundo; e que a intelligencia é uma propriedade como outra qualquer, e que os seus productos constituem um objecto de commercio garantido pelas leis. Reimprimir um livro contra a vontade do seu autor é um roubo tão digno de punição como o defraudar alguém da sua fazenda.²⁸

²⁶ *A Notícia*. 14/11/1896. Apud: EL-FAR, Alessandra. *A Encenação da Imortalidade – uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p. 29.

²⁷ “Muitos desses homens de letras trabalhavam regularmente em diversos jornais para garantir um salário razoável no final de cada mês. Bilac sempre colaborou um mais de um jornal. Artur Azevedo dividia-se entre as inúmeras peças de teatro que escrevia e os artigos na imprensa. Raul Pompéia, além de escrever em jornais do Rio, enviava matérias aos periódicos paulistanos. Coelho Neto, que escreveu dezenas de livros, trabalhava em média 10 horas por dia, chegando às vezes a colaborar simultaneamente em três jornais.” EL-FAR, Alessandra. Op. cit., p. 35-6.

²⁸ *NEOPHILO*. “O Homem de Letras”. In: *Jornal do Comércio – Comunicados*. Rio de Janeiro: Typ. Villeneuve e Cia., 05 de maio de 1854.

Apoiado na idéia de que os escritos literários e científicos eram acolhidos por um número reduzido de pessoas, o autor passou do lamento à reivindicação. Para tanto, desprende-se da imagem de escritor pobre e injustiçado com que abriu o texto e passou a enfocar a situação do homem de letras sob outro parâmetro, postulando a necessidade de uma remuneração justa para os “trabalhos intelectuais”. Para defender a idéia de que os produtos da inteligência poderiam ser comercializados legalmente, o autor lembrou a prática do mecenato, alegando que “os grandes homens da antigüidade”, como Heródoto e Virgílio, “não se envergonharam de receber recompensas pecuniarias pelas suas produções litterarias”. Em seguida, passou a tratar da situação de escritores europeus contemporâneos:

Na culta Europa os trabalhos intellectuaes são remunerados de uma maneira regular: constituem um modo de vida daquelles que lhe dedicação o seu tempo. Tem-se lançado em rosto á litteratura moderna as suas tendencias interesseiras, diremos mesmo venaes: diz-se que a arte de escrever tem-se convertido em um officio; mas não se lembrão os que assim raciocinão que estando o corpo sempre sujeito á cabeça e justo tambem que esta trabalhe para alimentar áquelle.

Ora, os litteratos estando sujeitos a todas as necessidades da natureza humana devem procurar os meios de soccorrer a ellas: e é incontestavelmente mais honroso que fação dos seus escriptos objecto de transacções commerciaes do que sejam parasitas como os da antiga escola, que vivião á custa dos grandes, cuja benevolencia adquerião por lisonjas.²⁹

Ciente de que a obtenção de lucro por meio das letras era vista com maus olhos, o autor apoiou-se na prática européia para conferir legitimidade à profissionalização do escritor e desmerecer o mecenato, referindo-se aos artistas da “antiga escola” como “parasitas”. Ao informar que a *culta* Europa remunerava os escritores regularmente, insinuava que a impossibilidade de viver das letras no Brasil refletia um certo atraso em relação às *nações civilizadas*. No intuito de conferir maior credibilidade às suas considerações, mencionou lucros obtidos por escritores franceses e ingleses:

Na Inglaterra paga-se com generosidade uma obra de verdadeiro merecimento: Robertson recebeu pelo manuscripto da sua *Historia de Carlos V* quasi quatro contos de réis. Anna Redcliffe (*sic*) vendia cada um dos seus romances pela somma de oito contos. Byron vendeu as suas obras por dezanove contos setecentos e quarenta mil réis. Waltter Scott realisou com seus celebres romances uma fortuna de cento e oitenta contos de réis.

²⁹ Idem.

Ninguém ignora como em França são pagos os grandes escriptores; e pôde-se com veracidade dizer que Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, Alexandre Dumas, Scribe e Eugenio Sue, metamorphosearão em ouro tudo em que tocou as suas pennas, e novos [5 dígitos ilegíveis] parecem querer realizar em nossos dias a bella ficção dos Gregos. Sobretudo Alexandre Dumas tem recebido quantias fabulosas em troco dos seus bellissimos romances; e só o *Conde de Monte-Christo* rendeu-lhe perto de 100,000 francos, ou 34:500\$ em nossa moeda. Uma vez collocados na estrada do progresso não é possivel parar: não se contêrão os autores de vender as suas obras depois de terminadas; forão adiante: ajustarão com os jornalistas á razão de 1 franco e 50 centímetros, ou 517 rs. linha, e dest'arte os folhetins são escriptos por um preço fixado, que é ainda variavel segundo a reputação do autor. Este methodo de escrever a tanto por linha introduzio nos Romances modernos esses repetidos dialogos, exclamações, monosylabos, que são tão frequentes na *Dama de Monsoreau* e nos *Tres Mosqueteiros* de Alexandre Dumas.³⁰

O despojamento com que o autor lidou com os números indica que se tratava de um bom conhecedor do mercado editorial europeu. As informações fornecidas sinalizam o prestígio do romance na Europa, já que grande parte dos escritores ingleses e franceses mencionados como exemplos de homens de letras bem remunerados por seu “trabalho intelectual” eram romancistas. Além disso, a passagem pode ser tomada como indício do interesse do próprio *Neophilo* pelo gênero, pois ele demonstrou familiaridade com a prática dos prosadores europeus, discutindo assuntos específicos como a remuneração dos folhetins e a influência de questões externas na composição dessas obras, como no caso de algumas narrativas de Alexandre Dumas.

A essa imagem da “cultura Europa”, espécie de paraíso em que escritores eram generosamente remunerados, o autor contrapôs a situação dos homens de letras no Brasil, um país onde “não ha[via] homem algum que viv[esse] unicamente do producto de sua penna por mais elegante e aprimorada que ella [fosse]”. A seu ver, esse quadro era fruto da ausência de “gosto pela leitura” entre os brasileiros, circunstância responsável pela “falta absoluta de consumidores litterarios” e pela “esterilidade” dos prelos nacionais:

O que ha ahi que sirva de estímulo a um moço que se dedique a mal aventurada carreira das letras? Será elle por esse titulo bem recebido nos salões? Encontrará protectores quando por ventura pretenda algum emprego? Não por certo: que se não tiver outro titulo de recommendação senão o que lhe grangearam as letras nada conseguirá nos seus projectos, e passará pelo desgosto de ver nas sociedades serem-lhe preferidos homens bem ordinarios; mas que tiverão a fortuna de juntar alguns contos de réis [...].

³⁰ Idem.

Não se ouvem por toda a parte fallar senão em melhoramentos materiaes; concordamos que sejam elles muito uteis ao paiz, mas tambem julgamos ser tempo de attender um pouco aos melhoramentos moraes e intellectuaes, porque são elles que principalmente elevão um povo á categoria de civilisado. Cumpre que se proteção mais as letras, que se olhe com mais consideração para os nossos litteratos, que gozem de mais immuniidades esses athletas do progresso, sentinellas do futuro, e a quem compete transmittir ás gerações vindouras a historia dos nossos tempos.[...] ³¹

O excerto permite conhecer as propostas do autor para melhorar a situação dos homens de letras brasileiros: eles deveriam ser bem recebidos nos salões e favorecidos quando procurassem empregos, visto que se tratavam dos “atletas do progresso”. Por isso, entre os “melhoramentos morais e intellectuais” necessários para elevar o país à categoria de “civilizado”, destacavam-se a “proteção às letras” e a concessão de “imuniidades” aos escritores. Essas reivindicações, caso fossem atendidas, trariam benefícios para a vida material e social do escritor sem que necessariamente houvesse mudanças nas condições de publicação ou no comércio de livros. Além disso, as medidas propostas não solucionariam o problema da “falta absoluta de consumidores literários”, que, segundo o autor, impossibilitava que os brasileiros sobrevivessem do comércio de suas obras. Assim, apesar de criticar os artistas da “antiga escola” por terem vivido “à custa dos grandes”, o autor parecia acreditar que favorecimento e protecionismo eram fundamentais para que houvesse uma melhoria na condição dos escritores brasileiros.

As questões discutidas pelo *Neóphilo* foram abordadas sob outro viés em “As Letras no Brasil”, texto publicado anonimamente no exemplar de *A Marmota* de 02 de outubro de 1857. Apesar de acreditar que o país era “pouco literário”, o autor tentou mostrar que a situação brasileira não era alarmante e, por isso, teceu uma nova imagem da situação dos escritores europeus:

[...] não sejamos injustos para com a nossa patria; não é aqui sómente que o escriptor litterario se vê desdenhado, abandonado: olhemos para a Europa, para essa França que nos parece ser, a nós, que de longe para ella volvemos olhos pasmos pela admiração, e que nos parece ser o paraiso das letras, e havemos de ver, que, fóra um ou outro, Dumas ou E. Sue, Scribe ou Lamartine, a condição do litterato é das mais infimas; optimas composições á custo acham impressores; o litterato tem de solicitar o favor de um livreiro-editor, quasi que com instancia igual á do pretendente que solicita o favor ministerial. [...]

Concluamos, pois, e nisso teremos mais razão, do que em accusar a nossa patria, que – o seculo não é litterario. [...] ³²

³¹ Idem.

³² “As Letras no Brasil”. In: *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typ. de Paula Brito, 02 de outubro de 1857.

Apesar de reconhecer que havia escritores que obtinham lucros no comércio de suas obras, o autor defendeu a existência de um geral desinteresse pela literatura, postulando que a França não era o “paraíso das letras” como o queriam muitos brasileiros que a olhavam “pasmados pela admiração”. Empenhado em questionar o discurso fatalista em relação à cena literária brasileira, lembrou que, em outros momentos, escritores de renome sofreram privações, como Camões e Bocage. Em seguida, apontou uma explicação para o descaso generalizado em relação aos escritores:

O gosto litterario, o prazer da leitura foi sempre privilegio exclusivo de um circulo mais ou menos limitado de homens, de sensibilidade de imaginação especial.

Os que tem [sic] esse gosto, os que podem ter esse prazer gozem entre si, e não se irritam contra os que o não têm, antes delles se compadeçam: não se lamentem, ufanem-se.

E entretanto reconheçamos que não estão as letras assim tão completamente desamparadas, desestimadas, como se quer affigurar. Associações litterarias se organisam, brilham ellas e extinguem-se como perylamos; mas se umas succumbem, outras se levantam, e pondo em contacto os cultores das letras, animam os seus esforços, galardoam-os com a reciproca estima.³³

Ao estabelecer que o prazer da leitura era privilégio de um número reduzido de homens com “sensibilidade de imaginação especial”, o autor sugeria que a existência de poucos leitores era comum a todos os países e minava a credibilidade daqueles que apregoavam o desamparo das letras. A ideia de que os “cultores das letras” eram um grupo seleto parecia fundamental, também, sua crença no poder das associações literárias, pois o autor insinuou que o contato que elas propiciavam entre os escritores era suficiente para estimular a vida literária nacional. Com base nessas ideias, ele sugeriu que os homens de letras se unissem e não esperassem recompensas materiais:

Consolemo-nos, pois, nós homens de letras, consolemo-nos, e... esperemos. Cultivemos as letras, como ellas querem ser cultivadas, não como officio, porem como prazer d'alma, que busca expandir-se. Cultivemos as letras, não em vista do presente (que importa o presente a quem o póde dourar com as galas da imaginação?); mas em vista do futuro: não nos darão ellas os commodos e regalos da vida material, dar-nos-hão muito mais – dar-nos-hão a immortalidade!³⁴

O autor foi fiel à ideia de que a atividade literária e a obtenção de recursos financeiros deviam estar desvinculadas, pois em nenhum momento do texto requisitou o apoio governamental para os escritores.

³³ Idem.

Ao abordarem a atividade do escritor sob perspectivas diversas, “O Homem de Letras” e “As Letras no Brasil” fornecem-nos uma imagem menos parcial da situação do escritor brasileiro em meados do século XIX. A partir deles, percebemos que conviviam, no país, diferentes formas de abordar a situação das letras na Europa e no Brasil, o papel do escritor e a relação entre escrita literária e remuneração. Apesar das diferenças, ambos os autores traçaram a imagem de um país em que os homens de letras encontravam muitas dificuldades para fazer da escrita uma profissão. As práticas profissionais de Gonçalves Dias permitem conhecer as dificuldades enfrentadas por aqueles que lutavam pela inserção social do escritor. Sua correspondência revela que, mesmo se tratando de um escritor que obteve o reconhecimento de seus contemporâneos, ele precisou de muito empenho e do auxílio de amigos para defender sua propriedade intelectual³⁵.

Diante desse quadro, os escritores que desejavam divulgar suas obras e adentrar a cena literária nacional utilizavam estratégias diversas, dentre as quais se destacava a obtenção do auxílio de pessoas conhecidas e influentes. Lajolo e Zilberman observam que, ao longo de quase todo o século XIX, a “consolidação do campo literário no Brasil” deu-se mediante o auxílio de uma “política de favorecimento” que tentava fazer-se invisível:

O escritor brasileiro não conta com um mercado anônimo suficientemente forte para sustentá-lo, desde que ele se exponha à concorrência, igualmente despersonalizada. As cifras de alfabetizados, de bibliotecas, de gabinetes de leitura, de tiragem de livros apontam para instituições frágeis e pouca leitura que – salvo algumas exceções – exigem do escritor a montagem de um sistema particular, rede reservada de contatos, que lhe garantem a pertença ao mundo cultural.³⁶

O modo como se deu a apresentação de Castro Alves à intelectualidade carioca oitocentista exemplifica como funcionava essa “rede reservada de contatos”. José de Alencar, em carta datada de 18 de fevereiro de 1868 e divulgada no *Correio Mercantil* quatro dias depois, escreveu a Machado de Assis solicitando-lhe que “apresenta[sse] ao público fluminense o poeta baiano”. O romancista cearense informou que recebera a visita do poeta no dia anterior e, ao ler algumas de suas produções, apreciara a qualidade do drama *Gonzaga* e a suavidade e opulência das rimas de seus poemas. Vale notar, porém, que Castro Alves não chegou acompanhado somente por seus escritos, pois Alencar mencionou que ele trouxera uma

³⁴ Idem.

³⁵ As práticas profissionais de Gonçalves Dias foram discutidas em: LAJOLO, Marisa. “O Preço da Leitura: Gonçalves Dias e a profissionalização de um escritor brasileiro oitocentista”. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (org.). *Cultura Letrada no Brasil – objetos e práticas*. Campinas/SP: Mercado de Letras, ALB; São Paulo: FAPESP, 2005.

carta do Dr. Fernandes da Cunha, um senador a quem se referiu como “um dos pontífices da tribuna brasileira”. A mediação do político parece ter sido benéfica para o poeta, pois Alencar comparou-a à imagem da “eloquência conduzindo pela mão a poesia” antes de expor que atitudes esperava do destinatário de sua carta:

Já um poeta o saudou pela imprensa; porém, não basta a saudação; é preciso abrir-lhe o teatro, o jornalismo, a sociedade, para que a flor desse talento cheio de seiva se expanda nas auras da publicidade.

Lembrei-me do senhor. Em nenhum concorrem os mesmos títulos. [...]

Do senhor, pois, do primeiro crítico brasileiro, confio a brilhante vocação literária, que se revelou com tanto vigor.³⁷

Ao elogiar Machado de Assis e escolhê-lo para auxiliar um poeta ainda desconhecido, ele fez com que o favor que solicitava ganhasse ares de cumprimento de uma tarefa, afinal se dirigira ao “primeiro crítico brasileiro”, ou seja, a uma das pessoas mais indicadas para instruir novos escritores. A resposta foi publicada dias depois, no mesmo periódico, trazendo novos elogios ao poeta baiano³⁸. Naquele momento, Alencar já era um escritor reconhecido³⁹ e essa circunstância certamente colaborou para que Machado de Assis declarasse que a carta do romancista cearense já havia aberto “as portas da mais vasta publicidade” a Castro Alves. O crítico teve razão, pois o poeta manifestou reconhecimento pela “magnífica apresentação” promovida por Alencar, referindo-se à carta que este publicara como um “diploma literário”⁴⁰.

Evidenciam-se, pois, os benefícios que o estabelecimento de relações certas poderia propiciar aos escritores brasileiros na obtenção de reconhecimento literário na segunda metade do século XIX. Teixeira e Sousa, que publicou suas obras anos antes desse episódio, mostrou-se familiarizado com essa prática,

³⁶ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Op. cit., p. 91.

³⁷ “A Machado de Assis”. In: *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro: 22 de fevereiro de 1868. Apud: MENEZES, Raimundo de. *Cartas e Documentos de José de Alencar*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1967, p. 56. O texto também está disponível virtualmente: Cf. “Castro Alves – Diálogo Epistolar entre José de Alencar e Machado de Assis”. In: *Jornal de Poesia* (<http://www.secrel.com.br/jpoesia/machado04.html#resposta>) Consulta em 01/10/08.

³⁸ A carta foi publicada no exemplar do *Correio Mercantil* de 01 de março, datada de 29 de fevereiro de 1868. Cf. “Castro Alves – Diálogo Epistolar entre José de Alencar e Machado de Assis”. In: *Jornal de Poesia* (<http://www.secrel.com.br/jpoesia/machado04.html#resposta>) Consulta em 01/10/08.

³⁹ Alguns dos escritores que se corresponderam com Alencar, como Luís Guimarães Junior, Castro Alves e Júlio Ribeiro, chamaram-no de “mestre”, “primeiro vulto de nossa literatura”, “pai do romance brasileiro”, mostrando que ele obteve reconhecimento ainda em vida. (Cf. MENEZES, Raimundo de. Op. cit.)

⁴⁰ “Exmo. Amo. Sr. Conselheiro.

Escrevo a V. Exa. para manifestar o meu reconhecimento pela magnífica apresentação do meu pequeno trabalho. [...] Mas para que dizer palavras? À – carta – de V. Exa., àquele diploma literário eu só posso responder de uma maneira digna de mim e do meu ilustre mestre[...].” Apud: MENEZES, Raimundo de. Op. cit., p. 125-126.

bastante comum entre seus contemporâneos. Nos caminhos que trilhou para inserir-se no campo literário, várias portas abriram-se mais facilmente graças à influência das relações que manteve.

O primeiro contato que estabeleceu ao mudar-se definitivamente para o Rio de Janeiro, em 1840, foi com Francisco de Paula Brito, que lhe abriu as portas de seu estabelecimento tipográfico, onde trabalhou por alguns anos e imprimiu várias de suas obras. A relação com o tipógrafo carioca foi decisiva para que Teixeira e Sousa alcançasse um lugar entre os homens de letras, visto que o primeiro desejava ajudá-lo e estava em condições de fazê-lo.

Paula Brito, também um mulato de origem humilde, era autodidata e supriu a falta dos estudos regulares “com a leitura de bons livros, e com a conversação e tracto de homens instruidos”⁴¹, conseguindo atuar como tipógrafo, escritor e tradutor. Sua participação mais ativa na vida intelectual brasileira deu-se a partir 1831⁴², quando, depois de ter ocupado cargos diversos no *Jornal do Comércio* e conhecido a arte tipográfica sob vários ângulos, comprou uma loja que comercializava “papéis, cêra e chá”, onde instalou um pequeno prelo que adquirira e passou a imprimir periódicos políticos⁴³.

Ao longo dos anos, o tipógrafo prosperou, adquiriu mais impressoras, ampliou as instalações e criou agências em todo o Império para distribuir o material que publicava⁴⁴. Faleceu no dia 15 de dezembro de 1861 e, segundo Inocêncio Silva, sua morte foi “universalmente sentida” e ao seu enterro compareceram “pessoas de todas as classes e condições”. Foi homenageado pelos contemporâneos por meio de vários artigos necrológicos e da publicação do opúsculo *Monumento á Memoria de Francisco de Paula Brito*, impresso em 1862⁴⁵.

⁴¹ SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português*. Op. cit.

⁴² Filho do carpinteiro Antunes Duarte e de Maria Joaquina da Conceição Brito, Francisco de Paula Brito nasceu no Rio de Janeiro no dia 02 de dezembro de 1809. Aos seis anos, mudou-se com a família para Suruí, onde, sem freqüentar a escola, ele aprendeu a ler e escrever com uma irmã. Em 1824, com quinze anos, foi trazido de volta ao Rio de Janeiro pelo avô, que o tomara como pupilo desde a morte dos pais.

Na corte, Paula Brito trabalhou durante um curto período como ajudante na loja de Domingos Gonçalves Valle, um farmacêutico, e, ainda naquele ano, ingressou como aprendiz na Tipografia Nacional. Concluído o aprendizado, passou a trabalhar com o livreiro e impressor René Ogier e, em seguida, tornou-se compositor no *Jornal do Comércio*, que nesse período pertencia a Plancher. Seu progresso no periódico levou ao cargo de chefe do departamento de impressão e, finalmente, diretor responsável, atividade que exerceu até 1831, quando comprou uma loja localizada na praça da Constituição. Apud: HALLEWELL, Laurence. “Paula Brito”. In: *O Livro no Brasil – sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1985, p. 82-85.

⁴³ Mello Moraes Filho forneceu outro endereço para esse estabelecimento. Segundo ele, “em 1831, Paula Brito, o ex-impressor do *Jornal do Commercio*, se estabelecêra no largo do Rocio n. 52, com loja de papel, cêra e chá, á cuja frente lia-se em taboleta-annuncio: LOJA DO CHÁ DO MELHOR QUE HA.” In: MORAES FILHO, Mello. “Paula Brito”. In: *Artistas do Meu Tempo*. Rio de Janeiro: H. Garnier Editor, 1904, p. 9-10.

⁴⁴ HALLEWELL, Laurence. Op. cit., p. 82-85.

⁴⁵ “*Monumento á memoria de Francisco de Paula Brito*. Rio de Janeiro, Typ. do Diario 1862. 8º. gr. de 36 pag., contendo discursos e poesias recitadas por seus amigos, em que se exaltavam as qualidades do finado, e se fazia justiça ao seu merito e probidade.” Cf. SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português*. Op. cit.

O papel de Paula Brito na cena literária brasileira não se resumiu à confecção de impressos. Além da publicação de obras e periódicos que ocuparam lugar de destaque no Oitocentos, como a *Marmota Fluminense*, um dos jornais de maior duração do período⁴⁶, a disposição com que auxiliou escritores brasileiros iniciantes tornou-se elemento fundamental em sua biografia. No *Dicionário Bibliográfico Português*, por exemplo, Inocêncio Silva declarou que Paula Brito “presta[va] protecção e amparo aos artistas desvalidos, e a todos que d’elle sollicitavam auxilio ou conselho”⁴⁷. Mello Moraes Filho, após elogiar a atuação do “mestre da arte tipográfica”, enumerou alguns nomes que haviam sido beneficiados por sua generosidade:

E quantos não deveram ao typographo-editor fecundas animações, o enfeixamento em volume de esplendidas produções, que figuraram successivas nas estantes e nos mostradores daquela livraria? Que o digam os collaboradores da *Marmota*, do *Guanabara* e outros periodicos; que o respondam Teixeira e Souza, Martins Penna, Joaquim Norberto, Machado de Assis, Constantino Gomes de Souza, Bruno Seabra e a pleiade gloriosa das vocações de outr’ora, que encontravam em Paula Brito um ponto de vista ás suas aspirações, um guia confiante a remontadas eminencias.⁴⁸

Os estudos sobre Paula Brito comumente destacam Teixeira e Sousa entre os escritores apoiados por ele, referindo-se à amizade que os unia e ao fato de haverem morrido no mesmo mês: dezembro de 1861. Nos textos oitocentistas que abordaram a vida do autor, o tipógrafo, na maioria das vezes, figurou como amigo cujo apoio foi crucial para sua entrada no mundo das letras. Moreira de Azevedo, por exemplo, mencionou o auxílio que o romancista recebeu do editor d’A *Marmota Fluminense*, que foi referido como um “prestimoso cidadão que sabe proteger e animar os moços inteligentes, que desejam fazer alguma cousa pelas letras do paiz.”⁴⁹ Os biógrafos do escritor cabofriense informam que sua amizade com o tipógrafo teve início em 1840, quando o autor chegou definitivamente ao Rio de Janeiro, o que parece verossímil se levamos em conta que, em 1841 e 1842, foram lançados os dois volumes dos

⁴⁶ Esse jornal de variedades circulou entre 1849 e 1861 e, apesar de ser mais conhecido simplesmente como *Marmota*, teve três nomes diferentes:

1. *Marmota na Corte*. (07 de setembro de 1849 a 30 de abril de 1852).

Obs.: a partir do número 139, de 11 de março de 1851, passou a chamar-se *Marmota na Corte – jornal de modas e variedades*.

2. *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. (04 de maio de 1852 a 30 de junho de 1857).

3. *A Marmota – folha popular*. (03 de julho de 1857 a 31 de dezembro de 1861).

Cf.: Microfilmes do periódico disponíveis no AEL (Arquivo Edgard Leuenroth – IFCH/UNICAMP).

⁴⁷ SILVA, Innocencio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português*. Op. cit.

⁴⁸ MORAES FILHO, Mello. Op. cit., p. 17-8.

⁴⁹ AZEVEDO, Moreira de. “Biographia de Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa”. Op. cit., p.10.

Cânticos Líricos, a primeira produção de Teixeira e Sousa, impressos na Tipografia Imparcial, estabelecimento que pertencia a Paula Brito⁵⁰.

Após algum tempo trabalhando juntos, existia uma relação de confiança entre o escritor e o tipógrafo, como indicava, em 1843, o anúncio da inauguração de uma “Nova Loja de Papel, Livros, Chá e Rapé” localizada na Praça da Constituição n. 64:

NOVA LOJA DE PAPEL, LIVROS, CHÁ E RAPÉ.

F. DE PAULA BRITO, agradecendo aos seus sinceros amigos e ao publico em geral a coadjuvação que lhe tem sempre prestado, e a extrema confiança que lhes tem merecido, com a qual pôde o anno passado elevar a sua typographia ao ponto em que está, satisfazendo cabalmente aos seus numerosos freguezes, tem agora o prazer de lhes annunciar que abriu na casa em que se achava, praça da Constituição n. 64, *uma linda loja de papel, livros, chá, rapé e outros generos*, onde se encontrará tudo o que pertence a escriptorios e a secretarias de repartições publicas, etc.

[...]

Não sendo porém possível ao annunciante acudir aos numerosos trabalhos de seu crescido estabelecimento, e aos novos a que se propoz, encarregou ao seu amigo e companheiro o Sr. *Antonio Gonçalves Teixeira e Souza* de tudo o que diz respeito á loja, por ser pessoa de sua inteira confiança, e digno, por suas habilitações e boas qualidades, de substitui-lo nesta parte. Espera pois o annunciante todo o auxilio e concurrencia publica, ao que corresponderá sempre com sincero agradecimento.⁵¹

O tipógrafo parecia acreditar, também, nas “habilitações e boas qualidades” de Teixeira e Sousa como escritor, pois, nesse mesmo ano, ambos foram parceiros na tradução do drama espanhol *Macias ou o Donzel de Villena*, cuja subscrição foi anunciada em abril e maio⁵². A dupla obteve êxito na execução do trabalho, pois a tradução “em versos endecassílabos” foi elogiada nos folhetins de *O Brasil*⁵³. A peça

⁵⁰ *Canticos lyricos, dedicados aos seus amigos*. Vol. I. Rio de Janeiro, Typ. Imparcial de F. de Paula Brito, 1841. 8.º gr., de XVII-188 pag. e mais 19 innumeradas de indice, errata e lista dos assignantes.

Canticos lyricos, dedicados ao ill.m.º e ex.m.º sr. Desembargador Paulino José Soares de Sousa. Vol. II. Rio de Janeiro, Typ. Imparcial de F. de Paula Brito, 1842. 8.º gr. De VIII-96 pag. e mais tres de indice e errata.

Apud: SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português*. Op. cit.

⁵¹ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 7 de setembro de 1843 e 8 e 9 de setembro de 1843.

⁵² “Acha-se no prelo, e brevemente sahirá á luz o interessante drama MACIAS ou O DONZEL DE VILLENA. Subscreve-se na Loja do Sr. P. Brito.” In: *O Brazil*. Rio de Janeiro: Typ. Imparcial de F. de P. Brito, n. 396 (29/04/1843); n. 397 (2 e 3/05/1843).

⁵³ No dia 02 de maio, foi abordada no folhetim de *O Brasil*, em um artigo que teceu elogios à atuação dos atores e à tradução, mas apresentou ressalvas quanto ao conteúdo.

parece ter sido bem recebida, pois, no ano seguinte, foi novamente encenada, no Teatro de São Francisco, pela Companhia Brasileira, e teve João Caetano no papel principal.⁵⁴

Em 1843, deu-se a estréia de Teixeira e Sousa como prosador, com a publicação de *O Filho do Pescador* nos folhetins de *O Brasil*, entre julho e agosto. Esse periódico era dirigido por Justiniano José da Rocha e parece razoável pensar que ele manteve relações com o romancista cabofriense, que trabalhava na Tipografia Imparcial de Paula Brito, onde foram impressos os exemplares do periódico conservador em questão. Foi no mesmo estabelecimento que o autor imprimiu a primeira edição em volume de seu primeiro romance, cuja venda passou a ser anunciada após o término dos folhetins⁵⁵. Nos anos seguintes, Paula Brito continuaria colaborando para a publicação das obras de Teixeira e Sousa, seja imprimindo-as em volume ou confeccionando em seus prelos os periódicos em que elas seriam divulgadas.

No ano de 1844, o autor deu um passo relevante para o reconhecimento como literato, pois publicou textos na *Minerva Brasiliense*, um periódico importante da época. Nos números datados de 1º e 15 de janeiro e 1º de fevereiro, divulgaram-se excertos do poema *Os Tres Dias de Um Noivado*, sendo o primeiro deles acompanhado de um comentário de Santiago Nunes Ribeiro sobre o autor. Ao longo de 1844, a presença de Teixeira e Sousa nesse periódico foi constante: traduziu dois poemas do francês que foram incluídos na prosa ficcional *Um Ofício de Defunto e uma Bênção Nupcial*, de Émile Adêt, que o

⁵⁴ Em janeiro do ano seguinte, a peça subiu novamente à cena, e o anúncio de sua representação foi divulgado no *Jornal do Comércio*, acompanhado de muitos elogios que ressaltaram a boa recepção que obtivera do público:

“THEATROS./ DE S. FRANCISCO.

Amanhã sabbado 27 de janeiro de 1844, beneficio de um empregado, annunciado para o dia 20 de dezembro de 1843.

Depois de executada uma das melhores ouverturas subirá á scena, pela companhia do Sr. João Caetano, o sempre applaudido drama em 4 actos

MACIAS/ OU/ O DONZEL DE VILLENA,

traducção dos Srs. Teixeira e Souza e Paula Brito. Os immensos applausos e elogios que obteve esta peça quando foi representada no theatros de S. Pedro pela companhia hespanhola, e pelo Sr. João Caetano no seu theatro, não deixão duvidar que os amadores da scena estimarão ver ainda uma vez neste theatros este tão acreditado drama.

O papel de D. Henrique será desempenhado pelo actor Florindo Joaquim da Silva.

No fim da representação, o actor Martinho cantará a sempre applaudida aria intitulada

O ROMANTICO ESTRAGADO.

Terminará o espectáculo com a jocosa farça

A CASTANHEIRA,

em que o actor Costa e a actriz Maria Candida desempenharão os graciosos caracteres de negros.

O beneficiado, contando com a benevolencia e protecção do publico, animou-se offerecer-lhe nesta noite este espectáculo, que espera agradará.

O resto dos bilhetes vende-se em casa do Sr. Paula Brito, praça da Constituição n. 64.

Principiará ás 8 horas e meia.”

Ref.: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 26/01/1844.

⁵⁵ “O FILHO DO PESCADOR,

romance brasileiro, cuja historia se passa no Rio de Janeiro, composto por A. G. Teixeira e Souza: vende-se, 1 vol., por 1\$ rs., na loja de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde há – UM ROUBO NA PAVUNA, tambem interessante.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 24/09/1843.

agradeceu em uma nota de rodapé⁵⁶; publicou os poemas “Aos Annos de Huma Menina” e a tradução do poema “Meditação. A Elvira”, de M. Lamartine; traduziu um poema de Clara Mollart incluído no artigo de Émile Adêt a respeito da poetisa⁵⁷ e teve seu nome divulgado na lista de redatores e colaboradores da revista em questão⁵⁸.

Além de *Os Três Dias de um Noivado*, cuja venda em volumes passou a ser anunciada em agosto de 1844⁵⁹, Teixeira e Sousa publicou *Cornélia*. A tragédia em 5 atos com a qual estreou como dramaturgo fez parte da quarta série da coleção *Archivo Theatral* e foi impressa na tipografia de J. Villeneuve e Cia. Os prelos de Villeneuve imprimiram também os exemplares do *Jornal do Comércio* em que se anunciou a venda da obra⁶⁰, que pouco depois seria analisada por A. L. Burgain em um texto divulgado na *Minerva*

⁵⁶ “Devemos à amizade de hum amigo, o Sr. A. G. Teixeira e Souza, poeta cujo merito assaz conhecido não precisa de panegyrico, a traducção desta nossa poesia franceza que aqui transcrevemos, assim como tambem a das duas estrophes da ode sublime de Gilbert, que traduzida guarda em seus papeis.” In: ADÊT, Emile. Novella – Hum officio de defunto e huma benção nupcial. In: *Minerva Brasiliense – Jornal de Sciencias, Lettras e Artes*. Rio de Janeiro: Typographia de J. E. S. Cabral, ano I, vol. I, n. 8, 15 de fevereiro de 1844.

⁵⁷ “[...]Agora fallaremos simplesmente de madame Clara Mollart, verdadeira criação das Folhas do Outono e das Orientaes; mas que todavia, no meio dessa imitação espiritual, conservou grande fundo de originalidade. A sua poesia esta cheia de amor, de paixão, de esperança e de fé; cheia de terna consolação, e he digna de figurar com as dos nomes já proferidos com veneração. Estimamos, para offerecel-a ao leitor, possuir a excellente traducção de huma de suas producções pelo Sr. A. G. Teixeira e Souza, esse poeta que tão bem sabe verter a poesia e exprimir a paixão. [...]” In: ADÊT, Emile. “Clara Mollart”. In: *Minerva Brasiliense – Jornal de Sciencias, Lettras e Artes*. Rio de Janeiro: Typographia de J. E. S. Cabral, ano I, vol. II, n. 22, 15/09/1844.

⁵⁸ “Lista dos Srs. redactores e collaboradores da MINERVA BRASILIENSE.

SCIENCIAS PHYSICAS, PHYSICO-MATHEMATICAS E NATUREAES.

Srs. Drs. Antonio M. de Miranda e Castro. / Candido de Azeredo Coutinho. / Fr. Custodio Alves Serrão. / Emilio Joaquim da Silva Maia. / Francisco Freire Allemão. / Joaquim Caetano da Silva. / Major Joaquim Candido Guillobel. / Joaquim José de Oliveira. / Drs. Joaquim Vicente Torres Homem. / Lallemant. / Lino Antonio Rebello. / L. Riedel. / Coronel Pedro de Alcantara Bellegarde.

SCIENCIAS SOCIAES, PHILOSOPHIA, THEOLOGIA, BELLAS ARTES, HISTORIA, PHILOLOGIA, VIAGENS.

Os Srs. Drs. Barão de Planitz. / Exmo. Conselh. Candido José de Araujo Vianna. / Ilmo. Dr. Domingos Gonçalves de Magalhães. / Exmo. Senador Francisco de Paula Souza e Mello. / Exmo. Conselh. F. Gê de Acayaba Montezuma. / Dr. Francisco de Salles Torres Homem. / Conego Januario da Cunha Barboza. / Dr. João Baptista Calogéras. / Dr. José de Araujo Coutinho. / Dom José Manoel Valdez. / Dr. Josino do Nascimento Silva. / Exmo. Senador e Conselh. Manoel Alves Branco. / Ilmo. Conselh. Manoel Odorico Mendes. / Conego Manoel Joaquim da Silveira. / Dr. Manoel Ferreira Lagos. / Exmo. Sr. Dezembarg. Rodrigo da Silva Pontes. / Santiago Nunes Ribeiro.

LITTERATURA NACIONAL E ESTRANGEIRA, ARCHEOLOGIA, LINGUISTICA, &c.

Os Srs. Antonio Gonçalves Teixeira e Souza. / Camillo Cléau. / Emilio Adêt. / Francisco Antonio Dutra e Mello. / J. J. h. Tautphoeus. / Joaquim Manoel de Macedo. / Dr. José de Araujo Coutinho. / Ludgero da R. F. Lapa. / Luiz Antonio Burgain. / Conselh. Manoel Odorico Mendes. / Lente Manoel de Araujo Porto-Alegre. / E muitos Srs. da secção antecedente.”

In: *Minerva Brasiliense – Jornal de Sciencias, Lettras e Artes*. Rio de Janeiro: Typographia Austral, ano II, vol. III, n. 1, 15 de novembro de 1844. Obs.: Nesse momento, Santiago Nunes Ribeiro era “Redactor em chefe” da revista.

⁵⁹ Exemplo de anúncio da venda desta obra:

“Publicou-se o poema *Tres Dias de um Noivado*, que acha-se á venda na loja do Sr. Paula Brito, praça da Constituição n. 64. Preço em brochura 2\$500, meia encadernação 3\$000. Os Srs. assignantes, que quizerem, podem mandar buscar os seus exemplares.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 27 de agosto 1844, 28 de agosto de 1844 e 29 de agosto de 1844.

⁶⁰ Exemplo de anúncio da venda da obra:

“ARCHIVO THEATRAL.

Sahio á luz, e vende-se em casa de J. Villeneuve e C., o 2.º numero da quarta serie desta collecção, a saber: CORNELIA,

Brasiliense.⁶¹ No ano seguinte, o nome do autor figurou novamente no *Archivo Theatral*, desta vez como tradutor da tragédia *Lucrécia*, de M. Ponsard. Consta que a peça, vendida a partir de dezembro, foi publicada sem o consentimento do autor, que intentava revisá-la antes que viesse a lume.⁶²

Em 1845, após ter publicado algumas obras e divulgado poemas na imprensa, o autor fez a primeira tentativa de obter auxílio no âmbito profissional utilizando sua atividade como escritor. D. Pedro II era conhecido por seu apoio às letras⁶³ e Teixeira e Sousa há tempos vinha tentando cair nas suas graças, pois, como muitos escritores da época, divulgava na imprensa poemas em sua homenagem⁶⁴. Assim, após terminar o primeiro volume de *A Independência do Brasil*, apresentou-o ao monarca solicitando-lhe um auxílio que foi, aparentemente, negado, motivando a crítica de Santiago Nunes Ribeiro divulgada na *Minerva Brasiliense*. No texto, o chileno escolheu palavras fortes para definir o “martírio de um poeta”: “um homem eminentemente sensível que é obrigado, para não morrer à míngua, a comer às escuras a própria alma”⁶⁵. Em seguida, mencionou que Teixeira e Sousa compusera uma epopéia que abrangia “não só a independência nacional em todos os seus faustos, como as épocas posteriores até a revolução de 1831”, a qual, submetida à apreciação de “Sua Majestade o Imperador”, não colaborou para a obtenção do benefício solicitado:

Tragedia original em 5 actos, por Antonio Gonçalves Teixeira e Souza. – Preço 560 réis. [...]” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 31/07/1844.

⁶¹ Cf.: BURGAIN, A. L. “Cornélia, tragedia em 5 actos, por Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa”. In: *Minerva Brasiliense – Jornal de Sciencias, Lettras e Artes*. Rio de Janeiro: Typographia de J. E. S. Cabral, ano I, vol. II, n. 24, 15 de outubro de 1844.

⁶² Cf.: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Op. cit.; SILVA, Innocencio Francisco da. Op. cit.; SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. Op. cit.

A venda da tragédia foi anunciada a partir de dezembro:

“ARCHIVO THEATRAL.

A boa aceitação que mereceu do publico esta publicação que de dia em dia vai tendo maior extracção, induzio os editores a melhorar-lhe quanto é possível a execução typographica. Por consequencia, d’ora em diante será o ARCHIVO THEATRAL impresso com typos novos e em papel muito bom, podendo servir de specimen o 1.º numero da 5.ª série que é: / LUCRECIA, / Tragedia em 5 actos por M. Ponsard, e litteralmente traduzida em versos portuguezes por A. G. Teixeira e Souza. Preço, 500 rs. No prélo: GLENARVON, OU OS PURITANOS DE LONDRES, drama em 5 actos, por Feliciano Mallefille, e traduzido por J. M. de Castro.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 25/12/1845.

⁶³ Um exemplo significativo da relação estabelecida entre o Imperador e a vida cultural brasileira foi sua atuação no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O IHGB foi criado pelo governo em 1838 e, a partir da década de 1840, quando D. Pedro II tornou-se seu freqüentador assíduo e propiciou a instituição se tornasse um grande centro de estudos e funcionasse como elo entre os meios oficiais e a vida intelectual. Cf. SCHWARCZ, Lília Moritz. *As Barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 126.

⁶⁴ O primeiro poema que Teixeira e Sousa divulgou em periódicos cariocas foi dedicado ao imperador (Cf. “Paraphrase do Psalmo LXV; como acções de graças dirigidas ao Eterno por sua Magestade Imperial, O. D. C. / Ao mesmo augusto Senhor, no faustoso dia 18 de julho.” In: *O Brasil*, Rio de Janeiro, Tip. Americana. 22 de julho de 1841, n. 152) e a ele seguiram-se muitos outros de mesmo teor, publicados em datas marcantes para o monarca, como o nascimento de seu filho e muitos de seus aniversários.

O Senhor Teixeira e Sousa [...] imitando em obras o grande épico lusitano terá acaso por só quinhão o fado em que teve ele fim. Bem pouco se lhe deu a El-Rei Dom Manuel que a epopéia de Luís de Camões perpetuasse a maior glória do seu reinado nos feitos do Gama, e que, refluindo à heroicidade de todos os fastos do primitivo Portugal, lhe erguesse brado de renome, a ele, monarca feliz: Camões morreu no hospital. O Senhor Teixeira e Sousa, tendo direito a esperar hoje, no Século 19, de um Príncipe plácido amigo das letras, o que então não era de exprobar ao Rei conquistador daquelas eras, tanto mais porque é a ação do seu poema a consumação da independência nacional, a obra recente do Império e da Monarquia, a vida gloriosa do pai, em que se há de rever e prezar o Filho, onde acabará aí senão talvez em hospital ou até talvez sem ele?!... Aguardemos a publicação do seu poema: e pelo que aconteça no desfavor que encontra, conforte-o a idéia de que são pecados que todas as gerações, mais ou menos, cometem, mas que nenhuma perdoa às que a precederam.⁶⁶

Para questionar a postura do monarca conhecido como “amigo das letras”, Santiago Nunes Ribeiro comparou a trajetória de Teixeira e Sousa com a de Luís de Camões, cuja vida, como mencionamos, fora tema da narrativa épica de Garrett, obra muito lida no Brasil oitocentista. A profecia do crítico, que acreditava que o poeta brasileiro teria o mesmo destino do “grande épico lusitano”, não foi bem aceita pela “Associação de Literatos” que redigia a *Minerva Brasiliense*. No número seguinte, datado, provavelmente, de 15 de outubro de 1845⁶⁷, o editorial, cuja autoria Brito Broca atribuiu a Araújo Porto-Alegre, manifestou uma opinião contrária à do crítico e defendeu a imagem de mecenas de D. Pedro II:

Como a nossa opinião acerca do alto patrocínio que Sua Majestade Imperial dispensa às letras e às corporações científicas está exarada nos nossos discursos proferidos no Colégio Imperial de Pedro II, e de um modo sobejamente explícito; como essa opinião é diametralmente oposto à precitada, só por inadvertência podíamos consentir na impressão de artigo semelhante. Não é de crer que quiséssemos comprometer-nos de propósito por dar publicidade a um paradoxo desta laia, profecia afitiva que anuncia a pobreza, hospital e morte de Camões a um nosso amigo, no momento em que as suas obras circulam e quando seus amigos se associam com ele em empresas comerciais.⁶⁸

⁶⁵ In: *Minerva Brasiliense*. Rio de Janeiro: 1º. de agosto de 1845. Apud: BROCA, Brito. “Teixeira e Sousa e o Imperador”. In: *Românticos, Pré-Românticos e Ultra-Romântico - Vida Literária e Romantismo Brasileiro*. São Paulo: Pólis; INL, Ministério da Cultura, 1979, p. 196- 198.

⁶⁶ Idem, p.196- 198.

⁶⁷ O exemplar provavelmente datava de 15 de agosto de 1845, pois a *Minerva Brasiliense* era publicada quinzenalmente. Os números n. 11 e 12, por exemplo, foram publicados no primeiro semestre daquele ano e dataram de 1º. e 15 de junho, conforme os exemplares do periódico microfilmados e disponíveis para consulta no Arquivo Edgard Leuenroth, da UNICAMP. Obs.: nesse arquivo não constam os exemplares da *Minerva Brasiliense* publicados no segundo semestre de 1845.

⁶⁸ “Aos Nossos Assinantes e Leitores”. In: *Minerva Brasiliense*. Rio de Janeiro: 15 de agosto de 1845. Apud: BROCA, Brito. “Teixeira e Sousa e o Imperador”, Op. cit., p.198-9.

Nunes Ribeiro parece ter pisado em terreno espinhoso quando questionou a atitude imperial. Na lista dos redatores e colaboradores da revista, divulgada no fim do ano anterior, havia muitos intelectuais ligados ao Colégio D. Pedro II e/ou ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, os quais, amplamente beneficiados pela proteção do monarca, estavam prontos para defendê-lo⁶⁹. As próprias palavras do editorial indicaram a estreita relação existente entre alguns dos jornalistas da *Minerva Brasiliense* e o imperador, pois ressaltaram que a opinião do grupo sobre o “alto patrocínio que Sua Majestade Imperial dispensa[va] às letras e às corporações científicas” havia sido divulgada nos discursos proferidos no Colégio Imperial de Pedro II. Apesar de o auxílio imperial não ter vindo diretamente, recorrer ao governo talvez não tenha sido em vão, pois um dos biógrafos de Teixeira e Sousa assegurou que a obra passou pelas mãos do Ministro da Fazenda, que se dispôs a auxiliar o poeta e concedeu-lhe o cargo de Guarda da Alfândega⁷⁰.

A defesa do imperador pelos intelectuais da *Minerva Brasiliense* apoiou-se no questionamento da veracidade do que Nunes Ribeiro dissera sobre o “desfavor” que o poeta e romancista estaria enfrentando, pois o texto alegou que suas obras circulavam e que os amigos associavam-se a ele em “empresas comerciais”. De fato, o ano de 1845 não foi marcado somente pela tentativa de obtenção do favor imperial, mas também pelo sucesso da parceria entre Teixeira e Sousa e Paula Brito: em sociedade, eles montaram uma nova tipografia e loja, dirigida pelo primeiro, provavelmente o sócio majoritário⁷¹. Um anúncio

⁶⁹ Anos depois, em um artigo sobre poesia brasileira que mencionou Teixeira e Sousa, F. T. Leitão também questionou as atitudes imperiais no âmbito cultural, visto que denunciou o caráter “aristocrático” do IHGB:

“O chefe da nação assiste na verdade às sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro; sabe-se, porém, que desse congresso bem poucos podem fazer parte, e limitadissimos são aquelles que têm sciencia do conteúdo de suas revistas trimensaes, e portanto das vantagens resultantes dessa instituição.

O Instituto Historico e um gremio aristocratico! No Brasil a aristocracia é cousa que não existe, e sendo para essa classe fundado o Instituto, é claro que a grande maioria dos membros da sociedade brasileira não póde delle colher os fructos que dispensa o Curso Superior de Letras.” In: LEITÃO, F. T. “Rodrigues Proença”. In: *A Marmota*: Rio de Janeiro: Typ. de Paula Brito, 09/08/1861.

⁷⁰ “Apezar de escriptor fecundo, romancista imaginoso, poeta inspirado, mal podia Teixeira e Sousa subsistir dos frutos de seu talento. [...] Ideou cantar a independencia do Brasil em uma epopéa em doze cantos e em oitava riam. Inspirou-se no seu assumpto e trabalhou insanamente. Não compunha, improvisava. Terminados os seis primeiros cantos levou aa sua obra a uma de nossas notabilidades, que exercia então o cargo de ministro da fazenda. Apresentava-lhe o seu diploma, segundo a exigencia de Voltaire, e pedia-lhe em troco um assento no festim nacional. Respondeu-lhe o ministro com benigno deferimento, pensando talvez haver excedido o rei D. Sebastião, que tão mal recompensára Camões. Abriu Teixeira e Sousa a portaria, e era uma nomeação de guarda da alfandega, com o ordenado de 400\$000 réis annuaes.” SILVA, “Notícia sobre Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa”, *Op. Cit.*, p. 207-8.

Essa informação não reaparece nos outros textos oitocentistas sobre o autor, sendo retomada em alguns estudos publicados posteriormente, como o texto de Brito Broca, que possivelmente tomou as palavras de Joaquim Norberto como fonte. Cf.: BROCA, “Teixeira e Sousa e o Imperador”. *Op. Cit.*

⁷¹ Segundo Joaquim Norberto de Sousa Silva, esse estabelecimento era fruto de uma sociedade entre Teixeira e Sousa e Paula Brito, informação endossada pelos anúncios da empresa divulgados na imprensa quando se deu o fim da firma. Vale notar, ainda, o nome “Teixeira e C.” indica que o romancista cabofriense era o sócio majoritário, dado que se confirma se levamos em

divulgado nos números de 31 de outubro e 02 e 03 de novembro do *Jornal do Comércio* comunicou “Ao Público” a inauguração da “Typographia de Teixeira e C.”:

NOVA TYPOGRAPHIA
NA RUA DOS OURIVES N. 21,
ENTRE A DO CANO E A DA CADÊA.

AO PUBLICO.

Este novo estabelecimento, ao qual está adicionada uma bonita loja de – papel, livros (por comissão), chá, rapé, toda a qualidade de impressos, e objectos de escriptorio – será conhecido nesta côrte, e em todo o Imperio, por

TYPOGRAPHIA DE – TEIXEIRA e C.

Soffrivelmente montado para imprimir com gosto e asseio todas as obras, *quaesquer que ellas sejam*, que tiverem de sahir de seus prélos, afiança-se ao publico que a maior sinceridade e boa fé presidirá aos ajustes e execução dellas, satisfazendo-se ao freguez em tudo aquillo que fôr compativel com as condições de um tal estabelecimento.

O respeitavel corpo do commercio achará sempre, pelos preços do estylo, tudo quando (*sic*) se costuma encontrar em casa e lojas desta natureza; os Srs. doutorandos da Escola de Medicina verão impressas com gosto as suas theses, sempre por preços accomodados, facilitando-se-lhes todos os meios para perfeita correcção e revisão dellas; os Srs. autores e traductores terão á sua disposição estes novos prélos, para seus romances, novellas, e tudo quanto disser respeito a bellas-lettras; o publico finalmente, encontrara mais um recurso para tudo que lhe fôr mister, quer na typographia, quer na loja que lhe serve de escriptorio.

Em todos os impressos, ainda os mais pequenos, que fôrem guarnecidos, empregar-se ha todo o gosto, não só na escolha das *vinhetas*, como na boa disposição dellas, para maior elegancia da obra; esmero este que tornará bellas as impressões, por mais simples que sejam, logo á primeira vista.

Toda a protecção, que nasce da preferencia dada a estabelecimentos como este, fará por obter, e espera alcançar – ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUZA – sob a firma de TEIXEIRA E C.⁷²

conta que ele estava à frente do negócio e que muitos anúncios indicavam que o estabelecimento era propriedade sua, como o seguinte:

“Sahirá, sabbado 9 do corrente, o *Archivo Romantico*, segundo numero deste jornal, contendo a continuação dos romances publicados no primeira numro: a Dama de Monsoreau e Vinte annos depois, e acha-se á venda pelo preço de 160 rs. cada folheto, **nas lojas do Sr. Teixeira e Souza, rua dos Ourives n. 21, e Paula Brito, praça da Constituição n. 64**, onde tambem continúa a subscrever-se para a mesma publicação, pelo preço de 500 rs. mensaes.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 09/05/1846. Grifo meu.

⁷² *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 31/10/1845 e 2 e 3/11/1845.

O programa acima permite entrever quais eram as preocupações do escritor cabofriense quando exercia a função de tipógrafo, pois o anúncio enfatizava que as obras seriam confeccionadas com “gosto e asseio” e que suas vinhetas seriam escolhidas e dispostas de forma a conferir elegância e beleza à impressão. A estratégia de assegurar a qualidade material das obras que lhe fossem confiadas para conquistar fregueses pode ser tomada como também uma resposta às preocupações do público. Afinal, os comerciantes de livros pareciam preocupados em fornecer informações detalhadas sobre a materialidade das obras que colocavam à venda, indicando que o leitor, ao comprar um livro, não considerava somente o preço. Os anúncios divulgados em periódicos da época permitem inferir que elementos como a beleza do volume, a presença ou ausência de ilustrações, o tipo de encadernação ou de letra, o número de páginas e a qualidade do papel eram decisivos na escolha de quem adquirisse uma obra que possuía diferentes edições⁷³.

Em termos de produção intelectual, podemos dizer que, em 1845, o escritor dedicou maior atenção a produções em versos, pois divulgou poemas em *O Brasil* e na *Minerva Brasiliense*⁷⁴ e participou da composição de “Os Coros do Concerto-Monstro”, cuja poesia era de sua autoria e a música era de F. M. da Silva⁷⁵. Atente-se para o fato de que essas produções poéticas passaram pela tipografia de Paula Brito, responsável pela impressão dos periódicos em que foram divulgadas e pelo folheto da canção.

Em 1846, provavelmente, o autor lançou o segundo romance de sua autoria: *As Fatalidades de Dois Jovens*. Nos textos críticos sobre Teixeira e Sousa, o ano 1856 é mencionado como aquele em que foi publicada a primeira edição dessa narrativa, mas essa informação contraria os dizeres de anúncios da época. O primeiro deles, publicado em fevereiro de 1847, mencionou o “acolhimento favorável com que o publico receb[era] o Filho do pescador e as Fatalidades de dous jovens”, indicando que o romance em

⁷³ Grande parte dos anúncios divulgados no *Jornal do Comércio* e na *Marmota Fluminense* ao longo das décadas de 1840 e 1850 traziam informações sobre a materialidade das obras. Como exemplo, podemos mencionar os reclames abaixo, publicados no ano em que Teixeira e Sousa inaugurou o estabelecimento, nas páginas do mesmo periódico que divulgou seus serviços tipográficos:

“Aventuras de Robinson Crusoé, 6 vol., com estampas, encadernação franceza, 8\$ e 9\$; vende-se na rua do Ouvidor n. 121, entre a dos Ourives e a dos Latoeiros, casa do Livro Azul.” (*Jornal do Comércio*, 01/02/1845).

“O JUDEU ERRANTE. Edição feita no Rio de Janeiro em muito bom papel e typo grande. / 1\$000 rs. cada volume, contendo estes o mesmo numero de capitulos que contém a edição de Lisboa. / O primeiro volume ficará prompto dentro de poucos dias, e outros sahirão á luz com toda a brevidade em casa de J. Villeneuve e C., rua do Ouvidor n. 65.” (*Jornal do Comércio*, 12/04/1845).

“Os Mystérios de Paris (em francez) por E. Sue, 1 vol. ornado de 500 gravuras: preço 15\$; a mesma obra em 4 vols., com gravuras, vende-se por 10 rs., na livraria Belga-Franceza, rua dos Ourives n. 78.” (*Jornal do Comércio*, 08/08/1845).

⁷⁴ Cf.: “Ao Faustissimo Nascimento de S. A. I., Filho de SS. MM. II., o Senhor D. Pedro II, e a Senhora D. Thereza Christina Maria, no dia 23 de fevereiro de 1845”. In: *O Brazil*. “A Sensibilidade”. In: *Minerva Brasiliense*.

⁷⁵ “O HYMNO DO PRINCIPE, que se há de cantar na noite de 8 do corrente; poesia do Illm. Sr. A. J. de P. G.; musica do Sr. F. M. da S.; e OS COROS DO CONCERTO-MONSTRO, poesia do Sr. A. G. T. e S.; musica do mesmo Sr. F. M. da Silva: vendem-

questão havia sido publicado antes daquele dia⁷⁶. Quando o texto passou a ser publicado, em 1856, na *Marmota Fluminense*, Paula Brito divulgou uma nota em que afirmou claramente tratar-se de uma reedição da obra⁷⁷, aspecto ressaltando também nos anúncios do lançamento do volume, divulgados a partir de março do ano seguinte⁷⁸. Inocêncio Silva declarou que, mesmo não a tendo visto, acreditava na existência de “uma edição anterior, em dous volumes, feita em 1846”⁷⁹, fornecendo a data mais provável da primeira edição de *As Fatalidades de Dois Jovens*.

No ano seguinte, Paula Brito foi responsável pela impressão do primeiro volume de *A Independência do Brasil*. A falta de apoio de D. Pedro II à publicação da epopéia, denunciada por Santiago Nunes Ribeiro em 1845, parece não ter sido absoluta, pois, em agosto de 1847, um anúncio divulgado no *Jornal do Comércio* indicava que a obra era dedicada ao Imperador, o qual havia assinado vários exemplares:

A INDEPENDENCIA DO BRAZIL,

Poema em 2 vols. e 12 cantos, dedicado a S. M. o Imperador, e publicado sob os auspícios do Exm. Sr. conselheiro José Clemente Pereira; o 1.º vol. apparecerá no corrente mez, nitida edição em typo novo, etc. [...] Ainda se aceitam assignaturas a 6\$ pelos 2 vols., pagos ao receber-se o 1º. S. M. o Imperador dignou-se tomar 30 assignaturas; S. M. a Imperatriz, 10; S. M. a duqueza de Bragança (por seu procurador nesta côrte), 12. Grande numero de Srs. senadores, deputados e pessoas gradadas do paiz já tem contribuido

se loja de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, e na rua dos Ourives n. 91. Preço, 120 reis.” Ref.: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 08/05/1845.

⁷⁶ “[...]O *Archivo Romantico Brasileiro* sahe todos os sabbados, não sendo dia santo de guarda. Os redactores estrearão sua carreira pela publicação do romance brasileiro do Sr. Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, que tem por titulo – *Tardes de um pintor, ou intrigas de um Jesuita* –. O acolhimento favoravel com que o publico recebeu o *Filho do pescador* e as *Fatalidades de dous jovens*, do mesmo autor, nos fez lançar mão deste romance, que em maior escala é muito superior aos dous.

No fim de cada romance irá uma lista nominal dos Srs. subscriptores. Este jornal começou neste mez, e já se achão publicados os dous primeiros numeros.

SUBSCREVE-SE NA LOJA DO SR. PAULA BRITO, PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO N. 64, E NA DE TEIXEIRA E C., RUA DOS OURIVES N. 21.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 19/02/1847.

⁷⁷ “**As fatalidades de Dous Jovens.**

Sendo constantemente procurado este romance popular do Snr. Teixeira e Sousa, cuja primeira edição esgotou-se em um momento; para satisfazermos os desejos de uma grande parte do publico, que com avidez o procura, vamos dal-o tres vezes por semana, nas columnas da – *Marmota* – sem que por isso seja elevado o preço d’assignatura, que continua a ser de 5\$000 por seis mezes para a côrte, e 6\$000 para as provincias, fazendo-se sempre a distribuição das musicas, figurinos, e mais avulsos – gratis – entre os Snrs. assignantes e accionistas da empresa, sita na praça da Constituição n. 64.” In: *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Empresa Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, n. 667, 10/01/1856.

⁷⁸ “AS FATALIDADES DE DOUS JOVENS.

ROMANCE PELO SNR. A. G. TEIXEIRA E SOUSA

Acha-se publicado, e vende-se na praça da Constituição n. 64.

Tendo-se esgotado as tres primeiras edições, a *Marmota* deu o em folhetins, e delles fez uma commoda publicação, em 3 volumes, que se vendem por 3\$ rs., em brochura.” In: *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Empresa Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, n. 830, 17/03/1857.

⁷⁹ SILVA, Innocencio Francisco da. Op. cit.

para aumentar a honrosa lista de subscriptores. Fechada a subscrição, os 2 vols. se venderão por 10\$. O editor Paula Brito garante as assignaturas.⁸⁰

A menção ao número de assinaturas feitas por pessoas ilustres da época certamente era uma estratégia para incitar os leitores do *Jornal* a fazerem o mesmo. A venda do volume foi anunciada a partir do mês seguinte e era possível adquiri-lo nas lojas de Teixeira e Sousa e Paula Brito, que, nomeando-se editor do poema⁸¹, ressaltava que ele possuía 12 cantos e era escrito “em oitavas como o de Camões”⁸². Esse comentário foi retomado por Gonçalves Dias que, utilizando o pseudônimo *Optimus Criticus*, divulgou uma análise da obra no *Correio da Tarde* entre janeiro e março de 1848.⁸³

Foi em 1847 que as atividades de Teixeira e Sousa como tipógrafo passaram a contribuir para a prática do romancista, pois nos prelos de seu estabelecimento foi impressa a terceira narrativa de sua autoria: *Tardes de um Pintor, ou Intrigas de um Jesuíta*. A obra foi divulgada no *Archivo Romantico Brasileiro*, um periódico criado por ele e Paula Brito para a publicação de romances nacionais:

ARCHIVO ROMANTICO BRAZILEIRO.

Tendo-se desenvolvido, ha não pouco tempo, em nossos leitores um excessivo gosto pela leitura de romances ou novellas, o que vale o mesmo; e dando os nossos jornaes, em seus folhetins, quasi diariamente romances francezes, notamos que não poucos leitores, depois de terminado o romance dos folhetins, os vão comprar em folhetos, pagando assim duas vezes, uma na assignatura do jornal, outra comprando os folhetos; o que não acontecerá com uma publicação regular que publique romances, pois que uma vez comprados os numeros em que se publique o romance, ou assignando-se, nada mais é que encaderná-los, e tem-se assim um bello e nitido volume de romances. Isto já tem sido por mais de uma vez intentado, porque mallogradas tem sido taes publicações, e nunca por falta de assignantes: pois a razão é que, principiando a publicar-se um romance em um jornal pra isso só feito, os grandes jornaes começam tambem a publica-lo, e os assignantes tendo o mesmo

⁸⁰ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 11/08/1847.

⁸¹ Exemplo de anúncio da publicação do 1º volume desse poema:

“O 1.º VOLUME DO POEMA

INDEPENDENCIA DO BRAZIL

Distribue-se aos Srs. subscriptores na praça da Constituição n. 64, loja do editor. Recebem-se ainda assignaturas (6\$ pelos 2 volumes) pagos á vista, na loja do autor, Teixeira e Souza, rua dos Ourives n. 21, e na do editor, Paula Brito, praça da Constituição n. 64. A lista dos Srs. assignantes será publicada no 2.º volume.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 26/09/1847.

⁸² “FRANCISCO DE PAULA BRITO, / praça da Constituição n. 64, editor de muitas obras importantes, cujas edicções podem ser vistas e apreciadas no imperio, e fóra delle, tambem o é das seguintes.

INDEPENDENCIA DO BRAZIL, / Poema em 2 vols. e 12 cantos (em oitavas como o de Camões) pelo Sr. *Teixeira e Souza*. Subscrive-se a 6\$, na rua dos Ourives n. 21, e praça da Constituição n. 64. [...]” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 13/10/1847.

romance nos jornaes diarios, não reformão suas assignaturas, e assim o jornal de romances tem de morrer á mingua: tal aconteceu com o *Archivo Romantico*.

Não obstante estes tristes exemplos, vamos emprehender um jornal com o titulo acima, em que se publicará só romances brasileiros; então ninguem os publicará senão nós, e unicamente nós. Duas vantagens daqui resultão, ou antes tres: 1ª, escrevendo sobre cousas nossas, conheceremos melhor nosso paiz, nossas antiguidades e todas as nossas cousas; 2ª, augmentar-se a nossa litteratura, o que já é muito; 3ª, estimula-se o genio de nossos jovens, que, feridos do exemplo, se lançarão á arena dos escriptores. Á vista destas vantagens, esperamos que todas as pessoas amantes dos romances mandem subscrever para esta publicação, que é a 500 réis por mez, dando-se folha e meia, em bom papel, boa letra, formando uma nitida edição. O *Archivo Romantico Brasileiro* sahe todos os sabbados, não sendo dia santo de guarda. Os redactores estrearão sua carreira pela publicação do romance brasileiro do Sr. Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, que tem por titulo – *Tardes de um pintor, ou intrigas de um Jesuita* –. O acolhimento favoravel com que o publico recebeu o *Filho do pescador* e as *Fatalidades de dous jovens*, do mesmo autor, nos fez lançar mão deste romance, que em maior escala é muito superior aos dous.

No fim de cada romance irá uma lista nominal dos Srs. subscriptores. Este jornal começou neste mez, e já se achão publicados os dous primeiros numeros.

SUBSCREVE-SE NA LOJA DO SR. PAULA BRITO, PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO N. 64, E NA DE TEIXEIRA E C., RUA DOS OURIVES N. 21.⁸⁴.

A citação longa justifica-se pelo fato de trazer muitas informações sobre a presença do romance no Brasil naquele momento. Primeiramente, atesta o apreço dos brasileiros pelo gênero na década de 1840, pois os editores do periódico afirmaram ter percebido, em seus leitores, o desenvolvimento de um “excessivo gosto pela leitura de romances ou novellas” que os motivou a imprimir um periódico dedicado exclusivamente à publicação de narrativas. A vantagem da publicação que empreendiam era o fato de que o assinante só precisaria encadernar os folhetos do periódico para formar “um bello e nitido volume de romances”. No intuito de fugir dos inconvenientes de publicar narrativas estrangeiras, que, se fizessem sucesso, passariam a ser publicadas por outros periódicos, o que comprometeria a continuação das assinaturas, os editores optaram por divulgar romances de autores brasileiros.

A solução encontrada pelos editores para garantir a venda de seu jornal assemelhava-se, de certa forma, a uma tentativa de estabelecimento de direitos autorais, visto que eles afirmaram publicamente que nenhuma outra pessoa poderia publicar as narrativas que fossem divulgadas no *Arquivo Romântico*

⁸³ Nos cinco artigos que compuseram a série, ele apontou inúmeros problemas na epopéia sobre a independência nacional, tecendo comentários irônicos como “em oitavas como o de Camões!” Obs.: O texto completo estará disponível nos Anexos da tese.

⁸⁴ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 19/02/1847.

Brasileiro. O fato de a primeira narrativa impressa no periódico ter sido *Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta* indica que a parceria entre o tipógrafo e o romancista beneficiava também a divulgação das narrativas de Teixeira e Sousa. Em setembro, a publicação do romance já estava concluída e anunciou-se a venda dos três volumes, que haviam sido impressos na “Typographia de Teixeira e C.”⁸⁵.

Empenhado em utilizar os prelos de sua tipografia para a publicação dos próprios escritos, o autor imprimiu, no ano seguinte, 1848, o primeiro volume de *Gonzaga ou A Conjuração de Tira-Dentes*, o quarto romance de sua autoria⁸⁶, cuja continuação só seria publicada em 1851⁸⁷. Esta foi a segunda e última narrativa divulgada no *Arquivo Romântico*, pois o periódico não voltou a ser anunciado, sinalizando que o projeto através do qual Teixeira e Sousa e Paula Brito pretendiam divulgar romances nacionais não foi bem sucedido. O trabalho de ambos no estabelecimento da rua dos Ourives pode não ter rendido bons frutos, tendo em vista que a empresa Teixeira e C. foi dissolvida em setembro de 1849:

Paula Brito, por dissolução amigável, continua com o estabelecimento da rua dos Ourives n.21, composto de typographia, loja de papel, livros, etc., ficando extinta a firma de – *Teixeira e Comp.* – que nada deve à praça; e

⁸⁵ Exemplo de anúncio da venda dessa obra:

“INTRIGAS DE UM JESUITA.

Romance original de Teixeira e Souza, 3 vols. 3\$; vende-se na praça da Constituição n. 64, e rua dos Ourives n. 21.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 12/12/1847.

Obs.: A 1a. edição do romance consistiu na encadernação dos volumes do *Arquivo Romântico Brasileiro* e encontra-se disponível para consulta no Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro-RJ.

Obs.: Estas imagens serão na Iconografia que pretendo disponibilizar nos Anexos da tese.

⁸⁶ A Biblioteca Nacional possui a primeira e única edição desse romance, cuja referência, do primeiro tomo, é: *Gonzaga ou A Conjuração de Tira-Dentes*. Tomo I. Romance por Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa. Rio de Janeiro: Typografia de Teixeira & C. Rua dos Ourives n. 21, 1848. Obs.: não há, no romance, qualquer referência ao *Arquivo Romântico*; na página de rosto, há, escrita à mão, a frase: “Offerecido a Bibliotheca Nal. e Publica pelo autor.”

Entretanto, o anúncio que divulgou o fim da publicação de *Tardes de um Pintor* e o início da divulgação de *Gonzaga* indica que este romance também foi publicado no *Arquivo Romântico*:

“INTRIGAS DE UM JESUITA.

Romance brasileiro de Teixeira e Souza, publicado no *Arquivo Romântico Brasileiro*, sahio á luz o 3.º e ultimo volume. Preço de todos tres, 3\$000.

Do 1.º de outubro em diante começa-se a publicar – *Gonzaga, ou a conjuração de Tiradentes* –. Preço das assignaturas, 500 réis por cada mez. Subscree-se na typographia de Teixeira e C., rua dos Ourives n. 21, e na praça da Constituição 64, onde se vende o romance já publico – *Tardes de um pintor ou Intrigas de um Jesuíta*.” In.: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 12/09/1847.

⁸⁷ Referência do exemplar consultado na Biblioteca Nacional: *Gonzaga ou A Conjuração de Tira-Dentes*. Tomo II. Romance por Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa. Nictheroy: Typ. Fluminense de C. M. Lopes. Largo Municipal n. 2, 1851. Obs.: assim como no primeiro tomo, consta, na página de rosto, a seguinte frase escrita à mão: “Offerecido a Bibliotheca Nal. e Publica pelo autor.” O romance foi divulgado em outubro desse ano:

“**GONZAGA,**

ou a Conjuração de Tiradentes. Os Srs. que assignarão para este romance poderáõ, querendo, mandar buscar o 2º. vol., na praça da Constituição n. 78.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 09/10/1851.

se por ventura houver quem tenha a reclamar della alguma cousa póde se dirigir á mesma casa, ou á praça da Constituição n. 64.⁸⁸

O anúncio atesta que a tipografia e a loja pertenciam também a Paula Brito, apesar de o nome da empresa não o indicar. O estabelecimento parecia não ser realmente lucrativo, pois os anúncios do *Jornal do Comércio* indicavam que, em menos de três meses, o tipógrafo desistiu de gerenciá-lo⁸⁹. A vida profissional de Teixeira e Sousa, porém, não ficou comprometida com o fim desse empreendimento, pois os contatos que estabelecera propiciaram um impulso em sua carreira: foi em 1849 que passou a exercer o cargo de Professor Público de Instrução Primária na região do Engenho Velho, o qual lhe foi oferecido pelo Marquês de Monte Alegre, então Ministro da Justiça. Provavelmente essas mudanças foram a razão para que, nesse ano, ele praticamente não atuasse como escritor⁹⁰, assim como no ano seguinte.

Em 1851, além da publicação do 2º. volume de *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes*, o autor manteve a prática de divulgar poemas na imprensa⁹¹. As páginas do *Jornal do Comércio* e de *A Marmota na Corte*, porém, anunciaram a venda de duas obras que assinalaram a versatilidade do autor cabofriense quando se tratava de escrever.

⁸⁸ O Brasil. Rio de Janeiro: Typ. do Brasil, de J. J. da Rocha, n. 1487, 03/09/1849. Obs.: o mesmo anúncio foi divulgado no *Jornal do Comércio* nos dias 04 e 05/09/1849.

⁸⁹ A partir de novembro de 1849, Paula Brito passou a divulgar anúncios com o intuito de traspasar a loja de papel e a tipografia e, em janeiro do ano seguinte, informou que o estabelecimento estava sob direção de outra pessoa:

“RUA DOS OURIVES N. 21.

Vende-se, com a armação da loja, a chave da casa (para o que ha consentimento); a armação serve para papel, livros e quiuilharias; a casa, de tres portas, tem excellentes commodos, sotão, quintal, poço, etc. Quem pretender a loja com a typographia póde ir vê-las; quem quizer só a loja, tambem póde examina-la, que de toda a sorte se fará negocio.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 22/11/1849, 23/11/1849.

“TRASPASSA-SE,

com a armação da loja, a chave da casa da rua dos Ourives n. 21, que tem soffríveis commodos, sotão, bello quintal, poço, etc. Póde ser vista a qualquer hora, e para tratar, na loja de Paula Brito, praça da Constituição n. 64.

N. B. Quem a quizer com a typographia que nella existe tambem se fará negocio.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 22/11/1849, 14/12/1849.

“F. DE PAULA BRITO faz sciente ao publico, e ás pessoas a quem esta declaração convier, que o seu estabelecimento da rua dos Ourives n. 21 se acha actualmente sob a direcção e responsabilidade do Sr. A. M. Morando. Rio, 29 de janeiro de 1850.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 31/01/1850.

⁹⁰ No ano de 1849, o autor publicou somente o poema “A Eternidade”, divulgado no periódico carioca *O Beija-Flor*; em 1850, não publicou qualquer texto

⁹¹ Nesse ano, Teixeira e Sousa divulgou, na seção das “Publicações a Pedidos” do *Jornal do Comércio*, o soneto “Ao meu amigo o Snr. A. V. de A. Silveira pelo aniversário de morte de sua querida irmã”. (Cf.: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 07 de julho de 1851). Publicou, também, dois poemas em *A Marmota na Corte*: o primeiro foi um soneto sem título, o qual foi assinado somente com as iniciais T. S. e divulgado em 16 de setembro; o segundo, também um soneto isento de título, foi escrito em homenagem a D. Pedro II e publicado no dia 05 de dezembro, numa edição que comemorava o aniversário do monarca, ocorrido no dia 02 do mesmo mês.

O primeiro desses livros é a obra *As Mensageiras de Amor*, divulgada a partir de abril⁹², que consistia em “uma bella e nova collecção de modinhas, letras do Sr. Teixeira e Sousa, e musica do Sr. Raphael Coelho”⁹³. A produção parece ter tido grande aceitação por parte do público, visto que, já no fim de maio, o *Jornal do Comércio* passou a divulgar sua reimpressão e, no ano seguinte, foi anunciada ao lado de outras produções musicais ⁹⁴.

⁹² “SAHIO Á LUZ, PARA CANTO E PIANO,
AS MENSAGEIRAS D'AMOR.

Bellissima collecção de seis modinhas brasileiras, muito faceis, cujas letrinhas e musica são encantadoras. Remata com um engraçado lundum, que desta vez não agradará muito aos homens, mas fará rir de gosto ás senhoras. Na rua dos Ourives n. 43: collecção, 2\$000. Avulsas a 500 rs.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 24/04/1851.

⁹³ “AS MENSAGEIRAS DE AMOR.

Publicou-se, e vende-se na rua dos Ourives n. 43, uma bella e nova collecção de modinhas, letras do Sr. Teixeira e Sousa, e musica do Sr. Raphael Coelho, contendo as seguintes peças:

1.^a - Debalde intenta illudir-me / Uma esperança de amor; / O meu má é sem remedio, / E mortal a minha dôr,

2.^a - Avesinha que modulas / Teus amores sem cautela, / Pára o canto, não repitas / O nome da minha bella.

3.^a - Retém nos labios ingratos, / Retem tanta crueldade; / Eu te perdôo a mentira, / E te detesto a verdade.

4.^a - Como és bella neste prado / Mimosa, engraçada flôr!... / Tu me retratas ao vivo / Meu tormento, e minha dôr.

5.^a - Estas lagrimas de amor/ Recebe, risonho prado,/ E transforma em lindas flôres / O pranto de um desgraçado.

Depois destas bellas Modinhas, fechou o Sr. Raphael a sua collecção das – MENSAGEIRAS DE AMOR – com o seguinte LUNDUM, que bem se pôde chamar

O PADRE NOSSO DAS MOÇAS.

Você por fim desprezou-me, / Porém triste não me vê,/ Que já tenho outro bemzinho / Mais bonito que você.

Um homem pôde a seu salvo / Enganar como quizer,/ Que a falsidade, se é crime,/É crime só na mulher;

Mas nós nos podemos / Juntar em segredo, /E, para a vingança,/ Mover um só dedo!..

E a vossa vingança / Não é brinquedo!... (1)

Muito embora com seu bem / Agora *figas* me dê;/ Se novo bom alguma dia / Me hade vingar de você.

Vocês da sociedade / São os mestres, os doutores;/ Nós somos pobres escravas,/ Vocês altivos senhores!..

Mas nós, etc. (2)

A falsidade, a traição / No ingrato logo se lê!.. / Eu choro sómente o tempo / Que desperdicei com você!..

Os homens são uns santinhos,/ Por ahi ninguem os veja... / Não ha em todo o universo / Um só, que falso não seja!..

Mas nós, etc.

Estas são as primeiras letras de cada Modinha, cuja musica facil e agradável, não só está ao alcance das jovens pianistas, por mais principiantes que sejam, como excita nellas o gosto de executal-as, pelos pensamentos da poesia.

Vende-se a – Collecção das Mensageiras de Amor – por 2\$000 réis, na casa acima.

Nota da redacção: / (1) Isso é verdade!.. Triste daquelle aonde cahe o raio!.. / (2) Do *et coetera* é que se deve ter medo!..” In: *A Marmota na Corte – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Typ. de Paula Brito, n. 155, 06/05/1851.

⁹⁴ “Reimprimio-se / AS MENSAGEIRAS DO AMOR, / Canto e piano.

A mais bella collecção de modinhas que tem apparecido, rematando com um gracioso lundu. Rua dos Ourives n. 43.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 28 de maio de 1851.

No ano seguinte, *As Mensageiras de Amor* voltaram a ser divulgadas, desta vez ao lado de outras produções do mesmo teor, anunciadas sob o título de “Canto Nacional”:

“CANTO NACIONAL. / ROMANCES, MODINHAS, ARIETAS, ETC.

Melodias romanticas de R. C. M., em portuguez e italiano; Harpa do Trovador (poesia do Sr. L. Magalhães); **Mensageiras de Amor (poesia do Sr. Teixeira e Souza)**; Saudades da Norma; Recordações do Pirata e Graça de Deos; dueto do meirinho e a Pobre; dito do Militar e a Vivandeira, e muitas modinhas e lunduns; na rua dos Ourives n. 43. Tambem ha um rico sortimento de musica moderna da Europa para piano, canto e diversos instrumentos, que se vendem por preços assás commodos.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 01/03/1852. Grifo meu.

Obs.: esse anúncio foi divulgado ao longo de todo o ano de 1852, pelo menos uma vez por mês.

O autor também publicou uma obra de entretenimento intitulada *A Sorte*. Tratava-se de um livro destinado ao divertimento das festas de Santo Antônio, São João, São Pedro e Sant'Ana e era composto por 42 perguntas para as quais havia 2.016 respostas, ou "sortes", elaboradas em versos de metrificações diversificadas. A obra foi impressa na tipografia de Paula Brito e vendida a partir de maio⁹⁵, quando os anúncios passaram a fornecer mais informações sobre o livro: foi oferecido ao "belo sexo", a quem o autor se dirigiu através de uma dedicatória; possuía 24 perguntas para homens e 24 perguntas para mulheres referentes a assuntos diversos, tais como "Si será rico, ou pobre", "Como serão seus amores", "Si lhe descobrirão os segredos", "Si terá demandas", etc.

Vale destacar que *A Sorte* foi um dos muitos "livros de sortes" que circularam no Brasil oitocentista. Os contemporâneos do autor pareciam habituados a adquirir obras desse teor para as festas juninas, pois, durante vários anos, os exemplares do *Jornal do Comércio* publicados em junho e julho encheram-se de anúncios da venda de obras que se propunham a desvendar o futuro. No dia 12 de junho de 1849, por exemplo, foram divulgados seis títulos diferentes: *Livro do Destino*, *O Fado*, *O Nigromante*, *Oráculo das Senhoras*, *Livro da Feiticeira* e *O Immutavel Destino*⁹⁶. A diversidade de títulos, assim como o fato de

⁹⁵ "NOVO / LIVRO DE SORTES.

Vende-se já a 2\$000 na rua dos Ourives n. 46, loja do Sr. Mello, encadernador; praça da Constituição n. 54 (*Magalhães e Pinto*), e Paula Brito, na mesma praça n. 78, canto da rua de S. Jorge, e 64, porta da cocheira.

– A SORTE – tem 42 perguntas, e 2016 respostas; versos originaes, de muito bom gosto, e de diversas metrificações, tornando-se por isso um livro volumoso, e muito agradável para as noites de Santo Antonio, S. João, S. Pedro e Santa Anna. Cada assumpto, ou pergunta, tem 24 respostas para homem, e 24 para senhoras, entretendo assim uma companhia de 48 pessoas, sem se repetir os versos. Foi um lindo presente que ao BELLO SEXO (a quem ele é dedicado) fez o Sr. Teixeira e Souza!

Os 24 cartões vendem-se também nas mesmas casas por 160 rs., impressos em letra redonda!..." In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 24/05/1851.

Obs.: houve inúmeros anúncios da venda desta obra tanto em 1851 quanto nos anos subseqüentes, todos concentrados nos meses de maio a julho, tendo em vista a proposta da obra.

⁹⁶ "LIVROS DE SORTES PARA AS NOITES DE SANTO ANTONIO, S. JOÃO, S. PEDRO E SANTA ANNA, que se achão á venda em casa de E. e H. Laemmert, rua da Quitanda n. 77:

LIVRO DO DESTINO, ou jogo de sortes modernas e engraçadas para alegre entretenimento das noites de S. João e de S. Pedro, seguido de uma collecção de charadas, por um Rio-Grandense do Sul: 1 vol de 156 paginas, acompanhado de 32 cartões para homens e senhoras, 1\$000.

O FADO, novissimo livro, ou jogo de sortes engraçadas, offerecendo um gosto entretenimento das companhias sociaes e divertidas, dedicado a todas aquellas pessoas que em bella sociedade quizerem rir-se com os disparates da fortuita sorte, e por meio de tres dados vir cada um no conhecimento do estado, riquezas, heranças, amizades, fortunas, contendadas, gosto, etc., que terá. Com um suplemento, contendo a Cartomancia ou Arte de ler o futuro nas cartas: 1 vol. brochado Rs.1\$280 / Encadernado Rs.1\$600.

O NIGROMANTE, revelando uma linda e completa collecção de sortes em assumptos inteiramente novos, seguido de várias e interessantes charadas; 1 folheto, 400 rs."

"Para as noites de Sto Antonio. / Vende-se na rua do Ouvidor n. 65. / ORACULO DAS SENHORAS, NOVISSIMO JOGO DE SORTES."

"Publicou-se o interessantissimo LIVRO DA FEITICEIRA!... / Bonita collecção de sortes, onde não há cousa que não seja cá da terra!... As 40 perguntas são novas, e as respostas bonitas, promptas e agudas. Preço 500 rs.; nas lojas das ruas dos Ourives n. 21, Ouvidor n. 152, praça da Constituição n. 54, e em Nitherohy, loja de papel do largo Municipal n. 2."

"O IMMUTAVEL DESTINO, COLLECÇÃO DE SORTES, PERGUNTAS E RESPOSTA. / Sahio á luz e acha-se já á venda nas casas já annunciadas. Preço 400 rs."

muitos livreiros da época dedicarem-se ao comércio dessas obras, indicam que havia interesse do público por esse tipo de publicação. Por isso, podemos dizer que a publicação de *A Sorte* indica que Teixeira e Sousa possuía tino comercial, pois procurou atender a uma demanda do mercado editorial de sua época. Além disso, devemos ter em conta que o autor não esteve sozinho nessa empreitada, pois outros escritores do período dedicaram-se à produção de “livros de sortes”. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, por exemplo, escreveu o *Livro de sortes para as noites de fogueiras de S. Antônio, S. João, S. Pedro, S. Ana* e o contrato por meio do qual foi ajustada a publicação da obra indica que tanto ele quanto o editor, Garnier, acreditavam no retorno financeiro das publicações desse teor⁹⁷.

Os anos seguintes foram marcados pela presença de Teixeira e Sousa no periódico mais comumente associado a Paula Brito, que o editava: *A Marmota na Corte*, que, a partir de 04 de maio de 1852, passou a chamar-se *Marmota Fluminense*. Nesse impresso, foram publicadas quase todas as obras do autor, principalmente seus romances, que, como veremos, sempre encontraram espaço nas páginas do simpático “jornal de modas e variedades” carioca.

No começo de 1852, o periódico divulgou dois textos de sua autoria, compostos em homenagem à chegada do novo ano⁹⁸ e, entre meados de junho e julho, publicou “A Mulher”, uma série de 10 artigos em que Teixeira e Sousa discutiu questões relacionadas ao “belo sexo”⁹⁹. No segundo semestre, a *Marmota Fluminense* divulgou em seus folhetins o romance *Maria ou A Menina Roubada*. A publicação teve início em setembro e foi concluída em fevereiro do ano seguinte, quando Paula Brito passou a anunciar a venda dos números do periódico em que a narrativa fora impressa, pois não houve edição em volume¹⁰⁰.

As obras produzidas pelo autor em 1853 também foram divulgadas na *Marmota Fluminense*: além de poemas¹⁰¹, ele publicou a tradução de uma narrativa escrita por Lord Byron, comumente mencionado

In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp. 12/06/1849.

⁹⁷ O contrato foi firmado em 20 de agosto de 1862 e tratou da publicação de um conjunto de 13 obras do autor. Para os quatro livros que tratavam de culinária e lazer, foi prevista uma tiragem inicial de 2 mil exemplares, ao passo que as obras de literatura e história contariam com uma edição de mil exemplares. Apud: LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Op. cit., p.102-6.

⁹⁸ Trata-se do texto “O Anno Novo” e do poema “O Fim do Anno de 1851, e Começo de 1852”, divulgados no dia 06 de janeiro de 1852.

⁹⁹ Os artigos foram publicados anonimamente, mas podemos seguramente atribuir sua autoria a Teixeira e Sousa porque ele, na série de artigos “O Coração da Mulher”, publicada em 1853 na *Marmota Fluminense*, declarou que havia publicado anteriormente, no mesmo periódico, um texto intitulado “A Mulher”. Esse dado, aliado às várias passagens em que se percebe recorrência de idéias e semelhanças e/ou repetições de frases nos dois conjuntos de artigos, não deixam dúvidas de que são do mesmo autor.

¹⁰⁰ “**POR 3\$000.** / Collecções da *Marmota* contendo a historia completa de / **Maria/ ou/ A menina roubada.**

Vendem-se na loja do editor Paula Brito. Praça da Constituição n. 64.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. Const. de J. Villeneuve e Comp., 22/02/1853.

¹⁰¹ Trata-se do poema “Lágrimas de uma mãe sobre o túmulo de seu filho”, oferecido a Sra. Clara Martha de Almeida e publicado em 22 de março, da ode intitulada “O dia Dous de Dezembro. Glorioso Anniversario do Feliz Natalicio de S. M. O Imperador o Senhor D. Pedro Segundo”, publicada no dia 02 de dezembro, por ocasião do aniversário de D. Pedro II.

como poeta: a “novella” *Mazeppa*, divulgada entre abril e maio¹⁰². No segundo semestre, voltou a pronunciar-se sobre o “belo sexo”, mais especificamente sobre “O Coração da Mulher”, título da série de sete artigos publicados entre outubro e novembro, os quais apresentam muitas semelhanças com os textos da série anterior, “A Mulher”.

Em 1854, Teixeira e Sousa publicou o último romance de sua autoria: *A Providência*, que foi impresso nos rodapés do *Correio Mercantil* entre os dias 26 de janeiro e 17 de junho¹⁰³ e publicado em volume nesse mesmo ano, em 5 tomos, pela tipografia de M. Barreto¹⁰⁴. Mesmo não sendo o responsável pela impressão do periódico que divulgara a narrativa ou pela edição em volume, como se sucedera com os romances anteriormente publicados por Teixeira e Sousa, Paula Brito não deixou de apoiá-lo. A partir de 04 de julho, portanto pouco tempo após o término dos folhetins do *Correio Mercantil*, a *Marmota Fluminense* passou a anunciar a venda dos volumes e a publicar excertos do romance na forma de “Máximas e Pensamentos extraídos dos capitulos da – Providencia – romance nacional do Snr. Teixeira e

¹⁰² “MAZEPPA / Novella de Lord Byron. / Traduzida em Hespanhol, e deste para o portuguez por A. G. T. S.”

Cf.: *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Empreza Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, n. 360, 26/04/1853; n. 361, 29/04/1853; n. 362, 03/05/1853; n. 363, 06/05/1853, n. 364, 10/05/1853 e n. 365, 13/05/1853. Obs.: O conteúdo dessa obra possivelmente já era conhecido pelo público, visto que, no ano anterior, foi divulgada a venda de uma quadrilha de mesmo título:

“MAZEPPA,

brilhante e facil *quadrilha de contradansas* arranjada para *piano* pelo Sr. BAGUET, a mais tocada hoje nos principaes bailes desta côrte, imprimio-se e vende-se na rua do Ouvidor n. 69, e na IMPRENSA DE MUSICA D RUA DA ASSEMBLÉA N. 86, onde se continuão a venda as mui procuradas quadrilhas *La Masquée* e *Macbeth*, e uma grande collecção de modernas e lindas quadrilhas francezas. Preço, 1\$ cada uma.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 30/10/1852.

¹⁰³ “Encetamos hoje a publicação de um novo romance original do Sr. Antônio Gonçalves Teixeira e Souza, intitulado – *A Providencia*.

O bem conhecido talento do autor dos *Cantos Lyricos*, dos *Tres dias de um noivado*, do *Filho do pescador*, e tantas outras produções estimadas, dispensa-nos de qualquer elogio á sua nova produção. Pessoa em cujo criterio confiamos, escreve-nos o seguinte a respeito da *Providencia*: [...]” In: *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, Typ. do Correio Mercantil de Rodrigues e Comp., 26/01/1854.

¹⁰⁴ Ref.: SOUZA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *A Providencia (recordação dos tempos coloniaes)*. Rio de Janeiro: Typographia de M. Barreto, 1854. Obs.: esta edição foi encontrada no acervo do bibliófilo José Mindlin, em São Paulo. Agradeço a Ilana Heineberg a gentileza de ter cedido o microfilme para digitalização.

Sousa”¹⁰⁵. O autor participou da *Marmota Fluminense* também com publicação de poemas¹⁰⁶ e a adivinhação e proposição de charadas¹⁰⁷.

Teixeira e Sousa recorreu mais uma vez ao imperador, em 1855. Essa tentativa foi mais feliz do que a anterior, pois obteve auxílio e pôde dar novo impulso à carreira: no dia 02 de junho, foi nomeado Escrivão da Primeira Vara do Juízo do Comércio da Corte, por influência de Nabuco de Araújo, então Ministro da Justiça. Dias depois, na “Chronica da Quinzena” da *Revista Brasileira*, o acontecimento foi comparado a uma “metamorphose” que transformara o escritor em “mais um membro da respeitável sociedade forense”. O cronista não deixou de notar que a obtenção do cargo fôra fruto de favores políticos, pois ressaltou que tudo se dera “graças ao Exm. Snr. ministro da Justiça, graças ao Magnanimo Protector das Letras, o nosso immortal Imperador”. Além de mencionar as figuras que facilitaram a entrada do escritor cabofriense na “sociedade de positivistas”, o texto mostrou como a dedicação à literatura colaborou para a obtenção do benefício:

A historia desta metamorphose é curiosa e não a deixaremos em esquecimento. Tinham as reformas das reformas porque passou a instrução publica do municipio neutro, (se é que passou e não está ainda passando) atirado com o nosso illustre poeta no fundo de uma escola de primeiras letras acompanhado de uma esposa e 4 filhos, e embrulhado em 800\$!

¹⁰⁵ Números em que foram divulgados excertos de *A Providência*: “Maximas e Pensamentos dos capitulos da – Providencia – romance nacional do Snr. Teixeira e Sousa, que se vende a 4\$000 na typographia do Correio Mercantil, rua da Quitanda n. 55.” In: *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Empreza Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, n. 484 (04/07/1854), n. 495 (11/08/1854), n. 496 (15/08/1854), n. 497 (18/08/1854), n. 498 (22/08/1854), n. 499 (25/08/1854), n. 500 (29/08/1854), n. 502 (05/09/1854), n. 503 (08/09/1854), n. 504 (12/09/1854), n. 505 (15/09/1854), n. 506 (19/09/1854), n. 507 (22/09/1854), n. 508 (26/09/1854), n. 509 (29/09/1854), n. 510 (03/10/1854), n. 511 (06/10/1854), n. 512 (10/10/1854), n. 513 (13/10/1854).

¹⁰⁶ Em 06 de janeiro, foi publicado na *Marmota Fluminense* um “Canto Elegiaco” de sua autoria, o qual fazia parte do “Monumento á Saudosa Memoria de S. M. F. a Senhora D. Maria II Rainha de Portugal”; em maio, o poema “Um dia de noivado”, extraído de *Os Três Dias de um Noivado* e, em novembro, versos sem título em homenagem à cantora Mme. Charton.

¹⁰⁷ Ainda janeiro, foi divulgada a resposta elaborada pelo autor a uma das adivinhações do periódico:

“Brito. / Não preciso da folhinha;/ Uma já tenho, outra é pêta:/ Mas quando eu isto escrevia,/ Muito feia te fazia/ Sem que eu visse, uma Careta../ T. e Sousa.” In: *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Empreza Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, n. 438, 24/01/1854.

Em março, publicou-se um “logogripho”, espécie de adivinha, de sua autoria:

“Logogrypho do Sr. T. e S.

As que compem este nome / Nove letrinhas só são; / Porém eu tiro-lhe uma, / Que é signal de aspiração.

Alma, que diz-se a primeira, / (É verdade mui profunda) / Não tem um peito, que exprimem / A primeira e a segunda.

Mas vai parar á cadêa / Alma, que diz-se a primeira, / Onde não faz com prazer / O quanto diz a terceira.

Mas uma alma, da primeira / Com convicção profunda, / Em um peito, que não é, / Como a primeira e segunda;

De uma boa sociedade / P’ra a cadêa não se aparte, / Si é acaso o que exprimimos / Na terceira como a quarta.

Mas sendo o que é a primeira, / Não a primeira e segunda, / Não sendo a terceira e quarta / O que causa dor profunda;

Póde sahir da cadêa, / Si um advogado sublime / A cousa á peito tomando / Fôr o quanto o todo exprime.

Quem primeiro o decifrar, / Um livrinho hade ganhar.”

Cf.: *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Empreza Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, n. 449, 03/03/1854.

Compreendendo elle que dentro em pouco, por tão bem acertadas reformas, teria o mestre á porta de sua escola mais credores, que discipulos, decidio-se a romper com a alta dignidade de mestre de meninos por *tão bom mercado*. Resignado, pois, pede um humilde lugar de escrivão ou cousa que o valha na cidade de Macahé, documentando a sua petição com 2 volumes de seus Canticos lyricos, seu poema os Tres dias de um noivado, poesias avulsas, romances e um poema epico a – Independencia do Brasil. O Exm. Ministro da Justiça, porém, não quis acceder a essa petição que tinha semelhanças com um delicado epigramma feito á esta nossa epoca, chamada de desenvolvimento, e de progresso litterario. Lembrou-se, talvez, de Camões, que lá andára pela Asia esquecido entre os autos de um cartorio de escrivão de defuntos e não quis, que em seu ministerio semelhante escandalo se desse. Indefirindo-lhe o requerimento, despachou-o para um lugar da côrte, que lhe pôde dar meios para um viver honesto e occasião, para novos trabalhos poeticos. A fome e a miseria não são lá muito bons inspiradores; nem sabemos que haja musa, que com fome cantar possa! [...] ¹⁰⁸

O cronista tratou de finanças com despojamento, mostrando-se indignado com o salário que o “ilustre poeta” recebia como professor e enfatizando a importância que a obtenção de “meios para um viver honesto” possuía na vida de um autor, afinal, “a fome e a miséria não [eram] muito bons inspiradores”. Suas palavras revelam como Teixeira e Sousa soube utilizar seu lugar como escritor para angariar benefícios: documentou a petição dirigida às autoridades com “2 volumes de seus Canticos Lyricos, seu poema os Tres dias de um noivado, poesias avulsas, romances e um poema epico a – Independencia do Brasil”, ou seja, apoiou-se nas obras que escrevera para justificar seu pedido. Dessa forma, a atividade como literato, que parecia não propiciar lucros através da venda das obras, beneficiou-lhe financeiramente por outra via, pois a crônica indicou que a condição de escritor foi decisiva para que ele obtivesse um cargo superior ao que almejava inicialmente.

Após mostrar o caminho percorrido por Teixeira e Sousa para alcançar estabilidade financeira, o jornalista, acreditando que o autor conseguiria dedicar-se com mais afinco à confecção de novos trabalhos literários, louvou a atitude de Nabuco de Araújo, dizendo que ela colaborava para que outros homens de letras recobrassem o ânimo e a esperança. O escritor, meses depois, mostrou gratidão pelo benefício que obtivera, quando divulgou, na *Marmota Fluminense*, um “Canto” em homenagem ao aniversário de Nabuco de Araújo¹⁰⁹. Em 1858, algum tempo depois de o político ter sido nomeado senador, Teixeira e Sousa publicou o cântico “Ao Exm. Snr. Conselheiro José Thomaz Nabuco de Araujo por ocasião de ser escolhido Senador do Império”¹¹⁰.

¹⁰⁸ “Chronica da Quinzena”. In: *Revista Brasileira – Jornal de Litteratura, Theatros e Industria*. Rio de Janeiro, 14 de junho de 1855. N.º 1, p. 9-12. Typ. Dous de Dezembro.

¹⁰⁹ Cf. *Marmota Fluminense*. Rio de Janeiro. Tip. de Paula Brito, 24/08/1855.

¹¹⁰ Cf. *A Marmota*. Rio de Janeiro: Nova Typ. de Paula Brito, 04/06/1858.

O ano de 1855 também foi aquele em que se deu o lançamento do segundo volume de *A Independência do Brasil*, impresso na tipografia de Paula Brito¹¹¹. A publicação foi bastante anunciada¹¹² e a obra recebeu nova apreciação crítica, mais otimista que a de 1848, divulgada em *O Guanabara*¹¹³. Esse periódico, um dos mais importantes da época, também era impresso na Tipografia de Paula Brito e foi em suas páginas que se publicou a segunda produção dramática de Teixeira e Sousa: a tragédia em 5 atos intitulada *O Cavalleiro Teutonico ou A Freira de Marienburg*, que fora escrita em 1840. Essa peça, segundo indicam os anúncios do *Jornal do Comércio*, foi publicada em cinco números de *O Guanabara*, entre março e julho de 1855¹¹⁴, numa seção intitulada “Biblioteca Guanabareense”¹¹⁵. Alguns dias após a divulgação do

¹¹¹ *A Independência do Brasil*. Tomo II. Rio de Janeiro: Typ. Imparcial de F. de Paula Brito, 1855. 341 pág. com os últimos 6 cantos. Apud. SILVA, Innocencio Francisco da. Op. cit.

¹¹² Além dos anúncios divulgados no *Jornal do Comércio* e na *Marmota Fluminense*, a proximidade da publicação dessa obra foi mencionada também em *O Guanabara*, na nota elogiosa que previu a publicação de uma análise do poema:

“Noticias diversas.

Está terminada a impressão do segundo volume do poema da – *Independência do Brasil* – composto pelo nosso particular amigo o Snr. Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa. É uma epopéia, cujo assumpto inteiramente nacional deve interessar a todos os brasileiros, a quem recommendamos a sua leitura. O autor não é um homem desconhecido; é um poeta de grande talento, que tem adquirido uma reputação á custa d’arduas fadigas: filho das suas proprias obras, á si unicamente deve o que hoje é. Sabemos que ha quem pretenda analysar a obras; e envidaremos os nossos esforços para que seja essa analyse publicada nas nossas columnas. Si ousassemos exprimir um voto que procurassem todos, os que pôdem, animar o illustre poeta para que não seja o seu *derradeiro, ultimo canto*.” In: *O Guanabara*. Rio de Janeiro. 1855. Tomo III, p. 23-24.

A publicação foi anunciada a partir de março:

“PUBLICOU-SE O POEMA / INDEPENDENCIA DO BRAZIL / pelo Sr. Teixeira e Souza.

Os Srs. assignantes podem, com os seus respectivos recibos, vir cobrar o 2º. vol., na praça da Constituição n. 64, loja do editor, onde estão á venda os exemplares.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 04 de março de 1855.

¹¹³ Cf.: “*A Independência do Brasil* – poema épico, pelo Sr. Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa”. *Guanabara, Revista Mensal Artística, Scientífica e Litteraria*. Rio de Janeiro, 1855. Tomo III.

¹¹⁴ Os anúncios que atestam a publicação dessa peça em *O Guanabara* nesse período são os seguintes:

“6\$000 POR ANNO, tanto apara a côrte como para as provincias, custa agora a assignatura do / GUANABARA, / revista mensal – *scientífica, artística e litteraria* – redigida por uma commissão de litteratos, e publicada sob os auspícios de / S. M. o IMPERADOR.

O n. 1º. do – *Terceiro Anno* – contém: introduccção; uma visão (fragmento); o Brazil e o *Annuario dos Dous Mundos*; o instituto dos meninos cegos; viagem no meu gabinete, pelo Sr. Dr. Sigaud; bibliographia (a *Vicentina* do Dr. Macedo); o album de Armia; noticias diversas – **o Cavalleiro Teutonico, drama do Sr. A. G. Teixeira e Souza.**

O Guanabara dá mensalmente uma brochura em 4º., com 41 paginas de impressão, capa, etc.

Assignatura, 6\$000 por anno, na loja do editor, Paula Brito, praça da Constituição n. 64.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 06/03/1855. Grifo meu.

“O GUANABARA. / Publicou-se o n. 5, do corrente mez de Julho, contendo:

Encanamento das aguas. / A Eneida de Virgilio e seus traductores. / Physiologia pathologica. / Apontamentos para a materia medica brasileira. / Melodias romanticas.

O Cavalleiro Teutonico, drama do Sr. Teixeira e Souza (5º. e ultimo acto).

O GUANABARA, revista scientifica, artistica e litteraria, publicada a expensas de S. M. o Imperador, sahe regularmente todos os mezes.

Assignatura, por um anno (12 folhetos brochados, de mais de 40 paginas em 4º. cada um), 6\$000; na loja do editor Paula Brito, praça da Constituição n. 64.

Quem assigna agora recebe todos os folhetos ja publicados, desde Março até hoje, e com abatimento os mais anteriores.

Não se vendem numeros avulsos.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 04/07/1855. Grifo meu.

último ato, Paula Brito passou a anunciar a venda da obra¹¹⁶, a qual, como o periódico que a publicara, foi impressa em sua tipografia¹¹⁷. Assim, podemos dizer que, em 1855, todas as publicações do autor saíram dos prelos da Tipografia Dois de Dezembro, onde se imprimiram também as *Marmotas* em que ele deu à luz alguns poemas¹¹⁸.

Foi também a *Marmota Fluminense* que republicou seus romances entre 1856 e 1860. A primeira narrativa a ser republicada foi *As Fatalidades de Dois Jovens*, divulgada entre janeiro de 1856 e fevereiro de 1857. À medida que o conteúdo do romance era divulgado em folhetim, confeccionavam-se os três tomos da edição em volume, impressa na tipografia de Paula Brito. A venda da obra completa foi anunciada a partir de março de 1857, pouco depois de finalizada a publicação da narrativa na *Marmota Fluminense*¹¹⁹. Ainda em 1856, Teixeira e Sousa divulgou, nas “Publicações a Pedido” do *Jornal do Comércio* do dia 07 de setembro, um excerto do poema *A Independência do Brasil*, sob o título “Cada um festeja a independência a seu modo”¹²⁰. Essa foi sua última publicação em periódicos diversos, pois, a partir do ano seguinte, passou a publicar seus textos com exclusividade na *Marmota Fluminense*, posteriormente, *A Marmota*.

No início de 1857, antes do fim da publicação de *As Fatalidades de Dous Jovens*, a *Marmota Fluminense* passou a divulgar outra narrativa de Teixeira e Sousa: *Tardes de um Pintor ou Intrigas de um Jesuíta*. A publicação teve início em fevereiro¹²¹, mas sofreu uma interrupção logo no início de março, a qual levou Paula Brito a explicar-se para os leitores de seu periódico:

¹¹⁵ Os exemplares microfilmados de *O Guanabara* disponíveis na AEL não trazem informações precisas sobre o periódico, informando apenas o tomo e o ano de publicação. *O Cavalleiro Teutônico* está incluído no Tomo IV, de 1855, o qual traz outros textos e é intitulado “Biblioteca Guanabarenses”.

¹¹⁶ “Annuncios bibliographicos. / O CAVALLEIRO TEUTONICO

Lindissimo drama do Snr. Teixeira e Sousa: vende-se nas lojas de Paula Brito; um bello folheto, brochado e aparado.

Preço, 1\$500 rs.” In: *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Empreza Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, n. 602 (20/07/1855) e n. 609 (10/08/1855).

¹¹⁷ A Biblioteca Nacional possui a seguinte edição (que é a mesma mencionada no *Dicionário Bibliográfico Português* de Inocêncio Silva): *O Cavalleiro Teutônico ou A Freira de Marienburg*. Tragedia em 5 actos. Por Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa. Escripção em 1840. Rio de Janeiro: Emp. Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, Impressor da Casa Imperial, 1855.

¹¹⁸ Trata-se do mencionado “Canto” em homenagem a Nabuco de Araújo, publicado em 24 de agosto, e do poema “A Primeira Ascensão do Balão Aerostático”, divulgado no dia 27 de novembro. Obs.: esses poemas estarão disponíveis nos Anexos da tese.

¹¹⁹ “AS FATALIDADES DE DOUS JOVENS. / ROMANCE PELO SNR. A. G. TEIXEIRA E SOUSA.

Acha-se publicado, e vende-se na praça da Constituição n. 64.

Tendo-se esgotado as tres primeiras edições, a *Marmota* deu o em folhetins, e delles fez uma commoda publicação, em 3 volumes, que se vendem por 3\$ rs., em brochura.” In: *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Empreza Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, n. 830, 17/03/1857.

¹²⁰ Cf.: *Jornal do Commercio*. “Publicações a Pedido”. Rio de Janeiro: Typ. Villeneuve, 07/09/1856.

¹²¹ “Estando a concluir-se as – *Fatalidades de Dous Jovens* – romance do nosso particular amigo o Snr. Teixeira e Sousa; encetamos hoje a publicação de outro seu romance, não menos popular, e não menos interessante que o primeiro, cuja edição também se acha extinta, e é constantemente procurada – TARDES DE UM PINTOR OU INTRIGAS DE UM JESUITA.” Cf.: *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Empreza Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, n. 821, 13/02/1857.

Aos nossos leitores.

Quando no nosso n. 821 principiámos a publicação do romance – *Tardes de um Pintor ou Intrigas de um Jesuita* – do Snr. *Teixeira e Souza*, era nossa intenção da-o depois em folhetos, como fizemos ás – *Fatalidades de Dous Jovens* – cujo 3.º volume está a concluir-se: ocorrendo, porem, nos estabelecimentos de que hoje somos mero administrador, circumstancias que nos impossibilitam de realizar esse nosso projecto, levados, como sempre fomos, pelo desejo de ver divulgadas as letras patrias: essa publicação não pode mais ter lugar, por isso que trazendo o empate de algum capital, e não se realizando de pronto a venda dos exemplares, para que entre logo para a caixa o dinheiro da impressão, iria isso contrariar as vistas d'aquelles, sob cuja influencia nos achamos; força é que mudemos de resolução.

Por este motivo, e por outros que não vem ao caso por em quanto fazer d'elles menção, deixamos de continuar as – *Tardes de um Pintor* – assim como suspendemos a publicação do romance – *Maria ou a menina roubada* – que já se achava em composição.

A epoca é para letras, mas para *letras de cambio*; e como tudo é positivo, somos forçado (*sic*) a trabalhar só para *quem paga*: tal é a nossa posição e o estado das cousas no nosso paiz, a respeito disto e de tudo quanto tende para o desenvolvimento da intelligencia!

Assim, pois, começamos neste numero os – *Tres dias de um Noivado* – que, se não é a melhor das composições do nosso amigo *Teixeira e Souza*, é, sem duvida alguma, a mais gabada, não só por sua *originalidade*, como pelo bem concebido da idéa, belleza da poesia, e felicidade da execução.

Impresso por nós em 1844, a edição d'esse – *Poema Brasileiro* – não se acha ainda esgotada; é um bello volume de quase 200 paginas, que se vende a 2\$ rs. na loja desta officina, praça da Constituição n. 64.

Para os que gostam de ler aos bocadinhos, a *Marmota* dará – duas vezes por semana – quantidade suficiente de bellos versos para satisfazer a curiosidade da gente de gosto; para os que preferem a obra logo completa, os volumes se acham, como dissemos, á sua disposição, e por modico preço.¹²²

Paula Brito parece preocupado em esclarecer os motivos que o impossibilitavam de continuar a publicação do romance e, assim, por em prática o desejo de divulgar textos nacionais. O texto indica que não foi a falta de interesse do público ou do editor pela narrativa de Teixeira e Sousa que determinou a interrupção da publicação¹²³. Impossibilitado financeiramente de confeccionar uma edição posterior do romance, Paula Brito suspendeu sua publicação e, no mesmo dia, passou a divulgar outra obra do autor, o poema *Os Três Dias de um Noivado*, visto que possuía volumes da obra para serem vendidos em sua loja.

¹²²Cf.: *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Empreza Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, n. 826, 03/03/1857.

¹²³ A partir do fim de março de 1857, Paula Brito passa a veicular anúncios solicitando assinaturas novas para que o jornal não deixe de existir, tudo indica que passou por uma crise financeira, da qual resultou a mudança do nome de sua tipografia e também do jornal, que passou a chamar-se *A Marmota* a partir do n. 361, de 03 de julho de 1857. Esses dados elucidam muito o conteúdo desse texto.

A publicação do poema deu-se entre março e setembro e, antes que chegasse ao fim, Paula Brito informou ao público que *A Marmota* retomaria a publicação de *Tardes de um Pintor*.¹²⁴ Assim, no dia 08 de setembro, juntamente com o fim da publicação de *Os Três Dias de um Noivado*, foi veiculada ao público a continuação de *Tardes de um Pintor* ou *As Intrigas de um Jesuíta*, que, com duas pequenas interrupções, durou até o dia 10 de junho de 1859.

A presença de Teixeira e Sousa em *A Marmota* se deu ainda de outras formas no ano de 1857: fez parte da comissão literária eleita por Paula Brito para julgar as glosas de um de seus motes a prêmio¹²⁵ e publicou letras de modinhas e poemas¹²⁶. Em 1858, foi divulgada a continuação de *Tardes de um Pintor*, que percorreu todos os números de *A Marmota* e finalizou-se em meados de 1859, ano em que o mesmo periódico publicou dois outros romances do autor. O primeiro foi *O Filho do Pescador*, cuja publicação se deu entre julho e setembro de 1859, sendo anunciada a venda dos volumes a partir de outubro¹²⁷. O segundo romance foi *Maria ou A Menina Roubada*, publicado entre outubro de 1859 e janeiro de 1860, quando se confeccionou a primeira edição em volume, anunciada a partir de fevereiro¹²⁸.

Finalmente, no segundo semestre de 1860, *A Marmota* publicou *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes*, impresso entre julho e outubro. A obra não teve outra edição em volume além da primeira, datada de 1848-1851, pois, no dia em que se findaram os folhetins, Paula Brito divulgou uma nota indicando que não pretendia confeccionar outra edição em volume do romance.¹²⁹

¹²⁴ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 01 de setembro de 1857. Paula Brito parecia interessado na divulgação do romance, visto que, logo no dia 04/09, publicou em *A Marmota* uma nota com conteúdo idêntico ao desse anúncio. Cf.: *A Marmota*. Rio de Janeiro: Emp. Typ. de Paula Brito, n. 879, 04/09/1857.

¹²⁵ “A Comissão que deve decidir do merito da melhor glosa ao nosso – motte a premio – do n. 857, será composta dos Snrs.: / Dr. Joaquim Manoel de Macedo. / Dr. Laurindo José da Silva Rebello. / Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa. / Ao autor da glosa considerada 1.^a em merito, se dará um volume da – Confederação dos Tamoyos, ricamente encadernado em marroquim chagrin; ao autor da 2.^a em merito, se dará um volume do mesmo poema, encadernação regular: ambos os volumes levarão o nome do poeta premiado, e serão assignados pelos membros da commissão, com a data do dia, mez e anno da decisão.” In : *A Marmota*. Rio de Janeiro: Emp. Typ. de Paula Brito, n. 862, 07/07/1857.

¹²⁶ Trata-se de duas letras de modinhas assinadas com as iniciais T. S. e divulgadas no dia 27 de outubro; do poema “Suspiros de amor”, publicado no dia 30 de outubro, utilizando as mencionadas iniciais, e de “Um não sei que”, poema retirado dos *Canticos Liricos* e divulgado no dia 29 de dezembro.

¹²⁷ “O FILHO DO PESCADOR.

Está publicado este lindo romance do Sr. Teixeira e Souza (3.^a edição); vende-se a 2\$ na loja de Paula Brito, um volume de 280 paginas em bom papel e typo.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 06/10/1859.

¹²⁸ “**MARIA/ OU/ A Menina Roubada.**

Romance do Snr. Teixeira e Sousa, 3.^a edição (1.^a em folhetos). Um volume de 344 paginas, em 16, bom papel e typo. Preço 2\$500, na loja do editor, praça da Constituição n. 64.” In: *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typ. de Paula Brito, n. 1133, 10/02/1860. Obs.: nesse dia, a publicação da obra foi divulgada também no *Jornal do Comercio*.

¹²⁹ Cf.: *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typ. de Paula Brito, n. 1208, 30/10/1860.

A inexistência de uma segunda edição da obra foi confirmada quando, no ano seguinte, Paula Brito anunciou a venda dos exemplares de *A Marmota* em que o romance fora divulgado:

“GONZAGA/ OU/ CONJURAÇÃO DO TIRA-DENTES.

Apesar de haver estreado como poeta, a última produção de Teixeira e Sousa publicada em vida foi seu romance sobre a Inconfidência Mineira, pois no ano seguinte ele faleceu e não houve registros de publicações de sua autoria. Sabe-se apenas que escreveu um “canto á inauguração da estatua equestre do fundador do Imperio”, atendendo ao pedido de Joaquim Norberto de Sousa e Silva, a quem remetera o poema acompanhado da seguinte carta:

Illm. amigo e Sr.

Ahi vai o que o meu amigo desejou-me. Oxalá que a pobre poesia do ex-poeta, e hoje escrivão estúpido e ignorante, encontre graças diante do vate dos *Cantos epicos*. A poesia que remetto é parto do dever, não da vontade. Entre as quatro paredes de um cartorio, no meio do material prosaismo [sic] dos autos, não ha inspiração: amam as musas as letras, mas não as demandas.

Desejo ao meu amigo saúde e immensas felicidades, pois tenho a honra de assignar-me seu amigo velho e sempre prompto.

Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa. S. C. 20 de Setembro de 1861.¹³⁰

O poema referido na carta intitulava-se “Canto à Inauguração da Estatua Equestre de D. Pedro I” e foi publicado no ano seguinte, em uma obra organizada por Frei Theotônio de Santa Humiliana que reunia publicações de vários poetas sobre o mesmo assunto. Como não podia deixar de ser, essa obra também foi impressa na tipografia de Paula Brito¹³¹.

Chama atenção, nas palavras de Teixeira e Sousa, o tom nostálgico com que se refere à condição de “ex-poeta”. Segundo ele, “ama[va]m as musas as letras, mas não as demandas”: estaria realmente sem inspiração, sufocado pelo “material prosaico dos autos”? ou se tornara “um escrivão estúpido e ignorante” porque o trabalho consumia o tempo que dedicaria à escrita?

Coincidência ou não, é fato que o autor deixou de divulgar obras inéditas depois que passou a trabalhar no Tribunal do Comércio da corte, em 1855. No mês seguinte ao da nomeação, ele publicou um anúncio em que comunicava “ao comércio” o endereço onde estava provisoriamente instalado seu cartório, ressaltando que estaria no estabelecimento “das 8 horas da manhã ás 6 da tarde”¹³².

Este interessante romance acha-se á venda na praça da Constituição n. 78, loja da esquina, pelo preço de 1\$ cada volume.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const.de J. Villeneuve e Comp., 05/07/1861.

¹³⁰ Apud: SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. “Notícia sobre Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa”. Op. cit., p. 214.

¹³¹ Referência da edição consultada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. “Á Inauguração da Estatua Equestre do Senhor D. Pedro I. Cantico do Brazil”. In: SANTA HUMILIANA, Frei Theotônio de (org.). *Á Estatua Equestre do Senhor Dom Pedro Primeiro*. Rio de Janeiro: Typ. de Paula Brito, 1862. Joaquim Norberto menciona que essa obra “imprimiu-se avulta na typografia de Paula Brito, e sahio n’uma collecção editada pelos Srs. E. & H. Laemmert. SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. “Notícia sobre Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa”, Op. cit., p. 214.

¹³² “AO COMMERCIO.

Igualmente significativo é o fato de que dois textos publicados por ocasião da morte do escritor mencionam que ele não dedicou os últimos anos de sua vida à literatura. Em 02 de dezembro de 1861, os exemplares do *Correio Mercantil* informavam aos leitores que o autor “entreg[ou]-se às letras nos primeiros annos de sua vida” e “deixou alguns trabalhos que tornaram seu nome conhecido e estimado”¹³³. Dias depois, no exemplar de 09 de dezembro, a “revista semanal literária e recreativa” *A Grinalda* publicou a “Biografia de Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa” de Moreira de Azevedo, que fez a seguinte observação a respeito da vida profissional do autor: “Tal era o amor que tinha á sua família, tal a sua virtude civida, a sua honradez, que apesar de poeta, quis escravisar a sua intelligencia ás formulas pesadas dos requerimentos e dos autos”. A sugestão de que ele abandonou a carreira literária depois que passou a atuar como escrivão foi reiterada quando esse biógrafo, referindo-se aos últimos anos da vida do escritor, observou que “occulto no seu cartório, ahi vivia o pobre poeta, esquecido de todos”¹³⁴.

Esses dados parecem indicar que a rotina de trabalho que propiciou conforto financeiro (e, possivelmente, um certo prestígio) ao escritor impediu-o de dedicar-se à produção de novas obras, apesar de lhe conferir prestígio. Essa é uma das prováveis razões para o fato de seu cargo como escrivão ser sempre mencionado, mesmo em alguns anúncios de suas obras. Em 1859, por exemplo, quando divulgou a publicação de *O Filho do Pescador*, Paula Brito referiu-se a Teixeira e Sousa como “escrivão do Juízo Comercial”¹³⁵.

O mais importante, porém, é que a análise do percurso do autor permitiu conhecer alguns dos caminhos possíveis para os escritores que quisessem divulgar suas obras em um momento em que era difícil sobreviver da própria pena. Dentre as relações que estabeleceu, algumas foram fundamentais para a obtenção de melhores cargos e rendimentos. Suas tentativas de cair nas graças de D. Pedro II, assim como os favores que obteve do monarca e de outros políticos, permitem relativizar um pouco a imagem do escritor pobre e desinteressado, pois mostram que ele sabia utilizar sua relação com a literatura para obter benefícios.

O tabellião privativo dos protestos de letras, Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, tem provisoriamente o seu cartorio na Praça da Constituição n. 31, onde se acha das 8 horas da manhã ás 6 da tarde.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 05/07/1855.

Teixeira e Sousa transferiu seu cartório para outros endereços naquele ano. No dia 14/09/1855, o *Jornal do Comércio* divulgou um anúncio que mencionou o “cartório do escrivão Teixeira e Souza, Praça da Constituição n. 31.”. No mês seguinte, o autor comunicou a mudança de endereço de escritório, mencionando outros dois endereços: “Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, um dos escrivães do juizo do commercio, mudou o seu escriptorio da rua de S. Pedro para a do Espirito Santo n. 37.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. Cont. de J. Villeneuve e Comp., 25/10/1855.

¹³³ In: *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, 02/12/1861. Apud: “A Morte de Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa”. In: *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typ. de Paula Brito, n. 1323, 06/12/1861.

¹³⁴ AZEVEDO, Moreira de. “Biographia de Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa”. Op. cit., p. 12.

¹³⁵ *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typ. de Paula Brito, n. 1064, 14/06/1859.

Teixeira e Sousa também soube encontrar auxílio para a publicação e divulgação de suas obras, como a parceria com Paula Brito e o contato com os redatores dos periódicos em cujas páginas foram impressos seus textos. A publicação na imprensa também aproximava o escritor do círculo literário, pois colaborava para que ele se fizesse conhecido. O nome do romancista esteve presente em periódicos de renome que conferiam prestígio aos autores que divulgavam, como a *Minerva Brasiliense*, *O Guanabara*, o *Correio Mercantil* e as *Marmotas*, cujas colunas, segundo Paula Brito, “elle tantas vezes preferio para publicidade de suas producções”¹³⁶.

Outra forma constantemente utilizada pelo autor para projetar-se como escritor foi a publicação de obras pertencentes a gêneros diversos, que certamente contribuíram para que seu nome se tornasse conhecido. Essa era uma prática comum dos escritores oitocentistas, um artifício utilizado por quem quisesse inserir-se na vida literária brasileira da época. Afinal, naquele contexto, “a profissionalização nas letras não se resumia à produção de textos a serem veiculados por livros”, mas incluía o desempenho de tarefas “menos ou mais periféricas à produção do livro, menos ou mais relevantes para a qualidade de leitura propiciada pela obra”, como “organização, tradução e revisão de obras alheias, organização de almanaques e redação de livros didáticos”¹³⁷.

Teixeira e Sousa, como bom conhecedor do funcionamento do campo literário de sua época, empenhou-se na produção de obras pertencentes a diferentes gêneros, publicando romances, poemas, peças teatrais, letras de modinhas, livro de divertimento e artigos sobre temas diversos. Além disso, traduziu poesias, peças teatrais e uma narrativa. No seu caso, porém, podemos apontar uma predileção pelo romance, a qual fica perceptível tanto no fato de que ele publicou um número maior de narrativas, quanto nas escolhas e estratégias de que se utilizou para publicar essas obras.

Podemos dizer que o autor mostrou sua predileção pelo romance quando se empenhou na reedição dos mesmos. Como vimos, a partir de 1856, quando não publicou mais obras inéditas, ele republicou todas as suas narrativas, com exceção da última que publicara, *A Providência*, cuja primeira edição datava de 1854. Além disso, os únicos textos de sua autoria publicados em sua tipografia, que funcionou entre 1845 e 1849, foram romances: *Tardes de um Pintor*, em 1847, e o primeiro volume de *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes*, de 1848. Deve-se considerar, também, que a divulgação dessas narrativas deu-se através da iniciativa de Teixeira e Sousa e Paula Brito, que criaram o *Arquivo Romântico Brasileiro*, um periódico destinado à publicação de narrativas nacionais e preocupado com a preservação dos direitos autorais dos romancistas.

¹³⁶ “A Morte de Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa”. In: *A Marmota*, Op. cit.

Na figura do tipógrafo carioca, Teixeira e Sousa encontrou também um entusiasta do romance, pois ele divulgou narrativas de autores diversos nas suas *Marmotas* e imprimiu vários romances. Assim, não foi por acaso que Paula Brito publicou quase todas as obras em prosa do autor, tanto em folhetim quanto em volume. A única exceção foi *A Providência*, romance publicado no *Correio Mercantil* e impresso na tipografia de M. Barreto, que foi parcialmente divulgado na *Marmota Fluminense* sob a forma de “Máximas e Pensamentos”.

Deve-se considerar, também, que Teixeira e Sousa travou relações com muitos dos escritores que estavam, como ele, empenhados na produção de romances brasileiros. Dentre eles, podemos mencionar Joaquim Manuel de Macedo (que, além de publicar várias obras na *Marmota*, foi colaborador da *Minerva Brasiliense* no mesmo período em que Teixeira e Sousa), Justiniano José da Rocha (redator-chefe de *O Brasil*, periódico que divulgou *O Filho do Pescador* e algumas poesias do autor), Pereira da Silva (que o incluiu no *Parnaso*), Joaquim Norberto de Sousa e Silva (autor da biografia de Teixeira e Sousa divulgada na *Revista do IHGB* em 1878), além do próprio Paula Brito, que também se aventurara na produção de narrativas.

Por meio desses caminhos, Teixeira e Sousa conseguiu projetar seu nome no círculo literário brasileiro do século XIX. Foi apreciado em textos sobre a poesia e o teatro nacionais, incluído em antologias poéticas, citado em epígrafes de poemas de seus contemporâneos e, principalmente, obteve êxito junto ao público leitor com seus romances.

2.3 O projeto literário de Teixeira e Sousa – ao encontro do gosto dos leitores.

Um dos elementos que colaboraram para que os homens de letras brasileiros oitocentistas concebessem Teixeira e Sousa como um escritor relevante parece ter sido o fato de que o autor estava a par das expectativas do público em relação ao romance e à literatura nacional. A relação estreita que manteve com a imprensa ao longo de toda a vida certamente colaborou para que o romancista cabofriense conhecesse as preferências dos leitores, tendo em vista que ele publicou seus escritos em vários periódicos de sua época. Além disso, trabalhou como tipógrafo e, em sociedade com Paula Brito, manteve, por alguns anos, uma loja de livros que prestava serviços tipográficos. Podemos considerar, portanto, que ele teve acesso às discussões literárias e, atento ao que se divulgava na imprensa sobre romance, pretendia corresponder às expectativas do público oitocentista em relação ao gênero.

¹³⁷ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Op. cit., p. 110.

Tratando-se da produção de romance, em especial, devemos ter em conta que Teixeira e Sousa entrou em contato com vários dos escritores que, como ele, iniciavam a produção do gênero no Brasil, algo que certamente influenciou sua produção romanesca. Podemos considerar, também, que ele manteve relações com Lopes Gama, um dos intelectuais brasileiros que mais se dedicou à análise de narrativas, e tinha conhecimento de suas idéias sobre romances. Afinal, o padre carapuceiro foi colaborador da *Marmota Fluminense*, como indica a carta que escrevera a Paula Brito divulgada em 1852, no mesmo número em que o periódico iniciava a primeira publicação em folhetins de *Maria ou A Menina Roubada*.¹³⁸ Além disso, o autor certamente teve acesso à leitura de periódicos que divulgaram críticas de romances no século XIX, como a *Minerva Brasiliense* e *O Guanabara*, que publicaram textos de sua autoria e estudos sobre suas obras.

Alguns dos textos não ficcionais que publicou em periódicos ou como paratextos de suas obras indicam que a presença da moralidade e da cor local em seus textos em prosa não era casual. Os prefácios destacam-se entre as fontes que permitem recuperar o projeto literário do autor. Nos paratextos que acompanham quatro dos seis romances que publicou, estão presentes a imagem de escritor divulgada pelo romancista cabofriense e suas indagações acerca do “novo gênero”.

Um dos aspectos perceptíveis nesses textos é o fato de que, através deles, o autor procurou conferir caráter verídico às narrativas, prática que, como vimos, foi inaugurada pelos primeiros romancistas modernos e fez escola entre os escritores que se dedicaram à produção do “novo gênero”. É o que se verifica na “Carta a Emília” que funcionou como prefácio de *O Filho do Pescador*, seu primeiro romance. A missiva foi dedicada a uma amiga e parenta chamada Emília, a qual lera e apreciara seu “poema ou

¹³⁸ “Snr. Paula Brito.

Recife, 1 de agosto de 1852.

Tenho presente a sua prezada carta de 10 do proximo passado, que me foi entregue ha pouco mais de oito dias; e a seu conteúdo passo a responder. Ainda que velho, achacoso, e cheio de desgosto, aceito o convite, que me faz, de colaborador da *Marmota Fluminense*, em virtude do que remetto esses tres artigos, isto é, dous em prosa, e um de decimas, quadras, e charadas, para não haver falta, emquanto vou apromptando outros.

Ha bons artigos nas *Marmotas* que me mandou. A glosa ao antigo motte: - *Porque razão não fizeste* – é boa; mas, entendendo eu, que convinha varial-a, tornando-a mais philosophica, arranjei essa, que ahi vai; e dir-me-ha que tal a acham por ahi, e bem assim os demais versos. Eu principiei a compôr uma obrinha moral sobre os inconvenientes da lição sem escolha dos romances e novellas. É séria, como pede o assumpto, muito importante: mas, meu amigo, nos periodicos, ainda os mais facetos, é mister variar algumas vezes com assumpto sério, do contrario torna-se um mero chocarreiro. Eu sempre assim pratiquei a respeito do Carapuceiro. Se quizer, pois, eu lhe irei remetendo essa composição. Affianço-lhe, que hade agradar muito, porque é assumpto que ainda não foi tratado.

Seu amigo velho,

M. do S. Lopes Gama.” In: *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Empreza Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, n. 286, 10/08/1852.

Obs.: A mesma carta foi publicada no *Jornal do Comércio* do dia seguinte: Cf. *Jornal do Commercio*. “Publicações a Pedidos”. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 11/08/1852.

romance – *Os Três Dias de um Noivado*”, obra ainda inédita naquele ano de 1843. A leitura deixou a amiga motivada e ela impôs ao autor uma difícil tarefa:

[...] Agora exigis de mim um romance em prosa: a tarefa é-me difícil, não pela obra em si própria, mas pelas pessoas a quem ele se deve dirigir; porque me dizeis que desejais um romance para vós, vosso marido, vosso filho e vossa filha!

Que tarefa! Um romance para uma senhora casada e mãe; para um marido e pai e, enfim para dois jovens!...

De quantos sei, nenhum conheci digno disto, e este de que lanço mão é só em falta de outro melhor. Vós julga-lo-eis. Como minha verdadeira amiga e próxima parenta, conto com vossa indulgência: quando não puderdes combinar com o meu modo de pensar, rogo-vos que me não arguais sem previamente me ouvirdes. Conto-vos, pois, uma história que me hão contado.¹³⁹

O texto indica que a principal dificuldade enfrentada para compor o romance foi a necessidade de fazer dele uma obra que pudesse ser apreciada por leitores de perfis diversificados como Emília e seus familiares, circunstância tomada como justificativa para solicitar a benevolência do público no julgamento da obra. O autor, depois de sugerir que a narrativa deveria ser lida como uma história verídica, mencionou as escolhas que empreendeu quando a elaborou:

Escrevo para agradar-vos; junto aos meus escritos o quanto posso de moral, para que vos sejam úteis; junto-lhes as belezas da literatura, para que vos deleitem. Não corrijo este meu escrito, porque essa honra vós lhe fareis!

Se me compreenderdes, tenho chegado a que me propuz. Onde me julgardes muito conciso, estudaime, e então compreendereis mais do que digo e até o que não digo; mas onde me virdes muito difuso, crede que há muito mais do que o que digo! Entendeime e serei feliz. Tenho saudade de vós.¹⁴⁰

Para agradar a um público diversificado, o escritor seguiu à risca o princípio horaciano que orientou a produção de tantos romancistas modernos, elaborando uma narrativa que deleitava e instruía. Segundo o protocolo de leitura proposto pelo autor, para compreender os conhecimentos edificantes veiculados no romance em questão era necessário “estudar” o texto. Instruções de leitura como essa figurariam nos prefácios e no interior das outras obras em prosa que Teixeira e Sousa publicou. Foi também nesse prefácio que o romancista tratou pela primeira vez de um dos elementos mais importantes de seu projeto literário: a moral. No excerto acima, o autor sugeriu que um romance só poderia ser “útil” caso fornecesse ensinamentos edificantes para o leitor.

¹³⁹ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *O Filho do Pescador*. São Paulo: Melhoramentos, 1977, p. 27-8.

A moldura narrativa proposta no capítulo “Como o autor soube desta história”, que funcionou como prefácio de *Tardes de Um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*, assim como em *O Filho do Pescador*, apregoeou a veracidade do romance. No texto, o autor revelou que, aos quinze anos, residia com um parente no Rio de Janeiro e, numa tarde em que brincava com os amigos, o grupo foi surpreendido por uma tempestade e acolhido por um pintor. Entre os quadros dispostos pela casa, destacava-se o retrato de uma bela jovem cuja história foi contada pelo pintor, ao longo de algumas tardes, sob a condição de que o texto fosse publicado:

Era inquestionavelmente eu o que o ouvia com mais atenção e interesse, e apenas chegava à minha casa escrevia tudo quanto ao pintor havia ouvido.

Este manuscrito, há não pouco tempo que não existia em meu poder; felizmente, e como por um milagre, veio ter-me às mãos, depois de uma ausência de mais de dez anos; e hoje, fiel à palavra que dei ao pintor aí dou ao mundo esta história, seguindo quase o mesmo método que o pintor quando me contou, dividindo-a nas mesmas tardes, como ele fez; por isso lhe dei o nome de *Tardes de um Pintor*, sem todavia desprezar o nome que o pintor dava à sua história que era *Intrigas de um Jesuíta*.¹⁴¹

Ao mesmo tempo em que atestava a veracidade do enredo e fornecia informações sobre o título do romance e a sua divisão em “tardes”, o texto colaborava para dar credibilidade à narrativa. Afinal, o autor informou que elaborou a obra movido pelo desejo de ser fiel à promessa feita ao pintor e que reproduziu originais escritos quase concomitantemente à audição da história.

No prefácio divulgado no primeiro volume de *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes* (1848), intitulado “Introdução”, Teixeira e Sousa expôs aos leitores a noção de romance que fundamentava suas produções em prosa e discorreu sobre a função do romancista. Segundo ele, “os nomes de Gonzaga, do Tira-dentes, de Alvarenga, de Claudio Manoel, de José Maciel” eram bastante conhecidos pelos brasileiros, mas suas “desgraças” e os “pormenores” da Conjuração Mineira eram ignorados pelo público. Essa circunstância, porém, não impossibilitava a escrita de uma obra que tematizasse tal acontecimento histórico, já que a tarefa do romancista “não [era] por sem dúvida a do historiador, á este a verdade; àquelle a verdade e a ficção, ou ainda só esta”.

Para esclarecer o sentido dessa afirmação, o autor passou a estabelecer diferenças entre história e romance, alegando que o historiador cumpria a missão de “instruir” e não precisava construir textos cuja

¹⁴⁰ Idem, p. 28.

¹⁴¹ SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. *Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*. São Paulo: Editora Três, 1973, p. 29.

leitura fosse deleitante. A seu ver, a história deveria fornecer “a representação dos factos taes, e quaes ocorreram” para que os leitores aprendessem com o passado e evitassem cometer os mesmos erros. Ao romancista, porém, cabia desempenhar outra tarefa:

O fim porém do romancista é (si o fundo de sua obra é fabuloso) apresentar quasi sempre o bello da natureza, deleitar e moralisar. Si nesse fundo ha alguma cousa, ou muito de historico, então melhorar as scenas desagradaveis da natureza, corrigir em parte os defeitos da especie humana: adoçar os mais terriveis traços de horrorosos quadros, tendo sempre por fim deleitar, e moralisar, ainda que instrua pouco, ou nada. Assim a historia é para o romancista, como a poesia para o musico; a historia offerece o assumpto sobre o qual póde o romancista descorrer á seu livre arbitrio, sem que imponha lhe o menor freio; da mesma sorte a poezia offerece ao musico os versos sobre os quaes compõe elle sua musica a seu bel-prazer, conservando apenas nella o timbre, ou gosto da poezia, segundo fôr mais alegre, ou mais melancolico.¹⁴²

Para cumprir a missão de “deleitar e moralisar”, o romancista deveria utilizar o “livre arbítrio” para elaborar suas produções de forma que elas exaltassem as belezas naturais, colaborassem para expurgar os vícios humanos e apresentassem quadros mais amenos. Diferentemente do historiador, ele não tinha o compromisso de “instruir” seus leitores e, por isso, deveria recorrer aos livros de história apenas para obter assunto para suas produções. Com base nessas considerações, o autor alertou os leitores de que entrariam em contato com um “romance” e não com uma “história”, indicando que, apesar de tematizar um episódio da história pátria, a obra não tinha o compromisso de “represent[ar] os fatos tais e quais ocorreram”.

No prólogo de *A Providência* (1854), o último romance que publicou, Teixeira e Sousa forneceu informações sobre a estrutura e o conteúdo da obra e reafirmou seu apreço pela moralidade:

O narrador aproveita a ocasião para declarar aos leitores, se lhe perguntarem no fim desta historia quem é o heróe della, e qual a acção principal, que elle não os quiz designar abertamente: o que porém o narrador declara mui positivamente é que os factos aqui mencionados são acontecimentos da vida humana [...]. Não obstante, o leitor judicioso verá que todos os factos se reúnem afinal na vida de um homem, que todavia não parece ser o principal personagem, ao menos em grande parte desta historia: e então no fim della, ou quasi no fim, o leitor notará claramente o alvo que o narrador quiz ferir, e a moralidade de sua historia.

¹⁴² SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. “Introducção”. In: *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes*. Rio de Janeiro: Tipografia de Teixeira e C., 1848, vol. I.

O narrador pede ainda ao leitor, se alguma vez notar no curso desta historia algum lance ou traço menos moral, que se não arripie; pois que em historias taes, nem sempre se podem evitar rasgos de tal natureza. Em todo o caso, essas mesmas scenas, que parecem immoraes, teem o seu proveito e bem positivo.

Lembre-se o leitor destes dous versos de Bocage:

“Dos crimes os quadros a virtude apurão;

Esmalta-se a moral n'horror ao crime!”¹⁴³

Essas palavras forneceram os parâmetros que o leitor deveria levar em consideração para entender “o alvo que o narrador quiz ferir, e a moralidade de sua história”. Assim como nas produções de vários romancistas estrangeiros e brasileiros em circulação naquela época, o leitor foi convidado a atentar para a presença de lições edificantes nas cenas “aparentemente imorais” e aguardar a conclusão da obra antes de julgar sua moralidade. Para atestar a eficácia do procedimento de leitura sugerido, utilizaram-se versos de Bocage, um autor português conhecido pelos brasileiros.

Podemos tomar o conteúdo do prefácio como indício de que o autor estava preocupado com a recepção da obra, motivo pelo qual defendeu previamente a moralidade do romance e forneceu instruções destinadas a otimizar sua leitura. Os acontecimentos de *A Providência* parecem justificar essa preocupação, pois a obra é composta por uma sucessão de assassinatos, adultérios, mentiras e outros delitos cometidos por personagens que, no final edificante, regeneraram-se ou morreram.

Além dos prefácios, o projeto literário de Teixeira e Sousa esteve presente em algumas didascálias que ele antepôs aos capítulos de três de seus romances. Esses pequenos textos tinham conteúdo diversificado, podendo consistir em comentários sobre episódios do enredo, discussões motivadas pelas atitudes das personagens ou reflexões sobre elementos temáticos e formais das narrativas.

Muitos desses textos eram utilizados para concretizar os propósitos moralizantes do autor e, por isso, forneciam parâmetros para que o leitor percebesse a lição edificante presente no trecho a ser lido. A título de exemplo, temos as palavras que antecederam o primeiro capítulo de *A Providência*: “É tão amavel um generoso orgulho no coração de uma mulher, como detestável uma vil ambição. O orgulho póde elevar sua alma e inspirar-lhe boas acções; a ambição não póde senão abatê-la, e inspirar-lhe acções infames, e até criminosas.”¹⁴⁴ O texto em questão preparava para a leitura do capítulo “Narcisa é ambiciosa”, no qual o narrador descreveu a personagem, ressaltando que ela tinha orgulho de sua beleza e, iludida pelo que o pai dissera sobre mulheres formosas que enriqueciam, pretendia encontrar um marido rico. Ao longo da

¹⁴³ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *A Providência*. Rio de Janeiro: Typographia de M. Barreto, 1854, tomo I, p. 8.

¹⁴⁴ Idem, tomo I, p. 9.

narrativa, o leitor perceberia quantas “ações infames, e até criminosas” ela seria capaz de cometer em nome de sua ambição.

Algumas didascálias forneceram instruções mais gerais de leitura, como aquelas que apregoaram que era necessário que o público analisasse os acontecimentos do enredo para perceber a moralidade presente nas obras. É o que se verifica nas palavras que antecederam o capítulo em que o narrador de *O Filho do Pescador* refletiu sobre o assassinato de uma personagem:

No meio dos mais horrorosos crimes há sempre um lado de moralidade; conhecê-la está em estudá-los. Estudemos, pois, os crimes, não em si próprios, mas em seus resultados e em sua origem; então um véu rasgar-se-á diante de nossos olhos, e esse cubo apresentará ao nosso exame uma face bem diversa daquela que antes observávamos. No fim de tudo, notemos que os prêmios e castigos andam sempre de envolta com os bens e com os males.¹⁴⁵

O texto parece ter sido elaborado com o objetivo de guiar a interpretação do romance, indicando que os acontecimentos deveriam ser lidos como exemplos de que o bem sempre seria premiado e o mal, castigado. O autor observou, ainda, que “os prêmios e castigos anda[va]m sempre de envolta com os bens e com os males”, aludindo ao princípio da punição do vício e da premiação da virtude, o qual esteve presente em outros romances. O conteúdo desses textos reapareceu nas didascálias de outros romances. Uma das didascálias de *As Fatalidades de Dois Jovens* procurou instigar o leitor a analisar os acontecimentos em busca da moralidade, alegando que “nas cenas mais hediondas produzidas pelo crime, tanto se revela a Providencia ao sabio, como a moralidade ao causuista!”¹⁴⁶ Em *A Providência*, um dos capítulos foi antecedido por um texto que defendeu a idéia de que “a ordem providencial tem de tal sorte calculado as virtudes e os vícios com os premios e castigos, que não ha sobre a terra um bem sem premio, nem um mal sem castigo! [...].”¹⁴⁷

Além da moralidade, as didascálias dos romances de Teixeira e Sousa defendiam o valor da presença da natureza e das descrições de paisagem. É o que se verifica nas palavras antepostas ao primeiro capítulo de *O Filho do Pescador*:

A descrição das cenas da natureza é a pedra de toque do escritor! descrever estas cenas está ao alcance de qualquer gênio medíocre; mas empregar nesta pintura as verdadeiras cores precisas e nos seus devidos lugares, é

¹⁴⁵ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *O Filho do Pescador*. Op. cit., p. 77.

¹⁴⁶ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *Fatalidades de Dois Jovens*. Op. cit., p. 222.

¹⁴⁷ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *A Providência*. Op. cit., tomo V, p. 23.

sem dúvida o ponto mais difícil de atingir na poesia descritiva ou pintura da natureza. Desculpai-me, pois, se mal o vou fazer. [...] ¹⁴⁸

Ao mesmo tempo em que enalteceu a dificuldade da tarefa para solicitar a benevolência do público na leitura da obra, o autor enfatizou a importância que atribuiu à “pintura da natureza”. Essa idéia reapareceu na didascália de *As Fatalidades de Dois Jovens* por meio da qual ele afirmou que “descrever as cenas da natureza é dar à natureza aquilo que della recebemos!” ¹⁴⁹ Em *A Providência*, o autor indicou que, em seu projeto literário, a descrição da natureza era tão importante quanto a descrição dos costumes. Trabalhar com esses dois elementos era uma forma de alcançar o equilíbrio entre deleite e instrução, pois, segundo ele, “a descrição das cenas da natureza deleita, as dos costumes instrue. / Aquella que só deleita torna-se superficial, a que só instrue, aborrecivel; casemos pois estas duas qualidades.” ¹⁵⁰

Nos paratextos dos romances de Teixeira e Sousa figura um elemento importante para seu projeto literário e não muito abordado pelos escritores da época: a presença de escravos no cenário nacional. Em uma das didascálias de *O Filho do Pescador*, sua primeira narrativa, o autor indicou que esse tema seria uma de suas preocupações. O texto antecedeu ao capítulo que narrou os esforços empreendidos pelo cativo João no intuito de salvar Augusto, seu senhor:

O decurso de alguns anos não é a melhor prova de amizade, e nem tampouco uma liberdade familiar; isto pode todavia provar uma tal, ou qual confiança, mas não uma dedicação augusta, capaz de extremas virtudes, que tanto embelezam a amizade e enobrecem seus fins; capaz desses sublimes sacrifícios, que elevam o coração humano até a bem-aventurada órbita da suprema ventura de uma santa amizade! Uma experiência a tempo é talvez o melhor toque para esse ouro tantas vezes falsificado. Uma amizade que não tem em seu favor senão o tempo, será um afeto, mas tão-somente em potência (permiti-me a expressão), uma amizade que tem a experiência é um afeto em ação! Às vezes um ente bem desprezível, pelo seu estado, nos é mais favorável que um, a quem chamamos amigo, e a quem respeitamos! ¹⁵¹

Apesar de nomeá-lo como “ente desprezível”, o autor elogiou a atitude do escravo. Além disso, tomou sua conduta como exemplo de que era importante considerar a experiência para comprovar a sinceridade do afeto e ressaltou a possibilidade de nos surpreendermos diante da amizade sincera

¹⁴⁸ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *O Filho do Pescador*. Op. cit., p. 29.

¹⁴⁹ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *Fatalidades de Dois Jovens*. Op. cit., p. 15.

¹⁵⁰ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *A Providência*. Op. cit., tomo II, p. 09.

¹⁵¹ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *O Filho do Pescador*. Op. cit., p. 52.

expressa por pessoas cujo estado tornava menores a nossos olhos, aludindo à condição de cativo da personagem João.

A escravidão também foi discutida em duas didascálias de *A Providência*, a última narrativa de sua autoria. Em uma delas, Teixeira e Sousa defendeu que pessoas provenientes de lugares sociais diferentes possuíam igual capacidade de realizar grandes feitos. Segundo ele, “assim como no reino vegetal não são as maiores arvores as únicas que produzem os maiores e mais bellos fructos, assim na humanidade não são os homens altamente colocados os unicos capazes das melhores acções.”¹⁵² Essas palavras antecederiam um dos capítulos em que foi narrada a tentativa de seqüestro de uma personagem feminina que foi salva por dois escravos. A didascália parecia sugerir que o episódio narrado deveria ser lido como mostra de que os escravos eram capazes de atitudes louváveis. No capítulo seguinte, que ainda tratava de episódios relativos à tentativa de seqüestro, o leitor viu-se diante das seguintes palavras: “Se os escravos não fossem olhados como entes fóra da natureza; se fossem educados como pessoas, e mórmente como christãos; se elles soubessem que erão amados de seus senhores, e que estes se interessavão por elles, os escravos seriam melhores, mais felices, e talvez mais amigos de seus senhores.”¹⁵³ Ao mesmo tempo em que defendia o bom trato dos escravos por parte de seus senhores, o texto enfatizava os benefícios que a boa convivência traria para senhores e cativos.

O interesse por questões sociais se verifica também nas considerações do autor sobre o “belo sexo” presentes em duas séries de artigos divulgadas na *Marmota Fluminense*, o “jornal de modas e variedades” de Paula Brito. A primeira delas, intitulada “A Mulher”, foi publicada entre junho e julho de 1852¹⁵⁴; a segunda, que repetia idéias e passagens da primeira, denominada “O Coração da Mulher”, foi impressa entre outubro e novembro de 1853¹⁵⁵. Em ambos os textos, Teixeira e Sousa louvou as graças e peculiaridades femininas e fez observações acerca das mudanças a que as mulheres estavam sujeitas ao longo dos anos e sobre o modo como eram tratadas na sociedade.

Dentre as questões discutidas pelo autor, destacou-se o casamento forçado. Na série de artigos “A Mulher”, ele opinou que o pai só deveria impor um marido para a filha quando ela não amasse outro homem e não repugnasse o pretendente eleito, pois, nessa situação, a mulher passaria, sem dificuldade, a amar o esposo. O mesmo não se verificava em outros contextos:

¹⁵² SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *A Providência*. Op. cit., tomo III, p. 63.

¹⁵³ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *A Providência*. Op. cit., tomo III, p. 69.

¹⁵⁴ Cf. “A Mulher”. In: *Marmota Fluminense*. Rio de Janeiro: Emp. Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, n. 271 (18/06/1852) até o n. 281 (23/07/1852).

¹⁵⁵ Cf.: *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Empreza Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, n. 408 (11/10/1853) até o n. 414 (01/11/1853).

[...] não é porem assim quando um pai constrange uma filha a ter um marido, que seu coração repugna, porque então excede os limites de seus direitos até o absolutismo do senhor, e estende os deveres de sua filha até a humilhação do escravo! um tal contracto não é um casamento, é rebaixar a Mulher ás cegueiras da escrava, passal-a de um senhor absoluto para um senhor despotico; é o aviltamento do pudor da virgem, a degradação do coração da esposa, e a profanação da Mulher, a mais bella obra do Creador! Um tal contrato perante os homens é uma violencia, e perante Deos uma perfidia, e um perjurio; perfidia da parte daquelles que assim violentam uma virgem, perjurio da parte della, bem que attenuado aos olhos de Deos, que não quer um suicidio, embora justificado pelo martyrio do coração.

Tal crime tem sempre por principio a ignorancia daquelle que violenta a Mulher; porque a Mulher não póde, não deve jurar fidelidade a um homem ao qual não ama; porque a fidelidade é um facto todo moral, todo do coração [...].¹⁵⁶

O artigo comparou a situação da filha obrigada pelo pai a casar-se com um homem pelo qual sentia repugnância à condição da escrava, tendo em vista que, em ambos os casos, tratavam-se de mulheres privadas de sua liberdade. Na outra série de artigos em que abordou o “belo sexo”, o autor voltou a demonstrar que reprovava o casamento forçado:

[...] O homem organisando a sociedade não contou com a mulher, e nessa organização nem um affecto foi calculado, nem paixão, se não exceptuassemos a ambição; porque o mesmo amor da gloria é ainda uma ambição modificada desta, ou d’aquella maneira; e a sociedade para se mostrar a obra prima de meia duzia de cabeças, e de nem um só coração, queima seus incensos á ambição e despreza, e condemna os affectos, as paixões. Não calumniamos a sociedade; vêde: um pae dispõe do coração de uma filha, como se dispões de um movel, sem saber se nesse coração ha para o seu pretendente amor, ou inclinação, ou aborrecimento. [...]¹⁵⁷

Assim como no texto anterior, Teixeira e Sousa mostrou-se contrário ao casamento forçado nas situações em que os sentimentos femininos não eram respeitados. É notável, porém, o fato de que, no excerto acima, ele denunciou com mais ênfase o interesse financeiro que guiava alguns pais na escolha do pretendente para as filhas. A submissão aos desmandos paternos era uma das situações que atestavam que as mulheres eram vítimas das atitudes masculinas:

¹⁵⁶ Teixeira e Sousa. “A Mulher”. In: *Marmota Fluminense*. Rio de Janeiro: Emp. Typ. Dous de Dezembro, n. 279, 16/07/1852.

¹⁵⁷ Teixeira e Sousa. “O Coração da Mulher”. In: *Marmota Fluminense*. Rio de Janeiro: Emp. Typ. Dous de Dezembro, n. 410, 18/10/1853.

Sejam quaes fôrem as desgraças da mulher, ellas são sempre a obra do homem, porque a mulher é sempre a sua victima: nestas desgraças contam-se: a má educação, máos exemplos, caprichos paternaes, e injustiças, perfidias de um amante, desregramentos de um esposo, seducções, enganós, &c., &c., e a sociedade? oh! essa não levanta a mulher que cahe, faz maior sua quéda, e cahida, cobre-a de oprobrios, e de affrontas, para que não mais se levante!¹⁵⁸

Dentre as “desgraças da mulher”, o autor mencionou prejuízos causados tanto pelos pais quanto pelos maridos e pretendentes. A “má-educação” figurou entre esses problemas e recebeu atenção especial do autor. Nesses artigos, ele defendeu a idéia de que a educação das filhas era determinante para que elas tivessem uma conduta correta e proferiu o seguinte conselho aos pais prestimosos: “Quereis vossas filhas dignas de si mesmas e dignas de vós? educai-as para a virtude”¹⁵⁹.

Essas reflexões sobre o “belo sexo”, assim como os demais elementos que ocuparam lugar de destaque no projeto literário de Teixeira e Sousa, ganharão espaço privilegiado nos romances do autor. Neles, as passagens que discutiram a situação da mulher na sociedade brasileira oitocentista e denunciaram a injustiça da submissão feminina às ordens masculinas forneceram uma espécie de *lição* aos leitores.

As questões tratadas pelo autor em seus textos não-ficcionais indicam que, apesar de prever a abordagem de questões pouco comuns nos projetos literários de outros escritores do período, como a presença da escravidão no cenário brasileiro, Teixeira e Sousa pretendia trabalhar com a moralidade e a cor local, os elementos mais aclamados nas apreciações de romances divulgadas nos periódicos que circulavam no Rio de Janeiro de meados do século XIX. Devemos considerar, finalmente, que esses elementos estiveram presentes nos anúncios através dos quais o autor divulgou algumas de suas narrativas, textos importantes para tratar da consonância entre as produções do escritor e a expectativa do público em relação ao romance. Neles, salta aos olhos a estratégia propagandística utilizada pelo autor, que enfatizava na obra exatamente a presença dos elementos valorizados naquele momento. Os anúncios da venda da primeira edição em volume de *O Filho do Pescador* são bastante exemplificativos desse aspecto:

O FILHO DO PESCADOR,

¹⁵⁸ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. “O Coração da Mulher”. In: *Marmota Fluminense*. Rio de Janeiro, Typ. Dous de Dezembro, n. 411, 21/12/1853.

¹⁵⁹ Teixeira e Sousa. “A Mulher”. In: *Marmota Fluminense*. Rio de Janeiro: Typ. Dous de Dezembro, n. 277, 09/07/1852.

romance brasileiro, cuja historia se passa no Rio de Janeiro, composto por A. G. Teixeira e Souza: vende-se, 1 vol., por 1\$ rs., na loja de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde há – UM ROUBO NA PAVUNA, tambem interessante.¹⁶⁰

O FILHO DO PESCADOR,

Novella feita para entretenimento de uma moça bonita, cuja acção se passa no Rio de Janeiro, no lugar chamado Copacabana; vende-se um lindo folheto com 152 paginas, por 1\$ rs., na loja de Paula Brito, onde há Um roubo na Pavuna, por 800 rs.; as Duas infelizes, por 320; Juiz de paz da roça, por 400; e Noivo em mangas de camisa, por 400.¹⁶¹

O autor mostrou-se preocupado em destacar que a ação do romance se desenrolava em cenário nacional, aliás, em cenário carioca específico: “no Rio de Janeiro, no lugar chamado Copacabana”. O apelo para a brasilidade das narrativas nesses anúncios não se dava gratuitamente. A par do que se dizia na imprensa sobre literatura, visto que trabalhava com Paula Brito desde 1840, Teixeira e Sousa certamente imaginava que despertaria o interesse do público caso mencionasse que se tratava de uma narrativa de temática nacional, principalmente no caso de *O Filho do Pescador*, que foi uma das primeiras produções do gênero no Brasil. Podemos imaginar que os leitores da época estavam mesmo interessados em ver as paisagens nacionais figurarem em narrativas de autores brasileiros, pois, como vimos, o primeiro romance do autor teve duas edições em folhetim e duas em volume no Oitocentos. Mais uma vez, o escritor demonstrou que conhecia o público para quem escrevia e os elementos que poderiam despertar seu interesse.

¹⁶⁰ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 24/09/1843, 25/09/1843, 26/09/1843, 28/09/1843, 29/09/1843, 30/09/1843 e 01 e 02/10/1843.

¹⁶¹ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 26/01/1844, 31/01/1844.

CAPÍTULO III.

A recepção de Teixeira e Sousa no século XIX.

Teixeira e Sousa, nas histórias literárias brasileiras, ficou mais conhecido como romancista, como exemplifica o estudo de Antônio Soares Amora, que o abordou no capítulo destinado a analisar “O Romance” produzido por escritores românticos. Para o autor, as produções ficcionais de Joaquim Norberto de Sousa e Silva e Pereira da Silva foram o “primeiro passo no sentido da criação de um romance brasileiro”, que voltaria a caminhar com Teixeira e Sousa, que dera “um segundo passo, mais autônomo, mais seguro e mais largo”, seguido, no ano seguinte, por Joaquim Manuel de Macedo¹. O mesmo se sucedeu com as demais histórias literárias publicadas no século XX, que, mesmo mencionando as obras poéticas e dramáticas do autor, detiveram-se na abordagem de sua atuação como romancista.

No século XIX, porém, Teixeira e Sousa foi abordado em estudos críticos sobre poesia e dramaturgia nacionais publicados até o final da década de 1860, quando passou a ser mais lembrado pelas produções romanescas, o que indica que sua versatilidade como escritor realmente colaborou para que encontrasse um lugar na roda literária da época.

3.1 O poeta e o dramaturgo.

O escritor cabofriense foi bastante citado em textos dedicados ao estudo da poesia brasileira divulgados entre as décadas de 1840 e 1860, afinal, como vimos, a primeira obra que publicou foram os volumes dos *Cânticos Líricos*, divulgados em 1841 e 1842. A esse, somariam-se outros dois livros de poesias: *Os Três Dias de Um Noivado* e *A Independência do Brasil*. O autor se fez conhecido como poeta também através da divulgação de seus textos em periódicos, sejam poemas retirados de seus livros ou mesmo poemas de ocasião, como os que dedicou ao Imperador.

A primeira apreciação de poesias de sua autoria foi o texto “Critica Litteraria. A Independencia do Brasil”, uma análise feita por Gonçalves Dias e divulgada nos folhetins do *Correio da Tarde* entre 28 de

¹ AMORA, Antônio Soares. Op. cit., p. 193-4.

janeiro e 31 de março de 1848², ano em que foi publicado o primeiro volume da obra. O autor dos *Primeiros Cantos* apontou problemas conteudísticos no poema, como a extensão de determinados episódios e descrições, mas se centrou na censura a problemas estruturais, como escolhas lexicais, confecção de rimas e falhas no uso da língua portuguesa. O texto, divulgado ao longo de cinco artigos, foi percorrido por um tom irônico, como no momento em que a obra analisada foi referida como “filha amorosa e querida, fructo das suas locubrações e de cinco annos empregados em excogitar rimas, e sublimidades de pensamento e de estylo, que ninguem aprecia, ao menos tão bem como o seu autor”³. A ironia ficou perceptível, também, nos vários momentos em que o crítico comparou o poema brasileiro aos *Lusíadas*, aludindo, certamente, ao conteúdo de alguns anúncios da obra, os quais enfatizaram que se tratava de um poema “em oitava rima como o de Camões”⁴.

A Independência do Brasil voltou a ser objeto de análise em um artigo divulgado em *O Guanabara*, anos depois, em 1855, quando foi publicado o segundo volume da obra. O crítico, que não se identificou, mencionou a “glacial indiferença” com que a produção havia sido acolhida e observou que divulgava sua análise com o intuito de “chamar atenção dos homens de letras sobre o livro, que acaba de ser publicado, sentindo profundamente que obra de tal magnitude passasse despercebida.” Diferentemente do anterior, esse texto foi percorrido por palavras de estímulo e entusiasmo e o crítico apontou semelhanças entre a epopéia de Teixeira e Sousa e a epopéia camoniana. Para ele, havia na obra “muito estudo, grande talento, felizes idéas, nobres pensamentos”, além de eventuais “defeitos e erros dos quaes seu auctor não poderia se subtrahir sem que se tivesse em seu favor revogado a lei geral da humanidade.”⁵

A obra dedicada a cantar a independência nacional foi o único dos poemas do autor analisado individualmente, pois os outros textos que abordaram suas poesias fizeram observações sobre o conjunto de sua produção. Entre 1850 e 1862, Teixeira e Sousa foi mencionado em três estudos dedicados à análise da produção poética nacional e quatro críticas de autores brasileiros da época⁶.

² OPTIMUS CRITICUS (pseudonimo utilizado por Gonçalves Dias). “A Independencia do Brasil, poema do Sr. A. G. Teixeira e Sousa”. In: *Correio da Tarde*. Rio de Janeiro, edições de 28 de janeiro, 7, 11 e 21 de fevereiro e 31 de março de 1848, números 21, 28, 32, 64 e 72.

³ Idem. In: *Correio da Tarde*. Rio de Janeiro, 31 de março de 1848.

⁴ “FRANCISCO DE PAULA BRITO, / praça da Constituição n. 64, editor de muitas obras importantes, cujas edicções podem ser vistas e apreciadas no imperio, e fóra delle, tambem o é das seguintes.

INDEPENDENCIA DO BRAZIL,

Poema em 2 vols. e 12 cantos (em oitavas como o de Camões) pelo Sr. *Teixeira e Souza*. Subscreve-se a 6\$, na rua dos Ourives n. 21, e praça da Constituição n. 64. [...]” (*Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 13/10/1847. O conteúdo do anúncio foi divulgado também no dia seguinte).

⁵ “*A Independência do Brasil* – poema épico, pelo Sr. Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa”. *Guanabara, Revista Mensal Artística, Scientífica e Litteraria*. Rio de Janeiro, 1855. Tomo III.

⁶ Textos de caráter geral, em ordem cronológica: 1. COSTA, N. J. texto “Litteratura Brasileira. Algumas considerações sobre a poesia”. In: *O Beija-Flor, Jornal de Instrucção e Recreio*. Rio de Janeiro. Typ. de J. Villeneuve e C. Vol. I, n. 50. 16 de março de

Nas considerações de N. J. Costa sobre a poesia brasileira, divulgadas em 1850 no periódico *O Beija-Flor*, o autor foi considerado um dos escritores que seguiram a “revolução reformadora” inaugurada por Gonçalves de Magalhães, através da qual a literatura brasileira optara pela “emancipação”. É notável, no texto, o fato de o nome de Teixeira e Sousa figurar ao lado do de Gonçalves Dias, o qual foi referido pelo crítico como “autoridade” na produção de obras nacionais:

As poesias do Sr. J. F. Coelho, as *Brazilianas* do Sr. Porto-Alegre, *Os tres dias de um noivado* do Sr. Teixeira e Souza, são poesias verdadeiramente nacionaes; mas o nosso poeta que mais tem primado nesse genero, e que deve com justiça ser chamado o creador da poesia nacional, é o Sr. Dr. Gonçalves Dias.⁷

Note-se que, apesar de abordar produções de temática nacional, o crítico não mencionou *A Independência do Brasil*, mas *Os Três Dias de um Noivado* como exemplo de “poesia verdadeiramente nacional”; talvez porque o “criador da poesia nacional” não tivesse aprovado o poema dois anos antes. Outro exemplo de abordagem da produção poética do escritor cabofriense é o texto que Fernandes Pinheiro divulgou em um exemplar da *Revista Popular* de 1859, intitulado um “Rápido Estudo sobre a Poesia Brasileira”. Nele, o crítico deu o título de “regenerador literário” a Gonçalves de Magalhães e filiou as produções de Teixeira e Sousa à escola romântica:

Como o visconde d’Almeida Garrett para a literatura portugueza, foi o Sr. Magalhães o nosso Moysés: curou-nos da servidão classica e apartou-nos os novos horizontes românticos. Denodados campeões se erguerão a seu brado, e nos arraiaes da mocidade brasileira reinou insolito entusiasmo. [...] *Os Tres Dias d’um Noivado* do Sr. A. Gonsalves Teixeira e Sousa pertencem a essa eschola, que chamaremos brazilico-romantica. Poema cheio d’interesse, de vida, de calor é um dos monumentos mais estimáveis da nossa jovem literatura.⁸

1850; 2. SIQUEIRA, F. A. “Natureza. Poesia. Mystérios”. In: *Marmota Fluminense*. Rio de Janeiro: Empreza Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, n. 420, 22/11/1853, n. 423, 02/12/1853; 3. PINHEIRO, J. C. Fernandes. “Rapido Estudo sobre a Poesia Brasileira”. In: *Revista Popular*. Rio de Janeiro: Typ. de Quirino & Irmãos, tomo III, julho-setembro de 1859.

Textos sobre autores específicos, em ordem cronológica: 1. “Os Himnos da Minha Alma”. In: *Guanabara*. Rio de Janeiro, tomo II, 1851-1852; 2. “O Cassino. Poema Lyrico do Snr. Ernesto Ferreira França Filho”. In: *Guanabara*. Rio de Janeiro, tomo II, 1851-1852; 3. LEITÃO, F. T. “Rodrigues Proença”. In: *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typographia de Paula Brito, n. 1289, 09 de agosto de 1861; 4. CARLOS, Reinado. “Casimiro de Abreu”. In: *Revista Popular*. Rio de Janeiro, outubro a dezembro de 1862. Ano IV, tomo 16.

⁷ *O Beija-Flor, Jornal de Instrução e Recreio*. Rio de Janeiro. Typ. de J. Villeneuve e C. Vol. I, n. 50. 16 de março de 1850

⁸ PINHEIRO, J. C. Fernandes. “Rapido Estudo sobre a Poesia Brasileira”. In: *Revista Popular*. Rio de Janeiro: Typographia de Quirino & Irmãos, tomo III, julho-setembro de 1859.

Assim como o crítico anterior, Fernandes Pinheiro também escolheu *Os Três Dias de um Noivado* como exemplo de poesia nacionalista. Esse poema, que trata dos amores de dois indígenas brasileiros utilizando como fundo a chamada “cor local”, foi o mais elogiado também nos estudos divulgados após a morte do autor. O próprio Fernandes Pinheiro, em 1872, referiu-se a esse livro como “inquestionável obra-prima de Teixeira e Sousa”⁹. Outro indício de boa aceitação desse poema é o fato de que foi a única obra do escritor vertida para outra língua, segundo o *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio Silva, que informou que o poema foi traduzido para o italiano por Luis Vicente de Simoni.¹⁰

A referência a Teixeira e Sousa como discípulo de Gonçalves de Magalhães, o “Garrett brasileiro e, para melhor dizer, o fundador da nova escola”¹¹, foi recorrente nas críticas oitocentistas sobre poesia nacional que o abordaram. A aparição do autor nesses textos indica que suas produções poéticas asseguraram-lhe um lugar entre os escritores brasileiros, principalmente se considerarmos que foi incluído em três antologias poéticas divulgadas na época, figurando ao lado de escritores bastante célebres. Em 1848, ele fez parte do segundo volume do *Parnaso Brasileiro*, de João Manuel Pereira da Silva, um dos primeiros compêndios literários brasileiros¹². Na década seguinte, em 1854, seus poemas foram publicados ao lado das produções de escritores como Gonçalves Dias, A. Herculano, Castilho, Pinheiro Guimarães, na *Grinalda de Flores Poéticas*, uma “seleção de produções modernas dos melhores poetas brasileiros e portugueses” confeccionada pelos irmãos Laemmert¹³. Anos depois, em 1885, ele fez parte do segundo tomo do *Parnazo Brasileiro*, obra em que Mello Moraes Filho se propôs a “acompanhar como embriologista o desenvolvimento gradual e progressivo da nossa poesia através dos séculos”¹⁴.

⁹ PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. *Resumo de Historia Litteraria*. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1872, p. 467.

¹⁰ Na entrada dedicada a Luis Vicente de Simoni, um médico italiano que se transferiu para o Brasil e publicou obras literárias e textos sobre medicina, Inocêncio Silva mencionou que devido à “incansavel actividade litteraria”, De Simoni conservava em seu poder “numerosos escriptos originaes e traduzidos”, dentre os quais estavam as versões em italiano de *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, e *Os Três Dias de um Noivado*, de Teixeira e Sousa. Cf.: SILVA, Inocêncio Francisco da. Op. cit., vol. V., p. 339.

¹¹ “Os Himnos da Minha Alma”. In: *Guanabara*. Rio de Janeiro, tomo II, 1851-1852.

¹² Sousa, Antonio Gonçalves Teixeira e. “Cântico XII – A natureza”, “Cântico II. O Dias dos Finados”, “Cântico III – A saudade”. In: SILVA, João Manuel Pereira da. *Parnaso Brasileiro*. Vol. II. Rio de Janeiro: Typ. Universal de Laemmert, 1848. Cf.: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O Berço do Cântico: textos fundadores da história da literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 145-150.

¹³ Exemplo de anúncio da obra:

“Acaba de sahir á luz em casa de E. e H. Laemmert a/ **GRINALDA DE FLORES POETICAS**.

Seleccção de producções modernas dos melhores poetas brazileiros e portuguezes, entre os quaes figurão os nomes illustres dos Exms. Srs. visconde da Pedra Branca, Norberto, Maciel Monteiro, A. Gonçalves Dias, Lemos Magalhães, Pinheiro Guimarães, A. Herculano, Castilho, Zaluar, Norberto, Octaviano, Teixeira e Souza, etc., assim como traducções de poesias escolhidas do inglez, allemão, francez e italiano com os originaes ao lado; 1 vol. impresso com typo novo em excellente papel, 3\$.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 03/05/1854.

¹⁴ In: MORAES FILHO, Melo. “Introdução”. In: *Parnaso Brasileiro*. Seculo XVI-XIX. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1885. Apud: SILVA, Innocencio Francisco da. Op. cit., Vol. XVII – “Parnaso Brasileiro”.

Assim, percebe-se que a atuação como poeta foi muito importante para a projeção de Teixeira e Sousa como escritor no círculo literário de sua época. Menos relevantes para o conhecimento do escritor entre os homens de letras parecem ter sido suas produções dramáticas, pois foi incluído em poucos textos sobre dramaturgia, todos publicados logo no início de sua carreira. Como vimos, uma de suas primeiras aparições na imprensa carioca deu-se com a tradução do drama espanhol *Macias*, efetuada em parceria com Paula Brito, a qual foi elogiada pelo folhetinista de *O Brasil*. Em 1844, ano em que se deu sua estréia como dramaturgo, a *Minerva Brasiliense* publicou o texto de Emile Adêt intitulado “Da Arte Dramática no Brasil”, no qual Teixeira e Sousa foi mencionado como “um poeta, já conhecido por várias produções de mérito” que compusera “uma tragédia esquecida na sombra”¹⁵. Talvez o autor se referisse a *O Cavaleiro Teutônico*, obra escrita em 1840 e publicada somente em 1855¹⁶; ou a *Cornélia*¹⁷, tragédia publicada naquele ano e analisada por A. L. Burgain em um estudo divulgado em outubro, no mesmo periódico¹⁸.

Apesar da presença em textos críticos oitocentistas sobre poesia e dramaturgia brasileiras, o nome de Teixeira e Sousa foi, desde o século XIX, mais comumente associado à sua atuação como romancista. Talvez em função da constância do autor na produção de narrativas, visto que, entre 1843 e 1860, seus romances circularam em edições e reedições nos formatos folhetim e volume. A história editorial dos seus romances e a recepção que obtiveram de alguns críticos indicam que suas produções foram bem recebidas.

3.2 O Êxito da Prosa – história editorial e recepção dos romances de Teixeira e Sousa.

Parece-nos que cabe ao finado Teixeira e Souza, de honrosa memoria, a gloria de ser o primeiro escriptor brasileiro que começou a propagar a história patria por meio do romance. E depois d'elle, foi, sem duvida, o Sr. conselheiro Alencar quem o elevou com o seu formosissimo *Guarany* e as *Minas de Prata*, em continuação, a esse gráo de perfeição que attingiu na litteratura ingleza o celebre Walter Scot. (*Dezesseis de Julho – órgão conservador*. 1870).

¹⁵ ADÊT, Emile. “Da Arte Dramática no Brasil”. In: *Minerva Brasiliense – Jornal de Sciencias, Lettras e Artes*. Rio de Janeiro: Typographia de J. E. S. Cabral, ano I, vol. I, n. 5, 01/01/1844.

¹⁶ Segundo as indicações do exemplar consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: *O Cavalleiro Teutonico ou A Freira de Marienburg*. Tragedia em 5 actos. Por Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa. Escripta em 1840. Rio de Janeiro. Empreza Typ. Dous de Dezembro de P. Brito, Impressor da Casa Imperial. 1855.

¹⁷ *Cornélia, tragédia original em cinco actos*. In: *Archivo Theatral - Quarta Série*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1844.

A história editorial das narrativas de Teixeira e Sousa indica que foram bem recebidas pelos seus contemporâneos, pois todos foram publicados em folhetim e em volume e a maior parte deles teve mais de uma edição ainda no século XIX.

O Filho do Pescador, primeiro romance de sua autoria, foi publicado pela primeira vez em 1843, nos rodapés do jornal *O Brasil*, durante o período de 6 de julho a 22 de agosto, ininterruptamente. O periódico não trouxe qualquer observação a respeito da obra, cuja autoria só foi revelada no número que veiculou o último capítulo do texto. Nesse mesmo ano, o romance foi publicado em volume pela Tipografia de Paula Brito, logo após o término dos folhetins, atestando o êxito que obteve junto aos leitores. Em janeiro do ano seguinte, a *Minerva Brasiliense* publicou alguns fragmentos do poema *Trez Dias de um Noivado*, os quais foram acompanhados por um comentário de Santiago Nunes Ribeiro sobre *O Filho do Pescador*:

Nesta obra quis o Snr. Teixeira mostrar que a novella pôde ser hum genero muito moral, e que por consequente da leitura dos livros desta ordem, compostos segundo iguaes principios, não pode resultar o mal que vem desses mil romances immoraes e corruptores que pullulão na America e na Europa.¹⁹

Assim como os outros críticos que analisaram narrativas naquele momento, Nunes Ribeiro avaliou o romance de estréia de Teixeira e Sousa pelo viés da moralidade, distanciando a narrativa do grupo dos “romances immoraes e corruptores”. A observação elogiosa permite pensar que a obra obteve uma boa aceitação, o que foi confirmado anos depois, quando, de 17 de julho a 20 de setembro de 1859, foi novamente publicada, desta vez na forma de folhetins de *A Marmota*. No número que antecedeu o início da publicação do romance, o periódico divulgou a seguinte observação:

O Filho do Pescador.

Todo o publico conhece, tão bem como nós, o – Filho do Pescador – um dos primeiros romances sahidos da fecunda imaginação do Snr. Teixeira e Sousa (hoje escrivão do Juizo Commercial); romance tão procurado como desejado. Pois bem, o vasio que existia entre nós, pela falta de exemplares d’essa engenhosa producção, nós vamos agora preencher, fazendo uma nova edição da que foi impressa em 1843 na nossa typografia.

¹⁸ BURGAIN, A. L. “Cornélia, tragedia em 5 actos, por Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa”. In: *Minerva Brasiliense – Jornal de Sciencias, Lettras e Artes*. Rio de Janeiro: Typographia de J. E. S. Cabral, ano I, vol. II, n. 24, 15/10/1844.

¹⁹ RIBEIRO, Santiago Nunes. “Hum Fragmento do Poema Romantico Tres Dias de Hum Noivado, por A. G. Teixeira e Sousa”. In: *Minerva Brasiliense*. Rio de Janeiro, 01/01/1844, vol. I, n. 5.

Começaremos, portanto, a dar aos assignantes da *Marmota*, no proximo numero, o mesmo folhetim que o periodico *Brasil* deu aos seus, em um dos mais bellos periodos de sua não curta existencia.

Correcto pela mesma penna que o escreveu, é de esperar que o – Filho do Pescador – seja tão feliz, em 1859, como o foi em 1842 e 1843.²⁰

Mesmo utilizando a devida desconfiança na leitura de um texto de teor propagandístico como o acima citado, não podemos desconsiderar as informações fornecidas pelo mesmo acerca da boa aceitação e da constante procura pelo romance, cuja primeira edição provavelmente estava esgotada. Outro indício de aceitação da obra por parte do público pode ser encontrado no fato de haver sido feita uma nova edição em volume, como indicaram os anúncios da venda do romance:

O Filho do Pescador.

Romance do Snr. A. G. Teixeira e Sousa

(3.^a [sic] edição mais correcta).

Um volume de 248 paginas, dividido em 20 capitulos [...].

Vende-se na loja desta officina, praça da constituição n. 64. Preço 2\$000.²¹

O Filho do Pescador.

Publicou-se a 4.^a edição deste tão lindo e procurado romance do Snr. Teixeira e Sousa. Um lindo volume de 248 paginas. Preço 2\$000.²²

A nova edição em volume do romance é, possivelmente, a quarta, já que Paula Brito costumava estabelecer equivalência entre edições em volume e em folhetim. O segundo romance de Teixeira e Sousa, *As Fatalidades de Dois Jovens*, provavelmente publicado pela primeira vez em 1846, como mencionamos, teve nova edição em folhetins da *Marmota Fluminense* de 10 de janeiro de 1856 a 20 de fevereiro de 1857. Quando do início da publicação, o periódico veiculou a seguinte nota:

As Fatalidades de Dous Jovens.

Sendo constantemente procurado este romance popular do Snr. Teixeira e Sousa, cuja primeira edição esgotou-se em um momento; para satisfazermos os desejos de uma grande parte do publico, que com

²⁰ *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 14/06/1859.

²¹ *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 11/10/1859.

²² *Grátis da Marmota n. 1*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 01/11/1859.

avidez o procura, vamos dal-o tres vezes por semana, nas columnas da – Marmota – sem que por isso seja elevado o preço d'assignatura [...].²³

A observação da *Marmota Fluminense* indicava que mais um dos romances de Teixeira e Sousa teve sua primeira edição esgotada, o que justificava que fosse impresso em folhetins. Outro indício de que a narrativa havia sido apreciada pelo público foi o fato de que Paula Brito divulgou vários anúncios nos quais ressaltou que a *Marmota Fluminense* seria impressa mais vezes na semana para publicar *As Fatalidades de Dois Jovens* em folhetins. Com o intuito de atrair novos assinantes para seu “jornal de modas e variedades”, o tipógrafo passou a publicar o periódico nas terças, quintas e sábados, “sem aumento de preço” da assinatura²⁴. O periódico circulou três vezes por semana entre janeiro e outubro, quando, adiantada a edição do romance, voltou a ser publicado nas terças e sextas²⁵. Finda a divulgação dos folhetins, no início do ano seguinte, passou a ser anunciada a venda de uma nova edição em volume da obra, que, segundo Inocêncio Silva, foi publicada em 1856 no Rio de Janeiro pela Tipografia Dois de Dezembro, de Paula Brito²⁶.

As Fatalidades de Dous Jovens.

Romance pelo Snr. A. G. Teixeira e Sousa.

Acha-se publicado, e vende-se na praça da Constituição n. 64.

Tendo-se esgotado as tres primeiras edições, a Marmota deu o em folhetins, e delles fez uma commoda publicação, em 3 volumes, que se vendem por 3\$rs., em brochura.²⁷

²³ *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 10/01/1856.

²⁴ “**SEM AUMENTO DE PREÇO.**

A – MARMOTA FLUMINENSE – vai agora apparecer *tres vezes por semana*, para publicar o muito procurado romance do Sr. Teixeira e Souza, intitulado/ **AS FATALIDADES DE DOUS JOVENS**, [...]. / Assigna-se sempre a 5\$ por seis mezes apra a côrte, e 6\$ para fóra, no escriptorio da empresa, praça da Constituição n. 64; tudo o mais é *gratis*.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 05/01/1856.

“**A MARMOTA**

principiou hoje a publicar *As Fatalidades de dous jovens* riquissimo romnce do Sr. Teixeira e Souza, e apparece por isso ás terças, quintas e sabbados. Assigna-se sempre a 5\$ por seis mezes para a côrte, e 6\$ para fóra, na praça da Constituição n. 64, loja do redactor. / Musicas, folhinha, figurinos, volume sobre a cholera, etc. etc. tudo *gratis*.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 09/01/1856.

²⁵ “**A MARMOTA.**

Publicando-se esta folha 3 vezes por semana, sem augmento de preço, só para adiantar a edição do romance do Sr. Teixeira e Souza – Fatalidades de dous Jovens (como foi annuciado no n. 757), e achando-se com effeito adiantada a composição até o 3º. vol.; torna-se a Marmota a apparecer sómente ás terças e sextas, ao menos emquanto outra cousa não resolve o redactor, a respeito.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 24/10/1856.

²⁶ SILVA, Innocencio Francisco da. Op. cit.

²⁷ *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 17/03/1857.

O número de edições do romance citado no anúncio acima contrasta com a informação fornecida pelo mesmo periódico quando do início da publicação dos folhetins e possivelmente está errada ou faz parte do intuito propagandístico do texto. Sacramento Blake menciona uma edição da obra datada de 1874²⁸, que podemos considerar como sendo, no mínimo, a terceira edição em volume. A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro possui uma edição datada de 1895²⁹, a qual pode ser tomada como a quarta edição da obra no século XIX.

O terceiro romance do autor é *As Tardes de Um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*, publicado pela primeira vez em 1847, pela Tipografia de Teixeira & C.³⁰, que, como vimos, pertencia a Teixeira e Sousa e Paula Brito. Dez anos depois, em 1857, ele voltou a ser divulgado, desta vez nas páginas da *Marmota Fluminense*:

Estando a concluir-se as – Fatalidades de Dous Jovens – romance do nosso particular amigo o Snr. Teixeira e Sousa, encetamos hoje a publicação de outro seu romance, não menos popular, e não menos interessante que o primeiro, cuja edição também se acha extinta, e é constantemente procurada – *As Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*.³¹

O texto traz dois indícios de aceitação das obras do autor por parte do público: esgotou-se a primeira edição e o romance foi divulgado em folhetim; sua impressão em folhetim aconteceu quando ainda estava sendo publicado outro romance do autor, no mesmo periódico³². Assim como acontecera com *As Fatalidades de Dois Jovens*, Paula Brito também criou estratégias para aumentar o número de assinaturas da *Marmota Fluminense* através da publicação de *As Tardes de Um Pintor*. Após interromper a publicação do romance entre fevereiro e agosto de 1857, o tipógrafo, quando voltou a divulgá-lo, tentou criar vários atrativos para os leitores:

Marmota
QUATRO MEZES POR 3\$.

²⁸ Sacramento Blake refere-se a essa edição como sendo a segunda, mas, pelas evidências mencionadas, podemos dizer que se trata de uma terceira edição. (BLAKE, Victorino Alves Sacramento. Op. cit.)

²⁹ A página de rosto dessa edição contém as seguintes informações: *As Fatalidades de dous jovens – recordações dos tempos coloniais*. Rio de Janeiro. Livraria J. R. Santos Editor (Successor de Cruz Coutinho). Rua de S. José 76. 1895.

³⁰ SILVA, Innocencio Francisco da. Op. cit.

³¹ *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 13/01/1857.

³² Vale lembrar que a publicação dos folhetins de *As Tarde de um Pintor* foi interrompida no dia 3 de março de 1857 e substituída por *Os Três Dias de um Noivado*, que finalizou em 08 de setembro desse mesmo ano, quando o romance voltou a ser divulgado, tendo seu término no dia 10 de junho de 1859.

A redacção publicando as – Tardes de um pintor ou intrigas de um Jesuita – romance do sr. Teixeira e Souza, abriu para isso uma assignatura de 3\$000 por 4 mezes (Setembro a Dezembro), dando *gratis* tres numeros (821, 822 e 823), onde teve começo o prologo desta excellente producção, hoje tão procurada. 64 Praça da Constituição 64.³³

Além de criar uma assinatura de quatro meses ao invés de seis, como era o padrão indicado nas capas das *Marmotas* desse ano, por um preço relativamente vantajoso³⁴, Paula Brito também se dispôs a fornecer os exemplares anteriores em que divulgara o início do romance, criando condições favoráveis para aqueles que quisessem ler a narrativa tão “constantemente procurada”. O fim dos folhetins de *Tardes de um Pintor* deu-se no dia 10 de junho de 1859 e não houve nova edição em volume. Na década seguinte, porém, foi publicada uma segunda edição desse romance, datada de 1868 e impressa na tipografia carioca de Cruz e Coutinho, a qual foi acompanhada da biografia do autor elaborada por Félix Ferreira.³⁵

Seu quarto romance é *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes*, cujo primeiro tomo foi publicado no Rio de Janeiro, em 1848, e o segundo em Niterói em 1851³⁶. O romance também foi publicado em folhetins de *A Marmota*, ininterruptamente, de 6 de julho a 30 de outubro de 1860. Paula Brito, como mencionamos, não confeccionou nova edição em volume da obra, limitando-se a divulgar a venda dos exemplares do periódico nos quais o romance fora publicado:

Aos nossos leitores.

Concluimos hoje o romance historico do Snr. Teixeira e Sousa: - *Gonzaga ou a Conjuração do Tira-Dentes* – que começou no n. 1175 do mez de Julho, achando-se todo elle, portanto, em 4 volumes da *Marmota* (Julho, Agosto, Setembro e Outubro), que estão á venda na loja desta officina, praça da constituição n. 64. Preço de cada volume, 1\$000.³⁷

GONZAGA/ OU/ CONJURAÇÃO DO TIRA-DENTES.

Este interessante romance acha-se á venda na praça da Constituição n. 78, loja da esquina, pelo preço de 1\$ cada volume.³⁸

³³ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 04/09/1857.

³⁴ Na capa de *A Marmota* do dia 04 de setembro de 1857, em que a publicação do romance foi retomada, indicou-se que a assinatura de 6 meses custava 5\$000 para quem residisse na corte e 6\$000 para quem morasse fora dela. Cf. *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 04/09/1857.

³⁵ Segundo as indicações do exemplar consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro:

As Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta, por A. G. Teixeira e Sousa, 2.^a Edição. Rio de Janeiro: Cruz e Coutinho, 1868.

³⁶ SILVA, Innocencio Francisco da.

³⁷ *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 30/10/1860.

³⁸ In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 05/07/1861.

O texto deixa evidente que um dos intuitos do periódico ao divulgar folhetins era aumentar a venda do jornal: no final da publicação, os números em que foram impressos os capítulos do romance foram encadernados em volumes e colocados à disposição dos leitores que, apesar de não assinarem *A Marmota*, apreciavam o autor ou desejavam ler a obra. Levando em conta o grau de sucesso das demais narrativas do autor, esse romance parece não ter agradado tanto aos leitores, tendo em vista que não houve segunda edição em volume. Além disso, em meados do ano seguinte àquele em que o texto foi republicado na forma de folhetim, anunciava-se a venda dos exemplares das *Marmotas* em que a narrativa histórica em questão fora publicada por um preço relativamente baixo.

Maria ou A Menina Roubada, cuja primeira edição data de 1852, é o quinto romance de Teixeira e Sousa e, nesse ano, foi publicado somente em folhetins da *Marmota Fluminense*. No dia 10 de setembro, quando se iniciou a publicação, o periódico divulgou a seguinte observação:

Começamos hoje a publicação do romance original, cujo titulo abaixo se lê, trabalho de uma penna já do publico bastante conhecida. Nosso empenho, d'hoje ávante, será de animar o talento nacional, offerecendo vantagens aos que se dedicarem ás bellas letras, e mostrarem-se dignos dos louvores do publico e dos sacrificios que nos fôr possivel fazer (ainda que nos privemos de muito do que nos é necessario) em proveito de quem melhor os merecer.³⁹

Vale observar que, apesar de anunciar que se trata do fruto de uma pena conhecida, a autoria do folhetim só foi revelada no terceiro dia de sua publicação. Em 1.º de Fevereiro do ano seguinte, o *Correio Mercantil* publicou o seguinte anúncio da obra:

Maria ou A Menina Roubada.

Este romance, composição do Sr. Teixeira e Souza, acha-se já em 40 numeros da Marmota. A acção principia na Praia Pequena, continúa na villa da Parahyba do Sul, e assim é toda no nosso litoral.

A *Marmota*, que sempre traz artigos de gosto e utilidade, assigna-se a 5\$000 por seis mezes, na praça da Constituição n. 64, loja de Paula Brito.

O numero de hoje não deixa de ser interessante. O de sexta-feira trará figurinos coloridos.⁴⁰

³⁹ *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 10/09/1852.

⁴⁰ *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, 01/02/1853.

Paula Brito certamente pagou para que o *Correio Mercantil* divulgasse a propaganda de seu periódico e é notável o fato de que o dado que utilizou para instigar as pessoas a assinarem seu jornal foi o fato de estar publicando o romance de Teixeira e Sousa. Outro elemento que indica a boa aceitação desse romance pelo público é o fato de que, ao fim da publicação em folhetins, no dia 18 de fevereiro de 1853, a *Marmota Fluminense* trouxe o seguinte anúncio:

Damos hoje a conclusão do romance do Snr. Teixeira e Sousa – Maria, ou a menina roubada – agradável produção deste nosso romancista, figurada toda no nosso paiz, e apresentando scenas dos nossos usos e dos nossos costumes. Os numeros da Marmota, em que elle se acha, vendem-se, brochados e aparados, por 3\$000, na loja desta officina; vendidos avulsos, á 80 rs., custariam cerca de 4\$000.⁴¹

Percebe-se que a venda das *Marmotas* em que divulgara determinadas obras era uma prática comum de Paula Brito. Quando o romance foi novamente publicado em folhetins, no mesmo periódico, de 4 de outubro de 1859 a 27 de janeiro de 1860, foi divulgada a seguinte observação:

Maria ou A Menina Roubada.

Em 10 de setembro de 1852 começamos a publicar este ultimo dos romances do Sr. Teixeira e Sousa, que acabou em 18 de Fevereiro de 1853. Não nos foi possível imprimir, nessa ocasião, em volume separado, esta bellissima composição do nosso ingenhoso romancista (hoje Escrivão do Juizo Commercial da 1.^a vara) e por isso o vamos agora reimprimir no nosso folhetim, ficando certas as pessoas que, por causa d'elle, quizerem assignar a Marmota, que o terão completo – impreterivelmente – até o fim do corrente anno.

Para satisfazer os desejos de todos os que se interessarem por esta linda composição, tomamos assignaturas de 3\$rs., contadas de hoje até 31 de dezembro.⁴²

A promessa de terminar os folhetins até o fim do ano não se cumpriu, mas as assinaturas foram suficientes para que, poucos meses após o término dos folhetins, fosse impressa uma edição da obra em volume, como mostra o anúncio de junho de 1860: “Maria ou A Menina Roubada. Romance pelo Snr. Teixeira e Sousa, 2.^a edição mais correcta; vende-se na loja de Paula Brito. Um grosso volume de 342 paginas, 2\$000.”⁴³

⁴¹ *Marmota Fluminense* – jornal de modas e variedades. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 18/02/1853.

⁴² *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 04/10/1859.

⁴³ *A Marmota*. Índice das Marmotas do mês de junho. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, junho de 1860.

A Providência é o sexto e último romance de Teixeira e Sousa e foi publicado pela primeira vez em 1854, em folhetins do *Correio Mercantil*, que tiveram início no dia 26 de janeiro:

Encetamos hoje a publicação de um novo romance original do Sr. Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, intitulado *A Providência*.

O bem conhecido talento do autor dos *Cantos Lyricos*, dos *Tres dias de um noivado*, do *Filho do pescador*, e tantas outras produções estimadas, dispensa-nos de qualquer elogio á sua nova produção.⁴⁴

O texto deve ser lido com ressalvas devido ao seu teor propagandístico, mas é razoável pensar que o jornal não mencionaria “o bem conhecido talento do autor” caso ele não fosse minimamente apreciado pelos contemporâneos. Vale observar, também, que, apesar de acreditar que o reconhecido talento do autor dispensava comentários sobre a obra, o editorial apresentou o comentário de uma “pessoa em cujo critério confia[va]”. A apreciação crítica considera que, em *A Providência*, Teixeira e Sousa “soube de tal modo imaginar a mais intrincada trama, promovendo assim um interesse vivo pela sua solução”, através de uma linguagem “em geral corrente e amena” cuja leitura produziria “agradáveis surpresas”, estando também em consonância com as demais produções do escritor:

Apenas diremos que tendo este romance do Sr. Teixeira e Souza (*sic*), como todos os seus, o caracter de uma originalidade indisputavel, possui, do mesmo modo que os demais que elle tem composto, o merito de ser engendrado de maneira que nelle estão consignados muitos dos nossos costumes, usos e habitos dos tempos coloniaes, podendo por este lado ser o seu autor dignamente cognominado o archeologo de nossas velhas tradições, e ainda bem choradas usanças.⁴⁵

Mesmo que o texto tenha sido escrito com o intuito declarado de louvar a produção do escritor, sua leitura revela que o crítico conhecia os romances de Teixeira e Sousa, estabelecendo relações entre eles, e permite pensar que a atribuição do título de “archeologo de nossas tradições e usanças” ao romancista não é gratuita. O texto indica que o romance já estava concluído quando iniciaram os folhetins, pois os comentários do crítico indicam que ele havia lido toda a obra e que ela já estava impressa ou, pelo menos, no prelo, pois mencionou que seria dividida em cinco tomos.

⁴⁴ *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, 26/01/1854.

⁴⁵ *Idem*.

A publicação em folhetins terminou no dia 17 de junho de 1854 e o romance foi publicado em volume ainda nesse ano, no Rio de Janeiro, pela Tipografia de M. Barreto⁴⁶, sendo vendido menos de um mês após o término dos folhetins. Ainda em 1854, quando teve início a divulgação da venda dos volumes, excertos do romance foram divulgados na *Marmota Fluminense* na forma de “Máximas e Pensamentos”.⁴⁷

No ano seguinte, 1855, *O Guanabara* publicou um texto relativamente longo em que o autor, que não se identificou, dedicou-se à tarefa de fazer “algumas reflexões ácerca do romance a – PROVIDÊNCIA – do Snr. Teixeira e Sousa, que o anno passado publicou nesta côrte o *Correio Mercantil*.”⁴⁸ O crítico mostrou-se otimista quanto ao romance, declarando que, apesar de alguns defeitos, trata-se de uma “criação gigantesca”, que faz honra ao seu autor e talvez passará à posteridade. O crítico observa que não há saliência de um herói específico, visto que todas as personagens são importantes e, em consonância com o comentário veiculado no *Correio Mercantil*, declara que a ação do romance apresenta muitos incidentes e episódios interessantes, de modo que seu desfecho é imprevisível. Aponta, então, os aspectos que considera fundamentais e que atestam a qualidade da mencionada obra:

Além de outros, é de nosso dever notar tres cousas no romance, que são: a fidelidade aos costumes da época em que o autor figura a sua historia; a conveniencia dos seus caracteres, e a côr local sempre animada, e sempre brilhante. Póde bem ser que exageremos, mas dizemos o que sentimos: ha muito tempo não lêmos um livro tão abundante de bellezas, de tão florido e agradável estylo, e de linguagem tão amena e correctá.⁴⁹

Boa reconstituição dos costumes, caracteres convenientemente traçados, cor local bem explorada, estilo agradável, linguagem amena e correta, enfim, uma obra era “abundante de bellezas”. Nas demais páginas de seu artigo, o crítico dedicou-se a esmiuçar seus comentários, citando excertos do romance que comprovam suas impressões.

Podemos, com base nesses dados, considerar que Teixeira e Sousa era um romancista apreciado pelo público brasileiro oitocentista. De um total de seis romances, três deles (*As Fatalidades de Dois*

⁴⁶ SILVA, Innocencio Francisco da. Op. cit.

⁴⁷ “**Máximas e Pensamentos**

dos capitulos da – Providencia – romance nacional do Snr. Teixeira e Sousa, que se vende a 4\$000 na typografia do Correio Mercantil, rua da Quitanda n. 55.

- É tão amável um generoso orgulho, no coração de uma mulher, como detestavel uma vil ambição; orgulho pode elevar sua alma e inspirar-lhe boas intenções; a ambição não pode senão abatel-a e inspirar-lhe acções infames e até criminosas. (Capitulo I) [...]” *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Typ. de Paula Brito, 04/06/1854.

⁴⁸ “Reparos Sobre um Romance”. In: *O Guanabara*. Rio de Janeiro, tomo III, 1855, pp. 153-156.

⁴⁹ Idem.

Jovens, As Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta e Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes) foram publicados primeiramente em volume e, algum tempo depois, em folhetim devido ao fato de a primeira edição estar esgotada e haver procura por parte dos leitores. Seus romances publicados primeiramente em folhetim e depois em volume também fornecem indícios de boa aceitação por parte do público. *O Filho do Pescador* foi publicado duas vezes em folhetim em periódicos diferentes e teve três edições em volume nos Oitocentos. *Maria ou A Menina Roubada* foi publicado duas vezes em folhetim pelo mesmo periódico e, da segunda edição em folhetim, o jornal confeccionou uma produção em volume, a qual foi denominada como segunda edição. *A Providência* foi publicado, em formatos diferentes, por dois jornais no mesmo ano e teve a edição em volume que começou a ser vendida logo após o término do folhetim do primeiro periódico. No contexto do século XIX brasileiro, esses dados indicam que suas obras foram bem aceitas pelo público⁵⁰.

Além dos dados sobre as edições que as narrativas do autor obtiveram no século XIX, devemos ter em conta, também, a boa acolhida que essas produções receberam de alguns autores oitocentistas que se dedicaram à crítica de romances. Como vimos, *O Filho do Pescador*, publicado em 1843, foi bem apreciado por Santiago Nunes Ribeiro em uma nota publicada na *Minerva Brasiliense* no ano de 1844. *A Providência*, por sua vez, recebeu comentários elogiosos no texto que antecedeu o primeiro capítulo da publicação em folhetim, em 1854, e na crítica divulgada no ano seguinte em *O Guanabara*. As narrativas de sua autoria também foram abordadas, em conjunto, em vários textos dedicados à análise da prosa nacional, os quais indicaram qual era o lugar ocupado por Teixeira e Sousa entre os romancistas brasileiros no século XIX.

Em 1848, quando já havia publicado *O Filho do Pescador, As Fatalidades de Dois Jovens e Tardes de um Pintor*, o autor foi mencionado no estudo de Victor de Canovaz sobre “O Romance”, divulgado nos tomos 1 e 2 do periódico *O Iris*. No texto, foi elaborada uma história das produções em prosa, abrangendo os romances de cavalaria, passando pelas produções de Cervantes e seus contemporâneos e pelos romancistas modernos europeus do século XVIII, para desembocar, finalmente, nas produções em prosa do século XIX, cuja porta teria sido aberta por *Atala*, de Chateaubriand⁵¹. Segundo o autor, a revolução

⁵⁰ Esses dados tornam-se mais significativos se levamos em conta, por exemplo, o número de edições que alguns romances de José de Alencar tiveram durante sua vida. Em 1877, ano de sua morte, o primeiro tomo da 2.^a edição de *As Minas de Prata* trazia um anúncio em que são relacionadas outras obras à venda, especificando-se a edição de cada uma: *O Guarani*, 4.^a ed.; *Lucíola*, 4.^a ed.; *Iracema*, 3.^a ed.; *Cinco Minutos – A Viuvinha*, 5.^a ed. Apud: ALENCAR, José de. *O Tronco do Ipê*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

⁵¹ Ref.: CANOVAZ, Victor de. “O Romance – I” e “O Romance – II”. In: *O Iris – Periódico de Religião, Bellas-Artes, Sciencias, Letras, Historia, Poesia, Romance, Noticias e Variedades*. Collaborado por muitos homens de letras e redigido por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. Rio de Janeiro: Typ. do Iris, 1848. Vol. I, tomo I, p.207-208 e 265-269.

francesa inaugurou “um novo estadio [...] para o romance, transmutado em apóstolo da democracia”. Para ele, após esse episódio, as idéias democráticas difundiram-se pelas “nações do mundo civilizado”, propiciando que “o romance, antigo frequentador de Palacios, desce[sse] às cabanas, com o fim de levar instrução às classes inferiores do povo.”⁵² Após abordar a apropriação do gênero por algumas nações européias, o crítico dedicou algumas palavras à produção de romances no Brasil:

Os filhos de Sancta Cruz tinham adquirido grande nomeada na poesia classica, e a litteratura romantica tambem lhes-deve primorosas obras, entre as quais avultam os *Suspiros Poeticos* do Sr. Magalhães, e os *Primeiros Cantos* do Sr. Dias. E se poucas são as novellas que as suas pennas têm escripto, já n'esses mesmos traços de seo pincel romantico, se-reconhece a aptidão de seo ingenho para este genero de composições. Seo espirito melancholico, e a sensibilidade de sua alma, transluzem nos vãos juvenis de sua imaginação. Aos Srs. Norberto, Pereira da Silva, Porto-Alegre e Teixeira e Souza, se-devem alguns insaios de verdadeiro mérito. E n'esta casta de trabalhos litterarios ganhou o sr. Macedo a corôa de romancista distincto, que orna a lyra do autor da *Moreninha* e do *Moço Louro*.⁵³

Assim como outros críticos da época, Canovaz mostrou-se otimista com os romances publicados pelos escritores brasileiros, visto que, a seu ver, as poucas narrativas publicadas indicavam “a aptidão de seo ingenho para este genero de composições”. Apesar de considerar as publicações de Macedo superiores, é significativo que tenha considerado a contribuição de Teixeira e Sousa para a criação do romance brasileiro, afinal, produzira “ensaio de verdadeiro mérito”.

Em maio de 1861, após as várias edições e reedições de narrativas do autor, ele foi incluído em um artigo divulgado n'A *Marmota*, o qual abordou a produção de romances no país. Em “Litteratura Patria – Romances Brasileiros”, F. T. Leitão mostrou-se incomodado com o fato de que, a seu ver, o romance era uma “especialidade literária” que não vinha sendo devidamente explorada no Brasil:

A causa porque semelhantes (*sic*) fato se dá, não é por certo porque falte intelligencias no nosso torrão [...] porém o pouco apreço que se dispensa ás nossa tentativas litterarias, circumstancia devida á falta da conveniente instrução e do decidido apoio publico, nada menos importa que a estagnação das bellas letras entre nós!

CANOVAZ, Victor de. “O Romance – III”. In: *O Iris – Periódico de Religião, Bellas-Artes, Sciencias, Lettras, Historia, Poesia, Romance, Noticias e Variedades*. Collaborado por muitos homens de lettras e redigido por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. Rio de Janeiro: Typ. do Iris, 1848. Vol. I, tomo II, p.300-306.

⁵² CANOVAZ, “O Romance – III”, Op. cit., p.300-306.

⁵³ Idem, p.300-306.

Podemos dizer que não possuímos romances nacionais! À excepção das limitadas produções que nesse género devemos aos senhores Dr. Macedo, Teixeira e Sousa e Alencar, não é desarrazoado declarar-se, que nada mais temos, e comquanto a *Moreninha*, o *Moço Loiro*, a *Vicentina*, as *Fatalidades*, a *Providência*, o *Guarany* [...] sejam as provas indestrutíveis de que nesse terreno muito lucro poder-se-hia colher em honra das letras patrias: não se deve contudo deixar de lamentar o atraso em que ellas se acham?!⁵⁴

Para o autor, a escassez na publicação de romances por parte de escritores brasileiros derivava, em grande parte, da falta de incentivo, seja do governo ou mesmo dos cidadãos comuns. No intuito de impulsionar a produção do género, mencionou romances produzidos no Brasil que indicavam o êxito que os demais escritores poderiam obter caso se dedicassem à produção de narrativas. O texto é bastante significativo, pois indica que Teixeira e Sousa possuía um bom lugar como romancista naquele momento, visto que foi referido como um dos autores de romances mais representativos, sem o estabelecimento de hierarquia de valor entre ele e José de Alencar.

No ano seguinte, veio a lume a primeira edição do *Curso de Literatura Nacional* do Cônego Fernandes Pinheiro. Nessa obra, como mencionamos na “Introdução” deste trabalho, o crítico referiu-se a Teixeira e Sousa como “romancista fecundo e imaginativo”, que ocupava “honroso lugar nos dísticos da nova escola”⁵⁵.

Anos depois, foi publicada uma obra de bastante importância para a época, a qual abordou as produções de Teixeira e Sousa. Trata-se de *O Brasil Literário*, de Ferdinand Wolf, obra escrita em 1863 e publicada em 1864, sob o patrocínio do imperador. Quando analisou a produção de romances no Brasil, considerou natural que o género não tenha sido cultivado no país enquanto foi dependente de Portugal, pois, a seu ver, a metrópole lusa iniciara tardiamente a produção de romances modernos. O crítico observou que, entre os brasileiros, o género foi revestido por uma “forma mais moderna” e era “essencialmente realista, social e subjetivo”. Ao voltar-se para a produção romanesca de Teixeira e Sousa, Ferdinand Wolf, apesar de reconhecer a “qualidade de poeta lírico e dramático” do escritor, observou que ele, assim como Macedo, “encontr[ara] no romance um género que melhor conv[inha] ao seu gênio.” A abordagem de seus atributos como romancista também foi feita mediante a comparação com o autor de *A Moreninha*:

⁵⁴ LEITÃO, F. T. “Litteratura Patria – Romances Brasileiros”. In: *A Marmota*. Rio de Janeiro: Tip. de Paula Brito, 07/05/1861.

⁵⁵ PINHEIRO, Cônego Fernandes. *Curso de Literatura Nacional*. Op. cit., p. 510.

A força de Teixeira e Souza reside principalmente na invenção de intrigas complicadas, de imbróglios interessantes, de soluções surpreendentes, assim como na verdade de suas descrições, suas tendências morais e suas vistas serias. Ultrapassa ainda Macedo por seu amor do misterioso, e cremos que ele seja mais original e nacional do que ele. Mas é-lhe inferior na descrição dos caracteres, na vivacidade do diálogo e do espírito. Ele não sabe como Macedo faz alternar agradavelmente o comico e o humorístico com o sentimental e sério; a ironia e os bons ditos deste romancista lhe são desconhecidos. Tudo isto torna Teixeira e Souza (*sic*) muito mais monotono, tanto mais que as suas inclinações o arrastam para a pintura do sombrio e do terrível, para as catastrofes trágicas. Enquanto que em Macedo não se pode desconhecer a influencia dos modelos franceses, como a imitação de um autor especial como Pigault-Lebrun, poder-se-ia frequentemente comparar as obras de nosso escritor às dos romancistas ingleses, principalmente James.⁵⁶

O crítico demonstrou apreço pelas narrativas de Teixeira e Sousa, acreditando que superavam em mistério, originalidade e nacionalismo os romances de Macedo, que, por sua vez, também se destacava em outros quesitos. Chama atenção, no texto, o fato de o crítico ter tomado as diferenças existentes entre as narrativas desses autores como fruto do fato de que, a seu ver, este sofrera influência dos modelos franceses e aquele escrevia à moda dos romancistas ingleses. O primeiro romance do autor a ser analisado foi *O Filho do Pescador*, sobre o qual foi feita a seguinte apreciação:

Seu primeiro ensaio no genero é provavelmente seu “*O filho do Pescador. Romance Brasileiro*”. O autor diz no prefacio querer escrever não apenas um livro interessante, mas tambem (*sic*) Escrevo para agradar-vos; junto aos meus escritos o quanto posso de moral. Mas a personagem principal, a esposa do pescador, é uma criminosa tão ignobil, que inspira mais nojo que interesse. Seu arrependimento tardio, e nada menos que espontaneo, a pena relativamente branda (reclusão num convento) que lhe é infligida por crimes como o adulterio, o incendio, tentativas de assassinato, na pessoa do esposo, não são de natureza a satisfazer o sentimento moral.⁵⁷

É notável que, assim como Nunes Ribeiro, Wolf analisou o romance de Teixeira e Sousa à luz da abordagem de seu conteúdo moralizante. Diferentemente do primeiro, este crítico acreditou que a obra não cumpria tão bem o propósito moralizante declarado pelo autor no prefácio. Apesar de as opiniões sobre a moralização do romance serem diversas, o fato de ambos os críticos se deterem sobre esse aspecto indica a força desse critério na avaliação das narrativas do autor. Foi a análise do teor moralizante que norteou,

⁵⁶ WOLF, Ferdinand. “Introdução do Romance na Literatura Brasileira”. In: *O Brasil Literário – história da literatura brasileira*. Trad., prefácio e notas de Jamil Almansur Hadad. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955, p. 348-9.

⁵⁷ Idem, p. 349-50.

também, os comentários sobre *A Providência*, que, ao ver do crítico, era a melhor produção em prosa do escritor:

“A Providencia” Rio de Janeiro, 1854, 5 partes, é muito melhor; é mesmo o que Teixeira e Souza nos deu de melhor neste genero. Este romance prova o grande talento de invenção de nosso poeta; aqui os caracteres são alem do mais, melhor esboçados e desenvolvidos. Com isto, o romancista representa uma verdade chocante e quase tragica, a idéia moral que faz o fundo de sua composição, a vingança tardia, mas segura que detem o criminoso no caminho dos seus crimes.⁵⁸

Apesar de a moralidade ter sido o aspecto mais valorizado na análise da obra, Wolf chamou atenção dos leitores para a presença da paisagem brasileira no romance, cuja ação se passava na colônia e dava “um quadro curioso da vida nas plantações do Brasil”. Para ele, Teixeira e Sousa mostrara, nessa narrativa, “sua força que resid[ia] nas descrições de localidades e dos costumes”. O texto chama atenção, ainda, pelo fato de que o crítico postula que o caminho seguido pelo romancista cabofriense era trilhado por muitos outros escritores:

O caminho seguido por Teixeira e Souza, parece ser o que convem melhor ao gosto nacional, porque os outros romances brasileiros, que nos chegaram, trazem todos mais ou menos o mesmo sinal. Mas os lados fracos do autor que vimos de citar, chocam mais ainda; o interesse aqui é produzido por meios mais grosseiros e reside unicamente no assunto, as intrigas são tão complicadas quanto possivel; todos enfim se distinguem por uma tendencia pronunciada para o misterioso e mesmo o melodramatico. Nenhum deles tem o valor literario dos romances de Macedo e mesmo de Teixeira e Souza.⁵⁹

O crítico oitocentista não estabeleceu distância entre Macedo e Teixeira e Sousa, que a seu ver, estavam entre os escritores de romances com “valor literário”. Vale notar, ainda, que Ferdinand Wolf, ao postular que a trilha aberta por Teixeira e Sousa foi seguida por muitos outros escritores, valida a idéia de que a trajetória do romancista foi exemplificativa das saídas e soluções encontradas pelos primeiros prosadores nacionais.

Em 6 de maio de 1870, a seção “Revista Bibliographica” do *Dezesseis de Julho*, jornal conservador criado e dirigido por José de Alencar e seu irmão Leonel, publicou um artigo que dialogou com as idéias de F. T. Leitão sobre o romance brasileiro, divulgadas em 1861. O autor, que não se identificou, discorreu

⁵⁸ Idem, p. 350.

⁵⁹ Idem. Ibidem.

sobre o descaso dos brasileiros em relação à produção de escritores nacionais, o qual contribuía para que a produção brasileira fosse pouco conhecida em outros países. Como exemplo do desconhecimento da produção dos escritores brasileiros pelas demais nações, o crítico lembrou que o português Mendes Leal, quando publicou *Calabar*, narrativa de assunto brasileiro, declarou que a literatura brasileira não possuía romances. A seu ver, essa afirmação, feita num momento em que “...os nomes de Macedo, Teixeira e Sousa, Alencar e outros já estavam proclamados entre nós como romancistas da primeira plana”⁶⁰, era inadmissível. Entretanto, ressaltou que não lhe causava admiração que o escritor luso ignorasse “a existencia de romances brasileiros do merito da *Moreninha*, *Tardes de um pintor* e *Guarany*”, tendo em vista que muitos brasileiros desconheciam as produções literárias de seus compatriotas. Chama atenção, no texto, o fato de Teixeira e Sousa ser novamente mencionado ao lado de Alencar como “romancistas da primeira plana”.

No dia 22 de junho, o mesmo periódico divulgou uma análise do romance *Os Franceses no Rio de Janeiro*, de Manuel Duarte Moreira de Azevedo, publicado naquele ano⁶¹. Nele, o crítico, que também não se identificou, defendeu a superioridade do talento dos homens que se dedicavam “a examinar a historia do seu paiz, e a derramar pelo povo o conhecimento dos seus mais pequenos episodios, por meio do romance, e da narrativa”. Para ele, era uma injustiça o fato de que o talento do romancista que incluía episódios da história pátria em suas obras muitas vezes passava despercebido, quando “o serviço que elle presta[va] á sua patria [era] comparativamente muito maior que o de outros, que por cada linha, ás vezes de futilidade, receb[iam] elogios sem conta”⁶². Antes de dedicar-se à análise do romance de Moreira de Azevedo, o crítico mencionou outros escritores nacionais que produziram narrativas históricas brasileiras:

Parece-nos que cabe ao finado Teixeira e Souza, de honrosa memoria, a gloria de ser o primeiro escriptor brasileiro que começou a propagar a historia patria por meio do romance. E depois d'elle, foi, sem duvida, o Sr. conselheiro Alencar quem o elevou com o seu formosissimo *Guarany* e as *Minas de Prata*, em continuação, a esse gráo de perfeição que attingiu na litteratura ingleza o celebre Walter Scotot.⁶³

A menção de Teixeira e Sousa ao lado de Alencar como nomes representativos da produção de romances brasileiros novamente apareceu. Desta vez, com uma nova nuance, já que ao escritor

⁶⁰ *Dezesseis de Julho – órgão conservador*. Rio de Janeiro, 6 de maio de 1870. Seção Revista Bibliographica.

⁶¹ Inocêncio Silva disponibilizou as seguintes informações sobre esta edição: *Os Franceses no Rio de Janeiro*. Romance historico. Rio de Janeiro, Typ. Americana 1870. 8.º de 190 pag. In: SILVA, Innocencio Francisco da. Op. cit., vol. XVI, p. 76.

⁶² “Revista Bibliographica. Os Franceses no Rio de Janeiro. Romance de Moreira de Azevedo.” In: *Dezeseis de Julho –órgão conservador*. Rio de Janeiro: 22/06/1870.

⁶³ Idem.

cabofriense foi atribuída a “glória” de ter publicado os primeiros romances históricos nacionais. Essa formulação foi repetida, anos depois, por Antônio Soares Amora, que considerou Teixeira e Sousa como fundador do romance histórico nacional e classificou suas narrativas como históricas, ou seja, “romances com os quais procurou oferecer [...] uma idéia do que fôra, em síntese, a história da formação política, social e moral da parte mais representativa do País, que eram a sua Côrte e a área fluminense que a envolvia”⁶⁴.

Dois anos depois, sua atividade como romancista foi novamente reconhecida, pois ele foi estudado no capítulo que Fernandes Pinheiro dedicara ao “Romance” em seu *Resumo de História Literária*. Para o crítico, o desenvolvimento que o gênero obtivera na França influenciou a literatura brasileira, que foi inundada por “traduções e imitações das obras de A. Dumas, F. Soulié, Balzac, V. Hugo, Eugenio Sue, V. d’Alincourt, etc”⁶⁵. Esses romances, a seu ver, não possuíam “nativismo” e não faziam referência aos usos e costumes brasileiros, o que os distanciava do público. Tal lacuna teria sido preenchida por Joaquim Manuel de Macedo, com a *Moreninha*, e por Teixeira e Sousa, que também “particip[ara] da gloria de ser um dos creadores do romance nacional”⁶⁶. Para ele, as narrativas do escritor cabofriense eram “recommendaveis pelos fulgores da imaginação, vivos toques de costumes, quadros da natureza”, apesar da influência dos romancistas estrangeiros:

Apesar da manifesta intenção d’imprimir em sua obra o cunho da nacionalidade visíveis são os empréstimos que fez Teixeira e Souza dos autores da escola romântica franceza, que então dominava.

Sob o influxo d’essa escola achou-se sempre o nosso talentoso conterrâneo por mais brasileiros que fossem os assumptos.

Desde o *Filho do Pescador* até *A Providencia* deu sucessivamente a luz uma serie de romances, recommendaveis pelos fulgores da imaginação, vivos toques de costumes, quadros da natureza, principalmente no ultimo, do qual se destacão as poéticas pinturas d’aldeia de São Pedro, da procissão dos passos e da fazenda de Campos Novos.

Tinha porem Teixeira e Souza decidida paixão pelo maravilhoso, e deixára-lhe fundas impressões no animo a assídua leitura de romances d’Anna Radicliiff, de pavorosa memória. Aprazia-se com os devaneios de Byron e de Victor Hugo e mostrava particular devoção pela inverossimilhança de V. d’Alincourt e de Frederico Soulié.⁶⁷

⁶⁴ AMORA, Antônio Soares. Op. cit., p. 194-5.

⁶⁵ PINHEIRO, Cônego Doutor Joaquim Caetano Fernandes. “O Romance”. In: *Resumo de Historia Litteraria*. Op. cit., p. 466. Agradeço a Valéria Augusti por ter gentilmente me cedido este texto.

⁶⁶ Idem. Ibidem.

⁶⁷ Idem. Ibidem.

Esse é o único texto oitocentista que mencionou as leituras de Teixeira e Sousa, sendo notável o fato de que, diferentemente de Ferdinand Wolf, Fernandes Pinheiro filiou sua produção em prosa às narrativas francesas que circulavam pelo país no momento em que teve início a produção de romances nacionais. O comentário constituiu uma censura, já que elogiou, nos romances do autor, a presença da chamada “cor local”, indicando ser este o critério principal que utilizava para avaliar textos brasileiros. Entretanto, podemos tomar as palavras do crítico como indício de que Teixeira e Sousa estava a par da expectativa do público em relação ao romance, visto que conhecia as produções que circulavam na época e publicava textos que guardavam semelhanças com as narrativas estrangeiras que cativavam o gosto dos leitores.

O autor foi abordado, ainda, em obras que, de certa forma, coroaram seu pertencimento ao mundo literário do século XIX, como o *Dicionário Bibliográfico Português*, de Inocêncio Silva, que, no primeiro volume, publicado em 1858, dedicou uma pequena nota ao escritor⁶⁸. No volume VII, publicado em 1862, o crítico dedicou uma entrada à obra *Retratos Portuguezes gravados ou lithografados, colligidos por Innocencio Francisco da Silva*, que pretendia publicar no Suplemento Final do *Dicionário Bibliográfico*. Entre os “retratos de brasileiros contemporâneos”, figurava o nome de Teixeira e Sousa, cuja foto mencionada havia sido litografada no Rio de Janeiro, em 1847, e divulgada no primeiro volume de *A Independência do Brasil*⁶⁹. O escritor foi novamente mencionado no *Suplemento* que compunha o oitavo volume da obra, divulgado em 1867. Nesta ocasião, Inocêncio Silva forneceu dados sobre Teixeira e Sousa e esclareceu que obtivera informações mais detalhadas sobre o autor depois de impresso o primeiro volume do *Dicionário*, razão pela qual não havia abordado a vida e a obra do escritor anteriormente⁷⁰.

⁶⁸ “Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa. Não me conta precisamente da sua naturalidade, mas supponho-o nascido no Brasil. Sei que tem publicado as obras seguintes, das quaes todavia não consegui até agora ver alguma.

Canticos Lyricos. Rio de Janeiro 185? 8ºgr.

Os tres dias de um noivado. Poema. Ibi. 185? 8ºgr.

O Cavalleiro Teutonico ou a Freira de Mariemburg: tragedia em cinco actos. Ibi, 185? 8ºgr.” In: SILVA, Innocencio Francisco da. Op. cit., vol. I, p. 151.

⁶⁹ “Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa, poeta e romancista (*Diccionario*, no tomo I, e no *Suplemento*). - Lithogr. no Rio de Janeiro, na Offic. de Heaton & Rensburg, 1847. 10 centim. - No seu poema *A Independencia do Brasil*.” In: SILVA, Innocencio Francisco da. Op. cit., vol. VII, p. 134.

⁷⁰ “Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa.

Pelas razões já outras vezes allegadas, pude apenas dar deste escriptor brasileiro um noticia deficiente em todo o sentido; ignorava então completamente as suas circumstancias individuaes, não havendo quem dellas me informasse; e de seus escriptos impressos havia só o conhecimento dos titulos, e não de todos, taes como os achara descriptos em catalogos de algumas livrarias. Tudo o que me faltava chegou depois, e posso agora preencher amplamente estas e outras lacunas; graças á zelosa e prestadia coadjuvação dos meus bons amigos do Rio de Janeiro tantas vezes citados [...]”. In: SILVA, Innocencio Francisco da. Op. cit., Vol. VIII, p. 164. O estudo de Inocêncio Silva tornou-se uma das principais fontes para a investigação da obra e da vida de Teixeira e Sousa.

Teixeira e Sousa obteve novo reconhecimento como escritor em 1876, quando sua vida e obra foram abordadas por Joaquim Norberto de Sousa e Silva na “Notícia sobre Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa”. O texto foi divulgado na seção “Biographia dos Brasileiros Illustres por Armas, Letras, Virtudes” da *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, na qual haviam sido biografados intelectuais brasileiros renomados⁷¹. A publicação de um artigo em homenagem a Teixeira e Sousa em uma revista como a do IHGB, um órgão governamental na época freqüentado e apoiado pelo imperador D. Pedro II e que consistia num dos maiores focos de produção intelectual oficial do país, pode ser tomada como indício de simpatia geral por ele e por sua produção.

Em 1883, foram publicados dois dicionários que dedicaram verbetes ao autor: o *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, de Sacramento Blake, impresso pela Tipografia Nacional do Rio de Janeiro, e o *Dicionário Popular, Histórico, Geográfico, Mitológico, Biográfico, Artístico, Bibliográfico e Literário* de Pinheiro Chagas, impresso em Lisboa.

Os dados sobre a publicação dos romances do autor e os comentários que recebeu em textos críticos oitocentistas, apesar de indicarem que Teixeira e Sousa alcançou um lugar entre os homens de letras do período, não nos permitem perceber o que os leitores comuns pensavam de suas produções. Essa lacuna pode ser preenchida, porém, com textos que podem ser considerados manifestações de apreço espontâneas de seus leitores.

A primeira dessas manifestações deu-se em maio de 1850, quando um suposto freqüentador do teatro dirigido por João Caetano solicitou que a próxima peça encenada fosse *O Moço Louro ou o triumpho da innocencia* ou *O Filho do Pescador ou a traição punida*, dramas “tirados de dous romances brasileiros, composição de dous patricios nossos, e pelo mesmo autor d[a peça] *Moreninha*, que também é patricio nosso”⁷². O suposto apreciador de peças de temática nacional, que poderia ser o próprio autor das adaptações de romances brasileiros para teatro, voltou a pronunciar-se outras vezes e, no último anúncio, divulgado em novembro, declarou sua insatisfação com o fato de seu pedido não ter sido atendido até aquele momento⁷³. O fato de o romance haver sido adaptado para a dramaturgia, assim como o interesse

⁷¹ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. “Noticia sobre Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa”, Op. cit., p. 197-216.

⁷² “No dia 19 do corrente, o Sr. João Caetano dos Santos tem de levar á scena o drama – Os mysterios de Paris – como vi annunciado hoje no Jornal do Commercio; apesar de alguns empenhos que hajão para bilhetes, para mim não é preciso, visto ser assignante, e espero que o Sr. João Caetano, depois dessa peça, satisfaça o meu pedido, que é levar á scena um dos dous dramas: - *O Moço louro ou o triumpho da innocencia*, e *O Filho do Pescador ou a traição punida* – tirados de dous romances brasileiros, composições de dous patricios nossos, e pelo mesmo autor da *Moreninha*, que tambem é patricio nosso; de cujo favor deixará summamente obrigado ao seu – *Assignante*.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 17/05/1850.

⁷³ “PELA quinta e ultima vez roga-se ao Sr. João Caetano dos Santos queira levar á scena um dos dramas – O MOÇO LOURO, OU O TRIUMPHO DA INNOCENCIA –, ou aliás – O FILHO DO PESCADOR, OU A TRAIÇÃO PUNIDA –, composição do autor

de um suposto freqüentador de teatros cariocas em assistir sua encenação, indicam que *O Filho do Pescador* teve uma boa aceitação por parte do público oitocentista, pois, como vimos no capítulo anterior, muitos romances estrangeiros que fizeram sucesso no período foram dramatizados.

Anos depois, em 1858, houve outro episódio em que se vislumbra que o público oitocentista apreciava as narrativas de Teixeira e Sousa. *Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta* foi publicado em *A Marmota* entre 1857 e 1859 e, quando a divulgação da obra foi interrompida entre 12 de fevereiro e 30 de abril de 1858, um leitor escreveu para a redação do periódico requisitando a continuação do romance, como indicou uma nota publicada por Paula Brito: “Resposta. Apenas concluindo o – Primo da California – continuaremos o 2º volume das – Tardes de um Pintor. [...]”⁷⁴ Ainda em 1858, os leitores de *A Marmota* voltaram a manifestar seu apreço por esse romance de Teixeira e Sousa, como indicou o anúncio divulgado no *Jornal do Comércio*:

A MARMOTA

não podendo suspender a sua publicação no fim do corrente mez pelas reclamações (aliás mui justas) que fazem as pessoas que a assignarão para terem *completo* o romance TARDES DE UM PINTOR, do Sr. Teixeira e Sousa, recebe as assignaturas por mais um semestre (Janeiro a Junho de 1859).

Principiou hoje um *novo folhetim*, que muito deve agradar a todos os leitores, tanto brasileiros como portugueses.

A reforma das assignaturas faz-se, como sempre, na praça da Constituição n. 64.

Loja de Paula Brito.⁷⁵

O redator de *A Marmota*, mostrando-se preocupado com seus assinantes, fez questão de ressaltar que, para atender às reclamações, não interromperia a publicação do periódico. O texto, que pode ser tomado como verdadeiro ou ser concebido como estratégia de divulgação do jornal, permite supor que *As Tardes de um Pintor* cativaram leitores da época e indica que algumas pessoas assinavam o periódico por causa dessa obra.

do drama – A MORENINHA, OU UM MEZ DOS AMORES DE UM ESTUDANTE –, ou então declare pela presente folha a razão porque os não quer levar, pois por dever de gratidão para com o autor, pela acção que praticou com o Sr. Santos, em deixa-lo levar uma peça de sua composição apresentada por um que se inculcou autor sem o ser, e mesmo por o Sr. Santos ter faltado á devida consideração aos pedidos de um – *Seu assignante*.” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 01/11/1850.

⁷⁴ *A Marmota*. Rio de Janeiro: Emp. Typ. de Paula Brito, n. 933, 12/03/1858.

⁷⁵ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 07/12/1858.

Outro indicio da boa aceitação de Teixeira e Sousa no século XIX foram os poemas escritos em sua homenagem, como a produção de Machado de Assis divulgada na *Marmota Fluminense* do dia 28 de outubro de 1855:

O Genio adormecido.

O. D. E C. AO ILLM. SR. / ANTONIO GONSALVES TEIXEIRA E SOUSA.

Do Grego Vate expande-se a harmonia
Em teus sonoros carmes! Na harpa d'ouro
Do sacro Apollo, Trovador, dedilhas
Doces cantos que o espirito arrebatava
Ao recinto celeste!

Em cyth'ra de marfim, com fios d'ouro
Cantaste infante, para que mais tarde
A fama activa as tubas embocando
Com voz immensa proclamasse aos mundos
Um Genio Americano!

E tu dormes, Poeta? Da palmeira
No verde tronco penduraste a lyra
Após nella entoar linda epopeia,
Que máo condão funesto á nossa patria
Faz soporoso o Vate!

[...]

Toma a lyra de novo, e um canto vibra,
E depois ouvirás a nossa terra
Orgulhosa dizer: - Grecia, emmudece,
Dos Vates berço, abrilhantado surge
O Genio adormecido.

Rio. – Outubro de 1855.

J. M. M. d'Assis.⁷⁶

O poema em questão indica que Machado de Assis, o leitor que se tornaria um dos romancistas brasileiros mais célebres, apreciava as poesias de Teixeira e Sousa, pois o instigou a continuar publicando

⁷⁶ *Marmota Fluminense* – jornal de modas e variedades. Rio de Janeiro: Empreza Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, n. 642, 28/10/1855.

e lamentou que seu gênio estivesse adormecido. Jean-Michel Massa, quando estudou *A Juventude de Machado de Assis*, observou que ele “era incapaz de escrever uma epopéia” e, por isso, “admirava a obra do épico brasileiro”⁷⁷. O crítico francês informou, ainda, que F. G. Braga divulgara, três meses antes, um poema dedicado a Teixeira e Sousa que trouxera formulações semelhantes às de Machado, como a passagem “Tu descansas, porém, tu não morreste”⁷⁸, que indicava o mesmo intuito de incentivar a produção do “gênio americano”.

Manifestação de apreço semelhante ocorreu anos depois, em 1858, quando *A Marmota* publicou, a pedido de um leitor, um soneto dedicado a Teixeira e Sousa:

Soneto / O. D. C. Ao ILLM. SNR.

Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa.

Qual Apollo expandindo flava côr,
No horizonte, de seu plaustro doutrado;
Qual Lucina com seu manto prateado,
Diffunde em nossas almas horas d'amor.

Assim tu, oh genio arrebatador!
M'enlevas quando tuas obras leio;
Deixando-me com o peito sempre cheio
De suavidade e d'uma amena dôr!

Bem se vê, pois, nellas o teu talento;
Que ao de Camões, Cicero e Platão...
Nenhuma inveja tenho um só momento!

Assim, *Teixeira e Sousa*, sem adulação,
Recebe este bem triste fragmento
D'um soneto, em signal de afeição.
Rio, 12 de outubro de 1857.
A. da S. Campos Fluminense⁷⁹.

⁷⁷ MASSA, Jean-Michel. *A Juventude de Machado de Assis (1839-1870)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 154.

⁷⁸ F. G. Braga. *Tentativas poeticas. Ode ao Senhor Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, poeta brasileiro, em resposta*, XXXIX, 8, 1855. Apud: MASSA, Jean-Michel. Op. cit., p. 154.

⁷⁹ *A Marmota*. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 05/01/1858.

Para manifestar a admiração que sentia pelas obras do escritor, o leitor mencionou as sensações que lhe despertavam: elas proporcionavam “horas de amor” à sua alma, fazendo-o sentir-se enlevado, “com o peito sempre cheio de suavidade e de uma amena dor”. É notável, também, o fato de que, para exaltar o talento de Teixeira e Sousa, o poeta repetiu a comparação com Camões presente nos textos anteriormente mencionados. Textos em que leitores comuns manifestam opiniões sobre escritores e impressões causadas pela leitura de determinadas obras são pouco comuns no século XIX, o que valoriza as manifestações de apreço pelas obras de Teixeira e Sousa e indica que ele era bastante apreciado pelos contemporâneos.

A recepção que as narrativas do autor cabofriense obtiveram entre os leitores brasileiros, a julgar pelo número de edições e pelas apreciações críticas divulgadas na imprensa oitocentista, indica que ele alcançou reconhecimento como romancista no século XIX. Em todas as críticas, ficou patente a importância atribuída ao autor quando se tratava da formação do romance brasileiro, a qual foi reconhecida pelos leitores da época, como indicou o número relativamente alto de edições em folhetim e em volume que algumas de suas narrativas obtiveram.

Um dos elementos que parece ter colaborado para que a produção romanesca de Teixeira e Sousa agradasse aos homens de letras brasileiros oitocentistas parece ter sido o fato de o autor explorar, nessas obras, os elementos mais valorizados pelos apreciadores do novo gênero: moral e nacionalidade. Como vimos, o projeto literário do escritor indicou que ele estava a par das expectativas de seus contemporâneos em relação ao romance. Ainda nesse sentido, é interessante lembrar que alguns críticos que analisaram romances na primeira metade do século XIX apostavam na vertente histórica como um bom caminho a ser trilhado pelos escritores brasileiros que desejassem investir na produção do gênero. O autor parecia atento a essas recomendações, visto que grande parte de seus romances se ambienta nos “tempos coloniais”, como *Tardes de um Pintor*, *A Providência*, *As Fatalidades de Dois Jovens* e *Gonzaga ou a Conjuração de Tiradentes*. Essa escolha não passou despercebida pelos seus contemporâneos, pois, como vimos, ele foi considerado, em 1870, o “primeiro escriptor brasileiro que começou a propagar a historia patria por meio do romance”.

Para compreender o papel desempenhado pelo autor no contexto de formação do romance brasileiro, resta analisar suas narrativas e investigar as estratégias utilizadas para explorar a moralidade e a cor local, estabelecendo relações entre suas obras e a produção de alguns prosadores brasileiros que, como ele, publicaram seus textos ao longo das décadas de 1840 e 1850.

CAPÍTULO IV.

Teixeira e Sousa e os primeiros prosadores brasileiros – narrativas de conteúdo edificante.

4.1 A moral nos romances de Teixeira e Sousa.

Até meados do século XIX, como vimos, a análise da presença da moral destacou-se entre os critérios utilizados na abordagem das narrativas. Estrangeiros ou nacionais, os bons romances, segundo as críticas divulgadas na imprensa carioca do período, deveriam trazer lições moralizantes.

Em sintonia com essas discussões, Teixeira e Sousa procurou elaborar romances que fornecessem princípios morais aos leitores através de enredos que exemplificavam a “punição do vício” e a “premiação da virtude”. Neles, os acontecimentos narrados conduziram a um final edificante e o leitor foi levado a refletir sobre a justiça subjacente aos castigos sofridos pelas personagens que se deixaram levar pelo vício e aos prêmios com que foram contempladas as personagens virtuosas ou aquelas que se regeneraram.

É o que podemos verificar no primeiro romance que publicou, em cujo prefácio Teixeira e Sousa indicou que pretendia elaborar uma narrativa que “deleitasse e instrísse”. *O Filho do Pescador* foi composto por vinte capítulos que, através de vários *flash-backs*, contaram a história de Augusto e Laura. Esta, aos treze anos, fugira de casa com um sedutor que a abandonou, levando consigo o filho de ambos, um garoto de 2 anos. Ela se ligou a outro homem que, depois de treze anos, faleceu em um naufrágio nas costas do Rio de Janeiro, ocasião em que foi salva pelo filho de um pescador, Augusto. Ele se apaixonou por Laura e, contra a vontade do pai, desposou-a num curto espaço de tempo. Cerca de um ano depois, Laura e Floriano, o qual fingia ser amigo de seu marido, mataram Augusto. O amante arrependeu-se e abandonou a adúltera, que, para vingar-se, convenceu Marcos, seu vizinho, a matar Floriano. A relação amorosa com Marcos também fracassou, pois Laura se apaixonou por Emiliano, um jovem que caçava nas proximidades de sua residência. Marcos, ao saber do caçador, tentou matar a amante e o rival, mas não obteve êxito e, no mesmo dia, envolvendo-se em uma briga, morreu. Livre, Laura pretendia casar-se com Emiliano, mas o matrimônio não aconteceu porque Augusto, que não havia morrido, e Sinval, pai adotivo do pretendente, revelaram que ele era seu filho. A par das faltas da mãe, que se arrependeu de seus crimes, Emiliano conseguiu que ela fosse perdoada por Augusto antes de encerrar-se num convento.

Para dar moralidade a uma narrativa cujo enredo continha adultério, crimes, assassinatos e o germe de uma relação incestuosa, Teixeira e Sousa valeu-se da inclusão de discursos moralizantes nas falas do

narrador e de algumas personagens. Um exemplo desse tipo de intervenção pode ser apreendido na leitura do nono capítulo da obra, o qual foi inteiramente dedicado às reflexões do narrador sobre a repugnância que lhe inspiravam as atitudes de Laura e de seu primeiro amante, Florindo. As palavras que iniciaram esse capítulo indicavam que foi incluído na narrativa com o fim de moralizar: “Temos direito àquilo que se nos promete. Eu, pois, vos prometi, bela Emília, dar-vos uma história moral; é bem: sendo assim, é justo que faça algumas reflexões sobre este desastroso passado que acabastes de ouvir.”¹

As reflexões moralizantes também estiveram presentes nas falas de algumas personagens, como exemplifica a passagem em que o pai de Augusto tentou convencê-lo a não se casar com Laura. Depois de alegar que o filho não conhecia o passado daquela que desejava desposar, ele o alertou para o perigo de entregar-se ao amor:

O que é o amor? um afeto que principia por um prazer dos olhos, uma dor do coração e uma aflição de alma! Um momento de entusiasmo produz tudo isto, e um momento de calma destrói! Nesses instantes de delírio, que chamamos amor, não ha considerações, não há respeitos; aniquila-se o passado, pulveriza-se o futuro: o vício é nada, a virtude ilusão, e um único pensamento constitui o universo do amor – Quero! Deveres e direitos do homem, as leis divinas, a pátria, os mais sólidos princípios de eterna justiça, os foros da razão, as mais santas e antigas afeições, tudo se sacrifica ao amor, tudo cai destruído, e sobre suas ruínas, que formam um detestando sólio, é colocado este imperioso – Quero!²

Esse é um dos vários parágrafos ao longo dos quais o velho pescador empenhou-se em ressaltar as conseqüências funestas de não se conterem os impulsos gerados pelo amor em um coração jovem e cheio de ilusões. Augusto não se convenceu, mas os eventos ocorridos depois do casamento com Laura atestaram a validade dos conselhos de seu pai.

Os discursos moralizantes colaboraram para enfatizar que os acontecimentos sucedidos com as personagens *corrompidas* eram punições pelos crimes perpetrados, como o destino reservado aos amantes de Laura. Floriano, o primeiro deles, era cúmplice da suposta morte de Augusto e, apesar do arrependimento, foi assassinado por Marcos, o segundo amante da adúltera. Ele reconheceu que sua morte era um castigo pela traição cometida, já que suas últimas palavras foram “- Eu morro... Deus é justo...”³ Algumas páginas depois, quando relatou que Marcos e Laura haviam enterrado o corpo do “adúltero malfeitor” no jardim, o narrador ressaltou que a morte de Florindo mostrava que a “justiça f[ora]

¹ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *O Filho do Pescador*. Op. cit., p. 107.

² Idem, p. 35-7.

³ Idem, p. 82.

feita”⁴. Passado algum tempo, Marcos teve um destino semelhante ao de sua vítima. Depois da tentativa frustrada de matar a amada e o caçador por quem ela estava se apaixonando, ele se envolveu em uma briga e foi assassinado:

Ah, malvados da terra! a vossa vida é um milagre, e o milagre é sempre uma abstração da ordem natural... mas a natureza volta aos seus domínios, o milagre desaparece, e a vossa vida, esmagada debaixo do peso de vossos crimes, tomba no abismo dos flagelos, da desesperação e da morte!...

E não é isto o que acabamos de ver? A vida de Marcos era um milagre, e o milagre havia cessado. Marcos tinha caído debaixo de seu próprio peso, e a carga enorme de seus crimes o havia para sempre esmagado!

[...] Adoremos a justiça divina. ⁵

O narrador fez com que o ocorrido ganhasse ares de punição e, concebida como fruto da justiça divina, a morte de Marcos se tornasse um exemplo de que os “malvados da terra” sempre seriam punidos. Apesar dessa afirmação, Laura, mesmo tendo cometido o maior número de crimes, obteve o perdão das demais personagens, inclusive de Augusto, o marido cuja morte havia planejado.

O autor mostrou-se ciente de que, na tentativa de prender o leitor por meio de uma sucessão de acontecimentos que incitassem sua curiosidade, fizera com que a protagonista cometesse faltas graves. Afinal, em vários momentos do enredo, percebe-se a tentativa de amenizar o peso dos erros da personagem, como na passagem em que o narrador, apesar de reconhecer a vileza da atitude de Laura ao compactuar com o suposto assassinato do marido, recriminou o fato de Florindo, arrependido, tê-la abandonado. Segundo ele, tratava-se de uma “falta indesculpável”, pois ela havia sido “arrastada a toda a sorte de crimes por [aquele] malvado”, sendo justo que “mutuassem suas sortes, e todas as conseqüências de seus crimes”⁶.

Em outras passagens do texto, Laura foi novamente defendida pelo narrador, como no episódio em que foi desmascarada. Interessada em acertar seu casamento com Emiliano, ela o recebeu em sua casa, acompanhado do padrinho que o criara, o médico Sinval, que se opôs ao matrimônio e narrou todos os crimes cometidos pela adúltera. A cena foi presenciada por um homem que chegou à casa de Laura pouco depois dos convidados e, segundo Sinval, era um de seus pacientes. Depois das revelações do médico, o desconhecido retirou o disfarce, mostrando tratar-se de Augusto. Ressaltando o padecimento da protagonista, o narrador pediu compaixão ao público:

⁴ Idem, p. 87.

⁵ Idem, p. 122.

⁶ Idem, p. 80.

É dos maus que Deus lança mão para a sublime provação dos bons: os maus, pois, são o instrumento da Justiça Eterna sobre a terra!

Laura merece a punição de seus crimes; e se quereis odiai-a; mas eu vos rogo que antes vos compadeçais dela! Durante quase as últimas palavras do doutor Sinval, Laura, gelada de terror e de surpresa, nem já o mais leve som articular podia. Vós estareis lembrados das últimas palavras de Augusto dando-se a conhecer a Laura, esse raio desfechado sobre o seu coração já tão abatido nessa mais terrível tempestade de sua vida!...⁷

Para angariar a simpatia dos leitores para a personagem, o narrador solicitou que eles se colocassem no lugar dela e ressaltou que o abalo que sofrera fora tão forte que provocara seu desmaio. Depois de voltar a si graças ao empenho de Sinval, Laura ouviu de Augusto a narração dos erros que cometera antes de conhecê-lo e soube que Emiliano, o caçador com quem pretendia casar-se, era o filho que tivera com o sedutor que a convencera a fugir da casa paterna. Mãe e filho abraçaram-se e, graças à intervenção deste, Augusto perdoou a esposa. Para que o fato de Laura não ter sido punida pelos crimes dos quais participara não comprometesse a moralidade do texto, o narrador enfatizou a sinceridade de seu arrependimento:

- Deus é grande! Sim, meu filho, Deus é grande!... Ó meu Deus, dá-me um arrependimento forte para morrer digna de meu filho...

Oh milagre! Oh triunfo da natureza num coração criminoso! Ela fala em arrependimento... Oh amor maternal! Oh natureza! / [...] / Nunca a dor, nunca o remorso, nunca o arrependimento, se mostraram tão sublimes, nem jamais apresentaram um tão interessante painel! / [...] / Seus olhos embebidos no céu nem pestanejavam. Duas fontes de lágrimas se deslizando deles, vinham alagar o assoalho em frente de seus joelhos! Era o êxtase da natureza, e da religião, isto é, do amor maternal, e do arrependimento! Sua cabeça era um grande e tormentoso lago de dolorosas reminiscências, em que havia um único porto de salvação – o arrependimento! / [...] / Era, pois, uma nova Madalena, que meditando no amor do Cristo, chorava os erros e os crimes de sua passada vida de pecados!⁸

Para legitimar os sentimentos da protagonista criminosa, o narrador, além de afirmar que seu arrependimento fora fruto do amor que dedicava ao filho, aproximou-a de uma figura bíblica. Nesse sentido, vale considerar que, assim como Madalena, Laura, depois de arrepender-se dos delitos cometidos, dedicou-se à vida religiosa, ingressando em um convento.

⁷ Idem, p. 133.

⁸ Idem, p. 142-3.

O narrador voltou a defender a personagem no último capítulo, intitulado “Um epílogo e reflexões”, em que observou que contaria um episódio que, apesar de desnecessário, daria “um toque de moral” à obra. O acontecimento referido foi uma conversa entre Sinval, Augusto e Emiliano, que, pela segunda vez, defendeu a mãe. Lembrando que a sociedade fora organizada pelos homens e que estes “dirigiam” as mulheres, o narrador denunciou a desigualdade com que eram julgadas as faltas masculinas e femininas:

Seja pela influência da natureza, seja efeito da civilização, o universal consenso tem ligado a idéia de prêmio à idéia de virtude, e a idéia de castigo à idéia de crime; mas nos vícios contra a castidade, nos vícios contra a fidelidade conjugal, nós nos esquecemos dos castigos que os seguem contra os homens, e só os aplicamos contra as mulheres!

Demais, como é que exigimos nós delas uma constância inabalável, uma virtude de ferro, se nós somos os mesmo que as corrompemos e as arrastamos a toda a sorte de crimes? A pregação não é bastante, cumpre o exemplo: os exemplos ferem mais os corações, do que as palavras os ouvidos! Enfim onde os homens são demasiadamente corrompidos, as mulheres são sempre falsas! Confesso que elas por mais estão mais expostas aos crimes, que nascem de sua fraqueza; mas não de conceder-me que numa sociedade bem morigerada esses crimes são menos freqüentes.⁹

Emiliano disse que a mãe não tinha total responsabilidade pelos seus crimes, visto que, mesmo que tivesse má índole, sua conduta poderia ter sido corrigida por uma educação adequada. A seu ver, o germe dos crimes de Laura fora a relação com o primeiro amante. Afinal, o sedutor fugiu levando consigo o filho e obrigou-a a encontrar outro companheiro, o qual faleceu num naufrágio sem que ela tivesse culpa. Para defendê-la das faltas cometidas contra Augusto, Emiliano alegou que Laura só traía o esposo porque, no Rio de Janeiro, “a sedução t[inha] uma linguagem mais eloqüente”, “a lisonja emprega[va] um estilo mais florido” e “o vício t[inha] atrativos mais poderosos”¹⁰.

Os argumentos da personagem dialogaram com as idéias defendidas por Teixeira e Sousa em um dos artigos que compuseram a série “O Coração da Mulher”, segundo o qual as mulheres eram sempre vítimas dos homens. Dentre as “degras” a que estavam sujeitas, estavam “má educação, más exemplos, caprichos paternaes, e injustiças, perfidias de um amante, desregramentos de um esposo, seducções, enganos, &c., &c., e a sociedade”¹¹. Se compararmos as palavras do autor ao percurso da personagem Laura, podemos dizer que ela havia sido “vítima” de quase todos os atos masculinos

⁹ Idem, p. 150-1.

¹⁰ Idem, p. 151-3.

¹¹ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. “O Coração da Mulher”. In: *Marmota Fluminense*. Rio de Janeiro, Typ. Dous de Dezembro, n. 411, 21/12/1853.

considerados causadores das mazelas femininas. Afinal, a protagonista criminosa não recebera uma educação adequada, fora seduzida por um amante perverso que, além de abandoná-la, levou seu filho e, depois de casada com Augusto, fora influenciada por “seduções e enganos” da corte.

Em *As Fatalidades de Dois Jovens*, o autor parece ter sido movido pelo empenho de produzir outra narrativa cujos acontecimentos conduzissem a um final em que o vício fosse castigado e a virtude, premiada. Situado no século XVIII, o romance conta a história das famílias de Thomaz e Silvestre, dois portugueses que vieram para o Brasil e compraram, juntos, uma fazenda próxima à lagoa de Juthurnuayba, na região de Cabo Frio, no Rio de Janeiro. As terras da sesmaria foram concedidas a Thomaz, mas havia uma escritura que atestava que eram sócios igualitários. Seus filhos, apesar de terem recebido a mesma educação, eram muito diferentes: Flávio, filho de Thomaz, era malévolo e violento, e Júlio, filho de Silvestre, era bondoso e dócil. Flávio tornou-se inimigo de Júlio e, com a morte dos pais de ambos, ele se recusou a dividir os bens com o filho de Silvestre, alegando que a sesmaria era de Thomaz. O processo passou a correr na justiça.

Flávio era viúvo e sua filha, Emília, residia cidade do Rio de Janeiro com uma preceptora. Quando tinha cerca de 15 anos, ela viajava com o pai quando foi capturada por salteadores e salva por um jovem por quem se apaixonou. O benfeitor, que, depois de deixá-la em segurança, desapareceu, era o filho de Júlio, Geraldino, que também residia no Rio de Janeiro, onde estudava os preparatórios. Ele só reencontrou Emília depois de um ano e, apesar de saber que se tratava da filha de Flávio, admitiu que a amava, passando a vê-la com regularidade.

Júlio foi assassinado e, algum tempo depois, Flávio obteve sentença favorável, apossando-se conta dos bens que deveriam ser divididos entre ambos. Geraldino ficou reduzido à miséria, pois a herança que recebera do pai fora espoliada por Liberato, seu tutor. Entretanto, ele conseguiu provar que a escritura original fora alterada por Flávio e reverteu a situação a seu favor diante da justiça. Ele descobriu, também, que o pai de Emília pagara Liberato para matar Júlio e, para vingar-se dos malfeitores, deixou seu antigo tutor morrer à míngua e fez com que o mandante do crime se arrependesse profundamente. Atormentado pelo remorso, Flávio faleceu dias depois. Antes de morrer, soube que Emília, na verdade, era Carolina, a filha de um casal de empregados de sua fazenda que fora considerada morta. A verdadeira filha do malfeitor havia morrido por sufocamento e a mãe, temendo a reação do marido, convencerá o administrador e sua esposa a trocarem as crianças, já que possuíam a mesma idade. A notícia de que Carolina não era filha do assassino do pai de Geraldino permitiu que eles se casassem.

Entre as estratégias que utilizou para garantir que os leitores percebessem a lição moralizante subjacente ao enredo desse romance, destaca-se a ênfase conferida pelo narrador às qualidades morais dos protagonistas, indicando que foram merecedores do desfecho que garantiu sua felicidade ao lado das pessoas que amavam. Segundo o narrador, Emília era “de um natural meigo, de um genio docil, muito inclinada ao bem, e sobremodo compadecida dos males alheios”¹² e, por ter sido criada na roça e aproveitado os ensinamentos da preceptora, era “de uma singeleza angelica, de uma innocente candura e ingenua modestia”¹³. Devido a esses atributos, dispôs-se a ceder sua parte da fazenda a Geraldino quando ficou a par da desonestidade de Flávio e julgava-se indigna de casar-se com o homem que fora vítima de seu suposto pai.

As passagens em que abordou a relação de Emília com Gertrudes, sua preceptora, colaboraram para convencer o leitor a respeito da solidez dos princípios morais da protagonista. Afinal, o narrador enfatizou que a responsável pela educação da suposta filha de Flávio era uma “grave senhora, viuva lisbonense, de uma educação fina e de uma delicadeza em extremo melindrosa”¹⁴, “dotada de viveza, com mais de cinquenta annos”¹⁵. Gertrudes era reconhecida por suas virtudes e seus conselhos eram ouvidos com atenção pelos que a cercavam, como Emília, a quem ela dedicava palavras edificantes como as que se seguem:

- Uma confiança em Deus, que faz com que em todos os perigos da vida o justo seja sempre tranquillo! Uma paz inalteravel, que faz com que nada perturbe a serenidade de seu coração, que resista a todos os trabalhos da vida e a todos os desgostos della! Um sublime desprezo para com os malevolos e calumniadores, que buscam fazer a nossa ruina! Um nome respeitavel, que impõe uma especie de culto áquelles que nos conhecem ou ouvem fallar de nossas bondades! Uma segurança que az com que esperemos diante de Deus o premio de nossos trabalhos trocados por eterno descanso, por um gozo sem limites, por uma gloria sem fim! E isto é pouco, minha filha?

- Ah! feliz de quem é virtuoso!¹⁶

Gertrudes foi responsável por aprimorar o caráter de Emília e o narrador enfatizou que sua “prudente sizudez” havia inspirado à protagonista “graves idéias de candidas virtudes”¹⁷. O excerto acima

¹² SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. *As Fatalidades de Dous Jovens*. Op. cit., p. 73-4.

¹³ Idem, p. 111.

¹⁴ Idem, p. 73.

¹⁵ Idem, p.78.

¹⁶ Idem, p. 80.

¹⁷ Idem, p. 111.

exemplificou seu poder de persuasão, já que o discurso por meio do qual apregoou os benefícios da honra e da virtude convenceu a pupila.

Assim como seu par romântico, Geraldino foi caracterizado como uma personagem extremamente virtuosa. O narrador observou que ele era conhecido por seus “bons costumes, bom genio, e talento” e possuía “memoria sempre fresca, compreensão vasta e percepção vivissima”, sendo, por todos esses atributos, não só “a aguia de sua escola”, mas “o prazer de seus mestres”¹⁸. Ao longo da narrativa, a personagem protagonizou cenas em que demonstrou sua coragem, sua firmeza de princípios e seu zelo pela honra, como na ocasião em que enfrentou salteadores para salvar a vida de Emília. Essa imagem virtuosa ficou um pouco abalada quando Geraldino puniu os responsáveis pela morte de seu pai. Quando Sebastião tentou demovê-lo da idéia de concretizar seus planos, Geraldino mostrou-se firme no propósito de vingar o assassinato do pai:

[...] Meu pae assassinado barbaramente jazeu insepulto longo tempo, até que as aves carnivoras deram conta delle, quando ellas já tinham devorado suas carnes, quando essa terra maldita já havia sorvido todo o seu sangue! E seu miserando filho não pôde recolher n'um sepulchro seus ossos descarnados, seus ossos aridos e sêcos! É pois necessario que algumas gottas de sangue borrifem o sepulchro de meu pae! e esse sangue deve ser de seus inimigos, de seus assassinos! Ah! um pae é um objecto precioso, um objecto supremo, e é até justo o vingarmo-nos de seu matador. [...]. Vê-lo afinal morrer n'uma morte affrontosa, e nós exclamarmos n'um santo entusiasmo: “Ó meu pae, estás vingado!” Oh! isto deve produzir um extasis tão doce, como do amante feliz em venturosa noite, no primeiro encontro de amor! se isto é crime, a lembrança de nosso pae impiamente morto, neutralisa os remosos deste crime! Oh! quanto tarda o momento de minha vingança!¹⁹

O protagonista defendeu a legitimidade de suas atitudes apoiando-se no amor que dedicava ao pai e nas condições bárbaras e levianas em que fora assassinado, insinuando que vingar sua morte era uma obrigação. Podemos pensar que essa passagem foi incluída no enredo com o intuito de impedir que a vingança empreendida por ele compromettesse a moralidade do texto, já que as palavras da personagem podem ser concebidas como uma forma de amenizar o peso das atitudes que cometeria. O autor parecia preocupado em garantir que a imagem virtuosa de Geraldino não ficasse abalada depois das mortes de Liberato e Flávio, já que fez com que o narrador também defendesse a personagem:

¹⁸ Idem, p. 63.

¹⁹ Idem, p. 347.

Talvez que meus leitores pois se disponham muito contra um animo tão vingativo: mas tendo um pae, um pae que seja um verdadeiro amigo, um pae honrado, um pae virtuoso, bom homem, bom cidadão, (naquelle tempo eram vassallos) bom filho, bom marido, bom pae, bom amigo, digno de amor e de respeito a todos os respeitos; figurae que este homem, este pae tão bom, repentinamente desaparece, que muito tempo depois sabeis que fôra assassinado por um homem que se dizia seu amigo, recebendo por isso 10 mil cruzados, e que aquelle que o mandou assassinar, é aquelle mesmo que intenta roubar a fortuna de vosso pae, e portanto a vossa; figurae ainda que o matador de vosso pae, é um homem que abusando dos mais sagrados direitos, rouba todos os vossos bens, a ponto de reduzir-vos a mendigar um pouco de pão para vosso sustento; figurae mais, que o acaso vos deparava com um meio de não só recuperardes vossos bens, como de vingar-vos de vossos inimigos; que fariéis? Uma suprema virtude, direis vós, perdoaria, e deixaria a Deus sua vingança. E é verdade! uma suprema virtude perdoaria, e deixaria a Deus sua vingança! É pois verdade! Mas vós bem o disseste – uma suprema virtude! – E onde se encontrará essa suprema virtude? Esse mesmo homem de uma virtude suprema diria: “Eu perdoava, mas perdoando eu, não me atrevo a condemnar aquelle que se vingasse!” E demais, ha sobre a terra offensas de tal maneira positivas e de tal modo premeditadas, que o maior de todos os corações, a mais generosa de todas as almas não acharia em si forças bastante capazes para tanto!²⁰

Aliando a estrutura do enredo às reflexões moralizantes do narrador, o autor parecia justificar os atos vingativos da personagem. Para que Geraldino fosse *perdoado*, a passagem procurou promover a identificação do público com a dor que ele sentiu ao saber das condições em que o pai morrera e argumentou que os leitores que condenassem a personagem demonstrariam não possuir a “suprema virtude” que permitia perdoar as ofensas mais graves.

Deve-se considerar, ainda, a contribuição de Sebastião para a moralidade da obra, tendo em vista que ele exerceu um papel semelhante ao de Gertrudes, pois participou da educação de Geraldino e forneceu-lhe lições edificantes. Sebastião era um comerciante do Rio de Janeiro que, como a preceptora de Emília, era conhecido por possuir “sólida razão”, “maneiras finas e urbanas”, “fina educação”, “caracter generoso e docil” e “honradez” inabalável. Como era idoso e não possuía parentes vivos, ele foi morar na fazenda de Juthurnuyaba quando seus negócios faliram devido à traição de sócios e fregueses desleais. Sebastião ficou mais ligado a Júlio e, como participara da criação de seu filho, nutria um amor paterno por Geraldino, que, com exceção do episódio em que vingou a morte do pai, seguia à risca seus conselhos.

Assim como investiu na caracterização da virtude dos protagonistas, o autor carregou as cores ao desenhar o principal vilão de *As Fatalidades de Dois Jovens*. Flávio esteve envolvido em episódios nos quais foi desonesto, como a tentativa de seduzir a esposa de Júlio (evento que originou o rompimento entre ambos), a autoria do assassinato desse antigo amigo de infância e a falsificação da escritura da

²⁰ Idem, p. 399-400.

fazenda de Juthurnuayba. Sua morte foi anunciada no momento em que Sebastião tentava demovê-lo da idéia de apropriar-se da parte da fazenda que cabia a Júlio, mas ele não deu ouvidos ao idoso, mesmo quando ele alertou que a punição de seus crimes seria uma morte solitária e cheia de remorsos²¹. Anos depois, esses conselhos foram rememorados:

[...] tudo se cumpriu! onde está teu ouro? De nada te serve agora! Flavio, tu o darias todo para comprares a paz do teu coração, e todo o teu ouro não te serve para isso! Onde estão teus amigos e parentes? [...] Onde estão tuas boas acções? Tuas iniquidades amarguram os teus derradeiros momentos! Flavio, comtudo, ainda é tempo de um arrependimento perante Deus!...

- Minha filha? onde está minha filha? bradou Flavio no excesso quasi de um delirio!

- Tu não tens filha; exclamou o padre Jacintho que acabava de entrar, tendo-lhe ouvido as ultimas palavras. [...]

- Deus fez o melhor... Mundo, sê amaldiçoado!...

E cahiu n'uma horrivel convulsão, fazendo os mais horriveis trejeitos, e as mais dolorosas contorsões! um minuto depois tudo foi feito delle, morrendo sem confissão e sem sacramento algum!²²

As palavras com que Sebastião mostrou que sua previsão se concretizou, somadas às circunstâncias em que Flávio faleceu, colaboraram para que a morte do malfeitor fosse tomada como exemplo da punição do vício. O excerto mostrou que, depois de saber que sua filha Emília morreria ainda criança, ele amaldiçoou o mundo e faleceu sem arrepender-se de seus crimes.

Dentre as questões moralizantes presentes na obra, é possível considerar a discussão de questões relativas ao comportamento das mulheres e ao modo como deveriam ser tratadas pelos seus pais presente em algumas passagens do enredo de *As Fatalidades de Dois Jovens*. Quando Carlota soube que o Flávio havia impedido a união de Emília e Geraldino, aconselhou a amiga a lutar para ficar ao lado daquele a quem amava:

- É sempre máu casarem-se os filhos contra a vontade dos paes.

- Somos suas filhas e não suas escravas: enquanto nossos paes trabalham por nosso bem, devemos amal-os e obedecer-lhes; mas esta obediencia póde e deve até cessar, quando nossos paes em vez de trabalharem por nosso bem, trabalham por seus caprichos, a ponto de nos sacrificarem a elles.²³

²¹ Idem, p. 52-5.

²² Idem, p. 396.

²³ Idem, p. 264.

Para que o fato de a personagem instigar a protagonista a desobedecer ao pai não comprometesse a moralidade da obra, o autor fez com que Carlota justificasse sua opinião com argumentos de peso, como a comparação entre a sujeição feminina aos desmandos paternos e a situação das escravas. Anos mais tarde, em 1852, em um dos artigos da série “A Mulher”, comentado anteriormente, o autor retomaria a comparação entre a situação das mulheres livres e a das escravas para discutir a escolha do pretendente por parte do belo sexo²⁴.

Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta, o terceiro romance de Teixeira e Sousa, conta a história dos amores de Juliano e Clara e, assim como as narrativas precedentes, possui um enredo que exemplifica a punição do vício e a premiação da virtude. Clara era órfã de mãe e vivia com o pai, Paulo, um português que chegara ao Rio de Janeiro em 1710 e enriquecera sem que ninguém soubesse dos meios ilícitos que utilizou. Juliano, por sua vez, residia com o tio Agostinho, amigo de Paulo, que os convidou para a festa de aniversário de sua filha, ocasião em que os protagonistas se conheceram e apaixonaram-se à primeira vista.

O único conviva que percebeu o afeto que nascera entre ambos foi o padre Roberto, um jesuíta que freqüentava a casa de Paulo e o influenciava. Apesar dos votos religiosos, ele era ateu, inescrupuloso e estava apaixonado por Clara. Com a ajuda de um cigano chamado Ligeiro e de Leôncio, um antigo colega universitário, Padre Roberto elaborou vários planos destinados a matar Juliano ou separá-lo de sua amada, mas todos fracassaram. O casamento deles foi remarcado, mas o jesuíta seqüestrou Clara e levou-a para uma fazenda localizada nas redondezas do Rio de Janeiro, onde a deixaria presa até que saísse o navio no qual pretendia fugir com ela para a Europa.

Dias depois, o cachorro de estimação de Clara levou Juliano até ela. A protagonista foi conduzida até casa de Paulo, que estava doente desde seu desaparecimento e, ao ver a filha, faleceu. Fraca e abatida, Clara perdeu os sentidos mas, quando voltou a si, havia enlouquecido. Algum tempo depois, ela faleceu. Os crimes de padre Roberto foram revelados aos dirigentes da Companhia de Jesus, os quais, como punição, sepultaram-no vivo entre as paredes do colégio dos jesuítas do Rio de Janeiro. Juliano, às escondidas, assistiu à cerimônia e, no dia seguinte, ingressou na ordem dos franciscanos.

Assim como nas narrativas que a antecederam, as personagens de *Tardes de um Pintor* que tiveram má conduta morreram de forma exemplar, como o Padre Roberto e seus comparsas. Os castigos a

²⁴ Teixeira e Sousa. “A Mulher”. In: *Marmota Fluminense*. Rio de Janeiro: Emp. Typ. Dous de Dezembro, n. 279, 16/07/1852.

que esses vilões estariam sujeitos foram, de certa forma, previstos por Ligeiro em uma das passagens em que confabulou com o jesuíta e com Leôncio:

- [...] Conhecemo-nos há muito tempo, temos razões para nos estimarmos mutuamente: todos os três temos o mesmo grau de honra, temos os mesmos sentimentos, a mesma crença, as mesmas esperanças, e o mesmo futuro...
- Como o mesmo futuro! – disse o padre. – Então qual é o teu futuro?
- O mesmo que deve ser o vosso.
- Mas qual é?
- Acabarmos na ponta de uma faca, ou na boca de uma espingarda, ou sacramentados, e ungidos, amortalhados em vida, no meio de padres, e tropa, com a barriga bem cheia de pão-de-ló, e vinho, algumas galinhas sem osso...
- Que estás aí dizendo, patife?
- Ah! Perdoai... havia me esquecido de que sois padre da companhia, e que portanto não podereis ter o gostinho de morrer de dependura, e à fresca, porque, segundo ouvido tenho, os vosso grandes entaipam os seus criminosos: mas... diabo leve; antes morrer enforcado do que metido vivo dentro de uma parede... Que morte! Metido entre quatro paredes, cosido com elas como com a camisa do corpo, e ali acabar pouco a pouco à fome e à sede, e com todos os sentidos... irra! Antes não ser jesuíta, e morrer enforcado!²⁵

Apesar do tom de galhofa com que foram proferidas, as palavras de Ligeiro, ironicamente, consistiram em uma espécie de profecia e as palavras do narrador colaboraram para que a morte dessas personagens fosse tomada como exemplo da punição do vício. Apaixonado por Clara, Leôncio tentaria matar o padre Roberto, que faria com que fosse vítima da própria emboscada e morresse com uma facada nas costas. Para reforçar o caráter exemplar de sua morte, o narrador observou que Leôncio fora “vítima de sua ambição e de suas imprudências!”²⁶ O jesuíta também seria responsável pela morte de Ligeiro, em quem atirou para que não comprometesse o êxito do rapto de Clara, tendo em vista que o cigano era a única pessoa que conhecia o local onde ela estava escondida. O narrador enfatizou que a morte do cigano era uma punição: “Assim acabou Ligeiro uma vida de erros e de crimes, expirando às mãos de um malvado, que o tinha feito praticar alguns!”²⁷ O padre Roberto, por sua vez, recebeu uma punição exageradamente severa pelas crueldades que praticou, pois foi emparedado pelos membros da Companhia de Jesus:

²⁵ SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. *Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*. Op. cit., p. 250.

²⁶ Idem, p.293.

Tendo parado a procissão, os que carregavam o esquife o depuseram sobre a terra: depois dois padres tomaram o que estava manietado, deitaram-no sobre o esquife, e todos os padres começaram a rezar sobre ele as orações dos mortos. Findo isto, os dois padres tomaram o que estava amarrado, e, tirando-o da tumba, colocaram-no na abertura da parede, e aí o ligaram a algumas pontas de pedras para isso adaptadas. [...] Logo que o infeliz aí ficou, dois padres armados de colheres e trolhas, com tijolos aí amontoados e cal, que já estava pronta, começaram a edificar uma parede, cerrando a abertura, em que tinham colocado o padre que estava manietado. Durante isto os outros rezavam diversos salmos. Quando a parede esteve a chegar ao fim, rezaram o *Memento*. O padre que oficiava lançou sobre a parede nova água benta pela última vez, e dizendo: *Requiem aeternam*, deu fim à cerimônia!²⁸

Quarenta anos depois, foi feita uma reforma na casa que havia sido colégio dos jesuítas e encontraram o cadáver do Padre Roberto através de uma fenda na parede, acontecimento que, segundo o narrador, teve repercussão em toda cidade. Juliano, já com 70 anos, estava entre os que viram os restos mortais.

Apesar do final em que o vício foi punido, o enredo de *Tardes de um Pintor* possui como peculiaridade a morte da protagonista, vítima do jesuíta cujas intrigas teriam inspirado o subtítulo do romance. Nesse caso, a premiação da virtude deu-se através da religião, já que Clara, graças à sua pureza, teria tido o mesmo destino dos santos católicos:

[..] E estava morta!!! Mas essa morte era bela, como a morte de um santo! [...] Diríeis que repousava em um sono tranqüilo e doce, que nesse dormir sonhava, e belo era seu sonhar, porque era sonhar com anjos do céu, porque celeste era o mimoso sorriso que divinizava seus lábios, tanto a santidade de sua vida e as graças de seu rosto haviam embelezado os horrores da morte [...].

Clara expirou sem fazer o menor movimento, como disse; e estava pois morta! Mas a morte quando tem de ceifar a vida de um santo aproxima-se dele tímida e respeitosa, porque ela sabe que seu golpe é um verdadeiro triunfo para a virtude.²⁹

As condições em que Clara faleceu colaboraram para os propósitos edificantes do texto porque, diferentemente das personagens más, ela teve uma morte sem sofrimentos. Chama atenção o fato de que o narrador reiteradamente comparou-a aos santos da religião católica que ela professava, indicando que a tranqüilidade e a beleza que se vislumbra na face da falecida eram reflexo da “santidade de sua vida”. Ao longo do enredo, a protagonista deu provas da integridade de seu caráter e teve a solidez de seus

²⁷ Idem, p. 367 .

²⁸ Idem, p. 390.

princípios morais reconhecida por várias personagens. Juliano, por exemplo, em uma das cartas que escreveu para Clara, chamou-a de “mulher sublime”, “mulher anjo”, “mulher divindade”³⁰.

A mesma retidão de caráter e religiosidade demonstradas por Clara ao longo do enredo foram as virtudes que fundamentaram as atitudes de Juliano. Outra qualidade dessa personagem era a habilidade como soldado que demonstrou possuir quando, graças a uma das intrigas do Padre Roberto, foi incumbido de lutar na batalha de Sete Povos de Missões. Devido à pureza de seus sentimentos e à sua integridade moral, os protagonistas de *Tardes de um Pintor* foram concebidos como modelo de conduta e o narrador instigou os leitores a tomarem o relacionamento de ambos como exemplo de um amor verdadeiramente puro: “Assim amam e são amados os virtuosos! Mortais, que faremos pois? Embora, amemos, que Juliano e Clara assim se amavam e virtuosos eram! [...] Poderia haver amores felizes, mais puros, porém, mais santos, não, é até impossível!”³¹

Ressaltar a virtude e a religiosidade dos protagonistas também era uma forma de realçar a vileza do antagonista, principalmente se considerarmos que Roberto era um padre. Essa foi uma das maneiras encontradas pelo autor para mesclar discussões sobre religião e considerações moralizantes ao longo do romance. Apesar de incluir personagens pertencentes a ordens religiosas diversificadas, o texto conferiu relevo às críticas à Companhia de Jesus, pois quase todos os jesuítas que participaram do enredo cometeram delitos. O episódio em que o pai de Clara preparava-se para morrer, por exemplo, mostrou uma imagem da ganância dos membros da Companhia. Segundo o narrador, Paulo era “um carola, e toda a sua queda era para os jesuítas”³², motivo pelo qual era manipulado pelo padre Roberto. Na juventude, ele havia roubado seu patrão e provocado sua morte, enriquecendo-se às custas dele. Por isso, quando adoeceu e acreditou que morreria em breve, pediu que chamassem um padre. O confessor, no intuito de induzi-lo a deixar seus bens para a Companhia de Jesus, tentou convencê-lo de que o rapto de Clara fora um castigo por seus erros passados:

[...] Deus já começou a descarregar sobre vós a espada tremenda de sua justa e sábia justiça! A morte com todos os seus horrores já talvez negreja junto de vosso leito; a vossa filha aí não aparece nem aparecerá para receber o vosso derradeiro suspiro, nem para cerrar vossas pálpebras! Castigo do Senhor aos vossos pecadores! [...] O Senhor perguntará ao vosso anjo: “Anjo, por que não defendestes esta alma?” Vosso anjo trêmulo, aflito, e desconsolado abaixará seu rosto, cobrindo-o com suas asas, e apenas em lamentosos sons dirá: “Misericórdia,

²⁹ Idem, p. 386-7.

³⁰ Idem, p.322.

³¹ Idem, p.369-70.

³² Idem, p.42.

Senhor!...” Mas o anjo da justiça divina bradará: “Não há misericórdia para o que roubou o alheio, que não o restituiu, podendo-o, e que se não arrependeu. Esta alma é condenada!...” [...] O Senhor pronunciará a vossa sentença “*I, maledicte, in ingnem aeternum!*...” Vai-te, maldito, para o fogo eterno! Imediatamente ao mar de luzes, em que nadava vossa alma, sucederá um abismo de trevas! Após, uma chama sem luz, mas que arde, mas que queima sem consumir. Ai de vós! Caído para sempre no sempiterno fogo do inferno! [...] ³³

Movido pelo remorso causado por essas palavras, Paulo pediu que chamassem um tabelião e fez um testamento em favor da Companhia de Jesus. O narrador observou que os superiores aconselharam o confessor a permanecer ao lado do doente até que morresse para assegurar que o dinheiro não fosse extraviado. Os planos desse jesuíta falharam, pois padre Roberto, na intenção de fugir com Clara, convenceu Paulo a fazer outro testamento e deixar a herança para a filha.

Nos romances anteriores, as discussões sobre mulher foram contempladas sobretudo em episódios que envolveram personagens femininas adúlteras. Em *Tardes de um Pintor*, porém, essas questões foram tratadas em acontecimentos que envolveram Clara, a protagonista virtuosa a quem o autor elevou a modelo de conduta. Influenciado pelas intrigas perpetradas pelo padre Roberto e pelos conselhos que recebia dele, Paulo pediu à filha que desistisse do casamento com Juliano. Apesar de atender a esse pedido, ela não se dispôs a obedecer todas as ordens do pai, pois preferia ir para um convento a casar-se com Leôncio:

- Mas não te ofereço eu em troca de Juliano um jovem digno de ti, e mais formoso, e mais belo que Juliano?
- Em troca, meu pai? O objeto que se ama fica acima de tudo quanto há no mundo; não sofre comparação com coisa alguma; como pois falais em troca? [...] Trocar Juliano, por Deus! Perco um esposo mortal, ganho um esposo divino! Esta é a única troca que pode ser em meu favor: nem vós, meu pai, vos podereis com razão vos opor a ela.
- Pois eu me oponho a que cases com Juliano e a que entre para um convento.
- A que case com Juliano, sim, meu pai; mas a que entre para o convento, não. Para isso não preciso mais que alguns centos de mil-réis para minha dotação, e para isso me sobra a legítima de minha mãe. Quanto mais que esta sempre foi minha vontade. O amor de Juliano me fez mudar de voto; mas uma vez que sou forçada a abandoná-lo, volto à minha primeira vocação. Quero pois o convento. ³⁴

A personagem estava determinada a defender seus interesses. Além de alegar que o pai não tinha motivos para impedir sua clausura, ela se mostrou disposta a desobedecê-lo e, conhecedora de seus direitos, declarou que usaria o dinheiro que herdara da mãe como dote para ingressar no convento. Apesar

³³ Idem, p. 351-2.

³⁴ Idem, p.162-3.

disso, a obediência ao pai fez com que, diante da insistência dele e do padre Roberto, ela concordasse em desposar outro homem caso Juliano morresse. A falsa notícia da morte de seu amado espalhou-se pelo Rio de Janeiro e Clara, em nome de seus princípios morais e religiosos sólidos, aceitou casar-se com Leôncio. A sujeição da personagem, porém, não foi completa, pois ela pretendia suicidar-se depois do matrimônio, o que não se deu porque, graças à volta de Juliano, a cerimônia do casamento foi interrompida. As palavras da protagonista, aliadas à decisão de morrer para não se submeter à convivência com um marido a quem não amava, colaboram para que as passagens relativas ao seu casamento discutam, indiretamente, o lugar da mulher na sociedade. Nesse sentido, assim como em *O Filho do Pescador* e *As Fatalidades de Dois Jovens*, denunciam-se as injustiças cometidas contra o “belo sexo” por parte de uma sociedade conivente com os desmandos masculinos, num diálogo explícito com as séries de artigos sobre a mulher divulgadas pelo autor na *Marmota*, principalmente as passagens que discutiram o casamento forçado.

O recurso de dispor os eventos do enredo de modo a conduzir a um final em que a virtude é recompensada e o vício é punido, presente nos dois primeiros romances do autor, também foi utilizado na elaboração de *Maria ou A Menina Roubada*. Augusto viajava com a filha rumo à cidade do Rio de Janeiro quando recebeu um tiro que, apesar de não matá-lo, permitiu que roubassem sua filha. Estevão, autor do crime, entregou a pequena Maria para Laura, uma negra que prometera fazer um feitiço por meio do qual ele obteria o amor de uma mulher que o rejeitava. A suposta feiticeira agia segundo as ordens de Pedro Mandingueiro, um escravo forro que urdira um plano por meio do qual pretendia obter dinheiro de Estevão, como pagamento pelo suposto feitiço, e do pai de Maria, pela restituição da filha.

José Pachola, um escravo de boa índole, tentou roubar a menina para entregá-la ao pai, mas, enquanto brigava por ela, Maria fugiu. Mandingueiro tentou tirar a vida do escravo para vingar-se, mas acabou morrendo. Pachola foi enviado para a casa de um parente de sua senhora, mas, antes de viajar, tornou públicos os crimes de Estevão, que desapareceu da região.

Maria, que estava com seis anos, escondeu-se no mato por alguns dias até que encontrou a estrada e foi acolhida por um grupo de mineiros em viagem. Ela imaginava que seu pai estivesse morto e, por isso, quando passaram pela Vila de Paraíba do Sul, D. Lordecene, parente de um dos viajantes, adotou-a. Esta senhora possuía um filho chamado Alfredo, cerca de dois anos mais velho que Maria.

Passados onze anos, Maria tomou a sério uma brincadeira em que Alfredo mencionou o fato de ela ser órfã e, ofendida, fugiu de casa no intuito de, vestida como homem, chegar a um convento. Ao pernoitar em uma estalagem, mantendo o disfarce, ela reencontrou José Pachola, que viajava em companhia de seu

senhor e confirmou-lhe que João Esteves, o dono do estabelecimento onde estavam, era Estevão. À noite, o malfeitor invadiu o quarto com o intuito de roubá-la, insinuando que sabia tratar-se de uma mulher, mas Maria lhe propôs um duelo de pistolas do qual, apesar das trapaças do adversário, saiu vitoriosa. Na manhã seguinte, ainda com vestes masculinas, ela contou sua história ao juiz de paz e descobriu que se tratava de Augusto, seu pai, que se estabelecera na Vila de Paraíba do Sul para cuidar de uma herança. Depois do reencontro entre pai e filha, ela insistiu em ser presa e julgada pela morte de Estevão, mas manteve seu disfarce diante das demais pessoas. Alfredo, arrependido, havia recontrado Maria e executou um plano engenhoso por meio do qual, aproveitando que, para as demais pessoas, ela era um homem, libertou-a, fazendo com que a todos acreditassem que o criminoso desconhecido havia fugido. Dois anos depois, Maria e Alfredo casaram-se. Nessa ocasião, José Pachola, como prêmio pelas suas atitudes, foi alforriado e Augusto, cumprindo a promessa que fizera para encontrar a filha, ingressou na vida religiosa.

Apesar de o narrador declarar que pretendia “narrar os factos sem demorar-se na moralidade deles; salvo quando fo[sse] de absoluta necessidade³⁵”, o autor não perdeu de vista o valor que seus contemporâneos atribuíam à moralidade dos romances. Afinal, uma das características marcantes de *Maria ou A Menina Roubada* é a abundância de recursos aparentemente destinados a despertar no leitor a simpatia pelas personagens virtuosas e o repúdio pelas corrompidas. Para tanto, a obra explorou a caracterização das mesmas, como se verifica na apresentação da feiticeira Laura:

Esta pequena, e immunda choupana não tinha senão dous repartimentos, um quarto de dormir e uma sala, que ao mesmo tempo servia de cosinha. [...] A unica habitadora desta asquerosa e medonha habitação, era uma negra velha, alta e magra, como uma palmeira; seus cabellos já não pouco brancos, suas faces em demasia rugosas e cahidas, seus olhos pequenos, fundos, e ensaquentados, suas longas orelhas repuxadas, seu aspecto repugnante, tudo emfim, tudo dava a esta creatura um semblante assustador, terrivel e diabolico.³⁶

Antes de atribuir uma aparência física desagradável à personagem, o narrador mencionou detalhes da localização de sua casa e descreveu minuciosamente o ambiente, parecendo insinuar que os adjetivos “asquerosa”, “medonha”, “repugnante” caracterizavam tanto a habitação quanto sua moradora. O cenário condizente com as características da personagem colaborava para que a feiticeira fosse vista com maus

³⁵ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *Maria ou A Menina Roubada*. In: *Marmota Fluminense* – jornal de modas e variedades. Rio de Janeiro: Tip. de Paula Brito, n. 296, 14/09/1852.

³⁶ Idem. In: *Marmota Fluminense*, n. 295, 10/09/1852.

olhos pelo leitor. A tentativa de despertar antipatia esteve presente na caracterização de todos os antagonistas, principalmente Estevão, o autor do crime que desencadeou os acontecimentos narrados:

O Snr. Estevão era um mocetão, alto, gordo, claro, corado, de olhos azues, cabelo louro, faces rechonchudas e vermelhas, testa pequena, olhos grandes, e á flor do rosto, maçãs proeminentes, labios finos e arrebitados, fronte alegre, mas que nada inculcava. O narrador não sabe si o Snr. Estevão era, ou não estúpido; mas póde assegurar, sem medo de erro, e exageração, que o sr. Estevão era ignorante como um africano, credulo, como menino; mas voluptuoso como um asiatico! Por felicidade não era elle tão rico que podesse satisfazer todos os seus desejos; mas tinha patacas.

– Para completar o retrato moral deste personagem, releve o leitor que lhe digamos, que o Snr. Estevão era usurario. como um somitico; e somitico, como um usurario! capaz de praticar vilanias por um vintem, não duvidava, todavia, botar fóra rios de dinheiro por uma mulher, de quem gostasse, porque um ente dessa natureza não ama, mas profana o amor; pois, que não considera em uma mulher senão, um ser feito para os gozos e caprichos do homem, rebaixando dest’arte o ente mais bello da criação ao aviltante gráo de uma cousa sem pensamento, sem acção e sem vontade!³⁷

A primeira descrição de Estevão mencionou elementos que, ao mesmo tempo que o caracterizaram, permitiram conhecer os motivos pelos quais cometia leviandades. Afinal, foi o fato de ser “ignorante”, “crédulo” e “voluptuoso” que o levou a crer nas mentiras de Mandingueiro e raptar Maria. Para enfatizar a leviandade da personagem, o autor incluiu, ao longo do texto, comentários por meio dos quais o narrador emitiu julgamentos sobre Estevão, como a frase “todo homem covarde e malvado é vingativo”³⁸.

O mesmo empenho de levar o leitor a condenar os vícios que moviam as atitudes das personagens corrompidas foi empregado para promover a identificação do público com as personagens virtuosas. Para tanto, Maria e Augusto protagonizaram cenas em que seus sentimentos foram cuidadosamente descritos:

Figurae uma avesinha gemendo saudosa sobre o triste ramo, em que até ali existira seu ninho, aonde com tanto amor alimentára seus filhos ainda implumes pequeninos... Um travesso menino roubou-lhe o ninho e os filhos... [...] Figurae um moribundo no leito de dôr, sentindo pouco a pouco morrer em seu coração o derradeiro raio de luz da esperança!.. Figurae, emfim, uma cidade deserta, porque a mão do anjo de Deos soprou sobre seus habitantes o flagello da terrivel peste, flagello com que o Senhor ás vezes castiga os peccados da terra!.. E, si podeis ainda figurar alguma cousa de mais triste, figurae, figurae; porque era assim que estava o coração de Augusto, quando reconheceu a dificuldade, ou talvez impossibilidade, de achar sua filha!³⁹

³⁷ Idem. In: *Marmota Fluminense*, n. 296, 14/09/1852.

³⁸ Idem. In: *Marmota Fluminense*, n. 312, 09/11/1852.

³⁹ Idem. In: *Marmota Fluminense*, n. 309, 29/10/1852.

Além de sugerir várias imagens de desalento, o narrador pediu ao leitor que imaginasse outras situações de tristeza, como se desejasse fazer com que ele *sentisse* a dor da personagem, ou, ao menos, ficasse comovido com a leitura daquela passagem. Outro recurso utilizado para promover a identificação do público foi incluir, no texto, perguntas atribuídas ao leitor:

Voltemos á nossa pobre Maria. Ella é tão criancinha!... Bem vêdes; não tem ainda sete annos!... Como pois deixal-a entregue a si mesma? como desamparal-a, no meio de um deserto, sem ter quem vele por seus dias? Oh! isto é duro, muito duro! não; ella o não merece...

Pensae. Figurae-vos num bosque, ou numa capoeira de machado, mais ou menos espessa [...]. Pouco depois tudo é noute, tudo é quasi silencio! [...] Agora, no meio desta solidão, envolvida por estas trevas, que as folhagens das arvores mais carregavam ainda, [...] só como n'amplidão dos mares um único navio rodeado de mares e de céos; figurae a pobre Maria, e dizei si devemos, ou não ir em seu soccorro? Vós o approvaeis; pois bem: vamos.

40

Para despertar o interesse (e a piedade) pela personagem, o narrador descreveu a situação amedrontadora pela qual ela passava, utilizando a pontuação para conferir mais expressividade ao texto. O recurso retórico de incluir uma pergunta seguida de uma suposta resposta era, também, uma forma de projetar a reação que esperava do público diante do episódio narrado.

A projeção de reações do leitor esteve presente em passagens que sugeriram que a leitura do romance deveria conduzir ao pranto. A primeira delas foi a seguinte observação do narrador: “[...] dizei si Maria não tinha sido assás desgraçada, e si não é bem digna de toda a compaixão! Pois bem: Maria merece até nossas lágrimas; o que, não obstante, é preciso abandonal-a a seus destinos⁴¹.” Capítulos depois, a sugestão de que as desventuras da pequena criança deveriam arrancar lágrimas do leitor foi repetida por uma das personagens. Maria, ainda disfarçada de homem, ignorava que o juiz de paz era seu pai e contou-lhe detalhadamente os acontecimentos que sucederam ao rapto, referindo a si mesma como uma terceira pessoa. Diante das lágrimas do ouvinte, a personagem observou: “- V. S. chóra? [...] Maria é bem digna dessas lagrimas. Obrigado!.. Seja abençoado... seja abençoado por essas lagrimas de compaixão!⁴²”

⁴⁰ Idem. In: *Marmota Fluminense*, n. 308, 26/10/1852.

⁴¹ Idem. In: *Marmota Fluminense*, n. 318, 30/11/1852.

⁴² Idem. In: *Marmota Fluminense*, n. 327, 31/12/1852.

Dentre as questões moralizantes tratadas no texto, cumpre mencionar, ainda, a discussão da situação da mulher na sociedade. Diluídas em passagens que envolveram Maria, a protagonista, as considerações efetuadas por algumas personagens e pelo narrador dialogaram com as palavras proferidas pelo autor em seus artigos sobre o “belo sexo”. É o que se verifica na passagem em que Augusto, preocupado, falou a um amigo sobre a angústia que sentia por desconhecer o paradeiro da filha:

Quem sabe si, victima de uma sociedade immoral e corrompida, cahisse nos torpes laços urdidos pelos impudicos ardores de um seductor libertino; e que decahida no meio dessa sociedade pharisaica, sem leis, e sem pudor, que não guia a mulher, que não a defende, que não a ampara, e que não a socorre; se veja hoje desprezada, escarnecida, e infamada nessa sociedade, que victorêa a mentira, applaude o crime do enganador, para com diabolico cynismo, com satanico desprezo cuspir esse mesmo crime á cara da miseranda enganada!..⁴³

Alguns capítulos depois, o leitor descobriria que os temores de Augusto eram infundados, pois Maria fora adotada por D. Lordecene, uma mulher bastante virtuosa que cuidou de sua educação e deu-lhe uma formação moral sólida, impedindo que fosse mais uma “vítima de uma sociedade imoral e corrompida”. A idéia de que as mulheres eram “vítimas” dos desmandos masculinos já havia aparecido em narrativas anteriores, como, por exemplo, *O Filho do Pescador*.

Em *Maria ou A Menina Roubada*, existem também passagens que abordam a situação da mulher brasileira no Oitocentos através da crítica ao casamento forçado. É o que se verifica nos acontecimentos que envolveram Thereza, a mulher que Estevão queria conquistar através do feitiço que o levou a raptar a filha de Augusto. Como a amada continuava a recusar suas investidas, o malfeitor decidiu vingar-se fazendo com que o patrão acreditasse que ela recebia um amante em sua casa e a despedisse. Quando a verdade foi descoberta, Bento desculpou-se e permitiu que Thereza defendesse sua imagem de mulher virtuosa:

- Em todo o caso é que, victima da prepotencia de meus paes, fui levada quasi de rastos ao altar para unir-me a um homem a quem não tinha amado, não amava, e nunca amei; porque o homem a quem havia amado, de dos meus quatoze (*sic*) annos, havia sido o senhor. Casada com um homem, ao qual não amava, e ao qual tinha motivos de aborrecer; o homem a quem sempre eu havia amado, o Snr. Bento, julgou achar-me fraca neste amor, e mais fraca no aborrecimento que eu votava a meu marido; e não obstante amar o Snr. Bento, as caricias, offerecimentos, conselhos, pedidos, rogos, tudo quanto o Snr. Bento empregou para seduzir-me, para desviar-me de minhas obrigações, foram debalde! O aborrecimento ao meu marido, imposto pelo interesse, achou-me firme

⁴³ Idem. In: *Marmota Fluminense*, n. 321, 10/12/1852.

em meus deveres, a paixão, e as sugestões do meu primeiro amante não me puderam abalar! Isto, senhor, valia alguma coisa... Só ao depois de viúva é que, fiel á minha primeira afeição, lancei-me nos braços do Snr. Bento, com a minha pequena fortuna, que bem me chegava. Não foi a necessidade que me impelliu, foi o amor... e a mulher que não foi falsa a um marido não amado, sel-o-ia a um amante tão querido, e tão desejado sempre?... Snr. Bento, sou de mais nesta casa... Adeus!..⁴⁴

Além de ser uma *lição moralizante*, a discussão sobre os dissabores causados às mulheres pelos pais que as obrigavam a desposar homens a quem não amavam também funcionou, na passagem em questão, como forma de ressaltar a virtude de Thereza. Afinal, ela foi fiel ao marido e só depois de viúva resolveu aproximar-se do homem a quem amava. Após o desabafo e os reiterados pedidos de desculpa de Bento, Thereza o perdoou e, algum tempo depois, eles se casaram.

Para conferir um tom edificante à narrativa, o autor também incluiu a religiosidade, elemento que percorreu todo o enredo, principalmente porque Maria e o pai eram católicos. Augusto recorreu a N. S. da Penha quando perdeu as esperanças de encontrar a filha e prometeu ingressar na vida religiosa caso voltasse a encontrá-la tão casta quanto era quando foi raptada. Como prêmio pela sua conduta virtuosa, seu desejo foi atendido e ele, no mesmo dia em que a filha casou-se, cumpriu a promessa. Maria relatou que, quando criança, nos dias em que esteve perdida no mato, repetia incansavelmente a pequena oração que aprendera com o pai, indicando que era religiosa como ele:

- Maria teve fome, e Deos lhe mostrou um goiabal: teve sede, e Deos lhe mostrou agoa. Maria acreditou que duas lindas juritys eram dous anjinhos de Deos, que velavam por ella. Á noute a filhinha de Augusto arranhou uma cama de folhas seccas, aonde deitou-se, e dormiu: e a unica filha de Augusto, sua rica e tão querida herdeira, só teve por companheiros os bichos dos matos, talvez compadecidos de sua miseria! [...] Assim correram alguns dias sem novidade. Todas as manhãs, todas as tardes, e sempre que Maria tinha medo, ella ajoelhava-se, punha as mãosinhas, e orava assim: "Mamãe do Céu, pedi a Papae do Céu por mim..."⁴⁵

Assim como as preces de seu pai, a oração de Maria foi atendida. As dificuldades superadas pela personagem podem ser tomadas como forma de o autor incluir, em narrativa, acontecimentos que exemplificassem a máxima segundo a qual a virtude seria sempre recompensada.

Diferentemente dos protagonistas virtuosos, Estevão recorria à feitiçaria para obter ajuda, já que seus pedidos eram movidos pelo vício. Para manter o teor edificante e religioso do romance, o autor

⁴⁴ Idem. In: *Marmota Fluminense*, n. 317, 26/11/1852.

⁴⁵ Idem. In: *Marmota Fluminense*, n. 327, 31/12/1852.

assinalou sua descrença nessas práticas. Quando mencionou os objetos de feitiçaria que se encontravam na “imunda choupana” de Laura, por exemplo, o narrador observou que se tratavam de “futilidades”, “extravagâncias”, enfim, “coisas tão caprichosas que fariam rir a um filósofo e horrorisar a um supersticioso” ⁴⁶. Assim como o narrador, Laura, a suposta feiticeira, não acreditava no poder de suas mandingas:

José Pachola assentou-se. A feiticeira proseguiu:

- Conheceis um Estevão, que mora lá para o Irajá?

- Conheço muito.

- Pois meteu-se na cabeça desse pateta que havia mandinga, ou feitiço, para apanhar moças...

- E não ha?

- Ha; e até são dous feitiços...

- E quaes são?

- Amor, ou dinheiro. Quando uma moça ama a um homem, elle póde apanhal-a com amor; o outro meio é apanhal-a com presentes, si ella é interesseira⁴⁷.

Laura revelou todos os detalhes do plano por meio do qual Mandingueiro pretendia utilizar os supostos poderes da feitiçaria para enganar Estevão e obter uma recompensa cujo valor seria dividido entre ambos. Findo o relato, o narrador observou que julgara necessário incluir o “tosco intretenimento entre o Pachola e a feiticeira” para que o leitor conhecesse não só os motivos que levaram ao roubo de Maria, mas também “as velhacadas dos encantamentos e feitiçarias de Laura”. Outro meio utilizado para condenar práticas contrárias ao cristianismo foi associá-las às personagens corrompidas. Com exceção de Laura, que desapareceu depois do seqüestro de Maria, as outras duas personagens que se envolveram com feitiçaria, Pedro Mandingueiro e Estevão, morreram.

No prefácio de *A Providência*, o último romance de sua autoria, Teixeira e Sousa chamou atenção dos leitores para a necessidade de acompanhar todos os acontecimentos antes de tirar conclusões sobre a moralidade do texto. Podemos dizer que o autor estava certo ao zelar pela recepção dessa obra, já que a narrativa colocava o público leitor oitocentista em contato com assassinatos, adultérios, mentiras, roubos e outros delitos cometidos por personagens que se regeneraram ou morreram.

Chagas era um português que veio para o Brasil e, tendo engravidado uma moça, casou-se sem o consentimento dos pais. A esposa, depois de dar à luz duas meninas, faleceu e ele ingressou na vida

⁴⁶ Idem. In: *Marmota Fluminense*, n. 295, 10/09/1852.

⁴⁷ Idem. In: *Marmota Fluminense*, n. 306, 19/10/1852.

religiosa, deixando Branca e Rosa sob o cuidado de parentes. Na juventude, Branca engravidou e seu pai, acreditando que ela estava sendo castigada para que ele pagasse por suas faltas, tentou ajudá-la e criou o bebê como se fosse uma criança abandonada que ele protegia. Algum tempo depois, ela se casou com João Batista, que sabia da existência da criança. Benedito, o filho de Branca, cresceu como órfão e, aos 13 anos, foi enviado a Portugal para estudar.

Branca faleceu e João Batista viveu no Rio de Janeiro com a filha de ambos. Quando Rosa Branca completou 13 anos, ele a deixou sob os cuidados da cunhada Rosa e voltou para sua fazenda na região de Cabo Frio. Uma pequena parte das terras de João Batista havia sido arrendada para Felipe, um português que residia com a mulher e a filha. Na verdade, ele se chamava Afonso Aranhas, um criminoso espanhol que perdera a fortuna em um naufrágio e foi deixado no Rio de Janeiro. Foi graças a seus conselhos que Justino e Pedro, dois desconhecidos que chegaram à região, montaram uma venda. O mais novo deles, Pedro, envolveu-se com Narcisa, mas, apesar de apaixonados, eles se separaram porque pretendiam encontrar casamentos vantajosos. Dois anos depois, Narcisa casou-se com João Batista.

Após o casamento, Narcisa manteve o relacionamento com Pedro e foi cúmplice dos planos criminosos do amante contra seu esposo. Ela se arrependeu desses erros quando foi abordada por um vulto que denunciou seus crimes, desvendou a identidade de seus antepassados criminosos e ameaçou-a com a punição divina. O vulto era seu pai, que enlouquecera por remorso e, depois de algum tempo vagando pelas estradas, morreu.

Apesar de ser um homem virtuoso, João Batista, antes do casamento, havia cometido faltas graves que mantinha em segredo: o envolvimento com uma mulher casada com quem teve um filho cujo paradeiro desconhecia e o fato de, embriagado, ter estuprado uma moça. Ao longo do romance, ele descobre que a mulher que estuprara na juventude fora Branca, sua falecida esposa, e que desse ato resultaram filhos gêmeos: Benedito, que voltara recentemente de Portugal, e Arcanjo, que fora criado como filho por um amigo da família.

Justino havia planejado a morte de João Batista, mas o plano malogrou. Pedro, seu comparsa, descobriu que o fazendeiro era seu pai e decidiu salvá-lo tornando-se vítima da emboscada que ajudara a armar para assassiná-lo. Antes de morrer, ele revelou sua identidade ao pai e falou sobre os crimes que cometera. João Batista descobriu, também, que Justino era um nome falso utilizado pelo marido da mãe de Pedro, Graciano, que matara a esposa no passado e pretendia tirar a vida do antigo amante para completar a vingança. Graças a Narcisa, o criminoso caiu num pântano e morreu.

Apesar do caráter *imoral* de algumas passagens, como o estupro de Branca, os eventos de *A Providência* foram dispostos de modo a castigar o vício e premiar a virtude. Afinal, todas as personagens que tiveram má conduta foram punidas, mesmo aquelas que, arrependidas de suas faltas, tornaram-se pessoas virtuosas.

Foi o que se sucedeu, por exemplo, com o padre Chagas, um homem que, na juventude, manteve relações sexuais ilícitas com Rosa, uma jovem por quem estava apaixonado e, quando soube de sua gravidez, casou-se com ela sem o consentimento dos pais. Por isso, quando narrou seu passado ao neto Benedito, enfatizou que o fato de Rosa ter morrido no parto fora uma justa punição de seus erros: “Todos em sua vida teem um grande dia! e este dia moral é composto, metade de prazeres e metade de dôres, como o dia natural o é, metade de luzes e metade de sombras.”⁴⁸ O castigo, porém, não estava completo, mesmo ele tendo se dedicado à vida religiosa depois do falecimento da esposa. Quando Branca, uma das filhas à que Rosa dera à luz antes de morrer, engravidou antes de casar-se, ele declarou que viu “na história da filha a historia dos pais”, concebendo o acontecimento como um “justo castigo” pelas faltas que cometera na juventude⁴⁹.

O mesmo se deu com João Batista, personagem reconhecida pelas demais como virtuosa. Na juventude, ele se envolveu com uma mulher casada com quem teve um filho que, anos depois, ignorando sua verdadeira origem, esteve prestes a compactuar com a morte do próprio pai. Quando soube que Pedro era seu filho Vicente e que ele havia morrido em seu lugar, João Batista considerou-se punido pela Providência:

- E comtudo ainda não expiei meus crimes... Minhas dôres, meus remorsos, minhas lagrimas, minhas esmolos, meus benefícios, minhas humilhações e todos os meus sacrificios, nada enfim tem podido aplacar o endurecido céu! A morte de meu desgraçado filho é ainda um castigo do céu, e ainda uma expiação de meus crimes! A Providencia assim o decretou! Porque não morreu elle antes de eu o conhecer? Não, que por meu castigo só conhecê-lo devia no mesmo momento em que uma terrivel vingança armava contra mim seu braço! Devia-o pois conhecer para abraça-lo no leito da morte, quando a vingança com uma mão de ferro, levantando o véo que occultava um dos meus crimes, com esse mesmo véo suffocava a vida de meu filho!⁵⁰

Movido pelo remorso, ele confessou que cometera outro ato vil, revelando que, no passado, havia estuproado uma mulher. Por isso, aceitara casar-se com Branca mesmo sabendo que ela possuía um filho

⁴⁸ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *A Providência*. Op. cit., tomo III, p.30.

⁴⁹ Idem, tomo III, p.32.

⁵⁰ Idem, tomo V, p. 42.

de outro homem, no intuito de expiar essa falta. Nesse momento, a intervenção da providência divina foi novamente apregoada, pois o padre Chagas revelou que a moça a quem violentara era a mesma que havia desposado e ele descobriu que Benedito e Arcanjo eram seus filhos.

Narcisa, apesar das faltas cometidas, não foi punida tão severamente como as demais personagens criminosas. Entretanto, arrependeu-se de suas atitudes quando, sem saber que se tratava de seu pai, foi interceptada por um homem que, dizendo falar em nome da Providência, mostrou-lhe sua perversidade, levando-a a sentir um profundo remorso. Buscando refúgio na religião, ela comprovou sua disposição em regenerar-se quando reconheceu suas faltas e terminou o relacionamento com Pedro:

[...] Deus pois me castigou por meio de minha ambição: fez-me rica, e bem depressa a sociedade das riquezas e dos prazeres trouxeram-me enojo! Lançada no caminho da desordem e do crime, não vi senão minhas riquezas, não ouvi senão meus caprichos, não segui senão meus prazeres! Quando porém acreditava que só eu, que só meu complice sabíamos dos meus desmanchos e indignidades, eis que, como por um encanto, assoma ante meus olhos um fantasma, um demonio, um... que sei eu?! um bom ou mau genio enfim, um ente incompreensível como Deus! [...] Elle lança-me em rosto os meus crimes, mostra-me a mancha da ingratidão que negreja sobre a minha fronte, annuncia-me a maldição celeste, e desaparece, deixando-me aniquilada debaixo do peso de meus crimes e desta maldição funesta! Volto depois a mim; minha alma carecia de consolação, meu coração de esperanças, e ambos de soccorro... mas ah! busca-os onde? A verdadeira consolação existe na religião, e eu a tinha esquecido! a verdadeira esperança só vem de Deus, e eu o havia expellido do meu coração! [...] Arrependida, chorando sobre minhas culpas, eu sentia meu coração mais desassombrado, e minha alma dilatar-se! [...] Pedro, meu amigo, aproveitai o meu exemplo... voltemos ao seio da religião, entreguemo-nos a Deus, que só nelle se encontra a verdadeira felicidade que póde haver sobre a terra⁵¹

Narcisa instigou o amante a arrepender-se como ela e refugiar-se na fé. A ênfase no benefício da religião devia-se ao fato de que Pedro era ateu. Quando a alfabetizou, fez com que ela entrasse em contato com escritos que colaboraram para apagar os poucos princípios religiosos que sua mãe havia conseguido lhe ensinar, tendo em vista que o pai de Narcisa negava a existência de Deus. Diante da sinceridade do arrependimento da amante, Pedro ficou muito abalado:

Basta... mulher extraordinaria! mulher sublime! Cahir como tu cahiste é uma trivialidade; mas erguer-se como tu te ergues é uma maravilha nova na historia dos arrependimentos! [...] Não é pois a virtude uma palavra vaga! ella existe! e a virtude em uma mulher reveste-a de um character inteiramente supremo! Narcisa, de hoje em diante eu respeitarei as vossas resoluções como decretos da natureza! [...] A vossa visão foi um aviso de Deus! O vosso

⁵¹ Idem, tomo IV, p. 47.

arrependimento uma inspiração! A vossa dedicação à virtude, a vocação de um Paulo! A vossa abnegação á vida, a dôr de Magdalena! E em todos os vosso pensamentos eu não vejo senão uma revelação de Deus. [...] ⁵²

As palavras da personagem colaboraram para que o leitor ficasse convencido de que Narcisa estava mesmo disposta a expiar suas culpas. Afinal, comparou o apego que ela desenvolvera pela religião à dedicação do discípulo Paulo e, como se sucedera com Laura, a protagonista de *O Filho do Pescador*, a personagem foi comparada a Madalena.

As passagens destinadas a tratar de Narcisa também fornecem exemplos do diálogo que o autor estabeleceu, nesse romance, com as considerações sobre a situação da mulher divulgadas em seus artigos sobre o “belo sexo”. Chama atenção, nessa obra, o espaço dado pelo autor às discussões a respeito da educação feminina nas cenas que envolveram essa personagem que, segundo o narrador, não recebeu dos pais uma educação adequada:

Era pois na idade em que Narcisa, occupada toda de suas bonecas, nem a menor attenção dava a todas essas riquezas de que por ventura ouvia fallar. Tocou aos trezes annos; ouviu fallar do ouro e das sumptuosidades gozadas pelos grandes da terra; então diria ella consigo: - *Como é bom possuir riquezas!* Depois ouvir fallar de criados vestidos de bordadas librés, de escravos de todas as cores, de cavallos arabes, de ricas berliandas, de dourados coches, de palanquins, de cadeirinhas, etc...: então diria ella: - *Se eu fosse rica!*... Depois ouviu fallar do poder das mulheres formosas, dos milagres que operavão, dos cultos que gozavão, e da fortuna a que algumas chegavão, pelo unico facto de serem bellas, ainda nascidas no fundo da pobreza. Então Narcisa diria talvez consigo: - *Oh! eu sou formosa!* De então por diante a idéa fixa desta linda camponeza era: - *Eu sou formosa! hei de ser rica!*

[...] Não obstante o que deixamos dito, Narcisa tem bom coração, e até impulsos generosos! Um preceptor habil e interessado na sua educação talvez tirasse proveito até de seu ânimo ambicioso e de sua vaidade. ⁵³

O narrador mostra como, através das palavras do pai, a idéia de possuir riquezas foi plantada na mente e no coração de uma camponesa que nunca havia tido contato com luxos e riquezas. Apesar de reconhecer sua ambição e vaidade, ressaltou que ela possuía qualidades morais e que uma educação bem direcionada teria feito dela uma mulher virtuosa. As palavras acima ecoaram as considerações tecidas pelo autor, anos antes, em “A Mulher”. Nesse texto, Teixeira e Sousa foi categórico quando se dirigiu aos pais e postulou que a educação das filhas era determinante para que elas tivessem uma conduta correta:

⁵² Idem, tomo IV, p. 53.

⁵³ Idem, tomo I, p. 11-12.

“Quereis vossas filhas dignas de si mesmas e dignas de vós? educai-as para a virtude”⁵⁴. Segundo ele, a discrição era fundamental para a família que quisesse formar uma mulher “pura aos olhos de Deos, innocente aos olhos do mundo, e digna á seus proprios olhos”:

Esta pureza, esta innocencia, e esta dignidade constituem em seu favor um culto, cujo respeitavel mysterio é a pureza da alma da Mulher, e a virgindade de seu coração. Para isto é preciso na familia os mais rigidos costumes, e a mais cuidadosa circumspecção, e de tal sorte que jámais uma palavra indiscreta fira os ouvidos da virgem, para que ella não peça sua explicação, por não a entender; porque si a entende, ai della; si não a entende, e pede a explicação, ou é mister uma indecencia, ou uma mentira. [...] Os ouvidos os mais castos podem se habituar a palavras indecentes e impudicas, o que é horrivel, como a sensitiva, que não obstante a sua delicada irritabilidade, continuamente abalada, acostuma-se ao movimento, e a final destende as suas mimosas palmas, no meio de uma agitação indecente.⁵⁵

Dentre os aspectos que caracterizariam a “rigidez de costumes” sugerida aos pais, o autor destacou a importância de selecionarem-se os assuntos a serem tratados diante de suas filhas, indicando que a “palavra indiscreta” era uma arma eficiente para a corrupção feminina. Podemos dizer que o percurso da personagem Narcisa mostrava as conseqüências funestas da falta de “circumspecção” de seu pai. Afinal, as “palavras indecentes e impudicas” a que seus “ouvidos castos” foram expostos ao longo dos anos incutiram nela a vaidade e ambição desmesuradas que conduziram ao vício.

Narcisa também tinha em comum com Laura, a protagonista de *O Filho do Pescador*, o fato de que, segundo o narrador, os crimes que cometera decorreram do fato de ter-se deixado levar pelas palavras de um sedutor. Quando se arrependeu dos erros cometidos, a convicção com que falou ao amante convenceu-o de que estava disposta a regenerar-se e ele quis ajudá-la:

- Mas disse-me, Narcisa, se Deus chamar vosso marido primeiro que a vós, que fareis de vós?
- Encerrar-me-hei nas paredes de um recolhimento, e...
- Não, Narcisa, não é preciso isso para se viver com virtudes. [...] Fui eu, Narcisa, quem vos ensinou doutrinas perniciosas e abomináveis! fui eu quem vos seduziu! fui eu quem vos ensinou a peccar! Devo tambem ser quem vos guarde e defenda! Se peccamos juntos, juntos expiemosos nossos peccados! [...]⁵⁶

⁵⁴ Teixeira e Sousa. “A Mulher”. In: *Marmota Fluminense*. Rio de Janeiro: Typ. Dous de Dezembro, n. 277, 09/07/1852.

⁵⁵ Teixeira e Sousa. “A Mulher”. In: *Marmota Fluminense*. Rio de Janeiro: Typ. Dous de Dezembro, n. 278, 13/07/1852.

⁵⁶ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *A Providência*. Op. cit., tomo IV, p. 53.

Fazendo Pedro reconhecer sua culpa pelos erros da amante, o autor reforçou a imagem de Narcisa como vítima da influência do sedutor. Antes de morrer graças ao tiro que recebera no lugar do pai, Pedro informou a João Batista que era seu filho e confessou todos os crimes que praticara, tendo o cuidado de omitir os erros de Narcisa, pois acreditava que ela tinha boa índole e fora influenciada. Vale destacar que Pedro também foi caracterizado como uma personagem cuja boa índole foi prejudicada por uma educação inapropriada. Diferentemente da amante, que nascera pobre e desenvolvera a ambição graças às palavras nostálgicas de um pai que havia sido rico, ele se tornou uma má pessoa porque a família não soube impor limites às suas vontades:

Este menino, logo nos seus primeiros annos, mostrou alguma comprehensão e talento; seu genio era brando, seu character timido, e sua vontade flexivel; com taes disposições, seria o que seus preceptores quizessem que elle fosse; porque,além destas boas qualidades, tinha bom coração: mas seus pais, mais amantes que justos, longe de formarem a alma de seu filho, importarão-se só com o ter um filho bonito, espirituoso, que soubesse vestir-se bem, e que fizesse uma cortezia com graça: a virtude e a sisudeza ficarão esquecidas. Estes pais, por um louco amor, deixarão que seu filho desde seus primeiros annos fizesse tudo quanto lhe parecesse [...]. O menino pois tinha viveza, e os pais tolice.⁵⁷

Acostumado a ter tudo o que queria e a não respeitar as pessoas nem as regras, ele foi uma presa fácil para Justino quando este entrou para o seio de sua família com o intuito de corrompê-lo. Apesar de, como Narcisa, ter sido vítima da inabilidade de pais que não souberam educá-lo corretamente, Pedro não escapou da morte.

A *Providência* também possui em comum com os romances anteriores a presença de um narrador que tece reflexões moralizantes. No romance, ele faz intervenções nas quais discute as atitudes de algumas personagens ou tece considerações gerais a respeito das atitudes humanas a partir de circunstâncias do enredo. Como exemplo, podemos mencionar a observação feita pelo narrador após relatar que uma personagem insultara um cadáver pensando tratar-se do corpo de um inimigo:

O leitor acaba de ouvir narrar uma scena por demais revoltante, isto é, um homem de entranhas de demonio insultando a sua victima em seus supremos momentos, e tomando a peito com infernal proposito que essa victima tragasse gotta a a gotta todas as infernaes amarguras, todas as satanicas injurias que transbordavão no diabolico calis da vingança, calis que ha tanto tempo se preparava com uma fleuma e uma tenacidade de demonios!

⁵⁷ Idem, tomo I, p. 17.

O narrador, forçado a descrever uma cena contra a qual seu próprio coração se revoltava, cedendo à obrigação de verdadeiro expositor, teve de lutar, e não pouco, com a sua repugnância, referindo um acontecimento, que, apertando o seu coração, tolhia-lhe as próprias expressões!⁵⁸

Além de moralizar através da condenação da atitude da personagem, a voz narrativa, de certa forma, projetava a reação que esperava do leitor diante da cena, instigando-o a desenvolver o mesmo sentimento de “revolta” diante da vingança. O trecho é interessante, também, porque o narrador aproveitou para conferir credibilidade às suas palavras e construiu, para si, a imagem de um “verdadeiro expositor”, que “lutava” com sua “repugnância” para elaborar uma narrativa fiel aos acontecimentos que a originaram.

4.2 A moral nas narrativas dos primeiros prosadores brasileiros.

Um dos aspectos mais recorrentes nos textos elaborados pelos primeiros autores brasileiros que se dedicaram à produção de prosa ficcional é a presença de questões moralizantes. Assim como Teixeira e Sousa, os primeiros romancistas nacionais empenharam-se em fornecer ensinamentos para o público que se dedicasse à leitura de seus textos, recorrendo, na maioria das vezes, à elaboração de narrativas com finais edificantes⁵⁹.

É o caso de “Um Sonho”, texto que Justiniano José da Rocha publicou no exemplar de *O Chronista* de 11 de janeiro de 1838. O texto conta a história da família de Maria, uma senhora que vivia com a neta Teodora, uma garota de 14 anos que, apesar da pobreza, havia recebido uma educação refinada. Pouco antes de falecer, Maria desvendou o mistério que envolvia a filiação de Teodora, revelando que Teresa, a mãe da garota, havia fugido com um sedutor quando ainda era adolescente. No empenho de localizar a filha, ela gastou grande parte da fortuna que possuía e, sem forças para gerenciar os negócios, acabou na miséria. Oito anos depois, reencontrou Teresa, que estava no leito de morte e lhe pediu que cuidasse de sua filha. Na esperança de que a história dos dissabores da filha fortalecesse os princípios morais da neta, Maria morreu. Teodora, porém, entregou-se a um amante em troca dos “cômodos e gozos da opulência” e, quatro anos depois da morte da avó, faleceu.

⁵⁸ Idem, tomo IV, p. 27.

⁵⁹ Algumas das primeiras narrativas brasileiras contempladas neste capítulo e no próximo foram analisadas por outros pesquisadores. Cf. SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; RAMICELLI, Maria Eulália. Op. cit.; HEINEBERG, Ilana. Op. cit.

Assim como Teixeira e Sousa, o autor tentou reforçar o teor moralizante do texto recorrendo às falas das personagens, que se arrependeram das faltas cometidas. Maria, quando narrou as desventuras de Teresa, reconheceu que não fornecera uma educação correta para a filha:

Entre tôdas as moças de sua idade era sem rivais a minha Teresa; onde estava, só para ela havia olhos, para ela admirações e aplausos, e eu, mísera mãe, embevecida nos triunfos de minha filha, pagava-lhe em amor e carinho os gozos maternos que me ela dava. Ensoberbecida por sua beleza e suas prendas, fatal imprudência minha! eu não havia fortificado sua alma contra as seduções do mundo.⁶⁰

Como punição por esse erro, a filha fugiu de casa e ela perdeu sua fortuna. Teresa, por sua vez, foi castigada através dos infortúnios que a acometeram depois da fuga da casa materna, aspecto reforçado pela descrição minuciosa das condições precárias em que passou os últimos momentos de sua vida. Quando narrou o reencontro com a filha, Maria mencionou que ela estava cercada por “homens e mulheres, que nos trajes, na voz e na atitude mostravam tôda abjeção do vício”, residindo em uma “mísera casinha”, estendida “no chão, em cima de uma esteira, mal coberta por grosso e sujo lençol”⁶¹. Diante da mãe, Teresa mostrou-se arrependida dos erros cometidos: “No caminho do crime dei o primeiro passo fugindo de vossa casa, e de degradação em degradação caí no abismo em que me vêdes, perdoai-me minha mãe, perdoai-me que eu morro!”⁶²

Maria esforçou-se para dar à neta uma educação mais rigorosa que aquela que oferecera à filha e morreu na esperança de que a lição contida na história das desventuras de Teresa colaboraria para solidificar os princípios morais de Teodora. Quando se viu diante da miséria, porém, sua neta sucumbiu às tentações mundanas:

Infelizmente seu coração entrou em meias com a miséria para entregá-la ao amor de um homem: Teodora foi criminosa. Em troca de sua virtude deu-lhe seu amante todos os cômodos de uma existência entretecida de amor e divertimentos, Teodora esqueceu-se facilmente das lições da velha Maria.

Enfim, triste resultado da depravação de seus costumes, a horrível tísica a acomete. Então ela começou a refletir no passado de sua existência, e o remorso agravou-lhe os padecimentos: oh! como gostosa trocaria seus tão macios colchões pelo duro estrado em que quatro anos antes dormia o sono da inocência!...⁶³

⁶⁰ ROCHA, Justiniano José da. “Um Sonho”. In: SOBRINHO, Barbosa Lima (org.). *Os Precursores do Conto no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960, p. 57.

⁶¹ Idem, p. 58.

⁶² Idem, p. 58.

Para que o leitor não tivesse dúvidas de que o vício seria sempre punido, o narrador enfatizou que a doença que acometera Teodora era o “triste resultado da depravação de seus costumes” e que “o remorso agravou-lhe os padecimentos”. Para enfatizar a importância de investir em uma conduta virtuosa, informou que, antes de falecer, Teodora viu o “descarnado e lívido esqueleto” de sua mãe, que lhe revelou que, devido ao fato de ela ter preterido os conselhos da avó e optado pelo crime, dentro de três dias elas se encontrariam no inferno. Apesar de o narrador revelar que tudo fora “um horrível pesadelo” da personagem, o sonho ganhou ares de profecia porque, depois de três dias, Teodora morreu.

A inclusão de noções edificantes nas narrativas também foi uma preocupação de Pereira da Silva, um dos nomes mais conhecidos entre os primeiros prosadores brasileiros. Como exemplo, podemos mencionar um de seus “Estudos Morais”: a “novela brasileira” *Amor, Ciúme e Vingança*, que foi publicada no segundo volume do *Museo Universal*, entre os anos de 1838 e 1839⁶⁴. O texto narrou as desventuras de Maria e Adolfo, dois jovens que se amavam desde a infância mas não puderam unir seus destinos através do matrimônio porque Alberto, pai da protagonista, obrigou-a a casar-se com Frederico, um rico negociante de escravos. Um ano depois do casamento de Maria, em uma noite tempestuosa, Adolfo salvou um homem que fora atacado por assaltantes sem saber que poupava a vida do rival. Frederico, agradecido, convidou seu benfeitor para passar uns dias em sua casa. Maria e Adolfo evitavam encontrar-se mas, em uma noite em que o marido viajava, ele a procurou e, alegando agir por amor, estuprou-a. No dia seguinte, depois de repreender Adolfo pelo crime cometido, Maria suicidou-se por envenenamento. O amante, algum tempo depois, faleceu.

Podemos apontar, nesse texto, a discussão indireta do casamento forçado, já que os infortúnios narrados tiveram origem quando o pai de Maria impediu seu casamento com Adolfo. Diferentemente de algumas personagens femininas de Teixeira e Sousa, Maria, mesmo não amando o marido, não consentiu em trair-lo com o homem por quem era apaixonada. Quando repreendeu Adolfo, a protagonista enfatizou que havia sido forçada a manter relações sexuais com ele:

- Oxalá eu nunca vos tivesse conhecido, que não seria hoje a mais infeliz criatura! continuou ela, e não tivestes piedade de meus gritos, de minha dor, de minhas lágrimas?

- Mas não vias tu, Maria, gritou-lhe êle prostrando-se humildemente a seus pés, que era minha vida... que devias pertencer-me?... Separados, desunidos, vivíamos entretanto com os mesmos pensamentos, com as mesmas dores... [...]

⁶³ Idem, p. 59.

⁶⁴ Apud: SOBRINHO, Barbosa Lima (org). Op. cit., p. 63.

- Por piedade, não continueis... blasfemais ainda depois de cometer o crime, o mais vil de todos os crimes?...
[...]⁶⁵

Apesar do empenho do amante em convencê-la que o amor que sentiam um pelo outro legitimava o adultério cometido, Maria mostrou-se disposta a ser fiel ao juramento de fidelidade que fizera ao marido. Depois de enfatizar a gravidade do que ocorrera na noite anterior, pediu que ele partisse e, diante da resistência de Adolfo em separar-se dela, revelou-lhe a solução que encontrara para expiar sua culpa:

[...] Pensáveis acaso que uma senhora que faltou ao mais sagrado de todos os deveres, fôsse qual fôsse o motivo, uma senhora de educação que trai os laços conjugais, podia ver em face seu espôso, abraçá-lo, falar-lhe com palavras hipócritas, suspiros e sorrisos hipócritas? Pensáveis que depois do meu crime eu seria ainda tão vil que iludisse aquêle a cujos destinos está ligada minha vida, que dormisse tranqüilamente sôbre seu peito, que pudesse friamente descer ao sepulcro? Enganáveis-vos... Cometi um crime, sujeito-me ao castigo. Enganei meu espôso, é mister vingança! E nada compreendíeis disto? Que palidez é esta minha? Que dolorosa contração de meus lábios!... Vós, homens, sois capazes de tudo, aptos para tudo... Não quereis partir... pois bem!... presenciai ao menos minha morte!... Eu estou envenenada!...⁶⁶

Através das palavras da personagem, o autor veiculava ao público um discurso em defesa da fidelidade conjugal. Mesmo tendo contrariado os princípios cristãos ao cometer suicídio, Maria fornecia um exemplo de virtude, pois, apesar de ter sido violentada, acreditava-se indigna do marido. Essa conduta permitiu que, em seu túmulo, fossem gravadas palavras que ressaltavam suas qualidades morais: “Aqui jaz Maria, filha obediente, espôsa fiel, dotada dos melhores sentimentos. Pobres e infelizes que nela encontrastes sempre um coração disposto a fazer o bem... rogai por ela...”⁶⁷ Diferentemente de Teixeira e Sousa, Pereira da Silva, apesar de indicar que Maria fora vítima dos impulsos incontidos do antigo namorado, não a poupou da morte, solução que permitiu conciliar o repúdio ao adultério e a redenção da protagonista.

A inclusão de noções edificantes nos romances também foi uma preocupação de Paula Brito, como se verifica em *A mãe-irmã*, narrativa que recebeu o subtítulo *história contemporânea* e foi publicada no exemplar do *Jornal do Comércio* do dia 10 de abril de 1839. Alzira, a protagonista, era filha de um militar que pretendia casá-la com um colega de profissão, mas se apaixonou por Narciso, um dos guarda-livros da

⁶⁵ SILVA, João Manuel Pereira da. “Amor, Ciúme e Vingança”. In: SOBRINHO, Barbosa Lima (org.). *Os Precursores do Conto no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960, p. 107.

⁶⁶ Idem, p. 107.

⁶⁷ Idem, p. 109.

loja de seu tio. Quando soube que a filha e o caixeiro do cunhado estavam apaixonados, o pai de Alzira convenceu o parente a incumbir o empregado de trabalhar na Ásia. Antes de partir, porém, Narciso e sua amada encontraram-se e mantiveram relações sexuais. Dias depois, ela descobriu que esperava um filho. A mãe, para salvar a honra de Alzira, disse ao marido que estava grávida e, alegando estar doente, refugiou-se com a filha em uma fazenda onde residiram até o nascimento de Guilherme. Alzira não se casou e, depois que os pais faleceram, retomou o relacionamento com Narciso, que também se conservara solteiro e voltara ao Brasil. Algum tempo depois de terem revelado que eram os pais de Guilherme, eles se casaram.

Assim como Teixeira e Sousa procedeu em algumas de suas narrativas, Paula Brito parecia recorrer às intervenções do narrador para amenizar o teor imoral que os leitores poderiam atribuir a algumas passagens do texto. O primeiro momento em que se verificou o uso desse recurso foi quando Narciso e Alzira mantiveram relações sexuais antes do casamento:

A entrevista teve lugar; suspiros, soluços, lágrimas, protestos, juramentos, e depois um beijo, e após êste segundo, e após êste o crime se consumou... O crime! E quem pode dizer que foi crime? Ao menos êles não foram criminosos. Embriaguez terrível apoderara-se dêles: o silêncio da noite, a solidão... a mocidade... sim, a mocidade, tão cheia de calor, tão precipitada. Não foi amor; oh! não lhes imputemos culpas que êle não teve; a união dos dois sexos é um instinto, a que as leis sociais têm querido dar normas, e sujeitar a regras, das quais porém a natureza muitas vêzes não faz caso. É criminoso para a sociedade aquêle que viola essas normas; mas a natureza absolve muitas vêzes o que a sociedade condena.

E que remorsos não tiveram êles quando lhes passou a ilusão! Quanto dera Narciso por nunca ter pedido semelhante entrevista! Quanto dera Alzira por a não ter concedido! Quando ali se reuniram, pensavam que só teriam de chorar a separação a que eram obrigados; porém, não lhes aconteceu assim; Alzira teve que chorar a sua inocência perdida, e Narciso não podia de modo algum perdoar-se a fraqueza a que tinha sido arrastado.⁶⁸

Para que a atitude de Narciso e Alzira não fosse concebida como indício de um desvio de caráter, o narrador alegou que a “união dos dois sexos” não era um “crime”, estabelecendo uma oposição entre as leis sociais, que condenavam o ato sexual fora do casamento, e as leis naturais, que perdoariam dois jovens apaixonados que, a sós, no meio da noite, obedecessem aos instintos. Preocupado em garantir que os leitores *absolvessem* as personagens, o narrador apoiou-se nesse argumento para insinuar que os amantes não tinham culpa pelo ocorrido. Afinal, segundo ele, a intenção de ambos, ao marcar o encontro,

⁶⁸ BRITO, Francisco de Paula. “A Mãe-irmã”. In: SOBRINHO, Barbosa Lima (org.). *Os Precursores do Conto no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960, p. 188-9.

era apenas “chorar a separação a que eram obrigados”, mas as circunstâncias foram propícias para que uma “embriaguez terrível” se apoderasse deles, levando-os a contrariar as normas sociais e obedecer à natureza. Provas da pureza de suas intenções seriam os remorsos e as lágrimas que os acometeram depois de passada a “ilusão”. Além disso, ambos demonstraram a força do amor que nutriam um pelo outro, pois, ao longo dos quase vinte e três anos em que estiveram separados, conservaram-se solteiros, à espera do reencontro que os conduziu ao altar.

O narrador também se empenhou em defender a atitude tomada pela mãe de Alzira, personagem cujo nome não foi revelado. Imaginando que o fato de ela ter mentido para o marido pudesse causar má impressão nos leitores, o narrador mostrou-se convicto de que, naquelas circunstâncias, tal atitude era necessária e legítima:

Os meus leitores talvez criminem esta boa mulher, porque assim enganou seu marido; mas, não têm razão. Para os fazermos calar, bastaria lembrar-lhes que nem sempre as mulheres que enganam os maridos são criminosas; Rebeca enganou Isaac, fazendo que desse a Jacó a benção que êle destinava a Esaú; e nem moralista cristão, nem padre da igreja que saibamos, tem até hoje repreendido esta ação. Como, porém, talvez não se ache exatidão na paridade, expliquemos o nosso enigma, deixando aos mais o cuidado de explicar os que arranjam. E se o padre mestre do *Despertador* disser que isto é irreligioso? Mas, que nos importa a nós com o *Despertador*? faz êle muito bem; êle bem sabe que a constituição permite a livre expressão do pensamento, em cuja faculdade encaixa êle também a de exprimir o que não pensa; ora, certo nesse direito, êle vai dizendo o que quer, e quem não quiser que o não leia. Diga, pois, o que bem lhe parecer, que nós iremos continuando com a nossa história.⁶⁹

Para não abrir espaços aos questionamentos dos leitores, o narrador apoiou-se em uma passagem da Bíblia Sagrada e, como utilizou um argumento religioso, tentou defender-se das prováveis intervenções do padre que, segundo ele, dirigia o periódico *O Despertador*⁷⁰. Preocupado em explicar o “enigma” que lhe permitiu aproximar as atitudes da Rebeca bíblica e da mãe de Alzira, o narrador deu prosseguimento à argumentação:

Alzira era filha única, e portanto, todos os bens de seus pais deviam passar a ela; a ela, portanto, vinha somente a prejudicar a suposição de sua mãe; e ela não comprava muito cara a sua reputação por metade de sua fortuna,

⁶⁹ Idem, p. 190.

⁷⁰ Levando em conta o ano em que Paula Brito publicou o texto em questão, é possível que fizesse referência ao periódico carioca *O Despertador*, que, segundo Inocêncio Silva, foi fundado e dirigido por José Marcelino da Rocha Cabral, com a colaboração de Francisco Sales Torres Homem, e circulou entre 1838 e 1841, formando uma coleção de 5 volumes. Cf.: *Dicionário Bibliográfico Português*. Vol. XIII, p. 76.

e quando esta em tudo ia recair em seu filho que era seu herdeiro universal. E se viesse a casar e ter filhos legítimos, devendo aquele ser ainda seu herdeiro, como filho meramente natural, ficava-lhe segura sua legítima, ficando a outra parte para os outros. E, não casando Alzira, seria sempre seu filho o seu herdeiro, a título de irmão. Quanto ao pai de Alzira, também o engano era tolerável, pois quase indiferente lhe devia ser abraçar e beijar o menino como seu filho ou como seu neto. Se estas razões não desculparem a boa mulher, não temos outras melhores para dar.⁷¹

Para defender a personagem, o narrador comprovou que suas atitudes não prejudicariam qualquer pessoa, tanto no que se referia a questões econômicas, no caso da partilha dos bens, quanto a questões morais, no que dizia respeito ao afeto que o pai de Alzira nutriria pela criança. Foi a voz do narrador, ainda, que justificou o final feliz da narrativa:

De mim dependia agora fazer acabar tudo isto trágicamente; bastava mover o orgulho e irascibilidade do rapaz, e fazê-lo suicidar-se. Poderia descrever o suicídio à minha vontade, mostrar depois o corpo do infeliz feito em pedaços, nadando em seu próprio sangue, e as lágrimas e desesperação da mãe e do pai. Mas, para que, se tudo isto não foi assim? Verdade primeiro que tudo.

Guilherme recebeu a notícia com a maior tristeza, mas em poucos dias acostumou-se a sua nova sorte. Alzira e Narciso casaram-se e legitimaram-no nesse ato; e acabou-se a história.⁷²

Narciso e Alzira, na juventude, haviam protagonizado um ato que, segundo o narrador, era considerado “criminoso” pela sociedade mas não foram punidos por essa falta. Imaginando que alguns leitores pudessem considerar essa circunstância imoral, o narrador alegou que o desejo de ser fiel à verdade impedia-o de dar um final lacrimoso ao romance. Ao conferir um tom verídico à história, o autor opunha um obstáculo àqueles que quisessem acusá-lo de *imoral* e conferia credibilidade às palavras do narrador.

Os textos em prosa divulgados na década de 1840 também veicularam noções edificantes para seus leitores. É o caso das narrativas de Joaquim Norberto de Souza Silva, um dos nomes mais mencionados quando se trata dos primeiros prosadores brasileiros. Para incluir a moral em seus textos, ele também concedeu a eles finais edificantes, como se verifica em *Maria ou Vinte Anos Depois*, narrativa publicada em 1844, na *Minerva Fluminense*, e reeditada na coletânea *Romances e Novelas*, de 1852.

Pedro Rodrigues era um homem casado que trabalhava como carvoeiro e, em um dia em que saíra para caçar com os amigos, estuprou uma mulher que se banhava no rio. Nove meses depois, foi deixada

⁷¹ BRITO, Francisco de Paula. “A Mãe-irmã”. Op. cit., p. 190.

uma criança na porta de sua casa, a qual estava acompanhada de um anel que permitiu que ele reconhecesse que era sua filha, a qual foi criada por sua esposa. Maria cresceu e, como era bela, Feliciano, um homem rico da região, quis violentá-la, mas não obteve êxito e casou-a com Gaetano, um calabrês que era seu empregado. Feliciano ordenou que o calabrês fosse trabalhar em outra localidade e, enquanto ele esteve fora, estuprou Maria, fazendo com que sua mãe morresse de desgosto ao saber do ocorrido. Desse ato violento, nasceu Henrique, que foi raptado pelo pai. No dia seguinte ao rapto, Gaetano voltou e, ciente de tudo o que ocorrera, matou a mulher e desapareceu. Clarita, a filha que Maria teve com o marido assassino, foi criada pelo avô. Vinte anos depois, ocorreu um naufrágio cujo único sobrevivente foi um moço que, ao contar seu passado para Pedro Rodrigues, descobriu que era seu neto. Henrique partiu para o Rio de Janeiro. Quando veio visitar o avô, encontrou um homem sendo agredido por um grupo de supostos assaltantes e, para salvá-lo, atirou em um dos agressores. O homem a quem socorrera estava muito ferido, mas antes de morrer, mencionou que era Gaetano e, ao saber que fora salvo por Henrique, revelou que o homem a quem este havia matado era Feliciano, seu pai. Um vulto que se aproximava revelou que Feliciano havia se casado com Clarita e, portanto, era, também, cunhado de Henrique, o qual, diante dessas revelações, enlouqueceu.

As desventuras que compuseram o enredo podem ser tomadas como resultado de um jogo de causa e consequência em que se vislumbrou a punição do crime. Afinal, podemos considerar que o estupro de Maria foi uma forma de, através da desgraça da filha, Pedro Rodrigues pagar pelo crime que cometera na juventude. Essa idéia foi sugerida por Maria quando conversava com o pai a respeito das desgraças que os acometiam: “São pecados próprios ou herdados que nós pagamos com a existência de miseráveis pobres.”⁷³ Ela também pagou caro por não ter referido toda a verdade ao marido quando ele chegou de viagem, pois, se o tivesse feito, talvez ele acreditasse em sua inocência quando alegou que fora forçada a ter relações sexuais com Feliciano. O calabrês também foi punido por seu crime e, antes de morrer em consequência da emboscada armada por aquele que estuprara sua esposa, disse que o fato de Henrique ter matado o próprio pai era a imagem do “crime puni[ndo] o criminoso”⁷⁴, colaborando para que a morte de Feliciano fosse concebida como pagamento dos delitos cometidos.

Domingos José Gonçalves de Magalhães, em *Amância*, narrativa publicada, em 1844, na *Minerva Brasiliense*, também demonstrou preocupação com a inclusão de questões moralizantes ao longo do

⁷² Idem, p. 196.

⁷³ SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *Maria ou Vinte Anos Depois*. In: SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Antologia do Romance-Folhetim (1839 a 1870)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997, p. 126.

⁷⁴ SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *Maria ou Vinte Anos Depois*. In: SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Antologia do Romance-Folhetim (1839 a 1870)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997, p. 141.

enredo. O narrador revelou que, em uma noite chuvosa, estava em um sarau em Niterói quando chegou um médico amigo da família que, a pedido de algumas donzelas, contou o “caso da moça que se atirou no mar”. O médico, referido apenas como “doutor”, contou que voltava de uma visita noturna a um doente quando encontrou uma moça que, com vestes masculinas, esperava por um amante que não apareceu. Ela recusou sua ajuda e, esquivando-se, jogou-se no mar, mas o médico conseguiu salvá-la e levou-a para sua casa, onde lhe fez uma sangria. Enquanto a paciente dormia, através das cartas que ela trazia consigo, ele descobriu que se chamava Amância e pretendia fugir com seu amado porque o pai a obrigara a comprometer-se com um pretendente rico. No dia seguinte, o médico procurou por Jorge, o namorado de sua protegida, e descobriu que ele se desencontrara de Amância e imaginava que ela não comparecera ao encontro. O narrador-personagem desfez esse mal entendido e convenceu Fábio, o pai de Amância, a permitir que ela se casasse com Jorge.

A principal lição moralizante veiculada pelo romance foi a condenação do casamento forçado, tema abordado em várias narrativas de Teixeira e Sousa. Em *Amância*, além do fato de o pai da protagonista impedi-la de unir-se ao homem a quem amava, havia o agravante de que Fábio, apesar de rico, pretendia casar a filha com um homem muito mais velho que ela e fazia isso movido, exclusivamente, por interesses financeiros. Jorge denunciou a injustiça da atitude do pai de Amância tanto nas cartas que enviou à amada quanto no momento em que o pai dela procurou-o acusando-o de tê-la raptado: “É aqui que tu a procuras, bárbaro pai? Velho avaro, que por ouro venderias a honra, a filha e teu Deus.”⁷⁵ Fábio também foi repreendido pelo narrador-personagem quando este o procurou para comunicar o paradeiro da filha e pediu-lhe que deixasse Amância escolher o futuro esposo:

- E minha palavra dada? Todo o mundo sabe que eu a tinha prometido ao sr. Norberto; nem ele querará ceder.
- Tem porventura algum direito sobre vossa filha? Prometeu-lhe ela coisa alguma!
- O que hão de dizer?
- Se a constrangerdes, dirão que sois um pai tirano, que fizestes a desgraça de vossa filha por amor do dinheiro. Dirão mais, que fugiu por vossa causa, e que fez muito bem, porque todo mundo tem o direito de defender a sua liberdade. Se consentirdes no que vos peço, será vossa filha feliz, e todos aplaudirão a vossa bondade.⁷⁶

As palavras do médico continham uma lição edificante que poderia ser estendida a todos os pais que, movidos por interesses pecuniários, submetiam as filhas a casamentos com homens que não as

⁷⁵ MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. *Amância*. In: SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Antologia do Romance-Folhetim (1839 a 1870)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997, p. 97.

⁷⁶ Idem, p. 104.

agradavam, desconsiderando seus sentimentos. A chegada de Norberto interrompeu a conversa das personagens, mas a crueldade, arrogância e rispidez demonstradas por ele foram decisivas para que Fábio se convencesse do erro que cometera ao impedir que a filha se casasse com Jorge:

- É este o bruto escolhido para esposo de vossa filha, tão moça, tão terna e tão bem educada?

- Ah senhor doutor, respondeu-me ele, estou coberto de vergonha... Minha filha está desculpada. Estou arrependido de não tê-la dado a esse pobre capitão Jorge, que tanto ma pediu, e que eu estimo... Como estará ele? Pobre capitão!

Cheio de prazer lhe disse: - Vinde ver vossa filha, que vos espera para receber vossa bênção.

O efeito que não produziu toda a minha eloquência, produziram as insolências do sr. Norberto. É assim que o aspecto do vício nos faz amar a virtude. Que pai poderia dar sua filha a um labrego como este, sem ouro mérito mais que possuir alguma riqueza, talvez mal adquirida?⁷⁷

A fala de Fábio colaborou para fortalecer a condenação ao casamento forçado, já que ele declarou que estava “coberto de vergonha” e “arrependido”⁷⁸. Depois de saber que a filha tentara suicidar-se, ele foi exposto às grosserias do noivo que escolhera para ela e, então, reconheceu as qualidades morais do pretendente eleito por Amância. Chama atenção o fato de que as palavras do narrador-personagem tornaram Norberto e Jorge representantes do vício e da virtude, respectivamente.

As obras em prosa contempladas permitem dizer que a preocupação de construir um texto moralizante demonstrada por Teixeira e Sousa foi compartilhada pelos prosadores de sua época e que,

⁷⁷ Idem, p. 105-6.

⁷⁸ O tema do casamento forçado esteve presente em romances de teor popular que se vendiam a preços acessíveis no Rio de Janeiro das últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX e obtiveram grande aceitação por parte do público leitor, como indica a pesquisa de Alessandra El Far. Em alguns dos “romances de sensação” que circulavam no período, encontram-se críticas à postura de pais que escolhiam os pretendentes para os filhos. É o caso, por exemplo, de *Elzira, a morta virgem*, uma das narrativas de maior sucesso, já que recebeu cerca de oito edições entre 1891 e 1924. Em linhas gerais, o texto conta a história de uma jovem de 15 anos que, impedida pela família de casar-se com quem amava, adoeceu e, deixando de tomar os medicamentos sem que ninguém o percebesse, faleceu, causando remorso nos pais. Cf. EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação – literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

nos romances do autor, figuram tópicas que estiveram presentes em muitas das primeiras narrativas brasileiras.

CAPÍTULO V

A cor local nas narrativas - Teixeira e Sousa e os primeiros prosadores brasileiros.

5.1 A cor local nos romances de Teixeira e Sousa.

Sabe-se que o início de produção de romances no Brasil coincidiu com o momento em que os escritores românticos estavam tomados pelo patriotismo incontido decorrente da independência política da nação. Por isso, mostravam-se desejosos de contribuir para a criação de um sentimento nacional através da produção de uma literatura genuinamente brasileira. Daí a valorização, por parte dos críticos e dos leitores em geral, dos textos que tematizavam elementos da realidade nacional, critério que, a partir de meados do Oitocentos, tornou-se fundamental nas análises de romances divulgadas nos periódicos que circulavam na corte brasileira.

O projeto literário de Teixeira e Sousa previa que, aliado ao trabalho com a moral, o romancista deveria conferir brasilidade aos seus textos, mostrando que o autor estava a par das questões discutidas nas críticas de romance veiculadas pela imprensa da época. Assim como ele, outros escritores que publicaram narrativas no momento em que se deu a formação do romance brasileiro mostraram-se preocupados com esse elemento.

Para incluir a cor local brasileira em seus romances, Teixeira e Sousa explorou, basicamente, quatro elementos: a paisagem, que envolvia a descrição da natureza exuberante e de cenários urbanos; a história, que poderia vir como pano de fundo ou como elemento central da narrativa; as manifestações culturais populares, que figuraram como elemento central nas cenas em que se caracterizavam os costumes das personagens e, finalmente, a abordagem do caráter escravista da sociedade brasileira.

5.1.1 A paisagem¹.

Um dos recursos mais utilizados por Teixeira e Sousa para conferir “cor local” aos seus romances foi a inclusão de passagens aparentemente destinadas a destacar que o enredo se desenvolvia em território nacional. Nas descrições de cenário de suas narrativas, destacou-se a presença da exuberante

¹ A maneira como a paisagem brasileira foi incluída em algumas das narrativas abordadas neste capítulo foi abordada por Flora Süssekind. No intuito de “investigar e datar a constituição de um narrador de ficção na prosa brasileira”, a autora analisou o modo como os primeiros romancistas incluíram elementos nacionais em seus textos e comparou o narrador dessas obras ao narrador presente nos relatos produzidos por viajantes que estiveram no Brasil. Cf. SÜSSEKIND, Flora. Op. cit.

natureza pátria, elemento de importância crucial para o projeto literário do autor. Seus romances foram marcados pela presença de narradores sempre dispostos a aproveitar (e, em muitos momentos, criar) ocasiões em que pudessem fazer longas descrições elogiosas da paisagem nacional. Em *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes*, por exemplo, a caracterização da província de Minas Gerais, cenário em que se desenrolariam os principais acontecimentos do enredo, possibilitou que o narrador se esmerasse na exaltação das belezas naturais da região:

Entre suas provincias centraes possui o Brasil a provincia de Minas-Geraes, cujo montanhoso sólo offerece o variado espectaculo de batalhões de montes correndo em varias direcções; enormes serras, cujos elevados topos parecem sustentar o peso dos ceos; deliciosos valles perfumados pelos cheiros das flores, e mais engraçados ainda pela variedade, que em suas bellas plumas, e variados cantos offerecem aos olhos, e aos ouvidos os enamorados habitantes dos ares; pela multidão de orgulhosos rios, que soberbos rolam com ennegrecidas ondas da tempestade; e pela immensidade de pacíficos ribeiros que suaves escorregam com suas limpidas, e risonhas agoas, que depoem no meio dessas turbulentas ondas, que em borbutões se-despregam das coroas dos rochedos das umbrosas montanhas.²

Assim como nas demais narrativas do autor, a descrição da paisagem foi feita por meio da profusão de adjetivos que assinalaram a abundância e variedade dos recursos naturais: o solo montanhoso oferecia um “variado espetáculo”, as serras eram “enormes”, os vales eram perfumados e repletos de espécies diversificadas de pássaros e havia uma “multidão” de rios, orgulhosos e soberbos, como que conscientes de sua beleza singular.

O elogio da paisagem nacional era uma forma de valorizar o país, já que a natureza exuberante era um elemento que singularizava o Brasil dentre as demais nações, como indicaram as palavras do narrador de *Tardes de Um Pintor*:

Ainda nesse tempo os religiosos barbadinhos não tinham atravessado tantas, e tão encapeladas ondas de tão empinados topos, que cavando abismos, e levantando serras espumam marulhosas entre os lugares célebres pelas belezas de arte, e os lugares célebres pelas belezas da natureza, quer dizer entre a Itália e o Brasil!³

Os brasileiros foram instigados a orgulhar-se das belezas naturais de seu país tanto quanto os italianos orgulhavam-se das obras artísticas de seus conterrâneos. Apesar da diferença existente entre o

² SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes*. Op. cit., vol. I, p. 6-7.

³ SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. *Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*. Op. cit., p.22.

patrimônio natural e o patrimônio cultural tomados como parâmetro para comparar as excelências brasileiras e italianas, merece nota o empenho em convencer os leitores sobre o valor da natureza exuberante nacional.

Para caracterizar a singularidade da natureza brasileira, o autor também construiu descrições de paisagem que indicavam a existência de uma grande harmonia entre os elementos naturais. É o que se verifica nos parágrafos iniciais de *Maria ou A Menina Roubada*:

Era a última hora do dia. O sol enfiando seus raios para outro horizonte, deixava após de si a hora da saudade e da melancolia, isto é, a hora do crepúsculo, em que igual porção de luz, e igual porção de sombras, discretamente misturadas formam esse suave composto, equivoco entre a noite e o dia, doce mistura em que a luz se perdendo nas sombras e as sombras na luz, povoa o espaço de uma agradável dúvida, de claridade e de trevas, de que tão voluptuosamente resulta essa mimosa hora do dia tão cheia de saudades nos arcanos do amor, e tão cheia de melancolias nos mysterios do coração. [...] O passaro cantava a ultima parte de seu hymno quotidiano; porque todos os dias o passaro entôa um hymno de amor, cuja primeira parte lhe escuta a aurora, e a ultima a primeira hora da noite; e esse hymno é uma acção de graças, que todos os dias rende ao Creador [...] esses hymnos de amor, e de agradecimentos subiam involutos em imperceptíveis nuvens de puros e suaves aromas, com que a flor de agradecida e de amante ia perfumar o escabelo do Senhor.

A brisa, para não perturbar nem uma unica nota deste hymno tão suave, para não desviar nem uma molecula deste perfume tão puro; respeitosa pousava suas azas azues sobre a gramma dos valles, que parecia reverdecer ao toque regenerador.⁴

A beleza do crepúsculo, concebida como uma forma de os animais e vegetais louvarem a Deus, resultava da plena sintonia entre os elementos da natureza: luz e sombra juntavam-se na mesma proporção, o pássaro entoava um “hino de amor”, as flores exauriam perfumes e a brisa, respeitosa, soprava com suavidade sobre os vegetais que cobriam o solo. Devemos notar, ainda, que o narrador reiterou a idéia de que “a hora do crepúsculo” era a hora “cheia de saudades nos arcanos do amor” e de “melancolias nos mistérios do coração”, sugerindo a existência de uma sintonia entre os elementos naturais e os sentimentos humanos. Essa foi outra estratégia utilizada pelo autor para explorar a “cor local” em suas narrativas, já que, nelas, a natureza exuberante brasileira também figurou como tópica romântica, na condição de elemento que dialogava com os sentimentos das personagens ou servia de parâmetro para caracterizá-los. Em *Tardes de um Pintor*, o narrador chegou a defender a necessidade de a natureza

⁴ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *Maria ou A Menina Roubada*. In: *Marmota Fluminense*. Rio de Janeiro: Tip. de Paula Brito, 10/09/1852.

dialogar com os acontecimentos em uma das descrições de cenário: “O dia estava claro, o céu puro e a natureza bela! / Não deveria ser assim, porque era um dia de mortes e de ruínas.”⁵

Para que o leitor não tivesse dúvidas de que seus romances tinham como cenário o território brasileiro, o autor mencionava os nomes dos locais em que se passavam os acontecimentos narrados, como nos parágrafos iniciais de *O Filho do Pescador*:

[...] Vastosos festões de uma alegre púrpura entrelaçavam interessantes rosas de ouro, que recamando um céu a que não toldava a mais ligeira nuvem de porcelana, ofereciam nesse imensurável espaço da sidérea campina o mais agradável contraste da púrpura de Tiro com o ouro de Ofir, sobre o belo azul de um céu brasileiro em uma manhã de primavera!

A feiticeira e voluptuosa aragem, respirando meigamente da parte do Oeste, fazia correr sobre a líquida face da formosa baía de Niterói uma ligeira ondulação[...]. O requebrado gorjeio do ledão gaturamo, os belos trinados do lépidio canário do Brasil, acabavam esta mágica cena de feiticeiros encantos com a simpática grinalda de inocentes hinos [...]. Era dia!...

O primeiro raio do sol deslizado por sobre as espumantes ondas do oceano, com um furtivo tocar, depunha incerto um como pálido véu sobre a branca frente de uma bela casa, situada à margem do Atlântico, sobre a deliciosa praia de N. S. de Copacabana, distante do coração da cidade do Rio de Janeiro duas léguas, pouco mais ou menos.⁶

Apesar de a descrição, a princípio, poder referir-se a qualquer céu, o narrador enfatizou que se tratava do “belo azul de um céu *brasileiro*”, assim como ressaltou que o leitor estava diante da “formosa *baía de Niterói*”, onde se ouviam os “belos trinados do lépidio canário *do Brasil*”. O excerto é bastante exemplificativo do esforço do autor para marcar a nacionalidade do cenário de suas narrativas, já que, quando mencionou a casa de Augusto, o protagonista da obra em questão, destacou que estava situada “sobre a deliciosa *praia de N. S. da Copacabana*”, pouco distante do centro da “cidade do *Rio de Janeiro*”.

Esse mesmo recurso foi utilizado nos textos em que se propôs a caracterizar os “tempos coloniais”, como *Tardes de um Pintor* e *A Providência*⁷. Nesses romances, os narradores, quando descreviam a

⁵ SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. *Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*. Op. cit., p. 179-180.

⁶ SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. *O Filho do Pescador*. Op. cit., p. 29-30, grifos nossos.

⁷ Ilana Heineberg, num estudo a propósito das relações existentes entre “*A Providência*, de Teixeira e Sousa, e a aclimação do romance-folhetim no Brasil”, abordou o modo como o autor trabalhou a “cor local” nessa narrativa. A autora propôs que o percurso do romance-folhetim nacional fosse dividido em três etapas: mimética (textos que quer[em] se passar por uma narrativa estrangeira) e foram produzidos num momento anterior à “criação de um programa romântico que quer construir uma identidade nacional de maneira ‘etnocêntrica’ pelo recurso aos mitos fundadores”, a de aclimação (romances- folhetim que reivindicam “seu caráter autóctone através da utilização do espaço e dos temas nacionais”) e o momento de formação ou de ultrapassagem do modelo folhetinesco estrangeiro (ocasião em que “o romance-folhetim parece ter assimilado o modelo põe-se agora parodiá-lo”). Heineberg situou *A Providência* no “período de aclimação da produção folhetinesca”, alegando que, nessa obra, “Teixeira

cidade do Rio de Janeiro, proferiam com precisão os nomes de todas as localidades, tecendo comparações entre o passado e o presente, como nos excertos abaixo:

O bairro da Misericórdia, como então se chamava, era a principal cidade: e daí até a Prainha, e das praias de D. Manuel, do Peixe, e de Brás de Pina, hoje dos Mineiros, até um tanto acima da rua da Vala, é o que era a principal parte da cidade: tudo mais eram casas salteadas aqui e ali; edifícios que começavam a aparecer, e uma nascente cidade que principiava a sair do nada [...].⁸

Agora rogo ao leitor que tenha a bondade de acompanhar-me até esta cidade, e que comigo penetre em o interior de uma casa terrea, um tanto espaçosa, mas pouco elegante, situada na rua da Ajuda. Esta casa era assente do lado do morro do Castello, a meia distancia do largo da Mãe do bispo, como hoje se chama, e rua de S. José ou do Parto, como então se dizia.⁹

A menção dos nomes de ruas e bairros do Rio de Janeiro pode ser tomada como uma forma de o autor, sinalizando que o cenário era conhecido, instigar o interesse dos leitores cariocas pela narrativa. Além disso, nos romances em questão, os comentários sobre as mudanças ocorridas ao longo dos anos propiciaram que as passagens descritivas fornecessem informações sobre o período em que se deram os acontecimentos narrados.

5.1.2 Os costumes populares.

Para conferir “cor local” às suas narrativas, Teixeira e Sousa também explorou a caracterização dos costumes populares nacionais. Em muitos momentos, os narradores indicavam que as atitudes de algumas personagens faziam parte das práticas sociais e culturais locais, sugerindo que a cena narrada era uma imagem dos costumes da época. Em *Maria ou A Menina Roubada*, por exemplo, Augusto, sem forças para continuar procurando a filha, dirigiu-se à capela de N. S. da Penha para solicitar o auxílio divino, mostrando que compartilhava da “natural devoção do povo fluminense”:

e Sousa encontra um meio-termo entre a visão etnocêntrica e o modelo importado”, tendo em vista o modo como são explorados os elementos nacionais e os recursos folhetinescos. Cf. HEINEBERG, Ilana. “A *Providência*, de Teixeira e Sousa, e a aclimação do romance-folhetim no Brasil”. In: *Anais do X Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro/RJ: ABRALIC, 2006.

⁸ SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. *Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*. Op. cit., p. 65.

⁹ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *A Providência*. Op. cit., tomo II, p. 15-6.

Á oeste talvez da vasta bahia de Nitheroy, (bahia do Rio de Janeiro) não muito distante de suas águas, avulta uma enorme massa de granito. [...] Ha mais de um seculo (porque já em 1734 estava edificada) existe no alto dessa rocha uma capella dedicada á Santa Virgem sob a invocação de N. S. da Penha, Balthazar de Abreu Cardoso a edificou. [...] O narrador julga-se dispensado de contar a poetica lenda de N. S. da Penha de França, tão sabida é ella! [...] Esse mitho [do amor maternal], e a natural devoção do povo fluminense á Santa Virgem, bem depressa tornaram tão extensa e tão celebre a devoção da Virgem da Penha, que pouco tempo depois seu templo tornou-se o centro de devotas romarias [...].¹⁰

Valendo-se da caracterização da religiosidade de Augusto, o narrador comentou a devoção que o “povo fluminense” dedicava à santa à qual ele dirigiu suas preces, mencionando as romarias. Note-se que, para conferir credibilidade às palavras do narrador, foram fornecidas informações que permitiam conhecer a história da construção do edifício e o local em que ele se situava.

Para caracterizar os costumes populares brasileiros, o autor também incluiu, em algumas de suas narrativas, passagens em que foram descritas as reuniões sociais das quais as personagens participavam. No terceiro capítulo de *O Filho do Pescador*, por exemplo, o narrador dedicou-se inteiramente à descrição de duas festas promovidas por Augusto e Laura. A primeira delas foi a comemoração do casamento dos protagonistas, evento marcado por uma sucessão de brindes que motivaram os convivas a comporem décimas que glosassem o mote “dos noivos bebo à saúde”:

MOTE

Dos noivos bebo à saúde.

GLOSA

Enquanto sobre esta mesa / Esta bela companhia / Desfruta com alegria / Prazeres da natureza; / Enquanto a gentil beleza / Conquista aqui peito rude, / Eu empinando um almude / De vinho bem generoso, / Contento, alegre e gostoso / *Dos noivos bebo à saúde.*

- Bravo, bravo... viva o Tomás...

- À saúde do Tomás.

- Sr. Tomás, viva.

- Obrigado, minha senhora.

- Agora lá vou eu; queiram ouvir-me, disse um alegre maganão de bom gosto.¹¹

¹⁰ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *Maria ou A Menina Roubada*. In: *Marmota Fluminense*. Rio de Janeiro: tip. de Paula Brito, 05/11/1852.

¹¹ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *O Filho do Pescador*. Op. cit., p. 42-3.

A boa acolhida recebida por Tomás serviu de estímulo para que outra personagem se dispusesse a improvisar versos, os quais foram recebidos com a mesma empolgação. Dentre os presentes, estava uma senhora que, para dar continuidade à brincadeira, sugeriu que se compusessem versos para o mote “amo a quem não sabe amar,/ aborreço a quem me adora”, que foi prontamente glosado por um dos poetas de plantão. Ainda nesse capítulo, teve lugar o banquete que Augusto e Laura ofereceram aos amigos oito dias após o casamento, cena narrada com a mesma vivacidade empregada na descrição da comemoração anterior. Segundo o narrador, após anoitecer, os convivas reuniram-se em uma sala “onde muito tempo dançou-se, cantou-se, etc.!”. Atendendo aos pedidos dos amigos, Florindo, um “namorador profissional”, cantou uma modinha que lhe rendeu “muitos bravos, muitos vivas, muitas palmas”:

MODINHA

Se quando ainda eras livre / Eu te visse, ó linda flor, / Ou tu serias só minha, / Ou eu morrera de dor;

Mas se quebrares / Teus duros laços, / Gentil pastora, / Vem a meus braços.

Reparte ainda comigo / Metade do teu amor; / Um teu sorriso é bastante / Pra terminar minha dor;

Mas se quebrares / Teus duros laços, / Gentil pastora, / Vem a meus braços.

Muitos bravos, muitos vias, muitas palmas soaram por toda a sala; ao depois alguém perguntou a Florindo quem era o autor da bela poesia que acabara de cantar?

- Eu mesmo, minha senhora, disse o gabola.

Nada, porém, mais falso, pois que o impostor apenas tinha feito nos versos algumas alterações talvez com seus fins...

A modinha, pois, era deste modo:

Como permitiu meu fado / Que eu te visse, ó linda flor, / Ou sê minha eternamente, / Ou morrerei de dor.

Comigo tece / Ditosos laços, / Gentil pastora, / Vem a meus braços.

O primeiro versos da segunda quadra era:

Reparte, meu bem, comigo.

Tudo o mais do modo como que se vê acima.¹²

Apesar de, inicialmente, a inclusão da letra da modinha cantada pela personagem apenas caracterizar os costumes brasileiros, os acontecimentos que sucederam esse episódio mostrariam a importância do conteúdo da música para o desenvolvimento do enredo. Segundo o narrador, antes de despedir-se, Florindo entregou a Laura um bilhete em que escrevera a letra da canção e ambos acabaram se tornando amantes. Assim, não foi por acaso que, no excerto acima, o narrador sugeriu que Florindo havia alterado a letra visando a um fim específico e empenhou-se em mencionar as modificações

efetuadas por ele. Comparadas as duas versões da modinha em questão, verifica-se que a personagem adaptou a letra para que, através dela, pudesse declarar-se à esposa do amigo e instigá-la a quebrar os “duros laços” matrimoniais.

Para caracterizar os costumes populares brasileiros, o autor recorreu, ainda, à linguagem, utilizando termos que, segundo as notas explicativas que os acompanhavam, eram de uso corrente na fala da época. Em *Maria ou A Menina Roubada*, por exemplo, encontramos a expressão “Boas!”, que foi definida como uma “Negativa familiar, e chula, que ouvimos em algumas partes. Assim se diz por elipse. A phrase é *Boas cousas*; com algum verbo *ad hoc*.”¹³ O mesmo se deu em *A Providência*, narrativa em que o autor incluiu, nas falas das personagens, termos e expressões cujas notas explicativas informavam que eram de uso regional ou “vulgar”. Quando estabeleceu o sentido da expressão “mel de pau”, por exemplo, o autor mencionou que se tratava do modo como “o vulgo das roças chama[va] o mel de abelhas.”¹⁴

Em *As Fatalidades de Dois Jovens* também se verifica a presença de notas de rodapé com observações sobre determinados usos lingüísticos, como aquela destinada a esclarecer o sentido da expressão “Um preto de bucólica”, a saber: “Usa-se na roça este modo de fallar, e tenho ouvido dizer de differentes modos, isto é: ‘homem de cabolica, ou de becolica, ou de bicolica’ por homem grave, serio, etc.”¹⁵ Esse romance, porém, possui duas passagens em que o trabalho com a linguagem deu-se através da caracterização dos dialetos utilizados pelas personagens. Na primeira delas, o autor tentou caracterizar o modo de falar de um angolano:

Passados tres mezes, meu pae veio ter commigo trazendo em sua companhia um homem mal encarado e de uma excessiva magreza; chegando-se a mim, meu pai me disse de um modo resolutivo: “Aqui está o snr. José Maria d’Alfama, ó rapariga, que ha-de ser o teu marido, tens **oubido**?... e ha-de sêl-o, porque eu o quero... ora **bê** lá: é piloto da galera Aurora, e muito meu amigo; e d’hoje **abante** o **debes** olhar como o teu homem, que ha-de sêl-o... Ora toma sentido.”¹⁶

O excerto acima integrou o episódio em que Margarida contou suas desventuras a Geraldino e, para reproduzir a fala do pai, natural de Angola, trocou “v” por “b”. A outra passagem do enredo em que o autor utilizou o dialeto para caracterizar as personagens foi o momento em que tentou assinalar as diferenças de pronúncia existentes entre paulistas e fluminenses:

¹² Idem, p. 50-1.

¹³ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *Maria ou A Menina Roubada*. In: *Marmota Fluminense*, n. 336, 01/02/1853.

¹⁴ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *A Providência*. Op. cit., tomo V, p. 35.

¹⁵ SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. *As Fatalidades de Dous Jovens*. Op. cit., p. 215.

- Óra, póis, amigo, já déve dé sáber qué não éstá nás mãos dé nenhuma créança.

Alfama, pelo acento da voz que lhe fallava, conheceu logo que estava nas mãos de paulistas, e que não eram quaesquer paulistas, mas sim paulistas de papo, que não perdoam, que juram, e que cumprem [...].

- Então o que querem vocemecês? perguntou Alfama.

- Qué mencê ássuba pára ácima, qué témos qué lhé fallar lá déntro dé sua cása.¹⁷

Através da observação de que a personagem reconheceu a procedência do indivíduo que a abordara através de seu modo de falar, o autor indicava que fora proposital a profusão de acentos que utilizou nas palavras destinadas a reproduzir o dialeto dos paulistas. Devemos considerar, também, que marcar as diferenças entre o modo de falar de brasileiros e angolanos e paulistas e fluminenses era uma forma de o autor, ao mesmo tempo, conferir credibilidade à narrativa e retratar a cultura popular.

5.1.3 A história pátria como pano de fundo.

Dentre os seis romances produzidos por Teixeira e Sousa, quatro foram destinados a abordar o Brasil colonial, a saber: *As Fatalidades de Dois Jovens*, *Tardes de Um Pintor* ou *As Intrigas de um Jesuíta*, *Gonzaga* ou *A Conjuração de Tiradentes* e *A Providência*. Nessas obras, mesclaram-se personalidades e eventos da história brasileira e personagens ficcionais envolvidas em amores, desencontros e crimes que conferiram movimento aos enredos.

Com exceção de *Gonzaga* ou *A Conjuração de Tiradentes*, as narrativas de Teixeira e Sousa ambientadas no Brasil setecentista utilizaram acontecimentos da história pátria como pano de fundo. Um dos recursos de que o autor se valeu para inserir informações históricas nesses romances foi a transformação de vultos históricos em personagens secundárias. Entre as personagens de *As Fatalidades de Dois Jovens*, por exemplo, temos temos Luiz de Vasconcelos, o vice-rei que governava o país no momento em que se deram os acontecimentos referidos no enredo. Ele esteve presente na festa em que, um ano após ter sido raptada pelos assaltantes, Emília reencontrou Geraldino e, nessa ocasião, demonstrou vivo interesse pela história de amor dessas personagens:

- Ah! é preciso ser franco. Aqui não está o vice-rei dos estados do Brazil; está tão somente Luiz de Vasconcellos, isto é um homem de honra, e que falaria de ver unidos dous jovens tão bellos, e que tantas razões têm de muito

¹⁶ Idem, p. 122. Grifos nossos.

se amarem. Eu creio que a linda Emilia não é indiferente aos encantos do Snr. Geraldino; e nem ao grande serviço que lhe prestou: em seus olhos, em sua surpresa, e no seu desmaio li alguma cousa mais do que gratidão. Pela sua parte, já disse que não é incensível aos encantos da beleza.

- E nem sou: mas é impossível o ligar-nos.

- Impossível? ¹⁸

Diante da disposição do vice-rei em fazer-se seu confidente, Geraldino referiu as circunstâncias que geraram a inimizade entre Júlio, seu pai, e Flávio, o pai de Emilia. Apesar de reconhecer que havia muitas dificuldades a serem superadas, Luiz de Vasconcelos tentou convencer o protagonista a não desistir da realização de seus amores.

Em *Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta* também houve, entre as personagens secundárias, um governante que tinha simpatia por um dos protagonistas: Gomes Freire de Andrade, o governador responsável pela derrota dos jesuítas no conflito de Sete Povos das Missões. Segundo o narrador, ele nutria grande afeto por Juliano e era “amigo íntimo” de seu tio Agostinho¹⁹. Quando, depois de findo o conflito com os indígenas nas Missões, graças às armações do padre Roberto, um desconhecido atirou em Juliano, o governador não exitou em prestar-lhe auxílio. O narrador observou que o protagonista estava “fora de si” e “parecendo mais um defunto que um homem vivo, foi levado em braços do lugar em que caiu ferido até a tenda do general, isto é, até a tenda de Gomes Freire, que o estimava como filho!”²⁰

Para conferir credibilidade às suas narrativas, o autor também incluía, no enredo, informações referentes à história do Brasil. Em muitos momentos, as descrições de cenário foram utilizadas para fornecer esses dados ao leitor, como se verifica na caracterização do recolhimento de N. S. do Parto, local em que se deram alguns acontecimentos narrados em *As Fatalidades de Dois Jovens*:

Vizinho á igreja de N. S. do Parto, o reverendissimo bispo D. Fr. Antonio do Desterro erigiu este recolhimento applicando (por um breve que obtve do Santo Padre) para esta obra mais de quarenta mil cruzados, que Estevam Dias de Oliveira deixára para distribuir-se a bem de sua alma, cumpridos certos legados e alguma sobras pias por elle determinadas.

A factura da obra teve começo no anno de 1742 e pôz-se-lhe remate não muito depois. [...] Quarenta e tantos anos depois, o edificios reclamava altamente por necessarios reparos [...] Era mister um bemfeitor de uma alta

¹⁷ Idem, p. 276.

¹⁸ Idem, p. 140.

¹⁹ SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. *Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*. Op. cit., p. 148.

²⁰ Idem, p. 317.

representação, cujo zelo religioso, cuja representação, cujo carácter e probidade servissem de penhor não só às esmolas do fieis, como por meio de sua influencia facilitasse os modos de as haver sem muito trabalho. Eis se não quando a Providencia o deparou na pessoa do vice-rei, o honrado Luiz de Vasconcellos.²¹

Além de elogiar religiosos e representantes da coroa portuguesa, a passagem mencionava nomes dos vultos históricos envolvidos nos acontecimentos e as datas precisas em que eles se deram. Em alguns episódios dos romances, as descrições indicavam que o autor possuía relativo domínio da história da cidade do Rio de Janeiro. É o caso da seguinte passagem de *A Providência*, obra que, assim como *As Fatalidades de Dois Jovens*, recebeu o subtítulo de “recordações dos tempos coloniais”:

Sobre uma planura cimeira do morro do Castello ainda existe, reliquias da primitiva cidade, o templo de S. Sebastião, seu orago e padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, e por isso tambem chamada Sebastianopolis, isto é, cidade de S. Sebastião, nome desse bravo capitão das guardas pretorianas [...].

Ora, quem não souber a nossa história perguntará: - E que tem uma cidade do Novo-Mundo com S. Sebastião, que nasceu, viveu e morreu quando esses orgulhosos Romanos nem suspeitavam que havia uma terra, que, por tão grande, mereceu ser chamada de Novo-Mundo, apesar dos versos de Seneca na sua Medéa? Ahi vai nú e crú, tal e qual se lê em nossos historiadores:

Martim Affonso denominára a terra – Rio de Janeiro, - porque nella aportára no 1º. de janeiro de 1531. Mem de Sá, cumprindo o voto de Estácio de Sá, declarou patrono da nova cidade a S. Sebastião, e chamou-lhe cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, pois que reconhecêra a esse santo como protector de suas victorias, sendo a ultima ganha sobre os Tamoyos no dia em que a igreja commemora o martyrio desse illustre martyr.²²

Como se tratava da descrição do cenário em que duas personagens se encontrariam para, através de um duelo, disputar o privilégio de cortejar uma donzela, as informações históricas não eram determinantes para o entendimento do enredo. Entretanto, motivado pela menção ao templo de São Sebastião, o narrador deixou de caracterizar o cenário e passou a fornecer dados e datas que permitiam conhecer as origens do culto que os brasileiros devotavam a esse santo, já que o fato de ele ser padroeiro do Rio de Janeiro explicava o uso da expressão “Sebastianópolis” para fazer referência a essa cidade.

O estabelecimento de conexões entre os acontecimentos da história nacional e o percurso das personagens foi outro elemento recorrente nas narrativas históricas de Teixeira e Sousa. *Tardes de um Pintor* foi o romance em que o autor mais se valeu desse recurso. O primeiro evento histórico referido nesse texto foi o tratado estabelecido entre Portugal e Inglaterra em 1703, o qual gerou a falência do pai de

²¹ SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. *As Fatalidades de Dous Jovens*. Op. cit., p. 97.

²² SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *A Providência*. Op. cit., tomo II, p. 33.

Clara e obrigou-o a mudar-se para o Brasil²³. Nessa época, Paulo trabalhava como caixeiro para André e, ao descobrir que o patrão escondia sua fortuna no quintal de casa, passou a aguardar uma situação propícia para roubá-lo. Ele realizou seus intentos quando ocorreu a invasão do Rio de Janeiro pelos franceses, em 1710, pois o acontecimento levou André a deixar a cidade por alguns dias²⁴.

Dentre os eventos históricos presentes nesse romance, o conflito ocorrido em Sete Povos de Missões, episódio atrelado à vida dos protagonistas, foi aquele que recebeu maior atenção. Paulo desejava que Juliano recuperasse a posição de homem de bem que fora abalada por uma acusação de assassinato que todos ignoravam tratar-se de uma armação do padre Roberto. O pai de Clara propôs a Juliano que, para restaurar sua imagem, participasse da expedição organizada pelo governador Gomes Freire de Andrade para “bater os índios rebeldes nos campos de Missões”²⁵. Ele concordou e, segundo as indicações do narrador, sua atuação foi importante para promover a derrota dos índios:

Gomes Freire, que não tinha consentido que Juliano entrasse em fogo, viu-se forçado a conceder que ele fizesse parte dos assaltantes de arma branca. O corpo dos espingardeiros índios metido em quadrados ainda fez pé contra a cavalaria; mas esta, investindo com os outros armados só de lanças, espadas, etc. entrou por eles fazendo horríveis estragos. Juliano parecia um leão faminto, salvo de um fosso, ou fugido de uma gaiola, no meio de um rebanho!²⁶

²³ O célebre tratado de 1703 entre Inglaterra e Portugal parecendo entabular uma aliança ofensiva e defensiva não passava na verdade de um tratado de comércio, que abria aos negociantes e especuladores da Grã-Bretanha um caminho seguro e lucrativo sobre o comércio português: e em consequência deste tratado viu-se bem depressa o mercado português inundado de mercadorias inglesas que, isentas de todas as leis proibitivas, faziam estancar, por assim dizer, a indústria portuguesa, ficando destarte inteiramente prejudicada a sábia administração do ilustre conde de Ericeira.

Paulo, tecelão português de imensos créditos, viu em breve seus tecidos cobrirem-se de pó nas prateleira de sua fábrica, e todo seu negócio arruinado; prosperando à custa de sua fábrica, bem como à custa de todas as do reino, os tecidos ingleses. Paulo então ameaçado de fazer uma extrema ruína, não querendo fazer uma triste figura em sua pátria, vendeu ou antes queimou quanto tinha e transportou-se para o Brasil. SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. *Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*. São Paulo: Editora Três, 1973, p.30.

²⁴ “A mencionada aliança com a Inglaterra contra a França, fazendo com que esta não obtivesse relações vantajosas, quando começava a reinar d. João V, fez com que a França, queixosa de que Portugal rejeitasse sua aliança em proveito da Inglaterra, resolvesse oprimir os domínios portugueses por meio da guerra.

Com efeito, uma expedição de seis naus e mil homens de tropa preparou-se silenciosamente no porto de Brest, e ao mando do Duclerc dirigiu-se para América, e em 1710 aportou, ao Rio de Janeiro.

A este tempo já Paulo se achava no Rio de Janeiro, servindo de caixeiro de uma casa bastante rica.

Todos sabem qual foi o êxito desgraçado da expedição francesa, e o como aleivosamente, e de um modo covarde, acabou o general dela.

Quando Duclerc penetrou na cidade, não deixou de causar ao povo bastante susto, e não poucas pessoas deixaram suas habitações, e se refugiaram em diversas partes do interior, e entre estes André, patrão de Paulo.” SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. *Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*. São Paulo: Editora Três, 1973, p.30-1.

²⁵ SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. *Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*. Op. cit., p.151.

²⁶ Idem, p.181.

O excerto acima fez parte do capítulo XVIII, intitulado “O campo de batalha”. Nele, além de ressaltar as habilidades bélicas de Juliano, o narrador ofereceu informações sobre a formação de Sete Povos de Missões e sobre a origem do conflito. Para conferir credibilidade aos dados históricos referidos nessa passagem, foram mencionadas as fontes consultadas: os *Anais da Província de São Pedro*, os *Anais da Província da Bahia* e o “moderníssimo *Dicionário Geográfico Histórico* do Império do Brasil.”²⁷

5.1.4 Eventos e vultos históricos em primeiro plano.

Diferentemente do modo como procedeu na elaboração dos demais romances, Teixeira e Sousa mostrou-se menos preocupado com a inclusão de questões moralizantes em *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes*. No prefácio, o autor expôs ao público a relação entre romance e história que orientava suas produções, defendendo a liberdade de o romancista utilizar a imaginação ao lidar com os eventos históricos. O conteúdo da obra fez jus ao título, pois o enredo contemplou os amores de Gonzaga e a Conjuração Mineira.

Na versão do episódio histórico elaborada pelo romancista, Joaquim José da Silva Xavier figura como um jovem talentoso e inteligente que, apesar das condições financeiras medianas, não estudara. Segundo o narrador, depois de viajar pela França e pelos Estados Unidos, ele voltou ao Brasil convencido de que o republicanismo era a melhor forma de governo para a nação. Dias depois de chegar a Vila Rica, em Minas, descobriu que a irmã e o cunhado haviam morrido graças às maquinações de um padre do Santo Ofício, notícia que aumentou seu desejo de organizar uma revolução, pois acreditava que a igreja e a monarquia protegiam-se. Tiradentes viajou para o Rio de Janeiro, onde encontrou aliados. Ele e José Alves Maciel, um colega que também chegara da Europa influenciado pelos ideais de liberdade, convocaram várias pessoas para as reuniões em que seria organizada a conjuração.

Tomás Antônio Gonzaga, ouvidor da comarca e poeta conhecido por todos em Vila Rica, aceitou fazer parte do movimento libertário com o intuito de convencer os conjurados da impossibilidade de realizá-lo. Ele residia em Minas havia menos de um ano e conheceu Maria Joaquina Dorothéia de Seixas Brandão, a Marília, na mesma época em que Tiradentes voltara ao Brasil.

²⁷ Idem, p.178-9.

Obs.: A edição que utilizamos apresenta notas de rodapé com a referência completa das obras, a saber: *Anais da Província de S. Pedro* pelo visconde de S. Leopoldo – Paris, 1839, 1º. vol. 8.; *Anais da Província da Bahia* por Ignácio Accioli de Cerqueira e Silva – Bahia 1838 – 56 – 8º. 5 vol.; *Dicionário Geográfico Histórico etc.*, de J. C. B. Milliet Saint Adolpho, traduzido do manuscrito por Caetano Lopes de Moura. – Paris, 1845, 8º. 2 vols. Acreditamos que as notas sejam do autor.

Gonzaga, apaixonado, compôs poemas para Marília, que correspondia ao seu afeto e aceitou seu pedido de casamento. Segundo o narrador, a notícia dessa união deixou enfurecido o Sr. dos Reis, um homem influente cuja proposta matrimonial havia sido recusada por Marília. Para vingar-se do rival, ele fingiu ser um membro da conjuração e, a par de todos os planos, delatou o movimento para o Governador-Geral. Como o governante tentou conter os revoltosos antes de tomar medidas drásticas, Reis mandou um comparsa ao Rio de Janeiro para denunciar o movimento ao vice-rei. Um dos conjurados, o Sr. de Brito, soube do plano e partiu com o intuito de fazer ele mesmo a denúncia para garantir a própria segurança. Quando viajava para o Rio de Janeiro pela Serra da Mantiqueira, o comparsa do Sr. dos Reis foi capturado por bandidos que assaltavam os viajantes que passavam pelo local. Enquanto os criminosos se ocupavam dele, o Sr. de Brito passou despercebido e chegou ao Rio de Janeiro, onde delatou a conjuração ao vice-rei. Quando soube que o governante já estava a par do movimento, o aliado do Sr. dos Reis, com objetivo de obter o perdão de suas dívidas com a coroa, forjou a informação de que os bandidos da serra da Mantiqueira trabalhavam para os conjurados.

Como consequência desses acontecimentos, os conjurados foram presos e obtiveram penas variadas. O único a ser enforcado e ter o corpo esquartejado e espalhado por Vila Rica foi Tiradentes, que, segundo o narrador, não demonstrou arrependimento pelos seus atos revolucionários. Gonzaga foi condenado ao degredo em Moçambique e, apesar de haver se casado nas terras africanas, lembrou-se de Marília nos últimos momentos de vida.

Para conferir historicidade à obra em questão, Teixeira e Sousa recorreu a estratégias semelhantes às que utilizou nas demais narrativas. Assim como *Tardes de um Pintor*, que trouxe informações extraídas de *Anais de províncias brasileiras*, *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes* apresentou passagens que, segundo as indicações do autor ao longo da obra, foram retiradas dos depoimentos dos conjurados e das sentenças emitidas pela coroa portuguesa na época em que se deu o evento histórico:

Todavia a sentença foi commutada em consequencia da carta regia de 15 de Outubro de 1790: Notemos isto da carta regia:

“Quanto aos réos ecclesiasticos, que sejam remettidos a esta côrte, debaixo de segura prisão, com as sentenças contra elles proferidas; para ávista d’ella eu determinar o que melhor me-parecer. [...]”²⁸

²⁸ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes*. Op. cit., vol. II, p. 120-1.

Por meio da inclusão dessa e de outras passagens semelhantes, o autor indicava que consultara documentos para encontrar os dados referentes ao episódio histórico tratado no romance, sugerindo que a narrativa era fiel a eles. Não devemos perder de vista, porém, que, no prefácio da obra, Teixeira e Sousa declarou que “a historia offerec[ia] o assunto sobre o qual pod[ia] o romancista percorrer à seu livre arbítrio”²⁹. Por isso, ele utilizou uma certa liberdade na elaboração das personagens Gonzaga, a quem conferiu a imagem de gênio incompreendido e apaixonado, e Tiradentes, que figurou, no romance, como herói nacional.

Gonzaga foi a primeira personagem apresentada pelo narrador, que descreveu o poeta como um homem singular, que possuía inúmeras qualidades e contradições, ressaltando que sua personalidade, seus sentimentos e sua forma de relacionar-se com as pessoas e com o mundo eram comuns a outros escritores:

Eis uma lucta continua da natureza divina com a natureza humana, porque ha neste ser o que quer que seja de divino, sem ser essa scintilha vivificante, partida do seio de Deus! É sim uma scintilha vinda da Divindade, que se communica á aquella, que se-chama nossa alma, e tornando-a mais divina, a-relaciona immediatamente com os espiritos mais puros da criação! Tal é o que este ser tem de mais divino que os outros seres.

E pois este homem, tão cheio de contradicções nada é mais, e nada menos que um poeta.

O personagem, que offereço aos meus leitores, como heróe deste pequeno romance, é deste numero. Thomás Antonio Gonzaga!³⁰

Além de apregoar as singularidades dos poetas e aproximá-los de divindades, a passagem explicitava que o “herói” do romance era Gonzaga. Caracterizá-lo como um homem “cheio de contradições” era uma forma de justificar o fato de que, segundo o narrador, ele participara da Conjuração Mineira no intuito de conter os revoltosos e não por acreditar na viabilidade de uma revolução. No romance, Tiradentes e José Alves Maciel, os idealizadores do movimento, atribuíram sua liderança a Gonzaga porque desejavam apoiar-se no prestígio do poeta para angariar adeptos. O narrador enfatizou, em diversas passagens do texto, que o ouvitor não concordava com os projetos dos revoltosos:

Ora alguns dos convidados menos espertos, ou pouco experientes adheriram a conjuração com toda sua alma, os mais sabidos porém, e mais velhacos adheriam por comprazer, porque pensavam que aquillo não passava de uma extravagancia de cabeças exaltadas, e escandecidas. Gonzaga porém não era do numero de uns, e nem de

²⁹ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. “Introducção”. In: *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes*. Op. cit., vol. I.

³⁰ Idem, vol. 1, p. 1-3.

outros. Elle tinha um coração liberal e verdadeiro; mas conhecia a impossibilidade da realização de um plano tão extravagante; e fiando-se em suas luzes, sua eloquência, e prestígio, adheriu ao plano, para o-ir procrastinando, e desvanecel-o a final, sem ser funesto a pessoa alguma, porque elle esperava que tarde, ou cedo os principaes conjurados conheceriam que seu plano era prematuro, porque o paiz estava immaturo não só para um tal systema, como para sustentar uma guerra funesta, que não seria para os portuguezes tão infausta, como fora a dos Estados-Unidos para os inglezes europeus!³¹

Dizer que Gonzaga participara do movimento para tentar dissuadir os conjurados de seus planos era uma forma de defendê-lo e ressaltar a injustiça da punição que ele recebeu. Quando o governador da província mineira suspendeu a lei da derrama, elemento no qual os conjurados apoiaram-se para obter a adesão popular e iniciar a revolta, o narrador indicou que o poeta estava entre os que desejavam abandonar a execução do plano: “Na reunião d’esta ultima noute Gonzaga, e Maciel eram de opinião que se-abandonasse o plano, visto que o governador lhes-havia tirado o pretexto [...]”.³² No desfecho da narrativa, mencionaram-se partes do depoimento de Gonzaga e do testemunho de outros conjurados nas quais se apregoava o não-envolvimento do poeta com a idealização do movimento.

Além de tratar de sua participação na Conjuração Mineira, o romance estabeleceu relações entre a vida de Gonzaga e os poemas que ele, utilizando o pseudônimo de *Dirceu*, teria escrito para Maria Joaquina Dorotheia Seixas Brandão. Segundo o narrador, Gonzaga impressionou-se com a moça quando a conheceu e, ao chegar em casa, compôs os primeiros versos em sua homenagem:

Apaixonado, como estava Gonzaga pela gentil Maria, logo que chegou a sua casa escreveu uns mimosos versos, e tanto que teve occasião, mandou-lh’os: eram elles assim:

Junto a uma clara fonte / A Mãe de Amor se sentou; / Encostou na mão o rosto, / No leve somno pegou. / Cupido, que a viu de longe, / Contente ao logar correu; / Cuidando que era Marília, / Na face um beijo lhe deu. [...]

Si Maria respondeu a estes versos é o que se não sabe, mas o que parece certo é, que os-recebeu. Não tardou muito porém que o apaixonado vate não voltasse a carga com outra nova remessa. Elle pois enviou á moça este (*sic*) versos pela segunda vez:

Não sei, Marília, que tenho, / Depois que vi o teu rosto; / Pois quanto não é Marília, / Já não posso ver com gosto. / N’outra idade me alegrava, / Até quando conversava / Com o mais rude vaqueiro: / Hoje, ó Bella, me aborrece / Inda o trato lisonjeiro / Do mais discreto pastor. / Que effeitos são os que sinto? / Serão effeitos de Amor? [...]³³

³¹ Idem, vol. 1, p. 96-7.

³² Idem, vol. II, p. 18.

³³ Idem, vol. 1, p. 15-6.

Assim como em outras passagens da obra, a menção a poemas cujos dizeres condiziam com o acontecimento narrado estabeleceu correspondência entre a realidade e a literatura. O narrador revelou que foi dessa segunda remessa de poemas que dataram os amores de Gonzaga e Maria Dorotéia, que, a partir dessa passagem, passou a ser nomeada como Marília³⁴ pelo narrador. Outro recurso utilizado para conferir veracidade ao relacionamento do poeta foi a inclusão de cenas do cotidiano e de pequenas intrigas amorosas. Como exemplo, temos o episódio em que Laurinda, uma moça mais rica e menos formosa que Marília, encantou-se com os poemas que Gonzaga declamou em um casamento e passou a dizer que ela era seu verdadeiro amor. Marília, enciumada, escreveu uma carta a Gonzaga queixando-se desse fato, motivando mais uma lira:

Sem se-lembrar talvez de Laurinda, estava Gonzaga muito descansado em sua casa, quando recebeu da parte de Marília o seguinte bilhete:

“Senhor,

“Si tivesse merecimentos convidar-me-ia para madrinha do vosso casamento com a formosíssima, e mui virtuosa Laurinda, mas como não tenho, convido-me já para nesse dia comer um pouco de doce.

Vossa criada, / MARILIA.”

Com a leitura deste bilhete, Gonzaga primeiro enfiou; depois riu-se, e mais calmo escreveu a seguinte lyra:

Minha Marília, / Tu enfadada? / Que mão ousada / Perturbar pôde / A paz sagrada / Do peito teu? / Porém que muito / Que irado esteja / O teu semblante! / Também troveja / O claro Céu! [...] ³⁵

A inclusão de cartas supostamente escritas por Marília, além de caracterizar o desenvolvimento do namoro de ambos, foi outro elemento por meio do qual o autor tentou conferir veracidade ao relacionamento entre ela e Gonzaga. Para conciliar a inclusão dos fatos históricos e a caracterização dos amores do poeta e sua musa, o autor viu-se diante da necessidade de driblar alguns dados que eram incompatíveis com o amor incondicional que tentou atribuir a essas personagens. Quando exilado na África, o poeta casou-se com outra mulher e, para que tal circunstância não descredibilizasse seus sentimentos por Marília, o narrador mencionou que ele, depois de casar-se, enlouqueceu:

Gritava, rasgava seus vestidos, feria-se, e isto quasi sem descanso! e sendo que, durante todo o tempo em que esteve em Moçambique antes de sua enfermidade, e durante ella nunca se-esqueceu do Brasil, de Marília, de

³⁴ “É desta segunda remessa de versos que datam os amores de Gonzaga com a formosa Maria, a qual elle em seus versos chamava de Marília, e por esta razão permittirão os leitores que no decurso deste breve romance a-chame tambem eu Marília, como a-chamava seu terno, e infeliz amante.” Idem, vol. 1, p. 18.

³⁵ Idem, vol. 1, p. 83-4.

seus amores, e da poesia, objectos que pareciam gravados em sua alma tão profundamente pela mão do infortunio; durante sua loucura parecia que nunca no Brasil tinha estado, que nunca havia conhecido Marília, nem que tanto a-tivesse amado, nem ainda de seus versos! Por ultimo, em um certo dia, tendo passado a noite um tanto tranquillo, amanheceu melhor; parecia até que nada soffria. Pela volta das dez horas da manhã mostrou alguma agitação, e no meio d'ella fallou em Marília, e no Brasil; mas como idéas vagas, que por ventura passassem por sua cabeça: a esta agitação seguiu-se uma prostração mortal; as forças o-abandonaram totalmente, mas o espirito pareceu reganhar quasi toda sua actividade: n'esta languidez (sic) de forças, e actividade de espirito lembrou-se então do Brasil, tendo d'elle as mais distinctas notas que em tal estado ter podia! O mesmo foi de Marília! Então recordou-se de tudo; dos seus amigos, dos seus amores, e da conjuração. Depois de todas estas recordações calou-se, e assim esteve meia hora segura, e no fim d'ella repetiu este soneto: [...]³⁶

As explicações pareciam destinadas a defender a fidelidade do amor de Gonzaga, pois indicavam que suas últimas palavras foram destinadas à musa inspiradora de seus poemas, sugerindo que ele nunca a esquecera. Outra dificuldade a ser driblada foi o fato de que, segundo o narrador, corria entre seus contemporâneos o boato de que Marília negara qualquer envolvimento com o poeta. Para evitar que esse elemento compromettesse a veracidade do romance entre ambos, o autor alegou que o casamento de Gonzaga havia sido a causa dessa negação:

Muitos annos depois, na derradeira quadra de seus annos, muito depois da morte do poeta, quando alguém da actual geração, (isto é, da que succedia á geração contemporanea da conjuração) lhe-pedia noticias de Gonzaga, ella respondia (e parecia ingenua) "que nunca tivera a menor relação com tal homem; que é verdade que quando era elle ouvidor de Minas ouvira dizer que lhe-era affeioado, mas que ella nunca com isso se-importára!"

É preciso fazer justiça: este ficticio esquecimento é uma nobre vingança de um coração de mulher, cujo orgulho se-crê tão intimamente offendido!

Um coração de mulher não perdoa um esquecimento do amante.

Não se-sabe si quando chegou a noticia da morte de Gonzaga Marília a-sentiu: é de suppor que sim, mas esse segredo só ella revelou ao seu travesseiro.³⁷

O empenho do autor em atribuir veracidade ao envolvimento entre o poeta e Marília pode estar relacionado ao fato de que a vida amorosa do poeta era importante para o desenvolvimento do enredo. Afinal, foi esse relacionamento que motivou o Sr. dos Reis, um pretendente enciumado que fora repellido por Marília, a delatar a conjuração para vingar-se. A atribuição de carácter verídico aos amores de Gonzaga

³⁶ Idem, vol. II, p. 146.

³⁷ Idem, vol. II, p. 145.

e sua musa também era uma forma de, em meio à narração de um episódio histórico cujo foco seriam questões políticas, o leitor de folhetim entrar em contato com uma história de amor incondicional que superou barreiras de tempo e de distância³⁸.

Como indicou o subtítulo “Conjuração de Tiradentes”, Joaquim José da Silva Xavier ocupou lugar de destaque no romance. Na obra, ele foi caracterizado como um herói cujo nome merecia ser exaltado devido ao fato de ter fornecido um grande exemplo de amor pela pátria, lutando pela sua liberdade. Na primeira menção dessa personagem, o autor dipôs os elementos que fundamentariam todas as suas ações:

Tempos havia passado sobre a regeneração dos Estados-Unidos, e Tira-dentes viajava em França, quando os despostismos dos reis, e ambição dos padres começavam de perigar, pelas doutrinas constantemente lidas, vulgarizadas quasi de bocca em bocca. Tira-dentes dotado de talento, cheio de mocidade, e de esperanças, encarando um futuro brilhante; ardente, e cheio de imaginação, não podia ser estranho as doutrinas, que ouvia, e tão queridas lhe-pareciam de um grande povo. Da França veio aos Estados-Unidos, cujo maravilhoso espectáculo arrebotou sua ardente imaginação de homem grande! Tira-dentes viu um povo n'aurora da vida phanatico de seu patriotismo, orgulhoso de sua liberdade, a qual com tantos sacrificios, e a custa de tanto sangue acabava de firmar sobre innumerados cadaveres de seus bravos! [...]

Não tinha porem Tira-dentes nem a longa experiencia dos homens, e das cousas, e nem o serio estudo dos povos, que fazem conhecer que forma de governo melhor se-adopta (*sic*) a este ou á aquelle povo: elle era ainda joven, talentoso, é verdade; mas sem estudos. Tira-dentes pois pensou de si para si que o governo republicano convinha ao Brasil melhor que outro. E se-enganava!

Elle se havia esquecido, si o-sabia, que a educação dos inglezes americanos era uma educação laboriosa, e que a prosperidade de seu paiz se-baseava em seu commercio, em sua lavoura, em sua industria, e em suas artes; não assim a educação do Brasil [...]. E pois, si Tira-dentes vivesse hoje reconheceria sem custo que seu plano fora prematuro. Sigamos.³⁹

Assim como procedeu na caracterização de Gonzaga, o narrador tentou justificar as atitudes de Tiradentes. Nesse caso, atribuiu suas ações revolucionárias à influência que a independência dos Estados Unidos e as doutrinas iluministas com que entrara em contato na França exerceram sobre o espírito de um

³⁸ Márcio Serelle, em seu estudo sobre a formação da Inconfidência Mineira no imaginário oitocentista, acredita que o envolvimento entre Gonzaga e sua musa ocupou um lugar de muita relevância no enredo de *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes*. Para o autor, Teixeira e Sousa está entre os escritores brasileiros que “reduziram a conjuração a um caso de amor romântico, mitigando as questões políticas do episódio e levando a tragédia dos noivos à cena principal da Inconfidência.” Cf. SERELLE, Márcio de Vasconcellos. *Os versos ou a história: a formação da Inconfidência Mineira no imaginário do oitocentos*. Tese de Doutorado. Campinas/SP: Instituto de Estudos da Linguagem, 2002, p. 21.

³⁹ Idem, vol. 1, p. 8-9.

homem “dotado de talento, cheio de mocidade, e de esperanças” e preocupado com seu país. Entretanto, sem experiência de vida e, principalmente, sem a erudição que lhe permitiria conhecer as formas de governo apropriadas para cada território, precipitara-se ao defender o estabelecimento da república no Brasil. Ao longo da narrativa, houve outras passagens em que o narrador enfatizou que Tiradentes agira movido pelo amor à pátria e não para angariar benefícios para si:

Eram bem proprias estas sensações de um coração ardente, joven, e generoso, que não palpitava senão pelo bem, e pela gloria de sua patria! Eram bem proprias estas sensações do coração puro, e quem sabe si ainda virgem de um mancebo sincero! Tira-dentes nada queria para si, e tudo para a patria! nada fazia por si, e tudo por ella! Sim, por que acreditava que seus bens, seus braços, seu sangue, seu coração, sua vida, sua alma, tudo pertencia a patria, e não se-lhe dava de morrer, contanto que fosse sacrificado, no altar da patria, pela mesma patria!⁴⁰

A atribuição dessas características à personagem colaboravam para criar a imagem de Tiradentes como um herói nacional movido por sentimentos sinceros e nobres cujo erro proveio da ingenuidade e da falta de esclarecimento. Além disso, essas circunstâncias fundamentarão a idéia de que foi injusta a punição que ele recebeu, pois, segundo o narrador, foi acusado de idealizar a conjuração com o objetivo de subir ao poder.

Além do amor pela pátria, um episódio de caráter pessoal teria sido decisivo para que Tiradentes organizasse a conjuração. Dias depois de sua volta dos Estados Unidos, ele descobriu que Francisca, sua irmã, e Cláudio Nunes, seu cunhado, haviam sido mortos por influência da Santa Inquisição. Segundo sua tia, que presenciara os acontecimentos, um padre do Santo Ofício pernoitara na residência do casal e apaixonou-se por Francisca, enviando-lhe uma carta. Cláudio, porém, leu a missiva antes que chegasse às mãos da esposa e pediu que o portador dissesse ao religioso que, em breve, seria enviada a resposta. Dias depois, quando o mesmo padre voltou à sua residência, Cláudio expulsou-o. No dia seguinte, o cunhado de Tiradentes estava lustrando um crucifixo de prata à beira de um rio e, interrogado por um frade a respeito do que fazia, respondeu que estava “areando [um] machacaz⁴¹”, utilizando uma expressão comum em sua terra natal. Essa circunstância foi utilizada como justificativa para que, no dia seguinte, o

⁴⁰ Idem, vol. 1, p. 30-1.

⁴¹ “Que fazeis ahi, Sr. Claudio Nunes?”

‘Estou areando este machacaz.’(respondeu Cláudio).

Como Claudio Nunes era da ilha do Faial donde, como seu pae, veio muito pequeno, assim respondeu alludindo ao dito de sua terra.” Idem, vol. 1, p.50.

padre que fora repellido por ele entrasse em sua casa e o prendesse por heresia em nome do Santo Ofício. Francisca estava grávida e, graças ao sofrimento de ver o marido ser levado preso e os bens de sua casa serem espoliados, deu à luz um filho morto e faleceu. Cláudio, após ter permanecido um ano e meio em Lisboa, retornou a Minas inteiramente cego e morreu três dias depois de saber do falecimento da esposa. Segundo o narrador, esses acontecimentos foram importantes para que Tiradentes começasse a concretizar seus ideais revolucionários:

Eu já dei a bitola do character de Tira-dentes, e de suas opiniões políticas; si acertadas, ou erroneas, não é isso sem duvida do dominio de um simples romancista; aos publicistas o-compete: dê-se á Deos o que de Deos é, e á Cesar o que é de Cesar. [...]

Si depois que Tira-dentes soube da tragica historia de seu cunhado, e sua irmã, pensasse mais calmo, certo não intentaria uma empreza inexequivel em todos os sentidos. Tudo era prematuro no Brasil para passar n'um repente do mais opressivo Estado, a uma completa liberdade, convém saber, do estado colonial ao estado republicano: mas sua ardente phantasia extasiada no brilhante futuro, que a sua patria figurava, supria a carencia de todos os meios. Até aqui seu plano podia ser socegradamente ruminado, por que em seu coração podia haver uma tal ou qual calma; mas de agora em diante, quando elle junto ao futuro da patria meditava na vingança de sua irmã, o estado de sua alma era outro.⁴²

Assim como em outros momentos do texto, o narrador opinou que a atitude da personagem era precipitada, circunstância importante para que, no final da narrativa, Tiradentes fosse defendido da acusação de ter idealizado a conjuração movido por interesses financeiros. Essa forma de referir-se à personagem pode ser tomada, também, como uma maneira que o autor encontrou de louvar o patriotismo de um vulto histórico que defendera a república sem indispor-se com o imperador. Afinal, Teixeira e Sousa vinha tentando cair nas graças do monarca e publicava poemas em sua homenagem na imprensa. No excerto acima, o narrador, apesar de anunciar que não era competência de um romancista julgar as atitudes de Tiradentes, foi categórico ao afirmar que a conjuração era “uma empresa inexequível em todos os sentidos”.

Na condição de contestador idealista que pretendia libertar a pátria e vingar sua família, Tiradentes protagonizou cenas em que demonstrou honra e bravura, portando-se como um herói. Entretanto, nos capítulos que narraram sua prisão, seu julgamento e o cumprimento da sentença que determinou seu enforcamento, o herói da Inconfidência Mineira ganhou atributos de mártir:

“**Machacaz**, s.m. Individuo corpulento, mas desajeitado; s.m. e adj. finório; espertalhão.” In: *Dicionário Brasileiro Globo*. São Paulo: Globo, 1993.

Em face da soberana carta regia da piedosa rainha, não avançarei si a condenação de Tira-dentes foi ou não injusta; mas o que me-atrevo a avançar é que Tira-dentes despertou a idéa, que em quasi todos dormitava apenas, que Tira-dentes era, de todos os conspiradores, o mais pobre e menos intruido (*sic*), e que nada representava, e que a ser condemnado Tira-dentes o-deveriam ser os principaes homens de Minas, que para a revolução concorriam com seu dinheiro, gente, além de suas pessoas, unico contingente com que Tira-dentes entrava! Mas Tira-dentes devia morrer, devia, que sua missão estava completa; sua missão era despertar essa grande idéa, que ao som do primeiro grito de Liberdade soltado em Boston, e firmando em Gante, entranhou-se no animo do povo brasileiro! e essa idéa morreria á falta de um sangue que a-fecundasse, como a planta que morre á falta das chuvas do céu! Como o lavrador dos campos que muitas vezes lavra a terra e semêa para seus descendentes, porque a morte o-privava do gosto de ver lourejar suas sementeiras, elle devia ser o autor d'esta grande idéa, devia até preparal-a, e morrer, porque sem seu sangue, outro qualquer sangue illustre, essa nobre idéa morreria, e morreria para sempre, porque a liberdade é uma planta de tal maneira custosa, que não pôde florescer, e menos fructificar senão regada pelo sangue de seus cultivadores, até que o-seja de seus verdugos, para então com mais gloria, e mais viço vegetar!⁴³

Mesmo anunciando que não opinaria se a condenação da personagem foi ou não injusta, o narrador insinuou que a falta de instrução e dinheiro colaboraram para que ele sofresse os maiores castigos. Além disso, essas palavras sugeriam que a morte de Tiradentes deveria ser concebida como um acontecimento necessário para despertar nos brasileiros o desejo de lutar pela liberdade do país, ou ainda, uma missão que exigia que ele derrubasse o próprio sangue em benefício de outras pessoas, como o Cristo bíblico. A sugestão de que existiam semelhanças entre as trajetórias de Tiradentes e de Jesus figurou em outras passagens da obra:

Findos os tenebrosos tres dias, durante os quaes a justiça, depondo as suas iras, entrega aquelles, que ella condemnara, á commiserção publica, e ás dolorosas reflexões da humanidade; a justiça veio reclamar a sua victima. Tira-dentes deixou o logar da propiciação para o logar da expiação. O préstito começou de desfilar do pretorio para o calvario.⁴⁴

O sacerdote do Senhor que velava sobre seus derradeiros momentos dice-lhe com voz doce:

- Não importa, filho! Christo tambem morreu innocente!...

- Sim, meu padre! (dice o condemnado) e voltando-se para o algoz dice-lhe:

- Fazei o vosso dever.

⁴² SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes*. Op. cit., vol. 1, p. 66-7.

⁴³ Idem, vol. II, p. 125-6.

O carrasco passou-lhe o braço; e depois olhou para o padecente um com (*sic*) receioso! Elle quiz com seu gesto indicar que em sua alma havia compaixão! quiz, mas não soube!

Tira-dentes lançando pela ultima vez os olhos sobre a multidão, exclamou:

- Ó Patria, recebe o meu sacrificio! -

E voltando-se para o ministro de Deus, dice:

- Meu padre, posso morrer. -

Um instante depois a liberdade contava um martyr de mais, e a realza mil inimigos de mais quando immolava um! E a realza ganhou, ou perdeu com este sangue? A liberdade ganhou.⁴⁵

Ao utilizar o termo “calvário”, o narrador aproximou o caminho percorrido por Tiradentes rumo à praça onde foi enforcado e o trajeto de Cristo em direção à cruz em que foi crucificado. Em outra passagem do romance, a aproximação entre a morte de ambos foi feita por um representante da igreja, o que conferiu credibilidade ao paralelo estabelecido pelo narrador. Essa comparação foi aludida, também, pelo próprio inconfidente, que, na condição de “mártir”, dispôs-se a fazer um “sacrifício” pela pátria.

Construir a imagem de Tiradentes como herói cuja vida foi sacrificada em prol da missão de despertar o sentimento patriótico dos brasileiros era também uma forma de o autor conferir importância capital ao evento histórico que inspirara seu romance. Para atribuir grandeza à Inconfidência Mineira, ele a comparou à Revolução Francesa e à independência dos Estados Unidos:

Antes porém deste movimento liberal [a Revolução Francesa] dous espectaculos grandiosos, e sublimes temos que encarar, e ambos n'America. Um, é uma nação principiante na aurora de sua existencia depedacando os ferros de sua escravidão colonial, e offerecendo ao mundo o maravilhoso espectaculo de ver-se um novo David combatendo, e prostrando a um novo Goliath! Fallo dos Estados-Unidos d'America e da Inglaterra! [...] O segundo espectaculo é o vermos meia duzia de homens abrasados no fogo sagrado da liberdade, querendo verificar no Brasil um seu pensamento augusto, isto é, o pensamento que elles acabavam de ver realizado nos Estados-Unidos!⁴⁶

Ao longo de todo o texto, o narrador apontou semelhanças entre a Conjuração Mineira e esses movimentos, principalmente a independência dos Estados Unidos. O autor parece ter se preocupado em conferir grandiosidade a esse episódio porque, a seu ver, a história nacional deveria ganhar uma divisão mais detalhada. No final do romance, o narrador observou que o historiador que olhasse para os

⁴⁴ Idem, vol. II, p. 135.

⁴⁵ Idem, vol. II, p. 138-9.

⁴⁶ Idem, vol. I, p. 5-6.

acontecimentos “impondo-se o dever de contar os factos” dividiria a existência do Brasil em três épocas: “1ª. epocha colonial, des da descoberta do Brasil até a cathegoria de reino: 2ª. des d’esse tempo até a independencia: 3ª. a que se-segue d’ahi por diante”⁴⁷. Aqueles que estudassem mais profundamente o passado nacional, porém, fariam uma “mais detalhada, mais philosophica, e mais justa divisão” da história pátria:

Eu daria a estas epochas nomes mais philosophicos que historicos, fazendo que estes nomes representassem o mais que pudessem o caracter mais dominante de taes epochas:

1ª. epocha. – Epocha das conquistas – des de 1500 até 1645, em que o Brasil foi elevado a principado: ella durou 145 annos.

2ª. epocha – Epocha extremamente colonial – des de 1645, até a morte de Tira-dentes em 1793; esta durou 148 annos.

3ª. epocha – Epocha de preparação – des de 1793 até 1808, em que veio o rei para o Brasil, e esfriaram os republicanos d’elle, e deram de mão a seus planos; durou 15 annos.

4ª. epocha – Epocha de tranqüillidade, ou até de felicidade – dès de 1808 até a ida do rei para Portugal em 1821: durou esta 13 annos.

5ª. epocha. – Epocha mixta, de heroismo e infamias – des de 1821 até a abdicação do Sr. D. Pedro I em 1831: durou 10 annos.

6ª. epocha – Epocha pura, epocha dos males – des de 1831 até a maioridade em 1840: esta durou 9 annos.

O tempo que d’ahi segue-se até o presente, fôrma uma nova epocha, inqualificavel, e anonyma. O historiador não sabe que nome dar-lhe, o philosopho menos, o politico não sei.⁴⁸

O fato de o autor propor a morte de Tiradentes como marco histórico justificou as tentativas de conferir relevo à Conjuração Mineira e divulgar a imagem de Joaquim José da Silva Xavier como um herói nacional. Se levarmos em conta a divisão proposta no romance, a morte do herói mineiro teria finalizado o período “extremamente colonial”, inspirando os brasileiros a começar a “época de preparação” para efetuar a independência do país. Afinal, a obra sugeria que a missão dessa figura histórica foi sacrificar-se para despertar nos brasileiros o sentimento patriótico.

Vale observar, finalmente, que, ao longo do texto, foram indicadas as fontes de que o autor se valeu para escrevê-lo, tendo em vista que o autor citou passagens foram retiradas das sentenças através das quais foram atribuídas e comutadas as penas dos conjurados e dos depoimentos dos envolvidos na conjuração. Teixeira e Sousa deixa explícito, também, que levou em conta a versão da Conjuração Mineira

⁴⁷ Idem, vol. II, p. 139-41.

⁴⁸ Idem, vol. II, p. 139-41.

presente na *História do Brasil*, de Robert Southey, obra publicada entre 1810 e 1819. O escritor não deixa dúvidas de que consultou o autor em questão para a elaborar seu romance, já que o mencionou em uma passagem do texto: “Quasi sem descansar, viajando de dia, e de noute, chegou Tira-Dentes a Villa-Rica, e em casa de Domingos Fernandes, (que não entrava na Conjuração, apesar do que diz Southey) occultou-se, e fiado em seus companheiros, esperou que arrebesse a revolução.”⁴⁹ Houve outras passagens indicativas de que o romancista discordava da versão do movimento mineiro fornecida pelo historiador, apesar de o autor explicitar sua divergência de opinião, como no exemplo mencionado. É o caso do envolvimento de Gonzaga com o movimento libertário em questão. Southey informou “quem para com todos os confederados passava por seu chefe e guia era Tomás Antônio Gonzaga, homem de grande nomeada pelos seus talentos, dizendo-se ter-se ele encarregado de confeccionar as leis e arranjar a constituição para a nova república.”⁵⁰ Já no romance de Teixeira e Sousa, defende-se a idéia de que o nome do poeta foi referido como forma de angariar adeptos para o movimento libertário e enfatiza-se que o autor de *Marília de Dirceu* aceitou participar da Conjuração com o intuito de dissuadir os participantes de seus propósitos.

Comparando os eventos referidos no texto ficcional e no texto historiográfico, verifica-se que existem, também, informações convergentes. É o caso da idéia, presente no romance, de que Tiradentes fora influenciado pelos ideais de liberdade inspirados pela França e pela Independência dos Estados Unidos. A versão do historiador assemelha-se à do prosador, pois, segundo Southey, Tiradentes julgou que seria possível “sacudir a autoridade de mãe-pátria, fundando uma república independente” porque estava “entusiasmado com o exemplo dos Estados Unidos”⁵¹. Dessa forma, podemos pensar que Teixeira e Sousa utilizou seletivamente as informações referidas por Southey, assimilando aquelas que colaboravam para seus propósitos, como a idéia de que Tiradentes fora influenciado pela Independência dos Estados Unidos, e dando outra roupagem aos elementos que não vinham ao encontro da versão que atribuiu aos fatos, como as circunstâncias que levaram Gonzaga a envolver-se com os conjurados.

Selecionadas ou não as informações, importa considerar que o autor parece ter consultado as principais fontes para estudo da Conjuração Mineira disponíveis no momento em que publicou sua narrativa. É o que indicam as palavras de Joaquim Norberto de Sousa Silva, em sua *História da Conjuração Mineira*, publicada em 1873. Trata-se da “primeira obra dedicada, exclusivamente, à

⁴⁹ Idem, vol. II, p. 55.

⁵⁰ SOUTHEY, Robert. *História do Brasil*. Trad. Luís Joaquim de Oliveira e Castro; anotada por J. C. Fernandes Pinheiro, Brasil Bandecchi e Leonardo Arroyo; prefácio de Brasil Bandecchi. 4ª. ed. bras. São Paulo: Melhoramentos; Brasília, INL, 1977, vol. III, p. 371.

⁵¹ Idem, p. 370.

Inconfidência Mineira”⁵². No prefácio, datado de 1860, Silva mencionou as dificuldades que encontrara para reunir documentos e textos que lhe permitissem reconstituir a história desse movimento político. Segundo ele, durante muito tempo imaginou-se, no Brasil e na Europa, que “a malograda conjuração de Minas Gerais do ano de 1789 não passara de uma invenção do governo colonial”, dada a falta de informações a seu respeito. Pouco a pouco, porém, passaram a circular textos e documentos que abordaram o episódio histórico em questão:

Roberto Southey, o bardo laureado da Grã-Bretanha, desdenhou por algum tempo o seu alaúde para entregar-se às investigações de documentos sobre a nossa história, colhidos por Herbert Hill durante a sua residência entre os portugueses, e deu depois à luz o fruto de suas longas e bem meditadas lucubrações. Foi ele quem primeiro publicou alguns pormenores da conjuração mineira de 1789, e vê-se que não teve outra fonte senão a sentença, que Ribeyrolles chama, com toda a propriedade, versão dos juízes.

Mais tarde, no decurso do ano de 1846, dissipou o Instituto Histórico parte do véu que se colocara entre as masmorras secretas e o patíbulo da praça pública. Verteu uma das vítimas daquelas tremendas perseguições, à instância de nossa associação, algumas páginas de Roberto Southey dedicadas à história da famosa conspiração; adicionou-lhe notas e deu-lhe por complemento a fatal sentença⁵³.

Para preencher as lacunas deixadas por essas obras, o autor revelou que recorreu ao arquivo da Secretaria de Estado do Império, no qual encontrou uma “coleção de documentos originais das duas devassas que se procederam nas capitais das capitanias de Minas Gerais e Rio de Janeiro”. Através dessas palavras, podemos averiguar que as fontes mencionadas pelo romancista eram, possivelmente, as únicas disponíveis no momento em que publicou a narrativa em questão⁵⁴.

Cumprir observar, finalmente, que o episódio eleito por Teixeira e Sousa para figurar em seu romance histórico foi uma escolha recorrente entre escritores brasileiros oitocentistas. A Conjuração Mineira esteve presente, tanto em verso quanto em prosa, em textos literários e historiográficos produzidos por autores como Joaquim Norberto de Sousa Silva, Castro Alves, Bernardo Guimarães e Raimundo

⁵² Cf. SERELLE, Márcio de Vasconcellos. Op. cit., p. 32.

⁵³ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *História da Conjuração Mineira*, s/ref., p. 4. Edição On-Line elaborada pela VirtualBooks, disponível no endereço (www.terra.com.br/virtualbooks). Consulta em 20/06/2007.

⁵⁴ Silva mencionou, ainda que, para conhecer os acontecimentos que se deram no “entreato da agonia que mediou da intimação da sentença à sua execução”, valeu-se de um manuscrito anônimo que localizou no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, intitulado *Memória do êxito que teve a Conjuração de Minas e dos fatos relativos a ela acontecidos nesta cidade do Rio de Janeiro desde o dia 17 até 26 de abril de 1792*. Os eventos narrados em *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes*, porém, indicam que Teixeira e Sousa não teve acesso a esse texto.

Correia⁵⁵. Essa particularidade indica que o autor estava em sintonia com o pensamento de outros homens de letras interessados em colaborar para a construção e solidificação da identidade nacional no século XIX. Além disso, o livro de versos *Marília de Dirceu* foi uma das obras mais lidas em português, tendo obtido trinta e três edições entre 1792 e 1885, o que indica que os leitores do período se interessavam pelos amantes da Vila Rica setecentista. Essa informação permite tomar o relevo concedido à intriga amorosa em *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes* como sinal de que o autor considerou o interesse do público ao elaborar seu romance histórico. Igualmente relevante foi o relevo dado à figura de Tiradentes como herói brasileiro, tendo em vista que, assim como tantos homens de letras que o cercavam, Teixeira e Sousa procurou colaborar para a difusão do ideal nacionalista através de seus textos literários.

5.1.5 Harmonia entre raças em um país escravista.

Um elemento utilizado por Teixeira e Sousa para caracterizar o país em seus romances foi a exploração da faceta escravista da sociedade brasileira. Em suas narrativas, encontram-se passagens envolvendo personagens escravas que, muitas vezes, desempenharam papéis relevantes e foram caracterizadas como pessoas virtuosas que mantinham relações afetuosas com seus senhores.

Dentre as personagens de sua narrativa de estréia, figurou um escravo chamado João, o qual participou de várias cenas em que demonstrou a amizade e lealdade que dedicava a Augusto, seu senhor. Na primeira vez em que apareceu no romance, por exemplo, a personagem salvou o protagonista do incêndio através do qual Laura e Florindo pretendiam matá-lo. Depois de enfrentar as chamas e tomar Augusto nos braços, o cativo encontrou dificuldades para sair da casa incendiada:

Mais quatro passos, eles estariam salvos: porém essa salvação parecia impossível!

Era por uma porta que dava saída para o jardim, que João intentava a passagem, e por sobre um montão de ruínas, debaixo das quais as chamas lavravam abafadas; o negro tropeça sobre elas e sustenta-se; um pau escorrega sobre outro, este madeiro rola de sobre aquele, a pilha de ruínas desfaz-se, espalham-se os combustíveis; uma espessa coluna de fumo se segue, e logo um dilúvio de fogo, que até então estava como sopitado, cujas horrorosas lingüetas ocuparam todo o vão da porta! [...] O preto recua, ele parece perdido, sem remédio, mas não desanima. Para maior desgraça a parede mais vizinha deste doloroso quadro ameaça baquear sobre os dois... [...] A parede pois caindo sobre as chamas as abafa por um momento! Será isto um feito

⁵⁵ O escritor luso Camilo Castelo Branco também abordou esse episódio histórico em uma de suas obras. Um estudo a respeito da presença da Inconfidência Mineira nesse e em outros textos oitocentistas encontra-se em: SERELLE, Márcio de Vasconcellos. Op. cit.

milagroso, ou um feito natural? Será isto acaso, ou a providencia? [...] João, oprimido de sua querida carga, passa incólume por sobre uma ponte de ruínas, assentada sobre um oceano de fogo!⁵⁶

Para conferir grandiosidade à atitude do escravo, o narrador destacou que, à primeira vista, a salvação de ambos “parecia impossível” e descreveu minuciosamente os perigos superados. Apesar de insinuar que a interferência divina foi crucial para a salvação de Augusto, a cena fez de João um herói destemido e forte que realizou tarefas aparentemente impossíveis. No final da narrativa, “o fiel João recebeu o título de sua liberdade, e tantos quantos benefícios Augusto lhe pôde fazer”⁵⁷, sendo, pois, recompensado por suas atitudes.

Dentre os romances de sua autoria, *As Fatalidades de Dois Jovens* foi um dos que deu maior relevo à presença da escravidão na sociedade brasileira. Logo no primeiro capítulo da obra, quando Emília foi seqüestrada pelos salteadores, os escravos que residiam na fazenda de seu pai demonstraram o afeto que nutriam por ela. Segundo o narrador, eles se esforçaram para encontrá-la e choraram diante da possibilidade de ela estar morta:

Toda aquella noite, e parte do dia, passou-se nesta diligencia; não que o administrador a isso obrigasse os escravos, que elles espontaneamente o faziam. Ao meio-dia, desenganados de que seu trabalho era sempre nullo, sahiram do mato.

Era para causar dôr as lagrimas que estes pobres pretos derramavam por sua senhora moça! Elles a choravam, como tendo perdido o que para elles havia de melhor sobre a terra! E com effeito, quando esta boa menina estava na fazenda de seu pae, poucos castigos alli havia, porque ella os estava sempre apadrinhando; e cada uma vez que intercedia a seu pae por algum delles, depois de perdoado, o fazia chegar a si, dava-lhe conselhos, pedia-lhe que procedesse bem, e acabava por dar-lhe dinheiro, para que não commettesse novo crime e era para notar-se que quando esta joven estava na fazenda, os escravos menos delictos commettiam, andavam alegres, e pareciam estudar para agrada-la. O dia em que ella chegava à fazenda era um dia de festa para estas infelizes creaturas; elles enfeitavam-se, cantavam e dançavam, cantigas e dansas de suas terra; e os repetidos vivas que soltavam, victoriando a sua senhora moça, provava o excesso da alegria de sues corações em honra da encantadora rainha dessas festas.⁵⁸

Conversando com os escravos e tratando-os com carinho, Emília os cativava e conseguia influenciá-los, já que, para agradá-la, eles procuravam agir corretamente. Essa passagem pode ser tomada

⁵⁶ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *O Filho do Pescador*. Op. cit., p. 55-6.

⁵⁷ Idem, p. 153.

⁵⁸ SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. *As Fatalidades de Dous Jovens*. Op. cit., p. 21-2.

como uma discussão indireta da escravidão, pois indicou que uma relação não mediada pela violência geraria benefícios para os cativos e seus proprietários. Ao fazer com que a protagonista virtuosa mantenha esse tipo de relacionamento com os escravos, o autor parecia sugerir que era importante dispensar um bom tratamento a todos os seres humanos, indistintamente. Afinal, assim como Emília, Geraldino, o outro protagonista do romance em questão, tratava bem os escravos e mantivesse com eles uma relação amistosa. Quando perdeu todos os seus bens, por exemplo, ele se queixou da falta que sentiria dos cativos: “- Eis que me levam os escravos que meu pae comprou e a quem eu tenho tanto amor!”⁵⁹

Dentre as personagens escravas de *As Fatalidades de Dois Jovens*, merece destaque Mestre Estolano, um escravo cujas atitudes, de certa forma, mostraram os benefícios que os senhores obteriam caso investissem em uma relação afetuosa com seus cativos. O narrador forneceu informações detalhadas sobre essa personagem, revelando que havia pertencido a um padre que o ensinara a ler, escrever e contar. Morto o vigário, fora comprado por Silvestre e levado à fazenda de Juthurnuayba e, como era “dotado de muita viveza, e de penetração agudíssima”, aprendeu a cuidar de várias doenças com um médico que esteve hospedado na fazenda⁶⁰. Quando Emília foi para o Rio de Janeiro, levou-o consigo e suas habilidades foram importantes para o desfecho do enredo:

Graças a mestre Estolano! graças! que se elle não fôra, Emília já não vivera![...]

Sabemos que quando D. Gertrudes e Carlota julgaram Emília morta, mestre Estolano sahiu precipitadamente.

Pois bem: mestre Estolano sahiu, e voltou logo armado de uma lanceta, e no mimoso e bem torneado braço da virgem abriu uma larga cisura por onde fez uma farta sangria. Pouco tempo depois a joven deu signaes de vida; e um professor que pouco depois chegou, approvando a sangria de mestre Estolano, fez o resto.⁶¹

Sem saber que o matrimônio que seu pai a obrigara a contrair fora anulado, Emília tentou suicidar-se e o narrador enfatizou que, sem a intervenção de mestre Estolano, ela teria morrido. Assim como em *O Filho do Pescador*, o escravo que salvou a vida da protagonista recebeu a liberdade no final da narrativa.

Outro romance em que o autor concedeu maior espaço às personagens cativas foi *A Providência*⁶². Além das menções à presença de escravos nas cenas em que figuram personagens brancas, a obra

⁵⁹ Idem, p. 316.

⁶⁰ Idem, p. 211-4.

⁶¹ Idem, p. 397-8.

⁶² A presença da escravidão nesse romance foi contemplada no estudo de Ilana Heineberg, que acredita que essa questão “é uma das mais interessantes para a constituição do quadro de costumes de *A Providência*.” A seu ver, o narrador dessa obra “não chega a adotar uma posição política em favor da abolição”, mas dá “uma lição nas leitoras brancas, ciumentas da beleza negra” Cf. HEINEBERG, Ilana. “*A Providência*, de Teixeira e Sousa, e a aclimação do romance-folhetim no Brasil”. Op. cit., p.10.

possui duas personagens negras importantes para o desenvolvimento do enredo: Adão, um escravo liberto, e Jacinta, a mucama de Rosa Branca.

O episódio no qual essas personagens destacaram-se foi a ocasião em que impediram que Rosa Branca fosse seqüestrada por Pedro e Justino, que pretendiam simular um roubo e contavam com o auxílio de alguns comparsas. Apesar do esforço dos malfeitores para esconder esses planos de Adão, ele descobriu suas pretensões e, com a ajuda de Jacinta, com quem namorava às escondidas, impediu que encontrassem Rosa Branca. Em seguida, escreveu bilhetes para alertar João Batista e o padre Chagas, que decidiram levar Rosa Branca de volta para o Rio de Janeiro. Para que os leitores percebessem a lição que queria lhes ensinar através desse episódio, o autor elaborou para o capítulo uma didascália através da qual ressaltou que “[...] se elles soubessem que erão amados de seus senhores, e que estes se interessavam por elles, os escravos serão melhores, mais felizes, e talvez que mais amigos de seus senhores!”⁶³

Merece destaque, também, o modo como Adão e Jacinta foram descritos, tendo em vista que o autor dispensou a eles o mesmo cuidado empregado na caracterização das personagens brancas. Para que Adão pudesse interferir de forma tão eficiente a favor de Rosa Branca, era imprescindível que soubesse ler e escrever e tivesse muita correção de caráter. Por isso, o narrador dedicou vários parágrafos para mostrar como ele adquirira tais atributos:

Elle era um preto crioulo, official de sapateiro, e destes maganos que, por serem pretos e pobres, chamamos capadocios; mas que não sendo uma ou outra cousa, seria chamado de rapaz vivo, brincador, divertido, etc., etc., passando até por um homem de espirito. Adão servira com fidelidade, amor e dedicação a uma viuva que, reconhecidas estas raras qualidades, o deixou forro em seu testamento; depois de forro, continuou a trabalhar pelo seu officio, que lhe dava com que viver, e bem sufficientemente. Este rapaz lia alguma cousa, escrevia, e exprimia-se com facilidade e com tanta correcção quanta podia ter a linguagem de um homem sem instrucção, mas que repara muito no modo por que estão as palavras escriptas para bem pronunciá-las: além disto tocava viola, cantava, e era um fadista de primeira ordem. Este crioulo possuia um destes raros e magnificos corações, cuja tendencia é sempre para o bem; e esta bella parte não deixou de desenvolver-se durante a sua escravidão, porque sua senhora havia sido a bondade personificada! Adão era, quando devia ser, sisudo sem aborrecimento, e alegre sem ser pabulo; era discreto sem se mostrar importante, ou mysterioso e valente sem ser temerario; a estas qualidades juntava a da prudencia e fidelidade! e o que é mais, á sua vista ninguem opprimia o fraco ou o innocente!⁶⁴

⁶³ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *A Providência*. Op. cit., tomo III, p. 64.

Os sentimentos de “fidelidade, amor e dedicação” que Adão dedicara à sua senhora e as qualidades de caráter que adquiriu ao longo do período em que fora escravo decorriam do fato de ter sido tratado com bondade. Essas circunstâncias podem ser tomadas como indício de que o bom tratamento dispensado aos escravos gerava benefícios para eles e para seus senhores. O mesmo cuidado empregado na caracterização dessa personagem esteve presente no tratamento dispensado a Jacinta, a mucama de Rosa Branca. Entretanto, ao invés de centrar-se na descrição de suas qualidades de caráter, como procedera com Adão, o narrador esmerou-se na caracterização de sua beleza física:

Jacintha era uma preta crioula, dos seus vinte e quatro annos de idade: era um tanto alta, meio gorda, mais mui bem feita: atava com graça seu cabelo, ao qual tratava com caprichoso cuidado; sua testa era espaçosa, suas sombrancelhas bastas e cerradas; seu nariz, como suas maçãs, respondião mal ao typo de sua raça, porque esse nariz era bem feito para uma preta, e suas maçãs pouco salientes; sobre o avelludado branco de seus olhos, que de tão branco que era parecia percorrer sobre elle uma ondulação anillada, brilhavão dous bellos olhos grandes, vivos e negros, negros como o mais negro ebano! Oh! quantas afamadas bellezas não desejariam esses bellos olhos! Sua boca, não muito pequena, era orlada por dous labios, que não sendo por demais volumosos, dizião bem em sua boca, e melhor assentavão em suas feições; esses labios deixavão ver uns bellissimos dentes, que não sendo pequenos, é verdade, erão mais alvos que o marfim, e mais brilhantes que a prata! o que bem se notava, quando um gracioso sorriso deixava ver esses bellos dentes. O preto da pelle desta crioula era bastante carregado; suas fórmas, todas proporcionaes e arredondadas, davão a seu altivo porte um ar engraçado e nobre! Jacintha tinha consciencia de sua belleza, e unindo a seu todo um aspecto de modesta gravidade, sabia acompanhar suas acções de uma graça verdadeiramente encantadora; graça que sobresahia tanto mais, quanto era um simples dom da natureza! Tal era esta mulher formosa, se a côr não exclue a formosura!⁶⁵

Apesar de mencionar os detalhes físicos que conferiam formosura à personagem, o autor parecia guiar-se pelos padrões de beleza das mulheres brancas, tendo em vista que ressaltou que o nariz de Jacinta “era bem feito para uma preta” e que suas bochechas eram “pouco salientes”. Se levarmos em conta que o público para quem destinava seus romances era eminentemente composto por pessoas brancas, podemos dizer que Teixeira e Sousa foi bastante ousado ao exaltar a beleza de uma escrava e mencionar que muitas mulheres desejariam ter olhos tão belos quanto os seus. O autor mostrou-se ciente de que essa passagem poderia não ser bem recebida por algumas leitoras:

⁶⁴ Idem, tomo III, p. 64.

⁶⁵ Idem, tomo III, p. 69.

Ora, também eu não sabia se na cor preta havia ou não formosura, e assim não me metia a afirmar ou negar uma tal proposição; e o mais é que ainda hoje estaria nessa dúvida, se Salomão, o mais sábio dos homens, me não enganasse. Esse rei, pois, o mais sábio de quantos homens têm havido, há e há de haver, no *Cântico dos Cânticos* faz dizer à esposa: “*Nigra sum, sed formosa, filiae Jerusalem!*” O que bem ao pé da letra traduzido dá o seguinte: - *Negra sou, porém formosa, ó filhas de Jerusalem!* – O que queria ele dizer ignoro-o eu; mas o que sei é, fosse lá quem fosse, ou o que fosse, que era negra, era todavia formosa, não obstante o ser negra! Ora, pois, as leitoras que não gostam de ouvir falar em alguma coisa negra bonita, notem, e eu lhes peço, notem bem na força da tal diversativa – *porém*, - que o sábio rei ali empregou. Agora estou livre de culpa e pena, porque não fiz mais que imitar um grande sábio. As leitoras, que destas coisas melhor do que eu entendem, lá se avenhão com Salomão.⁶⁶

Para desculpar-se com as leitoras que se sentissem ofendidas diante da passagem em questão, o narrador tentou tirar de si a “culpa e pena” por louvar a beleza de uma mulher negra. O fato de ter se apoiado em uma passagem bíblica parece uma estratégia por meio da qual tentou convencer o público de que, apesar das diferenças, brancas e negras poderiam ser igualmente belas.

Dentre as personagens escravas presentes em *Maria ou A Menina Roubada*, destacou-se José Pachola, que teve importância significativa no desenvolvimento da trama. Ele estava entre as pessoas para as quais Augusto narrou os detalhes do rapto de sua filha com o intuito de obter ajuda e, no capítulo em que foi apresentado aos leitores, o narrador esclareceu o significado de seu apelido:

Entre as pessoas que ouviram o sr. Augusto, havia um crioulo, escravo, de nome José: era um crioulo moço, divertido, amigo de dizer ditos, xistes, rifões, &c.; além disto, tocava viola, cantava nos fados, e dansava: todas essas coisas reunidas fizeram com que todos os que conheciam o José lhe chamassem José Pachola. E' preciso porém notar que o epíteto de Pachola, dado ao crioulo José, não era empregado em sua significação genuína, [...] pois que nada quadrava menos à pessoa do José que a antonomasia de Pachola, visto que ele era muito diligente, qualidade que sobressaía ainda mais no seu carácter discreto, e honrado[...].⁶⁷

Apesar de mencionar que o escravo era “divertido” e dado a cantorias e danças, o narrador enfatizou que se tratava de um homem “diligente”, “discreto” e “honrado”. Depois que Augusto terminou a narração do rapto da filha, Pachola se lembrou de que havia visto uma garota com os sinais de Maria na casa da feiticeira tia Laura e dispôs-se a entregá-la ao pai. Apesar de suas muitas qualidades, o que o moveu a brigar com Mandingueiro para tirar dele a garota foi o desejo de obter de Augusto uma

⁶⁶ Idem, p. 69-70.

⁶⁷ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *Maria ou A Menina Roubada*. In: *Marmota Fluminense*. n. 300, 28/09/1852.

recompensa que lhe permitisse comprar a própria liberdade. Entretanto, seu plano foi malogrado e, enquanto eles brigavam pela posse de Maria, ela fugiu para o mato e não foi mais encontrada. Por isso, quando a feitiçeira lhe disse que Mandingueiro pretendia devolver a menina a seu pai, ele passou a culpar-se e, embora não tenha obtido êxito, procurou-a por muito tempo. Anos depois, mesmo ignorando que o suposto rapaz com quem conversava era Maria, ele conseguiu ajudá-la, pois lhe revelou que o dono da estalagem era Estevão e que Augusto ainda estava vivo. Devido a essa conduta, o escravo, no desfecho da obra, obteve a alforria que tanto almejava.

Diferentemente das demais narrativas do autor, o enredo de *Maria ou A Menina Roubada* apresentou personagens negras que praticaram atos vis, como Pedro Mandingueiro, que foi descrito nos seguintes termos:

Pedro Mandigueiro, preto de nação (assim chamamos os pretos africanos), que teria os seus quarenta e tantos annos, era alto, bonito e bem feito, falava o portuguez como si fosse um creoulo, este preto era corajoso, e passava por valente, como as armas: Quasi todos o temiam, porque era corrente que lhe não entrava ferro nem chumbo, era tido e havido por feitiçeiro, discipulo de Laura: acreditavam ainda que elles isto é, Laura e Pedro, tinham relações mais íntimas. Como fosse, Pedro Mandigueiro, que era fôrro, ia muitas vezes á casa da feitiçeira, e lá se demorava bastante tempo.⁶⁸

Chama atenção, na descrição acima, o fato de o narrador mencionar a maneira como os negros nascidos na África eram nomeados para ressaltar que, mesmo não tendo nascido no Brasil, Mandigueiro falava com fluência o português. Ao longo do enredo, essa personagem praticaria muitas maldades, afinal, ele idealizou o rapto de Maria para obter de Estevão o pagamento pelo suposto feitiço e, de Augusto, uma recompensa pela restituição da filha. Quando seu plano foi malogrado por José Pachola, Mandigueiro quis vingar-se dele e teria provocado sua morte caso o escravo não tivesse conseguido escapar de sua armadilha. Na fuga, Pachola esfaqueou-o e, dias depois, ele morreu por causa do ferimento. Laura, a feitiçeira que não acreditava em magia, *desapareceu* do enredo depois de relatar a Pachola os planos malogrados de Mandingueiro.

Merece destaque, também, a escrava Domingas, que, diferentemente das demais personagens femininas negras, cometeu crimes. Ela pertencia a Bento, personagem em cuja casa trabalhava, como governanta, Tereza, a mulher a quem Estevão queria conquistar através do feitiço de Mandigueiro e Laura. Como seus planos não vingaram e ela continuou lhe mostrando resistência, o vilão convenceu a escrava a

⁶⁸ Idem. In: *Marmota Fluminense*, n. 304, 12/10/1852.

ajudá-lo a concretizar um plano por meio do qual convenceria o patrão de Tereza de que ela tinha um amante. Depois de reproduzir o diálogo de Estevão e Domingas, que se queixou dos maus tratos recebidos de Tereza, o narrador teceu os seguintes comentários:

Do dialogo destes dous personagens o narrador só poz debaixo dos olhos do leitor o que diz respeito a nossa historia. O leitor comprehendera bem que o tal dialogo já deveria vir mais detraz: quanto porém o que a Domingas dice ácerca de ser a Snra. Thereza muito má; não era tão verdade como ella o affirmava. Com effeito, a moça batia, não poucas vezes, na Domingas, porque esta preta, além de ser o diabo em carne e osso, era por demais atrevida com a Snra. Thereza. Algumas travessuras do Snr. Bento tinham dado anso aos desaforos da preta: por causa dessas travessuras a preta não podia soffrer a Snra. Thereza, e eis o porque a moça batia-lhe. ⁶⁹

A passagem parecia expor aos leitores os motivos que levavam uma personagem virtuosa como Tereza a agir com violência, sugerindo que o castigo físico, no caso de Domingas, era inevitável, já que a escrava não a respeitava. As palavras também explicaram a causa do mau comportamento de Domingas, indicando que Bento, seu senhor, havia mantido relações íntimas com ela. Nesse sentido, o excerto pode ser tomado como uma forma de criticar a prática de os senhores manterem relações sexuais com suas escravas, mostrando suas conseqüências funestas. Afinal, as “travessuras” de seu senhor haviam “dado anso aos desaforos da preta” e, quando o plano de Estevão foi descoberto, a escrava fugiu.

Apesar de apresentar menos cenas envolvendo escravidão se comparado a outros romances do autor, *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes* possui uma passagem que merece destaque, pois se trata da demonstração de afeto incondicional por parte de um escravo. Segundo o narrador, o tenente coronel Domingos Alves de Abreu era idoso e, quando foi preso, o escravo que lhe servia como pajem dirigiu-se ao palácio e implorou ao Visconde de Barbacena para que o deixasse trancado junto com seu senhor:

- Teu senhor tem de estar preso muito tempo.
- Não importa.
- Teu senhor será degradado por toda a vida.
- Irei com elle.
- E si elle morrer enforcado?
- Morrerei tambem.
- E não receias os máos tratos do carcereiro?
- Em companhia de meu senhor eu soffrerei tudo com gosto.
- Filho, vê bem o que me-pedes.

- Eu sei bem. Nada importa. Meu senhor é velho, e doente, e sem mim para tractal-o morrerá abandonado. Meu senhor foi sempre meu pae, e hoje que elle está perdido, hoje que elle não tem ninguém por si, não hei de eu ser seu filho? Que será d'elle sem ter quem o-tracte na prisão? Ah! senhor! pelo amor de Deus, eu quero estar com meu senhor!⁷⁰

Podemos tomar essa cena como uma discussão indireta das questões escravistas no que se refere ao tratamento dispensado pelos senhores a seus escravos. Afinal, o cativo mostrou-se disposto a sacrificar-se pelo seu proprietário porque se sentia ligado a ele por um laço de afeto, visto que fora tratado como filho. Dessa forma, a cena indicaria que o bom tratamento dos escravos era fundamental para que eles, ainda que desprovidos da liberdade, fossem fiéis a seus senhores. Esse ato foi concebido como prova máxima de amizade:

Euryalo, e Niso souberam ser fieis amigos; não admira, a egualdade podia bem unil-os; um soube pelo outro morrer! isto é bello, mas não ainda sublime. Pylades e Orestes disputaram entre si a gloria de morrer um pelo outrem, salvando um amigo a vida de seu amigo; tambem não havia entre elles desigualdade de condições; e pois eram iguaes amigos, e seu sacrificio era bello, mas não sublime! E aonde encontrareis vós um escravo tão amigo de seu senhor que por elle se vote a toda a sorte de soffrimentos, e a mesma morte, si a morte fôr precisa? Ver um escravo preto amigo de seu senhor, branco, e amigo até o sacrificio da propria vida... Si um tal milagre apparecer isto será não só bello, como até sublime! Tanto amor em tanta desigualdade!⁷¹

Segundo as palavras do narrador, o que tornava o sacrificio do escravo “bello” e “sublime” era o fato de ele se dispor a morrer por alguém a quem era subordinado. A opinião do narrador foi ecoada pelo visconde de Barbacena, que, comovido, atendeu ao pedido do escravo e, quando ele deixou sua sala, comentou: “Feliz quem tem um amigo como este escravo!”⁷².

Percebemos, assim, que os romances de Teixeira e Sousa traçaram uma imagem harmônica das relações escravistas nacionais. Essa imagem indicava aos seus contemporâneos que era possível uma convivência afetuosa entre senhores e cativos, a qual geraria benefícios para ambas as partes. Nas narrativas que sucederam o primeiro romance do autor, ele utilizaria os mesmos elementos para abordar a escravidão: protagonistas virtuosos que tratavam os escravos carinhosamente e personagens escravas fiéis a seus senhores. Essa forma de caracterizar as relações escravistas nacionais também colaborava

⁶⁹ Idem. In: *Marmota Fluminense*, n. 314, 16/11/1852.

⁷⁰ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes*. Op. cit., vol. II, p. 63-4.

⁷¹ Idem, vol. II, p. 62.

⁷² Idem, vol. II, p. 64.

para redimir o Brasil diante dos países europeus *civilizados*, pois sugeria que, nos trópicos, cativo não era sinônimo de violência.

Devemos ter em conta que a relevância conferida às personagens escravas nas obras do romancista cabofriense era dificilmente encontrada em outras narrativas nacionais publicadas no período. Na maioria dos textos em que os escritores românticos discutiram a literatura pátria, a escolha dos elementos que deveriam compor a “cor local” brasileira parece ter sido feita através de uma seleção cuidadosa que excluiu a presença da escravidão. Para grande parte dos escritores românticos, a imagem de Brasil a ser apreendida na leitura de um texto genuinamente nacional deveria configurar uma mescla de natureza exuberante, exóticos antepassados indígenas e costumes peculiares⁷³.

Vale considerar que essa seleção não se deu por acaso, tendo em vista que, ao longo do século XIX, a condição de país escravista foi se tornando cada vez mais um empecilho para a concretização do projeto político e cultural de inserir o Brasil no rol das nações *civilizadas*. Afinal, depois de abolirem a escravidão, os europeus, principalmente os ingleses, passaram a condenar o regime servil e a defender a necessidade de os demais territórios ocidentais tomarem medidas emancipacionistas. Os relatos de viajantes que estiveram no Brasil ao longo do Oitocentos, por exemplo, registraram a repugnância pela escravidão:

Vi, uma vez, certo sacerdote muito querido do povo, cheio de empáfia, em plena rua dar um pontapé num negro, atirando-o na sarjeta, só porque êste não lhe saiu logo da frente. **Semelhante atitude, indigna e incompreensível para um europeu**, revoltou-me de tal maneira que quase ia dando lugar a um incidente, cujas conseqüências teriam sido, talvez, piores para mim, pois tive ímpetos de aplicar nesse batina preta merecida bofetada, o qual prosseguiu triunfante como se tivesse praticado uma bela ação.⁷⁴

Da alfândega são os negros conduzidos para os mercados, verdadeiras cocheiras: aí ficam até encontrar um comprador. [...] **Para um europeu, o espetáculo é chocante e quase insuportável.** Durante o dia inteiro êsses

⁷³ No segundo capítulo de minha dissertação de mestrado, abordei os textos em que os escritores oitocentistas discutiram a literatura nacional, detendo-me na análise de quais foram os elementos considerados mais adequados para compor a “cor local” brasileira. O silêncio a respeito da escravidão e da inclusão dos negros, nesses escritos, foi praticamente hegemônico. Cf. SILVA, Hebe Cristina da. Op. cit.

⁷⁴ LEITHOLD, Theodor V. *Minha Excursão ao Brasil ou Viagem de Berlim ao Rio de Janeiro e Volta*. In: LEITHOLD, T. Von; RANGO, L. Von. *O Rio de Janeiro Visto por Dois Prussianos em 1819*. Tradução e Anotações de Joaquim de Souza Leão Filho. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966, p. 38. Grifos nossos. Obs.: Essa obra foi publicada pela primeira vez no ano de 1820, em Berlim.

miseráveis, homens, mulheres, crianças, se mantêm sentados ou deitados perto das paredes desses imensos edifícios e misturados uns aos outros...⁷⁵

Além de condenar as práticas escravistas, Leithold e Rugendas registraram seu estranhamento diante das cenas descritas, insinuando que somente os europeus eram capazes de perceber a barbaridade que fundamentava as atitudes dos brancos em relação aos negros cativos. Os governantes brasileiros pareciam cientes do prejuízo moral causado ao país pela manutenção do regime escravista, como indicava o fato de a Constituição brasileira de 1824 ter excluído os escravos de seus dispositivos⁷⁶.

No plano político, discutir a escravidão foi inevitável e, ao longo do Oitocentos, embates e desavenças marcaram as reuniões políticas em que se votaram projetos de lei destinados a dar encaminhamento à chamada “questão servil”. O âmbito literário, porém, era o espaço do projeto de nação e os escritores brasileiros viam-se movidos pelo ideal de construir uma literatura que, ao mesmo tempo, caracterizasse e exaltasse o país. A possibilidade de eleger os elementos que deveriam compor a brasilidade dos textos nacionais permitiu que os escritores selecionassem somente os elementos nobres (natureza e indígenas, basicamente), deixando ocultos os aspectos que não colaborariam para o engrandecimento da nação (negros cativos e escravidão). Por isso, apesar da maciça presença de escravos no Brasil oitocentista, principalmente no Rio de Janeiro, cenário de grande parte dos romances publicados no período, a maioria dos escritores optou por não utilizar o regime escravista entre as *tonalidades* que utilizavam para conferir “cor local” às suas produções.

Nesse sentido, podemos dizer que Teixeira e Sousa, ao trazer a escravidão para dentro de seus romances, caminhou na contramão da maioria de seus contemporâneos. Contudo, o modo como trabalhou a escravidão em seus textos conferia certa amenidade às práticas escravistas brasileiras, tendo em vista o bom relacionamento existente entre as personagens brancas e as personagens escravas. Através dessa imagem, ele também insinuava aos seus leitores que era possível melhorar as condições de vida dos cativos e que uma relação mais harmônica entre senhores e escravos traria benefícios para toda a sociedade. A boa recepção que os romances do autor obtiveram no século XIX permite inferir que a

⁷⁵ RUGENDAS, João Maurício de. *Viagem Pitoresca Através do Brasil*. São Paulo: Livraria Martins, 1940, p. 175. Grifos nossos. Obs.: A obra foi publicada pela primeira vez no ano de 1835, em Paris.

⁷⁶ A respeito da primeira constituição brasileira, Boris Fausto observa que “um contingente ponderável da população – os escravos – estava excluído de seus dispositivos. Deles não se cogita, a não ser obliquamente, quando se fala dos libertos”. (FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995, p. 149 a 152.) Essas questões estão contempladas no primeiro capítulo de minha dissertação de mestrado. Cf. SILVA, Op. Cit.

discussão indireta da escravidão presente nesses textos não incomodou aos leitores, possivelmente porque, neles, o regime servil não parecia uma prática violenta⁷⁷.

5.2 A “Cor Local” nas narrativas dos primeiros prosadores brasileiros.

As narrativas publicadas pelos primeiros romancistas brasileiros indicam que, assim como Teixeira e Sousa, esses prosadores se preocuparam em incluir a “cor local” em seus textos. Afinal, os escritores que produziram os primeiros textos em prosa nacionais procuraram marcar a brasilidade do cenário de seus romances, dando ênfase à grandiosidade da natureza exuberante do país, aproveitar episódios da história pátria e tematizar os costumes populares brasileiros.

A valorização da nacionalidade esteve presente, por exemplo, nas narrativas de Pereira da Silva, que procurou ressaltar a exuberância da natureza brasileira nos seus textos. É o que se verifica no parágrafo inicial da *novela brasileira* intitulada *Amor, Ciúme e Vingança* (1838-39), passagem em que o narrador situou o cenário em que se dariam os eventos sem poupar elogios à paisagem brasileira:

Aquêles que já navegaram pelo rio Iguaçu devem recordar-se de uma vasta e bela campina, situada à sua margem direita, e distante três léguas da barra. No meio dela está edificado o Convento de S. Bento, velha, pequena, mas pitoresca igreja, rodeada de vinte a trinta choupanas. O rio majestosamente atravessa a campina, despejando suas brancas águas por entre mil belezas naturais, amenas planícies, lindíssimas montanhas. De outro lado se avista a freguesia de N. S. do Pilar, querendo elevar seus tetos e a torre esbelta de sua igreja além do cimo das árvores, que em vão pretendem encobri-los. O silêncio da solidão enche no entanto todo êste sítio aprazível; apenas vem por vêzes interrompê-lo o monótono cântico dos barqueiros que passam. Tudo parece manifestar o nada da existência a par dos prazeres mundanos, o silêncio do tûmulo ao lado das alegrias da vida; tudo, enfim, revela a imensidade da natureza, o poder do Criador e a fraqueza do homem.⁷⁸

Para incluir a “cor local” na narrativa, o autor utilizou recursos semelhantes àqueles empregados por Teixeira e Sousa na composição de seus romances, marcando a brasilidade do cenário através da menção de lugares possivelmente conhecidos pelos leitores cariocas: a história se passaria às margens do “rio Iguaçu”, nas proximidades do “Convento de S. Bento”, local de onde se poderia avistar a “freguesia de

⁷⁷ José de Alencar, com diferentes tonalidades e num outro contexto, também conferiu uma imagem harmônica para as relações escravistas brasileiras em *O Tronco do Ipê* (1871) e *Til* (1872), dois romances regionalistas que publicadas num período em que, na condição de deputado conservador, ele proferia discursos na Câmara para discutir a questão do “elemento servil”. Cf. SILVA, Hebe Cristina da. Op. cit.

⁷⁸ SILVA, João Manuel Pereira da. “Amor, Ciúme e Vingança”. Op. cit., p. 93.

N. S. do Pilar”. Na caracterização da natureza local, percebe-se o mesmo uso de adjetivos carregados, que sinalizavam abundância e singularidade: o rio “majestosamente” atravessava a campina, passando entre “mil belezas naturais”, “lindíssimas montanhas”. Assim como procedeu o narrador de *Maria ou A Menina Roubada* no parágrafo inicial, igualmente dedicado a descrever o cenário em que se dariam os acontecimentos, o narrador de *Amor, Ciúme e Vingança* concebeu a magnitude das belezas naturais que compunham a paisagem como expressão do poder divino.

Em *Luísa*, texto publicado pela primeira vez na edição de 15 de outubro de 1837 do *Gabinete de Leitura*⁷⁹, Pereira da Silva incluiu a “cor local” brasileira através da inclusão de elementos históricos. Para fazer jus ao subtítulo *legenda brasileira*, o narrador observou que contaria a história de um lugar “êrmo e solitário”, localizado “às margens do rio Iguaçu”. Havia árvores ornadas por ramos e folhas que, apesar do “aspecto melancólico e misterioso”, jamais murchavam e uma roseira em torno da qual gorjeavam aves e existia “um brilho pálido e tristonho”. Segundo o narrador, “as velhas do Iguaçu, mais instruídas nas antigüidades do país” fizeram daquele bosque “o teatro de uma legenda”, alegando que a roseira tinha as raízes na “cinza virginal” de Luísa, “a mais bela das donzelas iguaçuenses, arrancada a êste mundo por uma paixão delirante, que a devorava”⁸⁰. O narrador informou que a lembrança do bosque acompanhava-o como um “belo sonho” e reproduziu a história que ouvira dos habitantes do lugar. Luísa era uma moça pobre, virtuosa e muito bela que nutria “um amor sem esperança, um primeiro amor, que exalta e endoidece” por Carlos, “um jovem de 24 anos, caracterizado por todos os vícios”⁸¹, que a amava a ponto de, apesar dos defeitos, respeitá-la. A vinda da família real para o Brasil, porém, determinou a separação dos amantes:

Era o tempo da chegada do rei D. João VI ao Brasil, e, como todos sabem, houve muitas recrutas para o serviço militar, porquanto o neto dos Afonsos, deixando a metrópole do reino, fugia à fúria do leão do século XIX, e a menor notícia o fazia estremecer sôbre seu trono... quase que tinha medo de sua própria sombra, e só se julgava seguro quando mil armados soldados o rodeavam... Carlos, o amante de Luísa, foi prêso para assentar praça, e imediatamente depois enviado a Lisboa com o seu batalhão para a defesa de Portugal [...].⁸²

⁷⁹ Segundo Barbosa Lima Sobrinho, a narrativa voltou a ser publicada outras duas vezes: no *Jornal de Debates* de 18 de janeiro de 1838, com as iniciais P.S. e, sem assinatura, na *Folhinha dos Lindos Contos para 1843*, editada pela Tipografia Laemmert. In: SOBRINHO, Barbosa Lima (org). Op. cit., p. 62.

⁸⁰ SILVA, João Manuel Pereira da. *Luísa – legenda brasileira*. In: SOBRINHO, Barbosa Lima (org.). *Os Precursores do Conto no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960, p. 117.

⁸¹ Idem, p. 118.

⁸² Idem, p. 119.

Assim como Teixeira e Sousa procedeu na elaboração de alguns de seus romances, Pereira da Silva atrelou o episódio histórico à vida dos protagonistas do texto. Três anos depois da partida para Lisboa, Luísa recebeu a notícia da morte de Carlos e, para obedecer ao pai, casou-se com Alberto, irmão do falecido namorado. No banquete em que se festejava o matrimônio, ela recebeu o recado de que um forasteiro a procurava e, depois de sair da mesa para atendê-lo, não retornou mais. Passadas muitas horas, o marido encontrou-a morta, boiando sobre as águas de um rio.

Essa narrativa também tinha em comum com as produções do romancista cabofriense o fato de trabalhar com elementos da cultura popular. Nos parágrafos finais, o narrador ressaltou o mistério que cercou a morte de Luísa e o universo fantástico criado em torno do local em que foi sepultada:

Como sucedeu êste caso, ignora-se ainda; entretanto, algumas velhas afirmam que Luísa tinha reconhecido Carlos no indivíduo que a tinha chamado, que êste a tinha repreendido de haver faltado à promessa, e a desamparara, e nunca mais se soube dêle; que Luísa, com o remorso que lhe pesava sôbre a consciência de não poder amar o seu espôso e de faltar a Carlos, se tinha lançado ao rio e afogado...

Fernando e Alberto pouco tempo sobreviveram a bela e desgraçada Luísa...

No lugar em que se depositou o cadáver da donzela, nasceram as árvores e a roseira, de que acima falamos; à meia-noite, afirma a gente do país, costumam aparecer quatro almas do outro mundo naquele sombrio e misterioso bosque, ouvem-se gemidos e ais, e por isso ninguém se atreve a passar a essas horas por aquêlê sítio.⁸³

Ao dizer que se ignoravam as circunstâncias em que se dera a morte de Luísa e oferecer ao leitor a versão difundida pelas “velhas” que residiam na região, o narrador conferia credibilidade às suas palavras e indicava que apenas relatava a história que ouvira. Assim como em *Maria ou A Menina Roubada*, de Teixeira e Sousa, obra em que foi conferida descridibilidade às práticas de feitiçaria, o narrador desse romance de Pereira da Silva parecia não acreditar em questões sobrenaturais. Afinal, ele ressaltou que a crença em “almas de outro mundo” fazia parte do imaginário da “gente do país”, insinuando que não compartilhava do universo cultural das pessoas da região em que ocorrera a história verídica que reproduzia.

Assim como Teixeira e Sousa, João José Sousa e Silva Rio se preocupou em incluir a “cor local” brasileira em suas narrativas através da exploração de episódios da história pátria, como se verifica em *Virgínia ou A Vingança de Nassau*, a *história brasileira*, texto publicado em *O Despertador*, no ano de 1839. A batalha entre holandeses e brasileiros ocorrida em meados do Setecentos foi o episódio histórico eleito

pelo autor para servir como pano de fundo de sua narrativa. Em uma tarde do mês de maio de 1638, véspera do casamento de Eugênio e Virgínia, o pretendente, ao saber da chegada de uma armada holandesa à Bahia, onde residiam, partiu para defender a cidade de São Salvador, enquanto a noiva ficou à sua espera. Depois de destacar a bravura dos brasileiros na batalha, o narrador observou que Maurício de Nassau não se conformou com a derrota e, para cumprir o juramento de “vingar-se do povo brioso que com tanto valor defendera o seu território”, aproveitou que os soldados brasileiros estavam no litoral e atacou o interior da Bahia:

Pequenas embarcações carregadas de soldados exploraram o Recôncavo, levando a tôda a parte o terror, o incêndio e a morte. Diante dêstes ferozes inimigos fugiam as tímidas donzelas, os meninos e os velhos inermes; e por tôda a parte os fugitivos faziam ouvir o grito sinistro: NASSAU! NASSAU!...

Pequenas cabanas foram entregues às chamas, e seus moradores passados ao fio da espada, sem distinção de sexo ou idade.

Tal foi a odiosa vingança que tomara os holandeses, soldados de uma nação que à face da Europa se proclamava civilizada!⁸⁴

Descrever a crueldade que os inimigos empregaram para matar crianças, mulheres e idosos indefesos era uma forma de ressaltar a vileza dos holandeses e justificar a ironia com que o narrador questionou sua condição de povo civilizado. Certo de que a pátria não sofreria qualquer ameaça, Eugênio voltou à terra natal e, ao procurar a residência de Virgínia, encontrou-a destruída pelas chamas. Enlouquecido, vagou pelo Recôncavo pronunciando a palavra “Nassau” e, algum tempo depois, faleceu.

A invasão holandesa seria novamente contemplada em *As Duas Órfãs*, de Joaquim Norberto de Souza Silva, narrativa publicada em 1841 e reeditada, em 1852, na obra *Romances e Novelas*⁸⁵, uma coletânea organizada pelo autor. O texto contava a história de Mariana e Isabel, duas primas órfãs que foram criadas por Afonso Gonçalves. O protetor das garotas tinha um filho chamado Dinis, o qual, apesar de demonstrar alguma inclinação por Isabel, era apaixonado por Mariana e pretendia casar-se com ela. Isabel amava Dinis em segredo e, ao descobrir que ele desposaria sua prima, tentou assassiná-la enquanto participavam do conflito armado em que os holandeses foram expulsos das terras brasileiras. Como não obteve êxito, ao retornarem para casa, ela falsificou uma carta em que Dinis declarava que a

⁸³ Idem, p. 121.

⁸⁴ RIO, João José de Sousa e Silva. *Virgínia ou a vingança de Nassau – história brasileira*. In: SOBRINHO, Barbosa Lima (org.). *Os Precursores do Conto no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960, p. 276-7.

⁸⁵ Apud: AZEVEDO, Silvia Maria. “Joaquim Norberto e a Invenção do Folhetim Nacional”. In: SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *Romances e Novelas*. São Paulo: Landy, 2002, p. 18.

amava e fez com que caísse nas mãos de Mariana, que, acreditando que fora traída, envenenou-se. Dinis, ao saber que Isabel fora responsável pela morte de sua amada, matou-a e, em seguida, suicidou-se.

Os principais acontecimentos do enredo não estavam atrelados ao episódio histórico que o autor incluiu na narrativa, já que a tentativa de assassinato empreendida por Isabel não precisava necessariamente ter ocorrido enquanto se desenvolvia o combate entre brasileiros e holandeses. De fato, assim como Teixeira e Sousa procedeu na elaboração de algumas de seus romances, a invasão holandesa funcionou como pano de fundo dos acontecimentos e os vultos históricos envolvidos no conflito figuraram como personagens secundárias. Nos capítulos iniciais, intitulados “À Guerra” e “A Batalha”, foram mencionados, no corpo do texto e em notas de rodapé, dados do conflito, como os nomes dos governantes e militares brasileiros e holandeses participantes e as datas e localidades em que se deram as batalhas. Dentre as personalidades históricas que figuraram no enredo, o narrador destacou a figura de Clara Felipe Camarão:

Acendeu-se então o entusiasmo em todos os peitos, como uma explosão que desabrocha por cem partes; e vivas a milhares à fé, à pátria e ao rei, ecoaram de boca em boca por espaço longo. E viu-se um guerreiro, esporeando o ginete que montava, correndo a bradar com voz pausada e sonora:

- À guerra! À guerra, senhoras brasileiras!

Quem seria?

As feições eram belas, o perfil e contornos indianos; vivos, negros e expressivos olhos; e os cabelos pretos e corrediços, espargidos pelos ombros.

Quem seria?

Era uma brasileira, ilustre pelo seu nome e coragem; - era a esposa de um bravo índio, do Cipião brasiliense; - era a intrépida D. Clara Felipe Camarão!

As senhoras e donzelas de Porto Calvo, incitadas com o seu exemplo, trajando como se guerreiros fossem, correram às armas [...]⁸⁶

O narrador deu destaque à bravura de Felipe Camarão e sua esposa e à grandiosidade do sentimento patriótico que tomou conta dos brasileiros que se dispuseram a lutar contra Nassau e seus soldados. Nos capítulos que relataram o conflito, o leitor pôde vislumbrar Mariana, Isabel e Dinis, as personagens principais da narrativa, lutando entre aqueles que pegaram em armas para defender o território brasileiro da invasão estrangeira. Nesse sentido, a passagem supra citada pode ser tomada, também, como a forma de justificar a participação das heroínas do romance num conflito armado, tendo

⁸⁶ SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *As Duas Órfãs*. In: *Romances e Novelas*. São Paulo: Landy, 2002, p.158.

em vista que o narrador indicou que, como elas, outras “senhoras e donzelas” seguiram o exemplo de Clara. Finda a batalha, Mariana, Isabel e Dinis voltaram para sua residência e os demais capítulos da obra dedicaram à narração de suas desventuras amorosas.

A inclusão da “cor local” nas narrativas de Joaquim Norberto também se deu através do elogio da natureza brasileira, como em *Maria ou Vinte Anos Depois*, obra cujos parágrafos iniciais foram destinados à descrição do cenário em que se desenrolariam os crimes e punições que compuseram o enredo:

Aprazíveis são as montanhas da Gávea. É de sobre suas pedras elevadas, esses rochedos enormes que sobejam às suas encostas, e de entorno às suas florestas, que se descobre a imensidade do oceano Atlântico, que perde-se no infinito [...].

A brisa matutina abana levemente a ramagem dos bosques engrinaldados, agita os verdejantes leques das palmeiras, e encrespando brandamente a lisura das águas marítimas, vai levar ao nauta, cansado de respirar a viração impregnada de sabor marinho, os perfumes das flores agrestes que convidam à vida.

Os pássaros, com suas plumas variadas de cores, adejam pelos ares, como nuvem de flores, que as auras arrancam às grinaldas das florestas e levam balouçando sobre suas asas.⁸⁷

Para ressaltar a beleza da paisagem, o narrador enfatizou a sintonia existente entre os elementos naturais, procedimento utilizado também por Teixeira e Sousa em seus romances. Segundo a descrição, os rochedos enormes permitiam apreciar a imensidade do oceano, a brisa espalhava pelos ares os perfumes das flores e os animais colaboravam para a beleza harmônica do quadro, já que os pássaros coloriam o ar com suas penas multicores.

Gonçalves de Magalhães, em *Amância*, também se preocupou com a inclusão de elementos que conferissem brasilidade ao texto. Quando narrou o “caso da moça que se atirou no mar” para os participantes do sarau, o médico que salvou vida de Amância descreveu minuciosamente a noite em que a encontrou:

Era uma bela noite de verão, tão pura, tão serena, tão clara, que se podia dizer, com Chateaubriand: não era noite, era a ausência do dia. [...] Era uma noite própria à observação das maravilhas celestes, e igualmente propícia às folganças campestres; enfim, para tudo dizer de uma vez – era uma noite do Rio de Janeiro. [...] Que venturas não vinha eu sonhando! Às vaidosas criações da minha mente sucederam mais calmas meditações mal cheguei à entrada da Glória. [...] Não pude resistir; eu andava com os olhos pregados ora no céu, ora no mar, que

⁸⁷ SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *Maria ou Vinte Anos Depois*. In: SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Antologia do Romance-Folhetim (1839 a 1870)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997, p. 120-1.

ouro céu se me antolhava ainda mais iluminado, porque não só refletia todas as estrelas, como a luz de todas as lanternas dos navios. Na verdade, a baía do Rio de Janeiro é uma maravilha do mundo!⁸⁸

Depois de evocar as palavras do escritor francês e enumerar os elementos que compunham a beleza singular da noite em que conhecera Amância, o médico enfatizou que se tratava de uma “noite do Rio de Janeiro”, indicando que quem observasse o céu da cidade poderia conferir a validade dos elogios que proferira. A beleza da paisagem nacional também poderia ser vislumbrada através da contemplação da “baía do Rio de Janeiro”, cuja exuberância permitia que fosse considerada “uma maravilha do mundo”. Assim como Teixeira e Sousa, Magalhães incluiu a “cor local” nessa narrativa não só através do elogio da natureza pátria, mas também através da menção cuidadosa dos nomes de ruas e localidades do Rio de Janeiro. O narrador-personagem descreveu minuciosamente o percurso que fez entre a casa do doente que visitara e o Passeio Público, local em que encontrou Amância: saiu do “Catete”, caminhou até à “Glória”, onde avistou a “baía do Rio de Janeiro”, atravessou o “largo da Lapa” e, ao invés de entrar na “rua das Mangueiras, chegou ao “Passeio Público”, pois se distraiu com a beleza da noite e da cidade⁸⁹.

As narrativas abordadas indicam que, assim como a preocupação com a inclusão de questões moralizantes nos textos, Teixeira e Sousa e os primeiros prosadores tinham em comum o intuito de incluir a cor local brasileira em suas obras, utilizando, muitas vezes, as mesmas estratégias.

⁸⁸ MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. *Amância*. Op. cit., p. 81-2.

⁸⁹ Idem, p. 82-4.

CONCLUSÃO

As narrativas de Teixeira e Sousa e a formação do gênero romanesco no Brasil.

No que se refere à formação do romance brasileiro, as décadas de 1840 e 1850 foram decisivas, pois nelas se concentraram as primeiras tentativas de produção do gênero no país. Dentre os estímulos existentes para aqueles que se dispuseram a trilhar os caminhos da inauguração da prosa nacional, estava o apoio do público, que era grande apreciador e leitor das traduções e versões originais de narrativas estrangeiras que circulavam no Brasil. O período também foi caracterizado pelo fato de se tratar de um momento em que a profissionalização do escritor estava relativamente distante de ser uma realidade e muitos homens de letras dedicavam-se a tarefas diversificadas para prover a subsistência. Na condição de escritor que desejava obter reconhecimento, Teixeira e Sousa investiu na produção de romance, um gênero que vinha agradando aos leitores seus contemporâneos. Apesar das limitações vindas da instrução escassa e dos trabalhos que executava devido à situação financeira pouco confortável, a trajetória do autor indica que ele soube estabelecer bons relacionamentos e publicar textos que tornaram seu nome reconhecido entre os escritores de seu tempo.

A análise dos romances do autor permitiu verificar que ele tentou colocar em prática o projeto literário divulgado em alguns textos não ficcionais e, com nuances diversas, incluiu a moralidade e a cor local em todas as suas produções em prosa. Na condição de homem de letras atuante na imprensa de seu tempo, ele estava a par das questões abordadas nas críticas de romances divulgadas nos periódicos em circulação naquela época. Afinal, esses textos indicam que, até meados do século XIX, o escritor brasileiro que pretendesse agradar aos apreciadores do “novo gênero” deveria incluir moral e nacional em suas obras. Essas características da produção romanesca de Teixeira e Sousa parecem explicar a boa acolhida que suas narrativas obtiveram por parte do público leitor brasileiro oitocentista. Como vimos, seus romances alcançaram um número considerável de edições e, além dos elogios presentes em alguns comentários críticos, o autor recebeu manifestações de apreço espontâneas de leitores divulgadas na imprensa do período.

Os temas presentes nas obras do romancista também figuraram nas produções de outros escritores que participaram da formação do romance brasileiro, os quais prezaram pela elaboração de textos com conteúdo edificante e nacionalista. Dessa forma, podemos dizer que o estudo da produção desse autor colabora para a compreensão de aspectos relativos à produção das primeiras narrativas

brasileiras, pois o conteúdo de suas obras pode ser considerado exemplificativo das escolhas empreendidas pelos primeiros prosadores nacionais.

Através da abordagem dessas questões, foi possível analisar a produção romanesca de Teixeira e Sousa e à luz das questões vigentes no momento em que ele publicou seus textos e conhecer o lugar de destaque que o autor ocupou entre seus contemporâneos. Devemos considerar, porém, que houve uma mudança no que se refere ao valor atribuído a esse escritor nos estudos sobre a formação do romance brasileiro divulgados ao longo dos séculos XIX e XX. Como vimos na “Introdução” do presente trabalho, ele foi um prosador apreciado entre seus contemporâneos, mas, ao longo dos anos, passou a ser referido como romancista de importância apenas histórica que produzira narrativas repletas de imperfeições. As histórias literárias publicadas ao longo do Novecentos mostram que, apesar de ter trilhado um caminho que, aparentemente, conduziria à canonização, o autor não figura entre os romancistas brasileiros oitocentistas de vulto.

Um elemento que possibilita entender, em parte, essa alteração é o fato de que, na leitura das narrativas de Teixeira e Sousa, é possível notar algumas das dificuldades que ele encontrou para elaborá-las. É o caso do caráter postiço de algumas descrições de paisagem presentes em seus romances. Como vimos, muitos dos acontecimentos referidos em *O Filho do Pescador*, por exemplo, poderiam ter como cenário qualquer território, mas o autor, para ressaltar que o enredo se desenvolvia no Brasil, mencionou cuidadosamente os nomes das locais do Rio de Janeiro em que se davam os eventos narrados. O mesmo problema se manifestou, com nuances diversas, nas narrativas de teor histórico elaboradas pelo autor. Nesses romances, com exceção de *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes*, os eventos e personalidades rememorados figuraram em segundo plano e a presença desses elementos históricos, na maioria das vezes, não contribuiu de maneira decisiva para o desenvolvimento dos enredos em que estavam inseridos.

A leitura dos romances também permite entrever algumas deficiências na elaboração das personagens. É o caso de Laura, protagonista de *O Filho do Pescador*. O fato de o escritor não ter explorado o interior dessa personagem fez com que o arrependimento que possibilitou que ela passasse de vilã a mulher virtuosa não fosse muito convincente. Ciente disso, o autor utilizou a voz do narrador e de outras personagens para intervir a favor de Laura e convencer o leitor de que ela merecia ser perdoada.

Levando em conta que os romances desse escritor são formados por vários conflitos e sucessões de episódios, podemos pensar que a abundância de acontecimentos contemplados no enredo, apesar de conferir movimento à trama folhetinesca, inviabilizava um trabalho mais sofisticado com as personagens. Nesse sentido, devemos considerar que, nas narrativas do autor, existem muitos momentos em que ele

parece demonstrar que teve problemas na condução dos numerosos eventos de que são compostos seus romances. É o que sugerem as passagens nas quais os narradores interpelam o público para mudar de assunto ou de cenário, como em: “Emquanto o enfermo, para obedecer ao seu medico, devia estar calado por algum tempo, nós, illustres leitores, para fazermos alguma cousa, voltemos ao Snr. Estevão.”¹

Em alguns romances, a necessidade de abordar, concomitantemente, acontecimentos relativos a personagens diversificadas levou o narrador a justificar-se diante do leitor, como no seguinte fragmento de *As Fatalidades de Dois Jovens*: “Eu refiro dous casos ao mesmo tempo, o de Margarida e Geraldino, não só pela relação que entre si têm, como por seguir a ordem dos acontecimentos, porque eles foram simultâneos. Por isso torno a Margarida.”² Podemos interpretar o fato de o autor se defender de um possível leitor que se incomodasse com a constante mudança de assunto como indício de que ele estava ciente de que algumas passagens de seus romances eram compostas por uma sucessão vertiginosa de acontecimentos. O uso desses recursos também pode ser tomado como indício de que o autor não estava convencido de que seu leitor fosse capaz de acompanhar a trama caso não fosse conduzido pela mão.

Nas obras de Teixeira e Sousa, existem outras situações nas quais os diálogos que os narradores estabelecem com o leitor parecem ter sido utilizados como instrumento por meio do qual o autor tentou driblar aparentes dificuldades encontradas na elaboração dos textos. É o caso das passagens em que o narrador interpela o leitor para introduzir, no texto, informações que não haviam sido mencionadas e que se mostravam de importância capital para o entendimento do enredo, como nos excertos retirados de *O Filho do Pescador* e *A Providência*:

Agora, porém, me recordo que uma omissão da minha parte, unicamente filha do meu esquecimento, vos dá direito a me pedirdes dois nomes, isto é, o do morto e o da viúva inconsolável... Sem dúvida grande razão vos assiste em vossa exigência; quanto a mim, nada mais me resta do que o dever de satisfazer-vos.³

O narrador julga conveniente fazer aqui uma reflexão que lhe parece ter toda a cabida, e é que o leitor perguntará, e com toda a razão, se Rosa Branca sabia desse ajuste feito entre o padre e os dous mancebos, ajuste em que ella deveria representar o principal papel!.. Com effeito, Rosa Branca de nada sabia; mas como nesse ajuste sua vontade era inteiramente absoluta, em nada era prejudicada a sua dignidade por essa falta de participação.⁴

¹ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *Maria ou A Menina Roubada*. In: *Marmota Fluminense*, n. 298, 21/09/1852.

² SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *As Fatalidades de Dous Jovens*. Op. cit., p. 161.

³ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *O Filho do Pescador*. Op. cit., p. 29.

⁴ SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *A Providência*. Op. cit., tomo II, p. 65.

Nas passagens acima, de forma mais explícita que nas situações contempladas anteriormente, fica bastante claro o fato de que, em muitos momentos, as conversas travadas com o leitor funcionavam como *muletas* em que o autor se apoiava para driblar algumas dificuldades no manejo das técnicas de produção de narrativas.

Os exemplos referidos permitem perceber a existência de deficiências no trabalho com os elementos narrativos nos romances do escritor, como problemas na caracterização de personagens, na elaboração de cenários com “cor local” e na seleção e ordenação dos eventos narrados. Devemos considerar, porém, que algumas das dificuldades encontradas por Teixeira e Sousa no manejo das técnicas de produção de romances foram compartilhadas por outros escritores responsáveis pela elaboração das primeiras narrativas brasileiras. Como exemplo, podemos mencionar o caráter postiço de algumas descrições de paisagem presentes em *Amância*, de Gonçalves de Magalhães, que, como vimos, também teve problemas para elaborar um texto cujo conteúdo estivesse realmente atrelado ao cenário tropical. A presença postiça de elementos retirados da história pátria nas obras de alguns dos primeiros romancistas brasileiros indica que eles, assim como o romancista cabofriense, não souberam explorar com maestria os elementos históricos a partir dos quais desenvolviam seus textos. É o se verificou, por exemplo, em *As Duas Órfãs*, de Joaquim Norberto de Sousa Silva, que, apesar de colocar suas personagens atuando em um dos conflitos ocorridos no momento em que se deu a invasão holandesa, não soube fazer com que esse episódio histórico interferisse significativamente no desenvolvimento da trama. Essas questões permitem que lancemos um outro olhar para os problemas estruturais presentes nas narrativas de Teixeira e Sousa, pois fortalecem a hipótese de que a trajetória e as obras do autor são representativas não só das escolhas, mas também das dificuldades encontradas pelos primeiros escritores brasileiros que se dedicaram à produção de romances.

As falhas perceptíveis nas obras em prosa de Teixeira e Sousa também podem ser tomadas como uma das causas da mudança do lugar a ele atribuído pelos estudiosos da literatura brasileira ao longo dos anos. Como vimos, nem todas as críticas de romance divulgadas pela imprensa brasileira oitocentista basearam-se na apreciação de questões temáticas, pois, a partir da segunda metade do século XIX, os homens de letras que divulgavam análises de narrativas nos periódicos começaram a dar mais relevo às questões formais, valorizando o modo como os escritores trabalhavam os elementos narrativos. Em meados da década de 1860, como vimos, Machado de Assis se queixou da falta de traquejo demonstrada por Joaquim Manuel de Macedo ao elaborar as personagens de *O Culto do Dever*, assim como insinuou que o escritor demonstrara inabilidade para colocar as personagens em contraste. Essa mudança no modo

de os homens de letras brasileiros analisarem as narrativas deixou marcas em alguns dos textos oitocentistas que discutiram a produção do romancista cabofriense. Afinal, apesar de não terem impedido que as narrativas do escritor fossem apreciadas por seus contemporâneos, os problemas formais de suas obras foram mencionados, às vezes de maneira genérica, em alguns dos textos oitocentistas que abordaram o autor e sua obra.

É o que se verifica na passagem de *O Brasil Literário* (1865) dedicada à produção de romances no Brasil. Quando comparou a obra do escritor à produção romanesca do autor d'*A Moreninha*, Ferdinand Wolf emitiu o seguinte comentário: “[Teixeira e Sousa] ultrapassa ainda Macedo por seu amor do misterioso, e cremos que ele seja mais original e nacional do que ele. Mas é-lhe inferior na descrição dos caracteres, na vivacidade do dialogo e do espirito.”⁵ A observação indica que o crítico, apesar de acreditar na superioridade do romancista cabofriense quando se tratava da escolha dos assuntos a serem desenvolvidos, reconhecia que ele era menos feliz no manejo das técnicas de produção do gênero. Nesse quesito, segundo as palavras do crítico, o romancista cabofriense perdia terreno para Joaquim Manuel de Macedo, que caracterizava melhor as personagens e produzia diálogos mais dinâmicos e espirituosos. Vale lembrar que, como vimos anteriormente, Wolf sugeriu que a caracterização de Laura, protagonista de *O Filho do Pescador*, comprometeu a verossimilhança da obra, colaborando para que a narrativa não satisfizesse plenamente o “sentimento moral”⁶.

A idéia de que as obras de Teixeira e Sousa apresentavam alguns problemas no trabalho com os elementos narrativos também esteve presente em dois *Dicionários Bibliográficos* que abordaram sua vida e obra. Inocêncio Silva, em 1867, no oitavo volume do *Dicionário Bibliográfico Português*, ressaltou que o escritor era “um poeta lyrico de muita inspiração, e romancista fecundo e imaginoso”, indicando que apreciava os temas presentes em seus textos. O crítico observou, porém, que a “precipitação com que publicava as suas obras” tornava mais perceptível a deficiência de “dotes da cultura e mérito do estilo” do autor, aludindo, possivelmente, a problemas formais⁷.

O mesmo nas observações de Fernandes Pinheiro a respeito do autor que figuraram no no capítulo destinado ao estudo do romance do *Resumo de História Literária* (1872). Apesar de elogiar a produção romanesca de Teixeira e Sousa e concebê-lo como um dos criadores da prosa nacional, mencionou os problemas presentes nas narrativas do autor, associando-os às condições em que as obras foram compostas e publicadas. Segundo o crítico, “n’ardente fornalha da composição”, o escritor

⁵ WOLF, Ferdinand. Op. cit., p. 348-9.

⁶ Idem, p. 349-50.

⁷ SILVA, Innocencio Francisco da. Op. cit., Vol. VIII, p. 165.

cabofriense “arrojava os mais heterogêneos elementos”, faltando-lhe “tempo e disposição para depurar impurezas e gravar a buril os acanthos do estylo.”⁸

A “precipitação do trabalho” apontada como uma das responsáveis pelos problemas perceptíveis nas produções desse escritor foi mencionada por outro dicionarista: Pinheiro Chagas, no *Dicionário Popular, Histórico, Geográfico, Mitológico, Biográfico, Artístico, Bibliográfico e Literário* (1883). Após narrar as desventuras financeiras que percorreram a vida do “notável poeta brasileiro”, o crítico teceu comentários sobre suas produções:

Poeta e romancista distintíssimo, tinha dotes de inspiração verdadeiros e de imaginação ardente, mas ao mesmo tempo sente-se em suas obras não só a falta de conhecimentos litterarios que só tarde pode adquirir, quando passou da rude vida de carpinteiro para uma existência mais socegada, mas também n'ellas transluzem os defeitos resultantes da precipitação do trabalho.⁹

Assim como Inocêncio Silva, Pinheiro Chagas elogiou as produções de Teixeira e Sousa antes de apontar os problemas das mesmas, mas, diferentemente do primeiro, o segundo, além de mencionar as falhas encontradas, procurou explicações para elas. Por isso, estabeleceu uma relação estreita entre a vida dificultosa do autor e a “falta de conhecimentos literários” que percebia em suas obras, parecendo acreditar que o fato de o escritor ter adquirido certa erudição tardiamente era uma desvantagem agravada pela precipitação com que o autor dava à luz suas produções. Outra diferença significativa quanto ao conteúdo dessas obras é o fato de que o *Dicionário Popular, Histórico, Geográfico, Mitológico, Biográfico, Artístico, Bibliográfico e Literário* abordou a recepção do escritor cabofriense:

Como romancista, Teixeira de Sousa era muito querido do publico, apesar da incorrecao e descuido com que escrevia. “A filha (*sic*) do Pescador” teve três edições; “As fatalidades de dois jovens” e “Maria ou a menina roubada” tiveram duas edições cada um; “As tardes de um pintor ou intrigas de um jesuíta” em três volumes saíram no Archivo Romântico. Em 1851 publicou um romance em 5 volumes, “A Providencia”, que é, no dizer de Wolf, a sua obra prima. Escreveu mais um romance em dois tomos, intitulado “Gonzaga ou a conjuração de Tiradentes”¹⁰.

⁸ PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. “O Romance”. In: *Resumo de Historia Litteraria*. Op. cit., p. 468.

⁹ CHAGAS, Pinheiro. Op. cit., p. 99-100.

¹⁰ Idem, p. 100.

Para mostrar que o romancista fora “querido do público, apesar da incorreção e descuido com que escrevia”, Pinheiro Chagas apresentou o número de edições que suas narrativas haviam tido até aquele momento e mencionou o juízo de Ferdinand Wolf sobre um de seus romances.

A mistura de louvores e censuras perceptível nesses textos também esteve presente no artigo que Joaquim Norberto de Sousa e Silva, escritor que esteve entre os que produziram as primeiras narrativas brasileiras, dedicou ao autor. Divulgada na *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* no ano de 1876, a “Notícia sobre Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa”, além da biografia, trouxe um pequeno comentário a respeito da produção romanesca do escritor. O crítico observou que os romances do biografado haviam sido recebidos “com interesse” pelo público e que isso era comprovado pelas “repetidas edições” que as obras obtiveram, mas não deixou de mencionar suas ressalvas diante dessas narrativas:

Não são mal esboçados os caracteres, mas o enredo pecca pelo amontoado de pequenos incidentes que enervam a acção principal. O dialogo é a mais das vezes prolixo, e toca mesmo á trivialidade. O estylo resente-se da pressa da composição feita ao correr da penna, seguindo-se para logo a impressão, sem que o autor, ao rever as provas, se desse ao trabalho de corrigir as suas imperfeições.¹¹

As palavras acima indicam que o crítico, assim como Inocência Silva e Pinheiro Chagas, acreditava que Teixeira e Sousa publicara as obras precipitadamente e que essa era uma das causas das imperfeições perceptíveis em seus romances. O texto também dialoga com algumas passagens de *O Brasil Literário*, já que, assim como Ferdinand Wolf, Joaquim Norberto de Sousa Silva acreditava que o romancista precisava aprimorar o trabalho com os “caracteres”, aludindo à configuração das personagens, e queixou-se do modo como o autor elaborava os diálogos, considerados “prolixos” e “triviais”. O crítico brasileiro mencionou, ainda, o “amontoado de pequenos incidentes que enervam a acção principal”, indicando que, em sua opinião, as narrativas do autor possuíam problemas relativos à escolha e à disposição dos acontecimentos do enredo.

As queixas em relações aos problemas formais das produções do autor foram mais abundantes na *História da Literatura Brasileira* (1888), de Sílvio Romero, que pretendia abordar, nesse texto, as obras literárias publicadas até 1870. Apesar de não haver um espaço dedicado ao estudo do romance, as páginas destinadas a tratar dos poetas oitocentistas trouxeram observações a respeito das narrativas

¹¹ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. “Noticia sobre Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa”. Op. cit., p. 197-216.

escritas por alguns deles¹². O crítico considerou Teixeira e Sousa um “poeta em ordem terciária” e, quando tratou de sua produção romanesca, teceu os seguintes comentários:

Atirou-se denodadamente ao romance; de 1843 a 1856 publicou *O Filho do Pescador*, *Tardes de um pintor ou as intrigas de um jesuíta*, *Gonzaga ou a conjuração de Tiradentes*, *A providencia*, *Maria ou a menina roubada*, *As fatalidades de dous jovens*.

Escriptos n’um estylo descurado, e em linguagem por vezes incorrecta, acham-se cheios quasi sempre de salteadores, esconderijos, subterraneos, incendios, envenenamentos, ressurreições e toda a patacoada, todas as ficelles do genero pavoroso.

De taes romances, os melhores são *As fatalidades de dous jovens*, *As tardes de um pintor* e *A providencia*. São estudos da ultima phase dos tempos coloniaes, o descambar do século XVIII.

No meio das irregularidades de uns enredos emaranhados, destacam-se certas páginas aproveitáveis. No Filho do pescador, a cena do banquete por ocasião do casamento de Laura com Augusto; nas Tardes de um Pintor, a descrição da cidade do Rio e especialmente do bairro de São-Cristóvão nos meados e fins do século XVIII; na Providencia, a descrição da Aldeia de São-Pedro e da procissão dos Passos; nas Fatalidades de dous jovens, a descrição de uma festa popular, de um samba. ¹³

Romero, assim como Inocêncio Silva, Pinheiro Chagas e Joaquim Norberto Sousa Silva, acreditava que o escritor publicava suas obras com certa precipitação, pois se queixou do “estilo descurado” e da “linguagem por vezes incorreta”. Apesar de demonstrar sua indisposição quanto ao romance, já que o nomeou como “gênero pavoroso”, as queixas em relação à presença de “salteadores, esconderijos, subterraneos, incendios, envenenamentos, ressurreições” referiam-se às narrativas de Teixeira e Sousa. O problema apontado pelo crítico parece ser o mesmo que incomodou Norberto Silva quando este alegou que os romances do autor possuíam “um amontoado de pequenos incidentes que enerva[va]m a acção principal”. Devemos observar, finalmente, que, seguindo a tendência da maioria das críticas que figuraram nos periódicos brasileiros a partir de meados do Oitocentos, o texto valorizou, nas narrativas do prosador cabofriense, as passagens em que fora explorada a cor local brasileira.

Ao longo dos anos, o *discurso da deficiência* diluído ao longo dos textos de Ferdinand Wolf, Inocêncio Silva, Pinheiro Chagas, Joaquim Norberto de Sousa Silva e Sílvio Romero frutificou e fez escola nos estudos a respeito de Teixeira e Sousa. Na maioria dos textos de historiografia literária brasileira em que o autor é referido, o valor das obras foi medido através de critérios estéticos, não só por meio da

¹² Uma discussão a respeito das reflexões de Sílvio Romero a respeito do romance pode ser encontrada em AUGUSTI, Valéria. *Trajetórias de consagração*. Op. cit.

¹³ ROMERO, Sílvio. Op. cit., p. 914-915.

apreciação da temática do texto, como se dava com grande parte das críticas de romances publicadas até meados do século XIX, quando o autor produziu suas obras.

Se atentarmos para o modo como o romancista foi abordado na *História da Literatura Brasileira*, de José Veríssimo, é possível compreender melhor essas questões. No prefácio, o crítico revelou a noção de literatura que fundamentava suas considerações:

Literatura é arte literária. Somente o escrito com o propósito ou a intuição dessa arte, isto é, com os artifícios de invenção e composição que a constituem é, a meu ver, literatura. [...] Esta é neste livro sinônimo de boas ou belas letras, conforme a vernácula noção clássica. Nem se me dá da pseudo novidade germânica que no vocábulo literatura compreende tudo o que se escreve num país, poesia lírica e economia política, romance e direito público, teatro e artigos de jornal e até o que se não escreve, discursos parlamentares, cantigas e histórias populares, enfim, autores e obras e todo o gênero.¹⁴

Podemos dizer que, para estabelecer a sua versão do cânone literário brasileiro, Veríssimo baseou-se em uma concepção de literatura que previa a seleção dos escritores que demonstrassem mais habilidade para lidar com os “artifícios de invenção e composição”. A partir desses critérios, o crítico apresentou a seguinte avaliação do papel de Teixeira e Sousa no contexto de formação da prosa nacional:

Não é, porém, como poeta que Teixeira e Souza tem um lugar nesta geração e nesta História, mas como o primeiro escritor brasileiro de romance, portanto o criador do gênero aqui. [...] A renovação literária indicada por Magalhães, produzira algumas novelas e contos, publicados geralmente nos periódicos dessa época e muito poucos dados à luz em volume. Daquelas, a mais antiga são *As duas órfãs*, de Norberto, aparecida em 1841. Romance propriamente o primeiro é o *Filho do pescador*, de Teixeira e Souza, de 1843. Sucessivamente publicou Teixeira e Souza mais de cinco romances, *As fatalidades de dous jovens* (1846), *Maria ou a Menina Roubada* (1859), *Tardes de um pintor ou as intrigas de um jesuíta* (1847), *A Providência* (1854), *Gonzaga ou a Conspiração de Tiradentes* (1848-1851). Destes, alguns saíram primeiramente em jornais e periódicos, como a *Marmota* de Paula Brito. Por esta constância de produção num gênero que, antes que Macedo o seguisse em 1844 com a *Moreninha*, era ele o único a cultivar, ganhou Teixeira e Souza direito inconcusso ao título de criador do romance brasileiro. Os seus infelizmente tornaram-se para nós ilegíveis, tanta é a insuficiência da sua invenção e composição, e também da sua linguagem.¹⁵

O crítico parece ter sido o responsável pelo estabelecimento da imagem de Teixeira e Sousa mais recorrente nos estudos panorâmicos da literatura brasileira publicados ao longo do século XX: um autor

¹⁴ VERÍSSIMO, José. “Introdução”. In: *História da Literatura Brasileira*. Op. cit., p. 17.

que merece figurar na historiografia literária nacional porque foi o primeiro escritor brasileiro a dedicar-se à produção romanesca, apesar dos problemas que tornam suas narrativas “illegíveis”.

Chama atenção, na passagem acima, o fato de que as queixas apresentadas por Veríssimo não diferem das reclamações registradas em alguns estudos oitocentistas sobre o romancista. Afinal, as deficiências de invenção, composição e linguagem mencionadas pelo crítico parecem ser os problemas quanto à elaboração das personagens e à escolha e disposição dos eventos do enredo encontrados por Ferdinand Wolf, Joaquim Norberto Sousa Silva e Sílvio Romero nas obras em prosa do autor. Esses são, basicamente, os mesmos elementos presentes nos demais estudos historiográficos da literatura brasileira que o abordaram.

As questões contempladas fornecem uma explicação plausível para o fato de Teixeira e Sousa, na condição de romancista, ter ocupado lugares tão distintos entre seus contemporâneos e nos estudos historiográficos publicados posteriormente. A fortuna crítica do autor indica que os problemas formais de suas obras ganharam maior expressividade que as escolhas temáticas festejadas pelos homens de letras oitocentistas que elogiaram suas narrativas, fazendo com que sua produção romanesca fosse desvalorizada ao longo dos anos.

Outro elemento que poderia ter motivado a desvalorização das narrativas do autor é o fato de que ele investiu muito no trabalho com a moral. Como vimos, a partir de meados do século XIX, houve uma crescente valorização do trabalho com a “cor local” nas narrativas e muitos dos escritores brasileiros que começaram a produzir obras em prosa a partir de meados do Oitocentos, como José de Alencar, tiveram seus textos julgados com base na avaliação do trabalho com os elementos nacionais. Nesse sentido, podemos considerar que, com o passar do tempo, as longas passagens moralizantes dos romances do autor deixaram de ser um atrativo e deixaram de despertar o interesse dos leitores em geral, principalmente dos críticos.

Finalmente, é preciso lembrar que as histórias da literatura são construídas posteriormente ao momento em que circularam os textos sobre os quais discorrem e, por isso, os escritores que figuram nesses textos panorâmicos serão aqueles considerados, pelo autor da obra, como mais representativos, os quais são eleitos a partir de critérios forjados no momento da análise, não da escrita do texto literário. Teixeira e Sousa publicou suas narrativas num período que, segundo os manuais, o Brasil estaria vivendo o Romantismo, escola literária em que costumam ser incluídos tanto os primeiros prosadores, quanto romancistas que produziram em um momento em que o gênero já estava mais estabelecido no país.

¹⁵ Idem, p.186-187.

Assim, apesar de Teixeira e Sousa ser considerado um grande romancista por seus contemporâneos, a necessidade de elegerem-se os nomes mais representativos fez com que os estudos historiográficos da literatura brasileira atribuíssem, com justiça, um lugar de maior destaque a escritores como José de Alencar, ou seja, a prosadores cujas narrativas correspondiam melhor aos parâmetros críticos utilizados.

Essa hipótese é reforçada pelo lugar que é atribuído, nesses manuais, a outros prosadores oitocentistas que escreveram entre meados das décadas de 1840 e 1850, como Joaquim Norberto de Sousa Silva, Pereira da Silva e Justiniano José de Rocha, comumente referidos como “precursores do romance”. As obras em prosa desses escritores costumam ser consideradas inferiores às produções de Teixeira e Sousa, pois, segundo alguns estudiosos, as narrativas produzidas por eles seriam *tentativas*, *ensaios*. Algo semelhante ocorreu com Joaquim Manuel de Macedo, um dos prosadores aos quais o romancista cabofriense foi comparado em textos críticos oitocentistas. Apesar de, dentre os escritores que produziram as primeiras narrativas brasileiras, o autor ter sido um dos mais bem aceitos pelos estudiosos que se propuseram a recompor a história da literatura nacional ao longo do Novecentos, a fortuna crítica de Macedo indica que algumas restrições aos seus textos ganharam volume ao longo dos anos. O estudo da fortuna crítica desse romancista permitiu entrever que a avaliação contemporânea de seus romances foi predominantemente elogiosa, ao passo que a recepção crítica realizada posteriormente, sobretudo nas histórias literárias do Novecentos, cristalizou a imagem dos romances macedianos como obras pueris e sentimentais próprias para a apreciação das moças¹⁶.

Diferentemente dos textos de historiografia literária, o presente trabalho não se preocupou em estabelecer hierarquias nem definir um cânone e abordou a produção de Teixeira e Sousa levando em conta a opinião da crítica brasileira oitocentista a respeito do gênero romanesco e das obras em prosa do autor. Estudadas sob essa perspectiva, a trajetória e as obras desse escritor permitem compreender parte do processo de formação do romance brasileiro, sendo exemplificativas das soluções e dificuldades encontradas pelos prosadores responsáveis pela produção das primeiras narrativas nacionais.

¹⁶ Essas questões foram contempladas em: ALMEIDA, Leandro Thomaz de. *Trajetórias da recepção crítica de Joaquim Manuel de Macedo*. Dissertação de Mestrado. Campinas/SP: UNICAMP/IEL, 2008.

BIBLIOGRAFIA.

BIBLIOGRAFIA GERAL.

ABREU, Márcia. *Os Caminhos dos Livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003.

_____. “Rumos da Ficção no Brasil Oitocentista”. In: *Moara – Estudos Literários*. Belém, jan./jun. 2004, n. 21.

_____. (org.). *Trajetórias do Romance*. Campinas/SP: FAPESP: Mercado de Letras: 2008.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *Introdução à Historiografia da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

ALENCAR, José de. *Como e Porque Sou Romancista*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

ALMEIDA, Leandro Thomaz de. *Trajetórias da recepção crítica de Joaquim Manuel de Macedo*. Dissertação de Mestrado. Campinas/SP: UNICAMP/IEL, 2008.

AMORA, Antônio Soares. *O Romantismo*. In: *A Literatura Brasileira*, Vol. II. São Paulo: Cultrix, 1973.

ANTELO, Raúl. “As Revistas Literárias Brasileiras”. In: *Boletim de Pesquisa – NELIC*, n. 2. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, setembro de 1997. Disponível eletronicamente no endereço: www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim_de_Pesquisa2/texto_raul.htm Consulta em 06/10/2005.

AUGUSTI, Valéria. “Do gosto inculto à apreciação douda: a consagração do romance no Brasil do oitocentos.”. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do Romance*. Campinas/SP: FAPESP: Mercado de Letras: 2008.

_____. *O Romance como Guia de Conduta – A Moreninha e Os Dois Amores*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 1998.

_____. *Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista*. Tese de Doutorado. Campinas/SP: UNICAMP/IEL, 2006.

AZEVEDO, Dr. Moreira de. “Origem e Desenvolvimento da Imprensa no Rio de Janeiro”. In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico, e Ethnographico do Brasil*. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1865. Tomo XXVIII, Parte Segunda.

AZEVEDO, Silvia Maria. “Joaquim Norberto e a Invenção do Folhetim Nacional”. In: SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *Romances e Novelas*. São Paulo: Landy, 2002.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1981.

BROCA, Brito. *Românticos, Pré-Românticos e Ultra-Românticos – Vida Literária e Romantismo Brasileiro*. São Paulo: Polis; Brasília: INL, 1979.

CAIRO, Luiz Roberto Velloso. “Santiago Nunes Ribeiro e o Minerva Brasiliense”. In: *Letras de Hoje*, n. 1, outubro de 1996.

CAMPATO JÚNIOR, João Adalberto. *Retórica e Literatura: o Alencar polemista nas Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*. São Paulo: Scortecci, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. Vol. II.

_____. “O Patriarca”. In: *Educação pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. “Timidez do Romance”. In: *Educação pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

CARVALHO, Alfredo de. “Genese e Progressos da Imprensa Periódica no Brasil”. In: *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.

CARVALHO, Ronald. *Pequena História da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

CASTELLO, José Aderaldo. *Aspectos do Romance Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Coleção “Vida Brasileira”, n. 18, s/d.

_____. *Textos que Interessam à História do Romantismo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1960. Vol. I.

_____. *Textos que Interessam à História do Romantismo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1963. Vol. II.

COUTINHO, Afrânio (direção); COUTINHO, Eduardo de Faria (co-direção). *A Literatura no Brasil*. Vol. III – Era Romântica. São Paulo: Global, 1999, 5a. ed. rev. e atual.

_____. (org.). *A Polêmica Alencar – Nabuco*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

_____. *A Tradição Afortunada: o espírito de nacionalidade na crítica brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, São Paulo: Edusp, 1968.

DEFOE, Daniel. *Moll Flanders*. Trad. de Antônio Alves Cury. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

DENIS, Ferdinand. *Resumo da História Literária do Brasil*. Paris, 1826. Texto Integral Traduzido por Guilhermino César. In: CÉSAR, Guilhermino (org.). *Historiadores e Críticos do Romantismo: a contribuição européia, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

DIDEROT, Denis. “Éloge de Richardson” (1761). Trad. de Célia Mitie Tamura. Trabalho Final do Curso “A Formação do Romance”, ministrado pela profa. Dra. Márcia Abreu. Campinas: IEL/UNICAMP, 2003.

Dispersos de Machado de Assis. Coligidos e Anotados por Jean-Michel Massa. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1965.

EL-FAR, Alessandra. *A Encenação da Imortalidade – uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

_____. *Páginas de sensação – literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FONSECA, Gondin da. *Biografia do Jornalismo Carioca (1808-1908)*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1941.

FREITAS, Affonso A. de. “A Imprensa Periódica de São Paulo”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geographico de São Paulo*. São Paulo: Typ. do Diário Oficial, 1915. Tomo XIX.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis – o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. Tese de Doutorado. Campinas/SP: UNICAMP/IEL, 2001.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil – sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

HEINEBERG, Ilana. “Miméticos, aclimatados e transformadores: trajetórias do romance-folhetim em diários fluminenses”. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance – circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

_____. “A Providência, de Teixeira e Sousa, e a aclimação do romance-folhetim no Brasil”. In: *Anais do X Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro/RJ: ABRALIC, 2006.

_____. *La suite au procasin numéro: formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens Jornal do Commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio Mercantil (1839-1870)*. Paris: Université Paris III – Sorbonne Nouvelle, 2004. Disponível no site do Projeto Caminhos do Romance no Brasil – séculos XVIII e XIX (<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br>) Consulta em 01/07/07.

IANNONE, Carlos Alberto. “A Vida de Teixeira e Sousa”. In: SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. *As Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*. São Paulo: Editora Três, 1973.

LAJOLO, Marisa. “O Preço da Leitura: Gonçalves Dias e a profissionalização de um escritor brasileiro oitocentista”. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (org.). *Cultura Letrada no Brasil – objetos e práticas*. Campinas/SP: Mercado de Letras, ALB; São Paulo: FAPESP, 2005.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da Leitura da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *O Preço da Leitura – leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Ática, 2001.

LINHARES, Temístocles. *História Crítica do Romance Brasileiro: 1728-1981*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

MACHADO, Ubiratan. *A Vida Literária no Brasil Durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MACIEL, Guilherme de Souza. "O Recreador Mineiro (Ouro Preto 1845-48): diálogos entre História e Literatura de viagem na construção de uma identidade nacional". In: Anais do XIV Encontro Regional de História da ANPUH-MG. Juiz de Fora/MG, julho de 2004.

MARCO, Valéria de. *O Império da Cortesã – Lucíola: um perfil de Alencar*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

MARTINS, Eduardo Vieira. *A Fonte Subterrânea - o pensamento crítico de José de Alencar e a retórica oitocentista*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP/IEL, 2003.

MASSA, Jean-Michel. *A Juventude de Machado de Assis (1839-1870)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MENEZES, Raimundo de. *Cartas e Documentos de Jose de Alencar*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1967.

MEYER, Marlyse. *Folhetim – uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. "Mulheres Romancistas Inglesas do Século XVIII e Romance Brasileiro". In: *Caminhos do Imaginário no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

_____, e DIAS, Vera Santos. "Página virada, descartada, de meu folhetim". In: AVERBUCK, Ligia (org.). *Literatura em Tempo de Cultura de Massa*. São Paulo: Nobel, 1984.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *A Vida de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. "Vol. II – Romantismo". São Paulo: Cultrix, 1995.

MORAES FILHO, Mello. "Paula Brito". In: *Artistas do Meu Tempo*. Rio de Janeiro: H. Garnier Editor, 1904.

NADAF, Yasmin Jamil. "O Folhetim". In: *Rodapé das Miscelâneas – o folhetim nos jorais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

RAMICELLI, Maria Eulália. *Narrativas itinerantes. Aspectos franco-britânicos da ficção brasileira, em periódicos do século XIX*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. Tomo Terceiro – Transição e Romantismo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em Berço Esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991.

SADE, Donatien Alphonse François. “Nota Sobre Romances ou A Arte de Escrever ao Gosto do Público”. In: *Os Crimes do Amor*. Trad. Magnólia Costa Santos. Porto Alegre: L&PM, 2002.

SALES, Germana Maria Araújo. *Palavra e Sedução – uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)*. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2003.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *As Barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Antologia do Romance-folhetim (1839 a 1870)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

SERELLE, Márcio de Vasconcellos. *Os versos ou a história: a formação da Inconfidência Mineira no imaginário do oitocentos*. Tese de Doutorado. Campinas/SP: Instituto de Estudos da Linguagem, 2002.

SILVA, Hebe Cristina da. *Imagens da Escravidão: uma leitura de escritos políticos e ficcionais de José de Alencar*. Dissertação apresentada ao Departamento de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP como parte da exigência para obtenção do título de Mestre. Campinas/SP: 2004.

SOBRINHO, Barbosa Lima (org.). *Os Precursores do Conto no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. 4. ed. atualizada.

SOUTHEY, Robert. *História do Brasil*. Trad. Luís Joaquim de Oliveira e Castro; anotada por J. C. Fernandes Pinheiro, Brasil Bandecchi e Leonardo Arroyo; prefácio de Brasil Bandecchi. 4ª. ed. bras. São Paulo: Melhoramentos; Brasília, INL, 1977, vol. III.

SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *As Fatalidades de dous jovens – recordações dos tempos coloniais*. Rio de Janeiro. Livraria J. R. Santos Editor, 1895.

_____. *O Filho do Pescador*. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

_____. *Gonzaga ou A Conjuração de Tira-Dentes*. Tomo I. Rio de Janeiro: Typografia de Teixeira & C. Rua dos Ourives n. 21, 1848.

_____. *Gonzaga ou A Conjuração de Tira-Dentes*. Tomo II. Nictheroy: Typ. Fluminense de C. M. Lopes. Largo Municipal n. 2, 1851.

_____. *Maria ou a menina roubada*. In: *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro, Typografia de Paula Brito. 10 setembro 1852 – 18 fevereiro 1853.

_____. *A Providência*. Rio de Janeiro: Typographia de M. Barreto, 1854.

_____. *Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*. São Paulo: Editora Três, 1973.

SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. "Adaptações e Livros Baratos para a Corte: Folhetos Editados na Impressão Régia do Rio de Janeiro entre 1808 e 1822". Texto apresentado no I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. 8 a 11 de novembro de 2004. Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro. Disponível em www.livroehistoriaeditorial.pro.br. Acesso em 12/01/2005.

_____. *Primeiras impressões: romances publicados pela Impressão Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. Tese de Doutorado. Campinas/SP: UNICAMP/IEL, 2007.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é Longe Daqui – o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TAUNAY, Alfredo D'Escagnolle. *Memórias*. Biblioteca do Exército Editora, 1960.

_____. *Reminiscências*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1908.

TINHORÃO, José Ramos. *A Música Popular no Romance Brasileiro*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

_____. *Os Romances em Folhetins no Brasil*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

TOLEDO, Lafayette de. "Imprensa Paulista". In: *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*. Vol. III. São Paulo: Typ. de El Diario Español, 1898.

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. "Caminhos do Romance Inglês no Brasil do Século XIX". In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (org.). *Cultura Letrada no Brasil – objetos e práticas*. Campinas/SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2005.

_____. "Cruzando o Atlântico: notas sobre a recepção de Walter Scott". In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance – circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

_____. *Dez Lições Sobre o Romance Inglês do Século XVIII*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

_____. "A Formação do Romance Brasileiro: 1808-1860 (Vertentes Inglesas)". In: *Projeto Memória de Leitura*, Seção Ensaios. www.unicamp.br/iel/memoria, 11/12/2002.

_____. *A Formação do Romance Inglês: ensaios teóricos*. Tese de Livre-Docência. São Paulo: FFLCH/USP, 2000.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

VIANNA, Hélio. *Contribuição à História da Imprensa Brasileira (1812-1869)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

WATT, Ian. *A Ascensão do Romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O Berço do Cânone: textos fundadores da história da literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

ESTUDOS SOBRE TEIXEIRA E SOUSA.

ADÊT, Emile. "Da Arte Dramática no Brasil". In: *Minerva Brasiliense – Jornal de Sciencias, Lettras e Artes*. Rio de Janeiro: Typographia de J. E. S. Cabral, ano I, vol. I, n. 5, 1.º de janeiro de 1844.

AMORA, Antônio Soares. "O Romance". In: *A Literatura Brasileira*. Vol. II. São Paulo: Cultrix, 1977.

AZEVEDO, Moreira de. "Biographia de Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa". In: *A Grinalda – revista semanal litteraria e recreativa*. Redactor em chefe Dr. Constantino Gomes de Sousa. Editor F. de Paula Brito. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 09 de dezembro de 1861.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.

BOSI, Alfredo. "O Romantismo". In: _____. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1981.

BROCA, Brito. "Teixeira e Sousa e o Imperador". In: _____. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo: Pólis; Brasília: INL, 1979.

BURGAIN, A. L. "Cornélia, tragedia em 5 actos, por Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa". In: *Minerva Brasiliense – Jornal de Sciencias, Lettras e Artes*. Rio de Janeiro: Typographia de J. E. S. Cabral, ano I, vol. II, n. 24, 15 de outubro de 1844.

CANOVAZ, Victor de. "O Romance – III". In: *O Iris – Periódico de Religião, Bellas-Artes, Sciencias, Lettras, Historia, Poesia, Romance, Noticias e Variedades*. Collaborado por muitos homens de lettras e redigido por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. Rio de Janeiro: Typ. do Iris, 1848. Vol. I, tomo II.

CANDIDO, Antonio. "Sob o Signo do Folhetim: Teixeira e Sousa". In: _____. *Formação da Literatura Brasileira – momentos decisivos*. Vol. II. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.

CARLOS, Reinado. "Casimiro de Abreu". In: *Revista Popular. Noticiosa, Scientifica, Industrial, Historica, Litteraria, Artistica, Biographica, Anedoctica, Musical, Etc., Etc. Jornal Illustrado*. Rio de Janeiro, outubro a dezembro de 1862. Ano IV, tomo 16.

CARVALHO, Ronald de. "O Romantismo – A Prosa". In: _____. *Pequena História da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

“O Cassino. Poema Lyrico do Snr. Ernesto Ferreira França Filho”. In: *Guanabara*. Rio de Janeiro, tomo II, 1851-1852.

CASTELLO, José Aderaldo. *Aspectos do Romance Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Coleção “Vida Brasileira”, n. 18, s/d.

_____. “Produção Literária do Romantismo de Época”. In: _____. *A Literatura no Brasil – origens e unidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

COSTA, N. J. texto “Litteratura Brasileira. Algumas considerações sobre a poesia”. In: *O Beija-Flor, Jornal de Instrução e Recreio*. Rio de Janeiro. Typ. de J. Villeneuve e C. Vol. I, n. 50. 16 de março de 1850.

Diccionario Popular, Historico, Geographico, Mytologico, Bioggraphico, Artistico, Bibliographico e Litterario. Dirigido por Pinheiro Chagas (sócio effetivo da Academia real de Sciencias de Lisboa). 12 vol, Lisboa:Typ. Da Viúva Sousa Neves, 1883.

Felix. “Revista da Quinzena”. In: *A Mocidade: periódico litterario*. Rio de Janeiro: Typ. Popular, n. 2, 31 de janeiro de 1862.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. “Teixeira e Sousa: ‘O Filho do Pescador’ e ‘As Fatalidades de Dous Jovens’”. In: SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *O Filho do Pescador*. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

FERREIRA, Félix. “Traços Biográficos de A. G. Teixeira e Sousa”. In: *As Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*, por A. G. Teixeira e Sousa, 2.^a Edição. Rio de Janeiro: Cruz e Coutinho, 1868.
“Morte de Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa”. In: *A Marmota*. Rio de Janeiro, n.º 1323, 6 de dezembro de 1861, n. 1323.

“Os Himnos da Minha Alma”. In: *Guanabara*. Rio de Janeiro, tomo II, 1851-1852.

IANONNE, Carlos Alberto. “A Vida de Teixeira e Sousa”. In: SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *As Tardes de Um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*. São Paulo: Ed. Três, 1973.

“A Independência do Brazil – poema épico, pelo Sr. Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa”. *Guanabara, Revista Mensal Artística, Scientifica e Litteraria*. Rio de Janeiro, 1855. Tomo III.

LEITÃO, F. T. “Litteratura Patria – Romances Brasileiros”. In: *A Marmota*. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 7 de maio de 1861.

LINHARES, Temístocles. “Entre o Barroco e o Romântico”. In: _____. *História Crítica do Romance Brasileiro: 1728-1981*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

MOISÉS, Massaud. “Prosa - Teixeira e Sousa”. In: _____. *História da Literatura Brasileira*. Vol. II – Romantismo. São Paulo: Cultrix, 1995.

“Morte de Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa”. In: *A Marmota*. Rio de Janeiro, n.º 1323, 6 de dezembro de 1861, n. 1323.

“Noticias Diversas – publicação do 2º. vol. de *A Independência do Brasil*”. In: : *O Guanabara*. Rio de Janeiro. 1855. Tomo III.

_____. “Rodrigues Proença”. In: *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typographia de Paula Brito, n. 1289, 09 de agosto de 1861.

OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. *Teixeira e Sousa e o Romance-Folhetim: uma leitura de O Filho do Pescador (1843)*. Dissertação de Mestrado. Assis/SP: UNESP, 2002.

OPTIMUS CRITICUS (pseudônimo utilizado por Gonçalves Dias). “A Independencia do Brasil, poema do Sr. A. G. Teixeira e Sousa”. In: *Correio da Tarde*. Rio de Janeiro, edições de 28 de janeiro, 7, 11 e 21 de fevereiro e 31 de março de 1848, números 21, 28, 32, 64 e 72.

PINHEIRO, J. C. Fernandes. *Curso de Literatura Nacional*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978.

_____. “Rapido Estudo sobre a Poesia Brasileira”. In: *Revista Popular – noticiosa, scientifica, industrial, historica, litteraria, artistica, biographica, anedoctica, musical, etc. Jornal Illustrado*. Rio de Janeiro: Typographia de Quirino & Irmãos, tomo III, julho-setembro de 1859.

_____. *Resumo de Historia Litteraria*. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1872.

PROENÇA FILHO, Domício. “O Filho do Pescador: o primeiro romance brasileiro”. In: SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *O Filho do Pescador*. Rio de Janeiro: Artium, 1997.

“A Providencia”. In: *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, Typ. do Correio Mercantil de Rodrigues e Comp., 26 de Janeiro de 1854.

“Reparos Sobre um Romance”. In: *O Guanabara*. Rio de Janeiro, tomo III, 1855.

“Revista Bibliographica”. In: *Dezesseis de Julho – órgão conservador*. Rio de Janeiro, 6 de maio de 1870.

“Revista Bibliographica. Os Franceses no Rio de Janeiro. Romance de Moreira de Azevedo.” In: *Dezeseis de Julho –órgão conservador*. Rio de Janeiro: 22 de junho de 1870.

RIBEIRO, Santiago Nunes. “Hum Fragmento do Poema Romantico Tres Dias de Hum Noivado, por A. G. Teixeira e Sousa”. In: *Minerva Brasiliense*. Rio de Janeiro, 1.º de janeiro de 1844, vol. I, n. 5.

_____. “O martírio do poeta”. In: *Minerva Brasiliense*. Rio de Janeiro: 1º. de agosto de 1845. Apud: BROCA, Brito. “Teixeira e Sousa e o Imperador”. In: *Românticos, Pré-Românticos e Ultra-Românticos. Vida Literária e Romantismo Brasileiro*. São Paulo: Pólis; INL, Ministério da Cultura, 1979.

ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. Tomo Terceiro – Transição e Romantismo. Edição Organizada e Prefaciada por Nelson Romero. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. 1a. ed. 1888

SILVA, Hebe Cristina da. "Teixeira e Sousa – a trajetória de um romancista brasileiro em busca da consagração". In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do Romance*. Campinas/SP: FAPESP: Mercado de Letras: 2008.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português*. Estudos de Innocencio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil e ampliados por P. V. Brito Aranha. Revistos por Gomes de Brito e Álvaro Neves. Lisboa: Imprensa Nacional, 23 vol., 1858-1923.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. "Notícia sobre Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa". In: *Revista do IHGB*, XXXIX-1. Rio de Janeiro, 1876.

SIQUEIRA, F. A. "Natureza. Poesia. Mystérios". In: *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Empreza Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, n. 420, 22 de novembro de 1853, n. 423, 02 de dezembro de 1853.

"Theatro de S. Francisco. MACIAS, drama hespanhol, traduzido em versos pelos Srs. Paula Brito, e Teixeira e Souza." In: *O Brazil*. Rio de Janeiro: Typ. Imparcial de F. de P. Brito, n. 397 (2 de maio de 1843).

TINHORÃO, José Ramos. "Teixeira e Sousa e o Romance Folhetinesco". In: _____. *A Música Popular no Romance Brasileiro*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

Vale. "Chronica da Quinzena". In: *Revista Brasileira – Jornal de Litteratura, Theatros e Industria*. Rio de Janeiro, 14 de junho de 1855. N.º 1, p. 9-12. Typ. Dous de Dezembro.

O Velho. "Chronica da Quinzena". In: *Revista Popular. Noticiosa, Scientifica, Industrial, Historica, Litteraria, Artistica, Biographica, Anedoctica, Musical, Etc., Etc. Jornal Illustrado*. Rio de Janeiro, outubro a dezembro de 1861. Ano III, tomo 12.

VERÍSSIMO, José. "Teixeira e Sousa". In: _____. *História da Literatura Brasileira – de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

WOLF, Ferdinand. *O Brasil Literário – história da literatura brasileira*. Trad., prefácio e notas de Jamil Almansur Hadad. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

TEXTOS CRÍTICOS PUBLICADOS NA IMPRENSA BRASILEIRA OITOCENTISTA.

ADÊT, Emile. "Litteratura Contemporanea Franceza – Artigo III". In: *Minerva Brasiliense*. Rio de Janeiro: Tip. de J. E. S. Cabral, n. 4, vol. I. 15 de dezembro de 1843.

ALMEIDA, Manuel Antonio de. "Revista Bibliográfica. O Comendador, romance por Francisco Pinheiro Guimarães". *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1856. Apud: _____. *Obra Dispersa*. Introdução, seleção e notas de Bernardo de Mendonça. Rio de Janeiro: Graphia, 1991.

ASSIS, Machado de. “J. M. de Macedo – O Culto do Dever”. In: *Diário do Rio de Janeiro* – “Semana Literária”. Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1866. Apud: ASSIS, Machado de. *Obras Completas* – Vol. III – Poesia, Crítica, Crônica e Epistolário. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. “Semana Litteraria”. In: *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1866.

ASSIS, Machado de. “Uma Estréia Literária”. In: *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1865. Apud: *Dispersos de Machado de Assis*. Coligidos e Anotados por Jean-Michel Massa. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1965.

“Autopsia feita no corpo de uma rapariga romantica, grande literata franceza, leitora das novellas de Paula (sic) de Kocq”. *A Marmota na Corte*. Rio de Janeiro: Typographia de Paula Brito, n. 123, 14 de janeiro de 1851.

“Chateaubriand e seu tempo”. In: *Revista Popular: noticiosa, scientifica, industrial, historica, litteraria, artistica, biographica, anedoctica, musical, etc. Jornal Ilustrado*. Rio de Janeiro: Typographia Moderna de Georges Bertrand. Ano I, Tomo 1, 4 de janeiro a 15 de março de 1859.

“Chronica da Quinzena”, 01/12/1861. In: *Revista Popular*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier Editor, tomo 12, 26 de setembro a 15 de dezembro de 1861.

DUTRA E MELLO, Antonio Francisco. “A Moreninha”. In: *Minerva Brasiliense*, 1 de outubro de 1844.

GAMA, Lopes. “A estultice do bumba-meu-boi.” *O Carapuceiro*, 11/01/1840. In: *O Carapuceiro: Crônicas de costumes*. Organização Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. “A Instrução das Nossas Meninas nos Colégios.” *O Carapuceiro*, 6 de maio de 1843. In: MELLO, José Antônio Gonsalves de. *O Carapuceiro: o padre Lopes Gama e o Diário de Pernambuco 1840-1845*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1996.

_____. “A linguagem bordalenga de muita gente.” *O Carapuceiro*, 19/10/1842. In: *O Carapuceiro: Crônicas de costumes*. Organização Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. “As Meninas nos Bailes, Partidas, etc.” *O Carapuceiro*, 24/02/1844. *O Carapuceiro*, 20 de janeiro de 1844. In: MELLO, José Antônio Gonsalves de. *O Carapuceiro: o padre Lopes Gama e o Diário de Pernambuco 1840-1845*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1996.

_____. “O nosso gosto por macaquear.” *O Carapuceiro*, 14/01/1840. In: *O Carapuceiro: Crônicas de costumes*. Organização Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. “O Vadiismo” . *O Carapuceiro*, 17/06/1837. In: *O Carapuceiro: Crônicas de costumes*. Organização Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LEITÃO, F. T. “Litteratura Patria – Romances Brasileiros”. In: *A Marmota*. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 7 de maio de 1861.

“A Leitura de Novellas”. In: *A Marmota na Corte*. Rio de Janeiro: Typographia de Paula Brito, n. 65, 07 de maio de 1850.

“As Letras no Brasil”. In: *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typ. de Paula Brito, 02 de outubro de 1857.

“Litteratura. Bibliographia. Prosa e Versos”. Rio, 10 de Maio. In: *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 13 de maio de 1872. APUD: GUIMARÃES, Hélió de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis – o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. Campinas/SP: UNICAMP/IEL, 2001.

“Litteratura. O Collar de Perolas, ou Clorinda. Traduzido do Inglez de Walter-Scott. Prologo do Traductor.” In: *Beija-Flor*. Rio de Janeiro: Typographia de Gheffier e C.^a, 1830.

“Litteratura – Revista bibliographica. Til – Por José de Alencar”. In: *A Reforma – orgao democratico*. Rio de Janeiro. 12 de abril de 1872, n.º 81.

NEOPHILO. “O Homem de Letras”. In: *Jornal do Comércio – Comunicados*. Rio de Janeiro: Typ. Villeneuve e Cia., 05 de maio de 1854.

PHILADELPHIA, Paulina. “Mais um Bom Romance”. In: *Revista Popular*. Rio de Janeiro, B. L. Garnier Editor, tomo 13, 01 de janeiro a 16 de março de 1862.

PINHEIRO, Januário da Cunha Fernandes. “Bibliographia - Vicentina, romance do sr. dr. J. M. de Macedo”. In: *O Guanabara*, tomo III, 1855.

“Revista Bibliographica”. *Dezesseis de Julho – órgão conservador*. Rio de Janeiro, 6 de maio de 1870.

“Revista Bibliographica – Os Franceses no Rio de Janeiro – romance [do Sr. Moreira] de Azevedo. Rio de Janeiro. B. L. Garnier, LIV. Edictor. 1870 – 8o. 1 vol.”. In: *Dezesseis de Julho – órgão conservador*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1870.

“O Romance”. In: *A Borboleta – Periodico Miscelanico*. Rio de Janeiro: Typographia de J. E. S. Cabral, n. 3, 5 de setembro de 1844.

“Romance”. *Dezesseis de Julho – órgão conservador*. Rio de Janeiro, 31 de maio de 1870.

SILVA, João Manuel Pereira da. “Os Romances Modernos e sua Influência”. In: *Jornal de Debates*, 23 de setembro de 1837. Apud: *Matraga – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras/Universidade do Estado do Rio de Janeiro*. Ano 10, n. 15. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2003.

TAUNAY, Alfredo D'Escagnolle (Visconde de). “José de Alencar”. In: *Reminiscências*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1908.

VALDEZ Y PALACIOS, Dr. “Bibliographia. Mysterios de Paris”. In: *Minerva Brasiliense – Jornal de Sciencias, Lettras e Artes*. Rio de Janeiro: Typographia Austral, 15 de janeiro de 1845, n. 5, vol. III, ano II.

PERIÓDICOS OITOCENTISTAS CONSULTADOS.

O Beija-Flor (1830)

O Beija-Flor, Jornal de Instrução e Recreio (1850)

A Borboleta (1845)

O Brazil (1840-1852)

Dezesseis de Julho – órgão conservador (1870)

O Guanabara (1850-1855)

A Grinalda – revista semanal litteraria e recreativa (1861)

O Iris – Periódico de Religião, Bellas-Artes, Sciencias, Lettras, Historia, Poesia, Romance, Noticias e Variedades (1848)

Jornal do Commercio (1843-1861).

A Marmota na Corte (setembro de 1849 a abril de 1852); *Marmota Fluminense* (maio de 1852 a junho de 1857), *A Marmota* (julho de 1857 a dezembro de 1861).

Minerva Brasiliense (1843-1845)

A Mocidade: periódico litterario (1862)

Revista Brasileira (1855-1856)

Revista Brasileira (1857, 1859, 1860 e 1861)

Revista Popular (1859-1862)

Hebe Cristina da Silva

***Prelúdio do romance brasileiro:
Teixeira e Sousa e as primeiras narrativas ficcionais.***

Volume II - Anexos

Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Estudos da Linguagem.
Campinas/SP, 2009.

Hebe Cristina da Silva

***Prelúdio do romance brasileiro:
Teixeira e Sousa e as primeiras narrativas ficcionais.***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Teoria e História Literária.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Abreu.

Volume II - Anexos

Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Estudos da Linguagem.
Departamento de Teoria e História Literária.
Campinas/SP.
2009.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

Si38p

Silva, Hebe Cristina da.

Prelúdio do romance brasileiro : Teixeira e Sousa e as primeiras narrativas ficcionais / Hebe Cristina da Silva. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Márcia Azevedo de Abreu.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Teixeira e Sousa, Antonio Gonçalves, 1812-1861 - Crítica e interpretação. 2. Ficção brasileira - História e crítica. 3. Século XIX. I. Abreu, Márcia. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Prelude of Brazilian novel: Teixeira e Sousa and the first fiction narratives.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Teixeira e Sousa, Antonio Gonçalves, 1812-1861 - Criticism and interpretation; Brazilian fiction - History and criticism; Nineteenth-century.

Área de concentração: História e Historiografia Literária.

Titulação: Doutor em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu (orientadora), Profa. Dra. Alessandra El Far, Profa. Dra. Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos, Prof. Dr. Eduardo Vieira Martins e Profa. Dra. Marisa Philbert Lajolo.

Data da defesa: 18/02/2009.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.

ÍNDICE

ANEXO I – Iconografia	p.01
 ANEXO II - Críticas de romance divulgadas pela imprensa brasileira oitocentista	
“Litteratura. O Collar de Perolas, ou Clorinda” (1830)	p.13
ADÊT, Emile. “Litteratura Contemporanea Franceza – Artigo III” (1843)	p.15
“O Romance” (1844)	p.21
DUTRA E MELLO, Antonio Francisco. “A Moreninha” (1844)	p.24
VALDEZ Y PALACIOS, Dr. “Bibliographia. Mysterios de Paris” (1845)	p.33
“A Leitura de Novellas” (1850)	p.36
“Autopsia feita no corpo de uma rapariga romantica, grande literata franceza, leitora das novellas de Paula (sic) de Kocq” (1851)	p.38
PINHEIRO, Januário da Cunha Fernandes. “Bibliographia - <i>Vicentina</i> , romance do sr. dr. J. M. de Macedo” (1855)	p.39
“Chateaubriand e seu tempo” (1859)	p.42
PHILADELPHIA, Paulina. “Mais um Bom Romance” (1862)	p.47
 ANEXO III – Estudos Oitocentistas sobre Teixeira e Sousa	
ADÊT, Emile. “Da Arte Dramática no Brasil” (1844)	p.53
RIBEIRO, Santiago Nunes. “Hum Fragmento do Poema Romantico Tres Dias de Hum Noivado, por A. G. Teixeira e Sousa” (1844)	p.59
BURGAIN, A. L. “Cornélia, tragedia em 5 actos, por Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa” (1844)	p. 60
CANOVAS, Victor de. “O Romance – III” (1848)	p.72
OPTIMUS CRITICUS (pseudonimo utilizado por Gonçalves Dias). “A Independencia do Brasil, poema do Sr. A. G. Teixeira e Sousa” (1848)	p. 79

COSTA, N. J. "Litteratura Brasileira. Algumas considerações sobre a poesia." (1850)	p.110
"O Cassino. Poema Lyrico do Snr. Ernesto Ferreira França Filho" (1851-1852)	p.114
"Os Himnos da Minha Alma" (1851-1852)	p.119
SIQUEIRA, F. A. "Natureza. Poesia. Mystérios" (1853)	p.126
"A Providencia" (1854)	p.131
Vale. "Chronica da Quinzena" (1855)	p.133
"Reparos Sobre um Romance" (1855)	p.137
"Noticias Diversas – publicação do 2º. vol. de <i>A Independência do Brasil</i> " (1855)	p.151
" <i>A Independência do Brazil</i> – poema épico, pelo Sr. Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa" (1855)	p.152
PINHEIRO, J. C. Fernandes. "Rapido Estudo sobre a Poesia Brasileira" (1859)	p.161
LEITÃO, F. T. "Litteratura Patria – Romances Brasileiros" (1861)	p.166
LEITÃO, F. T. "Rodrigues Proença" (1861)	p.168
AZEVEDO, Moreira de. "Biographia de Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa" (1861)	p.175
<i>O Velho</i> . "Chronica da Quinzena" (1861)	p.179
"Revista Bibliographica" (1870)	p.186
"Revista Bibliographica. Os Franceses no Rio de Janeiro" (1870)	p.189
CARLOS, Reinado. "Casimiro de Abreu" (1862)	p.192
FERREIRA, Félix. "Traços Biográficos de A. G. Teixeira e Sousa" (1868)	p.198

ANEXO I

ICONOGRAFIA



Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa (1812-1861).

Foto gentilmente cedida pelo Sr. Demócrito Jonathas Azevedo, presidente da Academia Cabofriense de Letras.

no de 4 rodas.

lão, hoje sexta fei
n. 7, às 11 horas,
das, com arreios,
to.

idas e 3 oitantes.

caça, rua do Ou-
de trastes, com-
pa, cadeiras, so-
screvasinhas, lam-
le porcelana, uma
a liquidão.

às 10 1/2 horas.
nito cavallo.

os de clina, e di-
andes para janella
erro, etc.

da feira 31 do cor-
às 10 1/2 horas da
o, cobertos de cli-
t, ditas de braços,
edra de marmore,
adeiras, um sofá,
eadores, marque
elásticas para jan-
anella, vasos com
ndellas, lampeões

ARIO

os os trastes, por-
onzs, trem de co-
logios de cima de
etc.: tudo de or-
lla, que se retirou

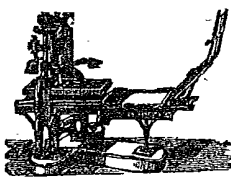
de novembro (dia
icada, de tudo lá
e mogno, dita de
t, ditas de jantar,
s, sofás, cadeiras,
modas, lavatorios
ros, vasos com flô-
raes, frascos para
de mesa, lampari-
ninha, di os com
dores,apparelhos
peões de bronze,
de porcelana para
teiras, copos, car-
ros, tudo de crys-
turo, objectos de
uto por qualquer
casa, se o falta.

às 10 1/2 horas.
rastes novos, ulti-
rança.

eilão, hoje sexta
na casa de C. TA-
lindos trastes aci-
os de 3 pés, com
ourada: mesas de

bolêa, o que melhor se explicará por uma folha avul-
sa distribuida com este *Jornal*.

ANNUNCIOS.



NOVA TYPOGRAPHIA

NA RUA DOS OURIVES N. 21,
ENTRE A DO CANO E A DA CADÊA.

AO PUBLICO.

Este novo estabelecimento, ao qual está adiciona-
da uma bonita loja de — papel, livros (por commis-
são), chá, rapé, toda a qualidade de impressos, e
objectos de escriptorio — será conhecido nesta corte,
e em todo o Imperio, por

TYPOGRAPHIA DE — TEIXEIRA e C.

Sofrivelmente montado para imprimir com gosto e
asseio todas as obras, *quaesquer que ellas sejam*, que ti-
verem de sahir de seus prélos, affiança se ao publico
que a maior sinceridade e boa fé presidirá aos ajustes
e execução dellas, satisfazendo-se ao freguez em tudo
aquillo que fôr compativel com as condições de um tal
estabelecimento.

O respeitavel corpo do commercio achará sempre,
pelos preços do estylo, tudo quando se costuma en-
contrar em casas e lojas desta natureza; os Srs. dou-
torandos da Escola de Medicina verão impressas com
gosto as suas theses, sempre por preços accommoda-
dos, facilitando-se-lhes todos os meios para perfeita
correccão e revisão dellas; os Srs. autores e traducto-
res terão à sua disposição estes novos prélos, para seus
romances, novellas, e tudo quanto disser respeito a
bellas-letras; o publico finalmente, encontrara mais
um recurso para tudo que lhe fôr mister, quer na ty-
pographia, quer na loja que lhe serve de escriptorio.

Em todos os impressos, ainda os mais pequenos,
que fôrem guarnecidos, empregar-se ha todo o cui-
dado e gosto, não só na escolha das *vinhetas*, como na
boa disposição dellas, para maior elegancia da obra;
esmero este que tornará bellas as impressões, por
mais simples que sejam, logo à primeira vista.

Toda a protecção, que nasce da preferencia dada a
estabelecimentos como este, fará por obter, e espe-
ra alcançar — ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUZA —
sob a firma de

TEIXEIRA E C.

ESMOLAS PARA O SENHOR DOS PASSOS,
recolhem-se até o dia 7 de novembro, na loja de

nho, chegados da roça, e u
qual cozinha e lava bem, co
muito bom leite, por 600\$;

— VENDE-SE, por sua se-
forçada preta, que cozinha,
da Imperatriz n. 73.

— ALUGA-SE, para o se-
que sabe coser, engommar,
ver e tratar, na rua dos Arc

— QUALQUER pessoa de
queira alugar-se e servir de
de familia, dirija-se à rua
ajustar.

— QUEM tiver alguma cr-
dara cr-ar, dirija-se à rua d

— VENDE-SE uma preta,
gura, 22 annos de idade, a
gomma e faz renda, e uma l
com algum leite: o motivo d
comprador; no becco das Ca

— FUGIO, no dia 2 de ou-
da rua de Matacavallos n. 54
bola, por nome Rosa, a q
Rosa, com os signaes segui
bexizosa, com os dedos dos
dos uns por cima dos outros
levar ao numero acima será

— NA fabrica de Mme. Ale-
grinaldas de saudades para o

À CAR

canto da rua d

2931 . . 20

1912. . . 1

2193. . . 1

5991. . . 1

CONTINUA o pagamento
sahirão nas mui felizes
IRMAOS (menos o n. 293
a vender bilhetes e as cautela

— DESEJA SE saber a re-
senhores que ensinão a escrev
gular.

— VENDE SE um lindo te-
pim; quem o pretender diri-
toyao n. 65.

— NECESSITA-SE de um
cez para portuguez, que ten-
to de ambas as linguas para
rija-se em carta fechada a J.
n. 70.

Recorte da página de anúncios do exemplar do *Jornal do Comércio* de 31 de outubro de 1845.

Anúncio da inauguração da tipografia de Teixeira e Sousa.

O Brasil.

Vestra res agitur.

Publica-se de tarde ás terças, quintas feiras e sabbados, na Typographia Imparcial de F. de P. Brito, praça da Constituição N. 64, onde se subscreve unicamente a 5:000 rs. por semestre, pagos adiantados, e vendem-se os numeros avulsos a 80 réis.

VOL. IV.

RIO DE JANEIRO, QUINTA-FEIRA 6 DE JULHO DE 1843.

NUM. 419.

O BRASIL.

O processo do secretario do governo rebelde em Minas.

A opposição estendeu-se diante do jury de Ouro-Preto por occasião da segunda absolvição do secretario do governo rebelde na provincia de Minas: essa decisão, ella a considerou como o triumpho o mais completo da sua causa, como uma victoria ainda mais importante do que a que obteve a causa das instituições nos tempos de Santa Luzia. O dom da infallibilidade estava ella prompta a conferir aos douze juizes de facto que lhe deram esse gosto; que importava que os jurados houvessem sido torpemente seductos pelos mais influentes do seu partido reunidos na assembleia provincial? Que importava que nesse jury illegal tivessem tomado assento, para protegerem o réu, membros da assembleia provincial por ella autorizados contra a lei para irem desempenhar as funções de juizes de facto? que importava enfim que fosse a decisão do jury tão absurda como o que ha de mais absurdo? A opposição não olha a nomeos, estava o secretario da rebelião, o personagem mais proeminente dos que interpuzaram o recurso para o juizo de Deus, absolvido, innocentado; eis! triumpho.

Em balde para contrastar os seus brados se lhe podia oppôr que o jury, apesar de todas as solicitações (e todos sabemos quanto são poderosas solicitações de este genero), não se animou a absolver o réu por julgá-lo innocente, por julgar que os seus actos não eram criminosos; apenas se atreveu a considerá-lo culpado, e, favorecido então por nossa lei penal, ficou elle exempto de castigo. Mas se o facto era criminoso, se a rebelião era flagrante e de todos reconhecida, como pôde haver quem com dous dedos de bom senso se anime a considerar apenas culpado

della o homem que todos apontam como o principal promotor desse crime, o que mais serviços prestou á rebelião, o que a não desamparou em circumstancia alguma, enfim, o omnipotente secretario do governo rebelde? Se este não fôr o culpado, quem o seria? ou pretende a opposição, endossadora do jury de Ouro-Preto, que a rebelião de 1842 foi um monstro de mil pernas, de mil braços, mas sem cabeça?

Se ás filicias da opposição levou essa decisão do jury o prazer e o jubilo, tão escandaloso havia sido o patronato exercido, tão triste sensação produziu elle em todos os homens que si ella tem em conta de algum valor a justiça e a verdade, que até os perigosos ordeiros da provincia de Minas, cuja linguagem sempre foi digna e comedida, tornaram-se ardentes e violentos. São adversarios politicos, dir-se-á a opposição; sim, mas, por mais que essa decisão fosse contraria ás opiniões dos jornalistas elles não se pronunciaram com tanta animosidade e vehemencia se a irritação de seus espíritos não fosse apoiada na indignação da opinião publica diante dessa tremenda bofetada da lei na face da justiça.

O promotor publico fundado na disposição do código que lhe autorisa o recurso de apelação quando no processo encontra nullidade, interpõe-o, e depois de ter estado tres dias livre, o réu foi de novo recolhido á cadeia.

Temos ouvido contestar a legalidade do proceder do promotor publico; alguns pensam que quando da primeira decisão do jury ha apelação do juiz de direito, por não achar justa a sentença, fica excluída a apelação do promotor por motivo das illegalidades do processo; essa opinião equivale a esta outra, que as decisões do segundo jury são por tal modo terminantes, que por mais nullo que seja o processo deste segundo jury não ha recurso algum, que pôdem os jurados em vez de serem sorteados terem sido escolhidos a dedo, que pôde o concelho ter sido

composto de numero de juizes de facto inferior ao marcado na lei, ou outras que taca nullidades essentialissimas, sem que haja remédio algum. Basta a enunciação desta opinião para que ninguém haja que a sustente.

Seja porém como fôr, essa segunda absolvição do principal cabeça da rebelião de Minas, é facto bastante grave para que desapaixonadamente sobre elle meditem os nossos estóicos; revela elle ou algum vicio na instituição do tribunal do jury, ou na moralidade do país, e em todo o caso deve determinar a politica que cumpre seja pelo governo seguida. Na presença desse facto deixar as cousas ir como são é dar o mesmo exemplo de imprudência ou de loucura que daria quem, vendo desabar o edificio em que reside, ficasse nelle muito máis e p coidamente deixado até ser esmagado pelas ruínas.

O imposto do sello.

Continúa na camara temporaria a discussão do imposto do sello, sem que se possa prever qual será o resultado na votação, por quanto muitos dos membros da maioria o tem combatido, sendo em todas as suas partes, ao menos em algumas. Para justificar essa imposição na parte relativa aos periodicos, apontam-nos o exemplo da Inglaterra e da França, e como argumento que o jornalista não pagará esse imposto, mas irá fazê-lo dos seus assignantes; ora o que valerá 1.500 réis mais por anno que cada assignante de folha quotidiana terá que pagar?

Esse argumento parece concludentissimo, e de facto qual o assignante que largará uma folha, a cuja leitura está acostumado, ou que sustenta as suas opiniões politicas por causa desse augmento de preço insignificantisimo? os que porém dão força a esse argumento, não estão inteirados do estado da imprensa no Brasil, do grande numero de assign-

tes, estubai-me, e então comprehendereis mais do que digo, e mesmo o que não digo; mas sonda-me virdes muito diffuso, crede que ha muito mais do que o que eu digo! Entendei-me, e serei feliz. Tenho saudades de vós. O vosso fiel amigo.

CAPITULO I.

MAS EU SOU TÃO ROBBE!

A descripção das scenas da natureza são a pedra de toque do escriptor! descrever estas scenas está ao alcance de qualquer genio mediocre; mas empregar nesta pintura as verdadeiras cores preciezas, e nos seus devidos logares, é sem duvida o ponto mais difficil de atingir da poesia descriptiva, ou pintura da natureza. Desculpai-me pois si mal o sou fazer. — E sempre no meio desses bellos quadros da natureza, que amor ama revêr.

No meio de todas as encantos de uma rianha primavera ataviada de todas as galas de que é sus-

FOLHETIM.

O FILHO DO PESCADOR ROMANCE BRASILEIRO

ORIGINAL.

CARTA A EMILIA QUE SERVE COMO DO
PROEMIO.

Tantos são os respeitoos, e tão sincera é a estima que vos tributo, virtuosa Emilia, que não acho desculpa, que plausivel seja, recusando-me ao vosso pedido.

A leitura da vossa ultima carta me fez plenamente ver que muito produziu em vossa imaginação a leitura do meu poema, ou romance—Os tres dias de um noivado (*)—Eu estou contente. Agora exigis

(*) Olra ineulta.

le mim um romance em prosa: a tarefa é-me difficil, não pela obra em si propria, mas pela pessoa a quem elle se deve dirigir; porque vós me dizeis que quereis um romance para vós, vosso marido, vosso filho, e vossa filha!

Que tarefa! Um romance para uma senhora casada, e mãe; para um marido, e pae; e enfim para dous jovens!...

De quantos sei nem um conheci digno dicto, e este de que lanço mão é só um fado de outro melhor. Vós o julgareis. Como minha verdadeira amiga, e proxima parenta, conto com a vossa indulgencia; e quando não poderdes combinar com o meu modo de pensar, eu vos rogo que me não arguais sem previamente me ouvirdes. Conto-vos pois uma historia que me ha contado.

Escrevo para agradecer-vos: junto aos meus escriptos o quanto posso de moral, para que ellas vos sejam uteis: junto-lhas as bellezas da litteratura, para que vos deleitem. Não corrijo este meu escripto, porque essa honra vós lhe fareis!

Se me comprehendereis, eu tenho chegado ao fim a que me propuz. Acorde-me julgardes muito con-

Primeira página do exemplar do periódico O Brasil de 06/07/1843.
Início da publicação dos folhetins de O Filho do Pescador.

MARMOTA FLUMINENSE

JORNAL DE MODAS E VARIEDADES



Publica-se ás terças, quintas e sabbados, na EMP. TYP. DOUS DE DEZEMBRO DE PAULA BRITO, IMPRESSOR DA CASA IMPERIAL, praça da Constituição n. 64, onde se assigna a 50 réis por seis mezes, para a corte, e 60000 para fóra, pagos adiantados. Na avulso, 120 réis; musicas, e figurinos coloridos, grati.

A MARMOTA.

AS FATALIDADES DE DOUS JOVENS

RECORDAÇÕES DOS TEMPOS COLONIAES
POR TEIXEIRA E SOUSA.

(Continuação do n. 667).

Todavia vós vos—admirareis quando ouvirdes que este homem quando ria-se tornava-se formoso, e até bello! então invejareis a brancura de seus dentes, o bem ordenado dellos, as covas de suas faces, a ponta da barba que tão bem se—dividia! e ainda assim, um novo contraste teríeis de notar! Seu rir parecia um rir sardonico, um rir de um satânico sarcasmo, um rir pesado de um amargo escarneio, o rir de uma idea triste, ou antes uma ironia de uma dor pungente, que o coração devora em silencio, e vai surdamente ralando a alma que sombria—apassental Admira! ainda mais: no meio de seus camaradas ninguém mais jovial do que elle, e soffria que vos diga,—ninguém com mais graça sabia divertir uma companhia, ninguém soluava um dito engraçado mais a proposito, e ninguém se lançava com mais viveza, nem com mais tino. Entretanto, elle era sombrio, taciturno e amigo da solidão! Fallava correctamente sua lingua, escrevia bem, dir-se-hia até que era homem de educação. Qualquer cousa o—fazia turvar, também qualquer cousa o—fazia desarmar sua ira, e as vezes uma caçada mesmo de seus camaradas! Em seu physico notava-se tudo de brutal, e em suas maneiras um tanto de repugnante, e um tanto de sympathico; o tudo, absolutamente tudo de nobre, e de altivo!

Eu tenho dado as principaes dimensões do physico deste homem notavel por suas contradicções, o que não será tão facil ácerca de seu moral, attentas as contradicções que abisello se—havia propalado! Em extremo jogador, Gonsalo, que este era seu nome, ganhava quasi sempre, e o dinheiro ganho ao jogo dividia-o por seus camaradas, ficando unicamente com quanto lhe—era mister para jogar outra vez! Pensar-se-ha que Gonsalo dava seu dinheiro á seus camaradas, por amor que lhes—tivesse, entretanto nada menos exacto, porque elle queria tanto a seus camaradas, como ao dinheiro que lhes—dava! Além disto parecia haver neste homem singular um fundo de aborrecimento, ou ainda de odio contra a especie humana: mas este

odio, este amor da solidão, esta especie de misantropia, como se—podiam combinar com sua jovialidade? Capaz de grandes acções, praticava até não vulgares virtudes; mas, praticando-as, parecia não ter consciencia delias, e que instinctivamente as praticava! também quando se—irritava parecia não ter consciencia de seus furores! Muitas vezes se—lhe viu sair do quartel com as algibeiras cheias de dinheiro, e voltar sem real, porque todo seu dinheiro havia dividido com os pobres! Entretanto era fama que Gonsalo era capaz de matar por causa de um vinete! Dizia-se que para elle, matar um homem, ou virar um copo de vinho, era a mesma cousa! Não consta que Gonsalo se—tivesse movido de compaixão á vista fosse de que desgraça ou miseria fosse! Elle mesmo dizia que nunca havia chorado! e parecia regosijar-se disso! Não havia crime por hediondo que fosse, por mais que o acompanhassem circumstancias horrorosas, que o—fizessem admirar, e a tudo dizia « bagatelas... » Não consta que deixasse de ser generoso, ou antes perulário tendo meios de sal-o e occasião; chegando não poucas vezes a restituir o dinheiro do jogo aos mesmos camaradas aos quizes o—tinha ganho.

Um dia em que Gonsalo jogava no quartel a cartada com seus camaradas, aconteceu que um delles, o que estava com o baralho na mão, recusasse uma carta, na occasião de as cartear sobre as duas que estavam na mesa: Gonsalo irritado deu-lhe tão grande murro na cabeça, que o—lançou por terra sem sentidos. Nisto nada ha que admiravel seja, porque este homem extraordinario, que comia, só ao jantar o comer de quatro homens, tinha tal força, que com o braço estendido, enfiando o dedo médio no anel de um peso de quatro arrobas, o—suspendia muito acima de sua cabeça.

Na occasião em que Gonsalo dava este tremendo murro, entrou o sargento, que se—dizia muito seu amigo, e tirando da espada deu-lhe uma forte pranchada, querendo segundar outra; mas já lhe não foi possivel, que o valente Gonsalo lançando-o ao chão com igual murro, tomou-lhe a espada, e a—fez em pedacos! Era um crime grande, e Gonsalo, para subtrahir-se ao castigo, desertou.

Infestava então as estradas do Rio de Janeiro uma companhia de salteadores composta de soldados desertados e outras pessoas, a qual companhia tinha um ponto de reunião na cidade, onde depositava seus roubos. Correo fama que á esta companhia se—aggregara Gonsalo. Como quer que fosse, a fama que este homem gozava enchia de terror a todos que tinham de viajar, e com razão, se-

gundo o que delle se—dizia; porque, além de o—terem por muito valente, corajoso, e esforçado, attribuiam-lhe, uns, duas mortes, e varios ferimentos; outros, quatro mortes, e não faltava que dissesse que sete ou oito, além de ferimentos e espantamentos!

N'um dos mais bellos, porém calmosos dias de janeiro, aproveitando as ultimas horas da tarde, em que o sol, proximo do seu occaso, tem minorado um pouco a sua estival intensidade, trilhava a estrada, que da lagoa de Juthunayba se—dirija ao Rio de Janeiro, um ancão montado em um bello cavallo alarção, cujos jocos guarnecidos de prata, do que também eram os estriços e freio, reflectiam raios luminosos dos raios que directamente cahiam sobre elles de um sol decadente, e visinho da noute, mas ainda cheio de calor e de luz. Montava a seu lado um soberbo cavallo russo pedrez, também do mesmo modo, ou antes mais ricamente ajazeado, uma joven belleza, moça como aurora; alegre, como os campos n'uma suave manbã de primavera; engraçada, como as flores, e bella como o primeiro pensamento de amor! Quatorze a quinze annos parecia ter ella; alva como o jasmim da noute; corada, como a rosa da manhã, deixava ver por sobre suas pequenas orelhas alguns cachos de seus longos cabellos, que fartando-se ao avaro chapéo de viagem que occultava tanto thesouro, vinham as vezes amorosos beijar suas lindas faces, e as vezes voluptuosos brincar com os suspiros com que a mansa brisa da tarde queria enamorada beijar os magicos labios da formosissima viandante! Dous grandes olhos azues, como dous pedaços de um céu sereno ao meio de uma alvissima nuvem de alabastro, ou antes dous magicos espelhos onde o azul do céu se debuxava, brilhavam com feiteira luz, saltando como querendo conquistar o amor dos zephyros ou matar de inveja e de ciúme as minissas flores, que em longos batalhões bordavam toda estrada! A pequenez de sua bocca, o nacar de seus labios, a alvura de seus dentes, e o bem ordenado delles, acabavam de tornar esta creatura uma belleza puramente celestial! E' assim que os divinos pinceis dos tempos heroicos nos—pintavam a deusa dos amores! é assim que os christãos pintam seus anjos, e os musulmanos suas hurist

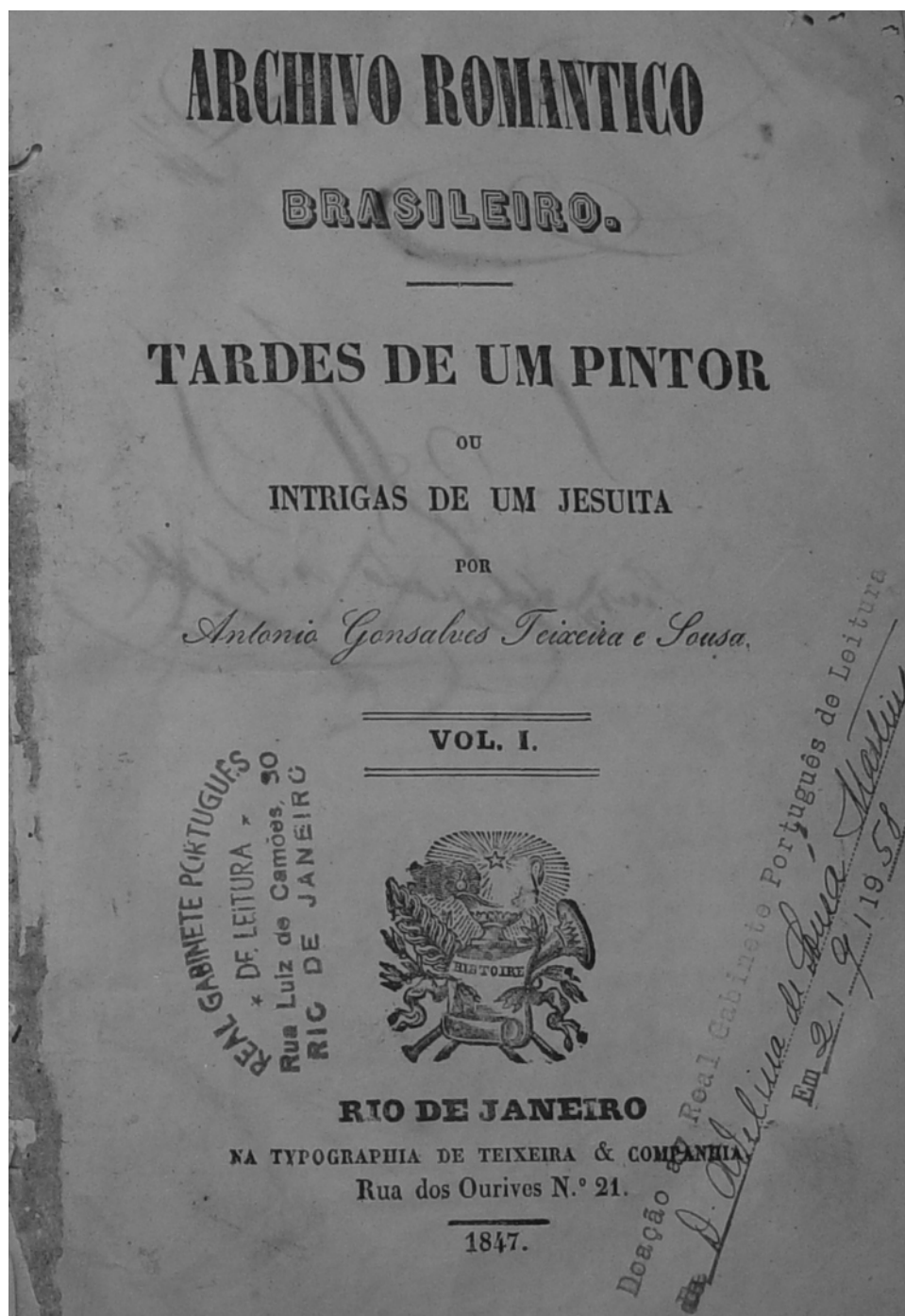
(Continúa).

Bela por ella.

Os gregos, apezar de serem gregos, entendem nos jogos a linguagem das trapaças, como nenhum outro povo do mundo! Tres destes sujeitos, em Paris, alojados em um hotel, souberam que era recém-chegado um

Primeira página de um dos exemplares da Marmota Fluminense (12/01/1856).

Divulgação do romance As Fatalidades de Dois Jovens em folhetim.



Página de rosto do primeiro volume da primeira edição de *Tardes de Um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta* (1847).

Agradeço ao Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro a gentileza de ter permitido que eu digitalizasse esta imagem.

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — *Typographia do Povo* — praça da Constituição n. 64, onde se assigna a 3000 rs. por tres mezes para a côrte, e 4000 rs. para fóra, pagos sempre adiantados. Na avulsos, 160 rs.

A MARMOTA.

CANÇÃO POPULAR.

V.

*Quanto a mim,
Isso, sim!..*

O mundo velho se abala,
Vai mover-se o mundo novo,
Ou temos um cataclisma,
Ou põe a montanha um ovo!
Isto é serio,
Não é peta
Da gazeta;

Ou do ovo sabem montanhas,
Sendo assim,
Ou isto dá em patranhas,
Quanto a mim!

Diz a folha fluminense,
(Valha a verdade o seu dito),
Que o Brasil tem engajado
Um exercito no Egypto!

Ou isto é serio,
Ou é rolha;
Da tal folha;

Nós vamos ter carambolas,
Sendo assim!
Do Egypto virá cebolas,
Quanto a mim!

Que o Brasil, avança a folha,
Para armar-se todo em guerra,
Mandou vir os bacamartes
Devolutos—da Inglaterra!
Ou isto é serio,
Ou é rolha
Da tal folha;

Nós vamos ter patarata;
Quanto a mim,
Ou então muitas batatas,
Sendo assim!

Que mandou fretar na China,
Resa a folha de que fallo,
Uma esquadra, e juntamente
Um telescópio a cavallo;

Ou isto é serio,
Ou é rolha
Da tal folha;

A que vem o telescópio,
Sendo assim?
Da China só virá opio,
Quanto a mim!

Mandou buscar na Alemanha
Os engenheiros—das praças,
Mathematicos profundos,
Sábios de todas as raças!

Ou isto é serio,
Ou é rolha
Da tal folha;

Não mandou vir engenheiros,
Quanto a mim;
Vamos ter muitos pandeiros,
Isso, sim.

Mandou fabricar na França
Capotes e correames,
Carapuças de borracha,
E barretinas de arame;

Ou isto é serio,
Ou é rolha
Da tal folha;

E' muita fanfarronada,
Quanto a mim;
Saías-balões e pomada,
Isso, sim!

Mandou contratar na Italia
A Malibran mais sonora!
O *Corcovado* hade rir-se
Ao ouvir a tal *sig-nora!*

Ou isto é serio,
Ou é rolha
Da tal folha;
Ou temos guinchos e pios,
Sendo assim;
Ou fôras e assovios,
Quanto a mim!

Dos hippódromos da Hespanha
Mandou tomar os modelos:
Quem ver que a minha Patria
Conversa com os pesadelos?

Ou isto é serio,
Ou é rolha
Da tal folha;
Ou temos fandango novo
Sendo assim;
Ou leva a breca este povo,
Quanto a mim!

Vai haver um reboliço
Afinal—no continente;
Vamos até ver *serenos*,
Porém *serenos* de gente!

Ou isto é serio,
Ou é rolha
Da tal folha;
Tenho vontade de vel-os:
Porque não?
Fazem tão bem aos cabellos
No verão!

E que leve a breca o povo!
O que perde a Patria minha?
Um punhado de mendigos
Que a erysipela definhal!

FOLHETIM.

GONZAGA

A CONJURAÇÃO DO TIRA-DENTES

ROMANCE DO SNR.

ANTONIO GONSALVES TEIXEIRA E SOUSA

Introdução.

Poucos brasileiros haverá talvez que não conheçam os nomes de Gonzaga, do Tira-dentes, de Alvarenga, de Claudio Manoel, de José Maciel, etc., etc.; e poucos existirão que saibam ao certo de suas desgraças, e ainda um seculo se não deitou sobre este acontecimento, que chamamos—Con-

juração do Tira-dentes! Sabemos porém que Tira-dentes com outros conspirou contra o governo do seu tempo, que nessa conspiração si-envolveram os personagens mais notaveis da capitania de Minas; sabemos que Gonzaga pelo mesmo tempo amava, e era amado, e que comprometteu-se na mesma conjuração; sabemos que estes homens foram delatados, mettidos em processo, e sentenciados a varias penas; dos pormenores porém que occorreram antes, durante e depois da conjuração desses não temos a menor certeza; mas também o romancista não carece de mais; sua tarefa não é por sem duvida a do historiador: a este a verdade, e só a verdade; áquelle a verdade e a ficção, ou ainda só esta.

Quando o romancista toma por fundo de sua obra um facto já consignado na historia e de todos sabido, comquanto esse facto occorresse revestido de taes ou taes circumstancias, nem por isso o romancista está obrigado a dal-o pela mesma conta, peso e medida, missão es-

ta que só ao historiador compete. A historia é a representação dos factos taes, o quaes occorreram; é o retrato da natureza tal, e qual ella é; e seu fim é, no presente, a lição do passado para prevenção do futuro, isto é, instruir, embora os factos allí consignados deleitem ou não.

O fim porém do romancista é (si o fundo de sua obra é fabuloso) apresentar quasi sempre o bello da natureza, deleitar e moralisar. Si nesse fundo ha alguma cousa, ou muito do historico, então melhorar as scenas desagradaveis da natureza, corrigir em parte os defeitos da especie humana, adogar os mais terribes traços dos horrores quadros, tendo sempre por fim deleitar, e moralisar, ainda que instrua pouco, ou nada, é o fim do historiador. Assim, a historia é para o romancista, como a poesia para o musico; a historia offerece o assumpto sobre o qual pôde o romancista discurrir a seu livre arbitrio, sem que lho imponha o menor freio; da mesma sorte a poesia offerece ao musico os versos sobre os quaes com-

Primeira página do exemplar de *A Marmota* de 06/07/1860.

Início da publicação dos folhetins de *Gonzaga* ou *A Conjuração de Tiradentes*.

MARMOTA FLUMINENSE

JORNAL DE MODAS E VARIEDADES.

Publica-se, ás Terças e Sextas feiras, na EMPREZA 'TYPE' — DOUS DE DEZEMBRO — de PAULA BRITO, IMPRESSOR DA CASA IMPERIAL, praça da Constituição n. 64, onde se recebem assignaturas a 4\$000 réis por seis mezes, pagos sempre adiantados. Numeros avulsos, 80 réis.

Nas vistas desta MARMOTA
Hade ter sempre o leitor,
Com singeleza, e verdade,
Tudo o que houver de melhor.

A MARMOTA.

— Começamos hoje a publicação do romance original, cujo titulo abaixo se lê, trabalho de uma penna já do publico bastante conhecida. Nosso empenho, d'hoje ávante, será de animar o talento nacional, offerecendo vantagens aos que se dedicarem ás bellas letras, e mostrarem-se dignos dos louvores do publico e dos sacrificios que nos fôr possível fazer (ainda que nos privemos de muito do que nos é necessario) em proveito de quem melhor os merecer.

MARIA

OW

A MENINA ROUBADA.

I.

O Roubo.

Era a ultima hora do dia. O sol enfando seus raios para outro horizonte, deixava após de si a hora da saudade e da melancolia, isto é, a hora do crepusculo, em que igual porção de luz, e igual porção de sombras discretamente misturadas formam esse suave composto, equívoco entre a noite e o dia, doce mistura em que a luz se perdendo nas sombras, e as sombras na luz, povoa o espaço de uma agradável dúvida, de claridade e de trevas, de que tão voluptuosamente resulta essa mimosa hora do dia tão cheia de saudades nos arcapos do amor, e tão cheia de melancolias nos mysterios do coração. Era pois quasi noite.

O passaro cantava a ultima parte de seu hymno quotidiano; porque todos os dias o passaro entoa um hymno de amor, cuja primeira parte lhe escuta a aurora, e a ultima a primeira hora da noite; e esse hymno é uma acção de graças, que todos os dias rende ao Creador: mas o hymno da criação, que os passaros nunca mais esqueceram desde o primeiro instante em que apenas implumados o modularam no Edem, não era a unica oblação, que, nessa hora de amor, erguia-se da terra até o throno de Deos; não, que esses hymnos de amor, e de agradecimentos subiam involutos em imperceptiveis nuvens de puros e suaves aromas, com que a flor de agradecida e de amante ia perfumar o escabelo do Senhor.

A briza, para não perturbar nem uma unica nota deste hymno tão suave, para não desviar nem uma molecula deste perfume tão puro; respeitosa pousava suas azas azues sobre a gramma dos valles, que parecia reverdecer ao seu toque regenerador. Era a primeira hora da noite.

Ao longe gemia melancolico o bronze sagrado, cujo som monotono perdia-se gemebundo nas solidões do espaço. Ao longe, leitor, porque o narrador vos convida a uma praia, não longe do Rio de Janeiro; e esse som deslizado por sobre a face lisa e serena dos mares vinha perder a sua derradeira nota de vida nos ouvidos dos viandantes, que por ali passavam, como um suspiro saudoso. Era a hora da oração: soavam Trindades.

Era cedo; mas, ainda assim, a Praia-Pequena estava deserta como um paiz deshabitado. Com effeito, de certa hora por diante ninguem por ali se atrevia a transitar; tal era o terror que naquelles contornos espalhavam alguns desertores do exercito o d'armada.

Ou de audaz se atrevendo a affrontar o perigo, ou ignorando as sanguinolentas gentilezas dos salteadores diabolicos, montado em um possante macho, trazendo sobre a garupa uma menina, que dirieis um anjo de belleza, por essa praia viajava ao cahir da noite um elegante mancebo.

A pressa com que o diligente animal escoava seus pés sobre a larga estrada, faria suppôr que o mancebo temia algum desarranjo, por ali passando ao cahir da noite; ou que alguma pressa o urgia a concluir a sua viagem. Elle buscava a cidade.

Tudo era silencio: o cavalleiro parecia absorvido em alguma idéa, que o occupava, ou em alguma melancolia, que pesava sobre sua alma. Tambem sua innocente companheira nem um monosyllabo articulava.

De repente, o echo de um tiro interrompe este silencio de mortê. O cavalleiro, murmurando um ai, tomba do animal ao chão, aonde fica estendido, para, elle mesmo, nunca mais levantar-se. A menina, lançando um grito indefinivel, arrastada pelo cavalleiro, cahe com elle.

Algum crime se havia premeditado, e punha-se em execução.

II.

A Feticheira.

Um pouco além do Engenho-Novo, sitio pouco apartado da cidade do Rio de Janeiro, no meio de uma cerca de espinhos, já velha, mal tratada, e

Primeira página do exemplar de 10/09/1852 da *Marmota Fluminense*.
Início da primeira publicação de *Maria ou A Menina Roubada* em folhetim.

A PROVIDENCIA.

POR

ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUZA.

(RECORDAÇÃO DOS TEMPOS COLONIAES.)

TOMO I.

RIO DE JANEIRO 1864.

TYPOGRAPHIA DE M. BARRETO

RUA DA QUITANDA N. 55.

Página de rosto do primeiro tomo da primeira e única edição em volume de *A Providência*.

ANEXO II

CRÍTICAS DE ROMANCE DIVULGADAS PELA IMPRENSA BRASILEIRA OITOCENTISTA*.

* Optamos por disponibilizar apenas as críticas que nos pareceram inéditas. Os textos estão ordenados, em ordem crescente, segundo a data de publicação.

“Litteratura. O Collar de Perolas, ou Clorinda. Traduzido do Inglez de Walter-Scott. Prologo do Traductor.” In: *Beija-Flor*. Rio de Janeiro: Tipographia de Gheffier e C.^a, 1830.

Walter-Scott cuja reputação não se limita á Escossia, sua patria, nem mesmo á Europa, e passou o Atlantico, não tem ainda sido traduzido em o nosso Idioma, no qual trasladarão-se tantos enjoativos romances: parece-nos portanto que fariamos um serviço a nossa litteratura nascente, offerecendo ao publico hum specimen do estilo, e methodo de Walter-Scott que, com justa razão, foi chamado o historiador das novellas, e o novellista da historia. Com effeito os Romances de Walter-Scott não são se não quadros para pintar ao vivo, e com a mais escrupulosa fidelidade, os costumes, opiniões, e factos historicos de certas éras, até elle para assim dizer incognitas ás actuaes gerações: quando pelo contrario parece ter escrito a historia com a sua imaginação, e com revoltante parcialidade, pondo suas preocupações particulares, no lugar da verdade, mesmo nos factos contemporaneos.

A historia de Napoleão longa satyra, tão falta de critica, como de candura, deu hum golpe fatal á reputação de este; Walter-Scott aliás, considerado como romanceiro, não tem rivais, excepto talvez Cooper, o Americano. Nada se pode comparar ao interesse excitado por huma narração animada, que representa aos olhos tudo quanto narra, accende o interesse por scenas gradualmente sobresalientes, e ressuscita os nomes historicos, ligados a acção principal por circuntancias verosimis, tanto ao natural, que o leitor cuidando vellos trajar, comer, conversar, e estar em acção, esquece-se que lê huma ficção, e não toma tempo de respirar até chegar a Catastrophe.

Walter-Scott nascido em 1774 de huma familia antiga, chegou à ser *Baronnet*, e cavalleiro de Banho, e pertence por suas amizades, e opiniões ao partido da aristocracia, e dos torrys. Elle na idade das paixões, entregou-se a sérios estudos, e tornou-se familiar com as antiguidades da sua Patria, e quando escreveo já tinha chegado áquella época da vida em que parece que a imaginação perde do seu ímpeto. Mas suas producções bem longe de soffer desta singularidade, unem á flor d’inspiração, e mocidade, que nada pode suprir, huma força de razão, e saber que as deliciosas, e proficuas para todas as classes da sociedade, desde á mocinha da moda que procura emoções, e sympathicas illusões, té o Diplomata carrancudo que não se apega senão ás máximas da política mais refinada, e ás realidades da sociedade.

Hum dos característicos de Walter-Scott, he a pureza, e decencia do seu modo de tratar o amor. Jamais houve romanceiro mais casto. Ordinariamente os seus heroes, ou heroínas, se bem que por dever imperioso do romanceiro, elles estejam namorados, não apparecem senão no segundo plano. He verdade na novella que traduzimos tanto por ser breve, e caber nos limites de dois folhetos, como porque o mesmo

Walter-Scott, dando-se a a si mesmo o segundo papel, delinea sua configuração phisica, e moral, os amantes representam as primeiras figuras; porém o autor, vêla com tal delicadeza o criminoso da sua paixão, e os mostra na catastrophe tão cruelmente castigados, que a lição de moral que quiz dar, não pode deixar de se agravar profundamente no coração.

ADÊT, Emile. “Litteratura Contemporanea Franceza – Artigo III”. In: *Minerva Brasiliense*. Rio de Janeiro: Tip. de J. E. S. Cabral, n. 4, vol. I. 15 de dezembro de 1843.

A novella, que occupa tão grande lugar na litteratura moderna, apresentou-se a principio em França, na idade media, quase sob huma fórmula épica, por ser cavalheiresca; porém bem depressa tornou-se extravagante e ridicula. Lesage foi o primeiro, após Cervantes, que na Europa comprehendeu o primeiro o romance de costumes; a Inglaterra teve depois Fielding, Richardson e Walter Scott; a Allemanha, Goethe e Tieck; a Italia, Manzoni. Os espiritos graves do século 17, alimentados com esta immortal litteratura grega, não se occupavam com hum genero que lhes parecia desprezível. São hoje os maiores genios da época que o representam: Chateaubriand, Victor Hugo, Alfredo de Vigny, Georges Sand, Alexandre Dumas, e, forçoso he dizel-o, se exceptuarmos as *Cartas Persianas* de Montesquieu, a *Nova Heloisa* de J. J. Rousseau e a *Delphina* de madame de Stael; o romance como se entendemos nossos dias não existia; este romance amplo, que mostra a sociedade sob todas as suas faces, que perscruta as dobras do coração e revela os sentimentos que ellas guardam; que evoca os seculos á luz por que passaram, e que, quando he huma obra de imaginação, toca todas as incertezas, todas displicencias, todos os vicios de nossa época; e d’ahi, estendendo os seus dominios até a philosophia, vem plantar o pé sobre as instituições sociaes. Porquanto, quem se recorda dos longos e insipidos romances de Seudéry e de la Calprenède? Quem se lembra do demasiado romanesco Prévost, o qual todavia sobrepujou muitos romancistas modernos pelo que respeita ás combinações? As mulheres que escreveram antes da época de que fallamos aqui, á excepção de madame de Stael, pintaram o amor terno e respeitoso com bastante elegancia por certo e bastante graça, mas sem força e profundez.

Os romances historicos que apparecem em primeira linha são: Notre-Dame de Paris de Victor Hugo, obra gigantesca, inesgotavel em ricos episodios e incidentes que assombram, cheia dos mais extraordinarios contrastes nos caracteres, e escripta em um estylo sonoro repleto de bellas imagens, estylo novo e poetico que lembra a côr das *Orientaes*. A época que o autor quiz restabelecer he a França do seculo 15; mas, cumpre confessa-lo, não foi o seculo 15 que elle pintou, he hum mundo tirado do seu cerebro, com particularidades historicas e, especialmente, sublimes pormenores.

Cinq-Mars, de Alfredo de Vigny, he o romance mais dramatico da França, escripto em hum estylo simples, poetico, casto e de huma pureza encantadora; he uma pintura verdadeira, cheia de interesse e de vida, do reinado de Luiz XII, os caracteres, desenhados a grandes traços, são de huma justeza admiravel. Citaremos também *Stello* como possuindo igualmente algumas das qualidades da obra precedente.

Seguem-se, em segunda linha, os *Dous Cadaveres* de Frederico Soulié, obra, como as de Walter Scott, onde a historia e a verdade constituem o principal attractivo; mas onde fallece esta suave frescura, hum dos mais bellos caracteres do poeta de Edimburgo. As *Memorias do Diabo*, romance extraordinario, sem liame; mas cheio de interesse e de movimento. A *Chronica de Carlos IX*, do Prosper Mérimée, he notavel pelos caracteres bem desenhados e claros, tudo he ahi brilhante, e o estylo, de huma concisão rara, he simples e todavia amplo.

Os romances de Alexandre Dumas tem o cunho da originalidade do autor; o dialogo he vivo, a descripção dramatica, o estylo caloroso; desafiao interesse, sem todavia serem *Ivanhoé*, *Notre-Dame de Paris*, *Cinq-Mars*. Traz á lembrança *les Souvernirs d'Antony*, *Pauline*, *Lê Capitaine Paul*; mas *Corricolo*, *Sylvandire*! He vergonha o desperdiçar assim hum bello talento!

O maior dos romancistas de imaginação he Chateaubriand. O que se não acha em René? Não he ahi o caso que se encontra o typo desse delirio sublime, dessa originalidade, dessa philosophia suave e triste, desse estylo poetico, apaixonado e abrasador que constitue o romance de imaginação deste genero? *Attala*, *les Marturs*, *les Natchez*, são todas obras da mesma familia; a poesia não póde ir mais longe e fallar melhor ao coração do que esta sublime prosa! Em seguida vem Georges Sand, autora de *Valentina* e de *Indiana*, onde se achão pleiteados os direitos e a emancipação da mulher, atacando as instituições e os preconceitos sociaes. Georges Sand escreveu a principio com aquella simplicidade sublime de hum coração que soffre e se desabafa, com hum estylo brilhante e caloroso. Os seus primeiros romances, cuja fabula tem sempre por fundamento o mesmo thema, possuem comtudo huma variedade nos caracteres e na forma que he admirável, sendo hum dos maiores merecimentos a sua simplicidade na distribuição. Mais tarde quis Georges Sand tomar as feições de madame de Stael; o seu romance tornou-se mais philosophico, enterrou mais o dedo na chaga humana, cresceu e produzio *Lelia*; obra extraordinaria, original, que muitas vezes a lança para longe dos domínios do natural e da verdade! O seu ultimo romance, *Consuelo*, tambem he uma obra de originalidade, sem ser escripta sob os mesmos dados até agora seguidos. Cresce aqui o philosophismo, mas quase sempre paradoxal. Georges Sand he a autora que mais estendeu o circulo do romance moderno de imaginação, que mais vida propagou nas suas obras, mais scenas apaixonadas, ás vezes suaves e simples; mas sempre revestidas de uma poesia embriagante.

Balzac he hum hábil pintor dos costumes de salão, muitas vezes hum tanto exagerado; se desce na vida commum, que sempre ridicularisa, espoja-se na lama e torna-se cynico. Não he elle por certo o rei dos romancistas modernos, he huma mulher que presentemente traz a corôa; mas he o romancista que por

ventura tem mais espirito, espirito que despende e perde a esmo em obras sem plano e sem fito. Eugénie Grandet he a sua obra prima, romance cheio de encantos, de pintura simples e cheias de verdade, e sem ser embaraçado por este continuo neologismo e este estylo escuro e empolado que deshonra a lingua franceza, e do qual poderia envergonhar-se hum alumno do seculo passado. Poderíamos citar *Peau de Chagrin*, *Le Père Goriot*, *Les Contes Drolatiques*; porém, já o dissemos, a obra prima de Balzac he Eugénie Grandet.

Vem depois Eugène Sue, o autor de *Salamandre*, da *Vigie de Koat-Ven*, do *Arthur* e de *Mathilde*. A ironia he o character principal em todas estas obras, ironia amarga e fallaz que arranca folha por folha a bella flor da esperanza, maná celeste que mantém a coragem do homem. No meio desse pessimismo que prodigalisa por toda a parte, encontram-se scenas de huma suavidade encantadora; he pela variedade, pela originalidade e vigor do estylo que elle se faz admiravel. O seu ultimo romance, os *Mysterio de Paris*, cheio de bellezas cynicas, de grandes e sublimes virtudes e torpezas nojentas, he feito ora em hum estylo de poeta o mais elevado, ora no do ultimo miseravel das esquinas de Paris. Alphonse Karr, que conhece a arte das descripções vivas, nas quais se ouve o trinado dos passaros na relva, vê-se a natureza nova e reverdecida da primavera coberta de raios dourados da aurora; nas quaes parece que sente a fresca brisa brandamente passar pelos cabellos, nas quaes todas as flores dos campos tem hum perfume para a alma melancolica; o seu romance mais prezado, e que resume estas qualidades em grão elevado, he *Sous les Tilleuls*. Sainte-Beuve, cujo romance *Volupté*, livro succulento, no qual a cada pagina se encontram pensamentos verdadeiros; he por ventura huma das obras mais originaes da nossa época; há mais Michel Masson, Mortonval, Paulo e Alfredo de Musset, Augusto Luchet, Carlos Didier, o engenhoso Paulo de Kock, Saintine, Carlos de Bernard, Berthoud, J. Janin, Jacob o bibliophilo, Paulo e Julio Lacroix. Entre as mulheres a duquesa d'Abrantes, madame Camilla Bodin, Delphina Gay, e huma quantidade emfim de outros de ambos os sexos, para se inscreverem cujos nomes seriam precisas as doze taboas de Roma.

O que deveríamos ora fazer para completarmos este *artigo*, no qual por certo ha já muitas omissões, era fallarmos dos representantes da eloquencia sacra, do fóro e politica moderna; mas não o faremos, sendo-nos impossivel, por fallencia de materiaes, o fallar com conhecimento e convicção. Nada diremos tambem da critica moderna, menos *analytica*; mas mais *synthetica* e menos restricta e acanhada do que a do seculo 18, visto que este ramo de litteratura deve fazer o o assumpto de hum artigo especial no qual trabalha hum dos nossos mais illustres collaboradores. Pelo que respeita aos historiadores e ao espirito philosophico da época, só tocaremos rapidamente estas materias, do domínio da sciencia mais do que da litteratura.

Muitos historiadores tem tido a França desde Villehardouin, Joinville e Froissart: Philippe de Commines, que faz lembrar Machiavel; as paginas eloquentes de Bossuet, e Voltaire, chefe da escola histórica philosophica do seculo 18. Comtudo, mesmo no começo do seculo 19, exprobrava-se ainda a França o não ter Humes, Gibbons e Robertsons. Hoje porém tem ella Augustino Thierry, que lhe apresentou a *Historia da Conquista da Inglaterra pelos Normandos*, incontestavelmente a melhor obra sobre historia que ha apparecido nos tempos modernos; *As cartas sobre a historia de França* e as *Narrações dos tempos merovingianos*; Guizot, que escreveu a *Historia da civilização francesa*, a *Historia da civilização europea* e o *Ensaio sobre a historia de França*, cuja reunião fórma hum todo magestoso; Fauriel, que produziu a excellente obra *Historia da Galia Meridional sob os conquistadores germanicos*; Mallet, que a brindou com a *Historia dos Suissos*, que não he inferior a Muller; de Sismondi, que lhe deu a *Historia das republicas italianas*, escripta com hum grande merito; e de Barante, que se apresenta com a sua brilhante e simples *Historia dos duques de Borgonha*; seguem-se o conde Ségur, Lacretelle, Thiers, e Michelet, emfim, historiador cheio de eloquencia e de fogo, que, seguindo os passos de Vico e de Herder, lançando-se, com Edgar Quinet, nesta nova sciencia a que dão o nome de *philosophia da historia*, emprehendeu crear de novo annaes do antigo mundo.

De algum tempo para cá a philosophia em França seguiu hum novo caminho. Sob o imperio, alimentada ainda com o espirito do seculo 18, desenvolvia em toda a sua amplidão as idéas da escola sensualista de Locke e de Condillac. Eram os seus principaes representantes Destutt de Tracy, Cabanis, Degérando e Volney. Mas para logo vio-se huma reacção, á frente da qual observa-se em primeira linha Bonald, e La Mennais, que deu entrada, sob a restauração, á escola theologica espiritalista segundo a igreja.

Royer-Collard havia atacado, com a sua viva argumentação, a escola ideológica que procedia de Condillac, preparando assim a revolução que devia operar-se pela luta das duas escolas, sensualista e theologica. Foi então que Cousin, intelligencia vasta e jovem de hum dizer eloquente, comparando todos os systemas philosophicos, nenhum achou que não apresentasse algumas parcellas de verdade. Desde então o ecletismo, filho de todos os systemas, principalmente, neste tempo, da sensação e da revelação, appareceu em França; mas, fraco durante algum tempo, só hum pouco antes da revolução de julho he que tomou toda a sua extensão: a esta escola se ligão tambem Jouffroy e o barão Massias.

Com relação á poltica o ecletismo unio-se, depois de 1830, ao novo systema; como progresso só era o resultado de hum renascimento geral, de huma necessidade de renovação de idéas nos espiritos; e he agora que a França, alimentada com o espiritalismo da Allemanha, sob a influencia de Kant, de Fichte,

de Schelling e de Hegel, recupera o céu que lhe havia mostrado Descartes, e que o scepticismo e o materialismo do século de Voltaire, e do começo do nosso, lhe havia durante algum tempo encoberto.

Recapitulemos.

A litteratura moderna, cuja restauração só começou em 1819 a lançar os primeiros clarões, e que em 1828 já havia derramado extensa luz, não he filha nem do século 18, nem do 19, ella nasceu do coração do primeiro christão. O que caracteriza a litteratura contemporanea da França he a poesia épica, que se revelou a Chateaubriand, Alfredo de Vigny, Alexandro Souimet e Edgar Quinet; a poesia lyrica, isto é, a ode, que se revelou a Victor Hugo; a elegia, a Lamartine. O romance, que tomou novas feições; que toca hoje em todas as questões sociaes, e não se acha mais comprimido no estreito circulo que outr'ora não pôde alargar. A philosophia, que, sob a influencia do restabelecimento litterario e do espiritualismo alemão, deu humpasso para a verdade. A historia, que ora entrou no domínio da philosophia e ultrapassou os limites que punham travas á sua marcha. A linguistica, que, entregue ás sabias mãos dos Chezi, dos Jaubert, dos Quatremère, dos Saint-Martin, dos Abel Remusat, dos Sylvestre de Sacy, dos Balbi, dos Burnouf, subio ao ponto a que a elevaram em Allemanha os Bopp, os Eichhorn, os Hammer, os Ticksen, os Valter, os Klaproth, os Adelung, os Eischoff e os Humboldt. Ha em todos os espiritos hum despertar geral, huma actividade incessante para o progresso; mas tambem huma inquietação sobre o futuro, a incerteza sobre o presente, em tudo a duvida e huma vontade fraca e vacilante. A litteratura não tem ponto central para o qual tudo convirja; eis a causa dessas apalpadelas continuas, deste andar ao acaso, desta liberdade que se torna desordem: cada qual abre hum caminho, cada qual forma hum systema.

Se, como nos séculos precedentes, houvesse unidade de vistas; que todas as intelligencias, trilhando a mesma vereda, se convergissem para se reunirem em hum só ponto, por certo que haveria em pouco tempo huma litteratura dramática, que não existe no systema actual; entretanto a França já possui mais do que qualquer nação da Europa moderna. Digamo-lo, posto que não querendo constituir-nos defensores do romantismo, he uma injustiça que se faz á escolamoderna o comparal-a á antiga. Quanto a esta os tempos passaram; aquella apenas começa o seu período. Aguardai, não compareis por ora; há quiçá hum genio próximo a nascer na sombra! Newton apparece no mesmo anno em que morre Galileo, Shakpeare só haviam quatro annos que tinha falecido quando Molière veio ao mundo, e quando o genio de Voltaire se extinguiu, o fogo celeste já abrasava a fronte de hum menino ignorado em huma ilha! Para que appareça a aurosa he forçoso o crepúsculo!

Nada pois pronuncieis sobre o que deve ou não produzir esta litteratura. Consignai ora sómente os seus revezes e suas glorias: o presente pertence ao homem como o passado ao infinito; mas não decideis

da hora que deve seguir. Só a França possui uma grande literatura, e o século caminha para o cumprimento da sua obra; quem sabe se não será a aurora de amanhã eterna? O futuro descansa no pensamento de Deus!

“O Romance”. In: *A Borboleta – Periodico Miscelanico*. Rio de Janeiro: Typographia de J. E. S. Cabral, n. 3, 5 de setembro de 1844.

O romance, considerado como futilidade por algumas pessoas graves, mas cuja falta de bom gosto por isso mesmo se denuncia, é entretanto o resumo fiel dos hábitos e costumes de uma nação. Quantas vezes o philosopho imparcial embalde busca a verdade na historia, e vai encontra-la no romance? Mil vezes o historiador traça a seu geito os factos, dá-lhe outra apparecia, orna-os de outras molduras; enquanto que o romancista, parecendo entregue todo á imaginação, descreve fielmente os costumes da época, e apresenta em seus quadros as virtudes e vícios do seu tempo e povo; e deleitando, mais propende a verdade do que á chamada história. A historia com todos os fumos de antiga aristocrata, apenas demora suas vista sobre altos casos, os reis, suas victorias, desastres e politica: o romance, menos altivo, democrata moderno, compraz-se com poucas cousas, abraça a multidão, indentifica-se com o povo, e modesto segue a indole e caracter nacional. No momento o romance não parece interessar mais que offerecendo sob véo diaphano e allegorico a pintura dos homens e das cousas. Esta pintura porém é de muita preciosidade para conhecedor que a sabe aproveitar: o observador que attente com cuidado dos diversos povos e edades, tirará muitas vantagens para o conhecimento dos costumes, e alcançará o fio que lhe servirá de guia no intricado labirinto do coração humano.

Outra vantagem também vê-se no romance, e é o desenvolvimento progressivo dos conhecimentos seguidos e annotados na sua historia; por isso que cada um romance, sendo representante das idéas dominam o paiz, e trasendo o cunho do seculo em que foi composto, descobrirá dest`arte qual a marcha que em sua viagem tem feito certas crenças, quaes paizes em que foram adoptadas ou repelidas, e quaes aquelles emfim em que ficaram naturalisadas. Pelo alluvião de fabulas que a cada passo encontramos nos povos, e de que se acham recheados os romances, convence-se faacilmente do ascendente que maravilhoso tem em todos os tempos exercido sobre os corações humanos, que, abraçando o falso, endeosando os idolos, parecem áciente desprezar a verdade e a exactidão.

A satira tem em todos os tempos se estendido, desde o tugurio do pobre até o palacio do monarca: o templo e a taberna não escapam a seus dominios. Sempre houve, ha e ha de haver, vícios a combater, asneiras de que zombar, e excessos a reprimir: pelo romance com facilidade se descobre o grão maior ou menor da liberdade de que goza o paiz; pois que o escriptor, tomando sempre medidas para descarregar

sem prejuizo os golpes de que está armado, pelo claro-escuro que deixa nos quadros, e pela escolha das tintas, denunciado fica o grão de civilização e liberdade da paiz, e a que prêas ligavam o auctor.

O historiographo, todo occupado com reis, mortes, incendios e batalhas, apenas tempo tem de marcar-nos algumas dactas para certos documentos politicos, enquanto que romancista menos vese o senhor, e lidando sempre com o subdito assenhorea-se melhor da fisionomia da nação, estranha-se mais profundamente em sua querellas, lança melhor luz sobre a materia, e dest'arte nos mostra claramente o que se passa no tempo. Assim suas pinturas são mais vivas, suas relações mais esmiuçadas e verdadeiras, e suas produções respiram actividade, força e vida; este estuda o homem em sua fisiologia, e garhonorifico nome da historia, apresenta-nos se graça um esqueleto, cujos ossos truncados, ligados á vontade offerecem as saliencias que o auctor quiz, e não as marcas de inserção dos musculos, trajecto de vasos, e outras que verdadeiras são e realmente existem.

Finalmente o amor, esse sentimento universal, tão variado em seu principio e effeito, como vasta a multidão que em seus fogos arde, reproduz-se a cada momento, e debaixo de mil fórmãs nessas obras que nos enlevam e arrebatam.

Oh quanto é sublime o romance, descrevendo a mais bella e a mais horrivel das paixões ! Oh como elle sabe esquadrinhar o coração humano e tocar a seu praser a fibra da sensibilidade, do horror, do praser ou do respeito !..

Por um outro lado ainda o romance é de interesse ao philosopho: é quando em sua imaginação ardente, borbulhando de idéas de amor do seu paiz, o auctor traça um plano de educação, *formula as normas a seguir na lei*, e coordena um sistema de felicidade publica e nacional. Divino pensamento! Sonho consolador, que faz entrever um futuro mais brilhante! Engano, que deleitando o espirito nos embala o coração ! Quanto o teu acordar é doloroso! O sabio se revê a cada pagina em tua obra; n'ella encontra suas idéas, suas luses, e rasão; o fraco encontra forças, e o timido confiança. Todos respiram um ar novo e salubre, percorrendo estes escriptos: conhecemos que não passa de mera fantasia, mas apraz-nos sua leitura, e como que nos sentimos mais ditosos e dispostos a pacientes seguir a dura carreira da vida; chegamos mesmo nos são ahi apresentada. Honra aos genios; gloria aos seculos, que os produzem. Si terminando, fosse-nos licito expor nossa opinião, francamente diriamos que pouca conta merece um auctor mocidade não produziu um romance: esta falta denuncia pobreza de imaginação, e uma especie de esterilidade e friesa da alma; porque para fazer sofrivelmente um romance, mister se faz talento, estudo das paixões humanas, e si me permitem a expressão *espirito e commercio com as letras*. Máos

prosadores, poetas de agoa doce, amontoam palavras, e vão-se impando com ellas ... Não é d'isso que o fallo: Deus nos livre de perde com elles o tempo.

DUTRA E MELLO, Antonio Francisco. “A Moreninha”. In: *Minerva Brasiliense*, 1 de outubro de 1844.

O Romance, casa nova forma litteraria que se reproduz espantosamente, que mana caudal e soberba da França, da Inglaterra e da Alemanha, tem sido a mais fecunda e caprichosa manifestação de ideias do século actual. He incalculavel o numero de paginas semivivas, pallidas e esboçadas, raramente sublimes, consoladoras ou asceticas, mas com frequencia dotadas de um verniz brilhante, d’hum colorido fogaço, que a improvisação entusiasmada pela mania d’hum mundo de leitores arranca do berço horaciano onde hum novennio de cuidados as aguardava. Fluctuando aqui e ali hum publico insaciavel as abraça, devora-as com avidez, deixa-as com indiferença, calca, rola na poeira e esquece para sempre.

Não foi conhecido o romance pela antiguidade; a forma épica centralizando n’hum só homem raios de luz dispersos, personificando n’hum figura hum século e annexando e fazendo entrar no seu vasto molde a gloria e feitos de hum e mais gerações; a tragedia, medindo o alcance de uma situação, extrahindo á força de gênio e reflexão tudo o que ella offerece, levantando-se ás grandes ideias religiosas, politicas e philosophicas, não podiam ser coevos do espirituoso e vivo narrador das scenas domesticas, do apreciador das qualidades parciaes, da vida objectiva, dos caracteres isolados meio tragicos, meio-comicos. O drama, e tão sómente o drama, podia raiar no horizonte quase nos fogos da aurora do romance – Shakespeare e Cervantes deviam brilhar no mesmo século.

O romance he pois nascido em tempos mais recentes; e se o consideramos no pé em que está hoje, elle he legitimo filho deste século. Sentia hum necessidade que se pronunciava; votou-se a prehencher-a e fez-se hum potencia. Esposando a imprensa jornalística tornou-se um colosso; mas com dolo ou sem elle, ambos se enganaram: o jornalismo veio a ser exigente; o romance para satisfazl-o desenvolveu fertilidade espantosa – e o aborto começou. Tendo de satisfazer hum gosto que se depravava se depravou tambem; esquece-se de que devia fazer a educação do povo, ou pelo menos de que podia aproveitar o seu prestigio para isso. Penetrando na cabana humilde, na recamara sumptuosa, no leito da indigencia, no aposento do fausto, perdeu de vista o fanal que devia guial-o; deslembrou-se de levar a toda a parte a imagem da virtude a consolação mitigadora, a esperança e o horror do vicio. Demais, multiplicando-se e invadindo téminos sagrados elle apregoou as mais exaggeradas pretenções; subdividio-se em classes numerosas, que cada hum abrange populaloes inteiras; tornou-se Protheo sem lembrar-se que – *La force c’est Júpiter, ce n’ets pas Prothée*. He bem de crer que meditando seriamente na sua mocidade, elle se arrependa hum pouco da quadra propicia que terá perdido. Avelhentado pelas suas devassidões, lançando os olhos para essa prole immensa de invalidas monstruosas e cynicas rhapsodias, achara para alivio de sua dor, aqui, alli apenas hum filho vigoroso, hum Quentin Durward,

Werther, hum Cin-Mars, hum Notre Dame de Paris, e poucos outros; e quando em todos ao demais achar verificado o – *urccus exit* do Venusino, abraçando a pedra do sepulchro cahira exânime e tremendo da hora do juízo final da posteridade. A arte revelando-se pela bocca de huma critica posthuma e severa, vendo surgir das catacumbas columnares de olvidados jornaes esse numero sem fim de Quasimodos dir-lhes-ha voltando a face – *Nescio vos*.

Como quer que seja o romance tem percorrido huma esphera de gloria na Europa; o seu imperio tornou-se exclusivo. Digamos porém, em abono da verdade que se as loucas pretensões do romance philosophico teem mangrado em geral, o romance historico nos tem dado primores e muitas pennas se crearam reputações continentaes neste genero, e á frente dellas Walter Scott. Em Portugal tem elle prosperado com vigor: - e naturalmente hum povo que se mergulha com saudade na recordação de suas passadas glorias; hum paiz onde varões que emularam com a fortaleza das grandes personagens da antiguidade, imprimiram na historia quadros sublimes de dedicação e valor; onde a cavallaria, os Mouros e os Arabes deixaram vestigios indeleveis, onde huma turma de litteratos fortes nos sentimentos que dicta o amor da pátria empunha agora a penna; este paiz, dizemos, não podia deixar de entrever no romance histórico a forma congenita e adaptada ás ideias que nutre. Elle nos tem dado pois algumas paginas tocantes e grandiosas; elle tem sabido interpretar e revelar essas grandes acções, e temos para nós que ainda nos não deo quanto poderá dar-nos. O Sr. Alexandre Herculano he talvez o que mais se tem distinguido na serie desses escritores, e nós lhe votamos em nossa humilde intelligencia os louvores que por certo merece, mas outorgados por outra bocca. Somos demasiadamente microscopicos para ousarmos tece-lhe encomios.

Entre nós começa o romance apenas a despontar: temos tido esboços tenues ensaios ligeiros que já muito promettem; mas inda ninguém manejou, que o saibamos, o romance historico nem tampouco o philosophico; quanto a este, porém, leve he a perda a serem tomados por modelo os delirios da escola franceza; hum Louis Lambert, por exemplo. E comtudo o romance historico póde achar voga entre nos; tem huma actualidade que não deve desprezar. As investigações historicas a que deve proceder quiçá trarão luz sobre alguns pontos obscuros que homens devotados á historia do paiz buscam hoje elucidar; póde tornar-se de envolta moralizador e poetico se bem cahir no preceito – *Omne tulit punctumqui miscuit utile dulci*. Se a vida prosaica e positiva que o principio eterno da contradicção entre gostos e as circumstancias do homem nos obriga a ir vivendo, deixar-nos alguma vaga para recolhermos e ordenarmos algumas ideias sobre esta maneira, esperamos cedo voltar ainda á questão.

Quanto ao mais, autores de merecimento, poetas distinctos se têm occupado do romance sentimental e bellas paginas hão produzido; outros generos vão sendo cultivados, e contamos cedo ver-nos indecisos no

preferir em frente de numerosos rivaes igualmente aquilatados em merito. E pois! realise-se ao menos estas esperanças! Pleitêe-se hum pouco, debelle-se a indiferença que nos gela, e as fixas cores de hum clima poetico venham collocar-se na palheta do artista!

Por ventura podemos annunciar ao publico que hum novo romance acaba de sahir dos prélos. No meio da tempestade eleitoral em que o positivismo egoista sacia os olhos inda, huma voz d'harmonia ousa espraiar-se. Huma vagabunda e feiticeira imaginação desdobra suas azas d'ouro [palavra ilegível] nessa atmosphaera carregada de vapores. As imprecações furibundas que a orgia da politica faz retumbar de toda a parte parecem querer suffocar-lhe os sons. Pensar na belleza, meditar na virtude enthusiasmar-se no casto amor das letras, são crimes para elles. Porém almas ha que inda nesta quadra não se desmentem da humanidade; a chamma sagrada arde em silencio em muitos corações e queira Deos breve tornada em raio não desça a exterminar-os.

O Sr. Joaquim Manoel de Macedo he felizmente hum daquelles que repelle o contacto desse gérmem terrível, desse gorgulho que espedaça o fruto de tantos disvelos; e como para consolar-nos da época triste em que lidamos, elle nos outorga hum mimo, apresenta-nos a – *Moreninha* –, a viva, a espiituosa filha da sua rica fantasia, ingenua e bella, innocente e jovial. Em huma hora de enfado nos appareceo esta interessante creatura, e ao vel-a tão risonha transpirando ainda o beijo de adeos final que nas faces lhe imprimira o autor, nós a tomamos nos braços, e despindo as rugas do semblante, lhe ouvimos as palavras de ternura de ternura de amor e sentimento que nos murmurava no ouvido. Resta-nos agora agradecer ao autor as horas de gosto que nos facultara, e em nome dos amantes das letras, o novo protesto que acaba de lançar contra a indiferença. Para cumprirmos hum dever daremos ao publico huma noticia da sua engenhosa producção – e seja esta a minima recompensa da adhesão e amor que nutre pelo ideal.

Podesse ou não o autor lançando mão de huma grande verdade moral circumdal-o de factos envolvendo-a n'uma acção qualquer e fazel-a sobresahir da luta e successão desses factos; ou, inversamente, attentando hum facto e as consequências ethologicas nelle englobadas, desenvolvê-las no correr d'hum plano; podesse ou não tomar huma grande figura historica, huma paixão transcendente, ou na escala do amor hum gráo de maior vulto, dedicação e nobreza, huma abnegação sublime, e tratá-la com toda a expansibilidade de talento que possue; isso nos não diz respeito e questão fóra de ultra-critica. Devem aceitar a sua producção tal qual, collocarmo-nos no pontode vista para quea destinara, e compararmos a ideia que que o possuia e a maneira porque nol-o traduzio. Tal he o nosso dever, e gostoso nos he dizer que o autor desempenhou completamente o fim que se propoz.

Hum desses amores de infancia que a sympathia gera, que hum não-sei-que vigora, e que o tempo consolida; hum amor abençoado pela voz morimbunda d'hum ancião, nascido e embalado com a caridade em

dois tenros corações; esse amor de hum joven de treze annos e um anjo de oito, fórma o centro de todo o movimento. Scenas da vida escholastica cujo quadrar exacto com a verdade nenhum estudante negará, huma inconstancia inqualificavel, mas fundada, quadros da vida amatoria da juventude inconsiderada, episodios bem combinados, se engrupam, se harmonisam e realçam com belleza o todo.

O romance estreia interessante; - o primeiro capitulo he d'hum acabado inquestionável; tudo o que se passa nelle he tão natural tão expressivo, que a imaginação nol-o apreseta ainda como se o viramos. O dialogo he rapido, insinuante, e cheio de vida; os caracteres bem annunciados e o contraste entre a figura molle e graciosa e romantica de Augusto e a indole positiva secca e egoista dos seus collegas, faz um bello effeito. Os ataques que soffre e a defeza que lhes oppõe o campeão da volubildade têm por vezes muita agudeza e pico. – Para nós, que desejamos no dialogo tanta energia como anciedade no enredo, he este hum dos principaes titulos do nosso autor a justos louvores.

A carta de Fabricio, aprendiz sem vocação, que sahindo do seu elemeto suffoca-se n'hum atmospha mais subtil, he cheia de pedaços comicos, e d'algumas observações sobre o character das nossas bellas que lhes devem desagradar sobremodo. Os principios cynicos do perfido estudante são detestaveis; e [palavra ilegível] vimos nós seriamente agastada contra elle saciar sua vingança ao vel-o em taes apuros. Em confidencia diremos ao autor que huma senhora de muita perspicacia o accusa altamente de haver tratado com leveza a paixão predilecta do seu sexo; de ter calumniado o coração feminino, e de ter feito tão aprazível hum episodio que tanto as offende (pensa ella).

Transportemo-nos agora ao fóco da acção, a essa ilha encantada de cuja descripção dispensou-nos o author; dizemos bom gosto, porque o elemento descriptivo (pedra de toque alias do mérito poético) he hoje tão insulsamente empregado que menos interessa do que fatiga. Aqui bem longe de tacar-nos huma topographia exacta do salão, de desenrolar-nos brilhantes hypotypósis ou de espraiair-se em longas observações pathologico-moraes sobre toda a companhia, o autor define as senhoras em duas palavras e chegando aos homens diz: - Quanto aos homens... não vale a pena. – Vamos adiante. Isto nos agrada muito e em verdade parece-nos muito melhor deixar transluzir e manifestar-se pelos factos o character de huma personagem do que fatigar-se ao principio em descrevel-o. A synthese neste caso pertence ao leitor, e nisto se basea a fórma dramática. De mais os factos bem produzidos poupam longas preparações ao autor e fazem nascer no espirito hum serie de reflexões.

A Sra. D. Violante he o typo de huma classe numerosa entre nós, que o autor sentio e desenhou com justeza. Tão comico nos pareceo este lanço, tão fulminador o contraste em que o misero Augusto se vê a respeito de seus collegas, tal a impertinência da bruxa que o persegue e tão bem cahida a escapula vingança

obtida pelo diagnostico tremendo do estudante que não podemos sustentar por muito tempo o riso. A nobreza com que Augusto declina de si o papel odioso de que Fabrício o busca incumbir, lhe attrahe hum duello curioso; a mesa he o campo de batalha em que os dois campeões vão pugnar, e a interessante Moreninha que apenas deixou-se entrever deve apparecer em toda a luz.

Travessa como o filho de Erycina, volúvel como o beija flor, inquieta como a borboleta, innocente como hum anjo, ella he romanticamente bella. Huma viveza graciosa huma agitação continua, huma sagacidade e tino talvez sobremaneira em tal idade, mas a par de tudo hum fundo de bondade, de simpleza e ternura, taes são alguns dos attributos dessa linda creação. Porém que terrivel talento na satyra?! Que malicia, que ironia, que promptidão de respostas?! Como desmascara, como fere, como retalha?! Que settas de fogo não crava ella aqui na sonsa D. Quinquina, alli na vaidosa D. Clementina, e mais longe no desastrado Fabrício?! A luta dos estudantes não nos foi tão saborosa como os remosques satyricos da Moreninha. Este character tem para nós bastante originalidade e rivalisa com muitas figuras traçadas por grandes pinceis.

A conversação de Augusto com a Sra D. Anna vem lançar os primeiros clarões sobre o fio da historia. Mas (pela simplicidade do enredo) assim como facilmente previmos no principio o que veio a realisar-se na scena do jantar, assim bem se antevê quem seja a bella menina que Augusto commemora com tanta saudade e ternura. Entendamo-nos: não fazemos disto motivo de censura se não que louvamos o autor por nos ter poupado a hum labyrintho de factos. Simples ou não seu plano foi bem executado, o que já he não pouco merito. Com franqueza o dizemos, - o trecho seguinte fez-nos tal impressão que successivamente o lemos por mais de tres vezes.

Quando a formosa menina que Augusto observava, lança-se á concha porque suspirava, escorrega na arêa, cahe e vendo nova onda correr a ella, volta-se e atira-se nos braços de Augusto, o autor exprime-se assim:

“- Ah!... eu hia morrer afogada!

Depois vendo-se com o vestido cheio de água começou a rir-se muito, sacudindo-o e dizendo ao mesmo tempo:

- Eu cahi! Eu cahi!...

E como se não bastasse essa passagem rapida do susto para o prazer ella olhou de novo para o mar e tornando-se levemente melancólica balbuciou com voz pesarosa apontando para a concha:

- Mas... a minha concha!...”

Que verdade, que harmonia, que graça em tão poucas palavras! A sympathia desses dois meninos he maravilhosa, mas o sentimento que vem reforçal-a, a scena dolorosa de que são testemunhas, essa mão caritativa que estendem sobre a indigencia, essa benção que os cobre, tudo he pathetico. Paragraphos ha neste

episodio em que o autor quase attinge o sublime. Verdade seja que nos contentariamos só com a benção prophetica do misero ancião; que a ideia do consorcio dessas duas almas puras, por si só, como que inspirada, fazia mais effeito que os dois breves. O enthusiasmo esfria com isso e tudo parece manar d'hum delirio; o autor o declara, mas vindo a cumprir-se nós a quizeramos assim.

As lagrimas de amor – são pra nós o mais bello episodio do romance. Ahy, formosa e joven Tamoya, louca de amores por um joven caçador que frequenta em suas excursões a ilha em que ella habita, Ahy deixou-nos n'alma impressões suaves. O cruel mancebo vem dar todos os dias huma punhalada nesse coração abrasado. Indifferente á belleza d'hum rosto dourado pelo sol, cheio de fogo e vida, insensivel ás graças de huma flor desabrochada apenas; ingrato a huma ternura que o segue em toda a parte; paixão, serviços, lagrimas, nada amolda o coração do barbaro. Ahy pena e suspira, Ahy canta (e como he bello esse canto!); Ahy ameiga a rocha em que se collocava para ver o seu amante; vence-a com a sua voz d'harmonia,, traspassa-a com suas lagrimas de dor. Emfim o ingrato adormece na gruta; duas lagrimas cahem-lhe nos olhos, e depois já vencido elle exclama – Linda moça! – Outras duas lhe tocam os ouvidos – Voz sono a ! – clama elle -. Finalmente sentindo no coração o baque de outras duas – Sinto amar te – diz e são felizes.

Em quanto o joven Augusto se embevece neste engenhoso conto com a Sra. D. Anna, a travessa Moreninha os escuta e por tres vezes tem sido sentida por Augusto. Ella se escapa sempre, e tres bellos hieroglyphicos se apresentam ao mancebo. Fallando sobre a linda menina e as reciprocas promessas, elle divisa a Moreninha reclinada sobre a estatuada esperança; trata da sua inscontancia, ella persegue huma borboleta; narra-se a aventura d'ahy, ella galga o rochedo e lá de cima repete a a ballada que Ahy cantara em sua dor, e que começa assim:

Eu tenho quinze annos
Eu sou morena e linda
Mas amo e não me amam
E tenho amor ainda
E por tão triste amar
Aqui venho chorar.

O riso dos meus lábios
Há muito que murchou
Aquelle que eu adoro

Ah! Foi quem o matou
Ao riso que morreo
O pranto succedeo.

O fogo dos meus olhos
De todo se acabou
Aquelle que eu adoro
Ah! Foi que o apagou
Onde houve fogo tanto
Agora corre o pranto.

Furtamo-nos ao gosto de reproduzir por inteiro esta primorosa pagina de poesia onde brilha hum sentimento e colorido delicioso, para não anteciparmos o gosto que o leitor terá lendo-a em seu lugar.

Porém... levados pelo prazer de admirar temos abusado hum pouco da permissao que se nos outorga. Longo vai este artigo, e, o que mais he, despido de interesse. Que diremos ainda ao leitor? – O romance prosegue e vòa ao fim com rapidez, tudo se liga e se esclarece. Na scena de jardim a desapiedada Moreninha vibra ainda a sua arma favorita: Augusto, victima de huma de suas travessuras, vê-se pouco depois em critica posição. A passagem a que nos referimos (hum pouco romanesca), faz rir por certo, e levada mais longe faria fechar o livro a muita gente; felizmente he coarctada, mas parece hum tanto livre.

Fazem-se notaveis ainda (huma, pela graça, outra pelo sentimentalismo) a conferencia dos quatros escolasticos e a scena do pediluvio sentimental. O autor dispara algumas settas contra os charlatães e curandeiros que muito nos agradaram. O resto do romance corre a mesma esteira e por toda a parte ha muito o que louvar, sobre tudo o character de D. Gabriella. Entre tanto parece-nos extrema a condescendencia das tres jovens que huma a huma se deixam confundir por Augusto, depois da derrota da sua companheira. A hora deste *rendez-vous* e o tom da sociedade entre nós tornam pouco verosimil tal passagem – *Vá feito – Lê vrai peut quelquefois n'être pas vraisemblable.*

Recapitulemos. – A Moreninha; producção que em verdade hontaaseu autor, he huma aurora que nos promette um bello dia, huma flor que desabrocha radiosa donde vingaram pomos saborosos; huma esperança com todos os laivos de certeza. O desenho he simples e regular; não se vê perplexo o espirito, nem se agita com anxiedade pelo exito; as explicações fazem-se pouco esperar. O disforme, o horroroso são alheios ao plano; a ausencia de grandes paixões, a de rasgos sublimes parece, derivar-se da linha stricta que o autor se traçara, não

dando ao seu romance huma cor philosophica. Toques sombrios, posições arriscadas não derramam nelle o terror; reinam em toda a parte jovialidade, abandono, e harmonia.

O estylo he fino, ironico e singelo – Ordem, luz, graça e ligação o tornam de huma transparencia crystallina, dão-lhe hum polido, huma lisura nunca desmentidos. Porém do meio desta serenidade, deste négligé escapam-se faíscas brilhantes. Respostas energicas, ditos agudos, imagens vivas matizam-lhe a contextura. O colorido he por vezes ardente, e quase sempre animado, proprio e gracioso. Mas ferio-nos sobretudo a profundez de observação que por aqui por ali se nota, a finura de tacto na apreciação dos costumes e o particular e frizante da côr. O autor retrata bem o seu paiz no que descreve – sabe ver, sabe exprimir. Tudo se diz de passagem, rapidamente; tudo se pinta n'um traço: - nada he carregado.

Lê style c'est l'homme, disse Buffon; e na verdade se as idéias constituem o fundo do estylo, se a sua ligação e clareza decidem da essencialidade delle, e se o moral e o intellectual do homem são o que as ideias o fazem ser, o homem deve retratar-se no estylo. Vê-se que huma facilidade, huma simpleza, hum não-sei-que de franco, de interessante, de desempedido, são os dotes principaes do estylo em que he manejada a *Moreninha*; e tal julgamos nós ser o character do autor. Longe a affectação, os campanudos vocabulos, longe o amaneirado archaismo e o assustador neologismo. – Linguagem casta e sevéra, acção viva e seguida, rigida moral, côr appropriada – eis o que nos cumpre.

Poderíamos agora lembrar ao autor um ou outro pequeno defeito, algum traço pouco firme, aluma leve antilogia, huma ou outra expressão menos feliz: - mas com que fim? Não será elle com a modestia e bom senso que lhe conhecemos, o primeiro a censural-os? Deixemos áquelles que teem *olhos de prisma que tudo decompõem* e gosta de pedantesco de se encarniçarem nessas bagatellas. – Toda a luz tem sombras, todo o character defeitos, toda a obra incorrecções. – O physico, o moral e o intellectual resentem-se igualmente da contingencia mundana. Não somos partidarios dessa critica esmiunçadora, que alguém já chamou – maledicencia. A grande critica, a criticadas bellezas, tal qual quis o autor dos Martyres, he essa a que nos importa. Tudo o que he diminuto e acanhado lhe escapa; o silencio, e a indifferença eis o seu juizo em casos taes; e assim pensamos nós. Fôrma-se muito melhor o gosto dizendo-se – Faze como isto, do que – Não faças como aquillo – A educação moral levava a misantropia e suicídio se em vez de apresentar-nos o quadro edificante da virtude nos mostrasse o pavoroso aspecto do crime. O bello e o bom teem por si sós bastante força para attrahir as almas bem formadas, sem que mister seja o desgosto e horror pelo disforme e pelo mão para determinál-as a isso.

Pedimos agora ao nosso collega e amigo depois de tão bem fadado ensejo algumas paginas em prol da verdade. Lance ainda o seu pincel novas cores sobre a téla, e venha algum lenitivo a tantas intelligencias

magoadas pelo materialismo, torpeza e libertinagem que transudam quase todos os romances modernos; - venha hum alimento para alguns homens obscuros que vivem de meditação, que se nutrem do ideal e sentimento, que inda vêem com a fé, que inda vivem pela humanidade, que inda marcham para Deos.

Táes são as reflexões que nos têm suggerido a leitura de interessante *Moreninha*, livro que nos ministrou suave passatempo, livro a que o publico tem feito justiça, e de que seu autor deve dar-se os parabens. – Conscios da nossa fraqueza, e do melindroso desta tarefa nós nos submêttemos com docilidade ao criterio da redacção da Minerva Brasiliense e á imparcialidade do autor.

VALDEZ Y PALACIOS, Dr. “Bibliographia. Mystérios de Paris”. In: *Minerva Brasiliense – Jornal de Sciencias, Lettras e Artes*. Rio de Janeiro: Typ. Austral, 15 de janeiro de 1845, n. 5, vol. III, ano II.

Ha tempos que a miseria da classe pobre na Europa, he o thema de muitos escriptores, e, entre estes, muitos eminentes. Os progressistas e demophiles não cessam de exclamar em diferentes tons tons: “O povo sofre! o povo soffre!” Porém a sociedade, isto eh, os homens felizes do mundo, vão cedendo lentamente e com o trabalho ás novas doutrinas que se proclamam em favor dos proletarios. Entretanto é certo que os ricos e poderosos já vão comprehendendo que nesta terra ha homens muitos desgraçados e dignos de lastima, para quem a occasião e uma espécie de madrastra. Tambem se tem obtido vantagens mui positivas a favor da multidão. Muitas leis severas e em extremo injustas para com ella tem sido corrigidas. Tem-se igualmente planejados instituições e estabelecimentos publicos, com o unico fim de ser sua sorte alliviada; e parece com effeito que a educação publica das massas e sua protecção especial estão sincera e definitivamente sancionadas, pois vê se que todos os legisladores e a mór parte dos governas vão marchando com menos indecisão para este objectos. Fallece porém tempo para que se opere tão importante melhora; falta acabar de examinarem os velhos codigos á luz da razão, falta que eles e os costumes se adoptem ás convicções, que os meios de instruir-se sejam gratuitos para os pobres, que se ennobreça toda a classe de trabalho honesto, que a propriedade não tenha embaraços para dividir-se, que o espirito de beneficencia se agrave profundamente nos costumes, e enfim que os governos considerem como hum de seus primeiros deveres *dar instrucção* e industria aos filhos dos necessitados.

Quantos annos não he mister que decorram para que se realize tudo isso! e quam debil parece o impulso que dão a imprensa periodica e os livros! Com tudo, quando esse são taes como os *Mystérios de Paris*, que fallam ao coração e a toda classe de leitores, indubitavel he que influem cosideravelmente sobre os costumes e prestam hum apoio poderoso aos governos philanthropicos. O presente romance foi escripto com este especial objecto. M. Sue empregou nelle todos os dotes de seu distincto talento ao serviço dos mais altos interesses da sociedade; propoz-se fazer palpar as chagas que a afêtam e o todo sobre que está assentada, fazendo fallar os andrajos da plebe e pondo em acção seus vicios, sua ignorancia e seus habitos grosseiros. Quando se lhe criticavam o desalinho e as faltas de estylo com sahiam as primeiras series de sua obra, dizia elle resignadamente a seus amigos: “Tenho tantas verdades que revelar, que me não é possivel medir minhas phrases. E a fé que isto seria hum mal, porque, se meu livro ha de induzir os governos a executarem algumas reformas uteis, que de exprobrações, me não deveria eu fazer a mim mesmo, retardando, só por huma satisfação de amor proprio, a revelação desses

mysterios infames, não tanto por seu character, quanto pelo lugar em que se passam, isto he, no meio de huma sociedade civilizada!"

Não só a M. Sue fallou ao coração e á imaginação dos leitores, senão tambem á sua intelligencia, discutindo em sua obra sobre muitos pontos aridos de legislação. A pena de morte, as leis penitenciarias, os regulamentos dos hospitaes e casas de expostos, o carater do infanticidio, bancos de credito para os trabalhadores, a indissolubilidade do matrimonio e outros muitos pontos de legislação e de administração, de que com tanta eloquencia fallaram Filangieri, Beccaria e Bentham, se encontram, talvez mais profundamente tratados do que nas obras destes autores, nos *Mysterios de Paris*, e com huma vantagem mais positiva, a de serem aquellas materias acompanhadas do quadro mais vivo dos vicios da sociedade e da pintura real das miserias da indigencia e dos crimes annexos á falta das leis preventivas. M. Sue he o Raphael da *vida actual*; cada pincelada que dá he hum tipo de realidade, e a cada pennada é um espelho em que se vêem reflectidas todas as faces daquelles incidentes, daquellas côres fugitivas e inobservadas da existencia social que se passa como debaixo de hum véo.

A leitura desse genero de obras, generalizada na massa da sociedade, he talvez mais util do que nenhum outro elemento de perfectibilidade, a que se recorre directamente para se melhorar a condição humana. Instruir deleitando, he instruir profundamente sob as cores que mais sorprendem a phantasia e robustecem a consciencia, e levando a alma a huma eminencia donde vê fluctuarem as paixões e as fraquezas, como em um oceano em cuja amplitude toda está aberta a suas vistas; he a missão da *philantrophia litteraria*; e permita-se-nos dizer de passagem que este foi o objecto dos que crearam a Minerva, e se consagraram á sua redação, apesar dos obstaculos que encontraram no meio de hum povo que, com quanto já altamente civilisado comparativamente á cultura actual da America, se achava todavia naquela época em que a mór parte suas tendencias se dirigiam para o engrandecimento commercial e para a discussão dos interesses sociaes no sentido da politica. Portanto, como foi este, tornamos a dizer, o objecto dos redactores da Minerva, objecto concebido e realizado com o apoio das luzes da Europa, julgamos dever indicar e recommendar a leitura da obra de M. Sue, não só pelos prazeres que causa á imaginação como huma novella, senão tambem pela applicação e resultados moraes que póde ter no paiz.

Verdade he que nem nos campos nem nas capitaes do nosso continente, especialmente no Brasil, habitado por um povo habitualmente pacifico e humano, abjecção e a miseria da classe baixa apresentam scenas tão vergonhosas para a especie humana como no velho mundo; porém aqui como lá ha entre o pobre e o rico differenças espantosas, cuja deformidade nos não assusta entretanto, porque está gravada em nossas tadições, em nossas leis e em nossos costumes. Consta-nos o estado miseravel do que se

chama massas, onde apenas podemos assignalar hum considação; falla-se deste mal tambem, e mesmo ás vezes se declama, porém taes homenagens á razão com mais ou menos pureza são ainda pouco fructíferas, e mister he apoial-as sinceramente por todos os meios possiveis para que, generalizando-se o sentimento que a dicta até influir de facto na administração e nos costumes, se apresse, sem crises e sem convulsões, o momento de chegar-se ao fim do caminho da regeneração moral que de vinte annos a esta parte se tem aberto no Brasil, sob as vantagens de seu clima, de seu céo, da indole de seus habitantes, do apoio de seus governos, da consagração de seus homens de letras e da sombra espaçosa e benigna de sua monarcha.

Portanto, a aceitação que, sem exemplo em nosso seculo, teve o romance de M. Sue, he a melhor prova de seu merito. Ha pouco mais de dous annos que os *Mysterios de Paris* a publicar-se no *Journal de Debats*, e tal sensação produziram, que, segundo o attesia a mesma imprensa franceza, se aguardava com impaciencia cada novo folhetim; por elle se principiava a leitura do diario, e era depois o assumpto das conversações em toda a classe de circulos e entre gente de todas as ordens. Seis edições se fizeram em França á medida que se vão publicando os *Mysterios de Paris*, e todas se esgotaram. A Belgica, em seu immenso poder de reproduções typographica, se encarregou immediatamente de satisfazer os pedidos do estrangeiro. Foram traduzidos em todos idiomas e insertos em todos os diarios principaes, sem se esperar que estivessem concluidos, e, mesmo depois de terem sido elevados á categoria de hum livro e de terem feitos tantas copias, ainda assim a novos pedidos.

Hoje he pois plausivel que se haja feito a impressão de obra tão util quanto amena no idioma nativo, circumstancia quea põe ao alcance de todas as classes, quanto á intelligencia.

“A Leitura de Novellas”. In: *A Marmota na Corte*. Rio de Janeiro: Tipographia de Paula Brito, n. 65, 07 de maio de 1850.

Depois da sempre chorada morte da santa censura dos livros; depois que cada um teve a liberdade de dar ao prélo quantos pensamentos de toda a casta lhe ferverem na esquentada imaginação; depois, enfim, que deixou de ser verdade, como o criam cegamente nossos pais, quanto estava escripto em letra redonda; não ha termos, não ha regras, não ha principios, não ha meios, não ha preceitos que se observem; não ha respeito que se guarde, não ha decência, a que se attende; e la vai para a imprensa; sonhos, phantasias, ambições, disparates; e tudo quanto pode ocorrer á mente humana inflammada pela cerveja, pelo Málaga, ou pelo Champagne!...

São bem desgraçados estes tempos; e é bem desgraçada essa gente!

Não havendo quem ponha diques á torrente das idéas; por ahi vai cada um escrevinhando quanto lhe parece; porque teve a cautela de segurar com subscriptores as despesas da obra, que ninguem, quando assignou sabia o que era; e, o que é mais, os lucros que são sempre não correspondentes ao merecimento da sua producção, mas da sua ambição desregrada; porque um espirito d'estes ha de irremissivelmente passar uma vida folgada e milagrosa.

Não me demorarei, e nem vos cansarei a paciência em demonstrar-vos aqui taes fócios de corrupção; porque elles abundam por ahi bem a milhares; e porque mesmo para aquelles que d'elles não tiverem noticia, melhor será que os desconheçam.

Eram bem felizes outros tempos em que as avós entretinham as netas com contos da carocha a proposito inventados, cuja fabula de bruchas, feiticeiras, fadas, lobishomens, e mouras encantadas, com tanta arte adornada, incutia n'aquelles corações ainda puros o desejo do bem e o amor da verdade; o que esta bem longe de produzir a fabula dos jesuítas adrede inventada pelos pugnadores da liberdade de pensar e obrar para arrastarem após si os incautos em frente d'esse edificio que tantos seculos e tantos martyres custou o deslocarem-no [palavra ilegível]

Não será assim.

Uma nova geração, como nascida entre as garras da degradação, surge cheia de vigor. Vem mandada por Deos.

Ao pôr o pé na vida, ella, como quis retirar horrorisada de tanta maldade, mas a sua missão era grande, era santa, era a regeneração!

Ella ahi vai marchando altiva, mas sem soberba, placida, porque a sua missão é candida e de paz.

Custar-lhe-ha immensos sacrificios, mas ser-lhe-hão doces, porque esta é sua missão na terra e elles não recoarão ao ver a luz.

Vencerão, porque elles trarão um estandarte, cuja cor será – paz – e cujo emblema, traçado com sangue de tantas mil vidas, dirá – verdade.

Então os homens se amarão.

Então as novellas não serão um tecido de ambições e de interesses, nem um alarma de reforma; e sim, um passatempo innocente, que receie e moralise.

Então um pai descansara na virtude de suas filhas, não receiará ver perdido o fructo de mil fadigas pela sua adoração; nem será preciso ser o fiscal de seus recreios.

Então a donzella poderá pedir uma novella sem que advirta que seja uma que ella possa ler; porque nenhuma então poderá offender o seu pudor.

Então as velhas amaldiçoarão os homens que tão mãos foram, que lhes usurparam as galas de sua mocidade; abençoarão suas netas, e partirão invejosas do paraizo da terra.

Então não haverá um seculo de luzes como o de hoje, porque haverá um seculo de razão e de verdade como o de então.

Então não haverá um seculo de progresso (para a retrogradação), como o presente, nem tantas nem tão novas cousas, porque haverá um seculo de estudo e de ditação como o futuro, em que por isso mesmo se fará menos e de mais proveitos.

A hora vai soar!

Os apostolos da nova lei ainda d'esta vez trarão uma cruz, e a cruz jamais poderá deixar de ser só uma.

Esperemos!

R.

“Autopsia feita no corpo de uma rapariga romantica, grande literata franceza, leitora das novellas de Paula (sic) de Kocq”. *A Marmota na Corte*. Rio de Janeiro: Typographia de Paula Brito, n. 123, 14 de janeiro de 1851.

No grande hospital de Montepelie, ás 10 horas do dia 27 de agosto, estando presente o Arcebispo com todo o Cabido, seus caudatarios, e grande numero de medicos, entre elles o celebre Rufelin, que acabava de tirar as verrugas do Rei, e extinguir os callos de S. Exc. Revma., procedidos do enorme peso da mitra, foi apresentado o cadaver da rapariga sobre uma mesa forrada de chumbo, na qual já se achavam as necessárias esponjas, lambazes, e cloroformio. S. Exc. Revma. metteu na mão do Dr. Rufelin o desmezurado escapello, e principiou a operação pela cabeça, da forma seguinte:

Aberto o cranco, no lugar da boca voluptuosa, achou-se um vacuo oblongo envolto em teas de aranha, contendo dentro um pequeno Cupido inteiramente formado, faltando-lhe apenas o umbigo; o resto do vácuo da cabeça estava cheio de pó de serra, e aparas de papel de varias cores.

Seguiu-se a abertura do peito, onde se encontraram dous corações; um vermelho, ou quase roxo-terra, com muitos escaninhos, válvulas e cavidades, estava este da parte esquerda; e o outro do lado direito, ao pé da ultima costella; abertos ambos, ou cortados ao meio, achou-se no primeiro, muitos camarões com semelhança de gaphanhotos furtacôres, aos quaes atribue o Dr. Rufelin as grandes palpitações que a infeliz rapariga soffria em vida; no outro coração achou-se um casal de borboletas verdes de azas transparentes. O baço estava bastante inflamado e cor de bronze, por causa do derramamento da bilis. Seguiu-se o baixo ventre; o intestino recto estava todo roido e cheio de frunchos, por causa das lombrigas criadas com os doces e bollos de bailes, observando-se grande irritação por causa do uso de chocolate e marrasquino; ahi encontrou-se uma grande pedra de sal amoniaco, que pesava cinco libras e quatorze oitavas. As pernas eram finas, e estavam mirrhadas como duas flautas; os tendões das barrigas das pernas estavam arrebetados, o que presumio o doutor ser procedido do uso continuado da walsa pulada. Os pés com os dedos tortos e unhas viradas, em consequencia dos tregeitos que usava na dança da polka; o bofe achou-se secco, reduzido a uma pasta; as costellas todas azuladas, e quebradas, pelo uso frequente do espartilho. Os fragmentos do corpo foram enterrados no cemitério do jardim do Chatô.

(Ext.)

PINHEIRO, Januário da Cunha Fernandes. “Bibliographia - Vicentina, romance do sr. dr. J. M. de Macedo”. In: *O Guanabara*, tomo III, 1855.

O romance é d'origem moderna; veio substituir as novellas e as historias, que deleitavam a nossos paes. É uma leitura agradável, e diríamos quasi um alimento de facil digestão proporcionado a estomagos fracos. Por seu intermedio póde-se moralisar e instituir o povo fazendo-lhe chegar o conhecimento de algumas verdades metaphysicas, que aliás escaparia á sua comprehensão. Si o theatro foi justamente chamado a escola dos costumes, o romance é a moral em acção: o romancista tem ainda mais poder do que o dramaturgo; este só falla a alguns centanares de pessoas, cuja posses e occupações lhes permittem de frequentar os espetaculos, e aquelle dirige-se á numerosa classe dos que sabem lêr. Penetra no palacio e pousa sobre o esplendido bufete do rico e do nobre, sobre a meza de trabalho do literato alcatifada de livros, folhetos e jornaes, dando a imagem perfeita do cahos, ou então penetra no alvergue do pobre, do artesão e infiltrando nella os principios da sã philosophia, que devem servir-lhe de norma na escabrosa vereda da vida. O rico póde possuir obras de luxo para ornar suas estantes senão para illustrar o seu espirito; o litterato estara á par da sciencia sacrificando á compra de livros o minguado residuo das suas economias, ou então pondo em contribuição seus collegas bibliomaniacos; mas o homem do povo, o homem do trabalho não meios, nem tempo para consagrar ao estudo, não póde ler estes volumes, que encerram, como em um sarcóphago, o saber humano, entretanto sua alma precisa alimentar-se assim como seu corpo; tem també seus direitos; suas necessidades; e trahindo nas mais pequenas evoluções a sua origem divina voga á velas cheias para as regiões do pensamento em cata de idéas. Para satisfazer á este anhelos a Religião lhe apresenta o cathechismo, e a philosophia de mãos dadas com a poesia o romance.

Mas para que o romance produza os beneficios, que acabamos de enumerar, cumpre que elle saiba guardar as regras, que lhe são traçadas, que seja como uma colmêa de saboroso mel e não uma taça de deleterio veneno. O povo em sua candida simplicidade busca nelle instruir-se deleitando-se: e quão negro não é o crime daquelle, que abusando do seu espirito, das graças da linguagem, e das seducções da poesia propaga idéas de funestas, que plantam a descrença n'alma, fazendo murchar uma por uma as flores da esperanza, ou então tomando-se ainda mais culpavel santifica o vicio emprestando-lhe as côres da virtude! *Paulo e Virginia*, de Bernadin de S. Piere, *René e Atala*, Chateaubriand estão no primeiro caso, *o Conde mone Christo*, de Alexandre Dumas, e os *Sete Pecados Mortais*, de Eugenio Sue pertencem á segunda classe.

Quem não lamentará connosco a rapida decadencia dessa litteratura romantica, que mostrando-se em seu berço tão e tão pura, precipitou-se nos abysmos da impiedade julgando correr após o ideal e o vaporoso!

Deixemos esta matéria para objecto d'um artigo especial e occupemos-nos com o romance do nosso nobre amigo e collega o Snr. Dr. Macedo.

Vicentina, é o titulo dessa composição, que julgamos conhecida pela mór parte dos leitores, e que foi o anno passado publicada nas columnas da *Marmota Fluminense*. As occupações, e os estudos á que habitualmente dedicámos os nossos lazes nos tinham privado do prazer d'avaluar por nós mesmos do mérito d'uma obra, da qual ouviamos fazer os maiores elogios pelos mais competentes e imparciaes juizes. Vexado porém a confessar constantemente a nossa ignorancia á tal respeito no circulo dos nossos amigos, assentamos em vêr o romance, cuja leitura se nos recommendava; e uma noite abrimos o livro, e não o fechámos senão onde findavam as ultimas palavras do autor. Não era possivel parar depois de ter começado; somno voôou pra longe de nós; e a nossa attenção magnitizada pelo amoda collega pendia da sua penna como pende dos seus labios todas as vezes que nos é dado o ineffavel prazer de ouvi-lo.

O plano é simples e de summa moralidade: é uma lição dada ás moças para que aprendam a preservar-se dessas serpentes, que se introduzem por entre as flores, que sussuram aos seus ouvidos palavras fementidas, que abusam do juramento para imolal-as nas areas da volupia dando-lhes em troco da sua credulidade a miseria e o opprobrio! ... *Vicentina* é mais infeliz do que culpada; foi victima d'horivel trama; Frederico é um monstro e crime de Fabiana não ha termos na linguagem em que possa ser traduzido. Mas seus paes, que por um sentimento de vaidade expuham as seducções do mundo essa mimosa planta, que apenas desabrochava e que devera ser cautelosamente guardado nas estufas do amor materno, seus paes são os unicos culpados; mas tambem bem caro pagaram sua imprevidencia! Oh! quanto é bella, a pintura que o nosso illustre amigo põe na boca do Dr. Benedicto, dos bailes e das sociedades brilhantes e estrepitosas! Oigamol-o por um pouco...

“Que cegueira! uma menina de dez, ou doze annos, que vive no lar domestico alegre , expansiva, e brincando, anjo ainda no seio dessa celestial ignorancia, que prova que ella é mais do céo do que da terra, mais de Deos do que dos homens, é levada ao baile e quando volta já medita o resto da noite, já scisma na manhã seguinte, já observam como a olham, já calcula quando falla, já combina as palavras, que lhe dizem ; em uma palavra, já córa. Oh! para que tão cêdo fazer pisar na terra a innocente pomba, que ainda, vôa perto do céo!..”

De proposito fizemos fallar o Snr. Dr. Macedo, a quem ninguem accusará de retrogrado, antes é reconhecido geralmente como um dos mais genuinos representantes do progresso. Si fossemos nós que enunciássemos taes idéas, além de não terem ellas a magia do seu inimitavel estylo, seríamos taxado de impertinente, e dir-se-ia que pregavamos um sermão de quaresma ! Tal é a vantagem da poesia ! *Lectorem delectando, parilerque monendo.*

O character do Dr. Benedicto é maravilhosamente traçado: é o typo da honradez nunca desmentida; é o anjo tutelar da familia de Christiano. Elle prevê as intrigas e as traições de Fabiana e Frederico; e sabe neutralisal-as no momento opportuno. As ultimas scenas em que o velho medico vê-se obrigado a fazer uso dos segredos, que devia a sua nobre profissão, para salvar uma innocente menina, que era arrastada porum malvado aos pés dos altares são sublimes: e bastaria por si só para grangear-lhe grande renome si por outro titulos já o não possuísse. O amor materno, que quasi purificava Lucrecia Borgia debaixo do pincel de Victor Hugo sanctifica a perfida Fabiana no romance do nosso distincto patricio. O arrependimento desta contrasta com o endurecimento do seu cómplice Frederico.

Com que talento se viu-se o Snr. Dr. Macedo do maravilhoso! A habitadora da *ermida arruinda* é um ente mysterioso; mas a sua apparição em casa de Christiano na vespera de S. João, não espanta aos leitores, que já se acham predispostos para scena, e produz salutar effeito sobre o animo dos circumstantes pelas palavras que a cada um delles dirige.

Onde porém o genio do nosso collega se revela com todas as suas galas é nas descripções, que lhe são tão naturaes, que todos jurgar-se-iam capazes de faze-las. Tente porém qualquer, e verá e diffculdade que nisso acha. A scena da moagem, e a conversa de Christina, a galante menina da ermida, com as senhoras que a cercavam, são de uma candura inexprimivel.

O dialogo de ordinario tão enfadonho em quasi todos os romancistas, que obriga-nos a voltar muitas paginas, é vivo e animado. Nenhuma circumstancia póde ser omittida, e os episodios se ligam de tal modo com a acção principal, que a realçam, embelezando-a.

Em resumo: a *Vicentina* do nosso amigo e collega é uma composição, que lhe faz muita honra: um romance cuja leitura recommendamos ás nossas jovens compatriotas como um poderoso antidoto contra o veneno corrosivo da sociedade em que vivemos. É além disso um serviço feito a litteratura brasileira; naturalisando entre nós o verdadeiro romance; o romance moral e instructivo; familiarisando-nos com as nossas scenas campestres; ensinando-nos finalmente a apreciar o que temos. O collega deve saber que não somos lisongeiro; aceite pois os nossos cumprimentos como partindo do coração.

“Chateaubriand e seu tempo”. In: *Revista Popular: noticiosa, scientifica, industrial, historica, litteraria, artistica, biographica, anedoctica, musical, etc. Jornal Ilustrado*. Rio de Janeiro: Typographia Moderna de Georges Bertrand. Ano I, Tomo 1, 4 de janeiro a 15 de março de 1859.

Acaba de chegar á livraria Garnier uma interessante obra devida á eloquente penna de um dos primeiros litteratos da França contemporanea. Antes, porém, de occuparmo-nos com o livro do conde Marcellus, digamos duas palavras sobre a vida de Chateaubriand, tão estimado pelo publico brasileiro.

Nasceu Francisco Augusto de Chateaubriand, em Combourg (Bretanha) no anno de 1769. No solar paterno deslisarão-se os primeiros annos da sua infancia, fazendo ahi seus estudos classicos com destino á carreira ecclesiastica, a que se consagravão então os filhos mais moços das familias nobres.

Manifestando depois pouca vocação para o estudo clerical entrou no regimento de Navarra no posto de tenente. Sua primeira viagem a Paris e apresentação da corte datão do anno de 1789, em que começou a revolução. Relacionado com Fontannes, Laharpe e Guinguiné, collaborou para o *Mercurio de França* e o *Almanach das Musas* com grande aceitação dos arbitros da litteratura dessa época.

Desgostoso da marcha dos acontecimentos politicos e entusiasmado pelas vivas pinturas que da America fazião os companheiros de Lafayette embarcou-se para Baltimore em 1791. Chegando a Philadelphia procurou o grande homem que eclipsou nos tempos modernos a gloria dos Aristides e dos Cincinnatos e travou com elle amigaveis relações. Saudando em Boston o primeiro campo da liberdade americana e em Lexington novas Thermopylas, embrenhou-se pelas solidões que hoje formão populosos Estados.

Sentado nas margens dos lagos Erié e Otamo, seguindo o curso do Mississipi e do Ohio estudou a poesia nas paginas do grande livro da natureza, e os *Natchez*, *Atala*, *René* e as *viagens a América* brotarão de sua fertil imaginação.

Arrancado de suas graves meditações por estas palavras de um jornal *Flight of the King* que o acaso fizera cahir em suas mãos, voa á Europa e apresenta-se no campo de Coblenz. Encorporado como guarda nobre a um regimento do exercito dos principes fez campanha de 1792, é ferido em Thionville, e escapa á peste que dizima o exercito prussiano.

No porão de um barco passa de Ostende á Inglaterra e arrasta em Londres uma miseravel existencia a que a religião ainda não consolava. Chama o trabalho em seu auxilio e ganha o pão diario dando lições de francez e traduzindo para os livreiros. Nos raros momentos que lhe deixavão esses arduos misteres concebe o vasto plano de chamar a juízo todas as gerações, demonstrando que a humanidade

fôra sempre a mesma, e a consequente inutilidade das revoluções. Dous annos se passaram em estudos preliminares, e o anno de 1796 vê apparecer o *Ensaio Historico*.

Volvendo á França em 1801 obteve com de Fontannes o privilegio do *Mercurio*, e parece que foi por esse tempo que assomou-lhe ao espirito o plano do *Genio do Christianismo*. Desejoso de experimentar o effeito que produzirão suas novas ideias, destacou da obra o episodio de Atala, acolhido em toda a Europa com uma espécie de fanatismo. “O Grego, diz Camé, leu Atala sobre as ruinas dos Prophyléos, e diz-se que as sultanas pranteavam os infortunios da filha de Simaghan á sombra dos harens.”

A appareição do *Genio do Christianismo* em 1802 veio completar o magico successo de Atala. Seis edições em um anno provarão que o publico recebia com prazer um livro que tão brilhantemente inaugurava a reacção catholica continuada pelos Frayssinous, de Bonald, de Maistre, Lamennais e outros exímios campeões da boa causa.

Beijando a mão que lhe estendia Bonaparte, poz o seu livro (debaixo da protecção daquelle a quem a Providencia designára para o complemento dos seus prodigiosos desígnios) recebendo em recompensa a nomeação de secretario de embaixada de França em Roma, para onde partio em 1803.

Visitou-lhe o espirito o pensamento de escrever um poema christão quando percorria as ruinas do Colysêo e as catacumbas de S. Sebastião. Que lugar mais proprio para inspirar os *Martyres*, e justificar, na bella expressão de Milton, aos homens as vistas de Deos?

Uma desintelligencia com o cardeal Fesch, que representava a França junto á Santa Sé, trouxe-o a Paris, onde Napoleão designou-o para occupar na Academia Franceza o lugar de Chénier, e deferio-lhe um dos premios decennaes.

O assassinato do duque de Enghien poz termo ás boas relações entre o senhor da Europa e o publicista christão, que, perdendo a propriedade do *Mercurio*, foi de novo constrangido a voltar á terra do exilio.

Deste repouso forçado soube Chateaubriand aproveitar-se, visitando em 1806 os lugares escolhidos para theatro do seu poema. Percorreu a Italia, embarcando-se em Veneza para Grecia, onde dirigio-se a Smyrna e d’ahi a Constantinopla. Em sua peregrinação visitou Rhades, Chypre, e andou genefluxo o monte Carmello, e aportando a Jaffa atravessou o deserto derramando á vista da cidade Santa as lagrimas de compuncção que outr’ora orvalhárão as faces dos companheiros de Godoffredo. Estudada a Palestina caminhou para o Egypto, entrou em Roseta, remontou o Nilo, voltou a Alexandria, donde regressou á Europa. A poetica patria do Cid attrahio seus passos; contemplou venerabundo a *Alhambra*,

cenotaphio do poder arabe, e desprende dos baixos relevos de suas gloriosas tradições as *Aventuras do ultimo dos Abencerrages*.

Permittida a sua residencia em França, retirou-se a Val-du-Loup, consagrando seu ocio politico á revisão dos *Martyres* e do *Intinerario*, que então se publicavão. Sorprehenderão-no nessa Thebaida os grandes acontecimentos de 1814, assim como o havia sorprehendido a fuga de Luiz XVI nas florestas da America. Nova esphera abria-se á sua actividade; o litterario convertia-se em politico e imprimia o seu libello *Bonaparte e os Bourbons*, cheio de odio e de indignação contra o homem que já uma vez admirára.

Quando Napoleão, semelhante aos deoses de Homero, franqueou com um só salto o espaço que separava a ilha de Elba das Tuilerias, acompanhou Chateaubriand ao rei legitimo a seu limbo de Gand, e ahi publicou na qualidade de ministro o seu *Relatório ao rei* sobre a situação da França, mais recommendavel como producção litteraria do que como politica.

Em 1816 inspirou-lhe sua violenta opposição contra o duque de Richelieu uma brochura a que denominou *A monarchia conforme a carta*, destinada a iniciar os homens da emigração nos estylos e filigranas parlamentares.

A exaltação ao poder do ministério Decazes em 1821, para o que poderosamente contribuir, trouxe-lhe a nomeação de ministro de França em Berlim que mais tarde trocou pela embaixada de Londres. É curioso estudar nos commentarios do conde Marcellus a conducta do poeta diplomata e assistir por assim dizer á formação de suas idéas. Foi ahi que escreveu *Os Quatro Stuarts*, em que o chronista faz desaparecer o historiador philosopho e o paisagista litterario.

Para não alongar este esboço biographico, omitimos o papel importante que representou no congresso de Verona d'onde sahio ministro dos negócios estrangeiros.

A parte que Chateaubriand teve na invasão da Hespanha, e a maneira porque a considerava, encontrarão os leitores nas eruditas notas que ás *Memorias de Alem-Tumulo* acaba de addicionar o conde Marcellus na obra a que nos temos sempre referido. O profundo resentimento do illustre estadista pela inqualificavel maneira por que foi demittido exhala-se em suas confidencias ao amigo intimo que lhe servira de secretario em Londres, e a quem votou toda a sua vida a mais sincera affeição.

As duas revoluções de 1830 e de 1848 achárão a Chateaubriand fóra dos negocios, fiel a seu culto pela legitimidade de Henrique V, a quem almejava esperar com a liberdade.

Espectador de tantas catastrophes, e conhecedor dos homens com quem vivêra, occupou-se Chateaubriand nos ultimos annos de sua vida em coordenar as suas lembranças e impressões para serem publicadas com o titulo de *Memorias de Alem-Tumulo*. Neste vasto [palavra ilegível] mostram-se todos os

homens, todas as mulheres celebres, assiste-se a todos os acontecimentos, vive-se n'uma palavra com as gerações do imperio, da restauração e da monarchia de julho. Mas como acontece sempre aos trabalhos deste genero, muitos lugares são pra nós enigmaticos, falta-nos o fio para penetrarmos nesse novo labyrinth de Creta.

Este vácuo veio felizmente preencher o bello trabalho do conde Marcellus, seu amigo, seu discipulo, e seu admirador. Percorrendo com escrupuloso cuidado os onze livros em que se dividem as *Memorias*, commenta o sentimento de cada expressão que parece obscura, ou amphibologica; rectifica alguns enganos em que cahira o autor que citava quase sempre de memoria, assignada os neologismos de que fazia frequente uso o cantor dos *Martyres*, apreciando seu merito real, testemunhão a lealdade do seu proceder e o amor pela gloria de seu preclaro mestre estas nobres palavras do seu prefacio:

“As Memórias de Alem-Tumulo são as confissões de um fidalgo, de um viajante, pobre, desterrado, operario do pensamento para ganhar o pão quotidiano; de um poeta apaixonado pelos combates do entendimento; primeiro e mais robusto athleta do crhistianismo no nosso [palavra ilegível] de um homem de Estado; de um publicista dominador da imprensa, inabalavel em sua fé politica, lutador invencivel mesmo quando retira-se perante o esforço dos partidos; emfim de um grande escriptor cujo genio a ninguem jámais contestou. Não sofreu esta ultima obra suadas combinações de uma regular composição. Sem cessar revistas, e submettida a multiplas divisões, nunca foi por assim dizer coordenada. É uma serie de fragmentos, sem plano, quase sem symetria, impregnadas [trecho ilegível] respirando o capricho [palavra ilegível]; onde confunde-se a imaginação com a [palavra ilegível]; volta a penna depois de consagrada a outros objectos para sombrear as mal vicissitudes do presente com o passado a que esmaltão as reminiscências.”

Raros são nessa época os homens que, como o conde Marcellus, destinão seu talento a relatar o merecimento alheio, que tomão a defesa do amigo [palavra ilegível] ao qual não sobrevive ás inffuencias da família.

Recomendamos aos nossos leitores este excellente comentário as *Memorias de Alem Tumulo*, não fazemos um reclamo, um annuncio charlatanico para attrahir compradores a um livro, cujo unico titulo não pôde deixar de despertar a attenção das pessoas que amão a litteratura. Nosso fim é mais elevado;

pretendemos aconselhar aos possuidores das obras completas de Chateaubriand, cuja mocidade de [palavra ilegível] torna hoje mui communs, que completem-as com a aquisição do livro que acaba de sahir da elegante penna do illustrado autor das *Lembranças do Oriente*.

F. P.

PHILADELPHIA, Paulina. “Mais um Bom Romance”. In: *Revista Popular*. Rio de Janeiro, B. L. Garnier Editor, tomo 13, 01 de janeiro a 16 de março de 1862.

Com o titulo de Emilio acaba de publicar o Sr. João de Barros Junior um lindo romance que muito se recommenda não só pela belleza e elegancia do seu estylo, como pela naturalidade das suas scenas, e grande moralidade no enredo.

Honra seja dada ao seu auctor, que ainda jovem sabe pintar-nos com delicada palheta quadros tão dignos de imitarem-se, como seja o da viuva desvalida, resignando-se depois de algum tempo de haver perdido o fiel companheiro de seus trabalhos e alegrias, para dedicar-se exclusivamente ás duas filhas com que Deus abençoára a sua união; tirando, ajudada por ellas, uma honesta subsistencia do fructo do seu trabalho.

É uma aproveitável lição para essa multidão de viuvras que vemos todos os dias viverem inteiramente á custa das subscrições feitas entre amigos de seus maridos, sem que jamais se lhes ouça proferir a palavra – *trabalho* – por julgarem-no aviltante, e ainda mais por preguiça, como se não as honrasse mais do que esse parasitismo, que só a incapacidade physica ou intellectual póde desculpar; e se todo o ente que dispõe das forças necessarias para prover ás sua subsistencia não fosse obrigado a applical-as para esse fim; pois na bella expressão de Mr. Clavel “O trabalho não é somente um dever, mas sim um direito, se considerarmos que só elle póde prover ás necessidades da vida; que a preguiça é um vicio, e que o trabalho é salutar ao corpo e á alma, como um elemento de felicidade.”

O protagonista do seu lindo romance é um bello typo de honradez e nobres sentimentos, que deveria servir de modelo a esse enxame de moços, cujo retrato fiel de suas perversas almas acharáo no papel do indigno Felipe.

No bello e digno character de Emilio, moço rico admittido no seio de uma familia pobre, não abusando da sua vantajosa posição, e respeitando na viuva que o recebe em sua casa, e na moça que ternamente ama, a sanctidade da pobreza, dá-nos o Sr. Barros uma ideia dos nobres sentimentos que ornão a sua alma, o que sinceramente lhe louvamos; assim como suas progressivas ideias sobre a instrucção que tambem se deve dar ao sexo feminino, como muito bem diz, por ser não só um grande elemento para uma nacionalidade, mas tambem, no nosso, junta á uma esmerada educação a base da felicidade de domestica, a que infelizmente tão pouco se attende.

Folgamos de ver a victoria que o seu protagonista alcança sobre os máos instinctos que por vezes lhe atravessarão o espirito, e a lucta entre o coração do amante, que vê illudidas por seu pai suas mais

caras esperanças e o de respeitoso filho. Não dizemos amoroso, porque não julgamos possível amar-se quem só nos falla do alto da sua auctoridade, em vez de dirigir-se ao coração; verdadeiro caminho por onde se obtem o que ás vezes nem a tortura alcança.

Com summa habilidade pinta o Sr. Barros as saudades que pungido o coração do seu Emilio, n'essa hora em que tão injustamente era [palavra ilegível] por quem elle tanto amava, e que cahira incauta no infernal plano forjado pelo genio do mal, sob a figura de Felipe, cujo embaraço ao avistar Emilio de volta das ferias, que tristemente passára no Rio de Janeiro, onde ardia por voar aos braços da sua cara Lucilia, descreve com tanta naturalidade, como conhecimento do enleio que se apossa de uma consciencia criminosa, ao olhar severo da virtude que a esmaga.

Nas palavras tocantes de Margarida, proferidas ao desligar-se da vida, dá-nos o Sr. Barros o edificante exemplo de uma boa mãe, baixando ao tumulo, sem levar rancor algum contra sua desgraçada filha.

Quando pelo halito impuro do materialismo, que ameaça tudo invadir, paixão incolumes ideias despidas do vil calculo a que hoje tudo se sujeita, peccariamos sendo parcos em louval-as; por isso felicitamos o auctor deste bello romance pelas que expende sobre o casamento, cujas palavras pedimos licença para citar:

“Se ha felicidade no casamento, é quando elle significa a união de duas almas que se encontrão e se amão mutuamente, e quando independente de especulações, sem transigirmos com os nossos sentimentos affetuosos buscamos a mulher rica de sentimentos de rica virtude, d'essa nobreza unica e legitima que nos enche de tranquillidade, e eleva-nos sobranceiros a tudo aqui na terra aproximando-nos de Deus! Eis como penso. Além da virtude, nada mais conheço no mundo que nos mereça adorações e homenagens, etc.”

Quando predominão geralmente as ideias que o Sr. Barros põe na bocca do comendador Lacerda, é na verdade consolador ver o protesto que lhe arremessa o auctor em todo o decurso do seu livro, que tão bem termina pela união de Emilio com a candida Angelina, de quem fora respeitoso proctetor.

Auguramos d'esde já ao auctor deste lindo trabalho um brilhante futuro litterario; máxime se no proseguimento da carreira, em que tão bem se estreiou, elle der mais algum desenvolvimento ás scenas que tão habilmente soube traçar.

Appareção muitos escriptores como o Sr. Barros Junior, e em breve veremos com prazer infiltrarem-se no coração da mocidade os nobres sentimentos que tanto brilhão no seu Emilio. Continue o joven auctor a estigmatizar o vicio e a elogiar a virtude; pintar com sua delicada [palavra ilegível] toda a

hediondez d'essas almas empedernidas e corruptas, que contão como outros tantos trophéos os abusos de confiança que practicão, e que, por algum beneficio que hajão feito, se julgão credoras, para com suas innocentes victimas, do que ellas têm de mais caro.

Recommendamos a leitura d'esse interessante livrinho, linda joia que veio engastar-se na litteratura brasileira, e fazemos sinceros votos paraque seu esperançoso auctor continue a pugnar na arena em que já alcançou um tão bello triumpho.

ANEXO III

Estudos Oitocentistas sobre Teixeira e Sousa*.

* Optamos por disponibilizar apenas os textos biográficos e críticos que acreditamos serem inéditos. Os textos estão ordenados, em ordem crescente, segundo a data de publicação.

ADÊT, Emile. “Da Arte Dramática no Brasil”. In: *Minerva Brasiliense – Jornal de Sciencias, Lettras e Artes*. Rio de Janeiro: Typographia de J. E. S. Cabral, ano I, vol. I, n. 5, 1.º de janeiro de 1844.

Não despertaremos aqui questão tão conhecida, tão discutida, e sobre a qual pensaram muitas vezes diversamente as mais altas intelligencias de todas as épochas; se o estudo e o progresso das letras em geral, do theatro em particular, contribuem para a felicidade da humanidade.

Para resolver de hum modo satisfactorio esta proposição, era de mister primeiro definir a felicidade (que são tantas quantas as maneiras de sentir); era mister provar que o que goza os productos da civilisação, sem apreciar-os, he mais feliz que aquelle que no estado selvagem os não conhece; era mister sentir por conseguinte como o não fazemos nem podemos fazer no meio de um seculo de luxo, de luzes e de progresso. Admitindo mesmo como possivel esta volta para o passado, apenas conseguiríamos colher alguns dos mysterios envoltos no seio da humanidade; mas por certo que nunca chegaríamos ao conhecimento dos que jazem no coração do individuo.

Entretanto, qualquer que seja para nós o resultado da civilisação, o oppôr-nos ao seu progresso e ao desenvolvimento da intelligencia seria nos colocar em opposição á lei universal, que faz tudo gravitar para hum fim profundo e mysterioso.

Poderemos suppôr que sem fim algum estamos sobre a terra? Que andamos ao acaso para chegar a ninhures? Não; que o nega a sublimidade infinita da creação. Não poderíamos por ventura expiar aqui alguma grande falta?

Nada crea a imaginação do homem; esses sonhos dos esplendores do céu não são por ventura revelações que huma vista interior descobre no infinito? Demais, o espirito que anima a creatura não tem relações com o espirito que anima toda a creação? E por que o Incomprehensivel, que creou o universo, obra immensa e sublime, não teria também creado os seres que passam como visões no cérebro do homem? E por que, se estes seres existem, não será o homem um anjo de cahido?

L'homme est un d'eu déchu qui se souvient des cieux,

(Lamartine)

Sim, o anjo decahido, o homem esta na terra para expiar umaculpa; o homem he a humanidade, da qual todo o individuo he hum membro; o homem não recuperará o céu senão quando tiver recuperado a intelligencia subtil e limpida da sua primeira origem; quando recuperar a moralidade a sua candidez primitiva. Desprezar tudo quanto pôde servir ao desenvolvimento da intelligencia e ao progresso da moral

he desviar-se dos deveres de christãos; e mais ainda, he desconhecer os desígnios occultos da providencia, he marchar contra a vontade de Deus!

Estabelendo isso, comecemos.

Possue o Brasil huma litteratura dramática? Não; pois não he sem duvida hum numero mui limitado de composições deste gênero, a mor parte das vezes imitadas ou traduzidas, que a poderia formar¹.

Não ignoramos que qualquer litteratura não se forma pelo simples acto da vontade de alguns indivíduos; porém ás mais das vezes desabrocha espontaneamente em épocas de transição.

Aqui pretendemos sómente falar de alguns factos materiaes que se oppoem ao desenvolvimento, não de huma litteratura dramática original, ao menos não o presumimos; porém de uma litteratura de imitação, nimamente preferivel á nullidade. A grande época litteraria da Allemanha, que vio florescer o romantismo, cujo representante mais poderoso e nobre foi Goethe, não seguiu a época litteraria imitativa da França?

Deixando de parte a razão expendida, porque não apparece huma tragedia, huma comedia no meio de tantas poesias lyricas, que aqui tem existencia tão ephemera? Poesias, na verdade, que muitas vezes não tem huma faisca de verdadeiro lyrismo, e sahida desse fóco immenso chamado Byron, Lamartine e Hugo; ou que não são também ás vezes senão pallidos reflexos das de Bocage ou Filinto Elisio. Não he, como se tem dito, por ociosidade, por falta de capacidade; he por temor, por modestia. Receiam os poetas, querendo ficar nos limites do bom gosto e da decencia, não produzir effeitos sufficientes para espectadores cansados, acostumados a não ver senão dramas febricitantes, cujo gosto já na França passou para dar lugar a huma litteratura mais sãa. Com effeito, acostuma-se o publico a todas essas composições de delirio, e pondo-lhe diante dos olhos alguma obra prima de repertorio classico, da qual ignoraria o nome do autor, acharia-a mais insipida, enfadonha; he porque todas as suas fibrase estam embotadas; que, para ficar commovido, lhe he preciso punhaes, crimes e adultério. O theatro com semelhantes composições torna-se hum prazer todo sensual, percebido pelo ouvido e vista, que se

¹ Devemos porém notar Manoel Boltelho de Oliveira; Alvarenga Peixoto, que traduzio a Merope de Maffei e escreveu Eneas no Lacio; Antonio José, autor de D. Quixote de la Mancha, de Alecrim e Mangerona, do Magriço Salerno, dos Amantes de Escabeche, e muitas outras comedias espirituosas e interessantes; poetas que escreverão sob a influencia de Portugal, com pouca originalidade e num genero pouco serio. Há ainda João Almeida Coelho, de Santa Catharina, que compoz vários dramas, e de entre elles se publicou o Patrimônio ou a Independência dos Estados-Unidos, o qual, assaz ordinário ao seu todo, he escripto sob a influencia da escolade Antonio Xavier. Em nossos dias o Sr. Magalhães compoz e fez representar Antonio José e Olgiate, e traduzio o Orthello de Ducis, Oscar de Arnaud, e ultimamente, dizem alguns, o Aristodemo de Montí, e o Sr. Manoel Odorico Mendes traduzio a Merope e o Tancredo, obras primas de Voltaire; ambos poetas quanto a nós cheios de primores, mas que a nossa posição de estrangeiro nos impede de pronunciar sobre seu merito; se criticarmos, poderão tratar-nos de invejosos; se elogiarmos (e com justiça o fariamos), poderão nos ter por lisongeiros.

embotam com o gosto (pedimos venia pela trivialidade da comparação), que acha sem sabor os vinhos fracos do norte, quando he acostumado aos espirituosos do meio dia.

E o que fará hum poeta, não querendo mostrar o vicio e a devassidão em toda a sua nudez? Irá offerecer huma composição mui simples e pura aos directores do theatro de S. Pedro ou o do de Santa Theresa e S. Francisco, e estes lhe dirão: “A sua peça he bonita, mas faltam-lhe effeitos, adormecerá os espectadores.” E o resultado he que, sem tomar della conhecimento, boa ou ruim, se algum joven poeta, apaixonado pela arte dramática, apresentar huma tragédia, recusam-na ².

Segue-se d’ahi que ninguem trabalha nesta direcção, ou somente algumas intelligencias escolhidas, na sombra apainoxadas para a poesia dramatica. O que se vê subir á scena são traducções dos dramas mais febricantes do repertorio francez, como a Torre de Nesle, e além disto ás vezes ruim, como a *Freira Ensanguentada*, a *Camara Ardente*, etc.; porém nunca composições dramaticas algum tanto suaves, que possuem não sei que de simples e de gosto apurado. Por certo que não consideramos Casimiro Delavigne como hum genio espontaneo e inventor; mas sim como hum poeta cheio de graça, que soube casar a fórma antiga com a idéa moderna; e que portanto não poderia deixar de interessar; e todavia já vimos scena brasileira

Marino Faleiro³, os Filhos de Eduardo, Huma familia no tempo de Luthero, Luiz XI, A filha do Cid P.

Quanto não he para lastimar que o Sr. Magalhães, com seu formoso talento, não fizesse como Alfredo de Vigny, em vez de traduzir a fraca imitação de Ducis, traduzisse Shakespeare⁴ (3), cortando e

² Hum poeta, já conhecido por varias publicações de merito, o Sr. A. G. Teixeira e Souza, compoz huma tragedia esquecida na sombra; o Sr. J. J. Teixeira, conhecido tambem como poeta, dizem que tem algumas obras dramaticas, entre ellas huma tragedia com o titulo de *Camões*, no mesmo caso. O Sr. Norberto acabou ultimamente huma tragedia, Clytemnestra, e receiamos que tenha a mesma sorte; o autor procurou sujeitar-se ás formas prescriptas pelas poeticas antigas, e dar todo o desenvolvimentomoderno á idéa, procurou ser original, quanto possivel o he tratando um assumpto que já occupou Eschylo das Coepharce, Sophocles e Euripedo nas suas Electras; e entre os modernos Voltaire, Crebillon, o conde Laur, Pierre Mathieu, Lazaro Baif, Pradon, Longepierre, o baron Valet em França, Alfieri na Italia, Oliva na Hespanha, e Gomes Dias em Portugal, e muitos outros provavelmente que não conhecemos, Alexandre Souinet, o autor da Divina Epopéa, tambem compoz uma Clytemnestra, por certo huma das melliores que appareceram

³ Hum joven poeta que reconhece a arte dos bellos versos, o Sr. F. J. de Souza Silva, a traduzio na língua harmoniosa e sonora do Brasil.

⁴ Para apoiar a nossa asserção basta citar o texto da bella scena em que Othello vem para matar Desdemona e a acha dormindo, os versos fracos que inspirou á musa antiga, e os encantadores que com ella fez a moderna.

“It is the cause, it is the cause, my soul, - / “Let me not name it to you, you chaste stars! - / “It is the cause. - Yet I’ll not shed her blood; / “No sear that whiter skin of hers than snow, / “And smooth as monumental alabaster.

(Larga a espada.)

“Yet she must die, else she’ll betray more men, / “Put out the light, and then put out the light; “If it quench thee, thou flaming minister, / I can again thy former light restore, / “Should I repent me: - but once put out thine, / “Thou cunning’st pattern of excelling nature, / I know not where is that Promethean heat, / “That can thy light relume, When I have pluck’d thy rose, / I cannot give it vital growth again, / It needes must wither: - I’ll smell it on the tree.-

(Bejando-a.)

“O balmy breath, that dost almost persuade / “Justice to break her sword! - One more, one more. -

ligando algumas cenas! Sem duvida o tradutor de *Hamlet*, o Sr. A. J. de Araújo, e o de *Macbeth*, o Sr. J. A. de Lemos Magalhães, teriam seguido a mesma marcha, e talvez que a scena brasileira, possuisse mais algumas obras transcendentas do poeta inglez, como *Romeo e Julieta* ⁵, *King Lear* e *King John* ⁶.

He de notar que as tentativas para dar o gosto das grandes e nobres composições não são feitas pelo theatro imperial de S. Pedro, porém pelo de S. Francisco ou de Santa Theresa, em que foram representadas *Hamlet*, *Macbeth*, *Aristodemo de Monti*, e *Macias*, nobre e bella composição do infeliz Lara; e dramas em prosa de algum merecimento, como *Luiza de Lignerolles*, etc.

Repugnamos fallar de hum conselho de censura para producções litterarias⁷; porém he mister, pois que ninguem cuida em rejeitar obras immoraes, que offendem o gosto e a razão, e que produzem os resultados de que fallámos. Porém seja o *Conservatorio Dramatico*, chamado a pronunciar sobre huma porção das obras que sobem á scena, judicioso e sem parcialidade; que sobretudo, aferrados

Shakespeare.

"Oui, je me le promets, oui, ma fureur peut-être / "M'entraînerait trop loin, j'en veux être le maître. / "Non, tu ne mourras point... que ces sombres clartés / "L'embellissent encore à mes yeux enchantés!

(Olhando para a lampada.)

"Ah! pour ressusciter cette flamme mortelle, / "Je puis d'un fou nouveau retrouver l'étincelle,

(Considerando Hedemone.)

"Mais ce fou créateur qui sert à Panimer, / "Si je Pavais éteint, comment le rallumer? / "Avec quel souffle pur jô Pendente qui respire! / "Um charme tont-poissant vers elle encor m'attiro / "Va, co sang dans mon cœur que tu viens d'accabler, / "Co sang, hélas! Pour toi voudrait encore couler.

Ducis

"C'est la cause, ó mon ame! Et vous la connaissez, / "La cause qui m'amène meurtre! C'est assez! / "Etoiles qu'on admire, em votre chaste empire, / "La cause, sous vos yeux, je n'oserais la dire! / "Je ne verserai pas son sang, et mon dessein

"Ne me conduira pas à déchirer com sein "Si beau, que Pon croit voir, à la lampe bleâtre, "Sur um tombeau do marbro uno image d'albâtre.

(Põe a espada e a lampada na mesa.)

"Cependant, il faut bien qu'elle meure, il le faut, / "Car elle trahirait d'autres hommes bientôt. / "Eteignons co flambeau, puis éteignons sa vie. / "Si flamme une fois, par ma mairr, t'est ravie, / "J'ai, pour la ranimer, le temps du repentir.

(Considerando Desdemona.)

"Lampe ardente! Mais toi qui vas t'anéantir, / "Ouvrage le plus beau qu'ait formé la nature! / "Ou retrouver encor, divine créature, / "Ce fen qui te donna l'avie, et qu'autrefois / "Dieu pour chacun de nous n'alluma qu'une fois? / "Le destin l'a voulu; lorsqu'une mais profane / "Vient de cucillir la rose, il faut quelle se fane; / "Mais celle-ci, du moins, je veux la respirer.

(Dá-lhe um beijo.)

"o souffle pur, qui viont encor de m'attirer! / "Ta lèvre de parfums et beaumes trempée / "Forccrait la justice à briser son épée! / "Encore un baiser! – le dernier!...

A. de Vigny.

⁵ O Sr. F. J. de Souza Silva também traduzio em verso a *Romeo e Julieta* de Ducis; porem, conhecendo depois que a de Frederico Soulié era melhor, traduzio-a também. He pena que moços de talento percam assim o tempo e o trabalho.

⁶ O Sr. P. Guimarães traduzio, e fica desconhecido o *Sardanapato* de Ior Dyron em verso.

⁷ Notaremos que por uma portaria do Exmo. Sr. ministro do imperio foi o Conservatorio Dramatico Brasileiro imcumbido de rever as composições dramaticas que tiverem de ser representadas no theatro de S. Pedro de Alcantara na forma de seus estatutos; porém medida de tanta necessidade não foi ainda assim generalizada a todos os theatros da côrte e provincias como necessariamente deveria ser.

exclusivamente a huma escola, não tenham seus membros por systema aceitar ou rejeitar tudo quanto pertence a huma ou outra; emfim sejam sempre movidos pela razão sã, e nunca pela paixão.

Huma medida indispensavel seria que todos os theatros da capital, tanto nacionaes como estrangeiros e particulares, fossem sujeitos ao mesmo regulamento que o theatro de S. Pedro; pois serão aquelles mais infalliveis do que este? E se, com esta censura, se quer velar sobre a moral publica, que póde qualquer inscientemente offender, não deverá ella vellar sobre todas; pois a totalidade dos outros não representa mais do que hum? Quem se poderia queixar dessa medida? Todos os theatros a quem o governo concedeu loterias não recebem assim por ventura huma especie de subvenção? Já pois estes nada tem a oppôr, nem os mais, que se devem sujeitar. Julga-se pois mui decente o ver na scena do theatro francez composições como *O Vagabundo*, o terceiro acto da *Belle Écaillère*, etc?...

Pois que fallámos do theatro francez, que se nos permita huma digressao. Não poderia elle de quando em quando representar algumas composições serias, alguns primores do antigo repertorio ou dascena moderna, que por sem duvida attrahiriam a todos, por exemplo, a *Lucrecia* de Ponsard, mesmo (quando tiver mais comicos) Os *Burgraves* de Victor Hugo, etc. etc.? Mas, dir-se-nos-ha, não pensais nas difficuldades; haveriam de ser mui mal representadas. Seja de qual maneira fôr, responderemos, antes alguma cousa do que cousa nenhuma; e demais, não seria isto senão em longos intervallos, para que osactores podessem estudar. Não representaram já de modo assaz sactisfatorio hum drama de Victor Hugo, *Ruy Blas*? Não vimos mademoiselle Nongaret recitar com muita arte e alma estes bellos versos da *Phedra* de Racine:

“Je ne me soutiens plus, la force m’abandonne;

“Mes yens sont éblouis du jour que ja revoi,

“Et mes genoux tromblans se déroutent sous moi.

“Hélas⁸ (8)!...”

E tambem estes de *Tiridate*, dos quaes talvez não comprehendesse tão bem a delicadeza⁹:

“Mas toi, toi, jeune fille... Ah! Erais tu dans ton Ame,

⁸ ... Mais não posso; eu desfalleço, / A luz que torno a ver me fere os olhos; / meus joelhos trêmulos me falta. / Ah! ... Sebastião Francisco de Macedo Trigo.

⁹ Quando assim fallavamos, não tinhamos ainda visto a segunda representação de *Tiridate*, pela qual temos senão elogios a fazer a Mlle. Nongaret, pelo modo com que desempenhou toda a scena em verso.

“Qu’une reine n’ait point le cœur d’une autre femme?

“Que je ne sache pas aimer, pleurer, souffrir,

“Et qu’on m’accable enfin sans me faire mourir!”

Esta peça de *Tiridate*, que se poderia julgar huma reminiscencia da ensossas composições do abbado Boyer e de Campistron, foi na que nos mostrou mademoiselle Nongaret todos os seus recursos de actriz; comprehendeu o papel da Dumesnil com tanta fineza, desempenhou-o tão cabalmente, que a julgamos capaz de se encarregar das partes brilhantes em grandes composições, sobretudo pendendo mais o character dessa senhora para o genero tragico.

O que tambem recommendaremos, para bem da bella e alta litteratura dramatica, he a criação de uma escola de declamação: ao Conservatorio Dramatico pertence huma tal missão; que se não esqueça de cumpril-a, tanto mais que de seu interesse depende a prosperidade do theatro no Brasil.

Se fizemos estas lembranças, não foi por certo o interesse que nos moveu; o que queremos he o progresso da arte, o desenvolvimento da intelligencia, do amor para as cousas bellas e nobres; o que queremos he que o reinado do Sr. D. Pedro II, que apenas começou o seu periodo, se possa tornar o mais florecente dos que tem tido no Brasil desde o momento em que poz nelle o pé Alvares Cabral; e que hum dia se possa dizer, quando delle se fallar desse colosso abraçado pelo Amazona e o Prata e do seculo em que terá reinado o Sr. D. Pedro II, o que se diz dos de Pericles, de Medicis e de Luiz XIV, era o grande seculo!

RIBEIRO, Santiago Nunes. “Hum Fragmento do Poema Romantico Tres Dias de Hum Noivado, por A. G. Teixeira e Sousa”. In: *Minerva Brasiliense*. Rio de Janeiro, 1.º de janeiro de 1844, vol. I, n. 5.

Nota de Rodapé:

Entre os jovens poetas contemporaneos que a espaços erguem seus accentos harmoniosos no meio das fallas, das arengas, vociferações e alaridos da politica (deosa mais palavrosa e tagarella que as musas todas juntas), e apesar das preoccupações de huma cidade toda commercial, onde as mil vozes do interesse chamam o homem ao prosaico das realidades materiaes, - o nosso amigo o Snr. A. G. Teixeira e Souza he o que maior copia de poesias tem dado á luz em menos tempo. O seu primeiro volume (*Canticos Lyricos*) lhe conciliou as sympathias dos poetas e amadores da arte. O segundo, dedicado ao Exm. Sr. Paulino José Soares de Souza, mostra, ao que nos parece, a consideração a respeito do seu autor, não tanto ao illustre cidadão constituido em dignidade, como ao homem de talento que no meio das mais graves occupações acha tempo que consagre aos estudos e trabalhos litterarios. O terceiro volume, emfim, he o romance intitulado *o Filho do Pescador*. Nesta obra quis o Snr. Teixeira mostrar que a novella póde ser hum genero mui moral, e que por conseguinte da leitura dos livros desta ordem, compostos segundo iguaes principios, não póde resultar o mal que vem desses mil romances immoraes e corruptores que pullulão na America e na Europa.

Pretende agora o nosso autor publicar hum poema, *Trez dias de hum Noivado* (em casa do Sr. P. Brito, largo do Rocio, onde a subscrição já se acha aberta), e como quizesse dar-nos antecipadamente o prazer da leitura desta obras, mostrando-nos o seu manuscripto, pareceu que o Snr. Teixeira nos fazia hum obsequio em consentir que alguns fragmentos do seu poema fossem impressos na MINERVA, o que seria muito agradavel aos nossos leitores, e lhes daria noticia dessa publicação. A acquiescencia do nosso amigo e a consequente apparição destes fragmentos nos dava a occasião propria de analysar os *Canticos Lyricos*; mas por agora o não faremos, reservando-nos para occasião mais opportuna.

BURGAIN, A. L. “Cornélia, tragedia em 5 actos, por Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa”. In: *Minerva Brasiliense – Jornal de Sciencias, Lettras e Artes*. Rio de Janeiro: Typographia de J. E. S. Cabral, ano I, vol. II, n. 24, 15 de outubro de 1844.

Depois que me conferiram o muito honroso titulo de collaborador da MINERVA BRASILIENSE, hum amigo convidou-me a analusar a Cornelia do Sr. Antonio Gonçalves Teixeira e Souza; o meu primeiro movimento foi escusar-me, visto que eu me acho n’hum posição excepcional, seguindo a mesma carreira, e até tratando da publicação de algumas peças minhas. Como, disse eu, poderei analysar, criticar as obras de outrem, erigir-me eu juiz, eu que, animado pela excessiva indulgencia do publico, abalancei-me a escrever para a scena brasileira, e n’hum lingua estranha? Como notará alheias imperfeições aquelle que em tantos defeitos abunda? Como receberão os conselhos daquelle que de tantos carece para si? Não me poderão dizer: Antes de criticar aos outros trata de emendar-te a ti mesmo?

Porém, tambem reflecti que o emittir seu juizo acerca de qualquer obra não impões ao critico a obrigação de fazer outras tão boas ou melhores; porque, sendo assim, tornava-se a critica impossivel.

He muito facil notar defeitos, e mui difficil evital-os. Não faltaram escriptores para analysar, criticar, e com grande talento, as primorosas producções dramaticas de Corneille, Molière, Racine e Voltaire. Alguns desses criticos, taes como Laharpe e Marmotel tambem seguiam a carreira dramatica; e digam-me se algum delles escreveo *Rodogunas*, *Athalias*, *Misanthropos*, ou *Meropes*? Não, de certo, e ninguem houve que lhes dissesse: Façam outras obras tão boas. Seria absurdo, assim como absurdo seria dizer-me a mim: Como se atreve a criticar a tragedia *Cornelia*, sem apresentar-nos outra melhor. Além de que, sou anthusiasta admirador do merito, e nunca fui seu detractor. Não sei que sejam invejas, rivalidades; e disto me não gabo, que não depende de mim. Assim nasci. Na quadra das illusões, no verdor da primeira mocidade, encetei hum carreira tão difficil quão attractiva, na qual apenas dei alguns passos vacillantes; porém nem por isso cessarei de animar com a voz e o gesto a aquelles que mais felizes me tomarem a dianteira; e quando fique de todo vencido, tenho bastante felicidade para me consolar, para não dar demasiado apreço a hum gloria que está bem longe de constituir a felicidade.

Vivendo no Brasil ha quatorze annos, estou ligado a elle pelos vinculos do tempo, do habito, da amizade e do sangue. Amo o Brasil como a terra em que achei hum existencia honrosa, como a terra que vio nascer minha mulher e meus filhos, como a terra em que descançarei hum dia. Affeito a consideal-o como hum segunda patria, não posso deixar de interessar-me na sua gloria, no seu futuro. Levado destes sentimentos, tenho applaudido a todas as tentativas da mocidade brasileira; e mais de hum vez lamentei

a indiferença com que são ellas acolhidas; e bem se vê que, fallando da *Cornelia* do Sr. Teixeira e Souza, não póde ser o meu fim deprimil-a mas sim expor francamente a minha opinião a respeito. Se o contrario tivesse em metne, embuçado na traiçoeira capa do anonymo, facil me fôra rebaixal-a, fazendo sobresahir os defeitos, exaggerando-os e encobrando as bellezas.

Agora, fallarei sem o menor receio.

ACTO I.

O prelado de Sevilha anda perido de amores pela formosa *Cornelia*, filha do governador de Sevilha, que está em vespas de desposar-se com seu amante, Bartholomeo Vargas; e já lhe patenteou o seu amor por cartas que lhe manda remetter por hum criado. Vejo nisto dobrada imprudencia; mas, sendo pai dellas o amor, talvez se possa desculpar esta ao prelado e ao autor.

Principia a peça com hum monologo em que o prelado inveja a sorte do criado, que vive contente e descuidoso, ignorando os tormentos e misérias que muitas vezes encobre a grandeza. Segue a scena da exposição, muito extensa, em que o prelado confia seu amor a hum cura seu amigo. Esse cura he hum profundo scelerado; e talvez fosse melhor que na peça houvesse hum só padre criminosos. Acha muito natural o amor do seu amigo; pergunta-lhe com a maior sem-ceremonia:

E que dama gentil teu peito inflamma? – e, em vez de mostrar-lhe o abysmo que tem aberto, alenta as suas criminosas esperanças, combate os seus exrupulos, e, a final, propõe-lhe o rapto da donzella, como o unico meio de triumphar da sua resistencia. Cede o prelado e trata-se de levar a effeito o criminoso plano.

No fim de cada acto transcreverei os pedaços que me parecem mais notaveis, pela expressão, poesia, energia ou sensibilidade.

Ah! emmudece, amigo; tu de novo
Abres a chaga que hum cruel capricho
Dentro em meu coração rasgara outr'ora!
Meu voto, dizes tu? Ah! que o meu voto
Foi filho do dever, não da vontade!
.....
Oh! momento fatal! sôu meu voto,
Fallava a boca, desmentia o peito!

A' sacrilega voz vacilla o templo;
Treme o altar, rejeita o sacrificio;
Deu do voto infeliz signal o inferno!...
E acceitaste, ó Deos! Voto sacrilego?

Ha certas licenças poeticas que não acho proprias da poesia dramatica, que deve, o mais possivel, aproximar-se da natureza. Assim, não me soam bem *p'ra, flicidade, stavam*, e outras aphereses e syncopes assas frequentes nesta tragedia.

Acho muito impropria da poesia elevada a palavra *zumbaías*

Risos, palavras, duetos e zumbaías,

e muito forte a metaphora do prelado, quando, fallando das flores dos seus jardins, diz
Pois seccaram talvez com meus suspiros.

ACTO II.

O rapto consummou-se; chega Cornelia com os olhos vendados, em braços de criados (tantas testemunhas!) e desmaia vendo que está na habitação do prelado. Este desanima, fogem-lhe as esperanças, mas o malvado cura lhe indica os meios de triumphar.

... Pois quando vires que Cornelia
Continua a opprimir-te com seu odio,
Recorre ás ameaças; diz que sabes
Que Vargas he athêo; que taes doutrinas
Lhe inspirou, e por isso ao santo officio
Elle com ella delatados foram;

Sahe o cura, chega Cornelia furiosa e delirante, e segue entre esta e o prelado huma scena de 250 versos, apenas interrompida por hum recado. Alli, rogos, ameaças, tudo emprega o malvado para triumphar da virtude de Cornelia, e do horror que lhe inspira; e esta lhe responde com bem merecidas exprobrações, mas que, ao meu ver cahem de vez em quando em exaggeração. Demos hum exemplo:

E tudo he pouco p'ra punir teus crimes!
Oh! eu quizera que o meu peito fosse
Tempestades, trovões, raios, lampejos;
Meus olhos chammas, minha boca horrores,

A desditosa tambem recorre ás supplicas, mas embalde; e, vendo-se ameaçada do santo officio, enche-se de terrores, de que triumpha a sua virtude; mas, quando lhe dizem que tambem accusam o seu amante, que seu amante já está preso, perde todo o valor, torna a supplicar, e com o mesmo resultado. A situação não he nova, mas sera sempre interessante: Cornelia tem que escolher entre a propria infamia e a morte do seu amante; ella chega a hesitar, e he muito natural. Em quanto se limitaram a ameaçar seus dias, não hesitou; mas agora, trata-se da vida do seu amante.

Nota-se huma grande impropriedade no ultimo dos seguintes versos.

Que amo os tormentos, a masmorra e a morte,
Que me privem de ti neste momento.

privar por livrar, he tamanho erro que só se póde attribuir a um copista, ou á imprensa.

Os *Raios te firam!* com que termina huma falla de Cornelia, a modo que lembra demasiadamente essa praga tão vulgar: *Hum raio te parta!* Eu, que estou notando este defeito, cahi em outro igual, e talvez maior, no meu *Fernandes Vieira*. Hum dia, lendo eu a hum amigo algumas scenas desta peça, e chegando ao lugar em que Affonso, arrebatado do amor, diz a Maria:

He forçoso
Que falle, ou que m'estale o peito.

o meu maldito auditor exclamou: *Se não fallo, arrebento!*
Achei-lhe muita razão; e desabafei parodiando dois versos do immortal mestre.

ACTO III.

Menezes, amigo do governador de Sevilha, constando-lhe que Cornelia fôra roubada por Vargas, o desafia e fere levemente. Vindo porém, a saber que a infeliz está nas garras da inquisição, corre a dar huma satisfação ao seu adversario, que de bom grado lhe perdoa huma offença originada de hum engano. Principia o 3.º acto com a narração destes factos; e Menezes, de mãos dadas com hum amigo, trata dos meios de salvar Cornelia ou seduzindo seus guardas, ou valendo-se de hum inquisidor irmão de Vargas. Este, ahcando-se a sós com Menezes, dá rédea á sua desesperação, exprime o horror que lhe inspira a inquisição, e faz huma vehemente pintura dos crimes dessa odiosa instituição. Nesta scena, que abrange seguramente duas terças partes do acto, diz Vargas cousas mui boas, mui philosophicas, porém fôra de lugar. Julgo que deveria fallar menos, e obrar mais; e que sua desgraçada amante poderia dizer-lhe, como na fabula do menino e do mestre d'escola:

Eh! mon ami tire-moi du danger;
Tu feras eprès la harangue.

Esta scena he interrompida pelo conde, que vem annunciar que o pai de Cornelia, não podendo resistir ao terrivel golpe, toca o termo da sua existencia. Nós outros, autores dramaticos, quando alguma personagem nos embaraça nós a matamos, ou a fazemos viajar. Assim matei huma pobre velhinha, que me atrapalhava hum acto inteiro do melodrama; a coitada morria de susto; depois tive dó, contentei-me com fazel-a dormir, mas hum somno tão profundo, que muito se parecia com hum ataque de catalepsia.

Quanto ao Sr. Teixeira e Souza com o talento que possui, se retocasse a sua peça, o pai da infeliz Cornelia poderia fornecer-lhe algumas scenas mui patheticas.

ACTO IV.

Vargas recebeo huma carta de Cornelia, aguarda a chegada do seu irmão inquisidor, e Menezes lhe recommenda que seja prudente, que não o exacerbe com furores cujo resultado seria empeiorar a situação da sua amante.

Começa em fim a scena entre os dois irmãos, scena que tambem deparo com muitas bellezas, mas que, a meu ver, tem igualmente o defeito de ser muito extensa, pois abrange quasi todo o acto. Cypriano exproba a seu irmão a sua impiedade, suas vociferações contra o santo officio, e quer que elle abandone Cornelia á sua sorte. Vargas, seguindo o prudente conselho de Menezes, forceja por responder com moderação; e a final, vendo que tudo vai dar n'huma rocha, solta a redea á sua furia e desesperação.

O resultado já se sabe: Cypriano enfurecido retorque no mesmo tom. Ardendo em desejos de vingança, quer ir pessoalmente accusar a innocente donzella, apressar o seu supplicio; e fica desvanecida toda a esperança.

Como hum desgraçado que se afoga e quer apegar-se a hum ultimo meio de salvação, o desesperado amante tenta hum derradeiro esforço. Implora o perdão do seu irmão, chora a seus pés, e chega a enternecer-o; porém não tendo percebido esse primeiro movimento de compaixão, re-ergue-se furioso e delirante, lança o anathema a Cypriano, e faz lhe tão horrorosa pintura dos remosros que o esperam, do castigo que lhe reserva a justiça divina, que o mais profundo terror cala no seio do miseravel. Vê-se que não duvidaria empregar todo o seu valimento para salvar Cornelia; mas ah! já he tarde. Chega Menezes espavorido. Tudo está perdido: Vargas foi tambem denunciado; vem prendel-o agentes do santo officio. Só resta fugir. – Fugir! e deixar Cornelia preza! – Sim, porque perdendo-se a si, perde a esperança de salvar-a. Cede Vargas ás reiteradas supplicas de Menezes e do mesmo irmão. Cyegam tarde os agentes do terrivel tribunal; porém ainda lhes resta huma das victimas designadas, e essa victima, he Menezes.

Eis o fim da scena entre os dois irmãos.

Vargas, levantando se furioso.

Que he isto? eu onde estava?

Eu estava a teus pés! a ti prostrado!

A virtude curvada á tyrannia!...

O' eterna vergonha! opprobio eterno!...

Ouve, monstro, não creias, não exultes;

Não fui eu quem fallou, foi o delirio...

Foi a dôr que as entranhas me lacera...

Foi... Que raiva!... Cruel, quem te demora?

Corre, vai accusar a miseranda...

Seu crime compaião te não merece,

Seu crime he detestar o teu prelado!

Se esperam que ella cante a palinodia,

Enganm-se, crueis!... Vai accusal-a...

Os tormentos prepara,

(Em delírio.)

Remorsos e flagelos de continuo
Te romperão as tepidas entranhas...
A triste imagem da infeliz donzella
Rodeada de chamas e tormentos
Te seguirá gemendo a toda a parte...
Huma voz lastimosa a todo instante
Ouvirás murmurar em teus ouvidos:
“Cypriano cruel, tu só, tu foste
“Meu barbaro assassino!

Cypriano, á parte.

Que funesto terror me cala n'alma!

Vargas.

Sobre a cabeça sôa-te horrorosa
De nosso pai a voz: “Ao filho ingrato,
“Maldição, maldição!...” Foges p'ra o templo:
Os fantasmas lá mesmo te perseguem...
Dos tum'los sepulcral voz se levanta:
“Foge, ó reprobó! o templo te rejeita!
“Rebente sobre ti do céu o anathema!
“Da religião em nome foi tyranno...
“A innocencia abrasou, verteo seu sangue...
“Anathema ao cruel, ao impio anathema!...”
Os sepulcros o anathema repetem...

Cypriano, tremulo e horrorizado.

Os sepulcros... o anathema... repetem!...

Vargas.

A sombra não fugio... Queres cobrir-te
P'ra o sacrificio das sagradas vestes:
Retumba hum écho atroz: "Profano, fuge,
"Não manches as augustas vestiduras!..."
Voltas para teu lar: ahi te esperam
As furias, os remorsos,

.....
Entre remorsos, angustias e horrores,
Sempre e sempre contigo em viva guerra,
Te fugirá a vida angustiada...
Tu sentirás chegar-te a hora extrema;
[.as] o espectro iracundo está contigo
Em o leito da morte... Ante teus olhos
Volteiam furias e crueis demonios...
Ahi a imagem da infeliz Cornelai
Visivel mais que nunca te apparece...
Em som triste, mas grave, ella te falla:
"Vem, Cypriano, vem: a hora he esta
"Em que tu ao teu Deos dar contas deves."
Expirarás emfim!... Ante o Eterno
A innocente donzella, o pai honrado,
Te accusarão... Ali soam seus brados,
Pedindo contra ti vingança eterna!...
Em vão teu anjo pedirá tua alma...
Brada a caterva de cureis demonio:
"Ella he nossa, ella he nossa!... foi malvado...
"Perseguiu a innocencia..." Abre-se o abysmo;
Eis patente o inferno!... Oh!... arde eterno...

Cypriano, horrorizado.

Basta, basta...

Vargas, como fora de si.

Qs remorsos do teu crime...

Cypriano, como gelado de terror.

Que quadro atroz!

Vargas, do mesmo modo.

Horror de hum criminoso!

Cypriano, do mesmo modo.

Oh! Castigo do céu!...

Vargas, do mesmo modo.

Elle não falla.

ACTO V.

Emfim, tornamos a vêr Cornelia, cuja ausencia pareceo-me bem dilatada; mas agora seremos ampla e dolorosamente resarcidos, que havemos de assistir ao seu longo padecimento, e só nos deixará para marchar ao supplicio. Se alguma cousa póde adoçar as lagrimas que nos arranca a sorte da virtuosa donzella, he a tranquillidade, a sublime resignação com que encara a sua hora derradeira. A religião veio fortalecer o seu peito, fez coar em suas veias hum balsamo consolador; e, sostida pela fé e pela esperança, ha de trilhar com passo seguro a breve mas angustiada carreira que lhe resta a percorrer. Acabaram-se as furias, as imprecações; o poeta molhou a sua penna com lagrimas, e agora tudo será saudades do passado, valor contra o presente, e esperanças para o futuro.

Erstamos n'hum carcere da inquisição. Cornelia, já desapegada das cousas do mundo, dorme o sonno da innocencia. Sonha com seu pai morto, com seu pai, que já habita na morada celeste; elle a espera, elle a chama, e esse sonho consolador lhe dá hum ante-gosto da eterna felicidade que lhe está reservada. Ouçamol-a contar o seu sonho á piedosa carcereira.

Eu vi muito... e como era bello tudo!...

Luz que cegava, nuvens transparentes!
Hum aroma senti; ouvia canticos!...
Alegre turba de gentis mancebos,
Oh! mais lindos que o sol!... Vinha com elles
Hum tranquillo ancião; seu rosto bello...
Tudo era de meu pai... era elle mesmo...
Sorrindo a mão me estende, e diz-me adeos:
Eu beijo a honrosa mão, seguil-o quero;
Mas elle me detem e assim me falla:
“Espera, ó minha filha! eu vou primeiro,
“Eu parto a preparar-te huma grinalda.
“Adeos, ó minha filha! adeos, Cornélia!”
Disse, e dos olhos meus desaparece.

Vem a scena do interrogatorio, em que nega os delictos que imputam a ella e ao seu amante. Trazem ao inquisidor geral huma carta em que o prelado lhe noticia a traição do criado e do cura, que há de ser preso; e patentea a esperança que ainda tem de triumphar de Cornelia, senão pela brandura, ao menos pelo temor. Por essa carta, vemos que o inquisidor geral tambem conhece a iniquidade do prelado; e, na verdade, não acho muito natural que esse malvado tenha tantos cumplices, e cumplices desinteressados.

Segue huma longa e pathetica scena entre Cornelia e a carcereira; na qual esta procura animal-a, avivar-lhe as esperanças, fazendo-lhe entrever a possibilidade de fugir; esperanças que Cornelia não póde partilhar, e nesta mesma scena sabe da prisão de Menezes, e da morte do seu pai; o sonho realisou-se. A infeliz que já deplorou o infortunio do amigo, atterrada com o cruel e derradeiro golpe, paga á memoria do seu pai o natural tributo de lagrimas e dor; e, redobrando o valor que por hum instante lhe fugira, exclama em santo enthusiasmo.

Facho da religião! luz da verdade!
Ah! vós vindes do céu, eu vos adoro!...
(De joelhos.)
O' meu Deos! a teus pés, eis, eis Cornelia...

Perdôa este pranto; &c.

Chegamos á catastrophe; e serei breve, que temo enfastiar o leitor com esta tão imperfeita analyse de huma peça que todos podem ler, e que muitos podem julgar melhor do que eu, empreza a que me não abalançára se outros a emprehendessem.

Vem o prelado reiterar as supplicas e ameaças; e, vendo que nada pode abalar a virtude e firmeza de Cornelia, chegando ao ultimo paroxysmo do furor, abrazado em chammas infernaes, quer rematar os seus crimes com hum crime abominavel, e aferra a sua victima. Mas soou-lhe a hora do castigo. A infeliz hororisada faz hum esforço supremo, solta-se das mãos que a prendem, e corre desvairada; mas, o damnado a persegue; ella, vendo-se a ponto de succumbir n'huma luta desigual, lança mão de hum ferro, e crava-o no seio do seu verdugo, que de novo emplgou a sua preza. Cahe o prelado banhado em seu sangue, e mortalmente ferido. No golpe desferido pela casta donzella, reconhece a mão de Deos que o castiga; e, com as lagrimas de arrependimento, implora á sua victima hum perdão que lhe he concedido.

Tudo, tudo perdôo, esqueço tudo!...
A minha religião, o Deos que adoro
Mandam que te perdôe; eu te perdôo.
A justica eternal... oh! não te siga
Em vingar-me e punir teus attentados
Além da sepultura, além da morte!...

Chega o inquisidor geral com membros do sanhudo tribunal. Todo o empenho do moribundo prelado he salvar Cornelia. Confessa os proprios crimes, proclama a innocencia da accusada; porém tudo he baldado; só respondem ás suas supplicas estas vozes terriveis: - Ao fogo a criminosa! Ao fogo! Ao fogo! – e este he o maior supplicio do miseravel que amaldiçôa aos barbaros, e morre desesperado, pois no momento, antolham-se-lhe para Cornelia as chammas da fogueira; e para elle as chammas do inferno.

Ainda quando nada gostasse dos mais actos, este ultimo bastaria para reconciliar-me com a peça. He tão difficil chegar a essa perfeição, perfeição ainda que relativa, que achamaos em alguns autores, privilegiados! A trageida mais interessante não há sempre a mais regular, a mais razoavel, que, no theatro principalemnte, o rasoavel não he incompativel com a sensaboria; he sim aquella em que as paixões fallam huma linguagem mais appropriada á natureza, aquella emq euse acha maior copia desses rasgos que,

partidos do mais intimo da alma, fazem vibrar o peito do espectador; e algumas scenas escriptas com vehemencia, algumas scenas verdadeiramente patheticas, fazem perdoar muitas irregularidades e defeitos. O quinto acto de Cornelia encerra grandes bellezas; estou persuadido que, bem representado, não póde deixar de commover profundamente; e o espectador commovido já não analysa; já não julga, ou, se ainda julga, he só com o coração juiz menos severo que o espirito. Assim, o feliz autor que no fim da sua obra consegue arrancar-lhe algumas lagrimas, póde exclaimar com o poeta:

Il pleure... Je suis sauvé!

Eu me resumo. Quanto a mim, a Cornelia do Sr. Teixeira e Souza carece de arte, he muito declamatoria, e tem scenas de huma extensão desmarcada; defeitos proprios de huma primeira peça, e que assaz desculpa a idade que tinha o autor quando a escreveo, contando apenas dezoito annos, ao que me asseguram. Tem furores, imprecações, que bastarão para tres tragedias; tem tiradas da maior engergia, mas ás vezes extemporaneas. Os dois principaes papeis são comparativamente curtos: ha dois actos em que o prelado não apparece, e Cornelia entra só no segundo e no ultimo. Desejára tambem que houvesse algumas scenas entre Cornelia e o seu amante. Parece-me que se o Sr. Teixeira e Sousa, retocando a sua peça, a reduzisse a tres actos, cerceasse algumas scenas, precipitasse mais a peripecia, dar-lhe-hia dobrado interesse, pois, emquanto a mim, pecca por exuberante. Notem que os 3.º e 4.º actos, não obstante conterem muito bons pedaços, affrouxam muito por faltar-lhes Cornelia e o prelado.

Em summa, a nova tragedia tem interesse, energia e sensibilidade, condições essenciaes em obras deste genero; a linguagem, por quanto póde julgar hum estrangeiro, he portugueza, o verso, com raras excepções, natural e cadente. Eu a considero como huma bella tentativa, hum esperançoso ensaio, que mostra, não o que he o seu autor, mas o que póde ser.

CANOVAZ, Victor de. “O Romance – III”. In: *Iris – Periodico de Religião, Bellas-Artes, Sciencias, Letras, Historia, Poesia, Romance, Noticias e Variedades*. Collaborado por muitos homens de lettras e redigido por Jose Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. Rio de Janeiro: Typographia Franceza. “Variedades”. Vol. I. Tomo II. Segundo Semestre de 1848, p. 300-306.

Atala abriu com chave d’ouro a porta do seculo XIX ao romance moderno.

Iris da paz, que vem pôr termo á tempestade, o genio do Christianismo surgiu d’entre as ruinas da França revolucionada, arvorando no deserto de scepticismo o estandarte da fé. O nosso século, que seguia as pisadas da eschola incyclopedica, voltou-se arrependido para este signal de redempção, e abandonando os sophismas da incredulidade, de novo introu nos dominios da convicção. A Chateaubriand deve a humanidade esta primeira reacção contra as vãs theorias do século passado, e a litteratura as bellas paginas de Atala, René e os Natchez.

Pouco depois, as idéas democraticas, enunciadas praticamente na revolução franceza, invadiram as outras nações do mundo civilisado; e o romance, antigo frequentador de Palacios, desceu ás cabanas, com o fim de levar a instrucção ás classes inferiores do povo.

Entretanto, ao passo que as diversas nações da Europa se-convertiam á nova religião politica, apartavam-se da eschola classica, recebendo o romantismo como dogma da crença adoptada.

A França, rica de tradições poéticas, e abundante em paizagens proprias para o pincel romantico, - estreou a nova eschola com essas producções famosas, que ainda hoje recreiam os espiritos supersitiosos e amigos do terrivel. Os antigos castellos, os costumes bellicosos de nossos avós, e as lendas monasticas, dos velhos manuscriptos, e dos sarãos de familia, reviveram ns paginas dos novellistas da restauração; popularisaram-se entre nosso incredulos contemporaneos; e tornaram-se em manancial de uma nova poesia.

A illustrada Alemanha tambem ergueu pendão de independencia na eschola romantica, cercandose do vasto mundo de phantasias, que havia herdado do credulo povo de outras éras, e da poesia scandinava. Melancholica e sensivel, despresou o interêsse de um complicado inrêdo, e a pintura dos actuaes costumes. Abriu as campas das gerações passadas; tirou os esueletos dos angigos Ducs e Komturs; sacudiu o pó das velhas armaduras, e com ellas vestiu seos heróes ressuscitados; ideou genios vingativos e caprichosos, paixões cégas e exageradas; fez acompanhar suas personagens por entes sobrenaturaes e incomprehensiveis: e de materiaes tão extravagantes formou um ramo do romantismo, que debalde têm querido imitar seos contemporaneos. Porém outros romancistas da mesma nação,

deixando os duendes e cavalleiros finados, crearam outra casta de novellas não menos phantastica, sendo contudo mais adequada á actual illustração e espirito das nações civilisadas. Os corações excessivamente brandos, as almas sentimentaes, e os espiritos meditativos – n'ella acham uma fonte inexgotavel de deliciosas phantasias, de suaves nadas, e de contemplativos sonhos.

A Ilha Sagrada dos Druídas foi dos paizes opprimidos pelo feudalismo o primeiro que deu o grito de liberdade; n'ella nasceram a tragedia moderna, e a epopéa christã; e o romantismo tambem lhe-deve o aperfeiçoamento que nas modernas novellas se-reconhece. Sua natureza fria e nebulosa, as diversas raças que a-vieram povoar, e as immensas conquistas que tem feito: tudo contribuiu para dar á nação britannica um character melancolico e poético, sombrio e raciocinador, stoico e bellicoso, capaz de conceber grandes idéas, e proprio para intrar (*sic*) nos mais minuciosos pormenores. sua religião, politica, philosophia e poesia – o-comprovam evidentemente. O romancista inglez tem todas as qualidades d'aquelles para quem escreve: é cavalleiroso na idade-media, burguez na casa prosaica, nauta mysterioso no baixel desconhecido, excentrico em algum club d'esquisitos, e audaz negociante no activo escriptorio. A todas estas especies de romance inglez, nunca falta sublimidade de concepção moral no espirito, e poesia nos ornatos.

Invadida por todas as raças que assolaram a Europa, tambem foi a pittoresca Iberica inriquecida por ellas com momentos numerosos e preciosas tradições, que, attestando a opulencia d'esses povos, que desaparecêram na fusão das raças, a-tornam interessantissim ao archeologo, propria para ser estudada por todos os historiadores, e fertil em gloriosas tradições para o poeta. Embebida nas tintas de uma poesia descriptiva, inspirada pela formosura do sólo iberico, a penna do romancista hispanhol tira de sua tão interessante historia o assumpto de suas novellas. Mas o que essencialmente characterisa o romance hispanhol é um estylo desafectado e corrente, uma linguagem viva e fluida, e certo sal critico, certo ar faceto, que lhe-dão um sabor verdadeiramente peninsular.

A antiga poesia portugueza, filha do inthusiasmo e da gloria, respirava o fumo dos combates, e brilhava com a inspiração da fé. Era ardente e sentenciosa, tranquill e animada, singela e florida, como as palavras de ancião, que invelheceu entre as cohortes dos bravos, a quem as cans cobrem a fronte veneranda... mas suas palavras são eloquentes, sua convicção é imperturbavel, e seos olhos disferem scintelhas de fogo inthusiastico, ao narrar as prodigiosas acções em que ganhou a corôa de louro que lhe-orna a fronte. Camões, Quevedo e Corte-Real, foram inspirados pelo genio que guiava os soldados de Castro e Albuquerque até as muralhas de diu, e as margens d'Ormuz.

Diversa foi a vereda que trilhou a escola romantica de Portugal, indo buscar, nas chronicas de seos antepassados, a narração das luctas que com o infiel tiveram, dos primeiros passo que deram no caminho da civilização, e dos aventureiros descobrimentos a que se-abalançaram, d'ahi extrahindo uma collecção de assumptos, que offerecem interessantes inrêdos para as pennas romanticas. A singeleza, nobreza e graça de seo estyl – fazem crêr aos que a-admiram, terem sido escriptas suas produções pelos companheiros d'armas do conquistador de Ceuta, e do vencedor d'Aljubarrota.

Os filhos de Sancta Cruz tinham adquirido grande nomeada na poesia classica, e a litteratura romantica tambem lhes-deve primorosas obras, entre as quais avultam os *Suspiros Poeticos* do Sr. *Magalhães*, e os *Primeiros Cantos* do Sr. *Dias*. E se poucas são as novellas que as suas pennas têm escripto, já n'esses mesmos traços de seo pincel romantico, se-reconhece a aptidão de seo ingenho para este genero de composições. Seo espirito melancholico, e a sensibilidade de sua alma, transluzem nos vôos juvenis de sua imaginação. Aos Srs. *Norberto*, *Pereira da Silva*, *Porto-Alegre* e *Teixeira e Souza*, se-devem alguns insaios de verdadeiro mérito. E n'esta casta de trabalhos litterarios ganhou o sr. *Macedo* a corôa de romancista distincto, que orna a lyra do autor da *Moreninha* e do *Moço Louro*.

A patria de Metastasio e Alfieri, a Suecia, e a Dinamarca, tambem contamalguns romancistas célebres.

Schiller, no século passado, tinha creado uma escola romantica, em que os salteadores e facinorosos, os phantasmas e espectros – eram heróes. Hoffmannn cercou o romance de apparições e phantasias, em que a rasão se-perdia, e a imaginação desvairava. O auctor de Werther não fez, das crenças populares, e das tradições da idade-media, o assumpto de seos romances: ao contrario, é a sua poesia toda espiritual, dirigida á alma, que commove e perturba. O illustre Bardo d'Escocia, aquelle que immortalisou os guerreiros da Palestina, e vulgarisou por toda a Europa o nome de sua patria, fez do romance uma historia mais perfeita que quantas chronicas, memorias, e lendss se-conhecem; em suas novellas a idade-media, os seculos de cavalleria e sincera fé, tornaram ao mundo, apresentaram-se com todo o seo esplendor ao nosso seculo de scepticismo, e fizeram-nos invejar os tempos de Godofredo e Saladino.

Chateaubriand tirou suas scenas das florestas do Novo-Mundo, dos bosques dos angigos Gaulezes, e das tribus guerreiras dos antigos Ismaelitas; penna embebida nas tinctas da poesia christã, lyra afinada pela musa de Jeremias, e ingenho inspirado pela convicção de seos sãoos principios, emparelhou com os mais distinctos escriptores da angiguidade, e conseguiu assentar a primeira pedra

d'esse monumento reedificado pelo nosso século arrependido, e desmoronado pela irreflexão de nossos antepassados.

O genio d'Alincourt, ás vezes mediocre, attinge comtudo á sublimidade n esses quadros, que tanto valor dão ao renegado; algumas das suas producções tambem têm um ar satyrico, e um estylo vivo e gracejador, que sobresahe em Ipsiboé, - satyra em que são comparadas as loucuras da idade-média ás do sabio seculo que nós (por modestia) chamâmos das luzes.

A Staël e Genlis deve a litteratura romantica da França algumas novellas de estimação; assim como sua rival, a britannica, se-ufana com as obras de Radcliffe; esta illustre escriptora seguiu em parte as pisadas de Hoffmann, dando em seos romances alimentos intellectual aos espiritos medrosos, que nas suas paginas acham copiosas narrações d'essas nocturnas divagações d'espectos, d'essas expedições de finados e phantasmas, que fazem tremer os mais desabusados positivistas.

Timidos, e sujeitando-se ainda a algumas regras classicas, os romancistas francezes comediam os vôos do estro, e raras vezes se-approximavam do phantastico, quando Victor Hugo appareceu, e soltou as azas de seo genio no vasto campo da imaginação, em que foi buscar essas personagens disformes, essas paixões exageradas, e characteres incompreensíveis, que, nos inrêdos de suas peças e novellas, tão exquisitos papeis representam; e se a irreallidade dos originaes de seos paineis não agradar a todos os leitores, nada comtudo poderão dizer em desabono das bellas descripções, que tanto valor dão aos quadros traçados pelo auctor de Nossa Senhora de Pariz – e de – Han d'Islandia.

Dramaturgo célebre, e espirito amoldado a todo o genero de composições, Alexandre Dumas levou o drama do palco do theatro ás paginas do romance: em suas obras os facos não se-ouvem narrar – presenceiam-se; não conhecêmos por descripção as personagens; estamos ao pé d'ellas, ouvímol'-as, e as-accompanhâmos em todos os actos de sua vida; e seo estylo singelo, linguagem fluida e adaptada a todas as circumstancias, dão interêsse incessante ás suas narrações, entre as quaes não podêmos deixar de citar como obras primas o – Conde de Monte Christo – e o Capitão Paulo.

No dominio das borrascas e dos ventos, nas ondas empoladas do oceano, sob a cobertura do lenho navegante, ou nos mastros do baixel embatido pela tempestade, foi procurar o genio de Cooper um theatro para os seos formosos romances. As novellas maritmas, outr'ora desconhecidas, vão apparecendo rapidamente na Europa; e entre os romancistas que cultivam esses genero, La Landelle tem mui distincto logar na eschola franceza. Os romances de Eugenio Sue, publicados com o fim de popularisar alguns principios de politica e socialismo, têm tambem grande valor pelo interêsse do inrêdo, louçania das

descrições, e engenhosa poesia; sua penna, menos animada que a do auctor das – Memorias de um Medico, não escreve com tanta presteza, mas suas idéias são mais profundas, e seu estylo mais florido.

Jorge Sand e Soulié têm também grande crédito entre os romancistas modernos; assim Balzac, Molé, Berthet, Julio Janin, de Bernard, Mérimée, Bulwer, Paulo de Kock, Féval e outros escriptores celebres.

Além d'esses fundadores e aperfeiçoadores das tres grandes escholas romanticas da Europa, varios ingenhos de grande nomeada têm plantado a arvore do romantismo em outros paizes, tirando d'ella preciosos fructos. Em Portugal os Srs. Herculano, Mendes Leal e Garrett; na Hispanha o Sr. Martinez de la Rosa e os mais distinctos escriptores; e enfim na Italia Manzoni, Grossi, e outras notabilidades litterarias nacionalisam em suas patrias este ramo de poesia.

O romance é o mais vasto e fertil campo que a litteratura offerece para ser cultivado pelo ingenho humano. N'elle se-incontra a historia da humanidade pintada com todas as côres brilhantes e baças, com todas as sublimidades e franquezas da natureza humana. O mundo é seu theatro, innumeraveis os seus actores, e dez séculos inteiros da historia da sociedade são o seu drama; magnifico é o scenario que o universo, nas suas tão diversas perspectivas, lhe-apresenta; sublime é sua poesia, que dimana da religião divina que observâmos; e grande é a sua missão na terra, que tende a libertar o povo do doinio embrutecedor da ignorancia, e a conduzi-lo pela vereda da illustração a um estado digno de sua natureza e do logar que occupa entre as obras de Deus.

Quando o povo escolhido, partindo os feros da escravidão, via perecer nas aguas do Mar Vermelho as turbas de seus perseguidores; quando, derribando os altares da idolatria, intrava da Terra de Canaan, fulminando as nações que se-lhe-antepunham; na hora solemne em que as tribus d'Israel se-reuniam juncto á arca da alliança, para commemorar e confirmar o pacto admiravel que unia os homens; n'essa época, que nunca mais voltará aos netos de Abrahão, em que divisavam no horisonte de seu futuro a conquista de toda a Asia; e depois quando a ira do Senhor os-condemnára a arrastar os grilhoes do captiveiro nas ruas da orgulhosa Babylonia: foi então que nasceu essa poesia, que o Altissimo inspirou ao ingenho immortal de David, á sabedoria de Salomão, e as propheticas theorbas (*sic*) de Moisés e Isaías.

Cultivada com esmero durante a opulencia do imperio hebraico, foi esquecida logo que Roma se-apoderou das bellas margens do Jordão; renasceu com o christianismo, e brilhou momentaneamente nos doctores da egreja; foi sepultada sob as ruínas da civilização antiga, quando os barbaros invadiram o imperio do Occidente; tornou a dar signaes de vida n'esse século a que os Medicis deram seu nome;

suplantada por instantes pela poesia classica, resurgiu com o bardo eterno d'Albião, e hoje está adoptada por todo o mundo civilisado.

Não é ella producção de estudo do homem, - ideada, cultivada, e polida pelo seo genio: ao contrário tão singella se-mostra nos primeiros insaios, como nas mais complicadas epopéas. Emanação do christianismo – é tão pura,e despida de artificiaes ornatos como elle.

Do crepusculo que expira, lançando um derradeiro alvor por sôbre a terra; da estrella d'alva que vem annunciar o dia em um céu assetinado, do qual se-apartam os outros astros, que vão buscando o poente; da aura que morre nas folhagens do arvoredado, e que assimelha os suspiros de uma saudade sem esperanças; na innocente onda que bate pela última vez na praia solitaria; no baixel mysterioso que se perde nas vagas do oceano; na nuvem que vai fugindo por um limpido céu; no regato que corre mansamente, murmurando as desditas do infortunio: já no sentimento perdido, e que deixa n'alma um recordar saudoso; já na idéa meditada de nossos males, que se-revestede um véo de poesia, antes de verter o desespero em nossa alma; enfim em todos os doces e incompreensíveis affectos de nosso coração, em todas as idéas que assomam a nosso espirito, que se-devem saborear e não analysar: vai buscar essa poesia a fonte de seos principios e impressões, que tanto nos sensibilisam, sem as-poder conhecer.

E se a poesia do romance é superior a todas as outras, innumeraveis são os grandes assumptos que em suas paginas podem ter cabimento. Dez séculos inteiros de romantismo lhe-legáram copiosa quantidade de gloriosas tradições, lendas e chronicas. E na mesma sociedade actual, apesar de seo todo assaz prosaico, tem elle extensa cópia de quadros poéticos para desenhar e colorir.

A qualidade de que mais precisa o romancista é de ter imaginação que a todos os generos se-possa amoldar; genio fertil e variado, que brilhe em todas as situações e com todos os characteres. São sem conta os papeis e figuras que tem de representar: orador na tribuna, plebeo entre as turbas, negociante no escriptorio, ministro no gabinete, guerreiro no campo de batalha, cavalleiro no incontro aventuroso, rustico em cabana de campones, erudito em observatorio de sabio, sceptico em residencia de philosopho, loureiro no camarim da namoradeira, palrador em juvenís companhias, e taciturno entre os conspiradores: deve enfim mostrar-se senhor de todas as scenas, tomar a si todos os papeis que derramar pela tortuosa e ingreme estrada em que o homemcaminha n'este valle de provação.

A França, Allemanha, Inglaterra e Hispanha – devem ao romance a illustração do povo que as-habita.

Emfim o romance é mina que tem sido superficialmente explorada, e ainda incerra inexauríveis riquezas. Entidade cosmopolita, é cidadão de todos os paizes, e em todos será recebido com inthusiastico acolhimento. Mas é mister que as ondas limpidas do lago se não mixturem com as aguas impuras da torrente: que o romance, apostolo da paz, não venha excitar as paixões descomedidas da plebe: Anjo de bondade, n'este século de ferro, virá então verter uma lagryma sensível no calice d'amargura, que o materialismo faz sorver continuamente á humanidade.

E nosso filhos, achando n'elle a historia completa do que éramos e somos, reconhecerão ter sido elle uma d'essas armas poderosas, de que o Omnipotente se serve para cumprir seus fins.

Sertão de Macahé, 20 de junho de 1848.

OPTIMUS CRITICUS (pseudonimo utilizado por Gonçalves Dias). “A Independencia do Brasil, poema do Sr. A. G. Teixeira e Sousa”. In: *Correio da Tarde*. Rio de Janeiro, edições de 28 de janeiro, 7, 11 e 21 de fevereiro e 31 de março de 1848, números 21, 28, 32, 64 e 72.

***O Correio da Tarde*. Rio de Janeiro. 28 de Janeiro de 1848.**

O Poema do Sr. Teixeira e Sousa. – Silencio funebre depois da sua publicação – Milton e o “Paraíso Perdido” – As artes no Brasil – O Bibliographo em ancias por achar um termo de comparação para o Poema “A Independencia” – Escolha judiciosa.

Esperava-se com anciedade o apparecimento d'esta obra tantas e tão repetidas vezes annunciada: era o Publico quasi diariamente informado de particularidades que mais serviam de lhe aguçar o appetite; sabia primeiro que o Poema tratava da Independencia do Brasil – depois que sahira adornado de todas as gallas da impressão – por fim que era dedicado a S. M. o Imperador. O assumpto poderia ser mais bem escolhido. Uns o criticaram, outros o defenderam: em ambos havia razão. – O divorcio de Helena produziu a “Illiada” e as bodas de Corimbaba deram materia a outro poema. A Independencia do Brasil foi ao mesmo tempo um divorcio e umas bodas: - divorcio do Brasil com Portugal, bodas do Brasil com a Liberdade. – Devia-se pois esperar que um Poema grandioso como a “iliada”, nacional como o “Tres dias de um Noivado”. O Sr. Teixeira e Sousa declarou que o seu Poema era em oitava-rima como a de Camões: cessou a controversia, cresceu a anciedade, e os incredulos emmudeceram. – Oitava-rima como a de Camões!...

Sahi enfim á luz do dia o tão desejado Poema: muitos o leram e ninguem lhe quis ser padrinho. Triste fado! morrer sem luta, sem gloria, sem epitaphio! morrer logo á nascença! – á mingua de ar como um asthmatico!... he a prova mais cabal, que eu saiba, do pouco que fazemos das letras. Pois um Poema em doze cantos, de assumpto nacional, em oitava rima como a de Camões, he cousa que appareça e desapareça como romance que não passa de um folhetim? – he cousa que se diga ou que se soffra? E quereis poetas e poemas, dramas e romances, cousas boas e bonitas para fazerdes pouco n'ellas... Pois ide querendo, que haverão muitos que vol-as dêem.

Perto de cinco annos consumiu o Sr. Teixeira e Sousa com o seu Poema; parece me portanto a obra de maior folego que modernamente tanha apparecido entre nós; occupar-me-ei d'ella e pedirei ao autor que não desacoroçoe que também o “Paraíso Perdido” demorou o bom tempo nas prateleiras de um livreiro, sem que viva alma se lembrasse de o ahcar; e o tempo, o grande vinagador, como lhe chama

Byron, reparou o immerecido esquecimento de alguns annos, tornando a palavras *miltonica* synonymo de sublime espere que assim lhe acontecerá.

Escreverei, pois, um juizo que valeraá em falta de melhro sobre a nova publicação de que tratamos: escrevel-o-ei com amor, longa e difusamente, saboreando oitavas e versos, phrases e palavras – não como quizera, mas como posso. Não me lembrarei das regras de Horacio, que já caducaram, nem de nenhum epico conhecido. – Que valem ellas? – Foram bons para o seu tempo, muito bons xse o quiserem; mas o romantico! oh! o romantico!... Não hei de pois comparar o Poema do Sr. Teixeira e Sousa com nenhum outro classico. O classico!... ora pelo amor de Deos!... Iremos aos modernos – aos modernissimos – aos podetas de hoje, - d'esses poetas havemos de escolher os epicos, de epicos escolheremos o que mais se assemelhar ao Sr. Teixeria e Sousa ao assumpto, linguagem, estylo e metrificação.

Quem he o heróe d'este Poema? – O Libertador. – Pois escolheremos outro Poema, cujo heróe tambem seja um libertador. – Christo, Godofredo, Napoleão! – Vede quantos e quaes! Estou que o nosso Epico approvará a nossa escolha! Pois escolheremos melhor: escolheremos um autor que não he conhecido entre nos, mas que bem o merecia ser; um autor que mistura o sublime e o grotesco de uma maneira assombrosa e nunca vista; comparemos o Sr. Teixeira e Sousa ao Sr. José Martins Ruas, em uma palavra – A “Independencia”, Poema em oitava-rima como a de Camões, á “Pedreida” Poema em dez cantos como os “Luziadas”: he o mesmo heróe, he o mesmo estylo, o mesmo gosto: e não nos taxem de cegametne apaixonado das nossas cousas se alguma vez dermos a palma ao Epico brasileiro. He grande o nosso *liberalismo*, mas bem grande he tambem o amor que consagramos a verdade: seremos imparciaes.

II.

Se o Poeta canta, que vos improta a vós saber o que elle canta? Assim foi de uso antigamente; os modernos, porem, á semelhança d'aquelle Medico de Moliere, trocaram tudo isso; pozeram o coração do lado direito, e palpíte se quizer.

O nosso Epico he romanticos; começou por ver um ente carregado de egregios triumphos, empenhado em gabas, em renomes, em louvores, ameno, engrinaldado de flores immuchaveis, *vulgo*, perpetuas – era o Anjo da Gloria! O Anjo da Gloria trazia um facha refulgente, lêu um letreiro que scintilava com fogo do ether – Ao Fundador do Brasileiro Imperio! – e n'esse meio em letras coruscante, leu mais – A' Independencia do Brasil.” – A tal vista o Poeta se electriza; cahira? ... Sim; mas recuar de medo!...

nunca: he uma queda gloriosa, um d'aquelles fracassos que enobrecem. Vinha agora muito apello uma estação:

“Icar cahindo co’ as dedalias plumas!

Não he isto:

“Nem a todos he dado versos fazer.”

“Santo entusiasmo se lhe desata dentro em seu peito, consagrado á Patria; - dilata-se-lhe um campo glorioso diante d’elle, o seu estro se arroja em lavas, - o fogo poetico o arrebatá.” – Boa viagem!

“Em extasis poeticos lá vòa

A gloria o inspira, solta o canto á tòa.”

(Est. 5.^a)

Musa de Homero, Musa de Virgilio, o Poeta brasileiro esta se ninando para vós! – Elle *invoca* a Musa dos Chistãos. – Licor da Castalia – some-te! – louro de Apollo – secate, muito embora! o Bardo não quer provar as tuas aguas, nem colher folhas no bicoleo monte. Elle *invoca* a Musa da Historia.

“Basta-lhe o premio d’a immortal Memoria

Posta em verso mandar prosaica Historia.”

(Est. 8.^a)

Vós Deuses d’Ascreu, Deuses de Homero,

“Plutão, Neptuno, Jupiter severo,

Juno, Minerva, Cytherea amena.

Baccho, Vulcano, Apollo, Marte fero,

Rhea, Ceres, Dianna, Hebe serena.”

“Ficai no vosso Olympo em paz sele’ta.”

Que rima aptunamente com Poeta.

(Est. 9.^a)

A decima oitava começa com o argumento. Vêde como o Poeta entra em cheio no assumpto depois do judicioso transtorno das *invocações* e do argumento! vêde como se sublima! – como he grandiloquo e corrente! – Há ahi armas e barões assignalados a par d’isto?...

“A Musa cantará, se poder tanto,

O sublimado heróe do Novo Mundo,

Que encheu a terra de elevado espanto,

Calcando o despotismo furibundo!

Digno de eterno ser no epico canto
Que espalhe o seu louvor n'orbe rotundo! & c.”

Depois de uma amplificação soffrivelmente grande, como d'aquelles que escrevem a carta no sobrescripto, remata como principiou.

- Cantará:

“Se a Brasileira Musa poder tanto.”

A *Brasileira Musa* he o Sr. Teixeira e Sousa, que definitivamente canta o heróe do Novo Mundo: isto he claro e explicito; mas o Poeta repisa, - diz que vai cantar o que já disse que ia cantar, e imperativamente ordena á Musa que o faça.

“Cantarás, pois, sublime, oh grave Musa! o sobredito e a Historia do Brasil como appendice. Talvez pareça isto *maçante* áquelles que não sabem que a maçada, como diz Byron, he o primeiro ingrediente da Epopea, e o Sr. Teixeira e Sousa segue a risca o preceito de tão grande mestres.

Depois do estribilho e ritornello, que faz maravilhoso effeito nas canções, - depois de duas invocações e dous argumentos, faz de novo o Poeta outra invocação ao Anjo da Poesia, que he “morador longo da Terra, mago filho do Ceo, amigo equevo do homem primitivo, incola da Terra, que tem, vasto imperio sobre as paixões, que vê mysterios nas regiões do Averno, que he rei superno da alma melodia – em summa – *grao porta-chaves do thesouro em que Deos guarda o Talento*.” Invoca mais o Anjo doa Guarda do brasil, e mais... e mais... e por fim a S. M.; - e remata com este tão modesto, quanto sublime *conceito*:

“Quando este canto o Vate deu ao mundo
Reinava no Brasil Pedro Segundo.”

Digno de reparo he o liberalismo e o patriotismo do Sr. Teixeira e Sousa. Invoca a todos os anjos da côrte do Ceo, e offerece o seu trabalho a todos os do *orbe rotundo*. Sómente os brasileiros e o Sr. Desembargador José Clemente Pereira não mereceram uma rima do Poeta! Seria porque se não pôde saber o numero dos offertados sem o soccorro da Geographia?!...

Voltemos á “Pedreida”. Como he inferior e mesquinho seguindo o velho caminho que já começa a cobrir-se de relva, a entulhar se de arbustos de tão pouco trilhado que vai sendo! não enjôa, he verdade; mas aquella pompa, aquella melifluo, aquella grandioso, aquella furia grande e furiosa do Sr. Teixeira e Sousa não vos merecem algum sacrificio? Ora, vêde como se exprime o autor portuguez, e collocai-me estas tres pobres estrophes a par das primeiras quarenta da Independencia rimada:

1.^a Argumento.

Eu canto o grão Monarcha destemido
Que, deixando o Brasil, o throno d'ouro,
E investindo o tyranno fementido
A regia fronte ornou do verde louro & c.

2.^a Invocação.

Vem, candida Verdade, Virgem pura,
Illustra-me co'um raio refulgente
D'esse sol & c.

3.^a

Mas a ti, Musa, e excelsa e magestosa,
Graça ainda maior quero eu rogar-te;
Aquella aurea trombeta sonora,
O amplo thesouro teu de engenho e arte,
Eu te peço me emprestes generosa,
Que a outros já cedeste em grande parte,
Ao Meonio primeiro e Mantuano,
Depois ao nosso Vate Lusitano.

Não são boas, mas são tres somente. As do Sr. Teixeira e Souza!... sei muito bem que são –
quarenta!

- Continuará?

O Correio da Tarde. Rio de Janeiro. 7 de Fevereiro de 1848.

Enorme fragmento da “Pedreida”- Os adjectivos e substantivos fomrados em linha de batalha, em duas oitavas da “Independencia” rimada, derrotam o enorme fragmento da “Pedreida” – Como com estes versos se prova cabalmente que o “*quaelibet audenda*” de Horácio (salvo o respeito devido ás Sagradas escripturas) destroem o proverbio de Salomão “*Nihil fieri sub solo novum*” – D. Pedro em Londres. – Diplomacia de Pamella – Dous versos do Sr. Ruas, tres Cantos do Sr. Teixeira e Souza – Artigos de preferencia.

III.

Alguem terá o louvavel desejo de ler algum pedaço da curiosa producção que tem por titulo “A Pedreida”. Já temos fallado d’ella, e os nossos leitores a não conhecem de certo, nem faze idéa do que ella he. Vede se podeis imaginar o todo por este fragmento, que não he despido de interesse; e não dareis por perdido o tempo gasto com a sua leitura, embora alguns homens se gosto pensem o contrario. Tambem não disputaremos sobre palavras, que por fim soam a mesma cousa; dizem elles que se perderia o tempo; pois eu accrescento – que será muito bem perdido, e não havemos de ficar mal, porue commungamos os mesmos principios. – Ahi vai “Pedreida” tal qual:

Canto 4.º

1.

“Da meia noite já passava avante,
Em Lysia a mente Pedro só [.]tava,
Com espirito ardente e vacilante
Nas desgraças da Patria meditava:
Infortunios em monte cada instante
Mente lhe suggeria, e apresentava;
Coração seu paria-se em fatias,
Vendo-se exposto a tantas tropelias.

23.

A ancora levantar Pedro então manda,
Joannetes, gaviões dal-as logo ao vento,
Despresando de cafres futil banda,
Vociferal-os deixa-os a contento:
Nos forte já revoltos tudo anda;
Os zefiros Fragata impellindo,
O Pão d’Assucar Pedro deixa rindo.

24.

Já Mrinos o mar vão achanzando,
A’ Liberal Argo aplainão a estrada,
Ante a prôa já cantão, vão brincando
Sobre a via d’azul ‘scuro, e salgada:
Da harmonia ao som já tudo encantando,

Marujos crião ter nova morada;
Adormecidos em um mar de rosas,
Se esqueção das mui caras esposas.

25.

Chegão aos Abrolhos com propicio vento,
Piloto os astros examina, e observa;
Do velho porto Pedro de contento
Manda dar, sem desfalque á reserva:
Marinheirada toma um novo alento,
Admirando licor de tal conserv:
Agradecem a Pedro tal lembrança,
Vivas soltando ao Duque de Bragança.

26.

Até a Linha ou Mar do Sargaço
Vento rijo a Fragata impellia;
Alli se tornou manso, brando, e escasso,
Fragata poz-se em pura calmaria:
Officiaes com voz forte, qual d'aço,
Ligeiros andar á marujaria
Fazião; escotas, ou velas içando
Joannetes, gaviás, ou v'lachos ferrando.

27.

Rolando d'estibordo, já a bombordo,
Em cima do convez tudo andava;
Qual os Phrygios outr'ora co' o Rei Gordo,
Quando no throno assento elle tomava.
Dos cabos trincadura, mesmo o morso,
A manobra veloz desconcertava;
Marinheiros já vião Libitina,
Despresavão, o que a arte lhes ensina.

28.

Mas por Minerva Oeste instigado
Termo pôr veio a tanta anciedade;
Este reinante n'alto Mar salgado,
Mui prompto obedeceu a Divindade;
Fragata por caminho azulado
Seguia já co'a mór celeridade:
Um marinheiro pega então da linha,
E o Piloto lancôu ao Mar barquinha.

31.

Com negro véo, (opaco, denso, e escuro)
Da morte a mãe Fragata encubriendo,
Cognita via já por trilho obscuro,
Britanos nautas ião proseguindo:
Furacão inesperado, e prematuro,
Fragata a soltas velas impellindo
Derramar fez o mais amargo pranto;
Gritavão a Thetis com um fervor santo.

33.

Furacões, pedraceiras e juvascos,
Gavias pondo partidas, e esgaçadas,
Joannetes rotos, feitos mil pedaços,
Os mastareos, e antenas desb'ratadas,
Tudo estando posto em 'stilhas, retraços,
As bordas falsas mesmo arrombadas;
Fragata se suppunha ir ao fundo,
E immersa ser no Pelago profundo.

35.

Pedro á cuberta sobe mui ligeiro;
Mas que espectáculo então observa!
Aqui atado vê um marinheiro
A's enxarcias, co'o frio as mãos esfrega:

Alli já o expirante, e derradeiro
Suspiro a outro vê dar, cauza a refrega
D'Elementos! Sim quase agonisarem
Todos, desesperançando o se salvarem.

36.

Em mastros reaes, sem pannos, ou velas,
No convez tudo razo, e sem defensas,
Os marujos co'as faces amarellas,
Pedião a Deus indulto das offensas;
Mas a vista do grão Pedro as procellas,
(Furacões, pedraceiras, nuvens densas)
Tudo s'accalmou; sómente rugião
Ventos que la ao largo ainda zunião.

37.

Viu no cimo das ondas, não mui longe,
Em concheo carro, tridental a vara
Na dextra, barbas, qual d'um velho monge,
Concovelando com voz forte, e amara,
Decano veloz, qual bala do bronze
Expedita, que a tudo ella separa,
Tempestades, coriscos 'sconjurando,
Com quasi rouca voz alto gritando.

38.

Este de côr bastante escura, e bruno,
Tendo um cinto de azul entre-bordado.
Ninguém era senão o Deus Neptuno,
Que impera em todo o largo mar salgado;
Que movimento vendo importuno,
No cimo do Imperio Azulado,
Logo observar veio quem tal mandava;
Sem ordem sua as ondas agitava.

39.

Ligeiro a superficie subindo,
Com E'olo de cara a cara dando,
Este a fugir co'os ventos logo indo,
Neptuno corre atraz delles gritando.
- Com que ousadia esta-se ora impedindo,
A quem por meo concessão navengando
Na superficie deste meu Imperio,
Ser vai executor d'alto mysterio?

40.

Que petulancia é esta? que arrojo?
(Disse Neptuno) e desvergonhamento?
Deixando de montanhas altas bojo,
S'ultraja sem o meu consentimento,
Lançar querendo em profundo fojo
A quem dos Deuses é claro instruemnto?
Neptuno tantas coisas foi disendo,
Que impossivel é i-las descrevendo.

41.

Os Ventos de Neptuno se evadirão
Com ligeiresa tal, ou v'locidade,
Que reprehensões poucas d'elle ouvirão,
Por a gurga veloz, celeridade;
Mas o peso das fallas bem sentião,
Pois ditas erão com severidade:
Procurando elles logo o esconder-se,
Nunca mais em seu Reino o intrometter-se.

43.

Como as nuvens delgadas se ião pondo,
No ar um corpo negro devisarão
Os marujos; e logo ao forte estrondo

De sua voz cabellosse arripiarão
Este fantasma medo a tudo impndo,
desde que fallas suas retumbarão
Era a horrida e fea escravdião,
Que ada Tyrannia e gula e pendão.

44.

De algumas tinh as mão bem recheadas
Erãso raros, e mui alvos os seus dentes,
Mui largas, e disformes as queixadas,
Tendo os cabellos soltos, e pendentos
Ao coloor mas co'as pontas carepadas;
No cimo da cabeça grandes pentes;
Mui longos, e negros os seus braços,
De cobre por anneis tendo pedaços.

45.

O corpo era asqueroso, e nauseando,
As pernas mui desformes e alongadas,
Ora movendo-as, ora as estirando,
Com as partes pudendas bem tapadas:
Uma tanga trazia, assemelhando
Em parte as Africanas malfadadas,
Que no podêr dos Brasileiros cahem,
Pois pudor virginal logo lhes trahem.

57.

N'isto o fantasma retinniu algemas;
Rangendo os dentes olhos revirou,
Vaticinando duros males, penas,
Da presença de todos se ausentou:
Co'estes discursos, com taes 'stragemas,
De Pedro espirito em vigor dobrou;
Como só de Minerva ordens seguia,

Fantasma despresou, e sua ousadia.”

Não sei de cousa melhor, a não ser duas oitavas do Sr. Teixeira e Sousa, uma de adjectivos, outra de substantivos; a primeira, igual á melhor d’estas; a segunda, superior a tudo: não quero que haja nos antigos nem nos modernos cousa que se lhes compare.

Oitava de adjectivos:

“É em geral o povo Brasileiro,
Polido, delicado, e talentoso,
A isto acresce o dom de hospitaleiro,
Franco discreto, nobre, e generoso,
Fido, prudente, grato, e verdadeiro;
Nos perigos maiores valeroso;
Da cruel oppressão sempre inimigo;
Da Patria, e de seus reis fiel amigo.”

(C.3, St. 68,)

Não vos agradou?!

Oitava dos substantivos.

“Ahi forão achados os Mixteques,
Abypons, Aymaras, Araucanos,
Guaraunos, Oyapis, Zopoteque,
Esquimaos, Abbitibes, Peruanos,
Guaranis, os Muskohges, Chapaneques,
Kechinqueles, Apaches, Mexicanos,
Dacotas, Shosbonees, Moscos, Miamis,
Mandanes, Moxos, Kachis e Othogamis.”

(C. I, St. 122.)

E ainda ha quem se adire de haver o Sr. Teixeira e Sousa consumido cinco annos com o seu Poema!

Seja-me licito rematar este artigo, alguma cousa crescido, com uma lucidissima observação sobre a differença d’estes dous engenhos. – No final d’este mesmo Canto da “Pedreida” acha-se D. pedro na Inglaterra – pasma do zimborio de S. Paulo, dos homens por debaixo do Tamisa, e sobretudo – dos jardins

brilhantes, dos lagos no meio dos terreiros, e da iluminação a gaz. Pamella o vai receber, e entre elles se passa este interessante colloquio:

“Pedro a Pamella, qual Pyrrho a Cyneas
Quando o mandou a Roma d’enviado
Pamella, (lhe diz) não penses ou creas
Pois, que te fallo como admirado,
Quero m’exponhas, visto o não receas,
Teu juizo sobre este Potentado.”

O que faria o Epico Brasileiro n’estas circumstancias? Tenho que improvisaria 3 cantos de 150 oitavas cada um, e em um muito agradável episodio nos contaria a historia ingleza desde o dominio dos Saxonios até o renado da Rainha Victoria; porquanto, como diz o Poeta, “ate cabem n’este genero de episodio cousas que todos sabem.” O Sr. Ruas cortou o temeroso nó gordio com este memoravel distico:

“Londres he Patria de Reis (diz Pamella)
Do resto agora ajuizar por ella.”

Grande Pamella! nunca me passou pela idéa que fosse tão fino diplomata! Dous versos como estes ou tres cantos em oitava rima como a de Camões!... Affirmamos em boa consciencia que a “Pedreida” se póde ler por gosto, em quanto a “Independencia” rimada, visto como he a historia de todos os Zapoteque e Kachinqueles da America, todo o Americano deve... He melhor articular Provarás:

P. que ha livros sublimemente ridiculos que causam riso, como a “Pedreida”, e livros limadamente enfadonhos que causam somno, como a “Independencia”.

P. que he melhor velar á força de riso, que dormir á força de papoilas.

Pede-se o recebimento.

O Correio da Tarde. Rio de Janeiro. 11 de Fevereiro de 1848.

IV.

Primeiro Canto da “Independencia” rimada; primeiro Canto da “Pedreida”- Como os grandes genios se encontram, e como se desencontarm – O Critico engasga se com uma citação, e para cobrar animo estende-se por ahi além com descripção pomposa de uma mata virgem. – Mata virgem infernal do Sr. Teixeira e Souza: tempestade diabolica do Sr. Ruas – Como o que antigamente se chamava “idealmente bello” deve hoje chamar-se “imaginariamente bonito” – Velho mysterioso vestido de cascas de arvores que

le a *buena dicha* a D. Pedro, e canta-lhe o *Te Deum laudamus* – Mãos de Mestre – A Discórdia do Sr. Teixeira e Souza: a Anarchia do Sr. Ruas – Paralello curioso.

“D. Pedro, Regente do Brasil, parte para Minas, onde havia rebentado uma *rusga* perde-se em um bosque, encontra um velho que alli faz penitencia por haver mal combinado os seus planos em politica, e que lhe prognostica o futuro. D. Pedro, de connivencia com o autor, para estirar o canto além das cem oitavas, sendo rogado pelos companheiros tambem conniventes, para narrar a historia do Brasil, faz um exordio de Mestre de Rethorica, fallando pela boca do Poeta, e acaba com algumas reflexões sobre o descobrimento da America; - reflexões profundas e cheias de senso fóra do commum que Kampe, Robertson ou outro qualquer mais pintado que fosse não seria capaz de as achar, nem que as procurasse á luz do Sol e da candeia, como Diogenes procurava o seu homem.”

- “D. Pedro, ainda no Rio, medita sobre o estado de Lysia, e procura afficto na solidão do cmapo aliviar sua alma opprimida. Guiado pela mão da Providencia, como no Poema do Sr. Teixeira e Souza, interna-se por um espesso bosque no meio de raiso e de trovões; recolhe-se a uma caverna,le um oraculo gravado nas paredes da gruta, razão porque adormece. Minerva, que o apanha dormindo, apparece-lhe debaixo da figura de Palas e narra-lhe pelo miudo os successos futuros. Rebenta uma *rusga* no Rio, e D. Pedro embarca-se para Inglaterra.”

O primeiro argumento he da “Pedreida”, o segundo da “Independencia” rimada. O amor da verdade nos obriga a confessar que d’esta vez, o segundo foi mestre do primeiro: temos as mesmas divagações pelos bosques, as mesmas proscipções por causa politica, os mesmos encontros maravilhosos, e por fim as relações do futuro.

Não se irrite o nosso Epico de ouvir que a sua Musa claudica na invenção, lembre-se de que –

Aliquanao bonus pater claudicat...

Aliquando pater dormitat bene...

Aliquando... o que?

Aliquando até os optimos criticos como nós somos, se esquecem da citação que ia sahir victoriosamente dos bicos da penna, como espada tersa e polida de uma bainha comida de ferrugem.

Claudica na invenção, he certo; mas na execução... oh! na execução he que o Sr. Teixeira e Souza achinella, afunda, suplanta, abysma o seu rival! Não nos esqueçamos que a imaginação he o seu fraco, como o seu forte são os episodios: aqui he sublime, tem azas, vôa... sim, senhores, vôa como ave

palmidpede – como um cysne! Estou até a dizer que nem nas invenções claudica... e os seus anjos, as suas fúrias, e a sua “mata-virgem”!

Nobres Fluminense, vós que só acaso tereis visto algumas vezes a pirâmide sombria do Pão de Assucar, - que só de longe, ao quebrar de alguma esquina, vistes o Corcovado ou outra montanha semelhante com algumas arvores nos cimos como punhado de cabellos que por mercê de Deos se mostra no cocoroto de uma calva respeitável; nobres Fluminenses, sei que passais a vida á porta da Alfandega entre caixões e fardos, que viveis em chacaras pelo amor que tendes á vida do campo, que ides impreterivelmente todos os domingos pagar o vosso tributo de admiração a nossa grandiosa Natureza exposta officialmetne nas alamedas do Jardim Botânico; mas sabereis o que he uma floresta virgem? Já vistes um barrigudo (porque não elle em vez de outra arvore?! um barrigudo gigantesco que se alevanta liso, pardacento e sem galhos, como foste desmedido de uma columna que no tope de desmancha em caprichoso capite de flores) – Não o vistes? – Não! E as bananeiras em grupo que amam de eapanear ao Sol as flohas verde-assectinadas – as palmeiras que embalam os leques ao rugido das vagas – a sapucaya que beija a terra com o peso de seus fructos – as heliconias que nascem nas leziras dos bosques, espalhando nas aguas pantanosas as folhas verdes oblongas e as flores côr de braza – e as bromelias parasitas com penachos de flôres escarlates: já as vistes? Tambem não! – E aquelles troncos gigantesocos, escabrosos, cobertos de musgo aveludado – e as copas das aravrores frondosas e floridas, travadas de cipós – os cipós a emaranharem-se com as trepadeiras – as trepadeiras a penderem dos cimos de verde folhagem, a embalarem-se ao sopro do vento, a ciciarem frescas e mimosas, tapetando a terra de folhas e sombras, enchendo o ar de arruידos e murmurios – e o chão alastrado de relva, e os arbustos que verdejam e os arrementos que se multiplicam viçosos, tudo isto coberto de insectos multicores – povoado de aves pipilantes, cheio de viço, cheio de frescor, cheio de vida, tudo, tudo grande e simples, tudo gracioso e bello, tudo magestoso e vario: já o vistes? Tambem não! – E aquella solidão profunda, aquelle silencio que agrada – só interrompido de quando em quando pelo cantar d euma ave desconhecida – pelo rumorejar da viração, epl cahir das folhas, pela queda de catadupa longiqua – e aquella voz da Natureza que se escuta, onde se não faz ouvir a voz humana – tão forte, tão expressiva na sua mudez: tambem a não sentiste nunca? – Não! Pois lêde a floresta virgem do Sr. Teixeira e Souza.

“Aqui, diz elle, um só caminho não tem norte, ave do dia não canta nem adeja, uma Styryge não estridula um guicho forte, noitebó sepulchral, geme piamente: e n’este benefico chão e ar de morte não ondula um só raio de alegria, mosqueados tigres mais que horrendos bramavam; escamosos, tremendos

Dragões silvavam; - berravam sapos, coaxavam rãs em verdes peçonhentos lagos, onde serpes faziam pavoroso estrago.”

Vêde quanto ahi vai de imaginario e bonito!

Imaginario e bonito!... Uma digressão: vamos provar cathegoricamente que havemos feito um felicissimo achado!

Dizem que o grande Pygmalião, quando pela ultima vez assentou o escopro na estatua da bella Galathea, e que a viu luzir quase viva e palpitante nas suas roupagens de marmore, sentiu que se lhe destendiam os musculos, e de joelhos adorou a sua obra. Dizem mais que o vadio de um menino de muito preguiçoso que era, deu a idéa das valvulas de segurança. Seja-nos, pois, licito esperar que fomos tão felizes como aquelle menino, e adorar de joelhos a nossa obras, como faz qualquer artistas. O bonito imaginario he na escola moderna o que na antiga se chamou “bello ideal”: o *supra sumum* a que podia attingir a razão, produzindo, era o ideal; o perfeito da execução do trabalho chamou-se – o bello; era, pois, o “bello ideal” a expressão a mais alta da intelligencia, encarnada quanto possivel no trabalho do artista. Os modernos, porém, que descobriram o uso do vapor, não se podiam sujeitar á razão, que he uma cousa fria e pode demais pesada; foram se á *imaginação*, que he uma especie de fogo erratil, que a luz aqui, alli, vario inconstante, mas *bonito*. Assim, estas producções devem ser imaginariamente bonitas, como aquellas era – idealmente bellas -; mas algumas vezes trocam-se os effeitos. Em Homero, por exemplo, aquelle sumptuoso banquete dos heróes da Grecia, aquella figura de Tersites - tão côxo dae alma como era de corpo -, he imaginariamente bello. Em Victor Hugo também – aquelle Triboulet feio e bom, aquella Lucrecia Borgia bella e má – as idéas de pai e mãe, - de feio de bello – de bom e máo -, ligadas estreitamente por um casamento subsquente para legitimação d’aquellas composições bastardas, - estas duas creaturas m’uma só creatura, ‘esta criação hermaphrodita e bizarra – he idealmente bella!

Comprehendestes? Isto he mais simples que uma pagina de Kant. Vamos á applicação, e veremos se ainda nos podeis alcançar. Dizemos que o plano da “Pedreida he idealmetne bello, e que o Poema do Sr. Teixeira e Souza he – imaginariamente bonito. – Grande cousa he o talento! Não queremos egotar a materia, porque tencionamos publicar com toda a brevidade um sublime tratado “Do bonito imaginario” que hade merecer a approvação dos nosso homens grandes – o que he facil – mensão honrosa no orçamento proximo futuro, o que ainda he mais facil – e uma commenda qualquer, o que he, sobretudo, facilimo. – Assigna-se nas lojas de costumes!

Comparando: façam-nos o favor de comaprar a “floresta virgem” do Sr. Teixeira e Souza com a “tempestade” do Sr. Ruas. (Vide o n. 3).

D. Pedro extraviando-se na tremenda mata viregm do Sr. Teixeira e Souza, encontrar um velho mysterioso, vestido de cascas de arvores, que lhe lê a *buena dicha*; acabando, foge, entranha-se por uma gruta, - em quanto D. pedro, da parte de róra, escutava com pasmo o vagaroso cantocho de um santo hymno que lá dentro reboava. Dizia a voz:

Te Deum laudamus

Te Domine, Confitemur!...

E piedosa ou impiedosamente, recita o bom do velho a sua oração de cabo a rabo.

Havemos já agora de ramatar este artigo com a brilhante pintura da Discordia que tem de passar á posteridade por algumas das cem bocas da buzina da Fama.

“Ha um demonio fero, e horroroso
Dos habysmos talvez mais torpe, e feio:
Seu olhar atrevido e rancoroso,
Inspira o nome seu suto e receio:
Desgraças, e ruinas odioso
Transborda sempre do vipereo seio,
Inimigo da paz, do bem da terra,
Por onde quer que passe, espalha a guerra.”

(St. 46.)

Assim foi inspirado o Sr. Ruas, quando traçou o quadro funebre-brilhante da Anarchia:

“Anarchia coás tetas desmamadas,
Na esquerda uma mui velha pistola,
As vestes tendo rotas, ‘sfarrapadas,
De punhais cheia tendo uma bandola:
Os pés descalços, mãos ensangeentadas,
Mostravão o instrumento da degolla;
E no discurso a Tyrannia dito,
Mostrou bem infernal genio, e maldicto.”

(C. 2º - 26.)

Que notável coincidência! Por força da rima, o Sr. Teixeira e Souza que já chamou *odioso* o demonio da Discórdia, chamar-lhe-á também *odiento* na oitava seguinte, por que precisa de uma rima em *ento*:

“Satan não tem ministro mais cruento,
De todos odiado, he odiento.”

Se a rima fosse em *ado*, diria:

“Satan não tem minisro mais zangado,
Odiento, he de todos odiado.”

Se fosse em *avel*:

“Outro demo não ha mais implacavel,
De todos odiado, he odiável.”

E assim por diante.

“Gofrido lhe chamára, ou já Gofrodo,
Ou Gofrado, ou Gofrudo, a instar-lh’o a rima.”

O Sr. Ruas, que não sabe tanto portuguez, não dá as palavras um sentido esdruxulo e incoherente; cria palavras suas: ao menos isto he riqueza de linguagem. Precisa de uma rima em *ola*, e quer empregar a palavra *degolação*, dirá:

“De punhais cheia tendo uma bandola,
Mostrava o instrumento da *degola*.”

Se a rima fôr em *olo*, verá meios e modos de empregar a mesma palavra:

“Ellas então ao jugo enregam o collo,
Vilmente sujeitando-se ao *degollo*.”

De *jorros* faz *churros*, para rimar com *urros*, - de *grilhões* faz *grilhos*, para rimar com *filhos*, e outras gentilezas d’esta ordem que se encontram nos Épicos modernos. Mas no que ambos são grandes e inimitaveis, he no final das oitavas – *Arcades ambo*!

Continuará?

O Correio da Tarde. Rio de Janeiro. 21 de Março de 1848.

V.

Que um pobre crítico atraz de um autor de vôos espaçosos he bem semelhante a um botezinho a jogar cabriolas traz de um barco de vapor da primeira força. – Que o crítico não teve a dita de fazer descoberta alguma, que apenas teve olhos para ver semelhanças, onde ellas realmente existem, entre o cysne brasileiro e o cysne luso. – Finaes das oitavas: A Geographia, a Historia e o bom senso fintados pela Poesia dos Srs. Rua e Teixeira e Souza. – O Sr. Rua jurou guerra de morte aos artigos; o Sr. Teixeira e Souza tortura barabamente artigos e pronomes. – estas suas joias do falecido Dr. Syntaxe. – Como estes dous cysnes são aguias – como estas duas aguias estão atadas pelas costas fingindo não saber da existencia uma da outra – como estas duas creaturas fazem uma só pessoa, visto que para ambas ha uma só corôa, como por exemplo se pôde ver nas armas da Casa d'Austria.

Improbo e duro he o trabalho de um pobre critico, que tem de se despojar da sua individualidade, de identificar-se com o autor predilecto, de viver coma sua vida, de respirar a athmosphera de poesia e de fogo, que elle respira, e de alimentar-se de ambrozia, de perfume, e de essencias. São ás vezes naturezas rebeldes e grosseiras, antipodas das salamandras, que enjoam a celeste ambrozia, e a quem trava amargores de fel o nectar dos deoses, nem que lhe seja offerecido pela deosa da Juventude – a mimosa copeira do pai dos homens e dos numes.

Pobres dos criticos! Pobres de nós!

Dura he a nossa tarefa mal apreciada, e improbo o afan com que tentamos seguir os vôos das aguias altaneiras; somos como bateis de fundo de prato, rasos e sem quilha, amarrados, bem amarrados, a um barco de vapor movido pela bagatella da força ahi de uns trezentos cavallos: - voam máu grado seu, fogem por sobre as ondas, aqui empinando-se, alli precipitados no abysmo das vagas, ate que enfim uma onde descaroavel o o separa violentamente do barco-mãe, e vai dar com elle á costa pelas praias desconhecidas de estranja, já tão inutil e tão sem prestimo, que não he barco, nem lenha, nem coisa que tenha serventia.

Ai dos bateis! e ai dos criticos!

E não só improbo e duro he o nosso trabalho, que bem ingrato se torna elle ás vezes. Cyreneos voluntarios, hasteamos o pendão fulgurante dos que pretendem eternisar-se com as artes da Alemanha: depois de muito suar e de muito lidar, esfalfados d'alma e de corpo, chegamos, quando chegamos, ao aleaçar da Gloria, onde deparamos com os manes severos de Home ou Dante, que nos embargam a entrada do portico magestoso, requerido em nome dos nossos constituintes, repetindo aquelle pavoroso –

Non este hic – que ficou gravado na memoria dos homens, porque se não poderia lêr certo na pedra revolta do tumulo de Christo.

Durissimo, improbissimo, ingrattissimo trabalho!

E quando o pendão he recebido em ovação solemne, quando no meio dos canticos e dos aromaticos thuribulos se divinisa o busto do adepto aventurado, julgais vós por ventura que Phidias ou Canova, ou algum outro d'esse figurões de escopro e malhete, que constituem a parte aristocratica de colher e caliça – vulgo, pedreiros – venha logo diligente e pressuroso gravar no cocco da estarua divin9isada o nome dos Aristarcos? – Não: bem sabem elles que os Aristarcos devem encomios aos Homeros, como os regatos devem aguas aos rios. Mas os Homeros?... oh! que esses não se esquecem, não; - pedem logo que os Zoilos sejam amarrados, encorrentados, encoleirados a porta do alcaçar, e que digam nos seus ladidos: “Aqui estaremos por toda a eternidade, latindo como agrora nos vêdes, porque outr’ora tivemos o descoco de abocanhar os veros immortaes de um afin do Padre Homero em quinquagesimo gráu!”

Ainda bem que não somos Zilos!

Notaremos de passagem que para os afins do Padre Homero não se contam os graus de parentesco pelo direito canonico, mas sim pelo direito das Musas, que, não fossem ellas mulhres! – nem sempre dão o seu a quem o tem. – Musas! Musas! Qual seria ahi das nossas donas perluxes e dengosas, que não desfallecesse de puro horror ao ver tantas caras enrugadas, engilhadas, amarelladas como pergaminho secular, - de todas as côres e tamanhos, de todas as formas e feitios, - tantas calvas despropositadas – tantas feições horrendas, tantas figuras grotescas, tantas formas coxas da natureza humana dos que chamamos os vossos predilectos?” - Musas! Musas! que bem mau gosto que tendes!

Revelai-nos estas disparatadas digressões que por agora não temos individualidade, identificados como estamos com o autor, cuja analyse fazemos. Deviamos, he certo, encontrar *ex-abrupto* em materia, e desde o começo estrellar magnificamente este nosso brilhante artigo litterario com as oitavas da “Pedreida” e da “Independencia Rimada”, n'esta continuação ha muito promettida, por muitos desejada, e demorada até agora por muitos e ponderosos motivos, que por ventura sahirão á luz publica algum dia que tambem elles fazem parte d'esta obra prima de critica litteraria imparcial, que com tanto amor elaboramos.

Vamos ao final das oitavas.

Diz o Sr. Teixeira e Sousa:

“Pois o meu estro é meu Liberalismo,

* O Sr. Teixeira e Souza tem direito a ser predilecto das Musas.

A minha Tuba o meu Patriotismo”

C. 1. St. 25.

“E tendo-o conquistado o Servilismo,
Nelle dar leis o negro Despotismo!”

C. 1. St. 41.

Agora o Sr. Rua.

“Aqui tendes o puro Liberalismo
Ou o torpe, execrando Despotismo.

“C. 3. St. 56

“Pois os rasgos seus forão de heroismo
Nascidos só de um puro Patriotismo.”

C. 9. St. 37.

Sic de coeteris! – são favas contadas. Os poetas liberaes acham particular sainete na rima obrigada de *liberalismo*, *patriotismo*, *heroismo* – enfim as coias boas em “ismo” com *fanatismo*, *despotismo*, *fatalismo* – enfim as coisas más com a mesma desinencia.

E ainda haverá quem diga que somos acintosos pelo facto de acharmos relações de similhaça, onde essas relações existem? E porque o dizem? porque são uns cabeças de vento, pecha de que Deos nos livre e guarde, homens que se não compenetraram das coisas, e que nem que os matem dirão que um / he um /, uma vez que lhe não vejam o ponto distinctivo: e por que o Sr. Rua está no velho mundo, e o Sr. Teixeira e Sousa no novo, não vêem os pontos de contacto que há entre elles! Meus Deus! e onde esta o Sol quando a Lua brilha magestosamente pelo azul do espaço? E obsta a distancia a que a Lua não reflecta a luz do Sol?

Quando o Sr. Teixeira e Sousa diz em uma rigorosa gradação:

“Canto um heróe, um pai, um ‘sposo canto!”

Não foi evidentemente inspirado por esta outra gradação do Sr. Rua

“Jardins, Palacios, Monumentos, Hortas”

Foi por certo, e se não vejamos.

Um heróe he menos que um pai, ninguem o nega – sobre tudo em um Poema epico, que em um Idyllo mudavam as coisas de figura.

Um pai he menos que um esposo: para prova lê-se qualquer epithalamio: outra prova ainda maior he que na proxima edição que sahir do Virgilio se ha de mudar o character do Padre Eneas, como

defeituoso que he, no quadro em que esta. Eneas não hade carregar com o pai as costas; andará catrafilado ás saias da suas querida Lindoya, e que venham os Trioanos accomettel-a!

Feita esta importante modificação de então parto todo sempre não será jamais appellidado o *piadoso Enéas*, porem o deliciosissimo do *Padre Enéas*.

O Sr. Rua diz que Jardim he menos que Palacio; Palacio menos que monumento; e Jardins, Palacios e Monumentos, com letra grande, tudo isso menos que uma – horta.

Tem muita, tem toda a razão; mas se elle dicesse:

Templos, Palacios, Monumentos, Hortas.

Oh! que então o Sr. Teixeira e Sousa lhe mandaria pode puro enthusiamso *ex abundantiaque cordis*, uma epistola sentimental e arrebatadora: assim, pouco mais ou menos:

“Cá das ribas do florido Janeiro,
Aonio, que tambem consultas as Musas,
A quem Apollo entreteceu-lhe o berço
De brandas plumas de canoros cysnes
A vinte oito de Março em Cabo Frio,
Por tuas gradações, ó bom Josino,
Por teu canto immortal, as mãos te beija.

E teria motivos para muito mais.

Não foi o Sr. Rua quem aventou aquella idéa brilhante dos contrarios em “ismo” subjugados por força da rima no final das oitavas? Não foi o Sr. Rua quem fez aquelle achado de rivalisar com Camões, escrevendo um Poema em dez Cantos – idéa modificada por outra do Sr. Teixeira e Sousa de escrever em oitava rima, como a de Camões? Não foi ainda o Sr. Rua que tomando ao serio um artigo do Sr. Castilho na “Revista Universal Lisbonense” quando foi do apparecimento do seu Poema, enfesou e disse blasfemias contar o pobre de um critico, que, de curioso que era, se lembrou de lhe fazer vêr que o artigo era de chalaça, - como se tem enfesado o Sr. Teixeira e Sousa, e blasfemado estes innocentissimos artigos, que só tem por fim que a sua mimosa producção não morra de morte asmathica e aborrecida, - a mais aborrecida, a mais desgraçada de todas as mortes? Não foi por fim o Sr. Rua quem recorrendo a Historia e a Geographia, compondo palavrões de arroba e meia, suscitou ao Sr. Teixeira e Sousa a

felicissima lembrança de recorrer tambem aos historiadores da America e a Geographia para vencer a quase insuperavel difficuldade da contextura e do fecho que uma oitava?

Assim, por exemplo, diz o Sr. Rua:

“... Na antiga França e Rob’spierrada,
E na Inglaterra a dira Cromwellada.”

C. 3. St. 29.

“Ao porto dirigir a retirada.
E seguir-se d’aqui a Belfastada.”

C. 5. St. 38.

O Sr. Teixeira e Sousa que não he homem de ficar atraz de quem quer que seja, em qualquer genero que seja, diz tambem com graça e gentileza:

“A Historia com trez nomes o indica
de Zube, Nemguetheba, e de Bochica.”

C. 2. St. 38.

“Por trez nomes tambem se conhecia,
De Jubeayguaya, de Huithaca, e Chia”

Id. St. 39.

Tambem em Geographia prima o Sr. Rua:

“Pelos Gallos aos Lusos em Dynan,
São Malo, Rennes, Laval, São Servan.

C. 6. St. 32.

Agora o Sr. Teixeira e Sousa, que he divino em tudo:

“Após de viagem tão medonha”
Foi ao “Diccionario Geographico”
“Subiu valente até Jequitinhonha”

C. 1. St. 57.

Estas, antes que, o golpho mexicano
O mar que forma, sobre as costas suba,
São: Porto-Rico, Hayti, Jamaica e Cuba.

“C. 2. St. 23.

Estes trez ultimos versos servem para exemplo do que ha de mais bello e inintelligivel em Poesia.

Não podemos contudo deixar de notar a estrophe 116 do Canto 1.º, em que amplamente se discute a opinião dos antigos sobre a existencia do novo mundo:

“Mas caso sera fallaz *novella*

Aquella de um paiz longo affastado,

Estrangeiro, do qual affirma *Mella*

Ser occidentaes costas lançado?”

O Sr. Rua no seu Poema, empregando uma vez a palavra – *fantoma* –

“Esquipatica marcha de Mafoma,

Qual estupendo e horrido fantoma,”

acrescenta esta nota: “Fantoma, termo francez, que quer dizer fantasma.” Consta-nos que o Sr. Teixeira e Sousa annotará o seu poema no fim do segundo volume e que alli se lera: “Novella, termo francez que quer dizer noticia.” Novella aqui he uma especie de fantoma, necessario para rimar com Mella; e nem duvida o cacophaton que antes com *Mella* que *mamella*.

A grande similhaça que ha entre os dous illustrissimos, benemeritissimos e apreciabilissimos autores, como lhes chamaria a “Revista Universal Brasileira” que Deos haja em sua Santa Gloria, he que o Sr. Rua inimigo, como he dos *Migueis*, declarou guerra ainda maior, ainda mais terrivel, ainda mais implacavel aos argiso: não os quer ver! O Sr. Teixeira e Sousa jurou aos seus deoses torcer e apoquentar os malfadados pronomes, fazer-lhes uma guerra de Albigenses – fogo e tortura: - andam em passo de cão para traz e para diante, como soldado bisonho em exercicio, e acertam logo os maldictos em ficar sempre onde exactamente o uso da lingua os não pode suportar.

Em resumo: - O Sr. Rua e o Sr. Teixeira e Sousa são como as duas aguias das armas da casa da Austria prendidas uma a outra pelas costas, de azas abertas, de bicos recurvados, com as unhas ferradas na terra, e os olhos pregados no sol: vêem todos que ha uma só corôa para ambas, e que as duas fazem uma; porém cada uma d’ellas suppões que está livre, e bem livre, - que poderia voar só, e bem só, - e até que poderia viver sem a outra cuja existencia nega e negará por todos os seculos dos seculos, em quanto.

Entre as duas aguias ha esta só differença – que o Sr. Rua deve estar furioso, em quanto, consta-nos, o Sr. Teixeira e Sousa se encheu, com toda a razão, de ufanía e de orgulho – por este consórcio obrigado, que elle, o Sr. Teixeira e Sousa, reputa como honra que he, grande – e pouco merecida, diz elle com a modestia, que todos lhe conhecemos, mas ninguem o acredita.

Continuará?

O Correio da Tarde. Rio de Janeiro. 31 de Março de 1848.

VI.

Epílogo.

Epístola que o *Optimus Criticus* dirige ao autor do “Parnaso Brasileiro” por não ter acrescentado à sua collecção alguns trechos do poema-colosso – quer convence-o da clamorosa injustiça que fez a nosso Poeta com este esquecimento; crê ter alcançado o seu fim com a desmesurada extensão da sua Epístola, e o mais como a diante se vê.

“Ilmo. Sr. – Uma obra de flego e de peso, - uma obra d’aquellas que as nações só produzem uma vez durante o periodo da sua existencia, e que o mundo só vê raro, de espaço a espaço e com o intervalo de seculos, acaba de sahir a luz dos prelos brasileiros; - e todos nós, como que assombrados da empreza gigantesca que se acaba de perfazer – dos hombros herculeos que a tomaram sobre si – da coragem heroica com que foi realisada – ainda nos não tornamos do nosso pasmo senão pra a exaltar com todas as forças da nossa alma, para cahir depois em extasis mais profundos, em raptos mais sublimes – sempre que acabamos de levantar uma ponta do véo que, tão avaro, encobre taes maravilhas.

“Ciosos das glorias patrias, possuidos do mais acrysolado liberalismo, anniquilados com a harmonia selvagem e valente de tantos nomes que foram, por ventura, immortaes a caber em labios humanos pronuncial-os, corpo e alma nos votamos ao trabalho de espalhar pelos nosso contemporaneos os louvores d’esta obra magnifica e benemerita, cuja sublimidade não está ao alcance de todos, porque he de essencia so sublime ser, por vezes ou quase sempre, obscuro, esquipatico e incomprehensivel. Já V. S. terá advinhado que fallamos da “Independencia”, Poema em oitava rima, como a de Camões, pelo multi-escriptor brasileiro o Sr. A. G. Teixeira e Sousa, que nasceu em Cabo Frio aos 28 dias do mez de março do anno do Senhor de 1812.

“He em nome das letras brasileiras, d’este polygrapho distincto, d’esta obra-colosso, que nos dirigimos a V. S. quaicando-nos da injuria que nos acaba de fazer – a nós, a elle e a ella – nós – os panegeristas do Sr. Teixeira e Sousa, - elle – o mesmo senhor, - e ella – a sua obra, a filha anmorosa e querida, fructo das suas locubrações e de cinco annos empregados em excogitar rimas, e sublimidades de pensamento e de estylo, que ninguem aprecia, ao menos tão bem como o seu autor.

“Trabalhada e cuidadosamente chegou V. S. a colligir a sua preciosa collecção de poesias – o primeiro volume do “Parnaso Brasileiro”. Grande foi a sua terefa, e o seu desempenho magnifico e conscienciosos. V. S. procurou obras rarissimas dos nosso litteratos, esmerilhou-as com sagacidade e paciencia, joeirando o joio do trigo, separando oiro do cobre, e disputando ao esquecimento poesias melindrosas e acabadas, que a negligencia poetica dos seus autores, ou a escassez dos tempos em que viveram, pareciam ter condemnado a uma morte prematura e não merecida. Se os nossos emboras e agradecimentos não foram então mais vivos e mais ruidosos, he que V. S. he como um acrobata da “primeira força” que já nos acostumou ás grandes difficuldades e requintes do espinhosos mister a que se tem dedicado – o de escriptor.

“A sua segunda collecção era mais facil como trabalho, mais difficil como obra de gosto: - era a collecção de poesias contemporaneas, e os nosso autores nos têm brindado com tão estrepitosos concertos poeticos, que não podemos perceber todas as harmonias d’esta brilhante partitura; senão de longe, ou quando o tempo houver de algum modo amortecido o reboar clangoroso d’este instrumental da posteridade. O echo era demasiadamente forte, e não he de admirar que V. S. não aventasse qual era o primeiro instrumento da symphonia – qual o Paganini maravilhoso que regia estes concertos – qual o agil coripheu que a diante do côro poetico traçava os passos cadentes de Terpsicore aos sons melifluos da flauta de Clio, - adornado de pennas, de flores, em uma nuvem de incenso e de notas melosiosas, como uma sylphide que se ergue indefinivel e vaporosa da maruhosa espuma de alguma catadupa.

“Mas se n’este miudo ha coisa merecida e de incontestavel equidade (V. S. mesmo, - appellamos para o seu liberalismo, - V. S. o confessará comnosco) he que o primeiro logar, o logar de honra no seu Pantheon Litterario deve de pertencer ao autor laborioso, e, que o não parece, limado e correcto que, ha annos a esta parte, nos tem mimoseado com tão divinas inspirações em prosa poetica e em poesia semelhante. – Quando se trata dos astros, porque se não hade tratar em primeiro logar do Sol? – Quando se trata de Poetas, porque não havemos de tratar em primeiro logar do Sr. Teixeira e Sousa, o autor das “Bodas de Corimbaba” – o autor da “Independencia Rimada”, - o autor de tantas coisas boas e bellas já publicadas, e de outras muitas que elle tenciona publicar?

“Já o dissemos – appellamos para V. S., para o seu gosto fino e delicado, - e V. S. nos fará justiça, sob pena de incorrer no tremendo desagrado do nosso autor, e de lhe retirarmos nós todo ou parte do alto conceito em que o temos pelas suas luzes, pelo seu character, pela sua imparcialidade.

“Se V. S. julgou dever abrir o seu edificio bibliographico com a phisionomia sarcastica e mofadora de Gregorio de Matos, como grotesco, bizarro e extravagante, em cima de um portico de architectura goda;

se foi este o resultado de uma combinação profunda, como julgamos, para que no decurso de todo o volume nos retinisse nos ouvidos as gargalhadas do autor satyrico, e para que vissemos por sobre todas aquellas composições os reflexos do Seculo XVIII, que profanou tudo quanto até então existia do *Genesis* ás *Provinciaes* de Pascal; com igual razão, e por motivo identico, o volume do Século XIX – seculo de crença e de reabilitação, dos carros de vapor e das rãs galvanisadas – dos poemas em doze cantos, e dos cantos em oitava rima – deveria começar com um trecho do Poema Nacional, - com uma mostra de verdadeira poesia, - com um dos vôos arrebatados do Genio do Brasil.

“Não leu V. S. esse Poema Nacional? não se extasiou com as mostras da verdadeira poesia? não seguiu curioso e infatigavel os vôos d’esta aguia brasileira – d’este condor, que se ergueu por sobre os Andes, bello como o Sol, grande como a Natureza, e solitario como Deos? Não o achou sublime? Talvez não, - que assim tem acontecido a muita gente, - mas gente rude e barbara, (oh! dor! oh! vergonha! oh! profanação!) que não pode passar d’aquella penultima estrophe do canto primeiro, em que a aguia, o condor, o Genio brasileiro, despedaçando as barreiras da harmonia, além – muito além – alinhou symetrica e melodiosamente as nações barbaras da America em rythmo peregrino e nunca ouvido!

“Mas quando isto assim acontecesse com todos, não deveria acontecer com o autor do “Plutarco Brasileiro”, que para a feitura da sua obra deveu revolver muito bacamarte empoeirado e soporifero, cuja lembrança, só por si, faz bocejar eternamente. – Não devia acontecer com V. S. que ao menos, como nós fizemos, devia lêr os argumentos do Poema, e por elles descobriria facilmente o sublime da obra, como no meio das trevas e do cahos facilmente se perceberia o lampear de uma luz breve e passageira.

Mas o errar he dos homens, e o emendar-se he dos sabios; será ao mesmo tempo de um homem sabio e justo reparar o menos preso que V. S. parece ter feito das mais brilhantes qualidades poeticas que adornam o Sr. Teixeira e Sousa, a quem o Parnaso, nem que fosse mais empinado, offereceria escabrosidade alguma. A Chronologia, a Topographia, a Geographia, - o que ha de mais secco nas sciencias, o que ha de mais arido nas paginas da Historia, o que ha de mais prosaico na linguagem – tudo em as suas mãos se transforma, do que quer que fosse, para o mais harmonioso de todos os metros – a oitava rima; tudo he poesia para elle e verso para nós; - tudo tem cabimento e logar apropriado no seu volumoso e trabalhado Poema.

“Quer V. S. um exemplo de palavras que seriam tediosas em prosa, mesmo tão vulgar como esta nossa, e que todavia são versos, e versos bem rimados, bem fluentes, bem harmonicos na poesia do Sr. Teixeira e Sousa? – Será a oitava angelica – a oitava das virtudes – a oitava dos doces affectos – a oitava rival d’aquella dos substantivos, de que V. S. já terá ouvido fallar.

“São os Anjos de Amor, e da Amizade,
Da Razão, da Justiça, e da Innocencia,
Da Candura, da Gloria, da Verdade,
Do Talento, do Bem, da Sapiencia,
Da Poesia, da Paz, da Liberdade,
Do Prazer, da Piedade, e da Prudencia,
E outros, oppostos ás paixões mais rudes,
Doces Affectos, candidas Virtudes!”

C. 6. St. 119.

Quer V. S. uma lição de chronologia?
“Decimo nono o seculo havia entrado,
Seu decimo primeiro anno corria;
Do calor minorando ardente *estado*
O sol d’ante o *Cordeiro* se partia,
Buscava as pontas do animal ousado,
No qual a Europa um nome se escondia:
Passava o tempo de aventuras *farto*,
Era o decimo dia, o mez o quarto.”

C. 2. St. 52.

“Tudo isto quer dizer em phrase de tabellião: - Aos onze dias do mez de abril do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e onze annos – o Sr. Teixeira e Sousa, Poeta Brasileiro, descobriu perto do *animal ousado* um novo signo que tem por nome o *Cordeiro*.

“Quer V. S. por fim um exemplo da sciencia topographica, - quer vêr como uma confusão artistica de palavras imita a consuação dos objectos que descreve – quer ler a descripção da Serra dos Orgão?

“Pelo lado do Sul vem *d’oriente*
De montes discorrendo uma cadês,
Que sempre se estendendo p’ra o occidente
Com as serras do fundo enfim se-enlea:
O Pão de Assucar, que de mar se altêa:
Rocha pyramidal da natureza.”

C. 4. St. 104.

“He bello! – Esta cadeia de montes que vem do *Oriente* pelo lado do *Sul*!... sublime! – estendem-se para o *Occidente*, e enleiam-se com as serras do fundo, que deve ser o *Norte* para quem vem do lado do *Sul*... incomparavel! – São os quatro pontos cardeaes, e a cordilheira mais intrincada que o Sol tem alumiado! Digam la os Sabios da Escripura e os mais conspicuos Geometras como estas montanhas partem do Oriente pelo lado do Sul, e que indicifrael curva descreveram ellas para chegar ao Norte quando caminham para o Oeste! E o Pão de Assucar!

“Rocha pyramidal da natureza!”

que é todo sublimidade sem beleza, como a “Independencia Rimada”?! Nada diremos a respeito,

“Que um sugeito mais alto nos convida.”

“Temos nas mãos o volume do Sr. Teixeira e Sousa, - abrimos ao acaso, - vamos ler!...

“De joelhos como um Pachá lendo um firman do filho do Sol e esposo da Lua, - hmilde e respeitoso como um crente na presença da Divindade, - deslumbrado e titubante como um sacerdote do Islamismo na presença do fogo sagrado, que erguido em labaredas de sobre a pedra consagrada do altar, roxeia as paredes do tempolo, - he de joelhos, respeitos e deslumbrado, eu eu farei a leitura de alguns trechos sublimes d'esta obras, real e verdadeiramente divina! – V. S. escutará estas palavras, ungidas do mel suavissimo da poesia, repassadas do fogo vivissimo do entusiasmo, vivificadas pelos sentimentos mais altos do coração humano, pela communhão das ideas mais communs, e por isso as mais bellas que jamais atravessaram um cerebro de poeta nos delirios da inspiração.

He o Hymno da Liberdade – humno, sonoro e válido, cheio de liberdades poeticas e de atrevimentos felizes, de fogo de entusiasmo e de patriotismo: algum Tirteo das florestas o improvisou febricitante, casando a sua voz energica e valente aos roncoss da tempestade nas mergens do oceano – eu ao bramar dos ventos desenfreados no arvoredo secular das matas virgens. – He um hymno severo como a Religião, forte como o Patriotismo, ardente como a Mocidade. Recorde-se V. S. d'esses cantos da Grecia moderna, improvisados ao retinir do alfange e da espada e tão vivamente sentidos por Fourriel, - recore-se do Byron e d'aquelle poeta sem nome que entôa a seu canto de guerra no festim da bella Haides, - oiça como sobre o mesmo discorre o nosso Epico,

“Que para si de Byron toma a fama.”

“Eis, patricios, lance-se hoje em terra

O altar da proterva crueldade!...

Alto patritismo desencerra

Os mysterios da Sancta Liberdade!

Aos tyrannos da Patria morte, guerra!

Exulte na Colombia a humanidade!

- Nunca mais, nunca mais do foro hispano

- O jugo soffra o bravo americano.

“Eis sobre o altar da Patria ensanguentado

Juremos odio eterno á tyrannia!

Se excede o numero seu por avultado,

O nosso excederá por bizarria!

P’ra não vêr seu paiz escravizado

Heróes sabem morrer com alegria!

- Nunca mais, nunca mais do fero hispano

- O jugo sofra o bravo americano!

“Os estandartes seus aos pés calquemos:

Punamos de uma vez cruesi agravos!

Da Liberdade o chão todos reguemos

Com sangue, e os fructos seus serão seus bravos!

Ou vencer, ou morrer todos juremos:

Morramos antes de que ser escravos!

- Nunca mais, nunca mais do fero hispano

- O jugo soffra o bravo americano!”

C. 2. St. 55, 56 e 57.

“Depois d’este hymno vem outro cantado por um Cactas da Colombia e tem a mesma energia de pensamentos, a mesma robustez de estylo, - os mesmo traços, a mesma grandeza, em summa. Eis como começa:

“Onde a familia estaá colombiana?

Onde essas bravas, bellicosas gentes?

Onde os shoshonees, que a gente hispana

Deram outr’hora o nome de serpentes?

Aonde os tuchepaus? aonde a ufana

Familia de quicha? onde os ardentes

Tamanques, caribes? immolados
Foram pela cobiça dos malvados!"

St. 62.

"Depois d'este ainda outro, que está resumido n'estas palavras ou versos do autor:

"Este humno cadencêa por mil modos,
E o estribilho após respondem todos!"

St. 70.

"E agora que já V. S. saboreou a inefavel harmonia d'estas rimas, que apreciou a grandeza d'estes pensamentos, que commungou este sentir arrebatado e enusiasta que o amor da liberdade communica ás grandes almas que se compenetraram do seu liberalismo e patriotismo, agora enfim não confessará V. S. que errou não lhe dando o primeiro logar no seu Panteon? Não acha V. S. que aquellas tres humildes composições, afogadas no meio de tantas outras são poucas e insufficientes para caracterisar a fecundidade do autor que as produziu! – Não acha que "A Natureza" he fria e morta em comparação destes hymnos colombinaos? que aquelle "Dia de Finados" deve dar aos mortos amor á vidade de além tumulo? – e que aquella "Saudade" he triste, triste como os seus finados?

"Por todos estes motivos rogamos a V. S. que haja por bem, como em reparação, publicar *il piú testo* um novo volume do "Parnaso Brasileiro", que dev\era ter este título, "O cocuruto do Parnaso ou bellezas do Sr. Teixeira e Sousa", favor pelo qual lhe ficaremos summamente gratos e eternamente obrigados. E com isto não o enfadaremos por mais tempo.

(Assignado) OPTIMUS CRITICUS.

COSTA, N. J. “Litteratura Brasileira. Algumas considerações sobre a poesia.” In: *O Beija-Flor, Jornal de Instrução e Recreio*. Rio de Janeiro: Typ. de J. Villeneuve e C. Vol. I, n. 50. 16 de março de 1850, p. 1-2.

Comquanto fosse a poesia pagã o gosto dominante antes da gloriosa revolução litteraria, havia no Brazil a poesia christã nascido com a plantação da cruz, e florescido á sombra desse emblema glorioso.

O grande poema *Assumpção da Virgem*, composto pelo padre-mestre Fr. S. Carlos, fôra sufficiente para firmar a reputação de seu autor, se tão solida não a tivesse elle de um sabio consummado.

Os Psalmos de David, vertidos pelo Dr. padre Caldas; o *Quadro das dôres de Maria Santissima* pelo Sr. Eloy Ottoni, e numerosas poesias sacras de grande merecimento, de diversos autores, são uma prova evidente de que a litteratura brasileira já nesse tempo tratava da sua emancipação. E quando mais tarde o Sr. Dr. Magalhães hasteou o estandarte da revolução reformadora, não nutou (*sic*) a mocidade, ávida de gloria, em reunir-se pressurosa em torno delle.

O Sr. J. Norberto de Souza Silva foi um dos primeiros a lançar-se sobre as pisadas do Sr. Dr. Magalhães. As suas Modulações poeticas, e muitas outras obras que existem vulgarisadas entre nós, merecêrão que lhe dissesse o distincto litterato Sr. Porto-Alegre:

É joven o teu corpo, adulta a mente
Oh! athleta infantil que a lyra d'ouro
Magestoso e preclaro ja manejas
Como um joven guerreiro o marcio gladio;
O fim é teu principio!

Desdobra, aguia brazilia, as amplas azas,
Devassa a immensidade, mede o espaço,
E aos ouvidos mortaes, aos meus ouvidos
Vem modular dos anjos a harmonia,
Vem o céu retratar-me!

Seguiu a mesma escola o Sr. Francisco de Souza Silva, um dos jovens que mais se tem distinguido pelo seu talento. Sua harpa sublimada possui a magia dos antigos bardos; sua poesia cõa em todos os corações os nobres sentimentos de sua alma.

O Sr. A. F. Dutra e Mello foi uma estrella que brilhou e desapareceu, deixando após si saudosas recordações! Curta foi sua peregrinação sobre a terra; mas útil e gloriosa. Respira em suas poesias um misto de belleza e de melancholia que encanta e entenece:

Minha alma ainda tão limpa e tão serena,
Como este céu d'America tão calma,
Como este golpho languido, amoroso,
Tão fresca e nova como a aurora d'hoje,
Apraz-se aqui na solidão, fugindo
Ao sorrir frio e synico dos homens. –
A natureza, Deos, ella: – eis seu mundo:
Que o outro só de horrores se povôa.

A. F. DUTRA MELLO.

Tambem são dignos de especial menção os Srs. Drs. Pinheiro Guimarães e Macedo, Teixeira e Souza, Lemos Magalhães, Araujo Barros, e outros que cultivão a poesia moderna com grande proveito da litteratura.

O Sr. Basileu publicou um folheto de lindas poesias, e é de sentir que não tenha continuado.

Os Srs. Martim Francisco e Antonio Carlos, filhos, e outros jovens de esperanças que entre nós existem, muito por certo promettem ás letras.

Nada diremos de alguns jovens que poderiam ser alguma cousa, mas que, por *preguiça* de estudarem, nunca sahirão do lodoçal em que jazem, desdourando assim o nobre titulo de POETA, com que tão frequentemente brindão a si proprios.

A reforma da poesia no sentido do christianismo foi abraçada com entusiasmo: repugnava mesmo ao poeta christão tributar aos deoses do paganismo, cultos que só se devem ao verdadeiro Deos. Mas essa bella poesia não é por certo a nossa poesia nacional; não pertence mais ao Brazil do que á França, mais á França que aos outros paizes christãos; e é por isso que todas as nações cultas procurão agora restabelecer a sua litteratura nacional, escavando em seu passado, remontando-se ás suas épocas mais

gloriosas, descendo a esses tempos semi-barbaros em que os *nobres* se constituíam tudo, e o povo era despojado de seus fóros, atado ao pelourinho, escarnecido e estrangulado; e pesquisando os vestígios de sua origem.

Aos Brasileiros cumpre igualmente organizar a sua litteratura nacional, estudando a historia dos seus Indigenas, dos verdadeiros *Brazis*. A crença de seu *Tupan*, de seus *Manitos*, seu *Tamandaré* e seus *Anhangás*, todas as suas tradições, e mesmo seus prejuizos; seu caracter, seus costumes, sua indole, seus combates e triumphos, suas peregrinações e exterminio, são pontos curiosos, interessantissimos, e capazes de constituirem a riqueza de uma litteratura.

Dir-nos-hão talvez que não somos competentes para nos pronunciarmos tão decididamente em materia de tal transcendencia: convimos; mas apadrinhamo-nos com a autoridade do Sr. Dr. Gonçalves Dias, que bem alto nos diz:

.....
“E era isto o que devíamos estudar, porque nós o repetimos, a historia e a poesia do Brazil está nos Indios.”

Attente a mocidade bem para estas verdades, porque já é mais que tempo de acordar desse somno da indifferença, e porque um paiz sem nacionaidade é sempre um paiz de servilismo.

A historia dos nossos Indios tem sido já descripta por alguns dos nossos poetas, e entes elles Fr. Santa Rita Durão, que bastante a conhecia, como bem se depreheende no seu poema *Caramurú*:

O feroz Sabrá move animoso
Dos de Agirapiranga seis mil arcos;
Homens de peito, em armas valerosos,
Que de sangue em batalhas nada parcous,
Deixarão seu terreno deleitoso
Por matos densos, pantanosos charcos;
E ouvindo dos canhões o horrendo estouro,
Passarão desde o mar ás minas d'ouro.

Mas por uma contradicção palpavel, Fr. Durão não vê ás vezes mais que bruta gente nos mesmos em quem pouco antes encontrára um senado respeitavel (*sic*) que providenciava em casos graves, homens

valerosos, sinceros e inteligentes. Fr. Durão temia desagradar a metropole, e é por iso que *limava quanto dizia para não ferir*.

As poesias do Sr. J. F. Coelho, as *Brazilianas* do Sr. Porto-Alegre, *Os tres dias de um noivado* do Sr. Teixeira e Souza, são poesias verdadeiramente nacionaes; mas o nosso poeta que mais tem primado nesse genero, e que deve com justiça ser chamado o creador da poesia nacional, é o Sr. Dr. Gonçalves Dias. Aliste-se pois a mocidade brasileira ás suas bandeiras, afim de coadjuva-lo nesse empenho glorioso, e será bemdita pelas gerações porvir.

“O Cassino. Poema Lyrico do Snr. Ernesto Ferreira França Filho”. In: *Guanabara*. Rio de Janeiro, tomo II, 1851-1852.

Não somos ricos, e devemos receber com muito agrado o Levita que vem depositar sobre o altar da patria as premicias do seu amor artistico. O livro de que nos vamos occupar não é uma dessas obras que pedem uma analyse extensa e considerações graves, porque é um ramalhete de baile, onde o inesgotavel trovador collocou bellissimas flores, e as enfeixou com o amor de um moço e com o entusiasmo de um artista: ha nelle um folego prolongado, e nessa abundancia dos poetas italianos que precederam a escolade Manzoni.

Abre-se o Cassino, mas não o esplendido baile, o sarau ao som da orchestra, animado pelas luzes e por essas galas sumptuosas do sexo que adoramos, pelo borborinho alegre que se desprende de todos os labios, e pelo prazer que anima todas as physionomias: o Cassino que se abre é sómente para o poeta: é uma tela magica, diaphana e rutilante, que tranluz sombras encantadoras, vultos adoraveis, e d'entre os quaes o poeta destaca um, perante o qual se ajoelha, para depositar na flor dos labios todos os perfume de sua alma. É esse vulto mysterioso o da Musa que o inspira, e é d'elle que recebe a torrente variada de expressões que o seu amor derrama, e que parece querer eternisar.

Ha no todo d'esta obrinha um nuncio agradavel, que é o da revelação de um poeta com todos os requisitos necessarios e naturaes; não se encontra ahi esse esterzido monotomo da chorte dos plásticos imitadores; não ha nelle o sello pendente da chancellaria dos trovadores diarios, que metrificam com dados phraseados, ou vão do sacco das syllabas tirando o numero dos versos, que o fazem ganhar no vispora, e receber por premio uma ferradura do Pegaso; mas ha ainda o defeito da escola actual que é o de egoisar interminavelmente. Em Anachreonte, que é o Nume da pesia erotica, ha parcimonia; na cratêra onde espuma o mosto rubicundo cahe de vez em quando uma lagrima de amor e nunca o perdigoto do interminavel fallador.

O author do Cassino, se não for acommettido do amor da novidade, ha de ir longe e muito longe: ha n'elle elevação na maneira de ver, fecundidade na exposição, gosto, e algumas vezes muito gosto na escolha das suas comparações.

É hoje difficil em extremo o trilhar a senda anachreontica; o coração humano já tem explorado por mil modos o terreno do amor, e pouco ou nada resta senão a fórmula, senão esse encanto que só possuem aquelles que tem sempre nos olhos uma nova côr para os objectos que encaram, e novasharmonias para que elles cantam n'aquellas horas em que um Deus se infunde no seu ser privilegiado. Paraesses

hasempre uma fonte inegotavel, que é aquella onde o Dante purificou a sua Beatriz, onde Petrarca vio reflectir-se a sua Laura, onde Moore, Carré, Parny, Gonzaga e outros estancaram a sua sêde.

Pareceo-nos, n'essa hora tão avida de leitura, por um d'esses sentimentos instinctivos, de que o livro do Sr. França lhe sahio mais longo do que elle o havia imaginado, porque ha n'elle um generoso acolhimento a todas as idéas que se apresentaram no momento da composição, e das quaes algumas se repetem, ainda que embellezadas por novos atavios. A repetição musical é uma fôrma prescripta pela arte da melodia, e só se compadece com a poesia, ou na fôrma franca e immutavel de Homero, ou nos estribilhos e côros.

Pareceo-nos ver o artista trepidar a cada instante, e soffrer de que o seu amor não fosse comprehendido na devida extensão; e esse natural sentimento o obrigando a retocar mais de uma vez as formas idéaes do seu painel; mas, apesar d'isto, o seu poemeto é uma phenix progressiva e abundante, que renasce de uma forma para outra, e constitue uma grinalda que voa, que deslisa como a corrente de um ribeiro, que em cada onda exhala um novo perfume.

O novo author nos perdoará tantas exigencias, e sobre tudo a que vamos significar-lhe ainda. Desejariamos que o seu poemeto se convertesse em uma galeria de formosuras de todas as províncias, e que a cada uma d'ellas coubesse aquillo que bellamente coube á que nasceo em Pernambuco, e para qual foi erguido esse lindo pedestal da descripção do seu paiz natal. E o poeta era livre na escolha e na preferencia, a menos que não quizesse multiamar, e mahometanisar-se ao som da lyra, no que não levaria a palma ao mesmo Anachreonte, a Byron, a Bocage e a outros muitos, já que o amor dos poetas não está na plana de um sacramento.

A preferêcia faria motivar-se, e eis em campo todas as comparações entre a filha trigueira do Amazonas e a clara do Gayha; e ahi mesmo poderia em larga escala desenvolver todos os dotes peculiares de Maranhense, da Bahiana, da Mineira, da Carioca, da Paulista e da Catharinense. E n'esta liça phantastica obteria sem duvida um maior triumpho a sua dama; seria ella a rainhada festa, a figura mais illuminada do seu formoso painel.

E porque, meu nobre e ardente vate, haveis desprezado a natureza do vosso paiz pela natureza do Oriente: para que fosteis buscar um fundo de harmonias estranhas para realçar o retrato da vossa deidade, que é Brasileira, e que habita debaixo de um céu risonho? Seria porque Salomão, o grande poeta, amou essa natureza, ou porque desejais elevar a vossa amada ás alturas de Sulamitis?

O grande rei não tinha visto a America, e se a visse certamente que havia de preferir, porque n'ella encontraria tudo quanto se póde desejar de sublime e de grandioso. Que vá ao Oriente buscar inspirações

o filho da nebulosa Caledonia, o neto de Hermínio, o descendente do Cid, ou o habitante do Sena; vá, porque esses não fazem mais do que remontar ao typo primitivo; mas nós, que temos o primeiro rio do mundo, uma flora nossa e immensa, e todas as riquezas imaginaveis, parecemos um Crespo no auge da opulencia a mendigar na estrada publica um obolo ao estrangeiro: cremos admissivel esse direito quando o sujeito da composição assim o pedir, porque seria confundir localidades; cremos que não devemos abandonar o bello, aquillo que está consagrado, senão em proveito nosso, em abundancia, e não em detrimento. No mundo epico, no mundo da alta poesia, que vâa pelo universo, sim, porque então o universo é propriedade do poeta, mas nos quadros familiares, nas harmonias domesticas, não: a Brasileira deve estar no Brasil.

Perdeo acaso em algum momento essa poderosa magia, essa cor vivida, esse inimitável brilhantismo, essa ligeireza e graça, como a de um passarinho que saltita, canta e reflecte as suas pennas variegadas, o Sr. Gonsalves Dias, ou Sr. Dr. Macedo? Não; os cantos americanos ahi estão, assim como todas essas harmonias eroticas do author da Rosa.

Os Srs. Norberto, Teixeira e Sousa ahi estão com as suas baladas, e com o poema dos Três Dias de um noivado. O poeta, que nasce poeta como Sr. França, tem o dom de embellezar o que vê, e de immortalisar o que canta; e já que possui o maior e o único segredo da arte, aquelle que se não aprende, pode trabalhar sem susto, que a natureza ahi está bella e sempre joven, e sempre variada. O grande triumpho só se alcança com a natureza em vista, quando nossa alma para ella se abre como um espelho, e a reflecte nas obras de arte. Com esta palheta inesgotavel se alcançará como o Ticiano, a graça como o Raphael, a robustez grandiosa como o Buonaroti, e a magia de um Rembrandt. Uma só alma é a do poeta, do pintor, do esculptor, musico e architecto; um só espelho, mas applicado a reflectir um lado, ou uma harmonia da natureza.

O vosso poemeto não perderia nada se fosse um collar de avellorios, rutilando sobre o collo abassanado da nossa America; e se o quizesseis um adereço imperial com todas as pedras preciosas, bastaria abaixar a mão da terra da patria, que é vossa, que ella vos daria tudo quanto ha de mais bello e precioso para a vaidade humana; porque tendes em vossa alma amor e estro, e porque o céu vos falou!

De que sois capaz de ir avante, e de que tendes a robustez necessaria paraprehender uma obra de longo folego, já tivemos em nossas mãos uma prova concludente; assim pois, vos pedimos, vos rogamos para que façais d'ora avante uma applicação mais ampla da arte que Deus vos deu, empregando-a em assumptos de mais largo interesse. O theatro está fechado. O governo imperial correspondeo ás

rogativas de alguns authores como a consolidação do monopólio nas mãos de um homem, que só tem hoje de artista o decorar alguns papeis, e que tudo abarca com a sua frenetica ambição e intolerancia.

Se escreverdes um drama, uma tragedia, vereis esse semi-Deus descer das bambolinas celestes para se transformar em mesquinho mercador, e querer passar á larga á custa do vosso trabalho; e ainda mais o ouvireis murmurar, dizer mal da vossa obra, enquanto ella lhe está dando rios de dinheiro, e elle vos não paga senão por uma imperiosa necessidade.

Pegai, meu nobre poeta, na Revista do Instituto, e ahi achareis um assumpto digno de um poeta brasileiro: - OS ORIZES PROCAZES - . Ahi se poderá revelar sob uma e mil formas o vosso bello talento, que não deve ficar na escuridão; ha nos Orizes uma tela grandiosa para o author da LINDOIA; ha n'esse sujeito um vasto campo para fazer brilhar o anel d'essa cadeia de litteratos, jurisconsultos e sabios; e esse anel sois vós, e essa cadeia são aquelles que vos precederam na família.

A epoca infausta para os homens de espirito começa a declinar, e o poeta pode hoje erguer a sua cabeça por entre as legiões d'esses fanqueiros dourados que nos teem dominado; a sorte doproscripto está melhorada, e começa a ganhar no espirito geral da população aquelle respeito que lhe tributam as nações civilisadas; porque um dia deixaremos de ser uma fabrica tumultuosa de deputados e senadores. Ha grande differença entre a urna eleitoral e a lyra; n'uma se esconde o egoismo, e na outra resplandece a generosidade.

A cultura do bello ha de vir, e com ella o legitimo prestigio da intelligencia, e as idéas generosas; mas essa cultura só poderá florescer quando desaparecer o espirito dos homens que nos teem governado até agora, cujas idéas de futuro se reflectem no aspecto das nossas praias, ruas e praças, e nos acanhados edificios que elles mandaram construir para a Nação com o dinheiro da Nação.

O poeta deve trabalhar, porque elle é o instrumento celeste que em todos os tempos castiga os vicios contemporâneos; é o homem do trabalho, da meditação e do desinteresse, e o que faz a gloria das nações sem causar de missões nem mortes.

A geração que nasceu livre, a que vio a luz de 1822 para cá, é a que ha de fazer alguma cousa, porque n'ella não ha resaibos da antiga escravidão, e não se educou em tempos em que não havia uma nacionalidade; eramos colonos, eramos escravos, e eramos olhados como uma raça hybrida pelos nossos proprios pais, que assim o faziam porque estavam como todos os povos decadentes.

Se o governo não quer um theatro, façamos poemas; e se elle não quizer poemas, faremos então satyras.

É do nosso dever o protestar, porque o protesto, quando não acha acolhimento na terra sobe para o céu, e de lá baixa um dia para estigmatizar esses homens que zombaram de tudo o que ha de mais sagrado para com a civilização.

O Imperador ahi está, ahi o vedes nas sessões do Instituto; mas o seu exemplo ainda não convenceo a multidão dos nossos fanqueiros políticos.

“Os Himnos da Minha Alma”. In: *Guanabara*. Rio de Janeiro, tomo II, 1851-1852.

Assim intitulou o seu primeiro livro o Sr. C. José Gomes de Sousa, que é mais um filho da escola do Sr. Gonsalves Dias. Ha no meio deste novo livro muitas bellezas, ha mesmo um louvavel desejo, que transluz a cada passo: a alma do novo poeta caminha para as regiões a que se elevava o cantor do SIMPLÃO e de WARTERLOO, e para deslizar no espaço melodioso em que paira o creador de IJUCAPIRAMA; aquelle que poz nos labios de Tamoyo uma dessas musicas, agradaveis em todos os tempos, e que se estampa na memoria como uma visão luminosa, ou como uma verdade eterna.

Entre os predicados, que elevam o Snr. Sousa, e que o farão dar passos agigantados, ha aquelle elemento immortal, aquelle fogo sagrado e inextinguivel, que Schelegel reconhece como a primeira qualidade do poeta: o patriotismo. No patriotismo se basêa toda a gloria de Camões, e toda a superioridade de Santa Rita Durão.

Ha nesta nova partitura metrica alguma cousa do instincto brasileiro, mas ha quadros que parecem esboçados por uma escola mixta; ha nella um signal evidente de independencia, mas ha tambem muita escravidão: não temos ainda braços para abarcar um tronco millenario, quanto mais para dous mundos? Lance-se á margem do Lethes essas flores da mocidade portugueza, que não tem o cunho de uma nova existência; porque não são mais que a restauração do passado; que uma larva quinhentista envolvida n’um sudário moderno, amaneirado, e colleando como um cysne artificial. Os homens do presente, a triada sublime, esta personificada nos Snrs. Garret, Herculano e Lemos, e não nesses rimadores de sextilhas, que vestem sobre o paletó a couraça tauxiada, e um elmo de feltro, que os nivela com o filho predilecto de Cervantes.

Todos os artistas, que não foram ungidos com um raio da luz divina, cahem logo que intentam elevar-se ás alturas daquelles genios, nascidos para primarem no seculo de Augusto, dos Medicis, ou de Napoleão. Homero e Dante, as duas fontes originaes da poesia, seriam o que foram se viessem ao mundo no seculo vigesimo; porque elles trouxeram consigo aquelle divino talisman, aquellas azas ethereas, que tinham de os elevar acima dos homens: pois que o genio é sempre genio.

Os melhores modelos da poesia olympica, as obras salientes da musa parnaseana, que nos deixaram nossos avós, pertencem áquella época imitadora, dominada pelo admiravel Bocage, e fechada por Phylinto Elysio, o restaurador do genio da língua portugueza, e o mais terrivel missionario que tem tido contra si o vaidoso gallicismo.

Com o immortal Garrete appareceu a nova era, a regeneração byroniana, que collocou na frente da Lusitânia as duas novas estrellas, chamadas CAMÕES e D. BRANCA.

O Snr. D. Pedro I, o fundador do Imperio Brasileiro, estava destinado para crear uma nova época, ou engrandecer a escola garretiana, mas o destino voltou mui cedo a pagina da sua epopéa começada; e as oscillações de novo renasceram em todos os espíritos; a política reaccionaria, a alimentadora das épocas criticas, aborrece as artes, e abafa todas as harmonias do coração com o tropel de suas correrias.

Temos sido victimas de iguaes successos ha trinta annos. Na época da independencia nada appareceu, além dos versos officiaes, que eram benignamente acolhidos pelo Snr. D. Pedro I, e recompensados como melhor podia; na segunda época, a da minoridade, a das luctas e reacções, dominou a declamação, e a satyra individual; e por um milagre da Providencia appareceu o Snr. Magalhães com um volume de versos, que foi saudado pelo visconde de Cairú, e por Evaristo Ferreira da Veiga, que eram os dous representantes da época, e resumiam o pensamento da velhice e da mocidade.

A esterelidade dos primeiros nove annos, foi apenas interrompida por um Falmeno, fabricante de acrosticos e de anagramas, pelo romance do Snr. Biancardi, e pelo Nitheroy do conego Januário, que o havia escripto em época anterior, e ate o dedicara ao traductor de Pope, e de Milton.

O segundo nonenio foi mais esteril quanto ao numero que o primeiro, porque começou por um homem e acabou com o mesmo homem; mas este homem. Filho da escola parnasica, fiel adorador de Jupiter e de Apollo, voltou da Europa renascido, e regenerado, trazendo comsigo um livro que intitulou SUSPIROS POETICOS. Foi o Snr. Magalhães, o Garret brasileiro, e para melhor o dizer, o fundador da nova escola.

Foi elle quem contrabalançou a gloria do poeta portuguez, precedendo-o na reforma do theatro, com duas tragédias, e com as lições que deu ao actor fluminense, que continua a empunhar o sceptro da representação dramatica.

De 1840 para cá, temos tido algumas apparicoes brilhantes, mas todas estas auroras, mais ou menos, se tem empanado. O Snr. Norberto apossou-se da BALATA, e fez bellissimos quadros históricos; tentou o drama, e produziu Amador Bueno e Clytemnestra, e sendo um trabalhador incansável, não esta contente comsigo mesmo, apesar das MODULAÇÕES, do DIRCEO DE MARILIA, DOS BEIJOS, e de uma grande quantidade de outras mais producções: parece que mais trabalha por desenfado, do que por inspiração.

O Snr. Teixeira e Sousa, o pintor dos TRES DIAS DE UM NOIVADO, fez uma apparição brilhante com os seus CANTICOS LYRICOS, e com esse bellissimo poema onde se encontram bellezas que senão

escrevem outra vez na vida; annunciou-nos e publicou o primeiro volume de sua Eppoea patriotica, escreveu varios romances, e semelhante ao Snr. Norberto, não vive satisfeito, mas vai sempre produzindo. O Snr. Dr. Macedo, o poeta mimoso, o colorista delicado dos nossos usos e costumes, que já lá vai com uns poucos de volumes de romances originaes, e uma collecção de poesias eróticas, que fazem a desesperação dos Anachreontes modernos, também não vive contente; e no entanto vai sempre escrevendo novas coisas. O Snr. Gonsalves Dias, em cuja mãos o marmore estatuario se modela como a cera, e como que por encanto passa das fórmas de Ascanho ás de Hercules, e destas ás do Amor, já lá vai com tres formosos volumes, e no entanto não vive satisfeito: falta-lhe alguma coisa, e com tudo trabalha n'um poema ossianico, de que já tivemos a ventura de ler alguma coisa. Apesar de taes descontentamentos a época actual parece ser a do nascimento da nossa litteratura, porque é uma época em que se labora em vários poemas: A Confederação dos Tamoyos, a Encida Portugueza, a Independência do Brasil, os Palmares, a Nebulosa, o Chylde Harold, os Timbyras, e, se me é permittido juntar a esta pleiada de estrellas mais um nome, accrescentarei o de Colombo.

E porque, no meio de uma vida pacifica, vivem degostosos estes homens, e como que inspirados sómente por uma necessidade imperiosa de trabalhar, sem tirar lucro algum do seu trabalho, em uma época que não paga as lettras, e recompensa largamente as cortezas, a cabala, e aos escriptores que não são poetas?!

Será porque o poeta, por tradição, é ainda mal visto, passando elle hoje uma vida honesta; ou porque a sociedade actual confunde o rimador com o poeta, e o poeta com um mentiroso inútil? Verdade é que na câmara dos Snrs. Deputados se alcunha a mentira com o nome sagrado de poesia; e parece que a maioria dos nossos prosaicos oradores tem sobejas razões para recearem da poesia! O que seria delles se as discussões subissem de ponto, e se passassem da arena de um baixo individualismo para as regiões sublimes das idéas, para a contemplação do futuro; que papel fariam no parlamento todas essas obscuridades, que bóiam no mar de trivialidades, e fluctuam á vontade de todos os ventos?

A poesia, neste seculo, e entre nós, é exercida por homens probos, e quase todas as nossas grandes capacidades por ella se elevaram ao ponto de vista em que se acham. Na Hespanha foi sempre a arte predilecta dos cavalleiros: Garcilaso, descendente dos Incas, nella se engrandeceu, e com ella morreu no assalto de Tunis; Camões, a amava como a vida, salvando o seu poema no naufragio; Alonso de Ercilla compoz o seu Araucana, nos desertos do novo mundo, e ao som dos tiros dos combates; Cervantes a levou á batalha de Lepanto, ao lado de D. João de Austria; Lopo da Vega a não desamparou durante a expedição da invencivel armada, e durante a sua destruição; Calderon de la Barca a esposou e levou

comsigo ás campanhas de Flandres e da Itália; Miguel Ângelo durante o assedio de Florença; Leonardo da Vinci, nas guerras de Lombardia, e Benvenuto Cellini em quanto dirigia as fortificações de Roma, na invasão do Condestável de Bourbon.

Parece que algum motivo poderoso deve existir para irmanar tão bellos engenhos n'um igual descontentamento; e certamente que elle existe não só na nossa organização civil, como nas crenças moraes das nossas prosaicas notabilidades officiaes.

Os poetas, os verdadeiros poetas, vivem no pólo opposto ao dos cantores: estessao coroados em vida, e morrem engorgitados d'ouro; e os outros arrastam uma existência mesquinha, para começarem a sua elevação desde o dia em que os esmaga a campã da morte: uns recebem todas as homenagens na vida, e desaparecem depois de mortos, e os outros passam quase despercebidos, senão perseguidos, para fallarem bem alto depois que emudeceram: são duas almas com duas existências bem oppostas; respeitemos pois os decretos de Deus!

Transviados do nosso escopo, tinhamos deixado de parte o livro do Snr. C. José Gomes de Sousa, e apaixonados nos havíamos lançado no mundo das reflexões.

Voltemos ao hymnos de novo vate; e vamos com a maior sinceridade conversar com elles. Alguns desses hymnos transpiram harmonias brasilianas, e se podem inscrever na lista dos filhos da nova escola; não ha nelles esse interminavel egoismo melodioso melodioso de uma lyra que só desfere sons, e acompanha os seus cantares intimos, e onde a arte nada faz pela patria, para a sociedade, para ennobrecer o leitor, e fortifical-o no meio dos vaivens da terra.

Os antigos já diziam que a arte que não instrue, corrrompe; e é um grande erro o acreditar-se que a poesia, que nasceo no sanctuario e no meio das dores, seja uma arte de mero recreio, ou uma especie de confeitos dourados, como as balas d'estalo, cujas amendoas se envolvem com quadrinhas. A arte tem um ponto de apoio no céu, e outro na gloria nacional.

O poeta torna-se nobre e grandioso, quando vinga uma affronta contemporanea, quando substitue ao ostracismo a apotheose; quando transforma o patibulo n'um carro de triumpho, quando doura as paredes do carcere, quando rehabilita a virtude injuriada, quando geme harmonias, quando crystalisa em diamantes as suas lagrimas, ou as converte em nectar celeste, quando muda a pedra fria da desgraça n'um assento de gloria, quando embelleza o que vê, e immortalisa o que canta.

Eis os titulos do codigo que a nossa consciencia traçou para o dominio da poesia: basta de tanto amor carnal; amemos como Dante amou a sua Beatrix, ou sejamos como os astrônomos que collocaram

no meio dos astros os objectos de suas adorações; quando o amor é nobre, sanctifica, quando o entusiasmo é grande glorifica.

Parece-nos, perpassando esse teclado metrico do Snr. Sousa, que alguns sons nos acompanhavam, como reflectidos de outras harpas, e que no todo das composições não ha uma tinta firme, um colorido que bem caracterise a nossa escola, como se vê nos TRES DIAS DE UM NOIVADO, do Snr. Teixeira e Sousa, como nas BALATAS do Snr. Norberto, na NENIA, do Snr. Dr. Firmino, ou nos grandiosos paineis do maravilhoso Snr. Gonsalves Dias.

O rio Piaguitinga, que parece ter reflectido em suas agoas a joven imagem do vate, não apparece com um só distinctivo que o torne um rio brasileiro; e no entanto a belleza descriptiva é quem assella na poesia um character peculiar; e della faz tanto caso um dos maiores sábios do mundo, que no seu Cosmos occupa não pequeno espaço.

Quando o poeta suspira, gostamos de ouvil-o dizer:

Sonhos da minha existencia!...

Ah! Tudo se dissipou!...

E os sorrisos da innocencia

Comsigo o tempo os levou,

Da razão chegou a idade,

Da infancia resta a saudade.

Flôres, que outr'ora esmaltaram

A minha infância ridente,

Uma apos outra – murcharam

Do infortunio ao sopro ardente,

Até que murchas cahiram,

E de todo se extinguiram.

Aconselhamos aos poetas brasileiros, que deixem a pintura da tarde ao Snr. Odorico Mendes, ao homem que possui a arte de metrificar nas alturas, em que Chateaubriand soube ataviar de gallas sumptuosas aquillo que nos parece mais comesinho na vida.

Para que o CANTO DO INDIO chegasse ao seu devido ponto de perfeição, era mister que precedesse á sua concepção mais algum estudo da ethnographia da nossa terra, como se observa nos CANTOS AMERICANOS do Snr. G. Dias; são estes toques de remate que caracterisam uma escola, e que mostram a mão do artista, e a valentia dos seus rasgos. Em JULIA é bello o principio; na tempestade ha elevação e variedade, mas rogamos ao poeta que evite a fria philosophia nos seus versos, como fez no canto – O MUNDO. Quizeramos ver essa VIRGEM AMERICANA, vestida com toda a louçania que lhe é propria, circulada de uma paisagem equinoçal, e não uma mulher, que se confunde com todas as outras; ella deve ser como esse rio patrio, como a palmeira, ou como esses fétos que caracterisam a vegetação do novo mundo.

O canto, intitulado o BRASIL, perdoe-nos o vate, é uma divida que está em ser: nós o tomamos por uma promessa que se ha de realizar; um livro é pequeno espaço para elle, quanto mais um poemeto.

Em algumas de suas canções ressumbra essa doce e suave melancolia, que tanto apraz, que denota sensibilidade, e que augura muitas esperanças.

É bello e agradável ouvir a voz daquelle joven poeta, que pela primeira vez, vem assentar-se fronteiro á natureza, e a vai traduzindo na lingua das harmonias; é digno de amor e de animação aquelle filho do Brasil que trilha a estrada das artes, e que aspira chegar á entrada desse immenso templo das illusões, para beijar o altar onde circulam, entre nuvens de aromas, todas as chimeras do bello, todas essas filhas de sonhos sublimes, todas essas visões caroaveis, tão formosas, tão cheias de esperanças, e tão enganadoras.

É bello contemplar o novo Levita, diante da Arca Sancta, offerecendo as primícias do seu gênio... mas é perigosa a sua missão, porque a elle não coube um retalho da terra da promissão, e porque a sua patria é o mundo do bello.

As litteraturas se formam como as cidades, que se compõe de choupanas ao principio, e que acabam por se nobilizar com os prodigios da architectura: as agoas do Maracanã, que tanto bebeficiam esta cidade, não correram limpidas nos seus primeiros dias, foi-lhes necessario tempo, e uma correnteza não interrompida desde a sua nascente até o seu grande deposito, para que chegassem a essa clareza e transparencia que lhe conhecemos, e ter todas as boas qualidades de um dos primeiros elementos da vida:

“Canta, menino, canta, e improvisa sempre, dizia um celebre musico a um dos seus discipulos, porque no momento em que achares uma idea nova, uma phrase não ouvida, já fizeste um passo, e já fizeste subir a arte a mais um ponto de perfeição”.

Assim dizemos nós a todos os moços: - Cantemos a nossa bella patria, que, no momento em que formos Brasileiros, teremos as bases de uma nova litteratura, e com ella todos os prodigios e primores das bellas artes.

A nossa America já tem pago uma grande parte da divida civilisadora: já deu quatro grandes elementos de progresso humanitário; um Brasileiro inventou as machinas acrostaticas, um Americano os conductores electricos, e outro a navegação por vapor: Bernardim de Saint-Pierre e Chateaubriand acharam na America a chave da nova litteratura de que se tornaram chefes, e antes delles já o nosso Durão havia creado o – Caramurú - , e Basílio da Gama – Os amores de Lindoia e de Cacambo.

Estude-se a natureza, que foi a mestra dos mestres, e sejamos Brasileiros, não cahindo nos extremos, mas sim debaixo dos principios de uma santa esthetica, e de um moderado patrotismo, sem carregar as cores e os contornos da nova escola.

SIQUEIRA, F. A. “Natureza. Poesia. Mystérios”. In: *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Empresa Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, n. 420, 22 de novembro de 1853, n. 423, 02 de dezembro de 1853.

Marmota Fluminense - 22 de Novembro de 1853.

Para aquelles que passam desapercibidos a senda da vida, e que não sabem comprehender sua missao sobre a terra para aquelles, emfim, que da natureza só esperam a prodigalisação dos dados precisos para a manutenção do equilibrio da força orgânica, o mundo não é mais que um feio carcere, onde o mortal cumpre a sentença fatal de um crime gravissimo! Para o philosopho, porém, e ainda para o poeta, a natureza não é senão um bello paraíso de suas distracções, o grande livro d'ouro, em cujas extensas paginas se concentram suas curiosas cogitações, e onde o seu espirito penetrando em seus soberbos monumentos, encontram, e admiram os tropheos da humanidade em um caracter indecifrável! É ella um degráo seguro para a inducção de um raciocinio, cuja consequencia nos revella verdades que na ordem methaphysica parecem impossiveis á nossa razão, attenta sua limittada capacidade, e (cousa admirável!) incríveis para aquelles que nunca presenciaram com a reflexão as grandes e patheticas scenas do mundo moral! É á vista destas maravilhas grandiosas que o Chefe d'Obra de Creação opera na natureza, para demonstrar sua incomprehensibilidade, que o philosopho e o poeta adoram reverentes estes phenomenos na ordem psychologica, estes mysterios na ordem theologica, que alguns ousadamente tem negado sua possibilidade e ainda mais a realidade de sua existencia!... Para ambos a natureza contém em resumo todas as perfeições do Ente Supremo, desde o mais vil bichinho da terra, até o famoso gigante que percorre os arenosos desertos da Siberia. – Ahi se manifesta claramente um de seus primeiros attributos. – O poder infinito – que deu occasiao ao feitio desta magestosa producção de sua mente eterna. Para ambos não existe difficuldade, nem exhição em crer em mysterios, porque elles não baralham jamais suas idéas, nem confundem seus religiosos pensamentos! Elles não se atrevem a negar aquillo mesmo que a muda materia lhes ordena respeitar, independente de principios theologicos.

Todas as obras do Creador se acham marcadas com o cunho profundo da incomprehensibilidade. *Intellexi quod omnium operum Dei, quæ fiunt sub sole, multam possit homo invenire rationem.*

Reconhecida a veracidade desta proposição, elles crêm com fé viva os grandes mysterios, que escapam á suas vistas, sem jamais poderem apagar a crença fundada na possibilidade que lhes inspira uma certeza physica e indispensável, e na tradicção, que lhes obriga a dar aos homens aquellas

qualidades, que os tornam dignos, por uma necessidade social, de critério para manter a autoridade do testemunho, sem prebenção de abusos!

Os mysterios tem um lado luminoso, que responde pela sua existência, e outro obscuro cuja profundidade a razão mais sagaz não póde penetrar! Nós vemos os movimentos da terra, mas ignoramos sua origem! Poderemos dizer a alguns desses homens usurpadores do honroso titulo de philosopho, como de um poeta moderno:

*Des systhèmes savant epargnez-vous les frais,
Et ces brillants discours qui n'eclairant jamais.
Avouez-nous plutot votre ignorance extreme:
Hela! Tout est mystère en vous-meme, à vous meme,
Et nous voulons encore q'ua d'indignes Sugets,
Le Souverain du Monde, explique sés projects!*

(RACINE)

Envergonhemo-nos de nossa mediocridade e saibamos respeitar os arcanos insondaveis da sabia providencia!

Os mysterios, estes cachopos onde tantas vezes tem naufragado a razão humana, servem de abrigo, ou de ponto de partida para admirarmos em extasis a grandeza do Omnipotente, vasto assumpto de magnificas producções poéticas, nuvem magestosa onde tantas vezes transportou-se ás regiões celestes, ao throno da verdadeira gloria um David, e um Salomão!

Quanto não é sublime a Poesia dos mysterios! O engenho esmera-se em explical-os, e cada pensamento, que a elles se refere, busca com delicadissimos traços descrevel-os apenas no grande quadro da natureza! Ahi mesmo existe a poesia! Sendo a linguagem pura, ou a viva expressao do desejo, ella nunca paira na escolha dos esforços, porque nada ha, que possa saciar o vacuo do humano coração, porque é ella uma paixão!

Conhecer portanto tudo, seria marcar um mui acanhado limite á nossa propria intelligencia, seria suffocar a esperança, alimento nutritivo e substancial á nosso pobre coração!

Quantas cousas ignoramos nós no globo do Mundo!

Aquelle que construiu o Universo, que governa com sua Omnipotencia todas as suas partes, se occultou mysteriosamente n'ellas; patenteasse exteriormente, porque as nossas precisões o buscam; mas elle nos encobre o interior debaixo de um véo impetravel, que o braço mais valoroso não tem podido rasgar! Entregou, diz o sabio philosopho, o Poeta insigne da antiguidade, o Mundo ás disputas humanas, sem que ellas possam conhecer as obras, que Deos creou desde o principio, e que conservará até o fim! *Et mundum tradidit disputationi eorum, ut non inveniat homo opus quod operatus est Dominus ab initio usque ad fencin.*

A Poesia deixaria seus altivos vôos, senão tivesse a attitude para esvoaçal-a, senão tivesse a sublimidade, que tanto prende a sua attenção; e esse é o character, que tanto a ennobrece nos dias de sua gloriosa existencia! Porque é na Natureza toda mysteriosa onde vae elle buscar as causas dos seus hymnos extasiadores! (*Continuar-se-ha*).

Marmota Fluminense - 02 de Dezembro de 1853.

Desde que os aljôfares matutinos expandem docemente sobre a face da terra, desde que os raios do ardente sol principiam a dourar a cumiada das altas e gigantes montanhas – poesia, e mysterio – eis os dous grandes caracteres com que todos os objectos se offerecem á nossos olhares.

O orvalho pingue do Céu, que havia cahido sobre as sequiosas flôres, as tem predisposto para a recepção de uma outra influencia, que lhes deve communicar os auxilios necessarios para seu esmalte final, para seu aperfeiçoamento completo!

Como não é poetico, como não é mysterioso esse quadro, que a filha mimosa de Titan offerece ao Universo inteiro, quando vestida de purpura, coroada de fragrantas flôres, se deixa ver amena e risonha nesta hora de inexplicável contentamento, em que os proprios irracionaes a saúdam com seus harmoniosos hymnos!

A revolução das estações, a prodigiosa vegetação das plantas, a fecundidade dos animaes, eis grandes mysterios, que a cada momento espancam a admiração humana!!! Que importantes assumptos, que famosas descrições cantadas ao som do accorde da Lyra de um Virgilio, de um Bocage, Filinto Elysio, Durão, Gonçalves Dias, Teixeira e Sousa e outros?!...

Como um pequenino grão lançado na terra pôde tomar a formula grandiosa de uma arvore, e mais tarde ahi mesmo d'entre suas rusticas folhas broxulear a garbosa flor, que inspira, elevados, ternos, e

amorosos sentimentos na linguagem humana, e ainda dias depois o saboroso fructo? Que bellas methamorphoses!...

Donde provém esta multidão infinita de animaes tão prodigiammente variada, e tão constantemente uniforme?!... Qual este espírito vital, que os anima, e vivifica?... Este instincto, que os conduz?! A natureza me propõe sempre abysmos, e profundidades!...

Passeio pelas ribas do mar; eu observo que suas aguas crescem e diminuem todos os dias: eu vejo em temporaes furioso, disposto a engulir a terra, mas o furor de suas soberbas e encapelladas ondas se quebra nas praias, collo de seus amores, onde se espreguiça risonho para corresponder a seuscarinhos. Admiro, como o Poeta Rei, a sublevação deste elemento: *Mirabilis elationes maris, mirabilis in altis Dominus*. Eu busco suas causas nos grandes livros dos philosophos, porém nenhum delles me responde!

Ouçõ a voz do Omnipotente, que me diz: “Sabeis quem poz diques ao mar, para o refrear quando elle se espraia sahindo das minhas maos; como do seio de sua mãe?...

Sou eu o que lhe tenho dito: tu chegarás até este lugar, e não passarás adiante, aqui quebrarás o orgulho de tuas ondas. Quis conclusit ostiis maré, quando esumpebat, quase de vulva procedens?... Dixi: Usque hue venies, et non procedes amplices, et hic confringes tumentes fluctus tuos.

Visitae silvas, percorrei bosques, e deparareis com elegantes desenhos habilmente tençados pelo delicado pincel do hábil Artista – Supremo, - que jamais o progresso seracapaz de imitar! Contemplae o dormir atencioso dasaguas n’um extenso lago, protegido pela sombra espessa das formosas e copadas arvores, descansando das fadigas de um longo debate entre os penhascos! Comparae-as ás diferentes phases tumultuosas da vida humana terminando pela morte!!!

Não já se ouve seu estrondoso murmurio, seo balançar ruidoso!

Oh! mysterio da natureza, que nos aponta – o nada – da vida!

Como o echo perdido no deserto, como o som do alaude á pardas brisas.

É a existência do homem sobre a terra!!!

Alli um velho e carcomido tronco, que outr’ora offerencia ao viajante fatigado da longa jornada um refrigerio nos calores do sol do estio, que resistia impavido aos furacoes do furioso Euro, apenas agora despido de seus ornatos, mudo e silencioso, parece reconhecer a fraqueza de suas tentativas, reprehendendo a seus companheiros, que se riem de sua pobreza e miseria!!!

Oh! parabola do rico reduzido á ultima degradação, que nos explica a vaidade das riquezas do mundo falsario!!! Que sublimes arroubos para um engenho poetico!

Não são a estes objectos que se dirigem os descantes de nossas lyras; não são elles que algumas vezes nos mostram ainda hoje os risos do passado, as esperanças no futuro, e todo o presente, élo da grande cadeia, que prende a humanidade?!

(Continuar-se-ha).

“A Providencia”. In: *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, Typ. do Correio Mercantil de Rodrigues e Comp., 26 de Janeiro de 1854.

Encetamos hoje a publicação de um novo romance original do Sr. Antônio Gonçalves Teixeira e Souza, intitulado – *A Providencia*.

O bem conhecido talento do autor dos *Cantos Lyricos*, dos *Tres dias de um noivado*, do *Filho do pescador*, e tantas outras producções estimadas, dispensa-nos de qualquer elogio á sua nova producção. Pessoa em cujo criterio confiamos, escreve-nos o seguinte a respeito da *Providencia*:

.....
“*A Providencia*, tal é o titulo que ao seu romance deu o autor; e dividindo-o em cinco volumes, soube de tal modo imaginar a mais intrincada trama, promovendo assim um interesse vivo pela sua solução, que de quasi todo o primeiro volume não póde o mais atilado leitor prever a marcha dos successos, nem tão pouco os inesperados lances do grande numero de importantes personagens que jogão neste phantastico terreno.

“Prescindindo da analyse do estylo, abstrahindo-nos das estereis e seccas notas relativas ao purismo da linguagem, em geral corrente e amena; não intentando dar idéa, nem mesmo perfunctoria, da fabula, que serve de fundo ao romance, por ser impossivel, e prejudicar com esse inexacto esboço as multiplicadas occasiões de agradaveis surpresas que a leitura da obra deve produzir, apenas diremos que tendo este romance do Sr. Teixeira e Souza, como todos os seus, o caracter de uma originalidade indisputavel, possui, do mesmo modo que os demais que elle tem composto, o merito de ser engendrado de maneira que nelle estão consignados muitos dos nossos costumes, usos e habitos dos tempos coloniaes, podendo por este lado ser o seu autor dignamente cognominado o archeologo de nossas velhas tradições, e ainda bem choradas usanças.

“Diversos episodios, opportunamente entresachados, que, não tendo o inconveniente de arrefecer o interesse da narração, apresentam a vantagem de deleitarem e instruirem, ao passo que concorrem para o conhecimento de alguma circumstancia, merecem tambem ser mencionados; e taes são entre outros o da historia do Japão e da viagem a Jerusalem, etc. Não faltão a esta flôr da litteratura os perfumes e as mimosas côres que lhe emprestão as scenas universaes do amor, com todas as lutas, victorias e revezes. A censura picante, mas despida da austeridade da predica, e involta em bem cabidos conceitos, sugilla aqui e ali os ridiculos caprichos e reprovados prejuizos da sociedade. O jogo das paixões tumultuantes, a luta das ambições humanas, e todos esses moveis que dirigem neste mundo sublunar nossas acções,

incarnou-os o auctor do romance nos seus differentes personagens, sem ferir a verosimilhança e naturalidade dos factos, procurando mais que tudo fazer bem notorio o triumpho sempre inauferivel da virtude sobre o vicio, da innocencia sobre o crime, da religião sobre a impiedade, e realizando o sentencioso dito: - *Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci.* –”

Ao terminar a publicação do romance do Sr. Teixeira e Souza, esperamos poder continuar e concluir a publicação do – *Calabar* – do Sr. Mendes Leal.

Vale. “Chronica da Quinzena”. In: *Revista Brasileira – Jornal de Litteratura, Theatros e Industria*. Rio de Janeiro, 14 de junho de 1855. N.º 1, p. 9-12. Typ. Dous de Dezembro.

O que é uma quinzena? é a historia dos factos, das diabruras, das contradicções e anomalias de cada uma das horas desse numero de dias cahidos das mãos da Providencia. Sommai pois, leitor, pelas horas de cada um dos dias a quantidade de cousinhas mais ou menos interessantes de que se deve occupar um chronista. Quinze dias! 360 horas! Meu Deos!... nem que tivessesmos á disposição todas as paginas desta revista poderiamos dar conta damão! O que faremos? Pôr para banda os factos insignificantes, deixar no tinteiro aquelles, que pouco interessam, e entreter-vor, leitor, daquelles, que divertidos ou graves, vos seja de utilidade o conhecimento.

Nova difficuldade; engulimos, subtraímos; e agora, não sabemos por onde começar! Pelos mais antigos, nos direis vós que assim o pedem as leis da chronologai. A antiguidade, foi e será sempre um direito inauferivel, salvo ácerca de duas cousas – das roupas e da mulher. E na verdade, todos allegam a antiguidade, como um direito, escepto a mulher, que esforçadamente busca fazel-a esquecer: d’aqui os cabellos portijos, os dentes de defuntos, as tinatas e arrebieques com que procuram apagar a memoria dos annos, escripta em seu rosto. Nada; estamos em tempo de innovações, transformações e cnciliações; tambem por nosso turno queremo-nos celebrar. Começaremos pois esta revistas pelos pés e não pela cabeça e se quizerdes, considerai-a de cabeça para baixo; começando como vamos começar pelos pelos ultimos factos da quinzena em vez dos primeros. A natureza é a grande artista, cujas obras devem ser imitadas. Perdeu já por ventura o cajú alguma cousa de seu merecimento, porque de cabeça para baixo se pendura de seus elegantes galhos? A natureza! segui a natureza! gritam-nos todos os dias certos poetas romanticos, quando nos querem impingir algumas de suas estramboticas e estravagantes producções, quanto mais della se affastam! Pois bem, innovador, ante chronologista, romantico, ou o que quizerem, começaremos, não do principio, mas do fim.

- Que zúm-zúm! que bulha, que murmurações no dia em que publicou a commissão encarregada pelo governo de distribuir as acções de estrada de ferro, o nome dos agraciados! Os descontentes amarraram á um poste a cada um dos contemplados, e derem-lhes sem piedade!... A analyse rigorosa de toda sua vida, os altos e baixos de cada um, e tudo quanto constitue os episodios e peripecias deste pequeno drama, a vida publica e privada, tudo veio á barra deste tribunal da maledicencia, presidido por uma das paixões mais baixa que se conhece a- Inveja. O que isto quer dizer, porem, é que todos queremos ser do dia para a noite, não ricos, porém riquissimos! Confiar no bratalho, esperar esse favor da

industria propria e de uma economia bem entendida, é masante, e para tal cumpre ter uma paciencia de pescador. Pobre comissão! como contentar a um milhão e não sabemos quantos mil pretendentes, muitos dos quaes se tinham chrisnado e rechrinado! Fez ella quanto podia para contentar a todos, servindo já se sabe, a seus amigos e as pessoas de influencia. Ora, queira Deos, que não fique muita gente lograda nessas esperanças, á nosso vêr, tão mal fundadas? O systema seguido pela comissão deu direito ás invectivas, com que se a tem atacado. Cinco gradações de 100 até 5, e por ellas distribuio a comissão á todos os pedintes, como melhor entendeo que podia satisfazer os interesses daquella nascente associação, resultando ficarem no esquecimento, ou mal aquinhoadas pessoas que sem duvida tinham direito ás contemplações da illustre comissão. Si nos consultasem, pensaes, leitor, que nos contentariamos com 10 a 20: estais enganado! cem! cem! embora nem para 5 tenhamos nós o preciso capital: ahi é que está a belleza do negocio; um mero immenso sem empate de um só real!

Basta de acções; temos medo de que tanto se envolvam em acções, que sem acções fique, quanto em acções confiam.

- Segunda feira 2 do corrente foi recebido com todas as formalidades da lithurgia um novo adepto no templo magestoso da veneranda Astréa! Mais um fazedor de tropeços e alicantinas, á que se chama chicana! mais um membro para a respeitavel familia forense! O Snr. A. G. T. e Sousa, o nosso excellente poeta, o auctor de tantas producções mimosas, um dos nossos illustrados concidadãos, acaba de passar por uma dessas metamorphoses que transformam a vida do homem. Semelhante á cysalida, que após um somno de alguns dias, em linda borboleta se transforma; o nosso sublime cantor dormira seu somno de cysalida para esta sociedade de positivistas, durante quasi 6 annos; e graças ao Exm. Snr. ministro da Justiça, graças ao Magnanimo Protector das letras, o nosso Immortal Imperador vai elle desprender agora á luz de nosso bello sol as lindas côres de suas azas.

A historai desta metamorphose é curiosa e não a deixaremos em esquecimento. Tinham as reformas das reformas porque passou a instrução publica do municipio neutro, (se é que passou e não está ainda passando) atirado com o nosso illustre poeta no fundo de uma escola de primeiras letras acompanhado de uma esposa e 4 filhos, e embrulhado em 800\$!

Comprehendendo elle que dentro em pouco, por tão bem acertadas reformas, teria o mestre á porta de sua escola mais credores, que discipulos, decidio-se a romper com a alta dignidade de mestre de meninos por *tão bom mercado*. Resignado, pois, pede um humilde lugar de escrivão ou cousa que o valha na cidade de Macahé, documentanto a sua petição com 2 volumes de seus canticos lyricos, seu poema os Tres dias de um noivado, poesias avulsas, romances e um poema epico a – Independencia do Brasil. O

Exm. Ministro da Justiça, porém, não quis acceder a essa petição que tinha semelhanças com um delicado epigramma feito á esta nossa epoca, chamada de desenvolvimento, e de progresso litterario. Lembrou-se, talvez, de Camões, que lá andára pela Asia esquecido entre os autos de um cartorio de escrivão de defuntos e não quis, que em seu ministerio semelhante escandalo se desse. Indefirindo-lhe o requerimento, despachou-o para um lugar da côrte, que lhe pôde dar meios para um viver honesto e occasião, para novos trabalhos poeticos. A fome e a miseria não são lá muito bons inspiradores; nem sabemos que haja musa, que com fome cantar possa! Snr. Ministro! Se não fossem já tantos os titulos que vos recommendam, se precisasseis de factos, que ennobrecessem vosso character, este bastava; acabais de mostrar que para vós a probidade, o talento e a illustração tem um verdadeiro valor! Em nome, pois, das letras, em nome daquelles, que como o Snr. Teixeira e Sousa confiam em seu talento, vos rendemos, Snr., os mais verdadeiros e sinceros agradecimentos. Ah! vós não imaginaes, que prazer, que contentamento derramastes por toda essa immensa familia!... Oh! mais de um, talvez, tenha recobrado o animo e a esperança, ha tanto perdida!

- Estamos na maré das demissões e desta feita carregou ella para o ministerio do Imperio no ramo instrucção publica. Demittio-se, o Snr. Reitor do collegio Pedro II, o Conselheiro José de Sousa Correia; demittio-se o Snr. Vice-Reitor Fr. José da Conceição Saraiva; demittio-se o Snr. Fr. Camillo de Monserrate, lente de Geographia e Historia Antiga no mesmo estabelecimento. Misericordia! por pouco se não demittiram todos os empregados! O que porém houve de notavel em tudo isso, foi o terem pedido suas demissões, quasi ao mesmo tempo, aquellas duas auctoridades. E sabeis, leitor, quaes hiam sendo as consequencias deste facto singular? O collegio Pedro II esteve acephalo, se ainda não está. E graças á actividade, intelligencia e perspicacia do Snr. Dr. Manoel Pacheco da Silva, inspector geral interino, que de prompto accudio com o remedio a esa crise, nomeando para governar provisoriamente essa casa de instrucção, o mui digno e illustrado professor o Snr. Jorge Furtado de Mendonça, não foi ella o que poderia ser. Assim, a intelligencia e dedicação do Sr. Dr. Pacheco, livrou o collegio Pedro II dos funestos effeitos da anarchia que devia resultar da falta dos cabeças deste estabelecimento.

Diz-se, que empenhadamente procura o governo, ao menos, um vice-reitor; e que ainda lhe não foi possivel ahcar quem se queira engaiolar eternamente com tão pequena retribuição, e tão pesada responsabilidade. Ah! meus Snrs., tende cuidado em vossa escolha, e não esqueçaes que se trata da instrucção da mocidade. Tomou posse, como professor da cadeira de Geographia e Historia antiga vaga pela demissão pedida pelo Snr. Fr. Camillo o Snr. J. A. Gonçalves da Silva, bacharel em bellas letras pelo

mesmo collegio, um dos mais estimaveis professores do ensino particular, *um dos taes que lá aprendeu e que portanto nada deve saber!...* Maldito consoante a quanto obrigas!...

Felicitemos ao Governo Imperial pelo acerto da escolha, pois além de seu natural talento e conhecimento profundo da materia que vai ensinar, é o Snr. Gonçalves moço de illustracção e moralidade. Começam a realizar-se portanto, nossas idéas a respeito dos professores deste collegio. É d'entre seu sbachareis, que se deverão tirar os mestres para aquelle genero de ensino; sendo para a mocidade ali educada mais um incentivo para applicação, mais uma esperança na carreira da vida. Este novo professor, não se esqueceo que ali tinha sido educado e na sua breve allocução aos alumnos a quem começava a ensinar, deixou cahir, cheias de sentido e belleza estas palavras – *Destes bancos, Snrs! subi para esta cadeira!* Que bello pensamento! oxalá que sempre assim se conduza o Governo nas nomeações para aquelle magisterio!

- Já estava composto este artigo, quando lêmos no Jornal do Commercio o discurso do nosso particular amigo o Snr. Dr. J. J. da Rocha na camara dos Snrs. Deputados, em que accomettera desabridamente o Imperial Collegio Pedro II. Bem vê o leitor, que nos é impossivel tratar aqui deste objecto como convinha, attento o seu alcance, apertado como nos achamos no pequeno espaço que a forçada condescendencia dos Snrs compositores nos concede; por isso nos reservamos para o proximo n. em que seremos mais extensos.

Tão inexactas foram as asserções, que este illustrado orador soltou do alto de sua immensa immuniidade, tão pouco convenientes a um dos mais distinctos e esclarecidos membros do conselho da instrucção publica, e sobre tudo em vista das *circunstancias muito especiais em que elle se acha no ensino publico*, que o desconhecemos; e em vão procuramos sua natural habilidade, sua perspicacia, e tino das situações. Quando tratarmos do objecto, mostraremos quão mal informado está o nosso amigo; ou tem mui superficialmente estudado este estabelecimento depois que de lá sahio.

A esses exames de *patacoada* presidio um dos mais conspicuos e respeitaveis varões do pais, o Snr. Visconde de Itaborahy! Essa *patacoada* mereceu que o Governo mandasse agradecer á aquelles que nella entraram, reconhecendo como publico o serviço que prestarm. *Algumas stancias de Horacio* foram, leitor, quasi todas as odes do 1.º livro d'este poeta; mais de quatrocentos versos d'arte poetica e o 4.º livro todo da Eneida de Virgilio. Por esta pequena amostra avaliai o mais, que tem tudo o mesmo fundamento. Muita cousa tinhamos nós que dizer-vos ainda, amigo leitor, porém... até outro dia.

Vale.

“Reparos Sobre um Romance”. In: O Guanabara. Rio de Janeiro, tomo III, 1855.

Em um dos numero do *Guanabara*, que por não termos á mão não citamos, o encomiador do bello romance do Snr. Dr. Macedo a – VICENTINA – disse sobre os romances, em these, o quanto nos pareceu bastante, e por isso nos eximimos de fallar na mesma materia. A nossa tarefa agora são algumas reflexões ácerca do romance a – PROVIDENCIA – do Snr. Teixeira e Sousa, que o anno passado publicou nesta côrte o *Correio Mercantil*.

O romance Providencia, apesar de alguns defeitos, é uma criação gigantesca, e até immensa, que fazendo grande honra a seu autor, passará talvez á posteridade, porque não é o romance de uma época, mas de todas; é o mundo talvez em ponto pequeno.

Não gostamos do título do romance; mas o título de um livro não lhe augmenta, nem diminue o merito. O heroe da Providencia é bem pouco saliente, o mesmo Snr. Teixeira e Sousa o diz: Eil-o “O narrador aproveita a occasião para declarar aos seus leitores, si lhe perguntarem no fim desta historia quem é o heroe della, e qual a acção principal, que elle os não quis designar abertamente etc.” Isto é verdade. Os personagens que representam na acção são todos tão importantes, que não é sem diffculdade que no meio delles se depára com o heroe; o que julgamos devido á acção, que certamente não é o amor, como acontece em quase todos os romances. A’ acção do romance porém ligam-se tantos incidentes, amarram-se tanto episodios interessantes, que a intriga do romance torna-se de tal sorte intrincada, que já no fim delle o leitor o mais habil e acostumado a romances não póde nem prever o desfecho! Além de doutros, é de nosso dever notar tres cousas no romance, que são: a fidelidade aos costumes da época em que o autor figura a sua historia; a conveniencia dos seus characters, e a côr local sempre animada, e sempre brilhante. Póde bem ser que exageremos, mas dizemos o que sentimos: ha muito tempo não lêmos um livro tão abundante de bellezas, de tão florido e agradável estylo, e de linguagem tão amena e correctá. Comtudo, não dissimularemos que o trecho da historia do Japão posto na boca de Filippe, as reflexões criticas sobre os primeiros habitantes do novo mundo, postas na boca do Padre Chagas, e a descripção de Jerusalem referida pelo mesmo Padre, nos pareceram luxo de erudição; mas perdoamos de bom coração este luxo, que nos apresenta tantas bellezas, tanta imaginação e tanta poesia.

O Snr. Teixeira e Sousa é sempre sublime quando stigmatiza um vicio. Filippe, fallando de seus desregramentos, e do louco poder, que attribua ao oiro, diz:

“Nescio que eu era! acreditei que o oiro poderia comprar o amor! Insensato! que acreditei que um coração de mulher se vendia! Vaidade do mundo! Acreditei que com tudo se mercadejava! Soberba das riquezas! Acreditei que o dinheiro podia a tudo comprar! Compra-se uma mulher, mas não se compra seu coração! Possue-se uma mulher, mas não se possui seu amor! Gozam-se os serviços de uma mulher, mas não se goza sua afeição!.. E com effeito, desfructamos esses serviços, como desfructamos os serviços de uma escrava; mas esse coração ahi fica, tão livre para odiar-nos, como o coração da escrava, tão livre para aborrecer-nos!”

Aqui apresenta o autor uma bella idéa, que muito deve lisongear o coração das mulheres; mas um pouco adiante não podemos lêr sem arripiar-nos estas palavras postas na boca do atheu, ou deista Filippe:

“Ha uma idéa de consolação, que sabe de adrede esmaltar na noute dos desesperados todos os horrores do tumulto; e esta idéa cifra-se nisto; deixa-se de viver, deixa-se de soffrer, porque o tumulto engole de um jacto a vida, as lembranças e as dôres! É mentira! O homem não foi feito para soffrer, porque os soffrimentos jámais se casam com o coração humano; o homem foi feito para a felicidade, e a felicidade é gozar, porque é com os gozos que a nossa alma se deleita! A immortalidade não é senão um renome! a bemaventurança uma grande somma de gozos desfructados sobre a terra! O inferno não é mais que uma grande somma de soffrimentos na terra padecidos! Deos... ou tal não existe, ou impassivel vê, sem commoção, o curso de suas obras! Assim, quando se não póde attingir á bemaventurança dos gozos, evita-se o inferno dos soffrimentos! O sacrificio é pequeno; basta apenas uma vontade altiva e uma resolução sublime; a dôr é passageira, e a desordem instantanea, e o socego eterno.”

Eis um pedacinho muito eloquente, mas muito perigoso, visto que o illustre romancista o põe na boca de um homem que intenta suicidar-se. O autor deixa proseguir o seu personagem, e nenhuma reflexão faz ácerca disto. Quizeramos que o autor repellis-se e condemnasse esta impiedade.

Nós bem vêmos que o Snr. Teixeira e Sousa o fez de proposito, para depois tornar mais saliente o castigo, e o arrependimento deste impio; mas isso vêem as pessoas de criterio; e um romance é sempre escripto para o povo. Nós que lêmos o romance com attenção, estamos bem longe de pensar que o Snr. Teixeira e Sousa professe taes idéas; porque quem pinta com tanta energia e bellezas o arrependimento de Narcisa, certamente acredita nas verdades reveladas pelo christianismo. Citemos esse trecho:

Narcisa, filha de Filippe, está casada com Baptista. Filippe o malvado, o atheu, o assassino enlouquece no dia mesmo do casamento da filha. a bella Narcisa, victima de uma má educação, e de um preceptor perverso torna-se criminosa, e adúltera; seu pae, desfigurado, com a barba crescida, e os cabellos sobre o rosto, de modo que se torna inteiramente desconhecido, apparece á sua filha quando esta está no jardim. Filippe lança em rota á sua filha todos os crimes de seus maiores, e os della mesma. Este dialogo assás dramatico, assás bello, e mesmo sublime, termina assim: Narcisa falla:

“- O senhor esta me calumniando...

- Nunca!

- Não está dizendo verdade...

- Estou.

- Eu amo meu marido.

- Mentira.

- Onde sabe a minha historia?

- Delles mesmos... Oh Providencia!

- Impossivel.

- Seja.

- Onde sabe a minha historia?

- De ti mesma...

- O Senhor é um impostor...

- Nunca.

- Então quem é? donde vêm? o que me quer?

- Sou um demonio! venhos dos infernos! quero levar-te...

- Ai!...

Narcisa cahiu sem sentidos. O fantasma desapareceu.”

Em consequencia desta apparição, Narcisa arrepende-se de seus crimes, e na firme intenção de emendar sua vida, escreve a seu complice delle se despedindo, este pede-lhe uma entrevista, que será a derradeira, se ella o quizer. Narcisa consente. O complice de Narcisa, que havia sido seu mestre, apresenta-se, tendo saltado a janella do costume. Os dous adulteros em presença um do outro ficam mudos, até que Pedro diz:

“- Em que pensaes, Narcisa?

- No que sou... e no que deveria ser... respondeu a moça com voz incerta e lastimosa.

- E o que sois, e que deverieis ser?

- Deveria ser uma mulher justa e virtuosa, uma esposa amante e honrada, e uma mãe terna e respeitaval... eis o que deveria eu ser, e no entanto sou uma mulher iniqua e criminosa, uma esposa desleal e infame, e uma mãe desamorosa e desprezível... Eis o que sou: Podia ser tudo quanto uma mulher póde ser de grande, de nobre e de santa! e não sou mais do que o que uma mulher póde ser de pequena, desprezível e má!

- Não vos compreendo...

- Então, meu amigo; é que sois de mui difficil comprehensão!

- Não vos compreendo!.. Pois vós não amaes vossa filha?

- A mulher casada, que ama seus filhos, jámais põe olhos amorosos em um homem, que não seja seu marido, o pae de seus filhos.

- Mas, Narcisa, uma mudança tão repentina!..

- Tardei, bem o vejo... mas ainda assim o tempo, qualquer que seja, é sempre proprio para o arrependimento e para a emenda.

- Será possível que vós, tão altiva, de um espirito tão forte, vos deixeis vencer por prejuizos ridiculos e grosseiros?

- Meu amigo, á Deos nada é impossivel. Tenho ouvido ao Padre Chagas fallar não poucas vezes da bondade e misericordia de Deos... Que vos admira pois? Magdalena converte-se e chora suas culpas aos pés do Salvador; Dimas o reconhece sobre a cruz e roga-lhe que se lembre delle; Paulo torna-se defensor da fé e seu apostolo, de perseguidor que antes havia sido... Não poderia pois descer tambem sobre mim um raio da divina graça?

- Oh! oh! e esse raio não vos queimou?

- Sim, queimou-me... e queimou-me tanto, que me fez insensivel aos vossos motejos...

- Ora falletmo sério... isso não passa de gracejo...

- Pois falletmo sério. Snr. Pedro, quando eu era menina acreditava que existia um Deos, e acreditava de todo o meu coração; porque se meu pae algumas vezes o negava ou a sua Providencia, só o fazi nos momentos de suas desesperação! Elle nunca me havia ensinado systematica e methodicamente, que tudo quanto existe era obra da natureza; que nossa alma morria com o nosso corpo, e que a esta vida

seguia-se o nada do sepulchro. Eu não sabia que o infinito era este espaço immenso, que nos cerca e que a eternidade era o eterno nada da sepultura! Creança, era bem desculpavel em mim o desvanecimento de minha formosua! creança é me julgando formosa, era bem desculpavel em mim a minha ambição de riquezas! Uma sabia e bem dirigida educação me teria curado destes defeitos: apezar porém delles, Snr. Pedro, eu acreditava no que hoje outra vez acredito; isto é, na immortalidade de minha alma, na existencia de um Deos julgador, que premeia os bons e castiga os máos! acreditava, e esta crença longe de ser um fardo para minha alma, era uma doce consolação e uma feliz esperança: assim minha mãe m'ó havia ensinado, e como m'ó havia ensinado, de Deos e só de Deos eu esperava tudo! e apezar da minha ambição, era feliz nas minhas crenças porque tinha esperanças! Deos é sempre justo: elle quis castigar-me por haver eu admittido em minha alma uma doutrina perniciosa e funesta! Deos pois me castigou por meio de minha ambição: fez-me rica, e bem depressa a sociedade das riquezas e dos prazeres trouveram-me o enojo! Lançada no caminho da desordem e do crime, não vi senão minhas riquezas, não ouvi senão meus caprichos, não segui senão meus prazeres! Quando porém acreditava que só eu, que só meu complice sabiamos dos meus desmanchos e indignidades, eis que, como por encanto, assoma ante meus olhos um fantasma, um demonio, um... que sei eu?! um bom ou máo genio emfim, um ente incomprehensivel, como Deos! indecifavel, como a vida e a morte! e mysterioso, como o tumulto! e feio, como a nuvem da borrasca, troveja sobre mim, como a voz da tempestade! A esta voz terrivel, medonha e profunda, como a voz do raio, despedaça-se á meus olhos o véo do passado, e um quadro de sangue sobre um fundo negro debuxa-se diante de minha alma! era a historia dos meus antepassados, dês do meu bisavô até meu pae! e nessa historia de infamias, de vicios e de crimes, eu sou forçada a vêr sempre, e em tudo e por tudo, o dedo da Providencia! Este fantasma, este ser mysterioso narra-me depois a minha historia dês do berço até hoje! Elle lança-me em rosto os meus crimes, mosra-me a mancha da ingratição, que negreja sobre a minha fronte, annuncia-me a maldição celeste, e desaparece, deixando-me anniquilada debaixo do peso dos meus crimes e desta maldição funesta! Volto depois á mim; minha alma carecia de consolação, meu coração de esperanças, e ambos de soccorro... mas ah! buscal-os onde? A verdadeira consolação existe na religião, e eu a tinha esquecido! A verdadeira esperança só vem de Deos, e m'ó havia expellido do meu coração! E se minha alma se lastimava sem consolação, se meu coração gemia sem esperanças: de quem me soccorreria, que pudesse sutentar-me a vida? Oh! a vida pareceu-me então odiosa! Odiosa, porque minha alma não tinha com que tornal-a soffrivel, nem meu coração com que amenisal-a; prqueu o universo era árido a meus olhos, e o céu mudo para a minha alma! Ah! meu amigo, vós não podeis comprehender os martyrios de um coração sem espreanças! Um coração sem esperanças é mais triste que o naufrago,

que luta com a morte entre as ondas, vendo tão longe a terra da salvação! é mais medonho que os campos chamuscados por continuas sêccas! é mais desolado que uma casa de familia sem pão, e sem meios de o haver! E porque não havia para mim nem consolação, nem esperanças? porque sobre a minha cabeça eu não via mais que a infinidade do espaço, negação de toda a esperança! e debaixo de meus pés a eternidade do tumulto, negação de todo o consolo! Sem Deos e sem esperança, sem religião e sem consolo, afflicta e desolada, quero acabar com uma vida, cujo peso me era por demais insupportavel; quero... mas um raio da divina graça desce sobre o meu coração... precipitada vôo para o oratorio, tomo um crucifixo, e cahindo de joelhos com elle abrançada, o banho com minhas lagrimas, e choro sobre elle os crimes dos meus maiores, minhas desordens e meus crimes!.. Arrependida, chorando sobre minhas culpas, eu sentia meu coração palpitar mais desassombrado, e minha alma dilatar-se! e á proporção que meus beijos voavam sobre os pés do crucificado, e minhas lagrimas sobre suas feridas, eu sentia a esperancá penetrar o meucoração, e o consolo a minha alma!.. Oh! como seria feliz, ser fôra este o derradeiro instante de minha vida!”

Narcisa termina este interessante discurso convidando o Pedro para que se arrependa; Pedro diz que não crê na tal apparição, que se não deixa mystificar por taes palavras, ao que a moça responde:

“Se eu obrasse por vossa causa, respondeu Narcisa, pezar-me-ia de que me não acreditasseis; se eu obrasse por causa do mundo, sentir-me-ia de que o mundo não me julgasse sincera; como porém obro por causa de Deos e de mim proprio: que me importa que me acrediteis ou não? Tudo isso me é indifferente.”

Pedro faz todo o possivel para reconquistar este coração que lhe fugia; vendo tudo baldado diz-lhe que não a póde perder, que ou sua sempre, ou morta. Narcisa escolhe a morte, e Pedro finge com effeito matal-a. Narcisa não offrece resistencia, não grita, nem foge, apenas desvía os olhos do ferro ameaçador, e offrece o peito a elle. Pedro admirado de uma tal constancia, diz:

“- Com effeito, Narcisa! vós não me enganáveis!..

- E vós suppunheis isso? disse a moça voltando lentamente o rosto para elle. A minha resolução está tomada.

- E nada vos póde demover della?

- Nada.

- Ora vejamos.

- Pois vejamos.

- Pelo que tenho notado, á vista do que entre nós tem occorrido, creio que hoje não vos importais com a vossa vida, e nem com cousa alguma do mundo; o vosso maior cuidado é a vossa reputação; não se vos dá de perderdes tudo, com tanto que a vossa reputação fique intacta; e assim deve ser. Vós deveis fazer tudo para conservar uma reputação brilhante aos olhos do mundo, amavel aos olhos de vosso marido, veneranda aos olhos de vossa filha, e respeitavel aos olhos do que vos conhecem de perto e que vos amam. Morrendo vós com essa reputação, vossa memoria será respeitada pelo mundo, abençoada por vosso marido, querida por vossa filha, e estimada pelos vossos amigos. Ora, creio que tenho adivinhado o vosso pensamento...

- Pedro, a reputação que ainda gozo eu não a mereço; mas vitos que o mundo m'a concede, justo é que eu a véle.

- Mas, visto que vós vos tendes dedicado toda a Deos, convêm que sejaes sincera, isto é, que appareçaes aos olhs do mundo tal qual fostes e tal qual sois; tudo o mais é uma impostura. Quanto mais publicos forem os vossos crimes, tanto maior será a vossa humiliação, tanto mais sincero o vosso arrependimento e tanto mais fervorosa a vossa penitencia. Quero então também lancár uma pedra na obra da salvação de vossa alma.

Amanhã todos saberão dos nossos amores! amanhã eu mostrarei a todos as vossas cartas! amanhã todos saberão das vossas entrevistas! amanhã explicarei a todos qual foi a vossa visão na nossa horta! amanhã emfim vosso marido saberá que mulher possui...

- Compreendendo a vossa ironia, senhor, é amarga, é dolorosa! Dessa maneira vós me perdeis, é verdade, mas vós vos perdeis tambem.

- E que me importa? perca-me eu muito embora, perca-me, com tanto que vós vos percaes comigo...

- Eis o que são os homens! Os homens, nossos senhores! Os homens, que se arrogaram o direito de dirigir-nos e governar-nos! Os homens, que unicos se collocaram á frente da sociedade! Os homens, que regulam nossos destinos e decidem de nossa sorte! Os homens, que nos chamam fracas, e negam o juizo prudencial! Os homens, que nos usurparam o bem mais doce – a liberdade! Os homens, para quem somos um traste, um traste apenas!!! Eis o que são os homens! Escravos de nossos encantos, orque contam que uma mulher ou mais cêdo ou mais tarde, pela lei natural, se ha de inclinar a um homem,

abatem-se diante de nós, beijando servilmente o pó da terra calcado pelas solas dos nossos sapatos! Humildes ainda mais que o mais vil de todos os escravos, rojando a nossos pés como uma serpente domestica, sem alma, sem brio e sem pudor, não se pejam de pôr uma felicidade cumprirem nossas vontades, ainda as mais caprichosas! e estes pygmeus de nossas camaras, estes desprezíveis heroes de theatro, sahem de junto de nós cobertos com o pó que nossos pés levantaram, para, se transformando em gigantes, irem dirigir os destinos de uma sociedade de milhões de homens! Voltam a nossos pés, a phantasmagoria desaparece, ou antes o fingimento; e a natureza smples e ahi se revela! O gigante da sociedade volve-se a pygmeu debaixo de nossos olhos, ou antes o homem, este ser orgulhoso, atrevido e impávido, não é em nossa presença mais que um ligeiro e desprezível insecto! Este cão fraldeiro, apenas obtem uma graça nossa, desconhecido e ingrato transforma-se em nosso senhor, e erige-se em nosso juiz! e abusando de indignos direitos usurpados sobre nossa fraqueza physica, troveja sobre nossas cabeças as suas proprias vilesas! E quando um dia queremos ser livres, queremos usar de nossos direitos, nos diz com o derradeiro insulto: “Sois uma mulher deshorada! a vossa reputação depende unicamente de mim! e, ou aceitar minha lei, ou cahir na infamia.” Trahidor, homem vil, se tu não fôras e os teus criminosos discursos; se tu não fôras e os teus abomináveis conselhos, eu viveria na paz domestica, gozando o innocente prazer desses auréos dias de uma adolescencia feliz! Quem destruiu o socego de meu coração? quem me arrebatou a paz de minha alma? não foste tu?! Dirigindo-me a teus fins, aproveitando-te habilmente de minha fraqueza, e servindo-te de minha ignorancia, tu me instruiste na estrada do atheismo, arrancando Deos do fundo de minha alma! tu me guiaste pelo caminho da libertinagem, destruindo em meu coração os santos e salutres principios da religião e da virtude; e aniquilando em mim estes supremos principios de toda a virtude e toda a moral, conduziste-me dest’arte pela hedionda senda do crime e do vicio! Dize: não foste tu quem duas vezes me perdeu? Tu me ensinaste a não temer um Deos, que não existia, dizias tu! Tu me ensinaste a nada temer ao depois da morte; porque á morte seguia-se o nada, dizias tu! Eis a minha primeira perda! Depois, lisongeando as minhas fraquezas, inflammando as minhas paixões, tu me fizeste cahir nos laços de teus conselhos e de tuas seducções! eis a minha segunda perda! Não contente, queres pela terceira e ultima vez perder-me, propalando as minhas desordens? Oh! se eu pudesse deixar de amar-te neste instante, eu te odiaria como os anjos odeam aos demonios! Vai-te!.. Ainda bem: tenho ainda uma porção de veneno que tu me déste para matar a uma mulher virtuosa... Graças, graças, meu Deos! que ao menos mais este crime não teve lugar! Vai... Amanhã propala meus crimes por toda a parte. Amanhã eu serei objecto dos risos e motejos de todos! Amanhã terás tu mais um crime! Amanhã haverá mais um marido desgraçado! Mas as tuas palavras de horror, os risos e motejos do

mundo, o teu crime, o resentimento de meu marido, cahirão apenas sobre um cadaver; porque sobre o leito em que hoje se deitar Narcisa, amanhã não apparecerá mais que seu misero cadaver!

- Como! quereis suicidar-vos?

- Quero.

- Bravo!

- Os vossos motejos me encontram tão impassivel, como os vossos insultos!

- Oh! pois não heide motejar! Toda voltada para Deos, toda beata, e quereis matar-vos? Não sabeis que a religião christã prohibe o suicidio? não sabeis vos matando lançais vossa alma no inferno?

- Tendes razão, senhor; eu vos agradeço o serviço que me acabais de fazer! por elle eu vos perdão todos os males que me haveis feito, todos os vossos insultos, e as vossas irrisões e motejos... Mas Deos me acudiu com um melhor alvitre...

- Então qual é?

- Lançar-me-hei aos pés de meu marido logo que elle chegue; contar-lhe-hei eu mesma os meus desmanchos, minhas faltas e meus crimes! Onde a maior humilhação? O offensor aos pés do offendido confessando-lhe a offensa elle mesmo! O réo aos pés do seu juiz pedindo elle mesmo a sentença! E se meu marido nessa occasião não tiver bastante animo para matar-me, terei eu bastante coragem para a seus pés morrer de vergonha.

- Basta... mulher extraordinaria! mulher sublime! Cahir como tu cahiste, é uma trivialidade; mas erguer-se como tu te ergues, é uma maravilha nova na historia dos arrependimentos! Antes nunca tiveras cahido; mas se não tiveras cahido, não te erguerias ácima do teu sexo com tanta sublimidade! Cahida, ainda te amo! Erguida, eu te adoro! Que assombro! Eu mesmo me desconheço! Que facto é este que me impões e me fôrça a um culto, cujos sublimes mysterios meu coração havia sempre desconhecido e negado! Não é pois a virtude uma palavra vaga! ella existe! e a virtude em uma mulher reveste-a de um character interiramente supremo! Narcisa, de hoje em diante eu respeitareis as vossas resoluções como decretos da natureza! eu amarei o vosso arrependimento como meu proprio! eu o juro por vós, eu o juro por Deos!

- Por Deos! E vós acreditaes em Deos?

- E como não acreditar se eu vos vejo!

- Não vos comprehendo...

- A vossa visão foi um aviso de Deos! O vosso arrependimento uma inspiração! A vossa dedicação á virtude a vocação de um Paulo! A vossa abnegação á vida a dôr da Magdalena! E em todos os vossos

pensamentos eu não vejo senão uma revelação de Deos! A meu pezar sinto dentro de mim uma força superior á minha razão, que me domina e me arrasta! que me impõe um culto por mim desconhecido até hoje! que me força a admirar-vos como uma mulher sublime! que me obriga a adorar-vos como uma idéa de Deos, que se revela em minha alma! É pois verdade... não é a virtude uma palavra vã, nem seu poder uma chiméra! Certo do meu triumpho, eu vinha para dominar, e vindo, como dominador sou eu o vencido, sou eu quem aceito a lei do vencedor!

- Ah Pedro! se as vossas palavras fossem sinceras!..

- Não o duvideis, Narcisa. O meu procedimento de hoje em diante provará tudo quanto tenho dito neste momento.

- Pedro, seria horrivel enganar uma mulher desgraçada.

- Se eu vos enganasse, querendo de novo vos arrastr aos crimes, contra as minhas desordens, em favor da vossa virtude, adquiririeis sobre a minha vida os mais incontestaveis direitos. A minha morte seria então um bem para a humanidade, porque purgaveis a terra de um monstro de especie nova. Se eu vos enganar, mandai assassinar-me, mandai, que esse assassino em vez de condemnar-vos diminuirá uma parte de vossas culpas.

- Pedro, se vós sois sincero, eu já não sou desgraçada...

- Nem vós o sereis jámais! Eu velarei por vossa reputação como pela reputação de minha filha, de minha mãe, ou de minha irmã! Eu procurarei fazer o bem em tudo e por tudo! a minha bolça ficará de hoje em diante franca aos pobres e aos desvalidos! Eu buscarei viver tão puro de hoje em diante como tenho até aqui vivido criminoso; porque a verdadeira penitencia é a emenda da vida!

- Pedro, Deos abençõe as vossas palavras."

Estas bellas idéas de Narcisa, este seu sacrificio á virtude, este seu desamor á vida são, bem o vêmos, um claro protesto contra as palavras de Filippe. Sabemos também que o autor, no fim da narração de Filippe faz algumas reflexões, mas, repetimos, nós as quizeramos no memso momento em que Filippe proferiu a sua blasfemia.

Notamos ainda que neste romance a prosa do Snr. Teixeira e Sousa tem ganhado muito. Nos lugares em que elle ostenta a sua eloquencia, é sempre uma eloquencia firme, e sem affectação. Citemos um pedacinho. Filippe, contando com que valentia combatêra contas os mouros, diz:

“Ha sempre na gloria os seus encantos! Os phantasmas da imaginação humana adquirem a veneração e a magestade dos seculos, que atravessam, e santificados de geração em geração, chegam a final a obter um culto que os divinisa completamente! Tal é a gloria, cujo poder parece adoçar os amargores da morte, embellezar a hora do passamento, estrellar a noute do sepulchro, e enamorar o moribundo, que agonisa!”

Isto é bonito! é bello! é digno de um poeta!

Não podemos deixar em silencio o bello rasgo de honra, e de patriostismo do generoso Archanjo. D. Geraldo de Pina, namorado de Rosa Branca, sua prima, e crendo que esta é tambem amada por Archanjo, o provoca por todas as maneiras, sem que Archanjo se dê por achado; por ultimo diz D. Geraldo:

“- Entendo, Snr... e entendo-o perfeitamente!.. Eu tinha ouvido dizer que os Brasileiros eram covardes... mas achei que o amante de uma mulher, anjo de encantos, fosse digno della, não só pellas mais sublimes virtudes domesticas e civicas, como pela valentia de seu braço... Enganei-me, senhor! e não tenho diante de mim senão um homem sem alma, sem...

- Basta, senhor... O lugar é improprio, e a hora indiscreta...
- Em qualquer lugar, a qualquer hora, fallarei do mesmo modo.
- Estou á sua disposição. O lugar, a hora, as armas?
- No morro do Castello, por detraz da igreja da Sé; parece-me um lugar asada aos nossos intentos.
- Seja. A hora?
- A's oito horas da noite.
- De hoje?
- Não. De amanhã.
- As armas?
- As que quizer. Para mim é indifferente.
- E para mim indifferentissimo.
- A espada me parece uma arma directa, disse D. Geraldo com um sorriso malicioso.
- E que póde revelar valentia e dextreza, tornou Archanjo com ar ufano.
- Então á espada.
- Seja.
- Julga necessarios padrinhos?

- Para que? Deos e nossa honra são sufficeitnes; mas, como quizer.

- Não precisamos. Qual deve ser o pretexto do nosso duello?

- Pretexto! Como pretexto?

- Sim. Julgo que não devemos envolver em nossa querella o nome de Rosa Branca.

- Nem é por causa della que me eu bato.

- Não é por causa della?!

- Não. De que se admira?

- Não posso comprehendel-o!

- Oh! pois V. S. me julga tão fatuo, que me bata por causa de uma mulher que ainda me não pertence, e que nem sei se me pertencerá?!

- Em todo o caso...

- Em todo o caso nada de pretextos; não tenho necessidade delles, quando a verdade, além de ser verdade, é muito mais vantajoso que frivolos pretextos.

- Mas se por ventura souberem do nosso encontro, quando nos perguntarem o motivo delle: o que diremos sem comprometter o nome de Rosa Branca!

- Quanto á V. S., quando lhe perguntarem o motivo porque affrontou-me sem razão, dirá o que bem lhe parecer. Certo eu de que por sua honra me não caluniará; póde dizer do nosso encontro o que quizer. Quanto á mim, brigo por um motivo mais sagrado que os ligeiros amores de uma mulher. Já não estamos na meia-idade, senhor... Já lá vae o tempo em que um louco cavalleiro de aventuras, ávido de uma celebridade romanesca, acreditava-se com o bom direito de matar por sua conta até encontrar quem por sua vez o matasse, por causa de uma mulher, a qual chamava a dama de seus amores, e as vezes por causa de outras. Se hoje ainda apparecesse um homem tão extravagante, bem vê que para provar sua loucura não era preciso submeter o seu craneo ao serrote do anatomico; hoje porém que as luzes da intelligencia levam de vencida as trevas da ignorancia; e que a razão começa de repellir a força bruta, não é com uma espada que se conquista o coração de uma mulher...

- Embora. Nada tenho com as suas razões.

- São claras e positivas: e para que não as ignore, eu lh'as digo: bato-me, mato ou morro, para provar-lhe que é um vil, um infame calumniador esse que lhe disse que os Brasileiros era covardes. Por tanto, vencido ou vencedor, não aceito, nem imponho condições, porque não quero manchar a santidade dos meus motivos, nem vilipendiar a nobreza do meu duello. Senhor... bato-me pela honra de meu paiz! Até manhã no lugar do encontro. Archanjo disse, e retirou-se.

O Snr. de Pina com voz offegante balbuciou:

- Até amanhã.”

Nós estamos bem longe de fazer um critica regular, e não fazemos mais que apontar alguns ligeiros defeitos do romance, e as bellezas as mais salientes. Em o numero destas não podemos passar por alto as palavras do Padre Chagas quando, narrando a sua viagem, conta a sua entrada em Jerusalem. Oiçamol-o:

“Tres dias depois partimos para Jerusalem. Estavamos pois nesta terra de prodigios, que o Eterno havia illustrado por uma serie de milagres, e a tinha santificado, mandando seu filho humanisar-se nella, e sacrificar-se pelos homens! Estavamos pois nesse immenso livro-modelo, aberto até o dia derradeiro, e em cujas paginas as gerações lerão o que de mais bello e de mais sublime tem sahido das bocas dos homens, porque essas bocas não eram senão órgãos dos pensamentos do Todo-Poderoso! Estavamos pois nesse codigo poetico, recheado todo de uma poesia sublime e divina, porque é a poesia do Céu, inspirada por Deos a seus escolhidos, para ser lido por toda a Eternidade! Variadas são as suas composições; mas o titulo é um e único, isto é, *Fiat*!!! Duas epopéas sublimes abrem o magnifico livro! Duas epopéas divinas o fecham igualmente! N’uma epopéa a tuba de Moysés revela-nos a criação; n’outra, ella nos revela que uma nação não deve ser escrava de outra nação! Eis as epopéas iniciaes. N’outra epopéa a tuba dos Evangelistas conta a redempção! E na outra emfim a tuba Evangelica sanctifica a igualdade e a liberdade do homem! Eis as finaes! Mas percorrei todas as outras poesias dessas paginas historicas ou parabolicas; os hymnos de David confundem-vos diante da magestade do Eterno! A resignação e a paciencia transluzem nas elegias de Job! A confiança no verdadeiro Deos assoma no idyllo de Ruth! O amor da patria illustra a canção de Judith! O poder da virtude é consagrado na ode de Esther! A cholera do Senhor treveja no drama dos setenta annos de Babylonia! O verdadeiro heroismo é immortalisado nos canticos dos Machabeos! A verdadeira Fé, a Esperança sem limites, e a Caridade á toda a prova ungem a egloga de Tobias! Finalmente, uma dôr santa repassa as endechas de Jeremias!

“Entrai pois essa terra; esse livro, essa mystificação sublime ahi está diante de vós, e por toda a parte ouvís trevejar de continuo o Omnipotente *Fiat* do primeiro instante da criação!”

Não apontamos mais trechos cheios de bellezas, porque então seria preciso transcrever quasi todo o romance. O Snr. Teixeira e Sousa, que é tão forte em descripções, faz-nos uma magnifica pintura da

fazenda de Baptista. É um pedaço digno de citar-se, mas não o fazemos, porque já bem longo vae este artigo.

O character do Padre Chagas é optimo, e optimamente sustentado; é sempre o homem instruido, e o sacerdote sabio e piedoso. A dedicação deste Padre e seus sacrificios pelo seu amigo Renato, são dignos dos tempos heroicos; a disputa destes dous amigos sobre o Evangelho, e o Alcorão faz honra á erudição do autor. Finalmente, o character bondoso de Baptista e os seus remorsos, o character prudente e modesto de Archanjo, o orgulhoso e nobre de D. Geraldo, o fraco e condescendente de Pedro, o intrigante, perfido, vingativo e malvado de Justino, etc., são perfeitamente sustentados.

O autor de pois de nos mostrar, no fim do romance, o perigo que correm nossos filhos, quando não conhecem seu pae, faz um grande malvado, um habil intrigante, cahir no mesmo laço por elle armado, e morrer ás mãos de uma fraca mulher! Eis as palavras della, vendo-o submergir-se no pantano, e pedindo soccorro:

“Eis o homem extraordinario em seu odio, gigante em sua vingança, aniquillado debaixo do ligeiro pé de uma mulher, não tendo de suas astucias outra arma senão seus gritos para pedir soccorro... Eil-o!”

Aqui teminamos estes nossos reparos, e fazemos votos para que o Snr. Teixeira e Sousa continue a mimosear-nos com composições, como é a – PROVIDENCIA.

“Noticias Diversas – publicação do 2º. vol. de *A Independência do Brasil*”. 1855. Tomo III.

Está terminada a impressão do segundo volume do poema da – *Independencia do Brasil* – composto pelo nosso particular amigo o Snr. Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa. É uma epopéa, cujo assumpto inteiramente nacional deve interessar a todos os brasileiros, a quem recommendamos a sua leitura. O autor não é um homem desconhecido; é um poeta de grande talento, que tem adquirido uma reputação á custa d’arduas fadigas: filho das suas proprias obras, á si unicamente deve o que hoje é. Sabemos que ha quem pretenda analysar a obras; e envidaremos os nossos esforços para que seja essa analyse publicada nas nossas columnas. Si ousassemos exprimir um voto que procurassem todos, os que pódem, animar o illustre poeta para que não seja o seu *derradeiro, ultimo canto*.

**“A Independência do Brazil – poema épico, pelo Sr. Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa”.
Guanabara, Revista Mensal Artística, Scientífica e Litteraria. Rio de Janeiro, 1855. Tomo III.**

Acabamos de lêr o segundo volume da epopéa ácima mencionada, cuja primeira parte já nos era conhecida, e não podemos resistir ao desejo de alguma cousa dizer á tal respeito, sentindo que penas mais habeis ainda se não tenham dado a este trabalho, e que uma glacial indiferença haja acolhido a producção do illustre vate.

A Independencia do Brasil é uma verdadeira epopéa: o seu assumpto é grande e interessante; as tres unidades, escrupulosamente guardadas, e o character do principal personagem, traçado com grande talento e intelligencia dos preceitos d’arte. Nossa historia, propriamente dita, começa com a independencia; é este o facto de maior interesse para nós, e foi por isso que o Snr. Teixeira e Sousa tomou-o por objecto do seu poema. O heroe da nossa emancipação politica foi o Snr. D. Pedro I, que resume-a em sua pessoa, e portanto devera tambem ser elle o protagonista do drama epico.

A primeira objecção, e diremos quasi, o primeiro defeito que se possa exprobar ao poema em questão, é o de versar sobre assunto demasiado moderno, prejudicando a verdade historica a ficção poetica. Não é porém a primeira vez que um poeta canta as glorias da sua nação, bembora sejam ellas recentes: Camões e Voltaire nos podem fornecer exemplo em seus bellos poemas do *sLusiadas* e na *Henriqueida*. Se ha inconveniente em tal proceder, redunda só este em prejuizo do poeta, que não é bastante apreciado pelos seus contemporaneos, que julgam-no lisonjeiro quando ergue padrões em honra dos benemeritos da patria, e cujas acções, ainda as mais nobres, são apreciadas pela regra do vil interesse. O Snr. Teixeira e Sousa previa que o seu poema não seria assás estimado pela geração actual e apellou com confiança para o juizo da posteridade assim s’expressando no começo do canto 12.º:

“Mas não, Musa do céu, não desanimes,
“Que não serão teus cantos repellidos,
“Quando esses feitos não julgarem crimes
“Cidadãos ao passado agradecidos;
“E porém deste feito heroes sublimes.
“No porvir d’invejosos protegidos;
“Serão por Brasileiros illustrados
“Meus hymnos patrioticos cantados!

“Em honra deste sec'lo milagroso
“Saiba a gente porvir que não escrevo:
“Comprometter meu estro assás medroso
“Em favor do presente não me atrevo:
“Sus, despreze meus cantos orgulhoso.
“Vingue-se assim do apreço que lhe devo,
“Porque é nenhum. Em Deos pois confiado
“Para o futor só canto o passado!

“Candido, verdadeir, franco e liso
“Entrego hoje meus cantos ao futuro:
“Ah! mais do que do presente o seu juizo
“Imparcial será, será mais puro:
“Lá susceptiveis peitos não diviso.
“Por isso appello para lá seguro;
“Em mim d'encomios vãos não ha cubiça,
“Eu só quero, porvir, de vós justiça.”

É sublime o contemplar a resignação com que o poeta encara a injustiça dos seus contemporaneos, a coragem com que aguarda a da geração vindoura; resignação e coragem que só podem ser filhas d'uma alma bem formada, como a d'um homem, cuja vida tem sido um constante horto de privações, a do cidadão modesto e prestimoso, que com uma mão empunha o sceptro da poesia e com a outra maneja a ferula do mestre d'escola.

Quereis saber em que situação escreveu elle o seu poema? – Na do homem que trabalha com assiduidade para grangear o pão quotidiano, que lhe faltará, se descansar um minuto para meditar. Camões escreveu os Lusíadas na gruta de Macáo, e o Snr. Teixeira e Sousa cantou no meio do trabalho. É elle proprio quem nô-lo diz:

“Mas ah! que feito este ímprobo trabalho
“(Oh! saibam do futuro os escriptores)

“Foi sob um céu de bronze sem orvalho
“Sobre arneiro sem fructos e sem flôres!
“Em novo Sennaar, sem agazalho,
“Sem lympha, refrigerio aos meus ardores,
“No fundo d’um deserto inconvertivel
“Meu estro pereceu desamovavel!

O emprego dos seres allegoricos, como o Despotismo, a Liberdade, a Discordia, &c., enfraquece um pouco a acção do poema, e torna-o por ventura menos interessante: mas que poderia fazer o nosso poeta, discipulo da escola romantica, e a quem era vedado o lançar mão das divindades mythologicas, que digam o que quizerem os modernos criticos, são muito mais poeticas? Crêmos que si o nosso patricio recorresse para o maravilhoso do seu poema aos deuses do paganismo, e desprezasse as criticas, e os motejos por este supposto anachronismo, teria triplicado a belleza da sua já tão interessante composição. É uma humilde opinião nossa; e longe estamos de querer ser árbitro no litigio entre as duas escolas.

Nota-se tambem alguma monotonia em todo o poema; e algumas vezes, apesar da cadencia dos versos, fomos obrigados a fechar o livro para repousarmos. Julgamos isto procedido de duas causas: a primeira é por sabermos assás essa historia, a qual o Snr. Teixeira e Sousa ligou-se talvez com demasiada exactidão; a segunda é por ser a sua epopéa escripta em oitava-rima, genero de versificação summamente fatigante. Si o auctor da *Independencia do Brasil* se lembrasse que igualmente o era dos *Tres dias d’um Noivado*, e não abandonasse o métro neste tão felizmente empregado, é convicção nossa que sua obra subiria de valor e que novos e virentes louros cingiriam a sua nobre fronte. Como Garção não gostamos do zum-zum da rima, e entendemos que feitos heroicos devem ser cantados em versos soltos.

Para mitigar a avidez da narração, o poeta introduz com arte alguns episodios de summo interesse e que se prendem naturalmente a acção principal; apenas exceptuamos o da lucta entre o soldado braguez e os dous brasileiros, que parece-nos poderia ser supprimido sem prejudicar em nada ao poema. Este episodio, onde aliás se notam bellos versos e riquissimas figuras, assemelha-se ao do combate entre os onze protuguezes contra os doze inglezes do cantor dos *Lusiadas*, de que tambem não gostamos. Apesar das circumstancias de quem revestido achamol-o pouco verosimil, e crêmos que o estro do nosso poeta poderia ter-lhe fornecido alguma outra cousa de mais interesse.

O respeito para com as regras, que tão bem comprehendera, levou o Snr. Teixeira e Sousa a seguir um caminho já muito trilhado, e do qual si se quizesse affastar, mui bellas cousas ter-lhe-ia inspirado

o seu genio inventivo. Preferiríamos que o illustre poeta fizesse por si mesmo a narrativa, á imitação d'Homero na Illiada, em vez de seguir o rumo da Odysséa.

Nas descripções, em que o poeta recupera a sua liberdade, submetida até então aos preceitos d'Aristoteles e d'Horacio, é elle verdadeiramente grande, e diremos quasi original. Tomemos para exemplo a pintura da cidade do Rio de Janeiro, que se lê no Canto IV:

“Da vasta Nictheroy depois da entrada,
“Vê-se da parte esquerda ao occidente,
“Uma linda planicie collocada,
“Cujo fundo dilata-se ao poente:
“Esta dos risos singular morada,
“D’encantos naturaes mansão ridente,
“Pelas graças, que tem pela belleza
“É mimo sem igual da natureza:

“É um extenso valle o mais formoso
“Que extremama serras para os céos erguidas;
“Estas são, que em seu fundo deleitoso
“Reconstam nesse ponto as avenidas;
“Pela frente e no centro gracioso
“ ‘Stão formosas collinas diffundidas;
“Pois si em seu fundo erguidas serras pesam,
“Pelo centro as collinas o embellezam.

“Desse fundo levantam-se entre montes,
“Já povoadas, serras ufanosas,
“Que aos céos as crespas ponte-agudas frontes,
“Ostentam, entre nuvens orgulhosas;
“Desses seus cumes crystallinas fontes
“Sorrindo-se penduram murmurosas:
“São a- Martha, a Tijuca, o Corcovado

“E a Gavea – os recostos desse prado.

“Pelo lado do sul vêm d’orienta

“De montes percorrendo uma cadeia,

“Que sempre s’estendendo p’ra o occidente

“Com as serras do fundo enfim s’enleia,

“Qual capitão de todos vê-se a frente

“O Pão d’Assucar, que do mar se altea:

“Sublimidade é todo e não beleza,

“Rocha pyramidal da natureza.

“Tambem dest’arte se dilata ao norte

“De montes outra linha em parallelo,

“Que percorrendo alli da mesma sorte

“Fôrma um largo cordão formoso e bello;

“Assim a vista off’rece com transporte

“Dos edificios singular modelo:

“Estes montes são: - Nheco, Livramento;

“Segue-se Conceição, depois São Bento.

“De todos quatro á frente este é o primeiro

“Que na planura de espaçoso pino

“Tem formoso, vastissimo mosteiro

“De sabios monges do immortal Cassino:

“O Conceição é delles o terceiro

“Que, d’hoje, um forte ser teve o destino;

“E sobre esta montanha alevantada

“ ‘Stá veneranda, episcopal morada.

“Pelo lado do este, pelo norte

“Borda-o de Nictheroy vasta bahia,

“Esta formosa scena é de tal sorte
“Que inspira amor, prazer, melancolia!
“D’encantos naturaes sublime porte
“Aqui descobre o sabio em cada dia;
“E o mar, que alli recebe tantas fontes,
“Fronteiro ao grande valle espelha os montes.

“Neste valle formoso edificada
“ ‘Stá Sebastianopolis formosa;
“De serras e de montes rodeada
“Em que s’encosta léda, e primorosa;
“Tem a fonte nas aguas retratada
“A Princeza do Valle magestosa;
“E dessas proeminencias toda ufana,
“Domina sobre as aguas soberana.”

A descripção d’America, que se acha no canto segundo, e a das provincias do Brasil, que lêmos no ultimo canto, attestam os profundos conhecimentos geographicos, que possuiue o nosso poeta, e admiravel facilidade que tem em versificar. O quadro que traça-nos do inferno é digno do pincel do exilado de Florença: vejamos como ambos os poetas descreveram a entrada do orco. Comecemos por Dante:

“Per me si vâ nella città dolente;
“Per me si vâ nello eterno dolore
“Per me si vâ tra la perduta gente

“Giustizia mosse ‘l mio alto fattore;
“Fecemè la divina potestate
“La somma sapienza e’l primo amore.

“Dinanzi a me non fur cose create
“Se non eterne, ed io eterno duro:

“Lasciate ogni speranza voi ch'intrate.”

O vate brasileiro, obrigado a expressar a mesma idéa, fê-lo com este bellissimo variante:

“Não tem umbral, nem porta, e nem soleira,

“Só a entrada lhe vela a Omnipotencia:

“Eterno guarda da infernal barreira

“Um demonio que dura em permanencia;

“E quando dessa fenda assoma a beira

“Perdida para os céos nova existencia

“Exclama o guarda triste, e alegremente:

“- Entrae... e padecei eternamente.”

O Snr. Teixeira e Sousa foi sempre feliz no emprego dos meios patheticos, e as palavras, que põe na boca do Snr. D. João VI, ao despedir-se desta terra, que tanto amava, e onde desejaria findar sua existencia, commovem ainda os mais insensíveis corações. O velho rei lembrando-se da que entre nós gozára, e dos dias venturosos que no Brasil fruira, exclama:

“Adeos, terra que amei, q'inda amo tanto,

“Paiz á que votei real desvelo,

“Da natureza nunca visto encanto

“Fertil, ameno, gracioso e bello!

“Recebe, tu és digno do meu pranto,

“Pois deixar-te não foi mais meu anhelos;

“Porque gemerei sempre de saudade,

“Por quanto em mim durar a humanidade!”

A morte do Principe da Beira, o Snr. D. João, que tão cedo se partiu da terra, serve ainda de motivo ao nosso poeta para desenvolver todos os recursos, que lhe sabe ministrar a sua fina e delicada sensibilidade. Os pungentes gemidos que faz exhalar do coração de nossa virtuosa primeira Imperatriz só

por si recommendariam o poema, si de mais titulos de recommendação precisasse. Citemos unicamente a primeira estancia dessa magnifica elegia, que se lê no Canto VI:

“- Meu filho, oh! minha dêr, minha alegria!

“Porque de mim tão cêdo te partiste?

“Teus olhos tão brilhantes como o dia

“Fechaste logo, mal que a luz abriste!...

“Em ti do céu um Anjo se sorria

“E como um Anjo para o céu fugiste!

“Mas ai! porque tão cêdo desta sorte

“Levas meu filho de meu seio, ó! Morte?”

Digam as mães, que tem passado pelo duro golpe de perderem os seus filhos, se ha verdade nestas expressões.

A metamorphose do Pão d’Assucar, posto que pareça um pouco imitada da do Adamastor de Camões, não deixa por isso de ter grande merito, e fazer-se recommendavel a sua leitura: a que, porém, mais nos agradou d’entre todas as que se lêem nesse poema, por ser summamente original, é a da mudança da Cruz, que pendia do peito de S. Thomé, na constellação do Cruzeiro, que fulgura no nosso firmamento. Cordialmente felicitamos ao Snr. Teixeira e Sousa por uma tão feliz inspiração.

D’entre tantas bellezas sobresaem ás destas duas estancias:

Eis que ao som do trovão desaparece

Da pyramide d’agua o homem justo,

E no ponto, em que esteve, resplandece

Sua cruz, dos christãos signal augusto!

Petrifica-se a agua e s’endurece

E toma-se rochedo alto e robusto;

Em face desta scena decantada

Ficou a gente absorta e admirada!

Dahi á pouco as luzes fulguosas

Que compunham a cruz tão scintillantes,
Mudam-se em quatro estrellas radiosas
As quaes despendem raios fulgurantes!
E aos olhos das gentes curiosas,
Lá vão grimpendo ao céu sempre brilhantes,
E no céu para o sul sendo levadas
Entre o Centauro e a Mosca estão pregadas!

Eis o que temos de dizer ácerca da obra do nosso benemerito patricio: ha nella muito estudo, grande talento, felizes idéas, nobres pensamentos, e tambem por ventura alguns defeitos e erros dos quaes seu auctor não poderia se subtrahir sem que se tivesse em seu favor revogado a lei geral da humanidade. Nosso fito escrevendo estas toscas linhas foi o de chamar attenção dos homens de letras sobre o livro, que acaba de ser publicado, sentindo profundamente que obra de tal magnitude passasse desapercibida. Sirva o que escrevemos de solemne protesto contra a quase geral indifferença, e rogamos ao eximio poeta, que não veja nos nossos reparos e leves censuras o menos espirito d'animosidade e d'inveja, antes pelo contrario os mais sinceros e fervorosos votos pela sua gloria.

PINHEIRO, J. C. Fernandes. “Rapido Estudo sobre a Poesia Brasileira”. In: *Revista Popular – noticiosa, scientifica, industrial, historica, litteraria, artistica, biographica, anedoctica, musical, etc. Jornal Illustrado*. Rio de Janeiro: Typographia de Quirino & Irmãos, tomo III, julho-setembro de 1859. “Rapido Estudo sobre a Poesia Brasileira”. In: *Revista Popular* julho-setembro de 1859.

A proposito da nova edição dos – Suspiros e Saudades – pelo Sr. D. J. G. de Magalhães

Não inspirarão sempre aos nossos poetas os esplendores da natureza brazilica, e com pezar confessamos, que a originalidade não é o typo característico da poesia nacional. Indifferentes ás magnificencias da terra americana, cerrando os olhos, para lhos não deslumbrarem os brilhantes raios da constellação do cruzeiro, os nossos bardos continuavão, nas margens dos rios gigantescos, as estrophes começadas nas pittorescas ribas do Mondego. Inspiravão seus cantos o classico Apollo e as Musas do Parnaso, e as tradições d'além-mar poderosamente actuavão em suas imaginações, a ponto de tornal-os estranhos ao torrão natal. Fazia-os brasileiros o acaso do nascimento, portuguezas porem erão suas ideias.

Verdade é, que aqui e acolá divisão-se alguns vislumbres de cor local, em Gregorio de Mattos, Botelho d'Oliveira, Anonymo Itaparicano, Brito Lima, e alguns outros poetas da primeira epocha. São porem ensaios furtivos, tentativas mallogradas, ou quiçá devaneios da musa, condemnados pelo gosto da epocha. De facto, quantas censuras não attrahiria Botelho d'Oliveira dos puritanos do seu tempo, pela sua lindissima descripção da *ilha da Maré*, primeiro inventario poetico das nossas riquezas naturaes? Como não acharião prosaica a pintura, que nos faz das arvores, dos fructos, dos peixes e dos molluscos, que alli tanto abundavão? Para aplacar suas iras eil-o compondo insipidos versos em latim, iltaliano e hespanhol, com que avolumou a sua *Musica do Parnaso*. Que partido não tiraria o nosso Juvenal dos costumes contemporâneos, se as recordações de Coimbra não lhe fizessem preferir a gloria do *gaiato* á d'um espirituoso observador?

Para desculpar estes prematuros engenhos, releva que nos lembremos, que a musa de Ferreira, Miranda e Camões soffria o jugo de Gongora, com seus interminaveis trocadilhos. Devera necessariamente influir sobre os nossos escriptores a corrupção da literatura portugueza; porque então, e

ainda por muito tempo depois, não possuíamos nós uma physiognomia propria, um cunho, que nos differençasse de nossos paes.

Imperceptivel e gradualmente desenha-se o typo brasileiro nos poetas da segunda epocha, que, segundo o nosso modo de entender, tem por balizas Claudio Manoel da Costa e Jose Bonifacio d'Andrada. Vejamos onde descobrimos esse typo, ou essa cor local.

Imitador de Guarini e Metastasio, avantajou-se Claudio Manoel, pela sua extrema doçura, e rivalizou com Gonzaga na poesia lyrica. Nada porem revela em seus sonetos e cançonetas, que escrevia na provincia de Minas Geraes, seu paiz natal. As scenas de mineração, que quotidianamente se apresentavão a seus olhos, inspirarão-lhe a *fabula do Ribeirão do Carmo*, onde infelizmente occupa tão grande logar na mythologia grega. Seu poema, denominado *Villa Rica*, é pobre de concepção, monotono, e apenas notavel, por algumas descrições, em que a nossa natureza é desenhada com primor.

Facil é a transição de Cláudio Manoel da Costa para José Basílio da Gama: o *Uruguay* é o complemento de *Villa Rica*. Vigorosa imaginação, delicado e finissimo gosto erão as características do poeta mineiro, e na parte descriptiva conserva ainda hoje o distincto logar, que lhe assegurou a veneração dos contemporaneos. Abstrahindo da pobreza da tela, em que bordou o seu bello artefacto, do pensamento lisongeiro, que o inspirou, não se póde recusar ao *Uuguay* o tributo de admiração, que extranhos e nacionaes lhe hão pago. Superior a Virgilio, quase igual a Homero e a Tasso, mostra-se o nosso illustre patricio na pintura dos caracteres. Cacambo é um heroe grego: sua nobre linguagem, a elevação do seu character captivão as sympathias. Ninguém lerá sem prazer a enérgica allocução por elle dirigida a Gomes Freire d'Andrada, e que começa por estas palavras:

“..... Oh! general famoso,
“Tu tens presente quanta bebe
Do soberbo Uruguay a esquerda margem...”

A cor local, que principalmente procuramos neste ligeiro estudo, revela-se nos lindissimos quadros, que traça das campinas do sul, dos usos e costumes dos indigenas, seu enthusiamo guerreiro, sua passiva obediencia aos jezuitas. Se d'entre tantas riquezas podessemos fazer selecção d'alguma, escolheríamos a magnifica pintura, que faz Jose Basilio, da ira e indignação de Cacambo pela morte do seu amigo Crepé. Nem mais vigorosa, nem melhor descripta foi a cholera d'Aquilles pelo divino Homero; e podemos sem temor dizer, que o *Uruguay* é uma Illiada em miniatura.

Comunhão de ideias, uniformidade de vistas, identidade de patria, levirão outro benemerito Mineiro a consagrar seu engenho ás couzas patrias. O *Caramuru* é irmão do *Uruguay*, menos gentil, é verdade, porem mais profundo, mais meditado e até mesmo mais regular. Falta-lhe ainda a inspiração livre, o necessario arrojo, para trilhar novas sendas; seus episódios porem são bellissimos, e o de *Moema* honraria as primeiras epopeias antigas e modernas. Resente-se, como seu emulo, da pequenez de assumpto, da estreiteza dos limites, que lhe foram assignados. Mais fraca do que a do Uruguay é a sua parte descriptiva, da qual apenas se recommendão a marcha das nações indígenas e a pintura de uma aldeia Tupinambás. Seguidor de Camões, receava Fr. José de Santa Rita Durão mostrar-se por demais Brasileiro.

A *Gruta Americana* de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, tem bastante merito, bastante elegancia, peccando porem pelo demasiado emprego de seres allegoricos e mythologicos. Destinava-o seu grande talento a ser um dos iniciadores da poesia nacional; prevaleceu porem n'elle a imitação, e tornou-se entre nós o paladim da eschola franceza, assim como fora Claudio da italiana.

Deixando de parte todos os poetas, que no Brazil escreverão, pensando n'Arcadia, detenhamo-nos por um instante na contemplação d'um livro, desgraçadamente pouco conteudo, escripto por um dos nossos mais distinctos compatriotas. A *Assumpção da Virgem*, cujo titulo revela uma obra mystica, é incontestavelmente um grande padrão da nossa literatura, um dos mais sinceros ensaios para nacionalizal-a. Frei Francisco de S. Carlos, inspirado pela ardente devoção, que nutria pela Rainha dos anjos, compoz um poema em honra sua, como outr'ora o solitario Ubatuba (Anchieta); e nos episodios e digressões descreveu sua patria com a delicadas cores do seu pincel. A nosso ver é esta uma das poucas obras, que podemos exhibir em abono nosso, quando pleiteamos a nacionalidade da nossa literatura.

Não póde ser omitido o nome do padre Antonio Pereira de Souza Caldas no catalogo das nossas preciosidades literarias. Seu merito mais saliente, seu mais relevante serviço, foi ter poderosamente concorrido com o preclaro auctor da Assumpção, para o descrédito da mythologia, substituindo-a pelas galas da poesia christã. A *ode á existência de Deus* e a *cantata da criação*, excedem a tudo o que até então possuiams no genero lyrico, e classificárão seu illustre auctor como membro da familia dos Davids e dos Pindaros. Infelizmente de pouco nos servem as poesias de Caldas, para o nosso litigio relativo á nacionalidade de literatura. Longe da patria grande parte da sua vida, o sol dos tropicos não aqueceu-lhe o estro, não repercutiu em sua harpa o murmurio das nossas cachoeiras.

Era demasiadamente *philintista* o nosso Franklin para emancipar-nos nas letras, como o fizera na patria. As poesias d'Americo Elysio são o echo da eschola classica portugueza, sobre a qual um venerando

exilado tanto lustre lançára na moderna Athenas. Não pôde um José Bonifacio ser contado como regenerador literario.

Reservara-se essa gloria a um jovem fluminense, que estreara na poesia por um ardente *elmanismo*, e que se fizera conhecido pela melancholia dos seus versos. O Sr. Domingos José Gonsalves de Magalhães, partindo para a Europa pouco depois da revolução d'Abril, presenciara a fasta ascensão da eschola romantica, os triumphos de Goethe, Schiller, Lamartine, Victor Ugo, Manzoni, Pellico, Byron, Martinez de la Rosa, Garrett e Herculano. Deslumbrado por tão viva luz rompeu com o passado, repudiou as tradições classicas e alistou-se nas fileiras do romantismo. Publicou em 1836 no *Nictheroy*, revista brasileira, redigida em Pariz por alguns mancebos entusiastas, o seu manifesto de guerra, e nesse mesmo anno deu á luz os seus *Suspiros Poéticos e Saudades*, que para a nossa geração teve a importancia d'um acontecimento.

Não é do nosso proposito aqui analysar esta obra; que serviu de codigo sagrado, d'evangelho literario a uma juventude esperançosa, que aguardava o signal, para arremear-se n'arena das novas ideias. Todos lerão commovidos esses canticos do peregrino da sciencia, errando pelas margens do Sena, do Tamisa, do Adige, do Pó, e do Tibre, suspirando pela patria no Colisseo, saudando na Cathedral de Milão a augusta e benefica influencia do Christianismo, exprobandos em Ferrara a ingratidão para com Tasso, e no cemiterio do *Père la Chaise* orvalhando nossos ossos de Philinto Elysio, e entoando em Waterloo esse pindarico hymno, que todo Brasileiro sabe de cór.

Como o visconde d'Almeida Garrett para a literatura portugueza, foi o Sr. Magalhães o nosso Moysés; curou-nos da servidão classica e apartou-nos os novos horizontes romanticos. Denodados campeões se erguerão a seu brado, e nos arraiaes da mocidade brasileira reinou insolito enthusiamo. Mais proximo ao chefe foi o Sr. Manoel d'Araujo Porto-Alegre o primeiro, que repetiu-lhe o brado, erguendo nas ruinas de Cumas o seu canto apocalyptico intitulado – *Voz da Natureza*. Mais tarde inspirou nosso ceo ao distincto artista essas Braziliana, que como a espada d'Alexandre cortárao o nó gordio da nacionalidade da nossa literatura. Os *Três Dias d'um Noivado* do Sr. A. Gonsalves Teixeira e Sousa pertencem a essa eschola, que chamaremos brazilico-romantica. Poema cheio d'interesse, de vida, de calor é um dos monumentos mais estimaveis da nossa jovem literatura. As balladas sobre assumptos nacionaes do Sr. J. Norberto de Sousa e Silva constituem uma especialidade, que na falta de tantos outros titulos, que o recommendão, transmittiria seu nome á posteridade. As *Poesias Americanas* do Sr. A. Gonsalves Dias são viçosos fructos da frondosa arvore plantada pelo Sr. Magalhães; e a popularidade de que justamente gozão é mais eloquente do que qualquer elogio, que lhe podessemos fazer.

Longe iríamos, se pretendessemos enumerar todas as mimosas produções, que nestes ultimos annos hão sahido da penna dos nossos poetas. Não quizemos estabelecer preferencias, e muito menos offender pelo olvido; apontando os nomes dos irmãos mais velhos, não julgamos lesar em nada a reputação dos mais moços.

Voltando ao Sr. Magalhães, diremos que os seus *Suspiros Poeticos e Saudades*, de que acaba de dar uma nova edição consideravelmente melhorada, expurgando-a d'alguns erros d'impressão, e addicionando-lhe algumas novas produções, serão sempre considerados como um marco milliar, como a hegira da nossa regeneração literaria. Fora-lhe vaticinado este brilhante futuro por um dos nossos mais profundos pensadores, o Sr. Conselheiro F. de Salles Torres-Homem, que na já citada *Nictheroy* assim se exprimia:

“Este volume de poesias do Sr. Magalhães não é somente uma collecção de bellas harmonias, mas também um codigo de moral na sua expressão mais sublime, nas suas formas mais ternas e consoladoras, e cuja luz allumia sem irritar, como o doce clarão, que a lua espalha sobre um dedalo de flores. Elle é proprio a applacar a necessidade d'emoções grosseiras, que a nossa epocha agita. O sopro do infortunio, da religião e da philosophia animou esses cantos, onde domina um doloroso enthusiamo por tudo quanto é grande, bom e justo. Parece que a Providencia faz soffrer todos os poetas de genio, a fim de que instrução os outros homens com a sublime melodia de seus gemidos; as creaturas mediocres soffrem menos; porque seus queixumes não teem harmonia, e são um desaccordo de mais entre os sons confusos do mundo moral.

“Esta produção d'um novo genero é destinada a abrir uma nova era á poesia brasileira. Permitta Deus, que não fique solitaria no meio da nossa literatura, como uma sumptuosa palmeira no meio do deserto.”

Estas eloquentes palavras, reproduzidas em face da nova edição, servem de gracioso portico ao bello templo, alçado pelo genio do Sr. D. J. G. de Magalhães.

LEITÃO, F. T. “Litteratura Patria – Romances Brasileiros”. In: *A Marmota*. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 7 de maio de 1861.

Uma especialidade litteraria, que no Brasil não tem sido devidamente explorada, é incontestavelmente o – romance! A causa porque semelhantes facto se dá, não é por certo porque falte intelligencias no nosso torrão; pelo contrario, segundo disse um nosso fallecido poeta, nelle a fecundidade do talento é reconhecida, porém o pouco apreço que de dispensa ás nossas tentativas litterarias, circumstancia devida á falta de conveniente instrucção e do decidido apoio publico, nada menos importa que a estagnação das bellas letras entre nós!

Póde-se dizer que não possuímos romances nacionaes! A excepção das limitadas producções que nesse genero devemos aos senhores Dr. Macedo, Teixeira e Sousa e Alencar, não é desarrazoado declarar-se, que nada mais temos, e conquanto a *Moreninha*, o *Moço Loiro*, a *Vicentina*, as *Fatalidades*, a *Providencia*, o *Guarany* e a *Visinha*, sejam as provas indestructiveis de que nesse terreno muito lucro poder-se-hia colher em honra das letras patrias: não se deve comtudo deixar de lamentar o atrazo em que ellas se acham?

Posteriormente á confecção da *Visinha*, só duas jovens e esperançosas intelligencias ensaiaram-se nesse ramo de litteratura. Referimo-nos aos Snrs. Fernandes dos Reis e Bruno Seabra.

O primeiro presenteou-nos com o seu bello romance – *A Filha da Visinha* – justamente apreciado e que lhe trouxe a aquisição de um lugar distincto entre os nossos escriptores: o segundo acaba de offerecer-nos o seu resumido, mas delicado romance – *Paulo* – do qual resultar-lhe-ha sem duvida o premio áquelle facultado.

Não é nosso intento entrarmos na analyse da composição litteraria, com que nos acaba de honrar o intelligente Paraense: essa missão, além de achar-se satisfeita pelas habeis pennas dos Snrs. *Insulano* e *J.*, é igualmente muito superior ás nossas forças intellectuaes. Nosso fim restringe-se em felicitarmos o autor do – *Paulo* – pelo fructo de suas lucubrações, que acaba de ser dado á publicidade, e em lamentarmos a defficiencia de producções idênticas, caso que bastante nos contrista e que desejamos que d’entre nós desapareça.

Oxalá sejam os nossos desejos attendidos, e que as letras patrias deixem o estado decadente em que se acham; e para angariar-se este tão benefico resultado, não é só mister que os escriptores nacionaes sejam mais perseverantes n’uma tão util tarefa, como tambem é necessario que o nosso povo

contribua com o seu mui valioso auxilio em prol das publicações dessa ordem, que tenham a illustral-o e a dar do paiz uma opinião honrosa e justa.

LEITÃO, F. T. “Rodrigues Proença”. In: *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typographia de Paula Brito, n. 1289, 09 de agosto de 1861.

Quando em Março de 1860 tratámos de expor os nossos sentimentos pela infausta morte do joven – *cantor das assucenas*, - noticiamos o presentimento de que nos achamos possuido, de que – uma má sina perseguia a mocidade Brasileira quando ella tentava construir o edificio da litteratura patria.

Os acontecimentos justificam esse pressagio. O perecimento de Alvares de Azevedo, Franco de Sá, Junqueira freire, Casimiro de Abreu, Bernadino Ribeiro, Dutra e Mello, Macedo Junior e muitos outros, que deixaram o mundo no desabrochar da vida e quando delles tanto esperava o paiz, contrista-nos sobremaneira e leva-nos a crer que é malfadada a sorte dos que recebem da Providencia o dom de poetas!

É para maior pezar nosso, accresce a circumstancia lamentavel de ser bem limitado o numero dos verdadeiros cultores das letras patrias, e o facto desses mesmos não tratarem de encaminhar e aconselhar desveladamente a mocidade estudiosa de nosso patrio Brasil, para que ella com denodo adquira os louros que lhe estão predestinados! Se os nossos litteratos quizessem sinceramente divisar essa regeneração litteraria, cremos que as bellas letras haviam de prosperar.

Mas, quando aquelles que podiam prestar-se a tão nobre mister dedicam-se com especialidade á politica; quando a imprensa diaria se não mostra devidamente interessada a respeito; quando tantos jovens de esperanza por ahi jazem desconhecidos e inapreciados; quando outros fadigados e descontentes depõem a penna, são na verdade dignos de maiores elogios esses poucos crentes que de anno em anno apresentam-se á oppinião publica um ou outro fructo de suas lucubrações e, que com o coração despedaçado pelo menosprezo facultado ás letras, ao menos dizem: a nossa litteratura definha lentamente, mas ainda não morreu!

A politica e o materialismo infiltraram-se no espirito dos verdadeiros cultores das letras. O nosso povo, ainda baldo da moralidade e illustração que é digno, não póde por estas graves circumstancias deixar de desconhecer as vantagens que o paiz deve colher com o engrandecimento e cultivação das bellas letras.

Dos poderes superiores nada se póde esperar a respeito. Existem faculdades de direito e de medicina, aulas primarias e secundarias, pelos cofres publicos mantidos, o Instituto Historico, ao qual a nação faculta uma tenue coadjuvação pecuniaria, e... nada mais!!

No entanto isso não é sufficiente, porque ninguem ignora que, se dos bancos academicos e escolasticos tem surgido jovens intelligentes, elles, todavia, se dedicam á magistratura, á medicina, á politica e ao funcionalismo publico.

Não ha estimulo algum para as vocações nascentes; não ha uma aula verdadeiramente de instrucção litteraria; não há concursos ácerca de produções nacionaes, das quaes a emulação não póde deixar de provir!

Apparece um volume de poesias ou um romance: e o que succede? O indifferentismo os acompanha desapiedadamente; essas produções são lidas tão sómente pelos amigos ou conhecidos dos autores, e estes, á vista de tão *benefica proteção*, julgam-se com demasiada razão, que têm o seu futuro feito, e que por isso podem escusarem-se dessa tarefa!

Para citarmos exemplos do contrario, prescindimos de chegar á França, á Allemanha, Inglaterra e Hespanha. Para logramos nosso intento, basta-nos volver os olhos pelo que se pratica em Portugal, onde um joven, regendo os destinos do paiz, desce do throno para assistir ás prelecções dos lentes do Curso Superior das Letras, por elle instituido e que em pouco tempo tem produzido optimos resultados.

Nada mais bello que ver-se o chefe de uma nação unido aos seus mais humildes subditos, e com estes colhendo os fructos instructivos de intelligencias proeminentes, como as de Rabello da Silva e Mendes Leal! Nada mais grandioso que deparar-se a realeza e o povo interpellando os lentes sobre as lições expostas, e estes sustentarem as doutrinas que emitiram!

Entre nós não se dá o mesmo caso. O chefe da nação assiste na verdade ás sessões do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro; sabe-se, porém, que desse congresso bem poucos podem fazer parte, e limitadíssimos são aquelles que têm sciencia do conteúdo de suas revistas trimestraes, e portanto vantagens resultantes dessa instituição.

O Instituto Histórico é um grêmio aristocratico! No Brasil a aristocracia é cousa que não existe, e sendo para essa classe fundado o Instituto, é claro que a grande maioria dos membros da sociedade brasileira não póde delle colher os fructos que dispensa o Curso Superior das Letras.

Circumscripto, pois, o elemento patenteador do desenvolvimento litterario, manietadas as vocações nascentes pelas razões expostas e pela falta da coadjuvação publica, a causa do verdadeiro progresso moral e intellectual do povo não póde devidamente assentar as bases necessarias, mais ou menos perduraveis, á sombra das quaes possam medrar os germes fecundos da civilisação e instrucção popular.

E enquanto semelhantes inconvenientes não são superados, enquanto os Macedos, Norbertos, Pinheiros, Teixeiras Sousas e outros, não tornarem-se creadores e mantenedores de uma obra tão reclamada, quanto util, rendamos um expressivo signal de reconhecimento e gratidão áquelles que arrostando um indifferentismo publico, não deixaram de proseguir no sacerdocio das letras.

.....

Rodrigues Proença trabalhou e trabalhou muito, não pôde por fim deixar de parar... parou!

Joven, e portanto ousado, o fogo da mocidade – qual chamma electrica, cujo brilho deslumbra e excita – estava empregado em sua bella fronte! Não podia elle cortar o vôo da sua ardente imaginação, desprezandoos erroneos preconceitos que o materialismo (se bem que não em grande escala) ainda pretendia subviver, foi pouco a pouco erguendo vôo na vasta planicie das bellas letras.

Na patenteação de seus dotes intellectuais, jamais deixou de ser modesto, serviçal e pugnador do progresso reflectido das letras patrias, e n'uma ou n'outra época, quando á sua mente surgia qualquer meio em harmonia com seus louvaveis desejos, nunca por sua causa, deixaram elles de ter o devido desenvolvimento.

Artista pelas necessidades da vida e pela dedicação voluntaria ao desenvolvimento instructivo, soffrendo as vicissitudes oriundas dos tiros certos da desventura, minorados uma ou outra vez pelas doçuras provenientes do cultivo das letras; Rodrigues Proença foi em demasia crente, e tudo esperava do futuro, que á sua juvenil imaginação apparecia repleto das mais bellas flôres!

O infortunio, porém, não cessou de perseguil-o, e mesmo assim esperava que a sorte cedesse um pouco da implacavel guerra que lhe fazia!

Deblade esperou!...

As suas mais queridas esperanças e os seus mais apraziveis sonhos desfizeram-se completamente. Nem ao menos conseguiu respirar o aroma vivificante das flôres da mocidade!

Em face de tantas e tão profundas contrariedades, vendo de dia em dia dissolverem-se as crenças do porvir, sentindo-se lentamente definhar, a descrença não podia deixar de apoderar-se de seu espirito em demasia torturado.

O scepticismo delle apoderou-se.

Era essa a natural consequencia de uma luta incessante e cruel entre o homem e a sorte!

Não foram sómente as dores physicas que o lançaram no tumulto tão joven ainda; ellas foram longas e dolorosas na verdade, mas seriam minoradas, senão extinctas, se isoladas estivessem. O lado moral padecia muito mais do que o physico; e do combate mais tenaz emprehendido e sustentado contra a sorte, veio-lhe o socego para o corpo e o descanso para a alma, corroída em excesso pelo sceptismo.

Rodrigues Proença não era um Azevedo, Casimiro ou Dutra e Mello. Não era um genio, nem mesmo um excellente poeta, porque ainda ainda não o poderia ser. – Era uma avesinha que começava a emplumar-se e que não podia ainda voar livremente a um elevado galho.

Comtudo, seus versos eram dignos da publicidade. A *Marmota*, onde collaborou, assim como em outros periodicos, e o *Omnibus Litterario*, de que foi redactor, inseriram em suas columnas não poucas produções suas.

Já em 1859 sentia Proença os effeitos terriveis da descrença! Nessa época traçava no album de um seu amigo os seguintes e expressivos versos:

“Cantar quando o peito morre
Crestado pela esperança,
Quando ainda tão criança
Perdido vago sem norte...
D’um pobre louco que esperas?
Não te posso dar um canto...
Dou-te o extremo de um pranto
Em um arranco de morte.

“Querias galas? Quem sabe
Que em teu livro eu depozesse?
Não posso, embora o quisesse,
Pois a dôr vem me enlutar
Gelando-me a voz no peito!
Dou-te uma folha de luto...
Dou-te um canto não enxuto
Do orvalho de meu scismar!

“Guarda, pois, as minhas lagrimas...
Quero depor-t'as no seio,
No meu soffrer nesse enleio.
Recolhe-as... são de um amigo,
De um martyr que trilha incerto
Succumbido na desdita,
Sem ter pr'a sua alma aflicta
Nesta existencia um abrigo.

“Perdoa, manchei-te o *album*
No meu lamento queixoso,
No meu pranto lacrimoso!
Desculpa este pobre louco
Que seu aspirar mais puro
Só na cama é que se encerra,
Pois não o animam na terra
Doces crenças no futuro!”

As crenças no futuro já não o animavam na terra, por isso debalde esperou por melhores dias!.
Para elle é adequado o verso de Gonsalves Dias:

“Nascer,lutar, morrer; eis toda a vida!”.

Sabia Proença prezar a amizade, assim como era lhano, affavel e animador para com aquelles com quem entretinha relações de estima; não deixava de carpir o passamento d'aquelles que eram forçados a dirigirem-se ao valle de *Josafath*.

Nestas producções clara se tornava a densa melancolia de que estava sua alma transposta. As poesias publicadas na *Marmota* sobre o fenecimento de Macedo Junior, Casimiro, Mathias do Couto e Gonsalves Braga, demonstram o que avançámos, e, por circumstancia prognostica, lamentando a

prematura morte desses jovens, deixava Proença antever o desejo que nutria de brevemente acompanhá-los nessa peregrinação sem fim!...

Ainda não ha um anno que o vimos colher algumas das bellas flôres que ornavam a sua fronte tão cheia de esperanças. Foi no dia verdadeiramente brasileiro, em que todos os corações pullulam de prazer, em que todos os filhos desta parte da América se mostram replectos de jubilo, que elle obteve sua conquista. Nas ruas e praças publicas a população dava provas de seu perene contentamento, e n'uma casa de bella apparencia festejava-se o glorioso anniversario da nossa emancipação politica, com a inauguração do Instituto Polymatico Brasileiro, de fins demasiadamente nobres e instructivos, e que por mais de uma razão merecia ter outro destino do que aquelle que julgamos ter tido.

A reunião era distincta; não poucas illustrações scientificas abrilhantavam essa festividade litteraria, em que optimos discursos foram lidos e pronunciados. Rodrigues Proença, comparecendo a esta reunião, não podia deixar de dar-lhe o merecido realce, e a poesia que recitou com o entusiasmo de que se achava possuido, teve como consequencia infallivel os applausos estrepitosos de toda a assembleia.

Não nos consta que tivesse publicidade essa tão bella producção.

.....

De Março deste anno em diante aggravaram-se seus males physicos, previo então a approximação da época de paz e de venturas, que há muito anhelava.

A enfermidade arremessou-o aoleito da dor, do qual foi retirado para habitar entre as lages frias do tumulo, onde o corpo pernitoou aos 18 de Maio.

Só contava com 20 anos de idade.

Casimiro de Abreu, pranteando Messeder, exclamou:

“Dorme tranquillo á sombra do cypreste;

Não tarda a minha vez!”

Por fatalidade não tardou muito a vez do sempre lembrado *cantor das Primaveras* acompanhar o amigo que pranteava. Rodrigues Proença teve o mesmo fim; derramou lagrimas por Casimiro, Macedo e pelos outros já apontados... em pouco a todos elles foi se unir na eternidade.

Outro tanto succeder-nos-ha, talvez.

Com as seguintes phrases de um nosso amigo (o Snr. Barbosa Rodrigues) sobre a morte de Rodrigues Proença, devemos rematar estas linhas, traçadas com o unico fim de pagarmos tributo ao jovem finado:

“O infortúnio fel-o poeta, e essas bellas quadras, esses bellos e harmoniosos versos que fazia, eram apurados no cadinho de soffrimento, sobre a pedra rija da pobreza”!

AZEVEDO, Moreira de. “Biographia de Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa”. In: *A Grinalda – revista semanal litteraria e recreativa*. Redactor em chefe Dr. Constantino Gomes de Sousa. Editor F. de Paula Brito. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 09 de dezembro de 1861.

A morte, o nada, a eternidade, eis tudo!

TEIXEIRA E SOUSA

Não é só por uma natureza esplendida, por uma fertilidade sem limites, pela riqueza do solo, pela bondade do clima e por um céu brilhante e puro, que o Brazil se recommenda no mappa das nações; não é só pela fecundidade do seu terreno, pelo ouro de suas minas, pelos seus rios magestosos, pelos seus montes gigantescos que se póde dizer que o Brazil foi abençoado por Deos na hora da creação.

Neste paiz, cujo nome, como diz Freyrinet, recorda tudo quanto a natureza tem de mais bello e fecundo, abundam tambem os talentos e os genios. Não ha só riqueza physica, uberidade de solo, ha tambem riqueza de intelligencia, fecundidade de talento.

E assim devera ser.

Para saudar essa natureza brilhante do paiz, para cantar esse sol sempre ardente, essa lua sempre clara, esse céu sempre azul, esses bosques sempre verdes, essa primavera que não morre, eram nescessarios genios, Deos os creou no paiz que devia lembrar no mundo o – Paraíso de Adão.

Não é necessario recordar nomes de filhos distinctos desta terra abençoada; elles abundam. Basta lembrar um nome só - o de Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa.

Nasceu Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa na cidade Cabo-Frio em 28 de Março de 1812; era filho legitimo do negociante Manoel Gonçalves e D. Anna Teixeira de Jesus, que viviam contentes no remanso da paz domestica, dispondo de fortuna mediana.

Em consequencia da morte de sua esposa e dos negocios politicos da independencia do Brazil, experimentou Manoel Gonçalves graves embaraços na sua vida commercial. Liquidou o seu negocio, procedendo com honra no pagamento aos seus credores; e o pouco que lhe ficou, reservou para comprar um predio e alguns escravos.

Porém, quanto não soffreu então Manoel Gonçalves! Dispondo de alguns meios, determinara que seu filho mais velho, chamado Antonio, cultivasse o estudo, tendo-o já matriculado, na idade de 10 annos, na aula de latim; vendo-se, porém, agora sem recursos, não podia dar a seu filho a instrucção que

almejava, não podia satisfazer os seus desejos de pai; e o menino Antonio foi ser carpinteiro; a pobreza fechara-lhe as portas das aulas.

Ah! quantas vezes, a falta de recursos, a miseria não obriga o mancebo a trilhar uma carreira bem diversa d'aquella que devera ter! quantas vezes não se podera ter feito do pobre aprendiz de carpinteiro, de pedreiro, um homem intelligente, um litterato, um poeta! quantas vezes não fica occulta, debaixo do chapéo roto do pobre artesão, uma intelligencia bella, que resplandeceria muito e muito se fora cultivada!

Tambem a flor mimosa, que podia ser linda e rica de perfumes, vegeta sem cor e sem aroma no meio das mattas que a abafam.

Durante 5 annos entregou-se o pequeno Antonio ao officio de carpinteiro. E foram 5 annos de soffrimento para o pobre moço!

Tinham-lhe mudado a inclinação, tirado-lhe os livros, dando-lhe em troca os pesados ferros do trabalho. Ao principio a nescessidade obrigou-lhe a supportar tudo, mas por fim as forças o abandonaram, o corpo descahio e o pobre moço deixou o officio porque lhe sobrevieram as enfermidades.

Mas apesar de abatido o organismo a intelligencia, queria apparecer; e mesmo enfermo, entregava-se o joven Antonio á leitura e ao estudo.

De 1830 a 1834 seu pai Manoel Gonçalves se foi acostumando a contar cada anno por uma infelicidade; cada anno perdia um filho; correram 5 annos, e 5 filhos de Manoel Gonçalves desceram ao tumulo! E todos falleceram não tendo mais de 13 annos!

Então Antonio ficou só, e o que era pouco para educar 6 filhos, era agora sufficiente paradar instrucção a um só. Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa continuou com seus estudos de preparatorios.

Alguns amigos e comparochianos seus quizeram cotisar-se, para favorecer Teixeira e Sousa nos seus estudos, mas elle recusou esse nobre offerecimento.

Vindo para a corte, onde fixou a sua residência, encontrou Teixeira E Sousa um amigo sincero e devotado; foi o Snr. Paula Brito, que se offereceu ao joven poeta para ajudal-o, desejando que elle se formasse; mas ainda desta vez Teixeira e Sousa recusou.

E aqui não podemos calar uma palavra de gratidão. Não é esse o unico offerecimento generoso que tem partido do Snr. Francisco de Paula Brito; poderíamos lembrar muitos outros actos dignos de elogio desse prestimoso cidadão que sabe proteger e animar os moços intelligentes, que desejam fazer alguma coisa pelas letras do paiz.

Aos 34 annos de idade Teixeira e Sousa casou-se, obtendo pouco depois a nomeação de professor publico de instrucção primaria. O despacho foi assignado pelo Snr. Monte Alegre.

Necessitando de mais recursos, porque via augmentar-se-lhe a familia, requereu ao governo o lugar de escrivão de orphãos da cidade de Macahé, que se achava vago.

Fazendo ao Imperador um memorial em verso, em que descrevia o estado precario da sua vida, chegou esse documento ás mãos do Monarcha por intermedio do Snr. Conselheiro Nabuco de Araujo, que occupava então a pasta do ministerio dos negocios da justiça.

S. M. O Imperador nomeou o poeta escrivão do juízo comercial desta corte.

Tal era o amor que tinha á sua familia, tal a sua virtude civica, a sua honradez, que apesar de ser poeta, quis escravisar a sua intelligencia ás formulas pesadas dos requerimentos e dos autos!

Na idade de 18 annos começara Teixeira e Sousa a sua carreira litteraria, a sua vida de autor. A sua primeira composição de vulto foi uma tragedia em 5 atos e em verso, intitulada: *Cornelia*.

Fallando dessa tragedia disse um critico “eu a considero como uma bella tentativa, um esperançoso ensaio, que mostra não o que é o seu autor mas o que póde ser.”

Depois foram apparecendo muitas outras obras de Teixeira e Sousa. Escreveu o lindo poema a *Independencia do Brazil*, em oitavas rimadas e que foi publicado com o retrato do autor; *Canticos Lyricos* ou collecção de versos em 2 volumes; a tragedia em verso o *Cavalleiro Teutonico* e varias poesias, que appareceram na Minerva Fluminense, no Mosaico Poetico e em outros jornaes litterarios.

Compoz diversos romances que são apreciados pelos amantes das letras. Estes romances são: a *Providencia* que foi publicado em folhetim no Correio Mercantil; o *Filho do Pescador* em 1 volume; *Maria ou a menina roubada* em 2 volumes; os romances históricos as *Fatalidades de dous jovens* em 2 volumes; as *Tardes de um pintor* e *Gonzaga ou a configuração de Tira-dentes* em 2 volumes.

Extraviou-se a maior parte de um romance começado e que tinha por titulo *Julio e Paulino*, e o mesmo succedeu a um poema intitulado os *Gênios* do qual appareceram alguns episodios na revista denominada – Guanabara.

Para a inauguração da estatua eqüestre do Senhor D. Pedro I, compoz Teixeira e Sousa um canto inaugural, que pára em poder do Snr. Paula Brito.

E foi essa a ultima composição do distincto escriptor!

Affectado de uma hepato-enterite, falleceu Teixeira e Sousa em 1 de Dezembro de 1861, sendo sepultado, no dia seguinte, no cemiterio de S. Francisco Xavier, no carneiro n. 854.

Teixeira e Sousa era de côr parda, usava de barba cerrada, tinha estatura regular e falleceu com 49 annos.

Era um litterato modesto, poeta distincto, e homem dotado de uma perseverança e força de vontade proprias dos grandes genios. Quando queria, podia; a sua vontade era inabalavel, a sua intelligencia não conhecia tropeços. A sua lealdade e gratidão para com os seus amigos eram iguaes, as suas virtudes civicas; nunca foi ingrato aos seus, e viveu amando e engrandecendo o seu paiz. Character elevado e independente, só se dobrava ao dever; superior á todas as seducções, conservou-se sempre pobre e sem honras, legando á patria e a seus seis filhos, que ficaram no desamparo, um nome sem mancha.

Occulto no seu cartorio, ahi vivia o pobre poeta, esquecido de todos, e repetindo talvez estes seus versos:

Miseros! Porque os vates quase sempre
Outro não tem p'ra dar, não tem grandezas
Aos vates menosprezam!

Quando o Snr Juiz do Commercio da 1^a. Vara, soube que fallecera o escrivão Teixeira e Sousa, disse compungido: *o commercio perdeu um escrivão, cuja falta é irreparavel. Eu, seu juiz, sei o que elle era.*

.....
Sobre o tumulto de tão distincto brasileiro eleve a patria um hymno de gratidão, e deixe cahir as flores da saudade.....

O Velho. “Chronica da Quinzena”. In: *Revista Popular. Noticiosa, Scientifica, Industrial, Historica, Litteraria, Artistica, Biographica, Anedoctica, Musical, Etc., Etc. Jornal Illustrado*. Rio de Janeiro, outubro a dezembro de 1861. Ano III, tomo 12.

Há nove annos houve um sonhador, um utopista, que se lembrou de aprensentar na assembléa provincial do Rio de Janeiro a ideia de uma exposição industrial!

Os homens praticos confundirão o utopista com um sorriso de piedade: sentirão-se, boas almas!.. commovidos á vista daquella prova de falta de juizo.

Os homens positivos murmurarão entre dentes: “é poesia!” e mordêrão no tal pedaço de poesia, como certos criticos que ferrão dentadas n’aquillo de que não entendem.

Pois bem: nove annos corrêrão, a ahi está o sonho, a utopia, a extravagancia poetica transformada em uma bella realidade.

A primeira *Exposição Nacional* no Brasil foi inaugurada no dia 2 de Dezembro de 1861, e o Imperador do Brasil floriou-se de vêr ligado este patriotico facto ás festas igualmetne patrioticas do seu faustoso anniversario natalicio.

O povo brasileiro comprehendeu dignamente a importancia d’esse *torneio industrial* para que foi convidado.

As numerosas salas de todo o pavimento superior do edificio da Escola Central, e o grand epateo que olha para a rua de S. Francisco de Paula são insufficientes para conter todos os productos que forão remettidos e que devem ser expostos, e melhor do que isso, a nossa primeira exposição nacional, exposição realizada de improviso, annunciada apenas ha seis mezes, exposição que é na verdade um simples ensaio, apresentas-e tal, que podemos mostral-a sem envergonhar-nos.

É inutil dizer que não me proponho a escrever sobre a nossa exposição nacional um artigo analytico, uma apreciação conveniente, que não póde caber nos apertados limites d’esta chronica; devo, porém, dar expansão ao prazer que experimento desde o dia 2 de Dezembro, dizendo duas palaras sobre a nossa festa industrial.

*

A exposição nacional ainda não está completa, e rpovavelmente só mais tarde a teremos em toda a sua verdadeira riqueza.

Por ora o Brasil tem n’essa festa apresentado aquillo em que menos se deve recommendar, isto é, em productos de manufactura; dentre em pouco, porém, com a *enchente* das remessas das provincias,

teremos de applaudir a nossa grande opulencia em productos naturaes, e, o nosso melhor thesouro, os productos agricolas, que em numero diminuto apparecem ainda.

Entretanto que immensidade de cousas boas já se ahcão á mostra n'aquelas salas *futurosas!*..

Aquelles productos chimicos do nosso velho amigo Ezequiel, aquellos chapéos, aquellos sapatos, aquellos vidros, aquellos papeis pintados, aquellos couros, aquellos oleados, aquellas velas, aquellos charutos, aquellos tecidos, aquellas obras de marceneria &c., &c., &c., quantos elementos de *independencia do Brasil* estão patenteando!..

E que brilhante papel o do Sr. Faro com o seu café!...

E que bello triumpho o da nossa cada da moeda e do nosso arsenal de marinha! como devem estar justamente orgulhosos os nossos compatriotas que dirigem esses estabelecimentos!... parabens, Sr. Dr. Azeredo Coutinho! parabens, meus dois patricios fluminenses, artistas e mestre do arsenal de marinha!...

*

Ha na exposição trabalhos curiosissimos e devidos á delicadeza extrema, e á paciencia dos Job masculinos e femininos que as (*sic*) executarão: são dignos de elogio; mas para mim o principal não está ahi: não tenho tempo para admirar as raridades, e os objectos de reminiscencias historias, quando me levão os olhos os productos que nos tornão ou podem tornar-nos independentes do estrangeiro, e aquellos que podemos exportar para outros paizes.

Contemplo com muito mais prazer o util, do que o bonito, e é exactametne por isso que apenas uma vez e correndo atravessei o corredor das modas e das cabelleiras.

E o que mais lastimo é que no meio de tantas machinas, e algumas tão interessantes, não me fosse dado vêr muitas destinadas aos trabalhos da agricultura.

E d'isso me lastimo, porque não posso esperar que saião instrumentos agricolas d'esses caixões, d'onde tem de sahir tanta riqueza da nossa lavoura, e tantas preciosidades naturaes, especialmente no que diz respeito á madeiras.

Ia me esquecendo de fallar nas amostras dos productos da seropedica. Ah, Sr. commendador Cardoso! olhe: meadas de seda, onças, e libras de casulos fazem apenas encher de agoa a bocca: eia! venhão centenas e milhares de arrobas!...

E o chá brasileiro?... productores do cha! governo dos meus peccados! olhai uns e outro para o chá, aperfeiçoai o seu cultivo, e ainda mais a sua preparação; porque na Europa bebe-se mais chá, do que mate no Paraguay, chocolate na Hespanha, cerveja na Inglaterra, e café no Brasil.

Tenho ainda trinta mil cousas a dizer n'este mesmo sentido; deixo-as, porém, para outra occasião.

*

A nossa exposição (*sic*) nacional vai dar-nos excellente material para fazermos representar dignamente o Brasil na exposição de Londres, o que já não importa pouco.

Colheremos d'isso dois grandes resultados: o primeiro é a satisfação do nosso patriotismo la na immensa e soberba Londres; o segundo é a conveniencia do nosso interesse, porque teremos de mostras á Europa copia de productos de que ella precisa, e que nós temos de sobra para vender-lhe.

Cá para mim, porém, são outras as grandes e importantissimas consequencias que nos promete a nossa exposição nacional.

Palavra de honra! eu creio que o nosso proprio governo não sabia que nós tínhamos tanta cousa em casa.

Mas quem ha de se achar em apertos com a nossa exposição é o governo: devéras queelles se foi metter em camisas de onze varas.

A evidencia emq eu se patentearão tantas industrias nascentes, e algumas quasi ignoradas, exige que o governo estenda á ellas mão protectora, que abra á todas, ou ao menos ás principaes, a estrada do desenvolvimento, e que lhes brade "caminhai!"

E o governo não poderá deixar de faze-lo sem offender as justas exigencias do paiz, que quer ser grande, e sabe que pode sê-lo.

A nossa exposição nacional já demonstrou, em parte, que o Brasil póde ter no proprio seio quasi tudo quanto importa das outras nações, e se o nosso progresso não tiver natureza de caranguejo, novas exposições (*sic*) hão de vir provar que o Brasil tem em si mesmo recursos para não precisar de outro algum paiz do mundo, e para ser necessario e até indispensavel a muitos outros paizes.

Mas não haja medo de que as nossas exposições acabem por trancar as portas da alfandega: o que ellas podem fazer é determinar a necessidade de centuplicar as portas do consulado.

*

Do que fica dito, não pensem que eu reputo a nossa primeira exposição nacional uma exhibição admiravel dos productos do paiz.

Menos essa.

Eu admiro somente o que se conseguiu fazer em simples ensaio, em uma exposição, para a qual a população não estava preparada, em uma exposição sem *ensino*, sem instrucções, porque ao menos se cuidou de instruir o povo a respeito do que lhe cumpria fazer.

O que digo é que a nossa exposição nacional escedeu a toda a expectativa e a todos os calculos; e que o povo adivinhou o que ainda não sabia, e o que não lhe ensinarão.

Agora a instituição está plantada no Brasil, e não póde mais morrer.

É indispensavel que novas exposições se effectuem periodicamente; e porque assim é, torna-se tambem indispensavel que o governo, ou por si, ou por uma companhia, faça cosntruir um palacio de crystal, um estabelecimento proprio para essas grandes justras industriaes.

Dizem-me que uma segunda exposição nacional vai ser marcada para o anno de 1864, por isso mesmo consta ter de realizar-se no ano de 1865 uma exposição universal em Pariz.

A ideia (*sic*) é excellente e não póde por modo algum ser posta de lado.

A população avisada com tempo corresponderá, como deve, ao convite patriotico do governo.

Mas palavras puxa palavras e idéia faz nascer idéia.

Lá vai portanto uma outra utopia.

Porque não ha de o governo marcar tambem para effectuar-se no fim de um certo numero de annos, de quatro ou seis, por exemplo, uma exposição de animaes uteis?... uma exposição dos animaes que se prestão ao serviço e á alimentação dos homens?...

O incentivo de premios pecuniarios, ou, muito e mil vezes melhor que isso, o incentivo de premios honorificos não excitria o zelo dos criadores, e não faria com que os criadores se multiplicassem?...

Demonstrar a utilidade de uma exposição d'este genero seria chover no molhado, e n'essa não cahe o *velho*, que é rapaz com seus annos de experiencia.

Animo-me a propor esta *utopia*; poruque a outra já passou em julgado, e hoje está adoptada pelos homens positivos e praticos, que são homens tão serios, que por signal não se riem nunca.

É uma *utopia*, confesso: mas é uma *utopia*, que está reconhecida verdade sedica nas mais civilisadas nações da Europa, que não se envergonhão de fazer exposições de bois, carneiros, cavallos, porcos, etc., e que tirão d'isso grandes resultados.

Requeiro que algum homem pratico, algum cidadão positivo proponha esta utopia ao governo. E receberá mercê.

*

Depois de rosas..... goivos.

Ao pé da mais bella esperanza o mais triste desengano!

Duas sepulturas abrirão-se n'esta quinzena para receber dois poetas mortos prematuramente.

Antonio Gonçalves Teixeira e Souza (*sic*), o poeta e o romancista, morreu deixando mulher e filhos em completa e honradíssima pobreza.

Manoel Antonio de Almeida, prosador tão elegante que não hesitei em chamal-o poeta, victima de um triste naufragio, teve por sepultura o fundo do oceano!

Teixeira e Souza (*sic*) era um grande talento que nascêra pobre, que se elevára por esforço proprio, que brilhára na maior adversidade, como as plantas odoríferas, que tanto mais se macerão, quanto mais rescendem: depois de muito trabalhar, muito soffrer, e muito merecer, achou um arrimo em um emprego judicial: foi escrivão, e deixou como tal uma reputação de intelligencia e de honestidade, que fulge tanto como o seu nome de poeta.

Morreu pobre.

Manoel Antonio de Almeida teve quasi o mesmo destino: pobreza no berço, pobreza na infancia e na juventude: talento brilhante, comprehensão facil, prompta, admiravel: formou-se em medicina: era o único arrimo de sua familia: luctou com a sorte desabrida... chorou durante todos os annos da idade dos encantos e dos risos... chegou a desamar a vida e *descançou*, pobre naufrago, desaparecendo no abysmo do mar.

Foi um quinzena de lagrimas e de luto para a litteratura patria.

*

Antitheses da vida e do mundo!

Depois das lagrimas de dôr uma consolação e um suave sorriso.

É chegado ao Rio de Janeiro de volta do Norte do Imperio o illustre cantor dos Tymbiras, o suavissimo poeta o Sr. Dr. Antonio Gonçalves Dias.

Cultor insigne da poesia e da historia patria, o Dr. Gonçalves Dias traz sempre á capital do Imperio flores poeticas e fructos de indagações e lucubrações historicas; uma primavera e um outono sempre ricos e preciosos.

*

Aproximão-se os dias festivos, em que d'antes (*no meu tempo*) era de costume andarem os amigos dando *boas sahidas e boas entradas* de anno.

Ora, eu desde já posso dizer que o theatro do Gymnasio tem uma boa *sahida* do anno de 1861.

Ahi estão na capital chegados das provincias da Bahia e do Rio Grande do Sul alguns artistas dramaticos bem conhecidos do nosso publico, artistas de merecimento real, e habituados a conquistarem applausos espontaneos.

Da Bahia voltarão a actriz Gabriella e o actor Moutinho; do Rio Grande do Sul o actor Amoedo.

A simples menção dos nomes d'estes artistas, e notavelmente o da primeira, dispensa todas as explicações a respeito do grande partido que de cada um d'elles póde e ha de tirar o theatro.

A sociedade dramatica nacional do Gymnasio, apezar dos seus fraquissimos recursos materiaes, apressou-se a contractar os tres artistas recém-chegados, provando assim o empenho com que procura agradar ao publico.

Por consequencia para o theatro do Gymnasio a sahida do anno é animadora e excellente.

E Deus permitta que lhe seja igualmente prospera a entrada do novo anno.

*

O governo lembrou-se enfim de nomear uma commissão encarregada de estudar e de propor as medidas necessarias para se reformar o nosso theatro dramatico nacional.

Ainda bem! louvado seja por isso o governo.

Mas agora não vão fazer da reforma do theatro uma nova obra da Sé, ou alguma cebola do Egypto.

Tenho medo das considerações e reconsiderações e do *amanhã* da nossa terra.

Um velhinho do meu tempo, e ralhador como eu, já teve a habilidade de calcular o tempo que se ha de gastar com a reforma do theatro dramatico nacional pelo seguinte modo:

Para o estudo e apresentação do parecer da commissão tres mezes.

E só tres mezes porque os membros da comissão ainda fazem versos e escrevem prosa.

Para o governo estudar o parecer apresentado um anno.

Para o governo dormir sobre o caso seis mezes.

Para o governo reconsiderar a materia seis mezes.

Para o governo redigir e mandar pra a secretaria a reforma tres mezes.

Para a secretaria do imperio procurar os papeis, que perderá um dia depois de os ter recebido anno e meio.

Para a secretaria do imperio depois de ahcar os papeis, expedi-los sete mezes.

Para demoras, arranjos, explicações, duvidas, regulamentos, &c. nove mezes.

Somma tudo cinco annos e quatro mezes.

- Cinco annos e quatro mezes!... exclamei eu espantado, ouvindo lêr este calculo.

- Nada menos, disse-me o velhinho; e ainda assim terá a reforma andado a vapor!

Apezar de uma triste experiencia, não creio nos calculos do meu camarada de cabellos brancos, e espero que o governo realize essa indispensavel reforma no anno de 1862, pouco mais ou menos no tempo em que se plantão as flôres.

“Revista Bibliographica”. In: *Dezesseis de Julho – órgão conservador*. Rio de Janeiro, 6 de maio de 1870.

O movimento da litteratura brasileira é tão desconhecido dos nacionaes como dos estrangeiros. No Rio de Janeiro é mais facil ignorar-se o apparecimento de um livro impresso em qualquer provincia do Imperio, do que do mais obscuro cantinho da Europa. A excepção de um ou outro autor de reconhecida reputação, poucos são os livros publicados nas provincias que vêm ao mercado da côrte; encontra-se mais depressa a mais insignificante e chilra comedia estrangeira em qualquer de nossas livrarias, do que o mais bem acabado trabalho nacional. Ha mais difficuldade em ler-se no Rio de Janeiro um obra de autor brasileiro, que de qualquer outra nação.

Se a lei que manda todas as typographias e lythographias, estabelecidas no Brasil, depositar um exemplar de cada um dos seus trabalhos na biblioteca nacional, fosse cumprida, ainda teriamos esse recurso pra conhecermos o movimento litterario das provincias; mas se nem as obras impressas na côrte são ali depositadas com regularidade, como appellar para semelhante estabelecimento, que se estivesse debaixo de melhor direcção prestaria mais serviços aos estudiosos, do que o que [uma linha ilegível, aproximadamente 41 letras] dono?

Ora desde que os nacionaes ignorão qual seja o gráo de progresso e desenvolvimento da nossa litteratura, não é para admirar que o estrangeiro viva na mesma ignorancia.

Mesmo assim, estes se têm mostrado mais solícitos em promulgar pelo velho mundo o nosso adiantamento na cultura das lettras, que os proprios interessados. Os poucos litteratos brasileiros conhecidos na Europa devem a sua nomeada a seus mesmos esforços, que, seja dito de passagem, só são empregados em proveito proprio. Tanto é o nosso egoismo!

Quando Fernando Wolff, de saudosa memoria não só para os brasileiros como para todo o mundo litterario emprehendeu a confecção de uma historia da nossa litteratura; para dar mais completo desempenho ao seu louvavel intento, dirigiu-se a dous membros do Instituto Historico pedindo que o auxiliassem com apontamentos sobre a vida e obras de seus contemporaneos, porem, tão limitadas forão as informações ministradas por aquelles senhores, que entre os romancistas não occupa o logar, que já então lhe competia, o autor do *Guarany*; assim como, ao lado do fabulista Joaquim José Teixeira, que por essa época apenas tinha alguns apologos publicados na *Minerva Brasiliense*, não figura o nome de Anastacio Luiz do Bomsucesso que desde 1860 possuia uma collecção de fabulas impressas nesta côrte, e até louvadas por um dos informantes do autor de *Le Brasil litteraire*!

Em Portugal, cuja litteratura nos é ã familiar, as nossas obras primas não são menos desconhecidas; nomes ha de autores nossos, aliás de grande merecimento, que lá são completamente ignorados; ao passo que entre nós conhecepe o mais obscuro escriptor daquelle reino. No prologo do romance de assumpto brasileiro – *Calabar* – disse o seu illustre autor: que como a nossa litteratura ainda não possuia romances, elle apresentava aquelle para modelo! Isto se escrevia na época em que os nomes de Macedo, Teixeira e Souza, Alencar e outros já estavam proclamados entre nós como romancistas da primeira plana!

Não admira, porém, que o Sr. Mendes Leal ignorasse então a existencia de romances brasileiros do merito da *Moreninha*, *Tardes de um pintor* e *Guarany*, quando há entre nós moços dados ao cultivo das musas que ainda hoje ignorão mais do que isso com respeito as letras patrias. Um destes ouvimos nós affirmar que o poema heroe comico ainda não tinha sido ensaiado pelos nossos modernos poetas, contra o que estava a protestar a *Festa de Baldo* – a *Chopeleida* e outros. E quem tal dizia propunha-se a fazer uma colleção de *specimens* litterarios de autores brasileiros!

O apparecimento de um livro entre nós, desde que não venha firmado por um nome conhecido, não merece o menor reparo da imprensa, que quando muito anuncia apenas a sua publicidade. Um autor novel e obscuro quando quer merecer do jornalismo alguma attenção, mune-se de uma carta de empenho, com o que obtem algumas palavras de louvor, que têm tanto de lisongeiras, como de superficiaes.

Se o aturo de um livro é conhecido, louva-se; se não é, nem sequer censura-se, diz-se pura e simplesmente – *F. publicou uma obra intitulada.* – e nada mais. Ainda ha bem pouco tempo sahiu a luz um volume de poesias, que nem são mediocres, nem sublimes. O autor apresentou-se com uma carta de empenho para o redactor de uma das nossas folhas e este o acclamou como digno émulo de Gonçalves Dias, e o mesmo livro dirigido a outro redactor, sem recomendação alguma, não mereceu sequer as honras de uma noticia!

O cathalogo suplementar de uma biblioteca social, tambem publicado ha pouco tempo, foi saudado pela imprensa como um monumento de bibliographia, e thesouro de erudição (!), quando não passa de um trabalho commum e mal confeccionado; ao passo que os cathalogs do *Instituto Historico* e o da *Biblioteca Fluminense*, devidos aos cuidados e conhecimentos do intelligentissimo bibliographo F. J. Martins, passárão despercebidos quando forão publicados; e no entanto, que estes cathalogs revelão muita proficiencia, e pericia, pouco vulgar, do seu autor, que por ser modesto vive ignorado.

Desejando, por essas e outras razões, de alguma fórma concorrer, para que o progresso e desenvolvimento da nossa litteratura seja conhecido de nacionaes, e estrangeiros, empregaremos a

presente revista que não visa a reputação do tribunal de suprema instacia litteraria, mas que registrará em suas paginas todas as publicações que lhe forem enviadas por seus autores e editores, emmitindo sobre ellas um juizo tão imparcial como consciencioso.

Se, como esperamos, formos coadjuvados pelos interessados, a publicação que hoje encetamos prestará, se não aos presentes ao menos aos vindouros alguns subsidios, ainda que mediocres, para a historia da nossa litteratura, que, se de outros mais competentes tiver impulso identico ao que pretendemos dar, ainda que parcamente, com esta revista, ha de por certo desenvolver, e prosperar, muito mais do que sem este benefico incentivo.

F. F.

“Revista Bibliographica. Os Franceses no Rio de Janeiro. Romance de Moreira de Azevedo.” In: *Dezeseis de Julho – órgão conservador*. Rio de Janeiro: 22 de junho de 1870.

Ha um talento entre as demais especies dos que são abrangidos pelo homem, que se dedica a investigar a historia do seu paiz, e a derramar pelo povo o conhecimento dos seus mais pequenos episodios, por meio do romance, e da narrativa.

Modesto em suas aspirações, esse talento passa muitas vezes desapercibido, sem ter sequer uma phrase de louvor ou uma palavra de animação; e no entanto, que o serviço que elle presta á sua patria é comparativamente muito maior que o de outros, que por cada linha, ás vezes de uma futilidade, recebem elogios sem conta, nem limites.

Essa falta de immerecida consideração é, talvez, a única causa de que entre nós sejam rarissimos os cultores desse ramo de litteratura, que na culta, e velha Europa é tão cuidadosa como seriamente cultivado.

Parece-nos que cabe ao finado Teixeira e Souza, de honrosa memoria, a gloria de ser o primeiro escriptor brasileiro que começou a propagar a historia patria por meio do romance. E depois d'elle, foi, sem duvida, o Sr. conselheiro Alencar quem o elevou com o seu formosissimo *Guarany* e as *Minas de Prata*, em continuação, a esse gráo de perfeição que attingiu na litteratura ingleza o celebre Walter Scott.

Ultimamente o Sr. Dr. Moreira de Azevedo, incansavel esmerilhador das cousas patrias, que já deu um precioso summario das suas investigações no seu *Pequeno Panorama*, que é o trabalho de mais folego que possuímos de iconographia, dedicou-se tambem ao cultivo daquelle ramo, para o qual mostra possuir as melhores predisposições.

Lourenço de Mendonça, foi o seu primeiro ensaio, que apesar de não pequenos senões, é um romance digno de lêr-se, e até mesmo de estudar-se.

Á esta primeira tentativa seguiu-se *Os francezes no Rio de Janeiro*, que temos presente.

Os episodios historicos a que se liga este novo romance são os das invasões francezas na cidade de S. Sebastião nos annos de 1710 por Duyclerc, e 1711 por Dugay Trouin.

A acção do romance é simples, como devem ser as de identico genero; a narração é, porém, pouco animada, e os episodios historicos são um tanto succintos.

A linguagem está pouco limada e notão-se aqui e ali alguns trechos rudes por demais, e termos que repugnão ao bom gôsto litterario.

O autor usa neste romance, não sabemos porque razões, essa impropriedade gramatical

... mas se não realisou tão violento sacrificio (pag. 5)

... se não moveu do acampamento (pag. 109)

... se não recorda das prophcias de Fr. Cosme? (pag. 100)

E em outros muitos logares que não fôra difficil apontar, mas enfadonho transcrever.

Os typos dos personagens historicos estão menos mal desenhados.

O character de Fr. Fabiano de Christo, virtuoso franciscano do convento de Santo Antonio, está confôrme os usos e costumes severos da época em que viveu aquelle religioso.

A proposito deste santo homem occorre-me aqui uma duvida que me suscitou um dos episodios dos *Francezes no Rio de Janeiro*.

Fr. Fabiano de Christo vê condemnar ao desterro, como criminoso de morte, um seu protegido que elle deseja salvar; sabendo, no entanto, por confissão do proprio réo que já não existe, que o moço é innocente! Isto para não violar o sigillo do confessionario.

Ignorante em tudo quanto diz respeito á materia a que está affecto esse facto, não sabemos se a igreja apostolica levará até áquelle ponto o segredo da confissão, mas, segundo D. Manuel do Monte, autoridade assás competente nestes casos, parece-nos que não.

O segredo da confissão, suppomos nós, póde ser revelado para salvar um terceiro, desde que isso não prejudique o confessado; ora tendo este fallecido, e por consequencia estando já fóra do alcance da justiça dos homens, bem poderia Fr. Fabiano salvar o seu protegido sem o menos encargo para a pureza da sua consciencia.

Se isto não é do direito canonico, ao menos deve ser do da razão.

Ainda outro reparo, que não será de todo mal cabido. Fr. Fabiano de Christo nunca passou de um leigo, como consta nas chronicas religioss, e como o proprio auctor affirma; e nesse caso, senão estamos em erro, não poderia o piedoso irmão confessar ninguém.

Pondo de parte as imperfeições de estylo, pouco desenvolvimento da acção e outros senões que acima apontamos, o novo romance do Sr. Dr. Moreira de Azevedo é um trabalho que se não opulenta as nossas florias litterarias tambem não as desdoura.

Os Francezes no Rio de Janeiro, além da lição de historia que encerra o seu assumpto, tem o subido merito de pertencer á escola da sã moral e dos bons principios da religião christã. É um livro que deleita e instrue, que moralisa e edifica.

Estamos certos que o autor de *Lourenço de Mendonça* e dos *Francezes no Rio de Janeiro*, ha de, com perseverança, vir a ser um dia um dos nossos mais conhecidos cultores da chronica-romance; e que

as suas subseqüente produções irão apropriando-se cada vez mais desse mytho que se chama – perfeição.

CARLOS, Reinado. “Casimiro de Abreu”. In: *Revista Popular. Noticiosa, Scientifica, Industrial, Historica, Litteraria, Artistica, Biographica, Anedoctica, Musical, Etc., Etc. Jornal Illustrado*. Rio de Janeiro, outubro a dezembro de 1862. Ano IV, tomo 16.

Vou reavivar em breves traços a memoria de um joven illustre. O Brasil, que tem visto desfolhar-se tantas esperanças em flôr, collocava-o entre os talentos de maior futuro. Não contava com o vento aspero e ardente do seculo, que secca e abraza todos os espiritos nobres, que os arroja, por desfastio, ao gozo immoderado, e apos á doença e ao tumulto em idade prematura! Quantos poetas de vinte annos, almas illuminadas por um ideal impossivel, não tem passado por ante nós, que os excedemos tão pouco na idade! Alvares de Azevedo, Gonçalves Braga, Macedo Junior, Junqueira Freire, e outros companheiros d’armas, cedo tiverão a lage do tumulto por leito de campanha, a eternidade como realização de ideal, a gloria postuma como consagração do merito!

Quereis a decifração do enigma d’esta tuberculisação do corpo social, que vê morrer tão cedo os seus pensadores mais distinctos? Procurai-a na ausencia das crenças moraes, que começa por tirar-nos o coração a religião da mulher, e acaba por enregelar-nos o leito funebre com a negação de Deus. Os utilitarios, profundos machinistas da sociedade, que a querem concertar com peças de sua invenção, esquecerão-se de que, deixando a mão de Deus de ser o impulsor, era a dissolução certa e inevitavel. Entenderão que o dinheiro era uma base tão legitima como a abnegação, e derão-nos em troca da litteratura o jornal commercial, do amor desinteressado o casamento por conveniencia, do templo orthodoxo o palacio da Bolsa. E, quando uma cabeça attiva se ergue no meio d’esta sociedade atacada de anémia, perseguem-a os motejos dos homens positivos, parvos inventados por este seculo de progresso material, que tem o privilegio, sobre os antigos parvos, de serem, não a excepção, mas a regra geral da sociedade.

Poesia! moeda que não tem curso nas bolsas bordadas das meninas de quinze annos, que os homens de estado, mercadores de consciencias, repellem com o pé, que os padres, adoptando o estado ecclesiastico como officio, proscrevem dos seus templos; onde irás achar um abrigo? Onde irás tu, filha querida dos seculos de crença, enxugar a tunica alagada pelos suores de tua longa peregrinação? Quem te dará o pão da compaixão, um céu que não tenha fumo industrial, um gabinete litterario sem discussão de cotações mercantis?

Eras em tempos melhores a querida das damas. Davão-te o regaço por almofada, premiavão-te com doces beijos, querião-te para companheira da solidão. Os circulos azues em volta aos olhos, a

languidez dos cilios, o desfalecimento dos passos, eras tu quem os causava. Agora as damas acordão á vida real ao tinir das moedas de ouro, tem o Potosi como retiro ideal, e um velho barão, rico de dinheiro e parvoice, como suspirado Amadis. Para ellas os romances francezes da escola degenerada do segundo imperio são os de maior attractivo. Não ha alli a perspectiva de immensos cabedaes, bem ou mal adquiridos; não se pintão alli ao vivo, sem véo, sem recatos inuteis, os gozos venaes complemento de uma educação sem idealismo? Bobos de nova especie, os principes do talento, os queridos da phantasia, substituirão para estas damas os anões e insensatos da velha sociedade. Brincão com seus affectos extremosos, riem-se de suas crenças, e põem-lhes sobre a fronte, em vez da coroa de louros, o barrete ignobil do caturra. Quando passa um poeta, enigma para estas almas pervertidas, apontão-o ao dedo como um ente curioso. De que planeta cahiu, em que familia zoologica se deve classificar, em que idade anti-diluviana forão creados os seus progenitores? Eis as perguntas que as meninas positivistas mutuamente se dirigem. Mas a curiosidade, qualidade opposta ao calculo utilitario, cessa em breve; tornão ás suas contas de arthmetica, e só se lembrão do pobre poeta quando de passagem o encontrão, para dar-lhe, em troca dos olhares, um risinho de mofa.

Pobre sociedade, pobres educadoras futuras das almas inexperientes!

É este o mal que tem consumado cedo todos os espíritos nobres. Foi este o mal que viciou no annos juvenis a organização do nosso poeta. Quanto mais tarde veio o remedio, quando um anjo de eterno lucto e eterna saudade, excepção de regra n'esta mascarada social, deu-lhe, em troca do amor, affecto igual e sublime, já Casimiro de Abreu estava condemnado ao tumulto.

Flôres tardias forão estas, que desabrocharão á sombra dos cyprestes!

Ao norte do Rio de Janeiro, desde as serranias altas e negras, proximas á barra, que se desenhão no fundo do horizonte ao navegante que vem de léste, estende-se uma costa tortuosa, ora hirta de rochedos lugubres, bravia, como nas immediações de Maricá; ora, como em Cabo Frio, erguendo-se ao céo em alcantis gigantes, por entre os quaes passam as marés, arremettendo contra os rochedos, tismados pelos seculos; ora, enfim, como da bahia da Armação ao cabo de S. Thomé, e deste á foz do Parahyba, abrindo-se, pelas margens dos rios de S. João, Macahé e Macabu, em planícies orladas de brancas praias de areia, semeadas de varzeas esmaltadas de flôres, e coroadas no alto por collinas que vão perder-se ao longe nas recortadas serras de Friburgo. Ha por esta costa povoações assentadas nas barras de todos os rios, no fundo de todas as enseadas, de que desfraldão, ao romper da alva, barcas de pescadores, abrindo a véla ao brando norte, ou ao sudoeste impetuoso, que encapella as ondas, arremecendo-as pela terra

dentro. Esta natureza de contrastes rapidos, a que serve de docel um céu de azuladas tardes, ou de vastas tempestades, e cujo horizonte é o oceano infindo, tem avivado muitas imaginações ricas.

Na velha Cabo-Frio, ainda guarnecida, como nos velhos tempos feudaes, de fortalezas e conventos, nasceu o traductor mavioso de Lamartine, A. G. Teixeira e Souza, que nos *Três dias de um noivado* roubou á terra pátria algumas das cores sinistras e delicadas do seus alcantis e prados.

Em Macapé, pequenos cidade de casas brancas, gentil na mocidade, que tem praias poéticas como a Imbitiba, grutas mysteriosas como a da Fortaleza, altos como a da Fortaleza, altos como o de Sant'Anna, que convidão a pensar, largando os olhos pelo oceano a perder-se no horizonte, desenvolveu-se um espirito notavel pelo seu talento e erudição o Sr. Velho da Silva. Quantas vezes não se franjou de pedrarias deslumbrantes a sua a sua rica phantasia, ao ir pelas manhãs douradas de Maio, cavalgando pelos campos do Barreto, ou por entre as conchas d'aquella praia de neve da Boa-Sica? Quantas vezes não veja veiu sentar-se ao seu lado na gruta da Fortaleza o velho Ovídio, o seu intimo amigo, a praticar dos antigos mythos da Grande Grécia, ou dos tembem scismar á tarde nas grutas de Parthenope, batidas pelo mar de esmeralda?

É nesta região sombria, ridente e grandiosa que teve o nascimento Casimiro de Abreu.

Casimiro de Abreu! Nome obscuro no seculo dos agiotas e charlatães politicos, nome grande para todos os seculos que prezarem a arte, os affectos nobres que dulcificão a ordem social e a dedicação extrema, - qualidade rara em ambos os mundos aos nettos decahidos do vencedor de Dio e do expugnador de Loanda. Avaliã-se hoje as dedicações pelos teres do amigo, pelas facilidades da carteira, ou pelos cálculos da utilidade individual de cada um. E venhão fallar de poesia, de amor, de abnegação a burguezes aristocratas, que desprezão todas essas qualidades do pobre, porque não se podem trocar por notas bancarias no edificio da bolsa!

O que significa, pois, entre nós, uma biographia litteraria? Que successos poderemos referir sem excitar o tédio dos raros leitores? D'esta vida, breve em annos, rica em producções, apontaremos apenas as principaes datas. Ao menos a extensão da narrativa não assustará a curiosidade dos que dão alguns minutos ao estudo, depois de haverem dado horas aos entretenimentos de gozo menos ideal.

Casimiro Jose Marques de Abreu, filho de José Joaquim Marques de Abreu, e D. Luiza Joaquina das Neves, o primeiro portuguez, a segunda brasileira, nasceu em 4 de Janeiro de 1837 na Barra de S.Joao. Seu pai era negociante, e destinou-o á sua profissão, apesar do talento para o desenho, que desde a tenra infância elle mostrava, como primeiro indício da riqueza de sua imaginação.

Aos seis annos aprendeu os rudimentos da língua, e aos nove foi para Nova-Friburgo, onde entrou para o collegio Freese. Sem ter completado os preparatórios, veio para o escriptorio do pai no Rio de Janeiro, de onde, mostrando-se indócil á disciplina commercial, foi enviado a 13 de Novembro de 1853 para Lisboa. Ahi as musas, companheiras queridas da sua brilhante mocidade, em breve o cercarão, seguindo-o na excursão que fez pelas margens pittorescas do Douro e Minho. Algumas folhas portuguezas receberão com applausos as primícias de seu estro juvenil.

Interesses de familia e ordens paternas, que auxiliavão as saudades do primeiro amor que na patria deixára, o fizerão voltar. Chegou ao Rio em 11 de Julho de 1857, e segiu para Indayassú, fazenda paterna nas margens do Rio de S. João, onde esteve um mez. Ahi, em vez dos beijos de um primeiro amor quasi infantil, em vez das copas dos laranjaes que acolhião ternos encontros, achou para recordar-se, em estância pouco distante, os cyprestes de um tumulo, a memória de um martyrio e o susurrar da viração por entre as folhas das arvores queridas, que lhe lembravão tempos para sempre findos.

Voltando ao Rio, veio de novo empregar-se no commercio, entrando em Setembro para a casa dos Srs. Camara, Cabral & Costa, onde se conservou ate 13 de Junho de 1839. Durante esse periodo medrarão-lhe as tendencias poeticas, e mais dura se lhe tornou a condição dependente a que preconceitos paternos o havião condemnado. Não entendião os superiores que as letras se podessem casar com o commercio; para elles um analphabeto talvez fosse preferivel ao maior genio, e por certo bem duras reprimendas vierão aggravar as intimas dôres d'aquella organização delicada e nimamente susceptivel.

A aproximação da morte abrandou a vontade paterna, e o nosso joven poeta partiu a 5 de Abril de 1860 para Indayassú, afim de visital-o. Recebido o ultimo adeus de quem devia orgulhar-se de tão illustre filho, conservou-se na fazenda ate 4 de Junho, época em que voltou á côrte. Sorrira-lhe jáa fortuna com suas dádivas, pois o pai legara-lhe bens para honesta e descansada existencia, - viera um novo amor perfumar o seu espirito de novas aspirações, - podia pois julgar o seu futuro bello e feliz ao par de sua mãe, de sua irmã querida e d'aquella que tão dignamente lhe vencera as saudades do primeiro affecto, - quando a mão da morte o tocou e feriu de maneira incuravel.

Conhecendo-se affectado dos pulmões, quis ir a Madeira; mas, sendo a estação muito agradável na serra em que passára a primeira juventude, deliberou-se a ir para Nova-Friburgo, onde chegou a 24 de Julho. Foi d'hai que veio a noticia de sua suposta morte, - que tanto affligiu os amigos das letras e as almas sensíveis, que já o conhecião pelo volume de poesias que publicára. No fim de Setembro, avizinhandose a estação invernosa, resolveu voltar ásua fazenda, onde chegou em 3 de Outubro. Filho extremoso, vendo

aproximar-se a hora dos ultimos adeuses, mandou chamar sua mãe, que lhe retribuiu em carinhos e dedicação tão grande affecto.

Em breve começarão a faltar-lhe as forças, e foi para o leito esperar pela hora do descanso, - pois para elle, martyr dasensibilidade, não houvera paz possivel na dependencia da sociedade egoista em que vivêra. A religião quis consollar aquellas dores d'alma, tão fundas e estremecidas que não podião sahir-lhe do pensamento; mas o joven idealista não se prestou a receber os sacramentos, declarando que, tendo a consciencia limpa, de nada tinha que pedir perdão a Deus. Rodeavão-o em prantos alguns parentes e os famulos, que sempre haviam encontrado n'elle extrema bondade; voltou-se para elles o agonisante, e perguntou-lhes com placidez estoica:

- Pois a dôr da morte será tão insupportavel!

Quem lhe acenava no céu, por entre as sombras d'aquelle occaso da vida, que não podião occultar a luz de um mundo melhor? Quem o chamava, com doce voz do primeiro affecto, que arranca lagrimas ao coração, e povoa de imagens divinas o leito do soffrimento?

Entre este desapego do mundo, que tanto o atormentára, e a esperança de uma reunião proxima, morreu o auctor das *Primaveras*, ás 5 horas e 25 minutos da tarde, no dia 18 de Outubro de 1860.

Seu tumulo singelo, sem monumento da gratidão nacional, está collocado na Barra de S.Joao, ao par d'aquelle em que jazem os restos de seu pai. Acalentão-o ao longe as ondas quebrando-se nas praias do Atlantico, e as aves dos palmares vem nos arvoredos proximos annunciar-lhe a aurora com seus hymnos doces e cadenciados.

Adeus amigo! Se a sombra d'esses bosques de eterna primavera, que tu e Dante sonhastes, em que ha amores verdadeiros e desinteressados, em que a alma pode viver e expandir-se sem motejo dos nescios, te lembrares dos companheiros d'armas que deixaste, pede a Deus que abençoe os seus esforços, para que d'esta geração, condemnada ao martyrio moral, saia outra que assista á regeneração da sociedade! Embora nos lacerem os pes os espinhos da estrada, embora os materialistas se rião de nossos esforços, levemos a nossa crença em holocausto ao altar do futuro, que resume em si a maior ideia de Deus, porque é elle a *eterna esperança*.

Findado estes breves traços, digo adeus tambem por tempo indefinido á litteratura amena. Obscura foi a minha carreira, mas deu-me horas de intimo gozo, que são a minha mais bella recompensa. É grato pra mim, que estreei nas lettras, criança obscura e expatriada, escrevendo em Macahé, e ahi recebendo generosas animações e os primeiros applausos, - consagrar tambem estas ultimas linhas á memória de um filho d'aquella terra. Sinto verdadeira ufania em poder designar como segunda patria, como

berço da intelligencia, como estancia de meus primeiros e aturados estudos, a mesma terra que deu o ser ao Petrarca Brasileiro.

FERREIRA, Félix. “Traços Biográficos de A. G. Teixeira e Sousa”. In: *As Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*, por A. G. Teixeira e Sousa, 2.^a Edição. Rio de Janeiro: Cruz e Coutinho, 1868.

O viajante que vem das plagas do norte em busca da formosa patria de Monte-Alvernte, vê surgir do seio das ondas sete cabeços negros que se elevam aos ares hirtos, tremendos, e immoveis, como phantasmas sombrios, testemunhas silenciosas do perpassar dos seculos que tombam nos abysmos do infinito, como gottas de orvalho que desprendidas das verdes folhagens das florestas caem no trepido ribeiro, que as leva rapido ao insondavel oceano. Em um desses sete cabeços levanta-se uma torre de ferro, em cujo topo gyra á noite um grande pharol de variegadas côres, amigo providencial do nauta, que o desvia dos escolhos, e lhe aponta seguro a rota que o leva ao porto desejado, e hospitaleiro.

Quasi a duas leguas a N. N. E. desses sete cabeços demora em amena estancia a pequena cidade de Cabo-Frio, que tem a primazia de ser uma das mais antigas cidades do vasto imperio do Cruzeiro. É ahi a patria de um poeta; e como ninguém melhor que elle nos póde descrever as bellezas dos sitios em que passou a quadra festiva da doirada infancia; seja-nos permittido transcrever para aqui, uma parte da introdução dos Trez dias de um noivado, que quanto a nós, é um dos mais bellos trechos, entre os muitos, que o auctor produziu nos seus poemas e canticos.

II

Lá no seio das ondas, legoas muitas,
Sobre a brasilea costa, do terreno,
Onde, da redempção, Cabral plantára
O augusto signal, p'ra parte do austro,
Das vagas despontando, avista o nauta,
Em linha, um grupo de pequenas ilhas
Distinctas entre si, formosas todas.
Julgaes terdes em frente insulas sette?
Embalde; que se della sois mais proximo,
Vereis erguer aos céos sete cabeços,
De broncas penedias irriçada,
Crespa d'hirtos certões ingrime serra.

III

Deitada sobre o mar, por toda parte
Com fremito feroz, vãamente as ondas
Despiedadas lhe açoutam, corcomendo
A base annosa, que até hoje embota
Do eterno ancião equéva fouce!
E, para mais zombar das mãos da idade,
O rochedo eternal se occulta inteiro
Em verdes mantos do equoreo limo.

IV

Sobre seus cumes sete magestoso
Parece que assentára a séde sua
O genio da borrasca. Eternos rolam
Os celestes trovões sobre essas auras;
Como, si se travára, ha sc'los muitos,
Entre as nuvens do céu, entre os rochedos
Despiedadas rixas. Incessantes
Resvalam ao través das negras penhas,
Mil rapidos coriscos. Despenhada
Tomba, borbulhonando, sobre as grutas
De copiosa chuva a grossa enchente.

V

Impune a revolver o pégo, e os bosques
Com impeto feroz, sopra o Nod-este (*sic*)
Entre arrancos medonhos. Nevoa eterna
Inteira envolve da montanha os pincaros.
Dirieis, que esse genio atroz, indómito,
Zeloso de seu reino o quer, continuo,
De orgulhoso, interdicto e bem vedado

A qualquer olho humano. Qual pé d'homem
Ousou vingar da encosta o meio apenas?
Chegar-lhe a pequenina, e branca praia,
Visinha a terra firme, mal foi dado
Á velhos pescadores. Por balisa,
Ampla lingua de terra, ao mar entrada,
Ás ondas sombranceira, altiva a grimpa,
Extremo portentoso, até as nuvens.

VI

Dirieis, que acanhado em seus dominios
O chão que n'outro tempo era habitado
Pelos Tupiniquins, olhára inutil
Vasto espasso de mar, pouco de terra,
E destacando um fio de seu seio
Foi com elle invadir posses maritimas:
Mas o mar, não deixando inulto o arrojo,
Grande batalha em campo lhe apresenta,
Quando, perdido um gráo, recuado tinha.

VII

Ahi venceu o mar, parando a terra;
Mas tal o embate foi, que ella sofrêra
No temeroso encontro, que de subito
Essa ponta invasora, antes tão firme,
Revoltou para o céo; hoje é seu termo:
Mas zeloso o oceano de seus fóros,
Pela mais fraca parte o carcomendo,
Ao fim d'eras immensas conseguíra
O monte segregar da terra firme;
De cem palmos um golpe lhe rompendo,

Que elle soube occupar co'as vagas suas,
Quebrando assim as forças da invasora.

VIII

Nem o despota aqui susteve as fúrias,
Que apascentava atroz de vingativo.
Desmoronando audaz velhas montanhas
Suas metas transpoz; foi serpejando
Além terras, banhar covís de tigres;
E entrando, entrando mais per entre bosques
Leguas tres vezes tres cobriu. Quem pouco,
Sobre este mar que invade a terra firme,
Medita, julgará que a natureza,
Então mais folgazã, que providente,
À vingança que o mar tomou da terra
Com symetrica mão lhe presidíra.

IX

Entre montes entrando, percorrendo
Vae ao septentrião do meio-dia,
Opresso em corredor tão apertado,
Que bem ver deixa o como a seu despeito
Passo lhe dera a terra. Mas vencendo
O meio de uma milha, tal combate
Aqui lhe off'rece a terra, que de volta,
Formando um ang'lo recto, discorrêra
Para onde o sol cahe. Anda outro tanto
Lhe embaraça outra vez montanha a marcha,
De novo o norte busca: outr'ang'lo recto.

X

Como se ahi cançára da peleja,
A terra lhe concede mór espaço,
Aonde o invasor mais se espraia
Uma bahia fórma; é seu diâmetro
Metade e uma legua. Novos brios
Cobrando a terra lhe disputa os passos,
Mal lhe deixando um estreito onde se volva
A mole immensa d'agua. Foi ligeiro
Este esforço sustido por cem braças,
Que após ellas deixando quasi o campo,
O que valle já foi o mar lhe occupa.
Agora a circular bahia conta
Raio de meia legua. Outra vez tenta
A marcha lhe estorvar cançada a terra,
É força ao contendor que volva ao impetos (*sic*),
Entre montanhas duas, duas vezes.

XI

O mar se deslisou aqui mais placido,
Como, que a novo embate se aprestava.
Da terra o resistir lhe foi ephêmero,
De lassa ao invasor cedeu vencida;
Ultimo disputou passos quarenta!

XII

Aqui o vencedor amplo se espraia
Por onde, n'outra idade foi campina.
Grutas de feras, covas de serpentes,
Magestosos ipês, humildes murtas,
Aonde o papagaio, e a rôla formam
O amoroso ninho, é ondas tudo.

XIII

Parca bahia agora já não vêdes;
Mas, pelo longo extensa, é quasi um golfo.
Dest'arte vezes seis modificou-se
O feroz vencedor nesta conquista,
Formando estreitos tres, que uns após d'outros
Diminuem, e ligando tres bahias,
Que se augmentam. Contudo á terra coube
A gloria, qu'o imigo respeitou-lhe
Todo o vasto int'rior, correndo ao longo
De seus proprios dominios.

XIV

Alça o pêgo,
Que os campos desolára, por balisa,
Do lado do oceano, em certo ponto,
Uma cinta arenosa: é tão estreita,
Que as procellosas ondas do oceano
Vingando-a, com borrifos espumosos,
Os vem depôr no mar da terra firme.

XV

Dirieis, que velando sobre a prêsa
Elle a vem perlustar de tempo a tempo.

XVI

Esta cinta, travando, como isthmo,
A terra firme á desolada terra,
Ata peninsula, qu'ao oriente avança.

XVII

Essa lingua de terra, ao mar lançada,
Que a septi-cóllea acaba, ingrime serra,
Cabo, outr'ora chamaram-lhe os geographos;
E pelas tempestades, e nevoeiros,
Appellidaram – Frio – antigos nautas.

XVIII.

Engraçada collina, em tudo bella
Se avára não trancasse a natureza,
Para ella, em ferrenhas, duras arcas
Seus thesouros caudaes, demora ao norte
Dessa longa bahia, á quem os incolas
Do mundo de Cabral, o nome deram,
Suave na expressão de – Araruâma. –

Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, auctor dos versos que acima reproduzimos nasceu naquella decantada cidadesinha a 28 de Março de 1812; era seu pae o negociante portuguez Manoel Gonçalves e sua mãe a brasileira Anna, (*sic*) Teixeira de Jesus.

A sua infancia delisou-se alegre e serena sob o abastado tecto paterno, e feliz seria a sua adolescencia, e talvez opulenta a sua mocidade, se os gloriosos acontecimentos de 1822 não causassem graves transtornos ao commercio onde se enriquecia Manoel Gonçalves, a ponto de obrigar este honrado negociante a liquidar a sua casa sem lezar os seus credores, e ver-se, de abastado que era, reduzido, senão a extrema indigencia, ao menos a tal grão de fortuna, que o forçou a declinar de seus intimos e paternaes desejos com respeito a seu primogenito Antonio, tirando-o da aula em que começava a cursar o latim para encarreiral-o a um modo de vida mais rude, porém de mas prompta e comoda aprendizagem.

Contava então Teixeira e Souza dez annos, e o officio por elle escolhido, foi o de carpinteiro. Seria um escarneo da fortuna inconstante e caprichosa quem inspirou a creança a abraçar tão grosseira profissão, para sob os pezdos golpes do martello esmagar a musa suave e meiga, que com seu halito perfumoso lhe bafejára o berço? – Seria, talvez, intuição prophetica do menino, que o levava a travar da serra e da enchó, para com os seus sons desentoados afugentar de si uma especie de fascinação, a que a

sua almasinha começava a prender-se por uma melodia estranha, que ouvia partir de ignoto templo, que para penetrar-o tinha de trajar a túnica de Nessus, e engrinaldar-se com a côroa (*sic*) de Christo?

Quem sabe? – Parece que ás vezes o nosso anjo da guarda tenta affastar-nos da estrada que nos traçou o destino, antevendo os soffrerres que teremos de curtir por aquelles invios caminhos; mas a estrella que nos guia, quanto mais infausta, mais poderosa nos atrae para o lado opposto a que nos busca conduzir o anjo bom. Assim o de Teixeira e Souza bem quizera talvez desviar-o da senda que lhe apontava a funesta estrella, mas – *estava escripto* – o primogenito de Manoel Gonçalves tinha de registrar o seu nome no livro de ouro dos benemeritos da patria; tinha pois de soffrer muito, porque só com lagrimas de sangue é permittido ao desditoso escrever seu nome nas tão appetecidas paginas, onde muitas vezes passa despercebido aos olhos da posteridade, quando procura esta, encontrar nellas, a narrativa dos grandes feitos de seus progenitores.

Como quer que seja, Teixeira e Souza aprendeu, em sua terra natal, o rude officio de carpinteiro em sua terra natal (*sic*); e, em 21 de março de 1825, acompanhado de seu pae, veio para esta côrte continuar no desempenho e aperfeiçoamento de sua profissão, em que labutou ainda por espaço de cinco annos, até que atacado de uma grave molestia de peito, teve de abandonar os grosseiros instrumentos com que adquiria os preciosos meios para sua escassa subsistencia; e, obedecendo aos preceitos de seu medico, foi obrigado a retirar-se para os campos nataes. Partiu pois, do Rio de Janeiro a 21 de março de 1830, e chegou ao lar paterno a 24 do mesmo mez e anno, isto é, um lustro dia por dia depois que dalli partira. Foram estas épocas por elle mais tarde memoradas em seu bem conhecido romance *As tardes de um pintor*, afim, escreveu elle, de notar a coincidencia dessas datas todas dadas em o mez do seu nascimento.

No exercicio de seu officio não se esqueceu Teixeira e Souza dos livros que o doctrinára (*sic*) quando destinado por seu pae a outra profissão, que não a de um modesto e obscuro artifice. Nas horas do repouso, lia com ardor todos os bons e maus auctores que lhe vinham ás mãos.

Assim, ao passo que o trabalho do moço operario lhe-ia enfraquecendo o seu physico, já de si debil e doentio; a leitura do estudioso lhe-ia rebustecendo e illustrando o seu intellecto, dotado por natureza de perspicacia e intelligencia.

De volta ao lar paterno encontrou Teixeira e Souza algum augmento na fortuna do casa, mas tambem com elle encontrou o luto e a desolação, porque a morte lhe havia arrebatado cinco irmãos no curto espaço de quatro annos! Ainda enfermo continuou elle os seus estudos com regular assiduidade, e tal desinvolvimento foi tendo o seu espirito, que alguns visinhos e amigso quizeram cotisar-se para lhe

garantirem um subsidio certo com que elle podesse se doctorar em medicina; não aceitou porém o moço poeta tão generoso apoio, e mais tarde recusou tambem equal offerta que lhe fez o seu amigo Paula Brito, tambem como elle filho da obscuridade, mas dotado de talento natural, e de uma probidade e honradez a toda a prova.

Aos dezoito annos compoz Teixeira e Souza o seu primeiro trabalho de vulto que foi a tragedia – *Cornelia* – que só viu a luz da publicidade no anno de 1840 formando um dos numeros da 4^a. serie do *Archivo Theatral* que então se publicava, nos prelos do *Jornal do Commercio*.

Em 1841, achando-se de novo Rio de Janeiro, deu á luz a sua primeira collecção de versos sob o titulo *Canticos Lyricos*, e no anno seguinte a segunda e ultima. Em 1844 publicou o seu poema – *Tres dias de um noivado* – dedicado á memoria dos seus fallecidos paes; este livro goza, com sobeja razão, de foros da sua obra prima.

Em 1846, contando 34 annos de idade, casou-se com D. Carolina Maria Teixeira e Souza, senhora desprovida de bens pecuniarios, mas rica dos subidos dotes da mais sã virtude, unicos que pódem prender o coração generoso de um homem de tão elevados sentimentos como foi aquelle cuja vida mal vamos esboçando nestas incorrectas paginas.

Pouco depois do seu consorcio, o *Marquez de Monte Alegre*, então ministro dos negocios do Imperio, nomeou-o professor publico de primeiras letras. Em 1847 publicou os primeiros seis cantos de sua epopea a *Independencia do Brasil*. A fria acceitação que teve da parte do publico, e a critica sobremaneira injusta com que foi analysado em uns artigos publicados em anonymo no *Correio Mercantil* (*sic*) do anno de 1848, que consta serem da penna de Gançalves (*sic*) Dias, o levaram a abandonar, por alguns annos, a continuação, que só veio a realisa-la em 1857.

Conta-se que depois da conclusão do poema, o seu auctor julgando merecer alguma recompensa por haver cantado os gloriosos feitos da nossa independencia, pedira ao governo um emprego mais vantajoso do que o que exercia; o pedido foi defferido, nomeando-o ... guarda da alfandega!

Que admira! Não vemos nós todos os dias intelligencias robustas e talentos esclareciso preteridos a cada passo por necios e infatuados? Que mais merecia Teixeira e Souza além do vantajoso logar de *malsin*? Tinha elle por ventura direito a outra recompensa? – Cantar os feitos da patria, opulentar nossas letras é nada em comparação ao subido merito de saber vencer uma campanha eleitoral? Teixeira e Souza era poeta, para Fernando Wolf, illustrado escriptor allemão, que escreveu a nossa primeira historia litteraria, elle *a le mérite peu commun d'avoir donné une place aux particularités nationales dans le choix du*

sujet et dans la manière dont il l'a tra. (*ité¹⁰) para o governo nosso não valia sequer um inspector de quartelão.

A familia que de anno para anno ia augmentando em numero de filhos, obrigaram-o mais tarde a recorrer de novo ao saltos poderes; desta vez, porém, mais bem encarreirado andou sem duvida, elevando sua supplica ao nosso benevolo monarcha. O Sr. conselheiro Nabuco, então ministro dos negocios da justiça, tomou sob sua valiosa proteção o cantor de Mirbya, e das suas mãos recebeu S. M. o Imperador um memorial, em versos, em que o poeta narrava as suas desditas, e pedia para allivio de seus males e molhoramento de seus casal, o modesto logar de escrivão dos orphãos no termo de Cabo-Frio. O Sr. D. Pedro II, que jámais deixa de ouvir seus subditos com agrado e carinho, e de remedia-los com justiça, sobretudo quando o recorrente é um homem de lettras, excedeu o pedido do infeliz poeta nomeando-o em 1855 escrivão do juiz da 1ª. vara do commercio desta côrte.

Este vantajoso logar, que o poeta passou logo a exercer com aquelle zelo e aptidão, que lhes eram familiares, levou o prazer e a allegria ao lar querido, porque dalli desaparecenda (*sic*) a miseria, reinou a abastança que encheu de felicidades os ultimos annos da existencia do laborioso escriptor, que não depoz a penna de litterato senão na hora em que para sempre se extinguiu o lume sagrado da intelligencia fecunda com que Deos o dotára, como para compensa-lo de tantos desgostos e soffrimentos, que gastou mais cedo do que devia, aquella existencia tão querida para os seus, e tão precioso, inda que pouco apreciada pela patria, que elle amou sempre com estremecimento.

O verme que desde adolescencia lhe corcomia pausadamente a existencia ganhou forças, e após porfiada luta contra a vontade de ferro do espirito robusto do poeta, prostou-o no leito de dores.

Pouco (*sic*), mas dolorosos foram os dias de seus soffrimentos, o anjo da morte foi cedo chamado; a cortar o fio que prendia aquelle espirito bemfadado por Deos, a terra onde mas soffreu que gozou.

Em 1 de Dezembro de 1861, rodeado de sua esposa e filhos, juncto dos amigos e parentes, exalou o seu ultimo suspiro, e nesse mesmo dia baixou á sepultura numero 854 do cemiterio de S. Francisco Xavier. Lá aguardam hoje esquecidos os seus ossos o dia em que a patria, por mão de um dos seus mais nobres filhos, os recolha piedoso a um mausoleu para deposita-los no pantheon dos nosso homens illustres, se é que algum dia chegarmos (*sic*) a poder mostrar ao estrangeiro o logar em que repousam os resos venerandos de tantos brasileiros, que em opulentado de gloria a patria que elles tanto adoraram.

¹⁰ (*) – Le Bresil Litteraire. Histoire de la litt. bres. Berlin 1863. Chap. XVI pag. 210.

Praza aos céos que não venha longe o dia em que a gratidão nacional se faça emfim ouvir; e assaz é para temer, que nesse dia tenham os estranhos de nos aplicar parodiando aquelles eloquentes versos do immortal Garret:

“Nem o humilde logar onde repousam
as cinzas de Camões conhece o Luso!”

Ha, não tem duvida, uma lei entre nós que manda conservar-se (*sic*) nos cemiterios os ossos dos nossos homens illustres, embora terminados os annos de arrendamento da jazida; mas, não ha muito que vimos prestes a ser expoliado de seu derradeiro leito o vulto que tantas palmas colheu em nosso palco; e era a opulenta ordem de S. Francisco de Paula quem exigia alguns centos de mil réis para conservar intacto o precioso corpo de um de seus mais illustres confrades! – Recebeu da caridade publica o que a gratidão nacional não soube dar! Felizmente salvou-se este; mas quantos não estão despojados dos seus jazigos, e seus osso confundidos entre os dos mais obscuros, senão entre os dos mais reprobos.

Sirvam este pallidos traços biographicos para estimular ao menos a algum talento, como os temos de subido quilate, a historiar a vida deste escriptor que não sem quebra da justiça tão olvidado foi, e é entre nós. (*¹¹)

¹¹ (*) Veja-se sobre este escriptor os seguintes artigos que lhe são relativos:

(1) Na *Marmota Fluminense* o numero 1323 de 6 de Dezembro de 1868.

(2) Um artigo critico de Mr. Thalés Bernardo no *Athénéum français* do anno de 1854 a pag. 195.

(3) Um esboço biographico pelo Sr. dr. Moreira de Azevedo nos *Esboços biographicos* – 2^a. Serie – Rio de Janeiro 186... 8º.

(4) Um artigo critico de F. Wolf na *Histoire de la litt. bres.* Chp. XVI pag. 203.

(5) Um artigo critico de Sanctiago Nunes Ribeiro na *Minerva Brasiliense* do anno de 1844.

(6) A parte que lhe é relativa no *Curso de litteratura* do Sr. Fernandes Pinheiro – Paris, Rio de Janeiro 1862 – 8º.

(7) Artigo bio-bibliographico do Sr. Innocencio Francisco da Silva no seu *Dic. bibliographico* T. VIII (1º. do supplemento) Lisboa 1867 – 8º. gr.